



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Luiz Henrique Zart

Narrativa jornalística de *Trivela*:
a trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022

Florianópolis
2024

Luiz Henrique Zart

Narrativa jornalística de *Trivela*:
a trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Orientador(a): Profa., Dra. Rita de Cássia Romeiro Paulino

Florianópolis

2024

Zart, Luiz Henrique

Narrativa jornalística de Trivela : a trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022 / Luiz Henrique Zart ; orientadora, Rita de Cássia Romeiro Paulino, 2024.

420 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Narrativa. 3. Jornalismo Esportivo. 4. Trivela. 5. Copa do Mundo de 2022. I. Paulino, Rita de Cássia Romeiro. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. III. Título.

Luiz Henrique Zart

Narrativa jornalística de *Trivela*: a trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 28 de junho de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Rogério Christofolletti, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Mauro César Silveira, Dr.

Universidad Carlos III de Madrid (UC3M), Espanha

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof. Carlos Augusto Locatelli, Dr.

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR/UFSC)

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof.^a Rita de Cássia Romeiro Paulino, Dr.^a

Orientadora

Florianópolis, 2024.

À minha mãe, Marcia,
por ser minha maior incentivadora
e por ter sobrevivido para me fazer viver.

AGRADECIMENTOS

Olho para o relógio já nos acréscimos do tempo regulamentar e penso: O que importa é o percurso, a trajetória, porque tudo acontece no durante. Não antes, nem depois, mas enquanto a vida passa e nos atravessa. Nesta que foi a partida mais difícil e exigente que já disputei em contextos acadêmicos, foi assim, como uma história por contar. Entre os (muitos) personagens desse enredo, sobretudo, está minha família. Por ser espaço de afeto, segurança e alento, sentimentos sustentados pelas outras quatro pessoas que moram no meu coração.

Mãe, por ser minha professora da vida e me ensinar tanto todos os dias, sempre disposta a se desdobrar em cinco para que eu pudesse estar seguro e a me ouvir tantas e tantas vezes. Também por me apoiar sem ressalvas naquilo que me move e por nunca deixar de acreditar em mim – nem quando isso partia de mim, ou quando eu deixava de ir dormir pra me dedicar à pesquisa. Pai, com poucas palavras e muitas ações: você é uma pessoa tão forte e concreta em seus propósitos que, talvez, eu tenha ficado com um pouco desse legado. É sempre bom saber que posso ter um refúgio em casa quando necessário.

À minha irmã, Giselle, por ser quem é para que eu possa, também, ser quem eu sou. Você me mostra como as pequenezas do mundo podem ser bonitas com tanta singeleza. Ao meu irmão, Murilo, por me ajudar a acreditar naquilo que somos capazes. À Letícia, por ser o caos dentro do meu caos e tornar a vida um tanto mais intensa desde que a gente nem sabia quem era direito. Também ao Apollinho, por ser amor e pausa quando precisei.

Aos amigos de Ponte Alta, pela paciência e insistência para me tirar da caverna, mesmo diante de tantas negativas, seja pra jogar conversa fora, falar sobre futebol, beber ou tocar violão – quase um sequestro, sem hora pra voltar.

Além deles, ainda na minha cidade natal, à Ana e ao William, casal de amigos com quem eu sei que posso ser eu mesmo, ainda que precise de um alinhamento astral para isso.

Aos amigos de Lages, especialmente Maria Clara e Larissa, por quem eu tenho um sentimento especial desde os tempos de faculdade, pra toda a vida – ainda que os encontros sejam raros, sempre são incríveis. Também ao Lucas, sempre gentil e disponível pra uma conversa sobre tudo e sobre nada ao mesmo tempo.

À Universidade do Planalto Catarinense por ter me formado jornalista e aberto os horizontes. Nela, um agradecimento especial a três mestres ao longo deste tempo, dos que seguem por lá até aquele que já procurou outros ares: Ivan Claudio, meu orientador de graduação, grande (e maluco) amigo, onde quer que esteja andando pelo mundo: pelas incontáveis conversas e orientações regadas a muito café, escuta e cumplicidade, e por ter sido um parceiro no crime que abriu meus olhos para a pesquisa – apontando, inclusive, que algum dia eu seria professor, sem que eu desse a mínima importância.

Ao professor e amigo José Luiz, por ser um constante incentivador, e por reiteradas vezes ter reafirmado a intenção de me ver fazendo o mestrado, mas não qualquer mestrado: o da UFSC, em Jornalismo. O senhor tem parte nisso.

Assim como o professor que um dia foi chefe e, ainda que não seja mais, segue tendo minha amizade e consideração: Luiz Del Moura, obrigado por puxar minha orelha desde as aulas até o convite para que eu me tornasse um jovem professor na instituição que me concedeu o título de bacharel em Jornalismo. Essa atitude foi primordial, sem dúvida – saiba disso.

Por consequência aos estudantes que me permitiram errar, acertar e aprender durante os quatro anos e meio em sala de aula, sobretudo a quem eu tive a oportunidade de orientar. Entre os quais dois dos meus grandes amigos.

Ao Sebas, que conheci em uma quadra de basquete oito anos atrás, flutuando em direção à cesta. Então, passou a aluno, orientando e encarou comigo o desafio de dividir o teto em uma cidade nova e, mais que isso, dúvidas, anseios, alegrias e tantas outras coisas mais que não caberiam aqui. Obrigado por suportar as noias e o péssimo humor matinal. Você é singular, meu amigo. Ao Ricardo, pela amizade construída à base de muita insanidade pelo Palmeiras, lanches e conversas tão reflexivas quanto aleatórias. Também por ouvir tanto áudio tarde da noite, comigo reclamando. Te considero demais, meu amigo. Vocês dois devem saber o que esse fim (e recomeço) de jogo significam pra mim.

À cidade de Florianópolis, em que eu nunca soube que iria morar, mas que me apresentou outras perspectivas de vida. Também ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR), no qual eu sempre desejei estar desde, pelo menos, 2016, ao fim da faculdade. Foram seis anos nos quais outros caminhos se apresentaram, entre escolhas erradas e a prioridade ao trabalho, até que eu deixasse de duvidar de mim e decidisse tentar o processo seletivo. Deu certo.

Mesmo que um pé quebrado no meio do caminho – por seis meses sem que eu soubesse – tenha me deixado no Departamento Médico, entre uma cirurgia, outro semestre para reaprender a andar, e os demais em uma recuperação ainda incompleta que foi um desafio imenso como uma montanha. Tentar prever, como diz a música, serviu pra eu me enganar – sobre tudo ser tão simples. Enfrentei reflexos físicos e psicológicos durante este período de mestrado, sobretudo por conta da exigência – talvez autoexigência – em um contexto de desorientação e desamparo que tornaram minhas escolhas incertas e me fizeram perder boa parte da confiança que tinha na minha própria capacidade. Mas como se diz, há uma rachadura em tudo: é assim que a luz entra. Só não achei que seriam tantas.

Apesar disso, este processo seria mais solitário que já é, não fosse um jogo coletivo. Por isso, agradeço aos amigos que Floripa me apresentou: Marisvaldo, o Mario, que me conheceu como um *wanna be* e se tornou uma das pessoas mais importantes nesse processo todo, por estar disponível para dividir, entre as conversas sérias, ou nem tanto, muitos momentos memoráveis. Você é escuta, afeto e entendimento. Ao Dairan, não só por ser o maior emo ruivo que Florianópolis já recebeu, mas por ter um significado fundamental para a minha chegada e permanência no mestrado – entre tantos momentos, sobretudo em um Desembargador durante uma tarde de domingo aleatória, quando me tirou de um buraco emocional. Admiração e respeito, é o que tenho por ti. Não é de hoje, mas hoje é ainda mais.

Como também ao grupo que é rede, apoio e amizade: além de Dairan, Rapha (porque eu tenho uma sina com corintiana/o), pela singularidade, inteligência e pertinência, e por me jogar na real e também ser sensível quando eu precisei. À Thais, energia em pessoa, com um coração gigante, por sempre mandar um áudio, nem que seja pra perguntar como estou (pode mandar quantos forem). À Lynara e ao Ben Hur – e por extensão às crianças, por serem acolhida. À Tati, pela sagacidade, leveza, e pelo senso de humor terrivelmente maravilhoso. À Renathinha e ao Leo, pela parceria e por representarem tão bem o caos organizado. À Kali, por ter me ajudado em muitos momentos, ainda que eu não tenha dito. Ao Nick, pelo sarcasmo e pela ironia característicos seguidos de uma estrondosa gargalhada (ainda que santista). Vocês são incríveis.

Aos amigos que também estão no PPGJOR. Da Representação Discente, Rapha, Renathinha, Maria, Diana e Lucas, pelo apoio nos perrengues todos. Da

turma de 2022, em especial: à Maria Clara, amiga que dividiu comigo tantas angústias e risos de nervoso nessa caminhada. À Nádia, sempre peculiar, engraçada e intensa. Ao Marcelo, pelos tantos encontros e risadas na luta contra a burguesia e os pombos do RU. À Patrícia, de pela humanidade e delicadeza impressionantes. Também à Jaine e Jamila, que conheci depois, mas sempre instigavam boas (e extensas) conversas. E ao Caetano, principalmente pelo suporte no desespero da qualificação.

Também é importante lembrar do pessoal da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas, com destaque àqueles que dividem comigo a coordenação colegiada. Vocês contribuíram consideravelmente para a minha percepção como um pesquisador em formação e abriram as portas para que eu participasse sem restrições.

Aos professores do PPGJOR: Rogério, por ter oferecido apoio quando eu estava em dúvida sobre apostar no mestrado. Também pelas aulas altamente metafóricas e instigantes, desde a readequação do projeto até as bancas de qualificação e defesa. Você é uma referência. Ao professor Mauro, por estar disponível para a leitura, e a dar contribuição em questionamentos posteriores, além das duas bancas, em dezembro e junho.

À professora Daiane, pelos ensinamentos fundamentais em uma das disciplinas, e também por ter entendido prontamente a minha ausência durante a recuperação, encontrando alternativas para que eu participasse. Também pela disponibilidade e pela forma sensível e particular de ver o mundo. Ao professor Samuca, pelo afeto e gentileza de sempre. Ao professor Jacques, por ter explodido minha cabeça diversas vezes e me feito gastar algumas canetas anotando aulas incríveis em parceria. À professora Raquel, pelo ânimo e alegria contagiantes – e por extensão ao Núcleo de Estudos e Produção Hiperfídia Aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor), do qual participei durante os dois anos de mestrado. Ao professor Locatelli, por demonstrar por mim muita clareza e compreensão. Ao professor Ijuim, pela serenidade e sensibilidade. À professora Isabel pelos ensinamentos durante o estágio de docência, assim como à turma de Metodologia e Técnica de Pesquisa em Jornalismo, da quinta fase do JOR/UFSC, em 2023/2. Vocês todos, de alguma forma, me permitiram sair do banco de reservas e não jogar mais sozinho – como pensei que jogaria, em muitos momentos, do início ao fim desta partida.

Ao pessoal da “velha” *Trivela*, Bruno Bonsanti, Felipe Lobo e, especialmente, Leandro Stein, pelo suporte e pelas respostas na construção desta pesquisa, e também pelo meio de campo no contato com Caio Maia. Aliás, obrigado pelo espaço de diálogo. Se na qualificação Leandro apareceu na transmissão para dizer que não pensava que a *Trivela* pudesse motivar um estudo assim, aí está.

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pública, gratuita e de qualidade, que me apresentou um espaço em que eu sempre quis estar. E que, nos últimos dois anos, foi também onde passei boa parte do tempo – principalmente na salinha de estudos. Ao Restaurante Universitário, por oferecer alimentação e ser um instrumento fundamental de permanência estudantil.

Em extensão, ao Programa de Ações Afirmativas da universidade e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de Demanda Social – que permitiram meu ingresso e continuidade no universo da pesquisa por meio de financiamento público. A entrega exigida por esta pesquisa é apenas o encerramento de um ciclo possibilitado por recursos do Estado brasileiro no incentivo à ciência. Não só a ela, mas aos anseios e projeções de quem pretende seguir este caminho e transformar, em qualquer que seja a medida, a vida de alguém – como tem sido o meu caso. Além disso, penso que terminar o mestrado sem prorrogações e adiamentos, com vontade de passos adiante, foi uma conquista, especialmente por conta das reviravoltas que me foram impostas nesse par de anos. A quem ajudou nesse período: eu certamente lembro. Ademais, a quem eu esqueci e aqui talvez merecesse ser lembrado: a memória é fraca (e talvez a contribuição também tenha sido).

Agradeço, também, à teimosia que me persegue e me faz lutar contra o prognóstico de que eu não conseguiria muito do que fiz até hoje. Se o futebol me motivava quando criança, tendo na Copa do Mundo um momento de êxtase, hoje ele transcende um significado simples. É uma metáfora da vida. Curiosamente, para um menino das pernas tortas que teve a vida virada de ponta cabeça na infância, em um longo processo de recuperação, a paixão por esse esporte foi transformadora: em revistas, videogames, desenhos, livros e onde mais fosse possível. Ficar sem jogar foi uma tortura, como é agora, desde a pandemia e, depois, com o pé quebrado. Porque antes, mesmo contrariando ordens médicas, eu jogaria independente da ocasião. Porque o mundo para e a insanidade dentro da minha cabeça se cura.

Se eu sou o pior jogador possível? Talvez. Mas não importa muito, afinal. Por isso, agradeço ao tempo, que me ensina muito mesmo quando eu não quero aprender. Que me ensina a valorizar os pequenos passos – porque, ainda pequenos, nos levam adiante. Dá pra ser um herói fazendo o que é possível. O que importa é a trajetória, neste passo finalizada por esta pesquisa, que me fez pensar que: “[...] escrevendo, ia fazer com as mãos o que nunca tinha sido capaz de fazer com os pés: perna de pau irremediável, vergonha das canchas, eu não tinha outra solução senão pedir às palavras o que a bola, tão desejada, me tinha negado” (Galeano, 2014, p. 244).

“Uma jornalista perguntou à teóloga alemã Dorothee Sölle:
– Como a senhora explicaria a um menino o que é a felicidade?
– Não explicaria – *respondeu*. – Daria uma bola para que jogasse”.

(Galeano, 2020, p. 204).

RESUMO

Esta pesquisa pretende compreender de que forma a *Trivela* articula elementos narrativos nos textos da cobertura da trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022. Para responder ao objetivo geral, o estudo tem como objetivos específicos discutir, conceitualmente, da perspectiva histórica e teórica, os Jornalismo especializado e esportivo; compreender a cobertura sobre futebol como território para narrativas jornalísticas diferenciadas; e buscar características narrativas nas matérias que envolvem a seleção argentina, para perceber como esse recorte se relaciona à cobertura do mundial. Como justificativa, está o interesse em tratar da prática jornalística por meio das narrativas futebolísticas, tendo o esporte como fenômeno social e manifestação cultural. A pesquisa é estruturada em três capítulos, como setores de um campo de futebol: de abordagem teórica; metodológica; e analítica. Para contemplar a repercussão da final, o recorte temporal da análise é estabelecido entre a abertura, em 20 de novembro, e dois dias depois da decisão, em 20 de dezembro de 2022. Como procedimento e técnica de interpretação, inicialmente, o *corpus* considera duas categorizações: primeiro, propõe uma Análise de Conteúdo (Bardin, 2016) de 370 matérias da cobertura da *Trivela* no mundial para tratar da construção textual, recurso utilizado também para os 55 textos que envolvem *La Selección*. Esta estratégia é artifício preparatório para a segunda categoria, de formação narrativa, quando se desenvolve uma Análise Crítica da Narrativa sobre a trajetória Albiceleste. São adotados os planos de expressão, estória e metanarrativa, orientados por sete movimentos metodológicos propostos por Motta (2013). Entende-se que textos sobre personagens do jogo são diferenciais da publicação, tendo em crônicas e textos históricos mais investimento narrativo, perceptível quando as matérias diminuem em quantidade e aumentam em intensidade. Conclui-se que, na trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022, *Trivela* articula elementos narrativos em quatro núcleos: a partir da construção da linguagem; da formatação do texto; da composição do enredo e da criação de uma narrativa sobre o tri Albiceleste. No primeiro deles, a *Trivela* privilegia os efeitos de sentido, com destaque à perspectiva interpretativa e opinativa, com ritmos narrativos oscilando. São usados recursos estéticos como adjetivações, hipérboles, metáforas e outras figuras de linguagem, além de efeitos de retardamento, suspense, desenlace, ênfase e do suporte de dêiticos, em um vaivém temporal, na construção de um cenário conflituoso e de crescente tensão narrativa. No segundo núcleo, gêneros, formatos e propostas textuais carregam certas intenções e mobilizam características determinadas: relatos de jogo são cronológicos e descritivos; repercussões se aproximam de relatos noticiosos; textos de personagem exploram sentido autoral; e históricos buscam tópicos contextuais. No terceiro núcleo, enredos constroem representações narrativas por meio de expectativa, surpresa e decepção, ressaltando aspectos emocionais, psicológicos e comportamentais do jogo. Recursos fáticos e fictícios, efeitos de sentido, prolepse e analepse compõem a temporalidade dos relatos, em que adversários são meros obstáculos à conquista do mundial, em uma metanarrativa de heroísmo, superação e expectativa. Na narrativa jornalística de *Trivela*, Lionel Messi é o protagonista em sua última dança, entre o drama e a apoteose da trajetória Albiceleste.

Palavras-chave: Narrativa; Jornalismo Esportivo; *Trivela*; Argentina; Copa do Mundo de 2022.

ABSTRACT

This research aims to understand how *Trivela* articulates narrative elements in the texts covering Argentina's trajectory in the 2022 World Cup. To respond to the general objective, the study's specific objectives are to discuss, conceptually, from a historical and theoretical perspective, specialized and sports journalism; understand football coverage as a territory for different journalistic narratives; and look for narrative characteristics in the articles involving the Argentine national team, to understand how this section relates to World Cup coverage. The justification is the interest in dealing with journalistic practice through football narratives, considering sport as a social phenomenon and cultural manifestation. The research is structured into three chapters, like sectors of a football field: theoretical; methodological; and analytical approach. To contemplate the repercussion of the final game, the time frame of the analysis is established between the opening, on November 20, and two days after the decision, on December 20, 2022. As a procedure and interpretation technique, initially, the *corpus* considers two categorizations: first, it proposes a Content Analysis (Bardin, 2016) of 370 articles from *Trivela's* World Cup coverage to address textual construction, a resource also used for the 55 texts involving *La Selección*. This strategy is a preparatory device for the second category, narrative formation, when a Critical Narrative Analysis is developed on the Albiceleste trajectory. The plans of expression, story and metanarrative are adopted, guided by seven methodological movements proposed by Motta (2013). It's understood that texts about game characters are differentiators of the publication, with chronicles and historical texts having more narrative investment, noticeable when the articles decrease in quantity and increase in intensity. It's concluded that, in Argentina's trajectory in the 2022 World Cup, *Trivela* articulates narrative elements into four nuclei: based on the construction of language; text formatting; the composition of the plot and the creation of a narrative about the tri Albiceleste. In the first of them, *Trivela* privileges the effects of meaning, with emphasis on the interpretative and opinionative perspective, with oscillating narrative rhythms. Aesthetic resources such as adjectives, hyperboles, metaphors and other figures of speech are used, as well as effects of delay, suspense, denouement, emphasis and the support of deictics, in a temporal back-and-forth, in the construction of a conflicting scenario and increasing narrative tension. In the second nucleus, genres, formats and textual proposals carry certain intentions and mobilize certain characteristics: game reports are chronological and descriptive; repercussions come close to news reports; character texts explore authorial meaning; and historical texts look for contextual topics. In the third nucleus, plots build narrative representations through expectation, surprise and disappointment, highlighting emotional, psychological and behavioral aspects of the game. Factual and fictitious resources, effects of meaning, prolepsis and analepsis make up the temporality of the reports, in which opponents are mere obstacles to winning the World Cup, in a metanarrative of heroism, overcoming and expectation. In *Trivela's* journalistic narrative, Lionel Messi is the protagonist in his last dance, between the drama and the apotheosis of the Albiceleste trajectory.

Keywords: Narrative; Sports Journalism; *Trivela*; Argentina; 2022 World Cup.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Guia da Liga dos Campeões 2005/2006	124
Figura 2 – Primeira edição da Copa'06, em fevereiro de 2006	125
Figura 3 – Última edição da Copa'06, em julho de 2006	126
Figura 4 – Primeira edição da <i>Trivela</i> , como #7, em setembro de 2006	127
Figura 5 – Última edição da <i>Trivela</i> , a #43, em setembro de 2009	129
Figura 6 – <i>Trivela Copa'18</i> , edição comemorativa de 20 anos da revista	132
Figura 7 – Felipe Lobo, Leandro Stein e Bruno Bonsanti	134
Figura 8 – A evolução das <i>logos</i> , desde a “velha” <i>Trivela</i> até a mais recente.....	138
Figura 9 – Narrativa #1, sobre a fase de grupos	157
Figura 10 – Narrativa #2, sobre a fase de grupos	161
Figura 11 – Narrativa #3, sobre a fase de grupos	164
Figura 12 – Narrativa #4, sobre a fase de grupos	166
Figura 13 – Narrativa #5, sobre a fase de grupos	167
Figura 14 – Narrativa #6, sobre a fase de grupos	170
Figura 15 – Narrativa #7, sobre a fase de grupos	173
Figura 16 – Narrativa #8, sobre a fase de grupos	176
Figura 17 – Narrativa #9, sobre a fase de grupos	177
Figura 18 – Narrativa #10, sobre a fase de grupos	178
Figura 19 – Narrativa #11, sobre a fase de grupos	182
Figura 20 – Narrativa #12, sobre a fase de grupos	184
Figura 21 – Narrativa #13, sobre as oitavas de final	188
Figura 22 – Narrativa #14, sobre as quartas de final.....	191
Figura 23 – Narrativa #15, sobre as quartas de final.....	192
Figura 24 – Narrativa #16, sobre as quartas de final.....	193
Figura 25 – Narrativa #17, sobre as quartas de final.....	200
Figura 26 – Narrativa #18, sobre as quartas de final.....	204
Figura 27 – Narrativa #19, sobre as semifinais	206
Figura 28 – Narrativa #20, sobre as semifinais	208
Figura 29 – Narrativa #21, sobre as semifinais	214
Figura 30 – Narrativa #22, sobre as semifinais	216
Figura 31 – Narrativa #23, sobre as semifinais	221
Figura 32 – Narrativa #24, sobre as semifinais	224

Figura 33 – Narrativa #25, sobre as semifinais	228
Figura 34 – Narrativa #26, sobre as semifinais	232
Figura 35 – Narrativa #27, sobre a final	233
Figura 36 – Narrativa #28, sobre a final	236
Figura 37 – Narrativa #29, sobre a final	238
Figura 38 – Narrativa #30, sobre a final	240
Figura 39 – Narrativa #31, sobre a final	242
Figura 40 – Narrativa #32, sobre a final	247
Figura 41 – Narrativa #33, sobre a final	253
Figura 42 – Narrativa #34, sobre a final	255
Figura 43 – Narrativa #35, sobre a final	262
Figura 44 – Narrativa #36, sobre a final	264
Figura 45 – Narrativa #37, sobre a final	265
Figura 46 – Narrativa #38, sobre a final	266
Figura 47 – Narrativa #39, sobre a final	271
Figura 48 – Narrativa #40, sobre a final	275
Figura 49 – Narrativa #41, sobre a final	279
Figura 50 – Narrativa #42, sobre a final	283
Figura 51 – Narrativa #43, sobre a final	286
Figura 52 – Narrativa #44, sobre a final	290
Figura 53 – Narrativa #45, sobre a final	291
Figura 54 – Narrativa #46, sobre a final	292
Figura 55 – Narrativa #47, sobre a final	295
Figura 56 – Narrativa #48, sobre a final	297
Figura 57 – Narrativa #49, sobre a final	300
Figura 58 – Narrativa #50, sobre a final	303
Figura 59 – Narrativa #51, sobre a final	304
Figura 60 – Narrativa #52, sobre a final	307
Figura 61 – Narrativa #53, sobre a final	311
Figura 62 – Narrativa #54, sobre a final	313
Figura 63 – Narrativa #55, sobre a final	314
Figura 64 – Guia da Liga dos Campeões Trivela 2005/06	407
Figura 65 – Copa'06 #01 (fev. 06).....	408
Figura 66 – Copa'06 #03 (abr. 06); #04 (mai. 06); #05 (jun. 06) e #06 (jul. 06).....	409

Figura 67 – Guias da Copa Libertadores da América 2007 e 2008 (acima) e Guias da Liga dos Campeões da Europa 2007/8 e 2008/9 (abaixo)	410
Figura 68 – Trivela #07 (set. 06); #08 (out. 06); #09 (nov. 06) e #10 (dez. 06)	411
Figura 69 – Trivela #11 (jan. 07); #12 (fev. 07); #13 (mar. 07) e #14 (abr. 07).....	412
Figura 70 – Trivela #15 (mai. 07); #16 (jun. 07); #17 (jul. 07) e #18 (ago. 07)	413
Figura 71 – Trivela #19 (set. 07); #20 (out. 07) #21 (nov. 07) e #22 (dez. 07)	414
Figura 72 – Trivela #23 (jan. 08); #24 (fev. 08); #25 (mar. 08) e #26 (abr. 08).....	415
Figura 73 – Trivela #27 (mai. 08); #28 (jun. 08); #29 (jul. 08) e #30 (ago. 08)	416
Figura 74 – Trivela #31 (set. 08); #32 (out. 08); #33 (nov. 08) e #34 (dez. 08)	417
Figura 75 – Trivela #35 (jan. 09); #36 (fev. 09); #37 (mar. 09) e #38 (abr. 09).....	418
Figura 76 – Trivela #39 (mai. 09); #40 (jun. 09); #41 (jul. 09) e #42 (ago. 09)	419
Figura 77 – Trivela #43 (set. 09), a última disponível	420

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Autores das matérias da <i>Trivela</i> na Copa do Mundo de 2022	139
Gráfico 2 – Gênero dos textos da <i>Trivela</i> na Copa do Mundo de 2022.....	140
Gráfico 3 – Formato dos textos da <i>Trivela</i> na Copa do Mundo de 2022	141
Gráfico 4 – Proposta dos textos da <i>Trivela</i> na Copa do Mundo de 2022	143
Gráfico 5 – Presença de ficha técnica e hiperlink nos textos da <i>Trivela</i> na Copa do Mundo de 2022	144
Gráfico 6 – Presença de conteúdo incorporado e foto nos textos da <i>Trivela</i> na Copa do Mundo de 2022	145
Gráfico 7 – Autores dos textos da <i>Trivela</i> sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022	146
Gráfico 8 – Editoria dos textos da <i>Trivela</i> sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022	148
Gráfico 9 – Fase/episódio dos textos da <i>Trivela</i> sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022	149
Gráfico 10 – Gênero dos textos da <i>Trivela</i> sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022	150
Gráfico 11 – Formato dos textos da <i>Trivela</i> sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022	151
Gráfico 12 – Proposta dos textos da <i>Trivela</i> sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022	152
Gráfico 13 – Presença de ficha técnica e hiperlink nos textos da <i>Trivela</i> sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022.....	153
Gráfico 14 – Presença de conteúdo incorporado e foto nos textos da <i>Trivela</i> sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022.....	153

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informações de identificação	106
Quadro 2 – Construção do texto (angulações)	108
Quadro 3 – Detalhamento dos planos da ACN, em perspectiva	110
Quadro 4 – Formação narrativa (angulações/expressão)	111
Quadro 5 – Formação narrativa (angulações/estória)	112
Quadro 6 – Formação narrativa (angulações/metanarrativa)	112
Quadro 7 – Coleta dos dados: construção textual sobre a Copa de 2022 pela <i>Trivela</i>	357
Quadro 8 – Coleta dos dados: construção textual da trajetória da Argentina na Copa de 2022 pela <i>Trivela</i>	378
Quadro 9 – Formação narrativa da trajetória da Argentina na Copa de 2022 pela <i>Trivela</i>	383

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
ACE	Associação dos Cronistas Esportivos
ACN	Análise Crítica da Narrativa
AFA	Asociación del Fútbol Argentino
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONCACAF	Confederação das Associações de Futebol da América do Norte, Central e Caribe
ECA	Escola de Comunicações e Artes
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
ge	Globo Esporte
HDTV	High Definition Television
ITUC	Confederação Sindical Internacional
JS	Jornal dos Sports
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual e outras identidades de gênero e orientações sexuais
MLS	Major League Soccer
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PDF	Portable Document Format
PSG	Paris Saint-Germain
QIA	Qatar Investment Authority
QSI	Qatar Sports Investment
UEFA	Union of European Football Associations
UOL	Universo On Line
USP	Universidade de São Paulo
VAR	Video Assistant Referee

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	22
2	RETROSPECTO: JORNALISMO ESPECIALIZADO E ESPORTIVO.....	32
2.1	PARA ABRIR O JOGO: JORNALISMO ESPECIALIZADO.....	32
2.2	SOBRE QUEM JOGOU ANTES: BREVE PANORAMA HISTÓRICO DO JORNALISMO ESPORTIVO	41
2.3	CONTEXTOS PARA RECONHECER O CAMPO: JORNALISMO ESPORTIVO.....	62
3	PELOS ATALHOS E BURACOS DO GRAMADO: PERCURSO METODOLÓGICO.....	95
3.1	MONTANDO O ESQUEMA TÁTICO: INTRODUÇÃO AO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	96
3.2	AJUSTES PRÉ-JOGO: ESTRUTURAÇÃO E CATEGORIAS DE ANÁLISE	104
3.3	O ESTÁDIO: SOBRE A COPA DO MUNDO DE 2022.....	113
3.4	PARA QUEM TEM CLASSE: DE TRIVELA.....	122
3.5	JÁ NOS VESTIÁRIOS: O CONTEÚDO SOBRE A COPA DE 2022.....	138
3.6	SUBINDO AS ESCADAS: O CONTEÚDO SOBRE A ARGENTINA.....	145
4	NARRATIVA JORNALÍSTICA DE TRIVELA: A TRAJETÓRIA DA ARGENTINA NA COPA DO MUNDO DE 2022	155
4.1	EM CAMPO: A NARRATIVA SOBRE A ARGENTINA NA COPA DO MUNDO DE 2022.....	156
4.1.1	Em campo: a narrativa da fase de grupos.....	157
4.1.2	Em campo: a narrativa das oitavas de final	187
4.1.3	Em campo: a narrativa das quartas de final.....	191
4.1.4	Em campo: a narrativa da semifinal	206
4.1.5	Em campo: a narrativa da final.....	233
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	317
	REFERÊNCIAS.....	332
	APÊNDICE A – RELAÇÃO DE TEXTOS: ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA..	348
	APÊNDICE B – MATERIAIS DE ANÁLISE DO OBJETO EMPÍRICO	357
	ANEXO A – EDIÇÕES DA COPA'06, REVISTA TRIVELA E ESPECIAIS	407

1 INTRODUÇÃO

Enquanto narrativa, o Jornalismo é, também, lugar de produção de sentidos sobre o mundo (Benetti, 2008). Afinal, é por meio do que é narrado que as pessoas experienciam e representam o tempo e o lugar em que vivem. Observa-se um paradoxo: tentar “dar a ver o mundo que, na sua totalidade, por meio da linguagem, é inapreensível” e, ao mesmo tempo, “enfrentar o dilema de saber que o discurso que obedece a lei de se referendar no real é também estruturado – e tecido – a partir do simbólico” (Resende, 2011, p. 3; 7).

A prática jornalística, neste sentido, não está fora da realidade que pretende relatar (Benetti; Jacks, 2001, p. 1-2; Medina, 2003). No tecer do presente no cotidiano, o Jornalismo assume o papel de intermediário, de mediador entre os acontecimentos – que ganham vida quando contados – e relatos sobre eles. Por isso, contar histórias por meio das narrativas jornalísticas é indispensável à profissão, como que num compromisso com a sociedade. Narra-se para significar o mundo, partilhar percepções, porque, como destaca Motta (2004, p. 6), “nossa vida, na verdade é uma teia de narrativas na qual estamos enredados. [...] Na narrativa imitamos a vida, na vida, imitamos as narrativas”. São elas que integram os planos objetivo e subjetivo do mundo por meio de relatos. Uma das possibilidades desse narrar se dá no jornalismo esportivo, em especial quando trata de futebol.

O futebol, por sua vez, também não se desenvolve à margem da sociedade, estático, mas como um tipo de “magma ou de fluido que a invade por todos os poros” (Couto, 2009, p. 72). Visto como um fenômeno cultural incontestável onde se articulam “cientificismo, ‘magia’ e emoção, suas teorias e doutrinas, potencializando nas mais diversas falas e saberes determinados valores” (Toledo, 2000, p. 69). Neste momento, se estabelece uma identidade que, de acordo com Toledo (2000) está em constante formação e identificação, uma vez que “o futebol consiste num fato da sociedade, linguagem franca de domínio público, dos fundamentos às representações coletivas, que reencanta a dimensão da vida cotidiana através de sua estética singular” (Toledo, 2000, p. 69).

Assim, “[...] o futebol não é atividade ingênua como aparenta ser. Através dele abre-se possibilidade de desvendarmos as facetas históricas, socioculturais, econômicas e políticas de nossa sociedade” (Costa, 1999, p. 136). Para Helal (1996, p. 2), é possível ir além e afirmar que tamanha a abrangência do futebol, além de

“informalidade e intensas dramatizações que ocorrem durante as suas manifestações coletivas, o futebol é como uma porta de entrada privilegiada para se compreender o *ethos* cultural da nossa sociedade”, em um tipo do que chama de “idioma comum”. Compreende-se que este é um fenômeno que, quando relacionado à narrativa, se potencializa, uma vez que ela busca a representação de um (ou de uma série de) acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem, do discurso (Resende, 2011).

Neste sentido, é o esporte que mais orienta coberturas jornalísticas e públicos. A partir deste universo, diante da interculturalidade, a Copa do Mundo de Futebol Masculino¹ é o principal palco de mobilização popular e da imprensa, como o momento em que a pauta esportiva costuma ganhar mais espaço e protagonismo nas publicações durante um período considerável de tempo, pouco mais de trinta dias (Aguiar; Prochnik, 2012). Assim, se “a narrativa e o discurso representam a realidade e lhe servem, ao mesmo tempo, de luz para a compreensão do tempo passado e do presente da comunidade” (Silva, 2007, p. 50), o futebol é um terreno fértil para o desenvolvimento de narrativas, responsáveis por “tentar ordenar o mundo em confronto com ele, experimentando-o, sondando-o continuamente” (Motta, 2009, p. 7). O jornalismo se configura como um discurso, autorizado a enunciar e narrar a realidade – enquanto uma construção simbólica sustentada pela produção de sentidos engendrada na prática discursiva (Benetti, 2008; Charaudeau, 2016).

A **pergunta de pesquisa** à qual se pretende responder é: De que forma a *Trivela* articula elementos narrativos nos textos da cobertura da trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022? Por conta disso, o **objetivo geral** envolve compreender como a publicação articula elementos narrativos nos textos do percurso albiceleste no mundial do Catar. Para contemplar a repercussão posterior à final, a análise se deterá entre a abertura, em 20 de novembro e dois dias depois do embate decisivo, em 20 de dezembro de 2022. Isso porque entende-se que o futebol “comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo”, sendo, portanto, espaço articulador, como uma metáfora: “o nó cego em que a

¹ Vale destacar que, por questão metodológica, nos referiremos adiante à Copa do Mundo de Futebol Masculino simplesmente como Copa do Mundo por ser a única competição deste teor na modalidade realizada em 2022. A expansão da visibilidade e da representatividade da Copa Feminina, realizada em 2023, é um importante avanço, sobretudo, mas não entra no escopo desta pesquisa.

cultura e a sociedade se expõem no seu ponto ao mesmo tempo mais visível e invisível” (Wisnik, 2008, p. 14).

Para que se responda ao objetivo geral proposto, a pesquisa pretende, ainda, como **objetivos específicos**, discutir, conceitualmente, da perspectiva histórica e teórica, os Jornalismo especializado e esportivo; compreender a cobertura sobre futebol como território possível para narrativas jornalísticas diferenciadas; e buscar características narrativas nas matérias que envolvem a Argentina para perceber como esse recorte se relaciona à cobertura do mundial, no geral.

A escolha da cobertura da Copa do Mundo de 2022 pela *Trivela* procura delimitar espaço-temporalmente o **objeto empírico** desta pesquisa, e prioriza a trajetória da campeã por motivos variados. Sobretudo porque o site é espaço de narrativas de perspectiva interpretativa; porque é, ainda, pouco explorado e, por isso, pode preencher uma lacuna no campo de estudos da temática. A Copa, em si, é um evento mundial, um duelo simbólico, de catarse e excitação coletiva pelos interessados na temática, porque mescla a percepção intelectual com emoções, sentimentos, e manifestações culturais diversas, apresentando-se como um momento interessante de observação sobre como se compõem as narrativas e os relatos jornalísticos (Helal; Cabo, 2014).

Interessa considerar que tanto o Jornalismo quanto sua especialidade esportiva são indissociáveis da sociedade que compõem: um modo de conhecimento particular sobre os fatos do mundo em uma realidade construída (Tuchman, 2009). Deste ponto, o estudo tem como **justificativa**, entre outros aspectos, a relevância de se analisar a prática jornalística por meio das narrativas futebolísticas, já que, segundo Couto (2009, p. 9), este esporte é “um fato cultural com ressonância em todos os espaços da vida social, doméstica e individual. Mesmo quem não o aprecia, ou é indiferente aos seus apelos, não consegue escapar da sua onipresença”.

De popularidade considerável no Brasil e no mundo, o futebol passa a ser entendido como um ritual, um “drama da vida social” e da modernidade por meio de suas representações (Brinati, 2021). Portanto, abordar narrativas futebolísticas a partir da *Trivela* pode significar uma reflexão sobre a prática jornalística enquanto produtora de narrativas. Ainda neste sentido, ao entender o futebol como fato social, é imprescindível notá-lo como elemento articulado com outros espaços, como os

sentimentos de pertença, identidade e identificação que se aglutinam em um evento como a Copa do Mundo. Representa um momento mobilizador, que quebra a rotina e as agruras cotidianas, como uma mimética da vida diária (Couto, 2009). São:

partidas de futebol representando um duelo de estilos e modos de existir entre nações. E tudo isso é vivido e sentido dramaticamente com milhares de outros que esbarramos nas ruas. Com poucas oportunidades para manifestações coletivas de sentimentos intensos, o homem moderno encontra nesse espetáculo futebolístico, uma experiência única e singular [...] (Helal, 2021, p. 99-100).

Afinal, mais que uma prática esportiva, o futebol se configura como fenômeno social, de massa, irremediavelmente presente no cotidiano, como um ritual que entrelaça significados dentro e fora das quatro linhas, por meio dos quais interagem “múltiplas lógicas de maneira polêmica, polissêmica e internamente articuladas”. Futebol, cultura e sociedade, como aponta Franco Júnior (2007), têm uma relação íntima. Desta perspectiva, narrativas sobre futebol mobilizam e sensibilizam, permitindo pensar o Jornalismo enquanto prática social complexa.

Como parte do **corpus**, são consideradas todas as 370 matérias da cobertura da *Trivela* no mundial para propor uma análise de conteúdo, que também é feita nos materiais que envolvem a Albiceleste. Essa estratégia é um artifício preparatório para a construção de uma Análise Crítica da Narrativa² a partir dos 55 textos que tratam da Argentina na Copa de 2022.

Ressalta-se um aspecto relevante: em 2023, a *Trivela* sofreu uma mudança considerável de perfil editorial. Passou de um meio alternativo de conteúdos jornalísticos para uma plataforma que, apesar de ter a pretensão de seguir o mesmo propósito, expande suas atividades – assim como a gama de assuntos abordados dentro do futebol e, também, a quantidade de profissionais envolvidos nas coberturas, deixando se perder um tanto do legado da “antiga” *Trivela*. Então, é provável que a Copa do Mundo de 2022 tenha sido a última com cobertura nesses moldes, com menos jornalistas e um olhar característico para o evento.

Vale ressaltar, ainda, que o estudo do esporte – e suas aproximações da Comunicação e do Jornalismo – tem conseguido espaço nas Ciências Sociais e

² Além de uma leitura geral das 370 matérias relativas à Copa para a coleta de dados destinada à Análise de Conteúdo, houve mais algumas vezes em que esse processo se repetiu: para compor a etapa sobre o percurso da Argentina, ao menos mais uma vez. Já para fazer a Análise Crítica da Narrativa a releitura se deu ao menos mais três vezes para cada uma das 55 matérias.

Humanas, especialmente nas últimas décadas (Giulianotti, 2002; Helal, 1996; 2021). No entanto, demorou a chamar atenção da academia, com destaque para o descaso e a falta de estudos sobre a temática. Como destacam Helal e Mostaro (2020, p. 22), a literatura acadêmica, no Brasil, no começo dos anos de 1980, teve um marco, com a publicação de *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira* (Damatta, 1982). E ainda que os autores não destaquem, é fundamental ressaltar o pioneirismo de Simone Lahud Guedes, com o estudo resultado da dissertação de mestrado da autora: *O Futebol Brasileiro: Instituição Zero*, no fim dos anos de 1970.

Antes percebido como o ópio dos povos, de um ponto de vista “apocalíptico”, “em vez de alienação e controle, as palavras-chave passaram a ser singularidade, identidade, emoção, criatividade, estilo, imaginação e outras da mesma matriz” (Helal; Lovisolo; Soares, 2011, p. 15). Tanto que, como área em consolidação, “hoje, o descaso inexistente e proliferaram estudos e grupos de trabalhos em congressos científicos que tratam do tema”, abordado de múltiplos ângulos, também a partir do Jornalismo e do entendimento de suas práticas (Helal; Mostaro, 2020, p. 25). A perspectiva vem se alterando com o passar dos anos, e os estudos sobre esporte têm tomado conta de outras temáticas, com abordagens mais complexas e variadas, ainda que sejam de um campo jovem e em expansão (Fortes, 2011; 2017).

Para analisar a cobertura do percurso argentino durante a Copa do Mundo do Catar, na construção do primeiro tempo da pesquisa, fez-se uma revisão sistemática de literatura, entre os meses de outubro de 2022 e agosto de 2023, período em que este procedimento teve espaço, com complementos posteriores. A estratégia foi desenhada a partir de termos de busca relacionados ao objeto de estudo em núcleos de sentido: Narrativa e narrativa jornalística; jornalismo esportivo ou desportivo; Copa do Mundo ou Futebol.

A **estrutura da pesquisa** se divide em três setores, como no campo, entre defesa, meio e ataque, e é desenhada como o entorno de uma partida de futebol, até o ápice – a narrativa sobre o percurso argentino até a terceira estrela: cada capítulo tem uma característica, respectivamente: de abordagem teórica; metodológica e analítica. Em *Retrospecto: jornalismo especializado e esportivo*, há três tópicos. No primeiro deles, a intenção é compreender o jornalismo especializado, responsável por *abrir o jogo* deste estudo. Entram em questão as áreas e conhecimentos que dividem a reportagem (Vilas Boas, 2005), a necessidade de contextualização para públicos eventualmente não habituados a determinados

assuntos (Oselame, 2012) e o entendimento de que a especialização é consequência do desenvolvimento do Jornalismo (Kovach; Rosenstiel, 2004).

Ainda neste tópico, é pertinente tratar da necessidade de investimento intelectual (Lage, 2014), da segmentação temática e das características particulares deste tipo de jornalismo, como uma espécie de curador diante da grande quantidade de informação disponível (Tavares, 2009; Abiahy, 2005). Interessa atravessar a compreensão da separação por editorias no tratamento, compreendendo o jornalista como um explicador do mundo, com o desafio de oferecer narrativas aprofundadas (Salazar Herrera, 2003). Responsável pela abordagem de tópicos específicos, geralmente dispensados pela imprensa tradicional, o especializado é um espaço possível, que abarca a ludicidade do Jornalismo Esportivo.

No segundo tópico do capítulo teórico, se fala *sobre quem jogou antes*, a partir de um breve panorama histórico do jornalismo esportivo. Neste sentido, a proposta é abordar a composição deste discurso particular de pouco mais de um século de história que não nasceu exatamente na imprensa (Aron *et al.*, 2021). Além disso, fala-se da popularização das práticas esportivas e da crescente ocupação das páginas a partir do interesse dos meios de comunicação (Melo, 2012). Desacreditado e descredibilizado desde o início da trajetória, o jornalismo esportivo começou tardiamente no Brasil, onde tem um significado especial (Mello, 2015). Aspectos históricos, portanto, atravessam as pretensões deste tópico, passando por rádio e TV (Ribeiro, 2007) até a alteração da cultura esportiva (Oliveira, 2018).

O último dos tópicos do capítulo teórico é o mais aprofundado neste sentido. Essa condição se dá porque se exploram os *contextos para reconhecer o campo*, especificamente o do jornalismo esportivo. A proposta é a de refletir sobre esse segmento que, ainda que seja dos mais democráticos temas (Vilas Boas, 2005), segue sem tanto prestígio na imprensa (Weedon *et al.*, 2018; Perreault; Bell, 2022). É importante, então, considerar a relação do esportivo com o campo jornalístico, das percepções mais estritas (Barbeiro; Rangel, 2013; Unzelte, 2009; Coelho, 2004) às mais complexas, entre a multiplicidade de questões que envolvem a cobertura (Erbolato, 1980), o papel das emoções (Castañón Rodríguez, 2005) e a conversação cotidiana que vai do esporte ao discurso jornalístico e vice-versa atravessando histórias (Costa, 2010; Maluly, 2010).

Neste sentido, além pensar sobre a conceituação de jornalismo esportivo (Tavares Júnior, 2017), reflete-se sobre ser um segmento rodeado de conflitos e

propício à criação de narrativas, ainda que outras modalidades sejam deixadas de lado em detrimento do futebol. No terceiro tópico do capítulo teórico, também há interpretações sobre a “marginalidade” da área (Gastaldo, 2020), vista como mais suave e, por isso, menos pertinente, o departamento de brinquedos ou a caixa de areia da redação (Boyle, 2017; Weedon *et al.*, 2018), mesmo sendo relevante para a sustentação de organizações midiáticas (Hutchins; Boyle, 2016). Como um campo em disputa, de capitais variados atrelados ao jornalístico (English, 2015; 2017), a própria compreensão que os jornalistas têm de si é mencionada, especialmente por conta da aproximação com o objeto de interesse e da liberdade um tanto maior em relação à reportagem, com estratégias particulares (Costa, 2010). Essas estratégias narrativas cada vez mais midiaticizadas são repensadas na contemporaneidade, trazendo novos atores às discussões e remodelando a prática do jornalismo esportivo (Leal; Mesquita, 2023).

Por sua vez, no capítulo intermediário da pesquisa, são abordados os aspectos ligados à **metodologia**, quando se percorrem os *atalhos e buracos do gramado*. Neste momento, são expostas as condições de execução da pesquisa, que recorre a um estudo exploratório, à pesquisa bibliográfica como elementos de fundo (Gil, 1996; Marconi; Lakatos, 1982; Lozada, 2018). Para interpretar a cobertura promovida pela *Trivela* sobre a Argentina na Copa do Catar, os procedimentos e a técnica de interpretação utilizados são a Análise de Conteúdo (AC) (Bardin, 2016; Herscovitz, 2007) como elemento preliminar à interpretação pela Análise Crítica da Narrativa (ACN) (Motta, 2013), ressaltando perspectivas brasileiras.

Este capítulo tem seis seções. Na primeira delas, se monta um *esquema tático*, que introduz o procedimento metodológico. A proposta é expor conceitualmente as perspectivas que organizam a análise posterior. São duas as dimensões abordadas: primeiro, se trata da Análise de Conteúdo a partir da concepção de Bardin (2016), como um artifício de preparação para a realização de uma Análise Crítica da Narrativa, nos parâmetros de Motta (2013). Neste momento, são observadas três instâncias: o plano da expressão, plano da estória e plano da metanarrativa, a partir da adoção de sete movimentos metodológicos, todos considerados na análise. Então, a proposta é compreender de que maneira se fundamentam os aspectos metodológicos que orientam a interpretação das narrativas publicadas na *Trivela*, em especial as da seleção argentina.

Por sua vez, no tópico seguinte do capítulo metodológico interessa tratar dos *ajustes pré-jogo*, quando se traz à pauta a estruturação das categorias de análise. Neste momento, a proposta será de explicar de que maneira as metodologias adotadas se relacionam com os objetos de estudo empírico e com o *corpus*. A Análise de Conteúdo ajuda a dar dimensão das características das matérias, a partir das quais são propostas categorizações e classificações expostas em quadros. Eles partem de informações de identificação e devem permitir compreender, em um primeiro momento, a construção textual dos materiais, como se compõem e se caracterizam os relatos.

Ainda neste tópico, também se propõe uma segunda categoria, a de formação narrativa, considerando os movimentos metodológicos indicados por Motta (2013). Importa mencionar que, durante o percurso, houve adaptações que se adequassem aos anseios da pesquisa e correspondessem melhor às expectativas trazidas pelo *corpus*, incluindo a consideração dos materiais de toda a Copa para a dimensão do conteúdo e o foco na trajetória da Albiceleste para a ACN.

Por sua vez, a partir do terceiro tópico do capítulo metodológico, adota-se outra perspectiva, ao tratar de aspectos contextuais: fala sobre *o estádio*, trazendo as condições em que a bola rolou no Catar. Para isso, são feitas considerações sobre as Copas como palcos de identificação simbólica e manifestações de identidade (Helal; Mostaro, 2020), além da construção de significados especialmente nestes eventos (Hartmann, Manning e Green, 2023). Neste tópico, são abordadas as relações estabelecidas pelos megaeventos esportivos (Ludvigsen, Rookwood; Parnell, 2023) como ferramenta geopolítica de ajuste de imagem para Estados-Nação (Fruh; Archer; Wojtowicz, 2022). Além do histórico da realização do mundial no Oriente Médio, a pesquisa aborda suspeitas de suborno, desrespeito aos Direitos Humanos e às condições trabalhistas de migrantes envolvidos nas obras para o evento, e as manobras para que o Catar se tornasse o país-sede – uma autocracia repressiva que aposta nos altos investimentos para sediar eventos de apelo mundial e melhorar a imagem do país diante da comunidade internacional.

Depois de considerar o contexto do mundial, as atenções se voltam ao meio que veicula as narrativas na quarta seção do capítulo metodológico: a *Trivela*, coisa de *quem tem classe*. São ressaltados, neste segmento da pesquisa, os contextos que levaram à criação da publicação em meio às revistas especializadas e à internet a partir do nascimento, em 1998. Traça-se uma linha do tempo que considera nomes

importantes, transições da redação, parcerias, além das produções, entre guias, especiais e revistas, até a permanência na internet e as interpretações dos três principais jornalistas que participaram da cobertura da Copa pela *Trivela*.

Depois, os dois últimos tópicos do capítulo trazem interpretações sobre a Análise de Conteúdo, primeiro sobre a cobertura geral do mundial e, em seguida, com destaque aos 55 textos sobre a Argentina. Dessa forma, a pretensão é observar o conteúdo de forma panorâmica e projetar reflexões que se relacionem à avaliação sobre as narrativas, em conjunto.

O último dos capítulos da dissertação é o mais robusto porque se volta à **perspectiva analítica** sobre a *narrativa jornalística de Trivela*, para tratar finalmente da trajetória argentina na Copa de 2022. Orientado por um subcapítulo, este trecho do estudo considera o jornalismo como responsável pela criação de uma determinada forma discursiva, com características – entre as quais a *tentativa* de apagamento da subjetividade e das marcas de enunciação; e a razão jornalística que, em uma pretensão de verdade, *nega que narra*, dificultando a revelação do caráter narrativo do texto jornalístico (Motta, 2009).

A singularidade de configurar-se sempre no tempo presente faz com que a narrativa jornalística se construa “simultaneamente às ações que narra” (Motta, 2009, p. 12). O jornalista-narrador constrói simbolicamente cenários, personagens, abordagens; define quais aspectos serão evidenciados ou dispensados; além de conduzir o leitor por uma realidade formulada à sua frente, com determinados recursos e estratégias – que usam do universo fático, ancorado especialmente no jornalismo, mas também do fictício, ilustrando, usando metáforas, comparações, alçando os acontecimentos a uma condição entrelaçada à estória que pretende criar no público (Motta; Costa; Lima, 2004, p. 44).

Resende (2011, p. 4-5) indica que ao narrar é que se criam os acontecimentos. Se os fatos não falam por si, é na narrativa (e no discurso), quando contados, que assumem o lugar no qual constituem sentidos, num processo que “não só gera lacunas como também se nutre, ao mesmo tempo, dos vazios que instaura” (Resende, 2011, p. 9). A prática jornalística organizaria o caos e explicaria os acontecimentos do mundo. Além disso, existe no tempo e demarca calendários, como é o caso do esporte. Como uma das propostas especializadas, o jornalismo esportivo é um dos que mais utiliza fatores subjetivos, como a emoção (Casagrande, 2021). A linguagem (esportiva) mescla esportivo, comum e metafórico, com

expressões para facilitar a associação entre emoções, sentidos estéticos e retóricos, criando analogias, metáforas, com a proposta de explicar e detalhar acontecimentos.

Esse percurso todo permite que se chegue ao momento de entrar *em campo* no capítulo derradeiro, e demorar-se na interpretação das narrativas sobre a Albiceleste na Copa de 2022. Dispostos de forma cronológica por uma escolha intencional, estes conteúdos são como peças de um quebra-cabeça narrativo que poderá ser visto adiante, como placas de um grande gramado onde o jogo é jogado. Assim, deve-se notar gradualmente a construção narrativa empreendida, em uma visão panorâmica que considera cada fase da competição como um subtópico específico na estrutura da pesquisa. Afinal, antes de a bola e a narrativa rolarem e a trajetória a caminho da terceira estrela Albiceleste começar, vale lembrar de Galeano (2014, p. 14), para quem:

Os jogadores atuam, com as pernas, numa representação destinada a um público de milhares ou milhões de fervorosos que assistem, das arquibancadas ou de suas casas, com o coração nas mãos. Quem escreve a peça? O técnico? A obra zomba do autor. Seu desenrolar segue o rumo do humor e da habilidade dos atores e, no final depende da sorte, que sopra, como o vento, para onde quiser. Por isso, o desenlace é sempre um mistério, para os espectadores e também para os protagonistas, salvo nos casos de suborno ou de alguma outra fatalidade do destino. Quantos teatros existem no grande teatro do futebol? Quantos cenários cabem no retângulo de grama verde? [...].

2 RETROSPECTO: JORNALISMO ESPECIALIZADO E ESPORTIVO

Uma sala cheia de caixinhas. Se fosse possível representar o jornalismo especializado, talvez esta seja uma metáfora conveniente. Cada uma das caixas significa um nicho ao qual cada segmentação ou especialização se dedica (Erbolato, 1981). Barbeiro e Rangel (2013, p. 13) argumentam que a profissão tem uma essência única ligada à ética e ao interesse público, ressaltando que “jornalismo é jornalismo” independente da categoria em que se enquadre. No entanto, vale refletir sobre estas condições, pensando no jornalista como um “explicador do mundo”, conforme destaca Marcondes Filho (2009, p. 212). Um explicador que, ao levar em conta o conteúdo especializado, tem o desafio de compreender uma dinâmica variada de produção, mais qualificada e com mensagens mais complexas.

Como ressalta Abiahy (2005, p. 1), o contexto especializado gerou uma série de outras demandas aos profissionais, que, “forçados” a uma adaptação, precisam ser capazes de atender à necessidade informativa da sociedade. Neste capítulo, procura-se, inicialmente, compreender essa série de fragmentos que povoam o universo jornalístico especializado, como segmentos com formas de produção e características variadas. Desta forma, a proposta envolve observar este processo com mais cuidado, como numa espécie de olhar para o retrospecto, até que se possa tratar da caixinha que mais interessa a este tópico: o jornalismo esportivo – tanto da perspectiva histórica quanto teórica.

2.1 PARA ABRIR O JOGO: JORNALISMO ESPECIALIZADO

Na linguagem futebolística, abrir o jogo – passando a bola a um companheiro melhor posicionado em campo – é uma forma de desafogar a criação das jogadas, articulando-as para desenrolar os lances. De certa maneira, é o que se pretende com a discussão que se segue neste tópico, sobre o jornalismo especializado. Partindo do entendimento tradicional de que o jornalista é, a princípio e de uma concepção estritamente basilar, um “especialista em generalidades” (Rossi, 1980), compreende-se que a rotina à qual a categoria profissional é submetida tem uma série de condições de produção. Desde a corrida contra o relógio até os constrangimentos e a pressão vindos da comunidade jornalística – ou mesmo da empresa à qual o jornalista esteja vinculado – até as alterações na

prática, causadas pelo contexto contemporâneo, em que frequentemente há cortes de pessoal, extensão da jornada de trabalho e acúmulo de funções, impera o fetiche pela velocidade (Moretzsohn, 2002; Silva, 2015). Essa condição atesta a quase impossibilidade de o jornalista escapar da espiral de assuntos sobre os quais pode vir a falar: pela manhã pode estar com uma pauta que envolva economia, no começo da tarde trata de meio ambiente e, depois, pode precisar escrever sobre cultura.

Ainda que esteja mais ligada à estrutura de uma redação, vale ponderar a respeito da colocação de Kotscho (2004, p. 57), quando argumenta que os nomes podem mudar de publicação para publicação, mas as áreas que dividem a reportagem são determinadas. O autor traça um paralelo: com a setorização dos repórteres, ocorreria algo próximo da medicina, já que, após a formação universitária, o profissional teria uma área de interesse à qual se dedicar.

Para Kotscho, mesmo que existam as especializações, há uma espécie, como o clínico geral, cada vez mais rara no jornalismo: o repórter de “geral”. A cargo dele, ficaria a coordenação das escolhas da cobertura quando ocorre um caso inesperado ou enquanto outros jornalistas estão ocupados. Desta forma, a princípio, é no jornalismo especializado que há mais espaço para tratar de questões complexas que são objeto da atividade jornalística. Sobretudo porque, vale ressaltar, a multiplicidade de temas passíveis de cobertura é ampla, e a formação profissional fornece uma série de conhecimentos abrangentes (Vilas Boas, 2005).

É, sobretudo, um desafio: com a necessidade de prestar um serviço público pautado na informação, o jornalista se depara com públicos que podem não estar habituados a um conteúdo específico. Neste sentido, ao exigir uma perspectiva jornalística contextual, que por vezes altera formatação e linguagem utilizadas, o campo especializado faz com que seja fundamental “explicar, interpretar, analisar, opinar e contextualizar os fatos” (Oselame, 2012, p. 53). Oselame (2012) avança a compreensão de Beltrão ao propor que os conteúdos especializados precisam oferecer um entendimento apurado da realidade, contrapondo-se à lógica apressada para dar conta de enriquecer o repertório, oferecendo alternativas ao público (Moretzsohn, 2002).

Vale ressaltar, no entanto, que ao se apresentar como uma característica contemporânea, diante da fragmentação dos interesses dos públicos e do aumento vertiginoso da velocidade e da produção de informação, a especialização é

consequência do desenvolvimento do próprio jornalismo. Como uma prática de produção de conhecimento, é uma alternativa de compreensão da complexidade e da mutabilidade da realidade, com a qual jornalistas precisam lidar a todo momento. É um percurso que requer o desenvolvimento de habilidades e competências nem sempre oferecidas pela formação mais ampla (Kovach; Rosenstiel, 2004). Para Abiahy (2000, p. 2), por exemplo, em uma afirmação feita já há duas décadas, a formação profissional generalista de jornalistas é um tema que deve motivar reflexão, porque se limita e “valoriza a aquisição de básicos conhecimentos gerais, postura esta que não entra em consonância com a tendência atual”.

Compreendendo que a imprensa tem função fundamental na difusão do contexto social e político, Cardoso (2018, p. 51) acredita que ter profissionais capacitados é indispensável. Já há algum tempo, o diagnóstico da autora destacava a necessidade do preparo e da complexificação do repertório, afirmação sustentada por outros pesquisadores. Assim, o jornalista do nosso tempo “deve possuir conhecimentos teóricos e técnicos que o convertam como especialista em comunicação dentro de uma seção específica da informação jornalística” (Obregón, 1998, p. 4).

É fundamental considerar, no entanto, que esse não é um objetivo simples de alcançar: Para Lage (2014, p. 110), por exemplo, a formação de um bom profissional envolve grande investimento intelectual. Além de ser mais devagar, em alguns casos poderia não haver ganho, mas perda social. O autor parte de um exemplo para ilustrar a situação: transformar um físico teórico em um jornalista especializado em ciência faria com que a formação funcionasse apenas nesse campo específico, limitando outras possibilidades de reportagem, ainda que as habilidades adquiridas tivessem sentido útil.

Para que seja útil, pode dar ao público a impressão de que “a vida não é apenas uma sequência de fatos ocasionais [...], *flashes* que, instantaneamente, devem fazer com que o povo logo os esqueça e esteja pronto para absorver – e consumir – o que vem a seguir” (Vicchiatti, 2005, p. 57). Dentro de um espaço em que a narrativa pode ser mais interpretativa, como indica Beltrão (1980), acredita-se ser possível mesclar o factual com outros recursos – que aprofundem, detalhem, contextualizem. De certa forma, representaria uma pausa ao caos cotidiano ao qual a imprensa acostuma o público. Assim, propostas que transitam narrativamente entre espaços de enunciação podem ser consideradas.

Então, segmentar os assuntos que, eventualmente, são deixados de lado por coberturas cotidianas da imprensa, passa a ser uma forma de diferenciação e legitimação, em respeito às características de cada temática (Tavares, 2009). Afinal, pode-se dizer, formas de informar, interpretar e analisar certas situações pertinentes ao jornalismo esportivo, por exemplo, merecem outra forma de tratamento em relação ao jornalismo cultural (Abiahy, 2000). Falando na diversidade de possibilidades, algumas delas são elencadas por Silva (2018, s/p.):

Jornalismo Político, Jornalismo Económico, Jornalismo Desportivo, Jornalismo Cultural, Jornalismo Científico (também chamado de Ciência e Tecnologia), Jornalismo Social, Jornalismo Sindical, Jornalismo Ambiental, Jornalismo Policial, Jornalismo de Variedades, Jornalismo Literário, Jornalismo Especializado em Educação, Jornalismo Especializado em Saúde (Silva, 2018, s/p.).

É importante pontuar que, em algum sentido, independente da área de especialização, alguns pressupostos se mantêm. As funções exercidas pelos procedimentos de apuração, a necessidade de aprofundamento e detalhamento seguem sendo condições fundamentais para a realização do trabalho jornalístico. O que a diferencia é “a informação dirigida à cobertura de assuntos determinados e em função de certos públicos, dando à notícia um caráter específico. Tudo aquilo que reserva uma identidade restrita, específica [...]” (Comunicação [...], 2009, s/p.).

Em busca de uma definição, Silva (2011, s/p.) acredita que o jornalismo especializado é uma abordagem “aprofundada e específica dos temas que podem ser objeto de matérias por parte da imprensa”. Com a função de agregar indivíduos por meio de afinidades comuns, em vez de “tentar nivelar a sociedade em torno de um padrão médio de interesses que jamais atenderia à especificidade de cada grupo”. Desta mesma perspectiva, Bueno (2015, p. 283) classifica a segmentação do jornalismo por duas vertentes: tanto do ponto de vista de uma prática profissional determinada quanto uma subárea de estudos e pesquisas em jornalismo “que contemplam o processo de produção jornalística voltado para a cobertura qualificada de temas específicos”.

Mas, afinal, de que forma este tipo de jornalismo se manifesta? Por meio de fontes reconhecidas como competentes e autorizadas em certas áreas de conhecimento e, por consequência, pela apropriação de um determinado tipo de discurso, que acaba por incorporar expressões e termos estritos e específicos

(Bueno, 2015). Quanto à localização onde mais facilmente se encontra a produção especializada, está em páginas, cadernos, programas e portais, seja a partir do trabalho individual de profissionais – jornalistas ou não – com capacidade para exercê-lo, seja “como fruto do trabalho de um grupo de profissionais, reunidos em editorias específicas” (Bueno, 2015, p. 283).

É justamente a partir de um contexto de necessidade de informação pelos públicos que surgem as especializações, como uma consequência histórica. Bueno (2015, p. 280) acredita que uma sociedade de interesses fragmentados exige do jornalismo que a compreenda de outra maneira: como um articulador de conteúdos, um curador para a audiência, o jornalista atua na “produção e circulação de discursos intrinsecamente associados a jargões, termos técnico-científicos, neologismos e conceitos compartilhados pelos diversos campos de conhecimento” (Bueno, 2015, p. 280). Neste sentido, importa ressaltar que o jornalismo:

[...] quando invade o território da especialidade, ressalta seu valor. Atinge a necessidade informativa de um público em especial, cumprindo direta e eficazmente no atendimento a um receptor com especificidades. Uma fase que, vista do processo evolutivo, é consequência do abandono do período em que a profissão tinha fins políticos. Na fase moderna, o jornalismo, moderno e maduro, “dá lugar à especialização e à cooperação entre especialistas. A própria complexidade técnica que se observa nos media torna inevitável esta especialização e esta cooperação” (Rodrigues, 1994, p. 180).

Além dessa condição estrutural, ligada ao desenvolvimento histórico, do jornalismo, há que se ressaltar a relevância da afinidade com os assuntos tratados, como aponta Araújo (2013, p. 2), para quem a “especialização do conteúdo também vem satisfazer a necessidade daqueles que anseiam por profundidade nos assuntos retratados na mídia e com os quais se identificam”. Assim, é importante pensar na proposta de Tavares (2009), quando argumenta que a especialização jornalística acontece a partir de três eixos: relacionada aos meios de comunicação propriamente ditos (impresso, televisão, internet, etc.); sobre os temas tratados (esportivo, cultural, político, etc.); e, afinal, na junção dessas duas perspectivas – à qual esta pesquisa se volta, por exemplo, quando se interessa na reflexão sobre a produção de narrativas jornalísticas sobre esporte em um espaço como a internet, onde está a *Trivela*, objeto empírico deste estudo.

Pensando ainda na estrutura que orienta o desenvolvimento do jornalismo especializado, é pontual relacioná-lo à lógica econômica que busca na segmentação

do mercado uma estratégia para atingir uma fatia maior do público, em grupos dispersos. Como uma ferramenta de lucro para conglomerados midiáticos, passa a ser uma resposta à demanda por informação específica. Afinal, como argumenta Abiahy (2005, p. 5), “nestes tempos de desintegração das ideologias e da ruptura com um projeto de modernidade que pregava a unidade, o jornalismo especializado demonstra uma mudança dos paradigmas informacionais”. Com as diferenças afrouxando laços de comunidade, o panorama passou a ser formado por indivíduos cada vez mais reclusos em seus interesses, compartimentados (Abiahy, 2005, p. 5). Com mais títulos, temas e públicos, a diferenciação das produções informativas acaba por expandir as opções, em “um jogo que substitui a massificação pela personalização” (Abiahy, 2000, p. 1-2).

Esse estilhaçar de perspectivas do público torna mais difícil a tarefa da prática social de contar histórias defendida por Tavares (2009). Transformada, essa intenção ganha novos contornos, ultrapassando a indicação de Beltrão (1980), quando diz que, primeiro, jornalismo é, antes de tudo, informação. Pérez (2009) lembra que no caso do jornalismo esportivo, a primeira especialização ligada ao entretenimento, a informação não deve ser confundida com ele – já que também há muitas formas de expressão artística e cultural que integram a cobertura da imprensa.

A questão é: a informação está em que contexto? Essa condição faz com que o jornalismo especializado dê aos meios de comunicação a oportunidade de corresponder aos desafios que a sociedade mesma apresenta; uma sociedade que têm perdido referências amplas por não constituir análises profundas e rigorosas da vida cotidiana (Tavares, 2009, p. 127). Neste sentido, pensando nas características para que um texto jornalístico esteja no terreno da especialização, Mar de Fontcuberta, citada por Salazar Herrera (2003, p. 5), indica duas:

- a) Coerência temática: uma área de conteúdo jornalístico trata determinadas parcelas da realidade e constrói, em consequência, uma agenda coerente. b) Tratamentos específicos da informação que implica: construção de textos coerentes, fontes de informação específica [...]; coerência com o público segmentado que se dirige [...], o qual implica a adoção de códigos comuns; jornalistas especialistas no campo específico de que trata a área, capazes de sistematizar a informação e contextualizá-la em um determinado âmbito do discurso jornalístico (Salazar Herrera, 2003, p. 5, tradução nossa).

Parte-se do princípio de que o jornalismo especializado não é simplesmente aquele praticado “por editorias”. Conforme argumenta Vilas Boas (2005, p. 7), aqueles jornalistas que trabalham em uma só editoria podem não ser especialistas dos assuntos que cobrem. Ao mesmo tempo, o autor reconhece a contradição e acredita que não exista a necessidade de se formar profissionais “super-hiper-especialistas”. A especialidade em jornalismo, assim, ressalta a “compreensão aguçada de questões-chave relativas a macrotemas do conhecimento humano, entendidos em sentido amplo” e vistos de forma transversal.

Isso significa a possibilidade de ultrapassar a limitação relativa a cada área e colocá-las em diálogo, se necessário (Vilas Boas, 2005). Não quer dizer, no entanto, que o jornalista que se volta à cobertura de uma área determinada deva parar de se informar sobre as demais, já que a especialização não divide, mas “multiplica saberes” (Salazar Herrera, 2003, p. 6). Prestar atenção aos acontecimentos e, então, estabelecer relações, comparações e contextualizações, por isso “não implica em um parcelamento do seu conhecimento ou uma limitação do seu trabalho profissional” (Salazar Herrera, 2003, p. 6, tradução nossa). Por isso mesmo, pode-se partir “do pressuposto que se fala para um público de conhecimento mediano e mesmo os aficionados podem ter perdido alguma informação importante. Não economize didatismo” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 22).

Como aponta Silva (2015), vale ressaltar que o jornalismo especializado representa um avanço científico e cultural, sofrendo interferências causadas pelo acesso facilitado à informação por meio da tecnologia e dos meios de comunicação. Há, neste contexto, uma mudança: informações de interesse pessoal passaram a gerar identificação e ter mais peso em relação aos assuntos reconhecidos tradicionalmente como fundamentais (Abiahy, 2000). De certa maneira, essa forma de produção jornalística pode contribuir para o discernimento e para a tomada de decisões do público. Por saber mais, pode querer mais e, assim, entender as próprias necessidades informativas. Como uma exigência social, a “transmissão dos saberes de forma precisa clara é uma missão jornalística” (Salazar Herrera, 2003, p. 9). Concordando com esta perspectiva, Lage (2014, p. 113) ressalta que a informação jornalística é espaço privilegiado para a reportagem especializada, que tem entre suas particularidades destinar-se a públicos um tanto heterogêneos. O autor prossegue:

A máxima heterogeneidade obtém-se na audiência presumível de uma emissora de televisão em circuito aberto (audiência de massa) e a mínima heterogeneidade possível em jornalismo encontra-se entre leitores de magazines ou sítios de internet destinados a aficionados de uma atividade prática ou conhecimento – sobre engenharia naval ou surfe, por exemplo. É claro que, quanto mais específico o público, mais se pode particularizar a linguagem (Lage, 2014, p. 113).

Refletir a partir da indicação de Lage leva ao entendimento de que ter apenas o conhecimento técnico não basta, porque ele precisa ser expresso de forma acessível ao público, de quem também se exige um tanto a mais de cuidado para consumir certas informações. Segmento conhecido por essas características, por exemplo, o jornalismo de revista ressalta que profissionais passam a cobrir “funções culturais mais complexas que a simples transmissão de notícias. Entretêm, trazem análise, reflexão, concentração e experiência de leitura” (Scalzo, 2004, p. 13). Seria papel da reportagem, que transcende a notificação de um fato, tornando necessário o “detalhamento, a escolha de um ângulo ainda não explorado, procurar descobrir o possível impacto daquelas informações no tema tratado” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 21).

Neste sentido, Tavares (2009, p. 47) aponta que este tipo de jornalismo constrói um discurso promotor de conhecimento, fundindo os universos científico e do senso comum. Com essa característica, configura-se um processo de mediação, que articula as formas pelas quais “mídia e sociedade são lidas e re-lidas uma pela outra”. Essa interface constitui um processo socialmente contextualizado, a partir de uma lógica abrangente nos sentidos da relação entre produção e recepção, uma “prática midiática de captar a realidade e transmiti-la a partir de um processo de produção próprio, sem fugir da idéia de interação comunicativa que a envolve” [sic] (Tavares, 2009, p. 47). Da cultura de massa, o autor argumenta, o caminho passa a ser uma espécie de cultura da mídia, “que influencia e participa diretamente da vida cotidiana ora como base, ora com pano de fundo para certos processos de criação e identificação dos sujeitos” (Tavares, 2009, p. 47).

É fundamental que o jornalismo faça a mediação porque ele faz transitar discursos de outros campos e, para cumprir as outras finalidades, é crucial que ele faça a tradução desses discursos. Ao cumprir a finalidade de fazer a mediação entre os fatos e o leitor, o jornalismo possibilita que o leitor tenha acesso a informações de fontes que não teria como contatar, a dados que o auxiliem a resolver questões do seu cotidiano, a discussões que o ajudem a pensar (Reginato, 2019, p. 233).

Desta forma, compõe-se, também, o *ethos* do jornalismo especializado, como uma construção individual. Na prática profissional, o jornalista se envolve na constante construção e desconstrução da forma com a qual a sociedade se interpreta, fazendo com que o *ethos* seja “afetado pelas mudanças nas instituições e sistemas aos quais se liga, bem como os afeta” (Tavares, 2007, p. 51). Enquanto o jornalismo em geral se preocupa com o acontecimento factual, por outro lado, ao especializado cabe tratar sobre “os valores, os hábitos, os costumes, comportamentos e sentimentos que compõem a sociedade contemporânea” (Tavares, 2007, p. 42). Na mesma medida, além de ser composta socialmente, a construção desta “imagem de si” também é feita pela própria categoria profissional – ou seja, tanto por jornalistas de forma geral quanto por aqueles dedicados a coberturas tematicamente determinadas.

Entre as abordagens ressaltadas, destaca-se a que trata da cobertura do esporte, por meio de suas características próprias – ludicidade, entretenimento, envolvimento com paixões, emoções e valores –, mobilizando “interesses, cotidianos, sentimentos, anseios e expectativas de vários campos sociais” (Borelli, 2002, p. 18). A instituição do jornalismo esportivo, considerando esta posição, se dá com a utilização de “regras próprias para narrar, apresentar, expor, enfim, tematizar o esporte” (Borelli, 2002, p. 4). Isso inclui a emoção que lhe é fundamental pela disputa, afinal, “está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, quadras e pistas” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 45).

Como outras especialidades, o jornalismo esportivo também tem particularidades que o diferenciam (Erbolato, 1981; Unzelte, 2009; Barbeiro; Rangel, 2013). Lage (2001, p. 14) ressalta que o acontecimento esportivo envolve algo além da notícia pura e simples, não devendo se restringir apenas a classificações e resultados, já que, por mais simples que pareça, “cada acontecimento pressupõe algo exterior a ele e que lhe dá sentido”. O repórter precisa, então, documentar declarações e decisões e estar atento a aspectos emocionais e empresariais, sem que perca de vista o sentido ético, o poder de catarse e a finalidade educativa da prática esportiva – além da interlocução com outros campos do conhecimento. Agora, já que o jogo foi aberto, é interessante pensar, nesse retrospecto, em quem jogou antes, considerando, primeiro, aspectos históricos e, depois, aspectos conceituais e teóricos do jornalismo esportivo.

2.2 SOBRE QUEM JOGOU ANTES: BREVE PANORAMA HISTÓRICO DO JORNALISMO ESPORTIVO

Pouco mais de um século de história. É este o percurso traçado pelo jornalismo esportivo, diante de uma série de transformações em suas práticas desde a segunda metade do século XIX. Ocupante de um espaço peculiar dentro do universo jornalístico em geral, o discurso da imprensa esportiva começou a ser construído não por jornalistas propriamente ditos, mas por atores da área, ao mesmo tempo em que era desenvolvida a consciência de um grupo específico da categoria (Aron *et al.*, 2021). Aron *et al.* (2021, p. 11) destacam uma conjunção que influenciou uma forma determinada de profissionalização e, também, a interlocução atrasada entre pesquisadores das áreas de jornalismo e esporte: a ocorrência de uma “prática dupla”: “do/as próprio/as esportistas que passaram a escrever, ou ainda a do/as jornalistas amadore/as de esporte”. Neste tópico, pretende-se abordar aspectos históricos do segmento como para conhecer como era e quem jogou antes.

É importante ressaltar que os meios de comunicação de massa e os esportes têm ligação direta com a modernidade, já aos fins do século XIX. Neste período, por exemplo, por meio da capacidade naval e comercial, a Inglaterra contribuiu para a formação de uma espécie de *ethos* esportivo, como um ideal de conduta para as elites ilustradas, exportado para o resto mundo (Gastaldo, 2011). Justamente neste contexto, também a tecnologia teve avanços consideráveis: da fotografia ao telefone, do cinema à impressão *offset*, uma série de recursos formaram parte essencial da cultura de massa que alavancou o encontro entre mídia e esporte.

É, sobretudo, um panorama recente. Se parte-se de uma perspectiva ao avesso, é possível perceber que o esporte ocupa espaço importante na mídia contemporânea, tanto especializada quanto generalista. Segundo apontam Aron *et al.* (2021, p. 10-11), fazem parte da chamada “indústria da informação” os “atletas, resultados, conquistas, temporadas de grandes eventos (Copas do Mundo, Jogos Olímpicos ou Paraolímpicos)”, por exemplo.

Vale ressaltar que para que se chegasse a esta condição, foi importante que as coberturas se iniciassem a partir de certo contexto. Por exemplo, quando resultados de esportes passaram a incorporar a pauta dos jornais, primeiro com corridas de cavalos (Aron *et al.*, 2021, p. 10-11): “O *Bell's life in London* (1823) foi o

primeiro a publicar notícias esportivas, os primeiros periódicos especializados tendo se estabelecido em meados do século XIX (*The Field*, 1853; *Les Sports* (1854), jornais sociais; *Le Sport Nautique*, 1860; *The Sportsman*, 1865)". Assim, publicações iam demarcando o desbravar da área:

Se o New York Herald teria sido o primeiro jornal generalista a cobrir sistematicamente o mundo do esporte, o New York World, em 1883, foi pioneiro na constituição de uma equipe de repórteres especializados. A partir do final do século XIX, os títulos esportivos crescem significativamente, passando a incorporar as políticas públicas, não apenas como consequência da democratização do esporte, mas também porque satisfazem os interesses econômicos das indústrias automobilística e do ciclismo. Com o *Le Vélo* de Pierre Giffard (1892) e seu concorrente *L'Auto* (1904), de Henry Desgranges, e com a organização do primeiro Tour de France (maior e mais antigo evento de ciclismo do mundo) em junho/julho de 1903, o esporte adentra a era da mídia, que ainda vigora (Aron *et al.*, 2021, p. 10-11).

No entanto, antes disso, em 1828, em Paris, surgiu o primeiro jornal esportivo da história: *Journals des Haras*. As primeiras informações esportivas eram redigidas nos jornais em formato de notas com curiosidades, depois expandidas para artigos descrevendo os jogos e os esportes mais populares. Casos curiosos, como o da luta entre o cozinheiro de Lord Smith e o pasteleiro do Duque de Bridge, em uma modalidade chamada de *boxeo* (Silveira, 2009, p. 20), também tinham espaço nas páginas. Em muitos casos, inclusive, a perspectiva da crônica focava nas reações do público, deixando o jogo em segundo plano (Lima; Brasileiro, 2016).

Alcoba López (2005), inclusive, acredita que este formato de comentário, por ter ampla aceitação popular, cumpriu função importante no que viria a se transformar na comunicação periódica sobre o assunto. Conforme indica o autor, os primeiros jornalistas esportivos eram "[...] escritores subjugados pela emoção da competição, pelos feitos dos atletas". No entanto, com o passar do tempo, a prática esportiva despertaria interesse tanto do público quanto dos veículos de comunicação, que passaram a incluí-lo como um gênero específico – e a contar com pessoas capazes de descrever e detalhar competições e consequências (Lima; Brasileiro, 2016).

Um marco para o segmento foi 1895, quando o *The New York Times* passou a tratar de esportes em seus cadernos. Forçado pelo aumento significativo das vendas da concorrência, o jornal precisou aderir e dedicar páginas inteiras aos conteúdos da temática diariamente, contribuindo para a popularização. Silveira (2009, p. 20) lembra que, mesmo em 1926, o *NYT* "publicou na primeira página e em

colunas, com direito à fotografia do boxeador Gene Tunney e um carro, recebendo homenagens dos torcedores que festejavam a vitória dele”.

O caso ilustra, de certa forma, o papel da popularização das práticas esportivas e os relatos da imprensa da época, tanto no mundo quanto no território brasileiro, em um paradoxo mencionado por Melo (2012, p. 23): “a popularidade crescente da prática esportiva dever-se-ia a esse espaço privilegiado que obteve na imprensa ou, pelo contrário, esse espaço na imprensa dever-se-ia à popularidade crescente da prática esportiva?”.

A resposta, oferecida pelo próprio autor, configura um cenário de troca, em que “a imprensa progressivamente noticiou o esporte porque ele crescentemente tornou-se uma prática socialmente valorizada”, ao mesmo tempo em que a prática “também se tornou crescentemente valorizada porque foi progressivamente noticiada na imprensa”. Argumento reiterado por Borelli (2002, p. 12), quando ressalta que “na medida em que a opinião pública começa a se interessar pelo assunto, o esporte passa a ganhar mais espaço e, da mesma maneira, é requisitado aos mídias mais especialização para a cobertura jornalística”.

Pensando deste ponto de vista, é relevante considerar que a relação entre a imprensa e as elites, classes abastadas, é uma moderadora das primeiras publicações sobre esportes. Práticas como o haras, a caça, o turfe e o remo eram mais representativas, e acabam ilustrando que “mesmo que o esporte em si não fosse determinante dos rumos políticos e econômicos do país, em torno dos clubes se organizava gente influente da sociedade, a quem à imprensa interessava relacionar-se” (Melo, 2012, p. 25). Contra a popularização deste segmento, também pesava o fato de que a prática esportiva, no princípio da divulgação pela imprensa, era ligada às classes de mais poder aquisitivo. Nesta época, o futebol ainda estava longe de ter a expressão que desenvolveu ao longo do tempo até se tornar o fenômeno massivo que é hoje (Tavares Júnior, 2017). Nos primeiros anos da cobertura esportiva, por exemplo:

[...] Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época., jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia (Coelho, 2004, p. 9).

Vale reafirmar, no entanto, que o crescimento gradual do jornalismo esportivo, sobretudo após a massificação das transmissões, não apaga que foi uma prática subestimada desde o começo do século. Em especial, prevalecia a percepção de que uma atividade vista como recreação não poderia sequer dividir espaço com temas nobres, como política e economia, por exemplo (Coelho, 2004).

Em território brasileiro, o jornalismo esportivo teve início com a publicação de *O Atleta*, a partir de 1856 (Bahia, 1990). O periódico se dedicava a trazer dicas sobre condicionamento físico, sobretudo para moradores do Rio de Janeiro. No entanto, só mais de seis décadas depois, sobretudo a partir de 1922, é que as publicações nacionais passaram a dedicar mais espaço às pautas esportivas – com fotos de quatro e cinco colunas, com lances de futebol na primeira página, e com a organização, cinco anos antes, da Associação dos Cronistas Esportivos (ACE), em São Paulo. Um sinal de organização da categoria (Lima; Brasileiro, 2016). Deste contexto, diversas publicações começaram a ganhar força:

Pouco depois, em 1885, circularam *O Sport* e *O Sportsman*. Em 1881, surgiu em São Paulo *A Platea Sportiva*, um suplemento de *A Platea*, criado em 1888. Dez anos depois, em 1898, também em São Paulo, surgiram a revista *O Sport* e o jornal *Gazeta Sportiva* (que não tem nada a ver com o jornal que seria criado futuramente), periódico de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade: apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo (Ribeiro, 2007, p. 26-27).

O surgimento desordenado fazia com que o jornalismo dedicado ao esporte, até o final do século XIX, não tivesse distinção específica nas publicações, como em editoriais. Nesse período, as notícias “se misturavam com informações comerciais, políticas, econômicas, por vezes inseridas no bloco dos acontecimentos sociais” (Melo, 2012, p. 26). Quem quebrou esta perspectiva no país foi o tradicional *Jornal do Brasil* que, já no segundo dia de circulação, em 10 de abril de 1891, publicava uma coluna, a *Sport*. Desde as primeiras notas sobre a temática, é válido notar, a perspectiva esportiva transcendia a simplicidade dos resultados para dialogar com revistas e espaços dedicados à literatura. Esse posicionamento tem motivo, de acordo com Melo (2012): a limitação editorial das publicações brasileiras, “importantes espaços de veiculação das ideias e produção dos literatos”.

Neste sentido, é fundamental a contribuição da crônica – e dos recursos literários – enquanto um formato de texto constitutivo da imprensa esportiva

nacional. Para Melo (2012, p. 39), elas “construíram representações sobre o esporte, de pontos de vista mais ou menos críticos, sempre a partir de mediações entre as diversas esferas envolvidas com o fenômeno esportivo”, em uma espécie de crítica social a partir dos papéis representados pelo jogo, um subterfúgio para falar sobre as relações de poder presentes na sociedade – em certos casos usando figuras de linguagem como as de dominador/dominado, pobre/rico, colonizador/colonizado, entre outras (Marques, 2011). Afinal, como argumentou-se anteriormente, o esporte não está desconectado da realidade de onde surgem os relatos sobre ele:

Quando as reportagens do mundo do esporte saem do campo específico, os jornalistas esportivos, salvo honrosas e boas exceções, somem. Não atuam, como se não lhes dissesse mais respeito. Alguns consideram que seu trabalho se resume à cobertura dos clubes, jogos, departamento médico etc. e não se preocupam com desdobramentos econômicos e políticos envolvidos no esporte. É como se fosse uma atividade apartada da realidade, do cotidiano da sociedade. O esporte não pode ficar restrito a uma atividade meramente lúdica (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 119).

Uma prova disso é a virada geopolítica que ocorre com a primeira Grande Guerra: antes dela, o esporte ocupava 6% do espaço de divulgação de publicações francesas; enquanto após a Segunda Guerra Mundial, o número passou a ser de 13,5% nos jornais de Paris e 30% na imprensa regional (Aron *et al.*, 2021). Na Inglaterra, a expansão também é significativa, com os jornais investindo na produção de suplementos esportivos, como o *The Daily Telegraph*, o *Daily Mail* e o *Daily Express* (Aron *et al.*, 2021). Assim, o esporte “passa a ser tema de reportagens e crônicas, retransmitido por agências e beneficiando-se de um corpo profissional especializado: jornalistas (inclusive especialistas das diferentes modalidades), fotógrafos, comentaristas de rádio e televisão” (Aron *et al.*, 2021). No Brasil, por sua vez:

[...] as práticas esportivas chegaram junto com os ventos de modernidade, em fins do século XIX. Em menos de 20 anos, a escravidão foi abolida (1888), o Império derrubado (1889), a febre amarela erradicada (1904-1908) e o centro do Rio de Janeiro reconstruído (pela Reforma Pereira Passos, entre 1902-1906). Nesse período efervescente, no Rio de Janeiro conhecido como a “Belle Époque carioca”, além da Lei Áurea e da Proclamação da República, também foram fundados clubes de remo (como o Clube de Regatas Botafogo, de 1894, e o Clube de Regatas do Flamengo, de 1895) e, pouco depois, de futebol (Fluminense Football Club, de 1902) (Gastaldo, 2011, p. 42).

Em especial, o futebol passou por esse mesmo processo de dupla validação. Ao mesmo tempo em que a modalidade ganhava expressão pública, passava a ser noticiada (e vice-versa). A popularização deste esporte no Brasil iniciou, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX, com a chegada de Charles William Miller (1874-1953). Com pai escocês e mãe brasileira de ascendência inglesa, Miller nasceu em São Paulo, mas concluiu os estudos na Inglaterra, de onde teria trazido bolas, chuteiras e outros equipamentos, além de um livro com o regulamento oficializado em território inglês em 1865 (Oliveira, 2018, p. 37-38)³.

Outros pesquisadores, no entanto, contestam esta colocação. É o caso de Shirts (1982), quando comenta sobre a introdução do esporte em outras regiões de São Paulo, antes mesmo da chegada de Miller, colocando em questão, inclusive, se o fato de ele ter trazido artigos esportivos seria suficiente para despertar interesse pela prática do futebol. Caldas (1990), por exemplo, argumenta que o futebol pode ter sido praticado pela primeira vez no país em cidades portuárias, por marinheiros britânicos, ou mesmo antes disso, por povos originários e indígenas de outras regiões. Ainda assim, cabe mencionar o esforço de Miller para emplacar as notícias sobre o esporte nas principais publicações da imprensa nacional, junto com Mário Cardim, primeiro repórter esportivo de destaque por aqui.

Na realidade brasileira, o desenvolvimento da imprensa esportiva foi mais lento, apesar de ter similaridades com a cobertura internacional no que diz respeito ao contexto histórico. No princípio, como ressaltou-se, as publicações reservavam pouco espaço para o tema, como aponta Silveira (2009, p. 21): “o *Correio Paulistano*, por exemplo, dedicava apenas uma coluna para matérias de futebol e duas para o turfe. Mesmo o remo, esporte mais popular da época, não era creditado para ser matéria de capa”. Entretanto, como menciona Borelli (2002, p. 12), o esporte tem significado não apenas para o campo jornalístico, como também para a cultura brasileira, o que motivou o duplo movimento de interesse dos públicos pelas práticas esportivas e, ao mesmo tempo, a cobertura da imprensa. Segundo Ribeiro (2007), de forma oficial, 22 de setembro de 1901 foi quando o futebol foi noticiado pela primeira vez, pelas páginas do jornal *Correio da Manhã*, na coluna Sport. O informe tratava da partida entre as únicas equipes fluminenses até o momento,

³ Apesar de muito recorrente, esta versão é contestada por outros estudiosos. Por isso, a popularização também pode ser compartilhada com práticas espontâneas vindas de outras regiões da própria América do Sul, que bebeu de outras fontes e de outras formas de jogo com bola.

Paysandu Cricket Club e Rio Cricket and Athletic Association. Sete anos depois, segundo ressalta Gastaldo (2011, p. 42-43), havia até sessões públicas de cinema para apresentar compactos das transmissões dos jogos de futebol local.

Manifestações mais marginais à grande imprensa, no entanto, começavam a surgir. A experiência do *Fanfulla* é um exemplo de publicação paulistana, já em 1910, com divulgação esportiva. Uma parcela representativa do público ao qual se destinava, à luz da época, era a de imigrantes, particularmente os italianos. Como destaca Coelho (2004, p. 8), foi nas páginas do *Fanfulla* que circulou um dos avisos à procura de interessados em fundar um clube de futebol, nascido Palestra Italia, que viria a se tornar o Palmeiras – após um decreto de Getúlio Vargas durante a Segunda Guerra Mundial, que proibia menções ligadas aos países que compunham o Eixo (Alemanha, Japão e Itália) nos nomes de qualquer entidade brasileira. Coelho (2004, p. 8) ressalta que: “nesse tempo, as poucas páginas dedicadas a esporte nos diários paulistanos falavam sobre outra guerra. A travada entre são-paulinos, que sonhavam tomar à força o estádio Parque Antártica dos palestrinos”.

De maneira geral, conforme argumenta Costa (2010), nesta época, entre 1910 e 1920, as notícias esportivas tinham uma composição mais polida. Nestes anos, “muitos jornais se esforçavam para preservar uma concepção de futebol ancorada em valores da elite, que via esse esporte como símbolo de modernidade e fidalguia”, em um discurso mais formal, sem exageros (Costa, 2010, p. 99). Desde esta época, no entanto, certas revistas de variedades e periódicos especializados em futebol começavam a dar tratamento diferenciado à modalidade, com “muitas reportagens produzidas por essas publicações se caracterizavam pelo uso de um tom mais humorístico, investindo em charges e casos pitorescos envolvendo jogadores” (Costa, 2010, p. 99). Essas reportagens interpretavam o futebol “não como pedagogia, mas como diversão [...] em que cabiam as superstições populares, a irreverência, a iconoclastia e as manifestações mais francas das paixões clubísticas e regionais” (Silva, 2006, p. 88).

Foi também entre as décadas de 1920 e 1930, por meio das transmissões radiofônicas, que se popularizaram as jornadas esportivas – termo criado nos Estados Unidos, “durante uma das primeiras transmissões esportivas ao vivo e ininterruptas na história do rádio: a luta de boxe entre os pesos pesados Jack Dempsey e Georges Carpentier que, devido à longa duração, recebeu a célebre alcunha de jornada esportiva” (Oliveira, 2018, p. 53).

Nesse contexto, sobretudo no Rio de Janeiro, no início do século XX, as partidas dos grandes times começaram a ganhar evidência, com o Clube de Regatas Vasco da Gama vencendo a segunda divisão com jogadores negros compondo o elenco, como ressalta Coelho (2004, p. 9). Foi mais um passo – que teve resistência – para a transformação gradual do futebol em manifestação popular: a acessibilidade da população também à prática do esporte, em especial nas décadas de 1930 e 1940. Não demorou muito e, logo:

[...] os campos estavam cheios de jogadores de todos os segmentos sociais e econômicos da sociedade brasileira e, apesar deles serem, em sua maioria, brancos e oficialmente amadores, a característica elitista do futebol começou, gradualmente, a desaparecer. Mas foi apenas em 1923, quando o time do Vasco da Gama entrou para a primeira divisão, que a organização do futebol da época se viu diante de um impasse. Este time, composto em sua maioria por jogadores negros e mulatos pertencentes, em sua maioria, à classe operária, venceu o campeonato de 1923. Até então nenhum time tinha apresentado uma composição racial e social como a do Vasco. Havia alguns mulatos jogando por outros times, mas a maior parte dos jogadores, mesmo os que não pertenciam à elite, eram brancos (Helal, 1997, p. 47).

O contexto, gradualmente, se alterava. Além desta ruptura em relação à inclusão de jogadores negros nas competições, é notável o distanciamento da perspectiva inicialmente elitista, que durou especialmente da última década do século XIX até a terceira do século XX. Caldas (1990, p. 46) aponta que os clubes cariocas e paulistas passaram a cobrar ingressos dos frequentadores das partidas. O dinheiro, usado para a compra de equipamentos e outros artigos esportivos, antes, “era coberto por doações regulares ou voluntárias de sócios. A quebra dessa tradição abriu caminho para os primeiros passos em direção ao profissionalismo”.

Outro aspecto importante neste sentido foi a criação do Ministério do Trabalho, em 1930, pelo governo provisório de Getúlio Vargas – que continuaria por quinze anos –, contribuindo com a regulamentação funcional dos jogadores profissionais em território brasileiro. Essa situação repercutiria mais de uma década depois, em 1942, quando, segundo Helal (1997, p. 50-51), os clubes se aproximariam do Governo Federal, a partir do “decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941 criou o Conselho Nacional de Desportos – com o objetivo de ‘orientar, fiscalizar e incentivar a prática de desportos no país’”.

Antes disso, publicações esportivas também ajudaram a dar visibilidade a estes acontecimentos e, além de projetar a formação de um público de massa no país, “folhetinizaram a informação”. Esse processo se dava por meio de histórias de

interesse humano, em especial partindo dos dilemas pessoais dos atletas, convertidos em pequenos romances da vida real, quando enfatiza “as origens sociais, emblematiza essa insistente e exitosa tática de conversão de jogadores em personagens” (Costa, 2010, p. 97).

Nas páginas esportivas, então, tinha espaço a união da informação com os recursos fictícios, “fazendo do futebol uma máquina fabuladora repleta de personagens desenhados de modo a promover identificação e fascínio em seu público leitor”, já que havia a necessidade de “entretê-lo, de seduzi-lo, fazendo suas emoções fervilharem, convocando sua paixão clubística e multiplicando suas expectativas em torno de um jogo” (Costa, 2010, p. 22-23). Os jogos, então, passavam a ser:

[...] convertidos em histórias repletas de dramatizações em que o tom superlativo prepondera na tentativa de provocar os afetos do leitor, fomentando identificação fácil e imediata. No jornalismo esportivo, as notícias costumam transcender “as suas funções tradicionais de informar e explicar” (Dardenne, 1999:265) e caminham na direção do entretenimento (Costa, 2010, p. 106).

No período de popularização do futebol no Brasil, Mário Filho foi um nome representativo com esta proposta. Alterou sobretudo a composição da linguagem do jornalismo esportivo brasileiro, especialmente a relacionada ao futebol. Conforme relata Silveira (2009, p. 22), irmão mais velho de Nelson Rodrigues, Mário começou a trabalhar como jornalista esportivo no jornal *A Manhã*, e depois ainda experimentou sua linguagem característica no jornal *Crítica*, ambos de propriedade de seu pai, Mário Rodrigues (Costa, 2010).

Percebendo o sucesso da publicação da página de esportes por *A Gazeta* às segundas-feiras desde 1928, ele decidiu dedicar-se a uma publicação unicamente voltada ao tema, com um trato de redação “mais ágil, menos laudatório”, priorizava aspectos emocionais. Ribeiro (2007, p. 75) aponta que “na forma, quase tudo mudava: título, subtítulo, legendas. O conteúdo abria espaço para a vida dos personagens que faziam o espetáculo. Jogadores passaram a ser endeusados, especialmente os negros. Nos bastidores, Mário criava uma rede de informações poderosa”. Por isso mesmo, recorrer ao melodrama e à dramatização dos fatos “é uma característica marcante de Mário Filho em sua atividade profissional e essa técnica foi extremamente importante no papel que desempenhou na história do

jornalismo esportivo” (Costa, 2010, p. 97). Já em 1931, quando assumiu a seção de esportes d’*O Globo*:

Mário Filho promoveu importantes mudanças no estilo editorial dessa seção, que abrangiam os métodos de investigação, diagramação, o nível da linguagem e os recursos de representação utilizados (Silva, 2006: 118). Nas reportagens produzidas por suas equipes destacava-se o conteúdo claramente narrativizado e as matérias dramatizadas capazes de converter jogadores em ídolos elevando-os acima da média humana, mas também capazes de humanizá-los trazendo a público sua trajetória de vida, frequentemente representada como sofrida e cercada de obstáculos. O caso Leônidas da Silva é exemplar nesse aspecto, pois grande parte da aura mítica e polêmica do craque foi tecida com auxílio de Mário Filho e sua equipe de *O Globo* que “começou a seguir seus passos sem descanso, comentando suas atuações, colhendo sua opinião sobre os mais diversos assuntos e colocando sistematicamente seu nome nas manchetes e nos títulos das matérias (...)” (id: 127) (Costa, 2010, p. 100).

Neste panorama, o *Jornal dos Sports*, primeiro diário dedicado à cobertura esportiva brasileira surgiu no Rio de Janeiro, em 1931. Fundado por Argemiro Bulcão – antes diretor do jornal *Rio Sportivo*, e Ozéas Mota, proprietário da gráfica que imprimia o jornal –, e ligado à figura de Mário Filho, grande destaque da imprensa esportiva brasileira, como destaca Oliveira (2018). A criação do jornal ocorreu em um contexto em que o segmento esportivo era o que mais crescia “desde 1912, quando saltou de cinco para 58 jornais, um aumento de 1.060%” (Ribeiro, 2007, p. 73). No entanto, apesar deste quadro, o *JS* dividia espaço com seções esportivas de outras publicações nos primeiros anos de circulação, especialmente as do *Jornal do Brasil* (1893) e do *Correio da Manhã* (1903) (Oliveira, 2018).

Deste cenário, como indica Hollanda (2012), periódicos estrangeiros, além de unificar informações sobre esporte, incentivavam a criação de prêmios e taças variadas, como o *L’Équipe* (França, 1900) e o *Gazzeta dello Sport* (Itália, 1896), tendência seguida pelo *JS*, conhecido popularmente como *O cor-de-rosa* por conta da tonalidade da impressão de suas páginas, influenciada também por publicações de fora do país. Ainda segundo o autor, desde que Mário Filho fez parte do jornal, homem dos esportes e empresário influente, cercou-se de um seleto grupo de colaboradores – tanto da esfera esportiva quanto política, como Vargas Neto, Luiz Galotti e Mário Pollo, além de João Lyra Filho, José Lins do Rego e Nelson Rodrigues, seu irmão.

Por sua vez, a edição esportiva d'A *Gazeta* procurava oferecer ao leitor um grande volume de informações sobre o cotidiano esportivo, com destaque ao futebol, como menciona Costa (2010, p. 98). Além dos principais clubes paulistas, o jornal tinha espaço para campeonatos de várzea e competições paralelas. Na redação, a figura de Thomaz Mazzoni foi representativa – tanto que viajou com a Seleção Brasileira para a Copa do Mundo de 1938, na França, não apenas como jornalista, mas membro da delegação. Como Mário Filho, “Mazzoni tentou formar um público leitor cativo usando como estratégia o apelo às emoções, a promoção de eventos, preocupando-se em tornar menos empolada a linguagem, passando a inventar apelidos para os times e nomes para os clássicos” (Costa, 2010, p. 98).

Nesta relação entre as publicações, inclusive, o *Jornal dos Sports* acompanhou a primeira grande crise do futebol nacional. Durante o período de profissionalização do esporte, ocorreu uma ruptura, no entendimento da composição dos campeonatos, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na terra da garoa, dois campeonatos foram realizados, simultaneamente, em 1935 e 1936. Por sua vez, no Rio, a confusão se deu no ano em que se demarcou a virada no processo de profissionalização, em 1933:

O Botafogo, campeão em 1932, jogou entre os amadores nos três anos seguintes. Ganhou os três títulos e autoproclamou-se tetracampeão carioca. Mas os demais campeonatos continuaram a suceder-se. Em 1933, o Bangu conquistou pela primeira vez um título estadual – só voltaria a ganhar em 1966. Em 1934, o Vasco foi campeão. Em 1935, ganhou o América seu sexto Campeonato Carioca. Em 1936, pelo quarto ano seguido, os clubes não chegaram a nenhum acordo. e a cisão dividiu ainda mais o futebol do Rio de Janeiro. Tanto que de um lado o campeão foi o Fluminense, de outro o Vasco, clubes que antes estavam do mesmo lado (Coelho, 2004, p. 15-16).

Nesta mesma época, lembra Oliveira (2018, p. 45), em 1936, os sócios do *Jornal dos Sports* venderam a publicação para Mário Filho, o que projetou ainda mais as ambições do jornalista: Segundo Antunes (2004, p. 103), “a opção de Mário Filho por escrever de forma dramática situações que poderiam parecer corriqueiras aproximou definitivamente o torcedor do jogador e da vida do clube”. E ainda que o pioneirismo seja atribuído, na área esportiva, ao *Jornal dos Sports*, Coelho (2004) considera que *A Gazeta Esportiva* teve papel relevante na luta pela instituição de um noticiário esportivo na imprensa brasileira. Em 1928, portanto antes da criação do *Jornal dos Sports*, a publicação já estava em circulação, mas em forma de

suplemento do jornal *A Gazeta*, fundada por Cásper Líbero em 1906, e se transformando em diário exclusivamente dedicado à temática esportiva em 1947.

Em meio a um processo de modernização e urbanização da capital paulista, as publicações d'*A Gazeta* tinham caráter nacionalista e popular, valorizando a disciplina e o coletivismo (Oliveira, 2018). É pontual considerar que as perspectivas dos dois jornais sobre a modalidade eram diferentes: enquanto *A Gazeta* discordava da compreensão do futebol-arte, malandro, essa era a narrativa corrente nas páginas do *Jornal dos Sports*, com cronistas que “exerciam múltiplas funções simultâneas: cronistas, dirigentes de clubes, presidentes de entidades esportivas, bacharéis, políticos e literatos” (Ribeiro, 2007, p. 96). Na década de 1940 esse processo se evidenciava, com José Lins do Rego como um marco (Lima; Brasileiro, 2016).

No entanto, a divergência entre os dois jornais não se dava apenas nas críticas à forma de praticar o futebol – se pela força, se pela arte. A contestação se voltava aos posicionamentos dos cronistas do jornal de Mário Filho, pouco isentos, como lembra Toledo (2012). Um dos alvos foi justamente Lins do Rego e seu “partidarismo inconfessável pelo Flamengo” (Toledo, 2012, p. 75). Contrapondo-se a esta percepção, Ribeiro (2007) ressalta que foi justamente o partidarismo do paraibano que o caracterizava enquanto cronista, em especial na coluna *Esporte e Vida*, assinada por ele no *Jornal dos Sports* de 1945 e 1953. Sobre a mobilização dos sentimentos e dos afetos do público, inclusive, José Lins acreditava que:

A um escritor vale o aplauso, a crítica de elogios, mas a vaia, com a gritaria, as laranjas... os palavrões, deu-me a sensação da notoriedade verdadeira. Verifiquei que a crônica esportiva era maior agente da paixão que a crítica literária ou jornalismo político. Tinha mais de vinte anos de exercício de imprensa e só com uma palavra arrancava, de uma multidão enfurecida, uma descarga de raiva como nunca sentira (Rego *apud* Ribeiro, 2007, p. 117).

Segundo aponta Oliveira (2018, p. 44-45), *A Gazeta Esportiva* teve tiragens recordes de 500 mil exemplares, mas o declínio foi inevitável diante do protagonismo do rádio e da televisão. Já em 2001, com mais de sete décadas de circulação, apenas 14 mil exemplares diários estavam nas bancas, chegando em alguns momentos a apenas quatro mil. Por conta disso, desde 19 de novembro daquele ano, a publicação deixou de circular, “pela impossibilidade de simplesmente desaparecer, pois a dona do jornal, Fundação Cásper Líbero, era obrigada a manter

o título no mercado” (Ribeiro, 2007, p. 302). O caminho foi a migração para dois segmentos: o portal *gazetaesportiva.net* e a agência de notícias *Gazeta Press*, detentora de “um dos maiores acervos de fotos e notícias esportivas no país [...]” (Oliveira, 2018, p. 44-45).

Além das páginas, as ondas eletromagnéticas também foram porta de entrada para a popularização do esporte e, em especial, do futebol. No entanto, não há, necessariamente, uma linearidade em relação às transmissões do gênero no país. Barbeiro e Rangel (2013, p. 54-55) destacam que um estilo particular se formou a partir da tentativa e do erro. Nas primeiras transmissões pelo rádio, mencionam os autores, a linguagem da narração era direcionada à emoção e ao imprevisto, diferentemente do que ocorria na Europa, sem que houvesse tanta interpretação e empolgação nas narrações: “Os locutores chegavam a gritar para demonstrar a explosão do gol. Muitas vezes não se preocupavam com quem estava em volta e se o estádio estava lotado: eles falavam mais alto para não ter seu som abafado pelos urros da torcida enlouquecida” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 54-55).

O marco da ligação entre futebol e rádio, segundo relata Costa (1999, p. 71), acontece “por volta dos anos 40 e 50”. Na década anterior, especialmente a partir da iniciativa da Rádio Nacional que, com transmissões por todo o país, construiu-se uma “escola” brasileira de transmissões ao vivo, aumentou o público das partidas à casa dos milhões, como ressalta Gastaldo (2011). Como consequência, aponta o autor, houve a centralização midiática no Rio de Janeiro, à época sede do Distrito Federal, assim como a dispersão de torcedores das equipes cariocas pelo interior do Brasil.

A nível mundial, o desenvolvimento das coberturas também foi impulsionado pelos grandes eventos como Olimpíadas e Copas do Mundo. Foi durante um destes acontecimentos, o mundial de 1938, que “foi realizada a primeira transmissão de rádio intercontinental” (Gastaldo, 2011, p. 44). A evolução é visível mesmo se dermos um salto no tempo: afinal, “na Copa de 1998 foi feita a primeira transmissão internacional de televisão de alta definição (HDTV)⁴, enquanto na última Copa, na África do Sul (2010), foi realizada a primeira transmissão internacional de tevê em 3D (fonte: FIFA; COI)” (Gastaldo, 2011, p. 44).

⁴ *High Definition Television*.

Voltando à década de 1930, foi quando o futebol passou a ser um evento mais midiático, porta de entrada para que pudesse, depois, despertar o interesse dos meios audiovisuais, principalmente entre 1950 e 1960. Costa (1999, p. 71) menciona que, entre outras mudanças, havia mais criatividade nas narrações – vindas do rádio – com a avaliação de que “o nascimento de um veículo de comunicação não invalidou o antigo, ou suprimiu o anterior, todos convivem entre si, e existe um mercado consumidor para cada um deles” (Costa, 1999, p. 71). Era uma pista de que, independentemente do meio, e com o passar do tempo, os esportes e, destacadamente, o futebol, tinham impacto nas práticas da imprensa do país.

Na afirmação do jornalismo esportivo no país, o rádio e a TV tiveram papel fundamental. Começando pelas ondas sonoras, é possível destacar que a função de repórter de campo surgiu no meio, tendo na figura do locutor Silvio Luiz um propulsor da audiência, diante da disputa entre as rádios concorrentes – Tupi e Paulista – do eixo Rio-São Paulo (Oliveira, 2018). Na Paulista, era ele o responsável por carregar “um pesado equipamento, correndo de um lado a outro na beira do gramado atrás de jogadores que entravam e saíam de campo. As quedas eram inevitáveis e, enquanto trabalhava, a torcida divertia-se com seus tombos” (Ribeiro, 2007, p. 143).

Ainda segundo Ribeiro (2007), a Rádio Educadora Paulista foi a primeira na história do rádio a transmitir uma partida de futebol na íntegra. A audácia de um estudante de Direito e jovem locutor, Nicolau Tuma, o levou a convencer a chefia que se realizasse a transmissão da vitória do São Paulo, por 6 a 4, diante do Paraná, em 19 de julho de 1931, em partida válida pelo Campeonato Brasileiro. Tuma, sem saber, destacava o potencial imagético das partidas de futebol quando, a poucos minutos do início do jogo, anunciava aos ouvintes:

“Como repórter, vou transmitir daqui tudo aquilo que for acontecendo no campo... Como vocês sabem, o campo de futebol é um retângulo. Então vocês façam um retângulo aí em sua frente, numa cartolina... Ou então, peguem uma caixa de fósforos. A caixa de fósforos é um retangulzinho, não é? Agora sim, a caixa de fósforos é o campo. Do lado esquerdo vão jogar os paulistas, do lado direito, os paranaenses” (Tuma *apud* Ribeiro, 2007, p. 55).

A condição das transmissões esportivas chegou à TV depois de um percurso considerável, a partir da década de 1930, como aponta Oliveira (2018, p. 55), quando uma partida de beisebol foi transmitida em 1935. Por sua vez, a Alemanha

transmitiu os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936; enquanto no ano seguinte a Inglaterra transmitiu um torneio de tênis de Wimbledon em 1937 (Tubino *et al.*, 2007). Desta maneira, “a primeira transmissão esportiva realizada na íntegra pela TV só viria a acontecer em 1948, nos Jogos Olímpicos de Londres, pela BBC” (Oliveira, 2018, p. 55).

Em especial a partir da segunda metade do século XX, transformações significativas ocorrem: com o protagonismo da televisão no Brasil, a partir de 1950, o país pode experimentar a assimilação do esporte pelas massas – por conta da fixação do futebol, sobretudo. Foi um período representativo também por conta da proximidade, por alguns meses, da traumatizante derrota para o Uruguai na final da primeira Copa do Mundo disputada no país. Ribeiro (2007) aponta que a primeira transmissão ao vivo de uma partida de futebol televisada no Brasil foi em 15 de outubro de 1950, quando a primeira emissora de TV do país, a Tupi, tinha menos de um mês de inauguração, na cidade de São Paulo.

Para a transmissão, destaca o autor, “o público presente ao estádio do Pacaembu para assistir à partida entre Palmeiras e São Paulo era milhares de vezes superior ao número de aparelhos receptores” (Ribeiro, 2007, p. 135). Em torno de “duzentos privilegiados, no máximo, conseguiram acompanhar depois, em casa, as primeiras imagens de uma partida de futebol transmitida pela televisão” (Ribeiro, 2007, p. 135). Assim, mesmo com o fracasso brasileiro em casa, na Copa do Mundo de 1950:

o torcedor das arquibancadas parecia cada vez mais seduzido pelo futebol. Grande parte dessa paixão desenfreada poderia ser creditada à mídia esportiva, que crescia em ritmo acelerado. O fenômeno televisão era apenas mais uma ferramenta para atrair mais e mais torcedores para as discussões em torno do futebol (Ribeiro, 2007, p. 137).

Segundo entende Costa (1999, p. 74), com apoio da imagem, situação explorada também por outras modalidades, era um fenômeno que buscava unir a “beleza ao gesto técnico, buscando a imagem mais que espetacular”. O esporte é, assim, “o parceiro preferencial da espetacularização na mídia televisiva, porque oferece, em contrapartida, o show já pronto; possui elementos fortes para esta parceria, porque ganha características de um show de entretenimento” (Costa, 1999, p. 74). Seria esse um reflexo da sociedade técnico-industrial, com características do próprio tempo, como é o caso do futebol. Costa (1999, p. 86) avalia que, neste

contexto, resultados ultrapassaram a importância do jogo: “a estatística da vitória, a análise matemática do jogo, passou a ser superior a jogar. Esse é um fenômeno presente em quase todos os esportes e cresceu concomitantemente ao desenvolvimento do sistema capitalista”.

Neste sentido, os jornais também eram atingidos e as iniciativas começavam a se expandir por outros estados. Na capital gaúcha, o *Correio do Povo* lançou *A Folha Esportiva* em 1949 (matutino, durou até 1963 [sic])⁵. O *Estado de S. Paulo* foi o último da grande imprensa a dedicar mais espaço aos esportes, especialmente depois da conquista do título mundial de futebol pelo Brasil, em 1958 (Ribeiro, 2007).

Além destas iniciativas, conforme ressalta Silveira (2009, p. 22): “No Rio de Janeiro, a *Revista do Esporte* vive um bom momento entre o fim da década de 50 e início dos anos 60”. Desta forma, somente no fim da década de 1960, “os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Ou melhor: em São Paulo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro” (Coelho, 2004, p. 10). Neste período, Barbeiro e Rangel (2013, p. 55) ressaltam que mesmo um jogo violento e de baixa qualidade poderia se transformar em um quase-romance: “Dessa época para cá, os principais jornais de São Paulo e do Rio lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram como se tratasse de objeto supérfluo. Gastar papel com gols, cestas, cortadas e bandeiradas nunca foi prioridade” (Coelho, 2004, p. 10).

É importante ainda considerar que o *Jornal dos Sports* foi o carro chefe na reportagem esportiva, sobretudo futebolística, entre as décadas de 1940 e 1960, enquanto a TV nem havia chegado ao país e, pouco tempo depois, neste intervalo, já construía seu protagonismo. Tênis, golfe, remo, atletismo, boxe, hipismo, eram todas modalidades contempladas pela publicação, segundo escreve Hollanda (2012). Além disso, assuntos como a ciência, a educação e a cultura eram pauta do jornal (Oliveira, 2018).

O *cor-de-rosa*, como era conhecido, representou, em certa medida, um marco emancipatório do jornalismo esportivo brasileiro (Hollanda, 2012) não apenas

⁵ Vale ressaltar que a *Folha da Tarde Esportiva* nasce em 1937, dois anos depois da *Gazeta Esportiva*. Primeiro em periodicidade semanal, às segundas-feiras, e, depois, em 1949, como diário, chegando a 50 mil exemplares. A circulação é interrompida, sim, em 1964 – o que pode ter motivado a confusão de datas – e retomada três anos mais tarde. Como veículo diário, a *Folha* se manteve até 1969, época da criação da *Folha da Manhã*, publicação em que ficou encartada até o seu fim, em 1973. A *Folha da Manhã* teve o mesmo destino sete anos mais tarde, em 1980 (Cardia, 2009).

por conta da presença de Mário Filho, mas também pelo time de colunistas, pelo contexto social e pela qualidade técnica das reportagens (Oliveira, 2018). Por cinco décadas no auge, o *Jornal dos Sports* começou a perder força com a morte de sua figura-chave, em 1966. A partir de 1990 a situação começou a piorar até que, em 2007, a publicação deixou de circular, como destaca Oliveira (2018).

Pensando no legado deixado pelas publicações impressas, é relevante pontuar que o contexto dos relatos esportivos, ao menos até a década de 1970, se dava em grande parte por meio da crônica, em que idolatria e dramaticidade eram a tônica, com a perspectiva voltada não tanto à partida em si, ao resultado, mas às reações das torcidas e à personificação dos jogadores e suas ações em campo – já que o futebol ganhava cada vez mais as páginas dos periódicos.

Foi durante esta década, também, que outra situação representativa ocorreu no jornalismo esportivo brasileiro, segundo pontua Oliveira (2018): as mulheres passaram a estar nas coberturas esportivas, tanto pelo rádio quanto pela TV. Tanto que “até esse período, com raríssimas exceções, mulheres não conseguiam entrar no fechado clube masculino das transmissões esportivas. Uma equipe inteira, então, era pura utopia” (Ribeiro, 2007, p. 220). Então, como ressalta Oliveira (2018), Roberto Montoro, diretor da Rádio Mulher, criou uma equipe de transmissão exclusivamente formada por mulheres:

Só mulheres trabalhavam na equipe, dentro e fora das transmissões. A narração era feita por Zuleide Ranieri Dias; os comentários, por Jurema Iara e Leilá Silveira; nos comentários de arbitragem, Lea Campos – que também era juíza –; na reportagem, Germana Carili, Claudete Troiano e Branca Amaral; no plantão, na sede do rádio, ficavam as locutoras Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro. Até o transporte da equipe era feito por uma mulher, Tereza Leme. Na parte técnica, a sonoplastia ficava por conta de Regina Helô Aparecida (Ribeiro, 2007, p. 221).

A iniciativa, no entanto, não durou muito tempo. Após cinco anos, saiu do ar, mais uma prova do preconceito que se manifesta dentro e fora das redações, sobretudo no esporte. Ribeiro (2007, p. 221) traz à tona o depoimento da narradora Zuleide Ranieri, para quem, apesar de haver incentivo de alguns colegas, “a maioria ficava atenta aos possíveis erros cometidos durante as transmissões e criticavam o fato de terem de dividir o mesmo local de trabalho conosco”. O quadro, portanto, era extremamente hostil, tanto que a emissora entendeu, depois deste período, que “estavam faltando homens na equipe” (Ribeiro, 2007, p. 221). Apenas duas décadas

depois, já em 1991, essa situação se reverteria com a presença de Regiane Ritter, repórter e comentarista da *Rádio Gazeta*, que “chegou a conquistar o prêmio de melhor jornalista esportiva do estado de São Paulo naquele ano” (Oliveira, 2018, p. 54). Apesar disso, é notável a condição marginal ocupada pelas mulheres diante da misoginia prevalecente no universo do jornalismo esportivo.

Essa condição só teve mínimos e insuficientes avanços a partir da década de 1980, quando as restrições a mulheres repórteres de futebol diminuíram (Coelho, 2004). Ainda hoje, porém, esse contexto é injusto e incômodo. O que é representativo, sobretudo, é a crescente – mas ainda muito pontual – da presença da voz feminina nos espaços de comentário e narração esportiva, por exemplo. É um reflexo dos tempos, como também foi o que motivou a diminuição dos relatos mais afeitos à crônica em nome de uma pretensa precisão, a partir dos anos 70, com:

o surgimento de uma publicação segmentada, a Revista Placar. O crescimento é inevitável e na década de 90 era comum a editoria de esporte contar com cerca de 30 profissionais. Número que serve de balizamento para Paulo Vinícius Coelho, juntamente com outros jornalistas, formar o diário Lance! (Silveira, 2009, p. 23).

A *Placar*, revista semanal lançada em março de 1970, marcou época no jornalismo esportivo brasileiro (Lima; Brasileiro, 2016). Como lembra Coelho (2004), o estabelecimento de uma revista esportiva de publicação regular chegou tardiamente ao Brasil, enquanto países como Argentina e Itália já tinham publicações voltadas aos esportes desde 1927. Por aqui, como parte da cartela de publicações do Grupo Abril, e no início concorrente do já citado *Jornal dos Sports*, a *Placar* encarou um período complexo da história brasileira: a Ditadura Militar. Entre possíveis censuras, chegou a vender mais de 100 mil exemplares por semana durante a Copa de 1970, e 500 mil na primeira edição (Hollanda, 2012). Pesavam a favor os profissionais consagrados que passavam a fazer parte do quadro da revista. Oliveira (2018) ressalta que a proposta editorial envolvia até mesmo o recurso da charge como forma de construir um discurso engajado e crítico. Neste sentido:

A maior e melhor revista esportiva do Brasil, publicada pela Editora Abril, surgiu no auge da efervescência política do país e no olho do furacão da crise instalada com a demissão do técnico da Seleção Brasileira às vésperas da disputa da Copa do Mundo do México. Placar, idealizada pelo jornalista e advogado Cláudio de Souza, era destinada a leitores

interessados em reportagens mais elaboradas, inteligentes, escritas por feras do jornalismo esportivo (Ribeiro, 2007, p. 208).

Um dos trunfos da *Placar* foi compreender em qual momento histórico estava. Malaia (2012, p. 169) aponta, por exemplo, a divisão da divulgação esportiva não só entre jornais, mas também entre rádios, TVs e revistas. A *Placar*, então, se propunha uma abertura ao posicionamento dos jogadores, que “não se furtavam a declarar seu posicionamento político no período”. Como pontua Oliveira (2018), mesmo a contratação do sociólogo e jornalista esportivo Juca Kfourri era uma demonstração do interesse pela cobertura de acontecimentos e movimentos sociais como as Diretas Já e a Democracia Corintiana.

Desta forma, as estratégias para se aproximar da audiência eram variadas. Desde o posicionamento editorial até os slogans, procuravam refletir a postura da revista, tanto que “no início dos anos 1980, *Placar* passou a se chamar ‘Placar Todos os Esportes’, no final da década já era a ‘Placar Mais’ e nos anos 1990 passou a ser a ‘Placar: Futebol, sexo e rock & roll’” (Malaia, 2012, p. 169). Esta última iniciativa, é válido pontuar, tinha nas suas páginas um apelo sexista, estereotipado e objetificador das mulheres, tratadas não como protagonistas das práticas e dos acontecimentos esportivos, nem como espectadoras.

Nos anos de 1980 até o início dos anos de 1990, Barbeiro e Rangel (2013, p. 55) avaliam que a precisão teve mais espaço que a perspectiva voltada à crônica, o que “tornou o esporte quase frio”. Em uma linguagem mais descritiva, a proposta era equilibrar os aspectos emocionais com o relato factual, uma vez que o jornalismo esportivo “não vive sem emoção” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 55). A proposta foi adotada por jornais e revistas, apostando na “descrição em detalhes dos bastidores, a comprovação e explicação dos fatos esportivos” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 56).

Oliveira (2018) argumenta que outro veículo a utilizar estratégias efetivas de aproximação com o público foi o diário esportivo *Lance!*, criado em 1997 pelo economista Walter de Mattos Júnior. As características que notabilizavam a publicação – em formato tabloide, o primeiro totalmente colorido do país – envolviam um projeto gráfico e editorial assinados pelo designer catalão Antoni Cases. A inspiração vinha de diários estrangeiros, como o espanhol *Marca* e o argentino *Olé*. O público-alvo, formado por “torcedores consumidores”, via, ao mesmo tempo, a decadência da principal concorrente em São Paulo, a *Gazeta Esportiva*, além do declínio do *Jornal dos Sports* no Rio. A cobertura deveria, na proposta de Cases,

privilegiar um enfoque original e positivo das equipes, como “um lugar para o torcedor encontrar prazer, não sofrimento” (Stycer, 2012, p. 196). Mesmo sendo marcos do jornalismo esportivo brasileiro, *Gazeta Esportiva* e *Jornal dos Sports* tiveram seu declínio motivado sobretudo pelo momento de crise e pela desorganização das entidades esportivas do país no fim dos anos de 1980 (Oliveira, 2018). O argumento é corroborado por Stycer, quando sustenta que esse processo levou a uma espécie de modernização do futebol no Brasil – em direção à era dos patrocínios e dos clubes-empresa:

É possível pensar no impacto da televisão, que passa a transmitir jogos de futebol com alguma frequência (e em cores, com o advento da nova tecnologia) a partir da década de 1970, e em ritmo massificado na década seguinte, mas é uma hipótese de difícil verificação. É notório que o rádio, usado de forma intensiva em transmissões esportivas justamente a partir da década de 30, não afetou o interesse pelos jornais esportivos, muito pelo contrário. Se for correta a hipótese que A *Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports* cresceram apoiados na popularização do futebol, faz sentido imaginar que tenham começado a decadência no momento em que a desorganização atingiu o auge e os clubes enfrentaram a maior crise de sua história (Stycer, 2012, p. 191).

Nesta reflexão – e dando um salto temporal –, durante a última década do milênio, a divulgação esportiva se expandia em território brasileiro. Lima e Brasileiro (2016) ressaltam que, com as novas dinâmicas de produção e um entendimento diferenciado da representatividade dos esportes, em especial o futebol, no cotidiano das pessoas, os jornalistas precisariam se atualizar. Foi o que o diário *Lance!* fez, ao inaugurar sua versão digital (Lima; Brasileiro, 2016), dando o pontapé inicial à virtualização do jornalismo esportivo no país. Em discussão, estavam a reestruturação do futebol, a comercialização dos direitos de TV e a reorganização dos clubes como empresas, a explorar o potencial de aproximação com os públicos Oliveira (2018).

De acordo com Stycer (2012), perto do aniversário de 15 anos do *Lance!*, em 2012, a tiragem estava acima de 100 mil exemplares diários, com representatividade no mercado editorial brasileiro. Na proposta da publicação, a apresentação das informações por meio de uma linguagem mais visual do que textual era uma das estratégias da publicação, “uma espécie de vitrine, um canal de comunicação entre o mundo do futebol e o seu potencial público consumidor” (Stycer, 2012, p. 197).

Como destaca Hollanda (2012, p. 19), a proposta do *Lance!* era a de um tabloide segmentado, com um público de renda elevada, que põe “em suspeita a visão estereotipada do perfil medíocre que cerca a imagem do leitor-torcedor”. Essa postura questionava a visão de que o público identificado com esportes e, destacadamente no Brasil, com o futebol, é ligado a interesses “menores”. Segundo descreve Oliveira (2018, p. 50), pesquisas posteriores apontaram que leitores pertencentes às classes B e C já formavam 45% do público do jornal. Assim, era possível visualizar o leitor do *Lance!* como “um jovem de classe média abonada que vai à janela do apartamento gritar ‘chupa!’ quando seu time ganha, protegido de um outro leitor do jornal, de origem humilde, que passa embaixo, na calçada, e não pode alcançá-lo” (Stycer, 2012, p. 199).

Fazendo um apanhado sobre a publicação, chegou aos 24 anos de existência como principal diário esportivo do país, contando com conteúdo multimídia e tentando passar pelo processo de convergência midiática comum aos veículos da imprensa brasileira. No entanto, o cenário apresentado pela pandemia de Covid-19 foi o estopim para que a versão impressa deixasse de circular. Por sua vez, a *Placar* segue com edições mensais, voltando-se também à produção de revistas temáticas, guias das competições relevantes, sobretudo do universo futebolístico.

De certa forma, essa alteração de contexto teve uma virada já no fim da década de 1990 no Brasil, quando, além da introdução da internet comercial no país, também a imprensa se redesenhava. O *pay-per-view* diversifica a cobertura, e se altera a forma de se produzir notícias ligadas à temática nos anos 2000 – situação que veio com uma década de atraso em relação a outros países (Boyle, 2017). Nesses locais, “uma competição ferrenha se estabelece entre os jornais esportivos – a exemplo dos diários de Madri, *As* e *Marca* -, assim como entre os pacotes de canais digitais da TV a cabo, como a ESPN, Eurosport, TVA Sports, Canal + Sport, etc. (no caso da televisão francesa)” (Aron *et al.*, 2021, p. 11).

Se em décadas passadas havia dúvida sobre a relevância de uma programação dedicada ao esporte nos jornais e no rádio, a televisão – seja aberta ou a cabo – tratou de estabelecer ainda mais a cultura futebolística no imaginário brasileiro – sobretudo em uma época de inserção popular à cultura de massa. Depois, com a virada digital da última década do milênio, o panorama jornalístico foi dramaticamente remodelado, segundo avalia Boyle (2017, p. 494, tradução nossa):

[...] estando o jornalismo esportivo muitas vezes na vanguarda desta transição, à medida que o jornalismo se deslocava para o mundo on-line e muitas novas fontes de informação [...] se tornavam disponíveis em torno da cultura esportiva. A crise empresarial no jornalismo impresso chegou à porta dos jornalistas esportivos um pouco mais tarde do que noutros setores, mas chegou. À medida que o financiamento do jornalismo passa a ser o centro das atenções como motor na definição das novas trajetórias do jornalismo, aqueles que trabalham no esporte também tiveram de se adaptar e reinventar [...] (Boyle, 2017, p. 494, tradução nossa).

Assim, interpretam Sherwood e O'Donnell (2017, p. 1), “o modelo tradicional de jornalismo nas sociedades ocidentais, dominado por meios de comunicação tradicionais, como jornais e televisão, sofreu mudanças fundamentais no século XXI [...]”. Como consequência, observa Ribeiro, (2007), o jornalismo esportivo desta época tem características próprias ainda que siga os passos de um desenvolvimento histórico recente em relação a outros campos dentro do jornalismo – como se disse, por um século. O esporte, sobretudo o futebol, adentra espaços independente do meio de veiculação – do rádio à TV, dos jornais à internet, na tentativa de alcançar um público que, apesar de ter interesses segmentados, é conectado a eles não apenas pela necessidade de informação, mas pelo afeto, por uma construção que o atravessa por vias racionais e emocionais. Cabe, portanto, observar os contextos para reconhecer o campo do jornalismo esportivo.

2.3 CONTEXTOS PARA RECONHECER O CAMPO: JORNALISMO ESPORTIVO

Como o meia que ronda a entrada da área, o esporte é um fenômeno social que adentra os poros do cotidiano, fazendo com que as pessoas dediquem tempo e afeto consideráveis, em maiores quantidades que uma série de âmbitos da vida em sociedade (Helal, 2021). Neste contexto, o jornalismo esportivo convive com um paradoxo em relação ao próprio campo ao qual pertence, como um dos discursos que atravessam a enunciação jornalística (Ringoot; Ruellan, 2007). É frequentemente considerado o “primo pobre”, o “patinho feio” dentro do campo profissional, sem que tenha o privilégio de contar com a integridade que jornalistas costumam atribuir ao próprio trabalho (Weedon *et al.*, 2018; Perreault; Bell, 2022).

Se o jornalismo mesmo se entrelaça com a sociedade em que atua, o esporte segue a mesma tendência, como um espaço de representação e manifestação cultural (Tavares Júnior, 2017). Parte do cotidiano muitas pessoas,

quando amplificado por jornalistas, pode ressaltar a própria relevância. É o que menciona Vilas Boas (2005, p. 9), ao dizer que o esporte “é talvez o mais democrático dos temas. Atrai pessoas de todas as idades, de todas as camadas sociais, de todos os cantos. Tornou-se um fenômeno lucrativo considerável, negócio de proporções mundiais, motivo para tendências e modismos”. É relevante ressaltar que:

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e conseqüentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol - como os demais esportes - dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto (Coelho, 2004, p. 9).

Assim, para que se compreenda o que representa o jornalismo esportivo – em especial após passar por um panorama dentro do campo jornalístico – é preciso considerar seu significado – abrangente, sobretudo. O Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte (2007, p. 719) descreve: “[...] é uma atividade especializada de Jornalismo na qual são transmitidas informações, opiniões (interpretações e críticas) e análises do esporte em qualquer aspecto de sua abrangência sociocultural”.

Ultrapassando o enfoque estritamente formalista, Borelli (2002) indica que as características do jornalismo ligado aos esportes são retratadas de forma restrita em uma série de publicações em estilo de manual de redação (Barbeiro; Rangel, 2013). É importante, inicialmente, trazê-las à discussão para que se compreenda de que maneira essa especialidade é abordada em publicações deste tipo, que privilegiam especificamente as práticas do jornalismo esportivo. Um exemplo é a obra de Barbeiro e Rangel (2013), que ressalta a utilidade de etapas do processo produtivo do jornalismo para o campo esportivo. Os autores recomendam a checagem de dados citados nas reportagens, prevenindo-se à ânsia de publicar antes; destacam a necessidade de recorrer a legislações específicas sobre determinados esportes, além de outros procedimentos jornalísticos, como a pauta, que representa o início de uma boa reportagem:

Ela diz ao repórter o que está acontecendo, onde e quem deve ser entrevistado. Quanto mais detalhada for, mais ajuda o trabalho do repórter e, portanto, colabora para uma boa matéria no fim do processo.

Evidentemente que um bom repórter não terá sua criatividade cercada pela pauta. Ao contrário, a usará apenas como um bom roteiro (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 24-25).

Barbeiro e Rangel (2013, p. 19-20) partem de reflexões estritamente básicas sobre a prática jornalística para oferecer recomendações aos repórteres esportivos. Por exemplo, quando citam que a reportagem é a alma e a essência do jornalismo⁶. De acordo com os autores, “apurar e divulgar notícias, contar uma boa história, que seja verdadeira, que tenha sido bem checada e que responda às perguntas básicas do *o quê, quando, onde, quem e por quê* é o dever de todo bom jornalista”. Importam também quais perguntas são feitas a quais pessoas e em quais momentos, sendo esse um instrumento de trabalho do profissional.

Na mesma dinâmica, Coelho (2004, p. 41) indica que a informação deve ser prioridade para contar uma boa história, além daquelas essenciais, da conexão e do desdobramento de ideias para tornar o relato atraente: “Tudo isso é bom jornalismo. É a síntese da profissão, que vive de apurar informações inéditas e construir matérias corretas. O que não exclui que quanto mais bem formado for o jornalista, mais fácil será adquirir técnica”. Argumento reforçado por Barbeiro e Rangel (2013, p. 52) quando destacam a necessidade de tornar o texto interessante dispondo de “informações relevantes distribuídas de maneira clara e criativa”, em uma estrutura encadeada, em que cada linha e parágrafo despertam o interesse pelo próximo.

As recomendações presentes em manuais são sintéticas e diretas, apontando para: a necessidade de prestar atenção à gramática; tomar cuidado com os estrangeirismos exagerados – que às vezes chegam a ser característica do esporte – e o excesso de gírias – a depender da situação; a necessidade da avaliação dos envolvidos dentro e fora do jogo, entre tantas outras possibilidades. Como quem investiga, é fundamental que o repórter esteja bem informado, saiba quais são os personagens envolvidos, e que também: “levante há quantos jogos tal time está sem perder ou há quantos aquele está sem ganhar, gols sofridos, recordes individuais, recuperação das contusões. Tudo é notícia e faz parte da linguagem do esporte” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 56-57). Para isso, ser didático é importante, na tarefa de:

⁶ Vale apontar que, nesta pesquisa, compreende-se que o Jornalismo possa ser tratado com mais variabilidade, como “os Jornalismo”, escapando de uma concepção única, determinada e excludente de outras abordagens.

[...] decodificar sempre. É verdade que uma parte do público não acompanha o esporte, mas quando há um grande acontecimento, passa a fazê-lo. Piadinha à parte, ele tem o direito de entender o que se passa e para isso é necessário explicar técnicas, regras e termos usados na competição. [...] É preciso conquistar audiência sempre, e uma das formas é com uma linguagem acessível aos “leigos” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 57).

Afinal, complementa Maluly (2010, p. 2), é possível fazer um texto solto, recontar (e modificar) a história pelos detalhes, como os observados nos movimentos e habilidades, e não apenas descrever o resultado”. Especificamente no futebol, a imprensa é o espaço em que a vida do esporte transcende os noventa minutos, “adentrando em nosso imaginário, em nossa conversa cotidiana, se perpetuando através de histórias e narrativas coletivamente compartilhadas” (Costa, 2010, p. 66). Importam as boas histórias, independentemente de onde estejam. Como acredita Paulo Vinícius Coelho, podem estar mesmo na análise tática sobre o jogo de futebol, que:

vai sempre valer relatos dignos de fazer o torcedor mais fanático se arrepiar tanto quanto a descrição perfeita de partida de futebol. A conquista do título, a jogada brilhante, a história comovente, sempre fizeram parte do esporte. E sempre mereceram o tom épico que desapareceu das páginas de jornais e revistas e dos relatos de emissoras de rádio e de televisão (Coelho, 2004, p. 23).

Mario Erbolato (1981, p. 13-14) acredita, por isso, na necessidade de mergulhar no oceano dos esportes para compreendê-los de forma mais adequada. Entre as indicações, o autor destaca que o repórter esportivo deve conhecer regras e regulamentos das modalidades que cobre, situações ligadas à arbitragem das partidas esportivas, funcionamento de caráter político e organizacional dos clubes, ligas, federações e confederações, transferências, proibições aos atletas, *doping*, justiça desportiva, entre tantas outras possibilidades que envolvem o jogo – além das disputas pura e simplesmente. Para isso, vale escutar especialistas, seja para se atualizar ou entender melhor assuntos pouco tratados no cotidiano do esporte, como política e direito esportivo (Barbeiro; Rangel, 2013).

Rojas Torrijos (2010) sustenta uma discussão sobre materiais dispostos em manuais – com uma perspectiva operacional da prática, muitas vezes carente de uma reflexão mais apurada – a partir dos veículos ibero-americanos ao propor uma espécie de guia para produtos jornalísticos esportivos. O autor trata da utilização de técnicas tradicionais do jornalismo generalista, como o texto em formato de pirâmide

invertida e o uso do *lead*, definindo formatos de texto que, na cobertura esportiva, se aproximam mais ou menos da proposta ampla do jornalismo.

É um argumento utilizado por Unzelte (2009, p. 7), quando ressalta que, para ser jornalista esportivo, é interessante ter, além do gosto pela atividade, o empenho na escrita, na busca por informação, afinal, “bons jornalistas podem se transformar em bons jornalistas esportivos, porém maus jornalistas serão sempre maus jornalistas, no esporte ou em qualquer outra editoria”. Barbeiro e Rangel (2013, p. 119) comentam que “a mesma isenção, postura investigativa, independência, equilíbrio, boa-fé, exigidos dos jornalistas que cobrem outras áreas, devem ser cobrados dos jornalistas esportivos”.

Partindo de um pressuposto mais mercadológico, Unzelte (2009, p. 8) compreende que quem tem interesse em fazer parte da área esportiva deve, antes disso, se concentrar em ser um bom jornalista, e a especialização virá como consequência. Assim, “não basta saber escalações de equipes e listas de campeões de cor, conhecer esquemas táticos, ‘e entender’, enfim, de futebol ou de outros esportes” (Unzelte, 2009, p. 9). Nos seus parâmetros, apenas gostar de esporte há muito tempo não é suficiente e nem garante sucesso. É indispensável, de acordo com ele, “saber traduzir isso em uma boa reportagem, em um bom texto, em um título ou chamada (no caso da TV ou do rádio) que prenda a atenção”.

Ao pensar neste propósito, de fisgar o público, há, enfim, uma vantagem: de um dia ter sido torcedor e, por isso, entender como a cabeça do público funciona. Pode servir em complemento, mas não substituir a capacidade de transformar conhecimento específico em determinado assunto em matéria jornalística, com coesão e estilo (Coelho, 2004). Sobretudo, como ressalta Beting (2005, p. 16), a tarefa não exige só gosto ou talento, mas aprimoramento:

Sair da ladainha pede um pouco mais de entendimento. “Determinação”, diriam os entendidos. O futebol se envolve em campo, mas não apenas na hora do jogo. Se os times passam a semana treinando, aprimorando fundamentos, ensaiando lances, executando estratégias, estudando os adversários, por que a imprensa não pode e não deve fazer o mesmo? (Beting, 2005, p. 16).

Paulo Vinícius Coelho (2004, p. 39) lembra de uma metáfora para se referir especificamente ao futebol e à importância de se mostrar curioso, tanto quanto um garoto de 12 anos, que “tem tempo de sobra e, quando gosta do assunto, dedica-se

a ele em tempo quase integral”. Ao ouvir, assistir e ler de tudo que publicações, rádio, TV e internet colocam à disposição, saberá o que é possível sobre o próprio time: “Ele lhe dará o calendário, os próximos jogos, a partida que passou, o último reforço, os desfalques para a próxima rodada. Se for apaixonado, o garoto de 12 anos certamente já decidiu o que quer ser quando crescer: jogador” (Coelho, 2004, p. 39-40). Como na imensa maioria das vezes esta vontade não se concretiza, para Coelho, é justamente a faixa etária em que passa pela cabeça da criança ser um profissional, um jornalista dedicado aos esportes.

Neste sentido, Castañón Rodríguez (2005, p. 4) ressalta o papel das emoções na composição dos relatos do jornalismo esportivo, considerando a estratégia de transformar este interesse em “magia cultural e arte”. O autor divide a linguagem jornalística esportiva em três níveis distintos, mas relacionados: a) técnico, voltado aos temas ligados ao esporte; b) de difusão, relacionado à necessidade de adaptações e de dar condição para a realização de boa transmissão de um evento esportivo; e c) literário, pensando em criar mensagens com propósito artístico, sobretudo, o que faz com que a dimensão de difusão da linguagem aproxima a linguagem esportiva da jornalística em geral, enquanto os dois outros reforçam as diferenças (Mello, 2020). Em certo sentido, pode-se considerar que o esporte ganha existência social porque:

[...] passa por procedimentos técnicos, teóricos e por uma grande conversação empreendida no cotidiano, seja pela construção da agenda midiática ou pelas falas dos atores sociais – da opinião pública. Sem o empreendimento da linguagem sobre o esporte, ele passa a ser apenas uma atividade regrada, praticada pelos seus atores, ficando limitada à experiência daqueles que o vivenciam (Borelli, 2002, p. 3).

Assim, com a intenção de não ser apenas um dos primeiros, mas sim o melhor dos jornalismo especializados, ao jornalismo esportivo resta equilibrar o que há de sério no entretenimento – relação conturbada, que integra o segmento –, verificar o funcionamento do conjunto que está atrás do espetáculo, buscar criatividade informativa ao invés do exagero habitual, e em especial, assumir os compromissos de um exercício jornalístico competente (Pérez, 2009, p. 11, tradução nossa). Menos desenvolvido historicamente que outras áreas, o jornalismo esportivo ganha quando deixa de ater-se apenas a resultados e factuais e passa a agregar potencialidades oferecidas por outros gêneros jornalísticos (Silva, 2015).

Ultrapassa-se, assim, a esfera da especialização recreativa à qual o segmento foi relegado historicamente, uma vez que, como indica Boyle, citado por English (2017, p. 535), fazer jornalismo esportivo não é somente promover o jogo e entreter.

Perspectiva adotada por Oselame (2013, p. 72), ao dissertar que “o essencial é não se deixar iludir pelo infotimento, confundindo uma notícia com uma linguagem mais leve [...] com uma cobertura sem qualquer compromisso com o interesse público”. Pelo contrário, como indica Rojas Torrijos (2010, p. 333), a linguagem esportiva deve prezar pela “criatividade e sua capacidade de explorar todas as possibilidades expressivas [...] ampliando seu campo de ação para novas palavras e acepções e as pondo a serviço da informação e o entretenimento em suas mensagens”. Trata-se, portanto, de uma discussão que carece de refinamento conceitual. É relevante refletir que:

[...] a linguagem jornalística torna-se uma forma de escrita industrial que busca emoções e cria uma estratégia de ilusão para transformar a ênfase e a paixão do campo esportivo em magia cultural e arte. Ele é submetido a sessões de fantasia que ampliam suas capacidades expressivas e geram imaginários para serem vividos em clamor. Nele coexistem, cruzam-se e reforçam-se três níveis: o nível técnico com a terminologia do futebol profissional, o nível de divulgação com as transformações que a comunicação faz para chegar de forma mais eficaz à sociedade, e o nível literário com a utilização de recursos especiais para criar mensagens com intenção artística (Castañon Rodriguez, 2005, p. 4, tradução nossa).

Ainda que a seção esportiva compartilhe valores com o jornalismo dito convencional, como a linguagem coloquial, é preciso considerar as especificidades relacionadas ao campo do desporto e suas coberturas. Esta é uma característica que costuma afastá-lo da prática tradicional, gerando conflitos, como limitar as liberdades estilísticas associadas ao segmento. No jornalismo esportivo, “de natureza interpretativa por ter de narrar fatos [...] que podem ser ambíguos, é fácil considerar que se ultrapassa a linha interpretativa para chegar à opinião em textos que são informativos e classificados como tal” (Gómez Bueno, 2012, p. 153).

É justamente em direção à discussão sobre o significado e a conceituação do jornalismo esportivo que Tavares Júnior (2017) parte do contexto brasileiro recorrendo a perspectivas de pesquisadores da área. Se a história do segmento ultrapassa os pouco mais de cem anos, não havia, até algumas décadas atrás, “muitas fontes de consulta do jornalismo esportivo, talvez em razão do seu

aparecimento tardio, de sua condição de filho bastardo do jornalismo”, que aos poucos conquistou espaço (Fonseca, 1981, p. 18).

Enquanto alguns estudiosos compreendem que o jornalismo esportivo adentra o âmbito especializado estritamente como uma editoria – tradicionalmente relacionada a uma seção do jornal impresso, ou que se manifestam por meio de publicações segmentadas, outros estudiosos preferem a expressão “jornalismo sobre esportes” ou mesmo “aplicado ao esporte”, porque o jornalismo é a linguagem “social e cultural mais adequada para socializar os discursos onde há conflitos e o esporte é essencialmente, um ambiente de conflitos”, argumenta Manuel Chaparro (Tavares Júnior, 2017, p. 44). Seria, portanto, uma instância de organização de informações deste teor, “que se debruça sobre acontecimentos esportivos, especialmente o esporte de alta competição, de alto rendimento, o esporte competitivo” (Tavares Júnior, 2017, p. 41-42). Como define o professor Ary Rocco Jr. (Tavares Júnior, 2017, p. 46):

Jornalismo esportivo é uma especialização do jornalismo que especificamente trata ou deveria tratar de todas aquelas pautas relacionadas ao universo do esporte: prática esportiva, fomento ao esporte, megaeventos esportivos, competições esportivas, o atleta, o treinador; ou seja, todo aquele universo que efetivamente é responsável pelas modalidades esportivas e pelas competições esportivas em nível local, nacional, internacional e fomento do esporte.

Outra percepção trazida pelo artigo de Tavares Júnior (2017, p. 47) é a de que essa forma de produção jornalística é basicamente voltada ao que se diz sobre esporte nos variados meios de comunicação, com a crítica de que, sobretudo na grande imprensa brasileira, o futebol ganhe mais visibilidade e centralize as pautas. Destaca-se, a partir da colocação do professor Felipe Lopes, que é importante a variação da cobertura para outros esportes, e uma mudança de direção, no sentido de configurar o espaço esportivo não apenas como expositor e incentivador da leveza e do entretenimento, “mas configurar esse espaço de tal modo para que ele seja utilizado para que possamos pensar os significados e as funções sociais do esporte na sociedade contemporânea”.

Ao mesmo tempo em que se coloca em questão que a imprensa veicula perspectivas esportivas nas suas coberturas, é preciso notar que, em geral, são as práticas de alto rendimento – e os megaeventos, como Copas do Mundo de Futebol, especialmente masculinas, e Olimpíadas de Verão – que têm mais espaço. Vale

destacar que é um movimento de décadas, que inclusive motivou o direcionamento de olhares de pesquisadores interessados em observar e analisar as grandes coberturas esportivas como momentos complexos. Para isso, há uma série de motivos, em ciclos que vão além de eventos mundiais, em competições de vôlei, basquete, tênis, futsal, futebol local, regional ou nacional, entre outras modalidades: “há muitos interesses em jogo, há questões de ordem econômica, cultural, política, religiosa, etc., além disso, os eventos envolvem o mundo dos ‘olimpianos’, reunindo, assim, a atenção de milhares de pessoas em torno de um só movimento” (Borelli, 2001, p. 3).

Uma maneira de repensar a prática seria, em certo sentido, a de promover “um jornalismo que fale do esporte de uma forma total: mostra o esporte profissional, obviamente, [...] mas também mostra o amador, o universitário, o esporte que inclui, o esporte que trabalha com a terceira idade, com as crianças, o esporte na educação” (Tavares Júnior, 2017, p. 45). Ainda que se reconheça a influência editorial e os aspectos de sustentação dos veículos de comunicação, Cardoso (2018, p. 39), por sua vez, defende a necessidade de uma formação transdisciplinar do jornalista esportivo, para que exista a possibilidade de coberturas que problematizem a inclusão social, do caráter educativo e do interesse público usando abordagens que, se não completamente diferentes, consigam usar recursos e contar histórias.

A crítica se dá aos esportes-desempenho, interessados em “resultados, vitórias, recordes, títulos esportivos, projeções na mídia e prêmios financeiros” (Tubino, 2010, p. 43), sem que se considere o esporte enquanto fenômeno social, formador da personalidade – e, também por isso, levando com cada vez mais frequência à participação de outras personalidades nos espaços midiáticos, um indicativo da dificuldade de os profissionais da imprensa darem conta de tratar do esporte (Cardoso, 2018, p. 44). Seria a possibilidade de abordar três esferas que envolvem as práticas de desportos, elencadas por Cardoso (2018, p. 43): Esporte-educação, Esporte-participação (lazer) e Esporte-performance (desempenho).

Tratado como uma forma menos rigorosa e sem a mesma credibilidade de outras áreas por ser em boa parte *soft*, e não *hard news*⁷⁸, o jornalismo esportivo foi

⁷ Weedon *et al.* (2018) partem da perspectiva sociológica, usando uma tipologia de David Rowe para compreender as diferentes formas do jornalismo esportivo. Além dos modelos de *hard* e *soft news*, há também o tipo “retórica ortodoxa” e o “análise reflexiva”: que busca um jornalismo crítico e

tradicionalmente ligado a uma visão acrítica e branda, como um promotor da cultura do esporte, mas sem contestações, era um “jornalismo que mais frequentemente faria a pergunta fácil e banal, em vez da pergunta penetrante e pertinente” (Boyle, 2017, p. 493, tradução nossa), como um “problema de orientação” (Rowe, 2007, p. 389, tradução nossa). Por outro lado, mesmo que não tenha níveis altos de capital, poder e prestígio quando comparado a formas mais “puras” de jornalismo – como as áreas da economia e da política, por exemplo –, é um componente significativo da cultura contemporânea. Com espaço diário considerável na imprensa, independente do meio de veiculação, no entanto, “fornece um elemento vital no equilíbrio da cobertura geral de notícias” (English, 2015, p. 1, tradução nossa), ainda que seja visto como “um tanto marginal” (Gastaldo, 2020, p. 400).

Borelli (2002, p. 9) pontua que, para as mídias, em geral, “o esporte é muito mais que a ocorrência do fato em si (o esporte enquanto tal, o jogo dentro de campo), ele não é tematizado apenas nesta temporalidade”, uma vez que “há a preparação para o jogo [...] e também ressonâncias do acontecimento”. Na mesma perspectiva, Hutchins e Boyle (2016, p. 4) destacam a importância da informação esportiva para as organizações de mídia por conta da popularidade com patrocinadores e com as audiências, sobretudo pelo ciclo de acontecimentos reportáveis (coletivas, entrevistas pré e pós-jogo, perfis, lesões, comentários e análises, além de reações do público), “fonte de conteúdo confiável e abundante devido à programação frequente de eventos e à regularidade das competições de várias ligas nacionais e internacionais”.

Em certo sentido, pode-se dizer, então, que o esporte é pautado por uma agenda. Como apontam Barbeiro e Rangel (2013, p. 26) ao lembrar do futebol, os jogos geralmente acontecem às quartas e quintas-feiras, sábados e domingos, com treinamentos na segunda, terça e sexta-feira. A partir disso, as notícias se concentram no jogo que aconteceu ou que virá, recheados por repercussões e entrevistas dos envolvidos nas partidas. No entanto, “não há diferença entre as notícias nos diferentes veículos. Alguns conseguem dedicar um espaço maior aos

socialmente relevante, em especial, coloca o jornalista esportivo “no centro de fatores e influências políticas, econômicas e culturais mais amplas, e é tradicionalmente mais provável de aparecer fora das páginas de esportes ou em pequenas doses na grande imprensa” (Boyle, 2006, p. 28, tradução nossa).

⁸ Termos comumente associados às notícias de temas factuais, sérios, duros (do inglês *hard*) e àqueles leves, suaves (do inglês *soft*).

domingos para fazer um trabalho um pouco mais apurado, principalmente na edição” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 26).

Em certos contextos, a ênfase se dá sobre os resultados de competições para satisfazer a ansiedade do torcedor – como ocorre ao fim de cada rodada em campeonatos de futebol. Maluly (2010) destaca que as informações complementares sobre essas disputas “conduzem os noticiários durante a semana, interferindo diretamente no cotidiano da população. O tempo da competição é determinado pela multiplicidade das pautas sobre o mesmo conteúdo, massificando a maneira de pensar dos apaixonados por (certos) esportes”. Tanto que, para English (2015, p. 2-3), a seção contribui com um posicionamento direcionado ao capital jornalístico, classificado como “o nível combinado de capital cultural, social e simbólico. Esses elementos são particularmente eficazes na determinação dos montantes e tipos de capital acumulado por indivíduos e organizações no campo do jornalismo esportivo”. Em relação às competições:

[...] De acordo com dados apontados por Vimieiro (2021) quase 80% das notícias se resumem ao pré e pós-jogo. Em geral, trazem informações curtas e básicas, a exemplo de horários e locais de partidas de competições relevantes, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, mas também campeonatos nacionais e internacionais que passam a ganhar força – como da Copa Libertadores e Campeonato Brasileiro. São informações sobre calendário, resultados, escalação das equipes [...] (Leal; Mesquita, 2023, p. 154-155).

Além disso, do ponto de vista da reflexão, Helal (2021, p. 92) indica que os estudos sociais do esporte têm adquirido mais espaço no Brasil e no exterior, em especial na Europa e nos Estados Unidos, apesar de haver muito ainda a ser feito e discutido. Em uma dessas pesquisas, Peter English (2015) utiliza a noção de campo de Bourdieu (1996) como operador metodológico para desenvolver um mapeamento sobre o jornalismo esportivo. Destaca, apesar da escolha, que o sociólogo francês faz poucas menções e situa jornalistas esportivos como simples prestadores de serviços necessários à prática do desporto. Bourdieu posiciona “nações, organizações e, por meio de seus cargos [...], indivíduos em relação ao capital econômico, jornalístico e total”, sendo o primeiro predominante no âmbito esportivo, igualmente impactado pela disputa com os demais capitais – cultural, social e simbólico –, em busca de transformação ou preservação deste espaço (English, 2015, p. 8).

A contribuição dele se dá em torno de perceber a área esportiva a partir de uma agenda econômico-midiática, não apenas recreativa, com capacidade de atrair leitores, sobretudo jovens, perspectiva que situa o elemento de mercado de forma mais proeminente que o jornalístico. Para Bourdieu, uma série de forças e atores impactam o campo com intensidades diferentes, ocupando posições de dominantes ou dominados nas lutas pelo capital econômico e jornalístico. No campo esportivo, lembra English (2015, p. 13, tradução nossa), a publicação de notícias exclusivas, artigos presentes ao mesmo tempo em meios impressos e plataformas digitais, são elementos de influência. Neste sentido, mesmo a utilização do esporte como um simples chamariz, inclusive, faz com que sites de organizações noticiosas o coloquem em destaque nas páginas iniciais com a intenção de impulsionar a circulação.

É importante considerar que os campos jornalístico e esportivo têm estabelecido uma relação tensionada pela disputa entre agentes nos polos ideológico e econômico, especialmente desde o século XIX (Bourdieu, 1983). Sobretudo com o desenvolvimento de uma demanda por informações especializadas, as narrativas sobre esportes passaram a ser mais frequentes na imprensa, que reverbera o jogo, ultrapassando as tradicionais funções de “informar e explicar” (Dardenne; Bird, 1999, p. 265). Neste sentido, o jornalismo esportivo é um espaço em que as notícias assumem características específicas, atingindo os sentidos e mobilizando afetos do público justamente ao produzir efeitos de sentido que atravessam a prática de alguma modalidade (Barbeiro; Rangel, 2013).

Em contextos contemporâneos, o esporte adquire importância ao passar do departamento de brinquedos ao financeiro, como integrante do ecossistema noticiosos característico do século XXI (Weedon *et al.*, 2018). Ao mesmo tempo levanta questões sobre qual tipo de jornalismo esportivo tem sido produzido, e se há motivos para o ceticismo quanto à qualidade dessas produções. Borelli (2002, p. 6) argumenta que a produção da atualidade empreendida pela mídia nasce de interações de uma variedade de vozes que vem de vários campos sociais e procuram o próprio espaço. Assim, “o mundo das fontes, o imaginário dos leitores, a concepção de um ‘leitor ideal’ e as regras internas do campo jornalístico são fatores determinantes e disputantes no espaço jornalístico esportivo”.

Como avalia Boyle (2017), em uma perspectiva panorâmica, a disposição do segmento como “menor” acabou mais obscurecendo que esclarecendo o

entendimento do campo, e impedindo os próprios profissionais de reconhecer pontos comuns com colegas. Inclusive, um dos aspectos a serem mencionados é que, justamente “como em outras áreas do jornalismo, existem enormes variações no alcance, na diversidade e na qualidade da produção que é rotulada como jornalismo esportivo” (Boyle, 2017, p. 493, tradução nossa). Há, inclusive, publicações acessíveis, porém simplistas, que sustentam a ideia de que não exista um jornalista de esportes, propriamente, mas um jornalista que transmite informações generalistas e que, então, se torna melhor, “quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, de vôlei, de futebol, de automobilismo. Nunca de esportes” (Coelho, 2004, p. 37).

Para Vilas Boas (2005, p. 8), esta não é apenas uma mera “função” a ser cumprida dentro de uma repartição; mais que isso, é uma especialidade jornalística, ainda que pareça “impossível (e talvez nem seja recomendável ou viável) um jornalista dominar todos os meandros de todas as modalidades esportivas”. Hoje, no entanto, o autor destaca que ser jornalista esportivo não é, normalmente, ser um especialista, mas “no frígido dos ovos, significa cobrir um ou alguns esportes” (Vilas Boas, 2005, p. 8). Essas dúvidas, ressalte-se, não são recentes, e surgem na própria gênese da prática jornalística voltada aos esportes.

English (2015) e Boyle, Rowe e Whannel (2009) entendem que a ausência de análises sustentadas sobre o campo nas ciências sociais e humanidades não é surpreendente, causada pela pouca importância concedida à área esportiva. No entanto, a dificuldade não se dá somente por conta do entendimento do público, mas também a partir da própria categoria profissional, já que, como lembra Unzelte (2009, p. 121), jornalistas que não trabalham com esporte “ao mesmo tempo que orgulhosamente confessam ‘não entender nada disso’, costumam encarar o tema como uma coisa menor, menos séria”. Apesar disso, mais recentemente:

[...] inúmeras pesquisas têm focado na relação entre imprensa e esporte (Raney e Bryant, 2006; Clastres e Méadel, 2007; Combeau-Mari, 2007; Attali, 2009), possibilitando o mapeamento de vastos territórios outrora desconhecidos: o inventário da imprensa esportiva, incluindo a imprensa local e regional, a história dos atores dessa imprensa (jornalistas, fotógrafo/as, escritor/as), as relações entre imprensa esportiva e o mundo econômico e político, e a retórica do discurso esportivo. Em contraponto, esses inventários ainda foram pouco sistematizados: a maioria deles são monografias (sobre um jornal, um esporte, um período ou uma região) que não necessariamente tematizam uma abordagem geral, e menos ainda poéticas específicas (Aron *et al.*, 2021, p. 11).

Ainda permanece uma condição difícil de mudar: a atribuição de um valor menor ao segmento esportivo na imprensa se pauta na relação com outras áreas. Unzelte (2009) argumenta que o preconceito é um dos inconvenientes àqueles que pretendem se especializar na área, e ainda que as dificuldades neste sentido fossem maiores antes, não se pode dizer que terminaram. O autor destaca que ainda é comum que jornalistas iniciantes sejam direcionados às seções de polícia ou esporte, a partir da suposição de que seria mais simples produzir matérias com essas características. Outra camada a ser considerada, segundo Barbeiro e Rangel (2013) é que a nova geração de repórteres – com destaque aos esportivos, para os autores – conta com muito mais informação que as anteriores, mas, ao mesmo tempo, em alguns casos, a autossuficiência pode refletir na redução da qualidade das matérias.

Parte-se do princípio de que, para se trabalhar com esporte, não seria preciso ter “prática nem tampouco habilidade, e os possíveis enganos eventualmente cometidos no exercício da profissão pudessem ser relevados, perolados com maior facilidade do que no caso de outras áreas” (Unzelte, 2009, p. 122). Lima e Brasileiro (2016) ressaltam que, historicamente, profissionais destas editorias ocupavam o papel de ‘iletrados’ da redação e, por isso, em muitos casos, tinham salário menor. Daí que predominem ainda acusações de que este seja o “departamento de brinquedos”, ou a “caixa de areia” da redação, lugar de trivialidade, frivolidade e diversão, apenas (Rowe, 2007, p. 389, tradução nossa).

Uma mudança de posição mostra-se necessária, já que o jornalista passa a ser um representante do público na função em que atua, desde as situações mais comuns da prática jornalística, como a entrevista. Barbeiro e Rangel (2013, p. 36) destacam que as perguntas têm sido tão previsíveis que dão a resposta ao entrevistado, que nem precisa se dar ao trabalho de pensar. Por isso, de acordo com os autores, os repórteres esportivos precisam acabar com as piadas que fazem sobre seu próprio trabalho e:

[...] mostrar que é possível produzir boas reportagens, como em qualquer outro assunto. Por isso, é essencial fugir daquelas perguntas eternamente repetidas para os atletas antes, durante ou depois das competições como: “o que você acha do jogo” ou “como você está vendo o jogo”. Caso contrário, o repórter corre o risco de ouvir uma resposta como a que o técnico Osvaldo Brandão deu certa vez: “Com os olhos” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 20).

Conforme destaca Rowe (2007, p. 386), a avaliação – que tem se mostrado cada vez mais equivocada – não faz com que o jornalismo esportivo seja isolado das exigências de investigação e crítica por integrar a cultura popular, um trabalho “difícil, demorado e custoso” (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 235). Em um contexto de reestabelecimento e reorientação da profissão em transformação, o debate tem se direcionado à simplificação da “distinção binária entre seriedade e qualidade, por um lado, e superficialidade e trivialidades [...], por outro” (Rowe, 2007, p. 386). Na produção de um material jornalístico – como também é com o esportivo –, há a pretensão de que se produza conteúdo a partir de uma narrativa acessível e interessante também para despertar identificação e proximidade do público, já que o jornalismo:

[...] age diretamente na memória e na atenção das pessoas, seja pelos jornais impressos, televisão, rádio, Internet e outras mídias. Ao criar possíveis mundos esportivos emergem desejos de satisfação, propiciando ao indivíduo participar, incorporar e reproduzir pensamentos e condutas. Porém, esses novos universos se repetem, variações são previstas e alimentam uma possível identidade por determinado esporte. Neste universo, a propaganda de vários produtos e empresas, ligados ou não ao esporte, favorece o consumo de determinados eventos, fortalecendo uma linguagem comum (Maluly, 2010, p. 2).

Sem que se considerasse esse panorama, ao longo do tempo, compôs-se uma visão estagnada da área, claramente menos considerada caso se pense numa valoração dos campos dentro da profissão. Desta interpretação, a crítica à falta de relevância do jornalismo esportivo foi a tônica. Essa proposta é sustentada por uma ideologia classificada como “sub-reptícia” por Rowe (2007, p. 385-386, tradução nossa): “(a suposição de que brinquedos e brincadeiras não são sérios e importantes) que deriva tanto de perspectivas tradicionais, baseadas em classes e patriarcais sobre a imprensa e a cultura popular em geral, e no desporto em particular”. Barbeiro e Rangel (2013, p. 59) levantam um questionamento:

Inutilidade? Claro; o único sentido elevado do lúdico é não ser possuído pela carência imediata, pela urgência pragmática, pela indigência material. O lúdico, o jogo, a dança, a festa, a brincadeira; tudo serve para não servir a outra coisa que não seja a nossa capacidade de ultrapassar o reino da necessidade e adentrarmos o reino da liberdade”. O “inútil”, tal como acontece com as músicas que cantamos, os jardins que plantamos, os quadros que pintamos, as poesias que inventamos, os jogos que praticamos, é o lugar do prazer descompromissado. [...] Seria tolice esquecer que o jogo, mormente o futebol, ganhou contornos de puro negócio (o nec otium, o não ócio); nessa hora vale o alerta feito pelo escritor

francês Théophile Gautier (a quem Charles Baudelaire dedicou as Flores do Mal), pois no prefácio feito a sua obra póstuma Poesias completas (1876) estava registrado: “Em geral, logo que uma coisa se torna útil, deixa de ser bela” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 59).

Quebrando esta concepção, Boyle (2006, p. 143, tradução nossa) argumenta que “na melhor das hipóteses, o jornalismo esportivo consiste em dar sentido ao contexto mais amplo dentro do qual os eventos ocorreram”. A intenção é, justamente, expandir a cobertura e abranger “a complexidade e as questões salientes de natureza social, histórica, geopolítica e cultural” (Tulloch; Ramon, 2017, p. 659). Pensando a partir deste caminho, Coelho (2004, p. 115) ressalta que “a única maneira de mostrar que o esporte é viável é mostrar que o jornalismo esportivo não é feito apenas por esporte”. Afinal, “não se faz jornalismo sem fazer vítimas, ou melhor, sem provocar algum reflexo social. Se não provocar não é jornalismo” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 116).

Esta condição é atravessada pela necessidade de que jornalistas esportivos mudem também comportamentos e pensamentos consagrados do próprio campo, como, por exemplo, insistir na ocupação de espaço da programação “com notícias superficiais, com repetições e firulas sobre celebridades esportivas momentâneas, enquanto diversas modalidades lutam por poucos segundos de exposição” (Maluly, 2010, p. 11-12). Além disso, as informações das seções esportivas não devem se limitar aos resultados das partidas em si. Como em qualquer área do jornalismo, se o repórter é mesmo parte importante da cadeia de produção, e deve evitar, nas coberturas esportivas, “confundir pequenos boletins de conteúdo especulativo, sem profundidade, apenas para dar um registro do clube [...]” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 20).

Por isso mesmo, Vilas Boas (2005, p. 8) acredita que o reflexo do esporte vai além do jogo: “Envolve ciência, tecnologia, saúde, política, história, comportamento, economia. Há inúmeras interfaces possíveis, polêmicas e necessárias que o jornalista poderia costurar para não se ater somente à questão da disputa”. Alguns outros autores concordam com esta posição, como Alcoba Lopez (2005, p. 43), ao compreender que o jornalista esportivo não só narra os acontecimentos, mas é “um comunicador com responsabilidade não somente de levar a informação para seu público, mas, também, de ir além dos aspectos próprios

da notícia esportiva, buscando relacioná-la a outras questões concretas e interessantes”.

Além da repetitividade das pautas, Maluly (2010, p. 10-11) questiona a monopolização da cobertura esportiva às modalidades com apelo midiático, casos do “futebol, do automobilismo, do tênis, do voleibol e do basquetebol”, e se questiona sobre quais são os princípios que regem o jornalismo esportivo brasileiro: com a possibilidade de ser “um espaço de debate sobre a política esportiva, que visa desenvolver o desporto e, com isso, a atividade física no Brasil” (Maluly, 2010, p. 9-10). O pesquisador acredita que é fundamental que o público tenha a possibilidade de se identificar com esportes diferentes, “ampliando o repertório de discussões e de gostos, não transformando em anormal o indivíduo que prefere outras modalidades, muitas vezes visto como alguém rejeitado por estar fora dos eventos preferidos da mídia, principalmente o futebol” (Maluly, 2010, p. 10-11). Para Unzelte (2009, p. 122), essa situação é um reflexo dos anos em que as produções da imprensa esportiva deixaram muito a desejar – ou ainda deixam: “em vários aspectos, principalmente em relação às pautas, que se repetem demais no esporte. Mas já melhorou muito, notadamente em relação a textos”, avalia.

Mello (2020, p. 44) interpreta que a “futebolização” da imprensa especializada no Brasil encontra-se em um estado preocupante. Ao mesmo tempo, considera a cobertura adequada a depender da escala, em relação a certos clubes com mais torcedores pelos programas esportivos. Daí que seja compreensível que emissoras de grande porte destinem “grande parte de sua programação aos clubes do eixo Rio-São Paulo (ou, mais especificamente, a Flamengo, Corinthians, Palmeiras e São Paulo), relegando os demais clubes ditos ‘grandes’ do futebol nacional”. São situações que tornam o jornalismo esportivo, como destaca Manuel Chaparro, um “espaço público dos conflitos: as coisas acontecem não (apenas) no estádio. Acontecem à medida em que o jornalismo socializa os discursos do embate” (Tavares Júnior, 2017, p. 44).

O futebol é um esporte marcado por conflitos. Dentro do campo, divididos em dois times, vinte e dois jogadores constroem o ‘idioma futebol’ através das mais variadas técnicas. Nas casamatas, os treinadores pensam nas mais variadas estratégias para derrotar seu oponente, que mudam de acordo com sua origem ou escola futebolística pela qual é influenciado. Nas arquibancadas, torcedores optam por torcer o tempo todo, cantar o tempo todo, formar grupos organizados ou simplesmente assistir à partida no conforto de seu assento. No jornalismo esportivo, as diferenças também

existem. E existem por uma série de fatores, que vão desde a cultura do local onde ele é praticado até as condições sociais, políticas e econômicas do ambiente no qual se insere (Mello, 2015, p. 16).

Desta perspectiva, na contramão de perspectivas reducionistas, a tese de Rojas Torrijos (2010, p. 309-401) é um dos estudos de fôlego que se dedica a pensar aspectos teóricos e práticos do jornalismo esportivo. Para ele, o segmento compartilha valores com o jornalismo geral, como a honestidade, a transparência, a busca pela verdade e o respeito à ordem democrática. Mesmo em relação à ética, o autor pontua condições determinadas de funcionamento e conduta relacionados à prática: evitar a publicação de rumores, combater publicações de conteúdo sensacionalista e não acumular funções conflitantes. Há, também, quem contraria a aproximação do jornalismo esportivo com o generalista. O fato de que tenha mais “cor” que os demais é um dos motivos para que isso ocorra, segundo Suárez Ramírez (2015, p. 238). Esta seria, assim, uma forma de ultrapassar certos limites que jornalistas de outras áreas não costumam fazer, apesar

[...] das recomendações dos investigadores e dos próprios códigos deontológicos, no jornalismo esportivo, de natureza interpretativa por ter de narrar fatos relacionados ao esporte que podem ser ambíguos, é fácil considerar que se ultrapassa a linha interpretativa para chegar à opinião em textos que são informativos e classificados como tal (Gómez Bueno, 2012, p. 153).

No entanto, no segmento esportivo, assim como em outras áreas, há dois pontos de discussão: a perspectiva que os jornalistas ligados à área têm de si mesmos e diante dos demais, e a que os demais profissionais, dedicados a outras coberturas, têm sobre jornalistas esportivos. English (2017) assinala, por exemplo, que essa parte da categoria formula parâmetros deontológicos e éticos, ainda que admita não praticá-los tanto quanto gostaria. Salwen e Garrison (1998, p. 100) argumentam que o profissionalismo pode estar relacionado ao entretenimento característico da prática, discussão “ampla e sequer está perto de ser definitiva” (Leal, 2020).

É um reflexo, até certo ponto, das condições características do esporte na imprensa, como a liberdade para usar certos recursos de linguagem, fazer comparações, jogos de palavras, associações, juízos de valor, entre outras situações. Afinal, “um determinado tipo de saque no vôlei, vira ‘uma jornada nas estrelas’; um chute forte, uma ‘bomba’; uma falta dentro da grande área é uma

‘penalidade máxima’” (Leal; Mesquita, 2023, p. 148). Isso faz com que o esportivo seja a área jornalística mais lembrada quando a pretensão é discutir a temática (Rojas Torrijos, 2010; Gómez Bueno, 2012). Como atividade ou editoria dentro do jornalismo, para Márcio Guerra:

Jornalismo esportivo é uma atividade, uma editoria dentro do jornalismo, que tem a sua história marcada, primeiro, por um preconceito envolvendo a atividade, como se fosse uma atividade menor e que, aos poucos, foi se consolidando como um espaço cada vez mais legítimo e importante da prática de todas as teorias de Comunicação, com elemento, um componente diferencial, que nós lidamos com a paixão, lidamos com a emoção. E, por conta de lidarmos com emoção e com paixão, o jornalismo esportivo ganha um impacto e uma projeção muito maior no público do que qualquer outra editoria, porque você mexe com aqueles que torcem a favor e torcem contra e, por conta disso, isso acaba causando sempre um impacto maior. Então, eu acho que o jornalismo esportivo é, acima de tudo, o exercício profissional feito com paixão (Tavares Júnior, 2017, p. 42).

Concordando com esta perspectiva, o professor Ronaldo Helal aponta que o que diferencia o segmento esportivo – tanto quanto o cultural – em relação dos demais é a permissão de certa dimensão de gosto pelo objeto de reportagem. Justamente por este motivo, argumenta, hoje há uma tendência de aproximação com o jornalismo investigativo, como uma espécie de ritual estratégico de proteção, como um camponês mediterrâneo que coloca um colar de alhos no pescoço para espantar espíritos malignos (Tuchman, 2016). Vem diminuindo o envolvimento explícito e a consequente contaminação do objeto do relato, ainda que seja indispensável reconhecer o papel da subjetividade do repórter no processo de construção do material jornalístico (Tavares Júnior, 2017). Como indica Borelli (2002), o futebol, sobretudo, ocupa várias dimensões de um espaço imaginário, cultural e simbólico diferenciado. O perfil de leitores:

[...] em sua maioria torcedores ávidos por adentrarem em um território repleto de grandes acontecimentos e de ídolos imortais, configura-se no jornalismo esportivo brasileiro um campo em que é proporcionada uma maior liberdade de investimento narrativo na construção da notícia. Além disso, os fatos ligados ao mundo do esporte podem ser pensados como aqueles que se encaixam “na categoria de notícias brandas ou leves, que geram uma grande quantidade de histórias de interesse humano” (Souza, 2005: 11). Nesse sentido, o jornalismo esportivo, no Brasil, seria uma porta aberta para a folhetinização da notícia processo em que informação e imaginação se unem para cativar a massa leitora (Costa, 2010, p. 97).

Neste sentido, é irremediável a vinculação do jornalismo esportivo ao campo da emoção, com os profissionais desenvolvendo, ao mesmo tempo, o interesse pelas práticas e socializando conceitos técnicos. Assim, existe na interlocução entre jornalismo e esporte uma espécie de espelho, como ressaltam Helal, Lovisoló e Soares (2011, p. 137): “os valores dos pertencimentos nacionais e locais e as figuras dos heróis foram centrais na construção da emoção pelo esporte e sobre essa base seu agir foi demagógico, retórico e polêmico”. Os autores detalham os motivos para tal afirmação: “Demagógico no sentido estrito de conduzir as emoções e as opiniões do povo no campo do esporte. Retórico, no sentido amplo, tanto dialético ou argumentativo quanto oratório, disso decorrendo a riqueza das figuras utilizadas”.

Voltando-se à prática pra entender esta situação complexa, Barbeiro e Rangel (2013, p. 22) identificam que se os repórteres estão mais próximos dos jogos, árbitros, atletas e do público, isso significa estar perto dos centros geradores de emoção – o que os faz sofrer mais impacto: “Emoção é um atributo de todo ser humano, e ajuda a aquecer as transmissões esportivas. Não se pode confundir com a paixão, que cega quem tem o dever de enxergar ou atrela o jornalismo a uma causa ou a um ídolo”.

Costa (2010, p. 95) entende que o contato com os jogos é mediado pela dor – representando a derrota – ou o riso – ilustrando a vitória, sentimentos fundamentais para uma composição melodramática da narrativa esportiva. Assim, percebe-se que a imprensa esportiva é um espaço em que “muitas vezes, o jornalismo pode lançar mão de estratégias próprias da ficção, mais especificamente do gênero melodramático e de seus aparentados como o folhetim”. Como em um dilema jornalístico passional-paradoxal, ironicamente:

O dever básico do jornalista é tentar ser imparcial e isento na mais parcial, subjetiva e passional área da imprensa. O cliente do nosso trabalho não é um mero leitor de economia, um telespectador de assuntos políticos, um ouvinte de rock and roll. É um “torcedor”. Um sujeito passional, que só quer a razão quando ela veste as mesmas cores do time dele. Tentar agradar gregos e corintianos é impossível. Tentar ser justo, equilibrado e respeitado é como treinar o time da Samoa Ocidental para ganhar uma Copa do Mundo (Beting, 2005, p. 30).

Refletindo sobre a construção de uma forma de redação própria do jornalismo esportivo, Costa (2010, p. 93) lembra do ex-jogador Tostão, que afirma: “o futebol é o paraíso dos lugares-comuns”. De certa forma, essa colocação pode

ser sintomática para a imprensa esportiva brasileira. Para a autora, não se investe em coberturas de perspectiva crítica. Pelo contrário, “nela é farto uso de clichês e chavões que são repetidos sem muitos questionamentos. O caráter reflexivo fica em segundo plano, pois o que parece mais importante são os efeitos produzidos sobre os sentidos do leitor” (Costa, 2010, p. 93).

Barbeiro e Rangel (2013, p. 51) sugerem um exercício de imaginação: pensar em um último ponto com bloqueio triplo no vôlei, um gol sensacional ou uma quebra de recorde na natação. Para os autores, o texto deveria representar os lances, mas não é exatamente o que acontece, com o relato recheado de clichês, figuras de linguagem e vocabulário repetitivos: “a linguagem utilizada pelos jornalistas esportivos é justamente aquela que, no campo do futebol, por exemplo, eles mais combatem: sem graça, equivalente a um empate sem gols”. Como já mencionado anteriormente, há uma série de aspectos que influenciam uma interpretação determinada sobre o local ocupado pelos repórteres esportivos debaixo do guarda-chuva normativo do jornalismo.

Essa condição faz com que os papéis desempenhados pelos jornalistas esportivos diante dos valores profissionais também entrem em questão, em especial os de “fiscalizador e defensor de pessoas ou causas específicas”, que podem colocá-lo como um mero “entusiasta”, como pontuam Perreault e Bell (2022, p. 401, tradução nossa). Os autores baseiam-se em uma revisão para chegar a uma categorização neste sentido para a área específica, em torno das funções de: vigilante, monitor, contador de histórias, educador, defensor de direitos, disseminador, curador, analista, provedor de acesso, mobilizador, detetive, missionário, agente de mudança, mediador, facilitador, colaborador, porta-voz, ou o que desempenha papel de adversário. Esses jornalistas e profissionais permitem que o público se conecte a informações significativas promovendo uma espécie de curadoria por meio do cultivo de relações com fontes e pela possibilidade de “criar histórias de importância local, regional ou nacional” (Perreault; Bell, 2022, p. 402-403, tradução nossa).

Considerando-se esta avaliação, quando se fala que jornalistas esportivos precisam estar atentos aos contextos nos quais a prática esportiva se insere, sugere-se que também repensem as práticas básicas da profissão. Isso se dá, por exemplo, pela fiscalização a respeito do envolvimento de setores político e econômico com o poder e interesses variados. Por isso, “o ideal olímpico por vezes

é substituído por conluio, corrupção, manipulação e ausência de interesse público, que, em última análise, é o que define o jornalismo” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 118). Na interpretação de Bocage (2004, p. 65), o jornalista que trabalha com esportes:

[...] é um privilegiado. Já sei que os que trabalham em outras editorias vão contestar, reclamar, mas esta é a mais pura verdade. E o motivo é simples: ele é o único que presencia o fato sobre o qual vai escrever, do princípio ao fim. Em nenhuma outra situação o jornalista tem esta oportunidade de viver a notícia, compartilhar dela, estar no momento do fato. Quantos de nós, que trabalhamos com esporte, já tivemos de mudar um texto por causa daquela cesta no último segundo? E o gol que surge nos acréscimos de um jogo e faz a taça trocar de mãos? O toque na borda da piscina, a disputa de um tie-break, o golpe que surpreende. Não faltam situações. A emoção de uma cobertura esportiva é inigualável, seja ela em qual dimensão. Sempre veremos o homem buscando a superação de uma marca ou de si próprio, o aprimoramento; haverá alegria e tristeza, frustração, euforia, idolatria. E não há como não se envolver (Bocage, 2004, p. 65).

O envolvimento evidenciado pela fala do autor, no entanto, é mais fácil para comentaristas e cronistas, posição que permite mais liberdade opinativa, com colocações sobre as partidas, atletas e tudo que envolve o entorno do esporte. Mas é relevante, também, pensar que a mídia é espaço privilegiado para a produção e circulação discursiva, como mediadora da midiatização de acontecimentos, e o esporte, como fonte de relato, contribuem na produção simbólica do contexto social, sobretudo por se tratar de um fenômeno contemporâneo de massa, presente na composição da subjetividade, “na formação das identidades, das práticas sociais e dos valores culturais dos indivíduos” (Borelli, 2001, p. 2). Assim, a identidade futebolística é formada desde a infância. Helal, Lovisolo e Soares (2011, p. 29) argumentam: pode-se mudar de escolha religiosa ou política, “entretanto, não levamos a sério quem muda de camiseta futebolística. Baseamos nossa lealdade e fidelidade, valores importantíssimos no campo da identidade política e religiosa, em coisa tão pouco séria como o esporte”.

Essa condição se dá, inclusive, de maneira diferente de outras áreas, como a música, por meio da apresentação e reprodução de imagens e histórias que denotam “bravura, coragem, espírito de luta, vontade de vencer, etc.”, e destacam um “aspecto agonístico, de luta, permeia o esporte, pois a vitória de um, implica a derrota do outro” (Borelli, 2001, p. 11). No caso específico do futebol, como destaca Costa (1999, p. 85): escrever “é em si um ato paradoxo. Quem escreve ou lê sobre

futebol busca o pulsar emocional de grande jogada, um eco de alegria incontida de quem vivencia esse esporte". Assim, é possível destacar que os eventos esportivos:

[...] não se limitam apenas a representar uma competição, pois refletem também características culturais, econômicas, sociais, políticas, étnicas, religiosas, etc. Assim, toma-se os acontecimentos esportivos como fatos complexos, que trazem um conjunto de dimensões das relações interculturais, onde os atores sociais não são apenas os competidores, mas a platéia, os dirigentes, os mídias, os patrocinadores, os diretores esportivos, etc. De uma forma geral, atualmente não se fala mais em acontecimento fora das mídias. Isto é, só há acontecimento se ele for público, se houver uma oferta de sentidos, mediada pelos meios de comunicação, para a opinião pública. Assim, passaríamos a tratar da expressão "acontecimento midiaticizado". Os fatos que acontecem todos os dias, mas que não são veiculados pela mídia passam a ser apenas ocorrências e não acontecimentos (Borelli, 2001, p. 3).

Assim, a imprensa promove o esporte como um fenômeno de massa usando recursos variados, desde incentivar a falação sobre um acontecimento, até "cultuar o ídolo, fazer avaliações, análises, conjecturas, 'fococas', sondar fatos, causas e consequências, orquestrar relatos sobre um fato particular, como uma despedida de um atleta, a conquista de um título, o fracasso, etc." (Borelli, 2002, p. 17). O acontecimento esportivo se configura, dentro do campo especializado, pelo diálogo entre falas diversas, "onde os produtores das informações 'convocam', numa grande conversação, opiniões de especialistas de outros campos do saber, para montar o seu cerimonial (agendar sentidos na cobertura esportiva)" (Borelli, 2001, p. 5).

Neste sentido, para Gastaldo (2011, p. 41), a midiaticização do esporte integra o próprio jogo, de forma que "mais do que fenômenos paralelos, esporte e mídia constituíram-se mutuamente". Essa situação se dá porque "a característica 'espetacular' (isto é, 'para ser vista') inerente às competições esportivas e seu poder de mobilização coletiva [...] articulam-se perfeitamente com o surgimento de jornais impressos em rotativas, destinados a grande número de leitores".

Se, cada vez mais, os acontecimentos são midiaticizados, os eventos esportivos não escapam desta dinâmica – sobretudo pelo potencial imagético e pela condição de gerar discussão. Gurgel (2009, p. 203) ressalta que, enquanto espetáculo, o esporte gera um "show de imagens", ingrediente perfeito para o entretenimento na sociedade contemporânea. Assim, "jogos, jogadores, jogadas, façanhas e narrativas, arenas, torcedores, produtos e celebridades do (e no) esporte são alguns dos itens fundamentais dessa grande fonte geradora de imagens e

imaginários que constroem um sistema de práticas e de sentidos”. Em certo contexto, em uma perspectiva crítica:

A mídia noticia o esporte com grande competência profissional, mas o discute com uma falta de seriedade grosseira. Os jornais divulgam resultados com eficiência e se deliciam com polêmicas triviais, mas são tímidos e pouco informativos sobre a organização do esporte. [...] A sofisticação técnica da cor viva e replay em câmera lenta é notável. Assim como sua falha em produzir jornalismo esportivo informativo. (2008: 112; publicado pela primeira vez em 1983) (Boyle; Rowe; Whannel, 2009, p. 1, tradução nossa).

Assim, a mídia, segundo Borelli (2001, p. 1), mobiliza “estratégias discursivas singulares, impregnadas de sentidos, pois a cobertura é uma atividade simbólica. Para cobrir os eventos esportivos, cada mídia segue um ritual e uma agenda própria, gerando, a partir de um fato único, múltiplos acontecimentos sociais”. Então, quando se reporta a um acontecimento, a imprensa não somente atua como uma reprodutora de informações, ou como um elemento externo aos eventos que cobre, mas produz sentidos, já que “não se caracteriza como lugar de passagem, mas de construção simbólica dos acontecimentos. A produção de sentidos é inerente ao processo de construção de uma cobertura jornalística, não podendo haver, então, objetividade” (Borelli, 2001, p. 3-4). Neste sentido:

[...] é importante mencionar que o jornalismo de um modo geral é perpassado por estratégias narrativas muitas vezes usadas até mesmo para que o próprio profissional da área possa legitimar-se enquanto alguém com autoridade para interpretar e descrever a realidade. Nesta perspectiva agregam-se ao texto jornalístico “valores de criação discursiva” (ARNT, 2007, 158), o que significa dizer que a narrativa é fundamental à formulação de notícias e relatos veiculados pela imprensa. E no caso específico do jornalismo esportivo, no Brasil, é possível levantar-se a hipótese de que essa criação discursiva se ancora em estruturas narrativas próximas ao melodrama e ao folhetim (Costa, 2010, p. 66).

Não se pode confundir, no entanto, as estratégias e elementos narrativos usados para cativar os públicos com o modelo que, em casos diversos, tem sido aplicado à programação esportiva brasileira contemporânea. Cada vez mais, sobretudo na imprensa televisada – agora remodelada nos conteúdos dinâmicos para redes sociais –, predominam programas baseados em “tagarelice” de “uns ditos especialistas que andam pelos canais de televisão e rádio ou mesmo dos colunistas que se esqueceram da crônica em favor do achismo” (Maluly, 2010, p. 2). Têm espaço, nesse momento, discursos saudosistas e nostálgicos, que carecem de

contextualização, mas têm motivação: privilegiam um passado romântico e semiprofissional do esporte, ignorando inclusive que tanto praticar e quanto produzir relatos sobre as práticas esportivas tem outras dimensões atualmente.

De certa maneira, a seção de esportes também suscita questionamentos a respeito da composição e do estilo próprio de sua linguagem. De um ponto de vista mais amplo, a linguagem jornalística é formada por expressões e regras “possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal” (Lage, 2003, p. 28), fazendo-se compreender por diferentes grupos sociais a partir de uma estrutura que privilegie frases e parágrafos curtos e diretos (Traquina, 2005). A coloquialidade é outro aspecto relevante – que ultrapassa o campo esportivo e pode ser encaixada em qualquer outra esfera – tanto no sentido de composição do vocabulário quanto no uso de metáforas cotidianas para ilustrar situações de jogo próximas de quem não tem tanta proximidade com a temática e seu linguajar (Rojas Torrijos, 2010; Suárez Ramírez, 2015).

Como aponta Borelli (2002, p. 10), em muitos casos, a cobertura esportiva parte de ferramentas jornalísticas gerais, como das entrevistas, formas de apreensão e construção do texto, além de uma série de outros valores comuns à prática profissional. A autora ressalta que há situações em que é o jornalismo que acaba por incorporar fatores característicos do esporte, como a linguagem agonizante e despojada e o uso de descrições em fichas técnicas, por exemplo.

Nesta perspectiva, Lage (2003, p. 45) traz à discussão certas especificidades quando o assunto é este tipo de cobertura, por meio de processos causados pelas matérias esportivas: por um lado, quando o público interpreta a informação sem que precise da opinião dos profissionais que produziram a cobertura; e por outro, o que o autor chama de atividade ativa, quando o próprio indivíduo cria identificação com um clube ou atleta, que o motivam a ir aos locais onde o esporte está. Para o autor, essa situação ocorre porque, nos esportes, há mais possibilidades de disputa justa, com oportunidades, diferentemente do que ocorre em sociedade: o sentido comum e o especializado se mesclam. Assim,

[...] entre as características definidoras da língua esportiva podemos enumerar seu alto grau de especialização e sua tendência à utilização de estrangeirismos e neologismos, de fórmulas sensacionalistas e expressões belicistas, assim como a adoção de formas coloquiais e determinadas modalidades semânticas ou usos figurados [...] no momento de definir situações e qualificar os protagonistas (Rojas Torrijos 2010, p. 309).

É fundamental refletir que essa dinâmica se dá por conta da limitação dos relatos jornalísticos tradicionais, que já não dão conta da complexidade dos acontecimentos que povoam o cotidiano (Kovach; Rosenstiel, 2004). Em complemento a isso, a postura dos veículos jornalísticos também não é a mais adequada: na cobertura esportiva, não são raros os casos de exploração exaustiva de assuntos já comentados – sobretudo nos programas de formato “mesa redonda” ou em podcasts que repercutem no ambiente digital e, por vezes, são produzidos com essa intenção –, além da simplificação de temas complexos, em especial a partir da opinião de comentaristas (Mello, 2020).

Como entende Beting (2005, p. 38), esse fenômeno ganha mais espalho durante Copas do Mundo, quando “velhos craques e outros apenas idosos ganham a mídia e os 15 dias de aparição”. O autor segue, argumentando que, “a reboque, estrelas da música, gente de mídia ou que faz mídia com os donos da moda também aparecem para comentar futebol, a Copa, a moda, a culinária... o ‘evento como espetáculo em nível de show a título de manifestação pós-moderna’. Entendeu? Eu, não. E eles, menos ainda”.

Mauro Beting (2005, p. 16) usa da ironia para exemplificar o argumento de que “qualquer bípede pode comentar futebol no Brasil”. Frases e expressões comuns no comentário esportivo da imprensa brasileira ajudam a entender essa prática, quando o foco é apenas o resultado e os recursos são apenas frases feitas, sem detalhamento ou análise, em específico quando o assunto é o futebol, que: “é uma caixinha de surpresas”. Outras colocações corriqueiras e batidas, são: “cada jogo tem sua história”, “dois a zero é um placar perigoso”, “está faltando pegada, atitude, determinação”, “o grupo está unido”, “não se joga mais como ultimamente”, “o melhor caminho para o gol é pelas pontas” e “não tem mais bobo no futebol”.

Pensando em saídas para esse quadro empobrecedor, Beting (2005) argumenta que os jornalistas esportivos devem buscar a contextualização, seja por meio de abordagens históricas, pesquisas de partidas relevantes com os mesmos adversários, assuntos extracampo, situações que envolvam a cultura das cidades, dos estádios, das torcidas, entre tantas outras opções além do que ocorre, no caso específico do futebol, dentro das quatro linhas.

Um jornalista-comentarista analisa o jogo dando o outro lado do espetáculo, a informação qualificada, a estatística da partida, os dados que o bofeirão não tem porque não quer ter, sob a luz e a inspiração da ética jornalística,

dos comprometimentos com os dois lados (times) da questão; do outro lado, o ex-jogador-comentarista mostra o jogo que poucos veem, e dá os pitacos técnicos, táticos e psicológicos de quem sabe por ter estado lá (Beting, 2005, p. 38).

Para o autor, ainda é raro que se veja comentaristas em treinamentos das equipes, uma oportunidade de melhorar a atuação. Mesmo os setoristas não costumam dar a devida atenção a essa oportunidade: “Não raro ficam de costas para os treinamentos e para os coletivos dos times. Não veem as movimentações, as alterações táticas. Ou, quando veem, não enxergam. Não prestam atenção” (Beting, 2005, p. 16). Tratando do mesmo assunto, ressalta que, sobretudo quando se fala em futebol, é preciso abordar outros assuntos relacionados ao jogo. Por exemplo, “a tática de um jogo e de um time não é interessante. Mas é importante. É função básica da imprensa tornar interessantes os assuntos importantes. Como a tática de um jogo; como as jogadas de bastidores e as cartolices dos donos das bolas” (Beting, 2005, p. 17).

Além de algo exclusivamente ligado aos profissionais, Beting não livra a audiência de uma parcela da culpa: “o público não dá a menor pelota se o Corinthians jogou num 4-3-1-2, se os alas do Cruzeiro estão muito recuados, e se o Boca Juniors varia do 3-3-2-2 para um 3-4-1-2 com os mesmos jogadores” (Beting, 2005, p. 17). No entanto, vale pensar que os próprios profissionais podem não conseguir indicar a importância dessas temáticas, seja nas reportagens ou nos comentários, já que aspectos táticos – como tantos outros, integram a dinâmica dos jogos. Diz-se que:

[...] jogador fala sempre a mesma coisa. Não será porque as perguntas também são sempre as mesmas? Use a criatividade na hora de perguntar. Se não tiver uma boa pergunta, fique calado, peça ajuda a um colega. Ninguém faz entrevista sobre assunto nenhum sem estudar e se preparar antes. Confiar no improviso é um caminho curto para uma má entrevista (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 36).

É importante considerar que a alteração de contextos organizacionais também foi e é responsável por mudar a escrita esportiva. Se para Erbolato (1981, p. 15), em um contexto não tão recente, a importância se dava por conta da diversidade dos assuntos tratados, de amadores a profissionais, com a recomendação de que se tivesse para cada especialidade “um jornalista que entenda do assunto e que explique e comente a possibilidade dos concorrentes e as

consequências de uma vitória, derrota ou empate em algumas competições”, agora o cenário se altera.

Propondo um jornalismo esportivo “de qualidade”, Weedon *et al.* (2018, p. 645, tradução nossa) partem da referência sociológica de Raymond Boyle (2006), que menciona termos, frases e descrições que sustentam uma espécie de jornalismo esportivo “de excelência”, em uma busca sistematizada em periódicos acadêmicos, além de livros. Os temas-chave mais presentes na revisão giraram em torno de: imparcialidade e neutralidade; jornalismo ‘sério’ e ‘literário’; falando a verdade; demonstração de conhecimento profundo sobre o esporte coberto (‘conhecer o jogo’); jornalismo crítico; jornalismo equilibrado e objetivo; narrativas eficazes; jornalismo ‘investigativo’ e ‘não-cúmplice’; jornalismo investigativo-crítico; e jornalismo de serviço público – uma das atribuições mais mencionadas. Tratados como termos que não são autoevidentes pelos autores, são usados pelos próprios jornalistas esportivos para discutir uma prática profissional de qualidade.

Reflexão semelhante é sustentada por Maluly (2010, p. 8-9), quando tece uma crítica: o jornalismo esportivo brasileiro não deveria se privar apenas à divulgação de competições endinheiradas e promovidas por de emissoras de televisão, mas “ser um espaço de debate sobre a política esportiva, que visa desenvolver o desporto”, para fugir do modelo de cobertura setorista, que faz os repórteres frequentarem sempre os mesmos lugares e reproduzirem pautas semelhantes. Para que produza textos criativos e conte histórias relevantes, Barbeiro e Rangel (2013, p. 51) recomendam que se presencie “em carne e osso, o evento esportivo. A participação do repórter no local do fato é, no jornalismo esportivo, um elo entre o público e o evento. As entrevistas feitas no local facilitam a fase de coletas de dados”.

Alsina (2009) argumenta que o ecossistema comunicativo está em constante mudança, então, os processos produtivos e definidores do jornalismo acompanham esta mesma dinâmica. Leal e Mesquita (2023, p. 146) apresentam, neste sentido, mudanças nos critérios que jornalistas utilizam para selecionar e identificar se uma situação é noticiável, em especial no universo esportivo. Parte-se dos critérios de noticiabilidade estabelecidos pela comunidade interpretativa de jornalistas (Traquina, 2005), que teriam uma espécie de “óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras (...). Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado” (Bourdieu, 1997, p. 12). Os critérios de noticiabilidade, desta forma,

surgem para delimitar referências estáveis da rotina de trabalho do jornalista que, se vistas de forma regular, assinalariam o potencial de que determinado fato seja noticiável. Desde o processo de seleção dos acontecimentos até a produção noticiosa, pelo *newsmaking*⁹ – passando pelos procedimentos de apuração e redação, por exemplo – os valores-notícia se apresentam como norteadores das escolhas feitas pelos profissionais:

Observaremos, por exemplo, como valores-notícia (VN) clássicos do jornalismo, a exemplo de Conflito ou Controvérsia (1), Notoriedade (2), Inesperado (3), Relevância (4) e Novidade (5), entre outros, podem ganhar um viés particular quando abordados no campo desportivo. O primeiro pode fazer sentido na rivalidade entre as torcidas; o segundo, emergir no estatuto das estrelas do desporto; o terceiro, de uma derrota histórica (quem não lembra do 7 x 1 sofrido pelo Brasil diante da Alemanha na Copa 2014?); o quarto pode lançar luz à construção de um novo equipamento poliesportivo com função social; e, o quinto, remeter facilmente a uma vitória do Brasil diante da China num esporte como o tênis de mesa, no qual os orientais são uma potencial mundial (Leal; Mesquita, 2023, p. 146).

Repensando os critérios tradicionais, Leal e Mesquita (2023, p. 153-154) enumeram atualizações dando, também, exemplos coerentes com a dinâmica desportiva, quais sejam: morte (desaparecimento de um grande desportista); notoriedade (interesse pela vida pessoal de atletas celebridades mesmo fora do esporte); proximidade (cobertura de campeonatos regionais ou estaduais); relevância (por meio de programas de acesso gratuitos a eventos ligados aos esportes); novidade (contratações de treinadores – e outros membros – para uma equipe); tempo (ressaltando marcos temporais e históricos, como datas e conquistas passadas); notabilidade (final de um campeonato de expressão); inesperado (uma cesta de basquete acertada antes do meio da quadra); conflito ou controvérsia (briga entre torcidas organizadas); infração (casos de doping); ou escândalo (corrupção entre atletas para beneficiar casas de apostas esportivas).

Outro aspecto contemporâneo a se mencionar é a inclusão cada vez mais representativa de interferências tecnológicas nas práticas esportivas (como a presença do VAR¹⁰, além do uso de informações de desempenho) que redirecionam mesmo a maneira com a qual se produz notícias sobre a temática. O suporte de

⁹ Perspectiva de estudo surgida nos anos de 1970 a partir de pesquisas interessadas nas rotinas e no processo de produção das notícias. Essa reflexão teórica compreende o jornalismo como “uma construção social de uma suposta realidade” distante da pretensão de refletir o real (Pena, 2005, p. 128).

¹⁰ Sigla para Árbitro Assistente de Vídeo (do inglês *Video Assistant Referee*).

estatísticas, com o apoio de bases de dados, tem sido recorrente: ficam à disposição históricos de vitórias, derrotas, pontos, gols marcados, e tantos outros aspectos que ajudam a enriquecer o repertório (Leal; Mesquita, 2023). Podem ser um recurso importante, sobretudo como complemento, mas não a motivação única, informações disponíveis na construção dos relatos – sob pena de levar à descontextualização dos acontecimentos esportivos. Esta, inclusive, é uma condição que deve ser considerada como recorrente, sobretudo com a expansão de perfis que abordam fenômenos do esporte puramente do ponto de vista estatístico, em especial na internet – com projeção ainda maior em perfis de redes sociais.

Assim, a pesquisa se torna um elemento relevante nas coberturas, sobretudo por conta da coleta e do armazenamento de informações além daquelas obtidas com entrevistas e outros métodos tradicionais. Para facilitar o entendimento do público em torno das disputas, cabe ao jornalista “conhecer e revelar os detalhes da carreira de uma boa parte dos competidores, não apenas por meio das informações básicas (nome, país e resultados), mas também pelas complementares (trajetória e condições de treinamento)” (Maluly, 2010, p. 6).

Desta forma, mesmo os recursos tradicionais, como fotografias, vídeos, entre outros, precisam ter sua inclusão repensada, agora a partir do formato e do dispositivo em que serão consumidos – de forma responsiva, no caso dos dispositivos móveis. Desta forma, “priorizar as reportagens, utilizar outras ferramentas de linguagem, como fotografias, boa diagramação, artes (no caso de jornais e revistas), pode transformar uma reportagem mediana em um produto interessante aos olhos do leitor” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 42).

Segundo Leal e Mesquita (2023), o advento tecnológico e das redes sociais têm impacto nas audiências, evidenciando a tendência de que critérios objetivos dialoguem com perspectivas mais subjetivas de definição dos critérios de noticiabilidade. Essa perspectiva envolveria, de certa maneira, questionar cotidianamente a naturalização do senso comum, a partir de um distanciamento crítico. Essa condição ressalta uma discussão premente para o espaço esportivo no jornalismo: sobre a objetividade.

Para Pena (2005, p. 50), ela é “definida em oposição à subjetividade, o que é um grande erro, pois ela surge não para negá-la, mas sim por reconhecer a sua inevitabilidade”. É possível pensar a reportagem de acontecimentos esportivos considerando princípios basilares do jornalismo “levados em consideração na hora

da seleção e construção das notícias, ao mesmo tempo em que aspectos relacionados ao entretenimento fazem parte da noticiabilidade inerente ao fato esportivo” (Sousa, 2005, p. 12). Esse jornalismo de subjetividade, a partir da escrita esportiva:

[...] articula-se tanto com as representações de mundo (nacionalismo, racismo, ativismo, machismo), como com a gestão do território ou do turismo. O discurso do esporte também pode ser profundamente político, quando remete aos antagonismos coloniais (a exemplo da rivalidade franco-britânica no boxe - Hadjeras), ou engaja o orgulho nacional (como nas derrotas da seleção brasileira de futebol - Casagrande). O esporte também é objeto de polêmicas quando aborda (ou deixa de abordar) questões de gênero e transgênero, ou ainda quando transmite ideologias e visões de mundo (Ducournau, Thomas). Todas essas questões revelam que, se a escrita esportiva não pode ser isolada do contexto em que está inserida, ao mesmo tempo, ela continua sendo um motor essencial da atividade jornalística como um todo (Aron *et al.*, 2021, p. 11).

Em complemento, como argumentam Leal e Mesquita (2023, p. 154), cada vez mais, ganham espaço, especialmente na mídia independente, iniciativas que privilegiam novos atores nas coberturas, trazendo ao jornalismo uma série de causas e demandas sociais relegadas por muito tempo, mas que passam a ter vazão no campo esportivo. Os autores mencionam exemplos, como “o Podcast defende o Nordeste; o Na Raça, a lutar contra o racismo; o Dibradoras, com a bandeira feminista”, reflexo da participação de “mais mulheres, negros e LGBTQIA+ na cobertura esportiva”.

Também têm influência neste contexto a interferência das audiências, seja no sentido de participação, interação exigência e posicionamento, seja na capacidade de alterar as dinâmicas produtivas dos próprios jornalistas. Opinando, adentrando debates, o público interage sobretudo pela possibilidade de socialização trazida pelas ferramentas de comunicação por computador ou dispositivos móveis, em especial pela dinâmica flexível das redes sociais (Leal; Mesquita, 2023). Atento à mídia, o torcedor pede a integração pela notícia, como aponta Maluly (2010, p. 1): “as informações precisam ser fresquinhas, justamente, para alimentar o indivíduo que ‘sabe das coisas e acerta o resultado’”.

Eventualmente, também são incorporados, neste sentido, discursos característicos da esfera torcedora, transformando o público espectador: “não são apenas receptores da mensagem, mas são também personagens importantes das narrativas de futebol produzidas pela imprensa” (Costa, 2010, p. 93). Por isso

mesmo, o jornalista deve estar atento também “às demonstrações de emoção, de angústia dos torcedores, familiares dos atletas, personagens ligados diretamente ao evento esportivo” (Barbeiro; Rangel, 2013, p. 56).

Hutchins e Boyle (2016, p. 4, tradução nossa) indicam que as estruturas e os ritmos do esporte têm consequências diretas na forma com a qual o jornalismo é produzido. Primeiro, importa considerar que os profissionais entendam que a temporalidade esportiva, com um público ansioso pelo consumo de conteúdo. Além dessa condição, é indispensável pensar que jornalistas esportivos enfrentam a mesma série de pressões dos demais profissionais, com a redução de recursos e de tempo disponíveis, “a necessidade de produzir histórias para múltiplas plataformas, o aumento da produção automatizada de conteúdos e a crescente concorrência dos agregadores de conteúdos e especialistas em notícias para redes ‘sociais’”. Em outro nível:

[...] os jornalistas esportivos estão lutando contra as mesmas pressões que estão afetando o jornalismo em geral, incluindo recursos reduzidos de redação, fortes pressões de tempo, a necessidade de produzir histórias para várias plataformas, o aumento da produção automatizada de conteúdo e a crescente concorrência de agregadores de conteúdo e especialistas em notícias “sociais” (Allan 2012). Paradoxalmente, a popularidade e o volume de jogos e eventos esportivos que garantem o emprego de jornalistas esportivos também representam um ônus quando se espera que eles cubram tantos deles com recursos e tempo limitados em duas ou mais plataformas [...] (Mire; Harker, 2019, p. 4).

Assim, “o encurtamento das fronteiras, possibilitado pelo ciberespaço, trouxe o desenho de um novo tipo de audiência e, por conseguinte, uma nova hipótese”, a de “audiência potente”, aquela que contribui com o campo e ao mesmo tempo, tensiona o trabalho jornalístico. É neste momento, por exemplo, que ganham espaço temáticas antes ignoradas ou pouco discutidas no âmbito esportivo, como a prática de outras modalidades, ou mesmo dentro do próprio futebol, com a participação feminina (Leal; Mesquita, 2023, p. 151). O jornalismo esportivo, então,

[...] “se comporta como uma ponta de lança da inovação narrativa digital”. E isso, segundo ele, não seria nada de novo, uma vez que, historicamente: “este campo da comunicação esteve sempre na vanguarda na forma de apresentar e contar histórias e que a sua natureza se antecipa na exploração de novos caminhos e serve de laboratório de provas para que outras editorias e meios habituados a informar outras temáticas tomem nota e decidam também aplicar essa experiência” (Torrijos, 2022, p. 17).

Leal e Mesquita (2023) argumentam que, se há públicos e hábitos diferentes, o jornalista esportivo precisa se dar conta das alterações relativas às dinâmicas produtivas da profissão como um todo, com atenção à necessidade constante de atualização. Além disso, deve dar conta da proposta de “divulgar dados vastos e interessantes dos participantes que despertem a curiosidade e permitam múltiplas pesquisas, personalizar os conteúdos e envolver o utilizador, que é estimulado a participar no evento” (Torrijos, 2022, p. 23). No entanto, é preciso ter cuidado, como destaca Maluly (2010, p.13), ao lembrar da tendência de atrair certos públicos “com uma pitada de mau-gosto, tirando sarro dos atletas por causa da aparência ou um erro durante a competição, fortalecendo estereótipos e preconceitos”.

Como lembram Aron *et al.* (2021, p. 11), os espaços de trabalho são outros, mas também se tem uma gama diferenciada de ferramentas, possibilidades de divulgação e formatação dos conteúdos que interferem significativamente na relação do jornalista esportivo com a própria escrita. Os autores apontam que, no plano interno, redações esportivas referiam-se a dois níveis distintos, mas não imutáveis: “o dos eventos e resultados propriamente ditos, e o dos comentários, investigações ou reportagens que envolvem esses eventos” (Aron *et al.*, 2021, p. 12).

É neste sentido que mesmo a relação espaço-temporal da cobertura esportiva tenha se alterado e aumentado – seja na imprensa generalista ou especializada. Na mesma medida em que há mais visibilidade, mais projeção, existe também a necessidade de preenchimento de grades de programação ou da produção de conteúdos. A questão que surge é: que tipo de conteúdo tem ocupado esses espaços? De forma vazia, as publicações têm apostado em explorar a espetacularização, reduzindo o espaço da informação em detrimento de qualquer recurso que possa atrair olhares do público – chamadas exageradas, títulos grandes, fotos em quantidade, entre outros (Rojas Torrijos, 2010).

Pensando em observar mais atentamente o espaço de discussão desenhado ao longo deste capítulo e uma proposta de jornalismo esportivo que se volte à produção de conteúdos qualificados na cobertura do futebol, interessa prestar atenção aos detalhes. Depois de perceber o retrospecto que atravessa e dá sentido à prática, abrindo o jogo com quem pisou antes no gramado, vale pensar nos possíveis atalhos e, por que não, nos buracos que aparecem no gramado do percurso metodológico desta pesquisa.

3 PELOS ATALHOS E BURACOS DO GRAMADO: PERCURSO METODOLÓGICO

Reconhecer o campo permite considerar suas características, porém, só colocando os pés nele é que é possível perceber quais condições se apresentam. Pensando a partir desta perspectiva, este capítulo aborda o percurso metodológico percorrido pela pesquisa, entre os atalhos e buracos do gramado – além dos elementos preliminares que preparam a análise das narrativas. Portanto, importa destacar que esta pesquisa parte da construção de um referencial teórico por meio de um estudo exploratório para reconhecer o que envolve o objeto (Lozada, 2018). Para Gil (1996, p. 45), esta perspectiva pretende aprimorar ideias, com planejamento flexível, “de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”, com a intenção de “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (Gil, 2010, p. 27).

Como técnicas de coleta de dados, pretende-se realizar, inicialmente a pesquisa bibliográfica, composta, para Marconi e Lakatos (1982), por quatro fases: identificação, localização, compilação e fichamento dos materiais, de variadas fontes, elencadas por Gil (2002), por exemplo, como livros, artigos de periódicos científicos, bancos de dados de dissertações e teses, assim como artigos em anais de eventos representativos da área. Também, a pesquisa tem caráter documental, por permitir a análise de fontes secundárias, como livros, jornais, revistas e artigos, importando, neste estudo, a captação, o detalhamento e a interpretação dos conteúdos da *Trivela* sobre a Argentina no mundial, já que “documentos são uma fonte rica e estável de dados, há baixo custo para a execução e não se exigem contatos com os sujeitos da pesquisa” (Lozada, 2018, p. 160).

Pretende-se aplicar uma vertente de pesquisa qualitativa para a interpretação da cobertura da *Trivela* sobre a Argentina durante a Copa de 2022, considerando as potencialidades do conteúdo quantitativo, pela Análise de Conteúdo, como uma espécie de artifício de preparação¹¹ – que ajuda a qualificar a interpretação do material do ponto de vista da narrativa. Propõe-se buscar o

¹¹ Por este motivo colocado como uma subseção do capítulo metodológico. Interpretamos que os trechos da pesquisa que tratam de tópicos contextuais – como aqueles que tratam da Copa do Mundo de 2022, do histórico da *Trivela* – e preliminares – como os das Análises de Conteúdo – fazem parte da preparação para a Análise Crítica da Narrativa.

contexto de realização do mundial no Catar, além do desenvolvimento da *Trivela*, publicação esportiva, observando desde o princípio até a atualidade, como forma de situar o objeto empírico. O recorte temporal considera o período de realização do evento, com base nos textos sobre a Argentina publicados no site entre 20 de novembro e 20 de dezembro de 2022. Parte-se da premissa de que “há, portanto, uma retroalimentação permanente: ao mesmo tempo em que é abastecido, o jornalismo também abastece o imaginário social e a construção de representações simbólicas” (Gouvêa, 2015, p. 209). Os procedimentos metodológicos e a técnica de interpretação pretendidos para esta pesquisa são a Análise de Conteúdo (AC) (Bardin, 2016; Herscovitz, 2007) como elemento preliminar à interpretação pela Análise Crítica da Narrativa (ACN) (Motta, 2013). A pesquisa se define como exploratória também do ponto de vista metodológico, já que remodela e ajusta a um evento e uma cobertura específicos um método a partir das proposições dos estudos de Motta (2013).

3.1 MONTANDO O ESQUEMA TÁTICO: INTRODUÇÃO AO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Num primeiro momento, como já descrito anteriormente, a AC serve de suporte prévio porque pode facilitar a visualização da quantidade de material, dentro de inferências e interpretações do analista, que darão origem a categorias, “além dos seus significados imediatos” (Bardin, 2016, p. 34). A análise cumprirá as três etapas sugeridas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, registrados via *Planilhas Google*, fragmentado no corpo da pesquisa¹², mais adiante. A organização dos dados é orientada por unidades de categorização detalhadas durante a análise do objeto empírico.

Em seguida, aplica-se a ACN, observando três instâncias: o plano da expressão, plano da estória e plano da metanarrativa, a partir da adoção de sete movimentos metodológicos explicados adiante para dar forma a uma análise descritiva dos conteúdos produzidos durante o mundial vencido pela seleção argentina. Além disso, Motta sugere a adoção total ou parcial de mecanismos analíticos – detalhados adiante: 1) compreender a intriga como síntese do

¹² As informações que sustentam as análises desta pesquisa estão disponíveis nos Apêndices A e B.

heterogêneo; 2) compreender a lógica do paradigma narrativo; 3) deixar surgirem novos episódios; 4) permitir ao conflito dramático revelar-se; 5) entender o personagem como um ser existente tão somente na narrativa, mesmo que haja um correspondente na realidade; 6) identificar as estratégias argumentativas do narrador; e 7) permitir que as metanarrativas aflorem. Entende-se que todos os movimentos podem se encaixar olhando para os sentidos produzidos pelos textos – como elementos reveladores da prática jornalística – da *Trivela* sobre a Argentina, campeã, em um fenômeno como a Copa do Mundo de 2022.

A metodologia é composta de forma mista porque pretende-se complementar, oferecendo uma visão panorâmica do objeto estudado. A escolha se justifica por envolver um site que compõe seus conteúdos a partir da aproximação entre textos informativos e interpretativos, por vezes se usando recursos da crônica, com marcadas características brasileiras (Frange, 2016; Viana, 2013). Busca-se que a interpretação seja utilizada como forma de ampliar as possibilidades do texto, ligando aspectos da história e outros elementos de composição, mas é sobretudo em Motta (2013) que o estudo se ampara metodologicamente. Como premissa, entende-se que:

[...] o discurso jornalístico se mostra permeado de sentidos que podem ser observados e interpretados tanto pelo que evidencia quanto pelo que insinua, sugere e oculta. As notícias produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa não trazem à audiência apenas informação, mas atualizam a realidade social. Renovam e experimentam diária e cotidianamente a percepção do mundo, do espaço de convívio e de ação, o canônico e as transgressões (Motta; Costa; Lima, 2004, p. 33).

Especificamente quando volta-se às produções jornalísticas, a perspectiva de Motta (2013) aponta para a descrição da narratividade, enunciando sucessivos estados de transformação – situação fundamental a qualquer relato jornalístico. Assim, estudar o Jornalismo como narrativa envolve reconhecê-lo como um dos responsáveis por ordenar acontecimentos do presente objetivo e subjetivo do mundo em discursos, “esboços instáveis e provisórios do real, em constante configuração e reconfiguração” (Quadros; Motta; Nasi, 2017, p. 38). Para Motta (2013), narrativas são um permanente jogo entre efeitos de real e efeitos de sentido, “mais que representações: são estruturas que preenchem de sentido a experiência e instituem significação à vida humana” (Motta, 2013, p. 18).

Daí que o discurso jornalístico procure compor “efeitos” de sentido e de real por meio de suas estratégias, para que se interprete o relato como um fato em si mesmo (Motta, 2004; 2008). É importante notar, neste sentido, que o Jornalismo tem uma forma particular de “perceber e produzir” seus fatos: “sabemos que os fatos não existem previamente como tais. Existe um fluxo objetivo na realidade, de onde os fatos são recortados e construídos obedecendo a determinações ao mesmo tempo objetivas e subjetivas” (Genro Filho, 2012, p. 194). Nesta proposta, o ser humano não expõe as coisas, simplesmente: “dobra-as, mascara-as, conforme o modo como as vê. Ao trabalhar com o acontecido presente em um passado imediato, aquilo que o jornalismo apresenta não é a realidade, mas sua representação, com toda a subjetividade que um olhar pode carregar (Vicchiatti, 2005).

Deste contexto, é pontual dizer que a narratologia é a teoria que estuda as narrativas e o conjunto de mecanismos analíticos usados para a interpretação delas, configurando-se tanto como um campo quanto como um método de análise próximo da fenomenologia e da hermenêutica (Motta, 2013, p. 47-49; 78-80). Procura compreender de que forma sujeitos constroem sentidos entre relatos fáticos – notícias, reportagens, etc. – e fictícios – novelas, clipes, etc. ou híbridos – sobre a realidade (Bal, 2021; Motta, 2013).

Assim, o ato de narrar se aproxima da mimese, no entanto, a estrutura narrativa não necessariamente se liga só à dualidade verdadeiro-falso, mas pode se apresentar tanto em um quanto em outro polo por sua “estrutura interna de conexão que determina a sua configuração integral” (Motta, 2013, p. 47). Além disso, quem narra tem uma intenção e utiliza para isso estratégias comunicativas organizadoras do discurso midiático de forma não aleatória, cujo princípio é o contar. Afinal, interpreta de que forma intencionalidades do narrador se desenvolvem no texto jornalístico, a partir de:

[...] uma técnica de enunciação dramática da realidade de modo a envolver o ouvinte na estória narrada. Narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo de linguagem persuasivo, sedutor e envolvente. Narrar é uma atitude, quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração (Motta, 2013, p. 47).

Entende-se, neste sentido, que narrativas só existem em contexto, e não podem ser analisadas de forma isolada. São produtos culturais configurados e

inseridos em determinados momentos sociais e históricos. Ao conectar pontos da mesma estória reordenada, esta perspectiva desvela a narratividade não simplesmente de narrativas unitárias, mas como parte de um acontecimento integral. Com a realidade recriada, surge, então, o que o autor chama de “acontecimento intriga”, responsável por revelar ao observador/analista sutilezas das estratégias e formas de narração, ganchos e encadeamentos, conflitos internos, papéis de personagens, dilemas, cenários, dramas e outros elementos que compõem a dinâmica dos relatos – e quais os próprios sentidos construídos por eles (Gouvêa, 2015, p. 211; Motta; Costa; Lima, 2004, p. 33).

Como argumenta Motta (2013, p. 23), a Análise Crítica da Narrativa volta-se ao estudo “metódico, orgânico, rigoroso do processo de comunicação narrativa, que nasce da dúvida sobre o preestabelecido e persegue o conhecimento sistemático a respeito das relações históricas que configuram as estórias reais ou ficcionais”. Gouvêa (2015, p. 210-211), ressalta que saber de “que maneira se dá a articulação de sentidos por meio da comunicação narrativa é o objetivo central da técnica interpretativa que representa a análise crítica da narrativa”.

Para contornar a camada de estratégias de apagamento do narrador – tradicionais nos textos jornalísticos –, sugere-se dar atenção a um episódio ou evento específico, reunindo todos os materiais possíveis publicados por um ou mais veículos – no caso desta pesquisa, reitera-se, a Copa pela *Trivela*. O argumento deste recorte metodológico pressupõe que o narrar jornalístico é lacunar e difuso porque se compõe de forma não-cronológica. A reorganização dessa dinâmica temporal atravessa a prática de produção jornalística e faz dos relatos uma “atividade produtora de sentidos culturais, uma mimese instituidora de realidade, formadora e constituidora do pensamento contemporâneo em todas as dimensões dessa afirmação” (Motta, 2013, p. 63-64).

A proposta de Motta (2013) considera observar um trio de instâncias: os planos da expressão, da estória e da metanarrativa. O primeiro tem como principal objeto de análise o discurso, manifesto na linguagem, na forma, nos recursos expressivos e estratégias utilizados pelo jornalista-narrador para apresentar a estória. O segundo, ao qual interessa o conteúdo, se volta à representação e o modo pelo qual a estória é enunciada, investigando a lógica e a manifestação das intencionalidades do narrador, entre personagens, conflitos e outras estruturas organizadoras para causar certos efeitos no público. Por fim, a terceira instância se

baseia no tema de fundo: uma narrativa sobre a narrativa, uma mensagem subentendida que transcende o texto em si, propósito do narrador para com o público.

O autor ressalta que os dois primeiros planos são predominantemente estéticos, enquanto o terceiro é ético (cultural/ideológico), ainda que os três estejam intimamente conectados. Vale ressaltar que “distinguir esses três planos é um procedimento técnico para iniciar o mergulho até a essência do objeto e, a partir dele, retirar deduções sobre a relação comunicativa” (Motta, 2013, p. 135). Neste processo, se articulam e sobrepõem três vozes narradoras: veículos, jornalistas e personagens – com posições e opiniões muitas vezes contraditórias e confrontantes, em negociação no fazer jornalístico. Nesse sentido:

A narrativa jornalística é uma construção discursiva mediada primeiramente pelo meio de comunicação que a veicula: o jornal, a emissora ou o portal, cada qual com suas singularidades técnicas, seus ethos, seus interesses comerciais e ideológicos particulares. Ela é mediada, em segundo lugar por um corpo de profissionais corporativos: jornalistas, diagramadores, fotógrafos, cinegrafistas, editores, ilustradores, webmasters etc., que hierarquizam a apresentação dos fatos, enquadram e posicionam os protagonistas na estória, de acordo com seus valores pessoais e interesses profissionais (Motta, 2013, p. 220).

É importante esclarecer de que forma se desenvolvem os movimentos formulados por Motta, para que então se compreenda sob qual prisma serão compreendidos diante do objeto de estudo. Pensando que “toda a narrativa tem princípio, meio e final e assim precisa ser compreendida e analisada” (Motta, 2013, p. 90), o primeiro movimento – “compreender a intriga como síntese do heterogêneo” – indica que o analista recorte de forma justificada o fluxo de materiais jornalísticos, identificado, em seguida, quais intrigas aglutinam os acontecimentos que compõem o enredo integral da narrativa observada, articulando aquilo que parecia desconexo quando na forma de relatos mais fragmentados. Importa, neste contexto, relacionar como episódios e personagens presentes nos relatos – e com quais recursos linguísticos, angulações e enquadramentos – são retratados, além de identificar início, meio e fim do enredo, entre os fios que alinham a narrativa. A identificação da intriga se dá a partir da leitura dos textos investigados, anotando considerações e redigindo um resumo-síntese, observando, decompondo e recompondo o tecido da narrativa para interpretá-la.

O segundo movimento analítico busca “compreender a lógica do paradigma narrativo” (Motta, 2013, p. 94-103). Entram em questão as intenções do emissor na articulação de certos aspectos na composição do relato jornalístico, entre suas observações e a materialidade do texto, para que o público o compreenda, em elos lógicos, fios condutores que fazem a estória “permanecer” para o público – quais os efeitos de retardamento do desenlace, as explicações dadas pelo narrador. “A sequência, o encadeamento, ênfases, retardamentos, suspense etc. passam a ser compreendidos como táticas argumentativas de quem narra uma estória” (Motta, 2013, p. 155).

Motta recomenda uma classificação dos fios condutores da narrativa por meio da designação de funções dessas categorias na totalidade. Esse passo procura elucidar o desenvolvimento dos vaivéns da narrativa, entre suspense, clímax, etc. e as escolhas pelas quais se desenrolam. Ainda há, neste movimento, a análise dos dêiticos presentes nos textos: elementos espaço-temporais que posicionam personagens e dão outras pistas sobre lugares e momentos no relato, mesmo aqueles ilustrados por ações dos personagens na narrativa. Ainda no segundo movimento, Motta (2013) recomenda a produção de uma linha do tempo que identifique pontos de virada, marcações do episódio analisado

O terceiro movimento, “deixar surgirem ‘novos episódios’” (Motta, 2013, p. 103-107) refere-se à identificação de unidades narrativas que tem certa autonomia individualmente, mas ainda assim se conectam ao todo do acontecimento, como que arrematando-o – manifestos individual ou conjuntamente; distribuídos de forma continuada ou intercalada no tempo; tendo função descritiva ou transformadora. Os episódios, nomeados e qualificados pelo analista, podem ter extensão variável, sem que necessariamente se sucedam, linearmente: podem ter condições dinâmicas ou mesmo estáticas, a depender do objeto de análise.

O próximo passo, o quarto, propõe “permitir ao conflito dramático se revelar” (Motta, 2013, p. 107-111). A partir do recorte da narrativa analisada, da identificação de intrigas e episódios, este momento trata dos embates presentes nos textos, sejam eles posicionados em um momento específico ou descritos de forma transitória, originados no mundo fático e, ocasionalmente, tensionados por uma dramatização – elemento presente duplamente: tanto nos materiais jornalísticos quanto na própria dinâmica das partidas e composições de futebol. Neste passo, se

pode deduzir quais os recursos discursivos do processo comunicativo, entendendo que a narrativa é composta por episódios e conflitos dramáticos.

A identificação do conflito dramático revela transformações no estado das coisas, a partir de um enunciador “que tece a trama através do relato dos incidentes, peripécias, rupturas, descontinuidades, transgressões ou anormalidades” (Motta, 2013). Esta posição é fundamental, para Motta (2013, p. 167) porque “o conflito dramático é o *frame* cognitivo (enquadramento, perspectiva, ponto de vista) através do qual o narrador organiza a difusa e confusa realidade que pretende relatar”. Assim, pode-se compreender como o narrador estrutura os embates da estória, posiciona personagens e lhes dá determinados recortes no texto.

Para “entender o personagem como um ser existente tão somente na narrativa, mesmo que haja um correspondente na realidade”, no quinto movimento analítico desta proposta metodológica, Motta (2013) considera a transformação da pessoa em um personagem – não os indivíduos propriamente ditos, mas as representações que são feitas deles, destacando e ocultando certas características: “Enquanto personagens do discurso, eles representam outras pessoas, mas eles não são pessoas, são representações das pessoas” (Motta, 2013, p. 124). “Assim, a personagem assume um tipo singular que caracterizam certos arquetípicos, embora o tipo, como categoria, corresponda mais precisamente a uma personagem estereotipada” (Motta, 2013, p. 173).

Desta forma, este passo é representativo por indicar a força que personagens – vistos aqui na forma de arquétipos de seres humanos – têm na estruturação dos textos jornalísticos – especialmente sobre esporte. Elemento importante mesmo para a dramatização, o personagem direciona os papéis atribuídos nas ações e conflitos relatados e é também uma forma de aproximar e estimular o público leitor. Seja em narrativas fáticas ou fictícias, há personagens nas narrativas – ainda que nos relatos se configurem como representações.

O sexto movimento proposto por Motta (2013) se volta ao emprego, pelo narrador, de “estratégias argumentativas”, nas argumentações e intenções que compõem o relato. A atenção deve ser direcionada à polifonia e à polissemia da narrativa, considerando que o relato jornalístico se orienta pelo universo fático, preocupado com um efeito “de realidade”, a partir do qual o emissor procura “apagar-se” do texto que ele mesmo compôs – ao qual o analista deve procurar pelas “pegadas” deixadas pelo caminho. Esta perspectiva é descrita por Motta

(2013, p. 131) nos “desvios de sentido” que convivem com o que há de verdadeiro no texto – incluindo efeitos “estéticos” como metáforas, hipérboles, etc. que tornam a narrativa híbrida.

Por fim, o sétimo movimento compreende “permitir as metanarrativas aflorarem” (Motta, 2013, pp. 134-138). O autor parte do entendimento de que, seja fática ou fictícia, toda narrativa é sustentada por um plano de fundo moral. Entrelaçados nas estratégias do emissor, esses contornos e direcionamentos presentes ao longo do conteúdo podem aparecer depois da identificação dos demais movimentos propostos por Motta. O analista, ao notar a metanarrativa, chega ao momento “pré-narrativo” que atravessa a composição da narrativa jornalística e se manifesta em planos contextuais que motivam as escolhas do emissor: “Os jornalistas só destacam certos fatos da realidade como notícia porque esses fatos transgridem algum preceito jurídico, ético ou moral, algum consenso cultural” (Motta, 2013, p. 206).

Motta (2013) indica que os movimentos interpretativos propostos diante da narrativa são como sínteses introdutórias, podendo se articular com outras metodologias, uma vez que “nenhum método ou procedimento prévio deve ser tomado como camisa de força, portanto” (Motta, 2013, p. 133). Por isso, em complemento, entende-se que a quantificação de variáveis do material jornalístico – como: quantidade de matérias, data de coleta do material, data de publicação, autoria, título, linha fina, entre outros recursos – pode preencher lacunas e oferecer possibilidades de interpretação dos resultados obtidos, ainda que na etapa exploratória para a Análise de Conteúdo – feita antes da própria Análise Crítica da Narrativa.

Quando se levanta este questionamento, há a intenção de complementar a visão panorâmica oferecida pela ACN, no sentido de entender o objeto de forma minuciosa a partir de inferências e categorizações para filtrar o *corpus*, formado por uma quantidade considerável de relatos. Neste sentido, a Análise de Conteúdo (Gouvêa, 2015; Bardin, 2016; Herscovitz, 2007) apresenta-se como um instrumento metodológico vinculado ao estudo exploratório do material coletado. Supondo que narrativas jornalísticas se fundamentam também a partir de mecanismos de enunciação que a estruturam, a Análise de Conteúdo cumpre seus propósitos e se aplica com precisão:

[...] ao plano da expressão, já que ambos têm a linguagem, ou seja, o plano da superfície textual como elemento central de estudo. No entanto, também há análise de conteúdo se apresenta como o procedimento metodológico fundamental para a compreensão do plano da estória: a partir do estudo iniciado no plano da expressão o pesquisador encontrará subsídios que o ajudarão a compreender como as estratégias discursivas atuam na construção da estória projetada pela narrativa (Gouvêa, 2015, p. 212).

Nos dois planos, a Análise Crítica da Narrativa divide estratégias comunicativas usadas pelo narrador em estratégias de objetivação e de subjetivação. Esse entrelaçamento se dá na matéria pretensamente objetiva – para que os fatos “falem por si”, dando a impressão de que não há mediação nas notícias, como uso de fontes e de dados na composição do relato –; atravessada por elementos de subjetivação – entre efeitos poéticos, adjetivos, advérbios e outros recursos de linguagem – na qual as intenções e estratégias se desvelam.

A partir das estratégias descritas acima, importa detalhar o procedimento metodológico. Inicialmente, como já ressaltado, pretende-se aplicar a Análise de Conteúdo como forma de aproximação e posterior aprofundamento das inferências realizadas, de forma mesclada com a Análise Crítica da Narrativa. Inicialmente, vale destacar de onde o recorte metodológico partiu: quanto ao objeto empírico, o *corpus* foi composto por materiais publicados pela *Trivela* na Copa do Mundo de 2022, de 20 de novembro a 20 de dezembro – para compreender repercussões da decisão. O primeiro deles diz respeito à extensão do *corpus*¹³, com uma coleta e interpretação de dados ajustada, estruturada e detalhada na análise. Depois de montar o esquema tático, por assim dizer, agora nos voltamos aos ajustes pré-jogo, para pensar na estruturação e na composição das categorias que orientam a análise.

3.2 AJUSTES PRÉ-JOGO: ESTRUTURAÇÃO E CATEGORIAS DE ANÁLISE

A proposta é que “pensar, (re)conhecer e analisar as narrativas jornalísticas à luz de sua tessitura pode ser um caminho tanto para se conhecer o jornalismo quanto o seu próprio fazer” (Resende, 2009, p. 36). O objeto de estudo aqui delimitado abrange o Jornalismo enquanto produtor de discursos materializados nas narrativas, com o objeto empírico direcionado à *Trivela* – em especial os textos que tratem da Argentina – durante o período da Copa do Mundo de 2022.

¹³ No total, são 370, sobre a Copa, para a Análise de Conteúdo, também feita para os 55 relativos à trajetória da Argentina, que ainda são interpretados sob a perspectiva da Análise Crítica da Narrativa.

Olhar para um veículo nichado é pensar na construção de um conhecimento por outros formatos, tecnologias e linguagens, a partir das quais “a representação e a instituição do mundo pela mídia adquiriram uma importância ainda mais fundamental. E a construção e a constituição do mundo na forma narrativa através da mídia, uma relevância ainda mais estratégica” (Motta, 2013, p. 57). A observação dessa perspectiva a produtos jornalísticos exige adaptações, para contemplar condições de produção deste espaço específico, caso das narrativas sobre futebol.

Parte-se do pressuposto de que “a teoria guia, seleciona e recorta o fenômeno ou objeto real para constituí-lo em problema ou objeto de pesquisa” (Lopes, 2005, p. 104), as produções da *Trivela*, escolhidas como objeto empírico por conta de investigações anteriores (Zart, 2020a; 2020b; 2021; 2023), uma vez que a narrativa jornalística “deve envolver uma contextualização precisa e profunda, [...] uma observação/percepção cuidadosa dos fenômenos sociais” (Ijuim; Sardinha, 2009, p. 157).

Tinha-se por premissa, de início, como um critério de seleção do material, estar presente na editoria/etiqueta “Copa do Mundo” do site, porque o objeto empírico se encaminha para lá; eliminando todos os demais do foco desta pesquisa. O olhar se volta à materialidade do texto; outros elementos presentes nas matérias são tratados como secundários, de identificação. Como o material está disponível on-line, a coleta se dá diretamente do site da publicação (trivela.com.br), tendo como recursos o salvamento dos links e PDFs, das matérias. O fato de ser uma publicação a ser analisada dá espaço para que a interpretação possa ser aprofundada. Como parte do delineamento deste estudo, optou-se por formular quadros para entender como se configuram as narrativas, também para tentar uma primeira aproximação. Motta (2013) ressalta: cada objeto de estudo tem uma dinâmica diferente, e tem autonomia de categorização e desenho de pesquisa para o analista.

O primeiro dos quadros, ilustrado abaixo, é composto por informações de identificação, como: elementos descritivos – 1. Número da matéria; 2. Data de coleta; 3. Data de publicação do material; 4. Editoria do material; 5. Autor; 6. Título; 7. Linha fina; e elementos de composição, definidos a partir da presença ou não no material observado – 8. Ficha técnica; 9. Hiperlink; 10. Conteúdo incorporado de outros locais; 11. Foto; além do link de acesso (12) e quantidade de matérias publicadas no dia (13).

As informações não devem ser vistas individualmente apenas, mas de forma mais apurada e reunida, para que signifiquem algo à pesquisa olhando para a narrativa integral – além da própria proposta exploratória. Isso significa que servirão como suporte, uma estratégia, um artifício de interpretação para preparar e enriquecer a Análise Crítica da Narrativa.

Quadro 1 – Informações de identificação

(continua)

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA
1	20/11	20/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Felix Sanchez: "Estamos prontos para provar a todo mundo que merecemos jogar a Copa do Mundo"	Técnico do Catar, Felix Sanchez ressaltou a dificuldade de enfrentar o catar e sabe que é um di importante para a história do Catar no futebol
2	20/11	20/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Eric Dier: "Gosto de pensar que você pode aproveitar com ou sem álcool"	Proibição da venda de álcool a dois dias da Copa desagradou, mas o zagueiro da Inglaterra quer animar os torcedores com o futebol em campo
3	20/11	20/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Senegal convoca um lateral para o lugar de Mané, depois que a burocracia tornou Jakobs um problema	A troca de seleção feita por Ismail Jakobs ainda não foi aprovada pela Fifa e, por isso, Aliou Cissé preferiu chamar outro lateral
4	20/11	20/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Na abertura da Copa, Equador foi forte demais para um Catar de baixa qualidade e sem inspiração	Os sul-americanos abriram 2 a 0 sem problemas no primeiro tempo, tiraram o pé no segundo e começaram o Mundial com uma vitória tranquila
5	20/11	20/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Catar viu seu plano receber um choque de realidade e tomou olé do Equador	Estilo de jogo da seleção catariana era baseada no estilo espanhol de posse de bola, mas nunca conseguiu controlar o jogo e viu o Equador fazer o que quis

Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2023.

Quadro 1 – Informações de identificação

(conclusão)

GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	MATÉRIAS/DIA
Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/felix-sanchez-estamos-prontos-para-provar-a-todo-mundo-que-merecemos-jogar-a-copa-do-mundo/	1
Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/eric-dier-gosto-de-pensar-que-voce-pode-aproveitar-com-ou-sem-alcool/	2
Interpretativo/ Opinativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/senegal-convo-ca-um-lateral-para-o-lugar-de-mane-depois-que-a-burocracia-tornou-jakobs-um-problema/	3
Informativo	Crônica de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/na-abertura-da-copa-equador-foi-forte-demais-para-um-catar-de-baixa-qualidade-e-sem-inspiracao/	4
Interpretativo/ Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/catar-viu-seu-plano-receber-um-choque-de-realidade-e-tomou-ole-do-equador/	5

Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2023.

Ainda em relação ao quadro quantitativo de análise, acredita-se que “o movimento pendular da narrativa jornalística entre o fático e o ficcional contribui para que Motta disserte sobre a narrativa jornalística e o leque de formatos de texto

adotados em meio aos produtos informativos” (Motta, 2013, p. 61). A dimensão da construção do texto, nesta etapa, procura compreender de que forma o relato é composto e o que o caracteriza e o conforma em certas categorias, independente da natureza: se trata de uma partida, de um personagem ou de uma análise mais ampla. Nesse momento, são considerados os conceitos de Beltrão (1980), Melo (2003) e Alves Filho (2014), com adaptações. Devem ser considerados elementos que sustentem o texto, entre fáticos e fictícios, do ponto de vista informativo (lembrando acontecimentos anteriores, dados, etc.), social (buscando origens da história dos personagens, por exemplo), e emotivo (sentimentos motivados pelo jogo, positivos ou negativos).

Para tanto, fez-se uma pré-coleta nos moldes do quadro detalhado acima entre os dias 20 e 25 de novembro de 2022, período que abrange parte da primeira fase do mundial, com 84 matérias enquadradas. A pretensão foi aproximar-se do objeto empírico para compreender sob qual dinâmica ele se desenvolvia, além de projetar a dimensão do material ao final da disputa do mundial e, com isso, refletir sobre possíveis categorizações e direcionamentos.

Nesta primeira leitura flutuante, a partir de anotações do analista, foram criadas – inicialmente – duas dimensões de análise: 1) Construção do texto; e 2) Formação narrativa. Na primeira delas, para facilitar a compreensão, foram descritas três angulações: a) gênero textual – de forma ampla, partindo do referencial teórico, entre os modelos de texto informativo, interpretativo e opinativo; b) formato – disposto entre os três mais recorrentes na pré-coleta, notícia¹⁴, texto de personagem¹⁵ e crônica¹⁶; e c) sobre a proposta – que indica a quem o conteúdo se volta: quatro linhas (assuntos sobre as partidas, dentro do campo); escalação (para ressaltar um personagem que é central à narrativa) e visão de jogo (já que alguns textos costumam oferecer uma observação panorâmica além da partida enquanto acontecimento factual).

No entanto, em uma segunda leitura, mais detalhada, a coleta das matérias da cobertura foi continuada, entre os dias 15 de julho e 14 de agosto de 2023. Durante a varredura, confirmou-se uma quantidade maior, totalizando 416 relatos.

¹⁴ Relato de um fato atual, informativo e socialmente relevante; matéria-prima do jornalismo (Alves Filho, 2014; Rojas Torrijos, 2010).

¹⁵ Apresenta um personagem ou um local (Alves Filho, 2014).

¹⁶ Conteúdo marcadamente subjetivo [...] que registra a visão do cronista a respeito de fatos do cotidiano, aproxima jornalismo e literatura (Alves Filho, 2014). Não se deve confundir com a crônica esportiva identificada como coletivo de profissionais que escrevem sobre a temática.

Contudo, as categorias criadas inicialmente não eram mais suficientes à composição que mostrava o *corpus*. Então, a partir deste novo contexto, as colunas voltadas ao gênero textual – entre informativo, interpretativo e opinativo – e à proposta – entre quatro linhas, escalação e visão de jogo – se mantiveram, enquanto a coluna voltada ao formato recebeu acréscimos. Portanto, foram adicionados os formatos relato de jogo¹⁷, repercussão¹⁸ e histórico¹⁹. Um quadro-síntese pode ser visto abaixo:

Quadro 2 – Construção do texto (angulações)

GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA
Informativo	Notícia	Quatro linhas
Interpretativo	Relato de jogo	Escalação
Opinativo	Repercussão	Visão de jogo
	Personagem	
	Crônica	
	Histórico	

Fonte: Produzido pelo autor, 2023.

Depois da readequação das categorias, notou-se um estranhamento diante das informações dispostas na tabela: havia incoerências entre o que se supunha nas leituras e os dados, mas com uma explicação factual – que motivou o acréscimo de mais um critério de exclusão dos materiais: determinada quantidade de matérias não tinha valor de análise, e foi, portanto, dividida em dois grupos: *open bar* de comentários²⁰ e aquelas que anunciavam a mais recente edição do Podcast da *Trivela*. Na filtragem, estes casos foram retirados da amostra, que passou de 416 para 370 textos.

Finalmente, diante desta amostra, se fez um último recorte, para chegar às matérias que envolviam, diretamente²¹, a trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022. A possibilidade de manter todas as 370 matérias, considerada inicialmente, foi descartada por alguns motivos de sentido prático. Primeiro porque não

¹⁷ Textos que informam sobre desdobramentos e acontecimentos de uma partida, mas são mais diretos, ainda que ordenem o conteúdo de forma cronológica além do parágrafo de abertura.

¹⁸ Casos em que há pré ou pós-jogo, antes ou depois das partidas, explorando declarações, interpretações ou posicionamentos dos envolvidos, sejam técnicos, jogadores ou membros de clubes ou entidades.

¹⁹ Voltam-se a aspectos do passado: embates históricos entre duas seleções que se encontram novamente, nomes de destaque ou ocasiões que se relacionam com o factual, mas tem teor de retrospectiva.

²⁰ Um texto que pura e simplesmente disponibiliza um espaço para que o público se manifeste abertamente.

²¹ Há matérias que focam em personagens dos adversários da Argentina, retiradas da amostra por este motivo.

permitiriam um olhar mais demorado na interpretação de todas as narrativas. Segundo porque esta situação desfiguraria a complexidade metodológico-analítica da Análise Crítica da Narrativa, já que apenas a utilizaria de forma instrumental. Terceiro porque, diante da vastidão do *corpus*, a sistematização da coleta e do contato com os materiais seria inviável no tempo disponível para a construção deste estudo. Ao final, depois de considerar como um critério de inclusão apenas aqueles conteúdos que tratavam da trajetória albiceleste no mundial, mantiveram-se 55 matérias, objeto da Análise Crítica da Narrativa pretendida para a dissertação.

Por sua vez, na segunda categoria, de formação narrativa, ainda como um momento de aproximação do *corpus*, formulou-se outro quadro. A intenção foi compreender a quê cada uma das instâncias da Análise Crítica da Narrativa se volta. Vale destacar, sobretudo, que Motta (2013) considera que as três instâncias se separam apenas para que se tenha clareza sobre seus propósitos sistematizados. Na construção da análise os três planos se atravessam e se sobrepõem, na descrição do analista – que tem liberdade para delinear-los a partir dos propósitos aos quais a pesquisa procura responder.

A escolha foi pela composição de um quadro de referência considerando a trinca de instâncias e os itens que as integram na proposta de Motta (2013). O material com mais detalhamento, que sustentará o texto do capítulo de análise, está disponível nos Apêndices. A intenção foi mesclar itens de teor mais classificatório, enquanto a maioria seria composta por interpretações mais descritivas sobre os relatos analisados – sob a perspectiva da Análise Crítica da Narrativa, precisamente, 55 deles.

Quadro 3 – Detalhamento dos planos da ACN, em perspectiva

DENOMINADOR	EXPRESSÃO	ESTÓRIA	METANARRATIVA
Se volta a	Linguagem/discurso, construção do texto; intenções comunicativas do narrador Diz respeito às escolhas linguísticas e discursivas utilizadas pelo jornalista para arquitetar sua comunicação	Conteúdo (definição dos episódios, descrição) modo como o enunciador aloca episódios e suas personagens com o intuito de causar certos efeitos nos receptores	Tema de fundo
Predominantemente	Estético	Estético	Ético (cultural/ideológico)
Se analisa	Sequências de ações Encadeamentos Enredo Intriga Conflito Cenário Personagens	Conteúdo: Modo como o enunciador aloca personagens e episódios na estória Universo de significações, história que se projeta na mente dos leitores, intencionalidades do narrador	Moral da história ao público (exemplos de Motta): fé, felicidade, progresso, corrupção, exaltação, triunfo Revolução, temor, morte
Detalhamento	Na retórica do jornalismo, a fim de produzir efeitos de surpresa, espanto, incredulidade, dentre outros	Unidades nucleares e sua funcionalidade: ações em sequência que conformam os episódios É o plano da significação: uma realidade referente “é evocada pelo texto narrativo por sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando uma intriga (enredo ou trama)” (Motta, 2013, p. 137).	Estruturas profundas, abstratas, evasivas e que evocam imaginários culturais, modelos de mundo

Fonte: Produzido pelo autor, 2023.

Considerando as definições da ACN e dos quadros já formulados, foi o momento de, mais uma vez, voltar-se ao *corpus* para criar categorias dentro de cada um dos três planos da narrativa: da expressão, da estória e da metanarrativa. Ressalta-se que, no plano da expressão, a proposta parte de um resumo-síntese do texto (parte fundamental, que acabou por reunir os principais aspectos dos outros segmentos observados); o episódio, aqui definido a partir da fase da Copa – já que

este é um dos elementos identificados como aglutinadores da narrativa do evento como um todo, da expectativa ao clímax da final –, e a natureza do jogo, se integrante da fase de grupos ou dos mata-matas.

Além disso, a seção sobre os microeventos deve considerar o jogo como narrativa mínima, ou seja, fragmentar os acontecimentos que compõem a narrativa em forma de tópicos. Em seguida, na nomeação dos episódios, a intenção é compreender de que forma o autor constrói o texto e indica significações. Situação a ser percebida no passo seguinte, quando se decompõe o texto em busca das sequências e do encadeamento do enredo-intriga.

Ainda neste quadro, são contemplados os conflitos e planos de virada (categorizados como eixos dicotômicos pretensamente presentes nas matérias: heroísmo/vilania; superação/decepção; expectativa/frustração, mas com desdobramentos descritivos). O cenário (categorias de dentro ou fora das quatro linhas para apontar qual o local ao qual a narrativa se presta) e personagens (descritos entre protagonista e coadjuvante), todos podendo receber detalhamentos. As escolhas são motivadas por facilitar um enquadramento aos materiais observados, em complemento à análise descritiva, proposta nos sete passos, por Motta (2013).

Quadro 4 – Formação narrativa (angulações/expressão)

PLANO DA EXPRESSÃO
Resumo-síntese
Episódio (fase da copa/natureza do jogo)
Microevento (jogo como narrativa mínima)
Nomeação do episódio (funções na construção da narrativa)
Enredo-intriga (sequências/encadeamento)
Conflitos/Pontos de virada (heroísmo/vilania; superação/decepção; expectativa/frustração)
Cenário (Dentro/Fora das 4 linhas)
Personagens (função) + (Protagonista/Coadjuvante)

Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

O plano da estória se refere ao conteúdo, ao universo de significações e outros recursos usados pelo narrador. Para Motta (2013) é aquele em que a narrativa se desenvolve. Se os episódios podem ser delimitados a partir das fases da Copa e da natureza de cada jogo, essa proposta acaba por reunir relatos da *Trivela*. No entanto, vale ressaltar que se pretende usar a linearidade do campeonato justamente como uma forma de desestabilizar a narrativa,

desmontando-a para remontá-la ressignificada. É neste movimento operacional que se percebe o núcleo por meio do qual orbitam elementos que dão forma à narrativa.

No plano da estória, entende-se como o enunciador constrói o relato, posiciona personagens e desencadeia a narrativa a partir de unidades nucleares – tópicos sobre os quais o texto trata. Vale apontar, brevemente, quais recursos de linguagem sustentam essa proposta, assim como aqueles elementos fáticos, que fazem referência a informações, dados e fontes, com a intenção de construir efeitos de real – particularmente importante à narrativa jornalística; e os que apontam à direção de efeitos de sentido, por meio de elementos fictícios, figuras de linguagem, interpretações, analogias, descrições mais subjetivas.

Quadro 5 – Formação narrativa (angulações/estória)

PLANO DA ESTÓRIA		
Conteúdo da narrativa/ Unidades Nucleares (Ordem da narração e traços de composição do texto)	Recursos fáticos (efeitos de real): Dêiticos situando espaço e lugar, dados utilizados	Recursos fictícios (efeitos de sentido): Figuras de linguagem, analepse, prolepse, dêiticos

Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

O quadro utilizado no plano da metanarrativa é relativamente mais simples, sobretudo por conta das escolhas metodológicas: são usados os mesmos marcadores que norteiam os conflitos no plano da expressão, ressaltando a ligação entre as dimensões. Entende-se que a categorização possa ser feita a partir da identificação ou não dos temas de fundo determinados em cada uma das estórias, para que se tenha uma visão panorâmica do que predomina, qual a intenção narrativa dos enunciadores, e qual mensagem os textos transmitem ao público leitor além do jogo em si. Vale lembrar que as classificações demarcadas são condicionantes do próprio esporte, em específico o futebol, em que o contexto das partidas atribui certos papéis aos personagens envolvidos, ao mesmo tempo em que dá forma a uma consciência coletiva da representatividade além do resultado em si.

Quadro 6 – Formação narrativa (angulações/metanarrativa)

PLANO DA METANARRATIVA			
Tema de fundo	Heroísmo/ vilania	Superação/ decepção	Expectativa/ Frustração

Fonte: Produzido pelo autor, 2023.

Por fim, importa frisar que a Análise de Conteúdo será articulada como um elemento prévio, de preparação para a Análise Crítica da Narrativa – como pano de fundo para o detalhamento dos passos sugeridos por Motta (2013) a partir de recortes dos textos da *Trivela*, observados qualitativamente. Ressaltamos esta possibilidade por interpretar que, enquanto as informações organizadas pela AC oferecem um panorama das propostas desenvolvidas pelo site em relação a padrões da forma à construção do texto – em toda a competição e só se voltando à Argentina –, a ACN pode oferecer uma visão mais ampla da narrativa, tanto de maneira individualizada quanto quando se notam os conteúdos sobre a trajetória da Albiceleste. Antes disso, no entanto, é preciso considerar informações de contexto, sobre o evento e a publicação que são parte pontual da sustentação deste estudo.

3.3 O ESTÁDIO: SOBRE A COPA DO MUNDO DE 2022

Reconhecer o local em que o jogo será disputado é indispensável porque considera questões de contexto e permite um entendimento mais apurado sobre as condições em que a bola rola. Por isso, é interessante tratar sobre Copas do Mundo de futebol – ressalte-se, as masculinas, em especial a 22ª edição, realizada no Catar. Isso porque, segundo ressaltam Helal e Mostaro (2020, p. 112-113), os mundiais são um dos principais palcos em que são vistas a exacerbação da identificação simbólica, a emulação de Estados-Nação, além das construções identitárias e geopolíticas em um império de globalização que atravessam as relações estabelecidas no futebol.

Copas do Mundo representam uma outra dimensão dos eventos esportivos. Além de atingirem as identidades das nações, “fazem nascer heróis, ícones e lendas, que não apenas representam sua identidade nacional em um cenário global, mas flutuam num espaço global transnacional, transcendendo os limites do espaço, da identidade ou da cultura de uma nação [...] (Bandyopadhyay; Naha; Mitra, 2016, p. 1, tradução nossa). Segundo Bandyopadhyay, Naha e Mitra (2016, p. 1, tradução nossa), o que torna o futebol um esporte diferente de todos os outros no mundo é a capacidade de atingir uma massa de seguidores, “em todos os níveis, transcendendo a idade, o espaço ou o tempo”. Para os autores, são novos desafios impostos pelo processo acelerado da globalização nas últimas três décadas: comercialização, profissionalização e midiaticização, o que atinge frontalmente a

proposta de um mundial de seleções de futebol. Nestes períodos, ganha uma dimensão mais intensa, com a imprensa como “produtora de determinados significados e de representações da realidade, tem alguma capacidade de interferir nas relações sociais. Ela usa, de forma incessante, códigos e símbolos que contribuem para a formação de visões do mundo” (Helal; Mostaro, 2020, p. 79). Desta maneira:

A Copa do Mundo é muito mais do que um simples torneio de futebol: é um duelo simbólico entre nações que desfilam seus traços culturais através de estilos de jogo e de maneiras de torcer e celebrar. A atração que esse espetáculo esportivo exerce nas pessoas as partes de um processo que simultaneamente une diferenças e proporciona manifestações dessas culturas em estilos, comemorações e performances (Helal, 2021, p. 98).

Os significados construídos partem de uma mesma matriz nos megaeventos, considerando que sejam baseados em “espetáculos esportivos”. Hartmann, Manning e Green (2023, p. 63, tradução nossa) apontam para a celebração do consumismo, o espaço à influência de corporações globais e a abundância de investimentos na cobertura da imprensa e na transmissão das partidas. Há, primeiro, uma interferência indireta com o reproduzir de hinos, o tremular de bandeiras e a composição dos times, nos quais o patriotismo e o nacionalismo são reforçados durante o evento, com a construção de memórias de longa duração (Giulianotti, 2019). Desta perspectiva:

A forma como o desporto capta e exhibe dinâmicas sociais complicadas é fundamental para o seu poder e significado social no mundo contemporâneo. Megaeventos como a Copa do Mundo oferecem um local incomparável para a dramatização e a luta sobre questões sociais devido ao seu escopo, à variedade de participantes, à cobertura e atenção da mídia global e à paixão e intensidade emocional que o público e os fãs globais trazem para eles (Hartmann; Manning; Green, 2023, p. 64, tradução nossa).

Além do desempenho esportivo, de performance, portanto, é pontual considerar – em uma visão sociológica – mensagens mais amplas e significados culturais que permeiam a política cultural do esporte, como defendem Hartmann, Manning e Green (2023, p. 64, tradução nossa). Os autores ressaltam que a maioria dos fãs de esporte, e também aqueles que escrevem sobre e interagem com este contexto não costumam “ter olhos, mentes e corações críticos ao próprio engajamento com o esporte”. Isso conduz a falhas no tratamento de “problemas

sociais e dramas sócio-políticos que se apresentam bem na frente deles – ou, se o fazem, minimizam ou dispensam as complicações do mundo ‘real’ o mais rápido possível em favor de voltar ao jogo” (Hartmann; Manning; Green, 2023, p. 64, tradução nossa).

Assim, Ludvigsen, Rookwood e Parnell (2023, p. 705, tradução nossa) interpretam que pensar sobre megaeventos é importante porque eles têm impacto sociológico, político, cultural e econômico. Nos últimos 20 anos, especialmente, é preciso que se destaque a abertura de horizontes, por exemplo, pelo interesse no estudo dessas ocasiões. Elas têm capacidade de “nos surpreender e nos prover com o vislumbre de processos mais amplos em jogo na vida como um todo”, de modo geral porque “nos ajudam a melhor entender e dar sentido ao mundo em que vivemos” (Ludvigsen; Rookwood; Parnell, 2023, p. 705, tradução nossa). Considere-se que:

Está bem estabelecido que os megaeventos desportivos são social, cultural, financeira, política e historicamente importantes e valiosos. Por exemplo, no mundo moderno, os megaeventos desportivos são normalmente utilizados pelos Estados como ferramentas de poder brando, marca nacional e diplomacia pública (Rookwood e Adeosun 2021). Os eventos são memorizados coletivamente e funcionam como pontos de referência nos calendários sociais das comunidades e na estruturação pública mais ampla do tempo (ver Roche 2003) (Ludvigsen; Rookwood; Parnell, 2023, p. 705, tradução nossa).

Segundo ressalta Eliomar Filho (2023, p. 2), o futebol apresenta um poder político que ajuda a explicar o interesse de atores globais, tanto na esfera política quanto econômica, sobretudo. Os benefícios a empresas, entidades, dirigentes e Estados Nacionais, para o autor, ilustram um jogo de interesses com diversas armas, tendo na geopolítica uma ferramenta das mais poderosas. Passa a ser, então, uma forma para que Estados-Nação alterem sua imagem diante dos demais, “estabelecendo acordos e laços com entidades, empresas, atores notáveis do cenário global que, por vias diplomáticas, pareciam intransponíveis”. Suavizar a visão diante do mundo usando o esporte – aqui destacando-se o futebol como estratégia – é uma prática conhecida como *sportswashing*²².

²² Vem da união de duas palavras de origem inglesa para indicar “lavagem esportiva”: “termo utilizado pela primeira vez em 2008 pela Anistia Internacional para acusar o Abu Dhabi United Group (de propriedade do xeque Mansour bin Zayed Al Nahyan, meio-irmão do atual presidente dos Emirados Árabes Unidos) de adquirir o clube inglês Manchester City para ‘lavar’ sua ‘imagem manchada’

Fruh, Archer e Wojtowicz (2022, p. 103, tradução nossa) argumentam que o termo vem de outra expressão: *whitewashing*, usada metaforicamente envolvendo o uso de tinta para deixar uma superfície branca, ou com uma luz favorável, que encobre a presença de marcas e outras características duvidosas. O mesmo pode se dizer de *greenwashing*, que se refere às empresas que exageram ou fabricam virtudes ambientais para capitalizar o sentimento dos consumidores. Nos três casos, uma constante: “situa-se entre uma violação moral conhecível, por um lado, e o desejo de que essa violação moral receba menos atenção do que tem recebido, do que poderia receber, ou do que merece receber”.

No caso do esporte, o envolvimento passional se torna um veículo estratégico de veiculação ideológica, sobretudo por ser um evento com audiência de mais de três bilhões de pessoas (Fruh; Archer; Wojtowicz, 2022, p. 101-102). Conforme ressaltam Fruh, Archer e Wojtowicz (2022, p. 103, tradução nossa), os objetivos da “lavagem esportiva” podem ser atingidos de diversas maneiras, entre as mais diretas possuir um clube ou sediar um grande evento mundial. As mensagens amplamente veiculadas, com sentido positivo, melhoram a reputação dos envolvidos.

Segundo os autores, é algo como alterar resultados de pesquisa na internet com muito volume de informação e relevância. Dessa forma, “se a primeira página dos resultados da pesquisa por ‘Catar’ pertencer à Copa do Mundo, menos pessoas chegarão às páginas posteriores onde aparecem resultados relativos a violações dos direitos humanos” (Fruh; Archer; Wojtowicz, 2022, p. 103, tradução nossa). Como aponta Coelho (2023, p. 14), isso não é novidade:

[...] quando se trata de Mundiais organizados pela FIFA. Na Copa realizada na Itália, em 1934, e na Argentina, em 1978, o torneio também foi utilizado pelas respectivas ditaduras como forma de angariar apoio interno — e no país sul-americano, em menor medida, tentar se contrapor às denúncias de assassinatos e torturas realizadas pela Junta Militar veiculados na imprensa internacional. Esses exemplos históricos evidenciam a relação próxima da modalidade com a política e contextualizam de que modo o esporte pode ser usado por diferentes regimes autoritários [...] (Coelho, 2023, p. 14).

A Copa do Mundo é realizada desde 1930, de quatro em quatro anos, como um dos principais eventos esportivos na contemporaneidade. Organizada pela

objetivando esconder os crimes cometidos contra opositores, os direitos das mulheres no emirado e a censura vivida pela população” (Eliomar Filho, 2023, p. 2).

Federação Internacional de Futebol Associado²³ (FIFA), movimentando os universos econômico, turístico e midiático, entre tantas outras esferas, e, por isso, há interesses envolvidos em sediar o evento. Neste sentido, é também uma forma pela qual é possível que países adentrem o cenário mundial sem intervenções tão severas. Como foi com tantas outras, é o caso da edição de 2022, realizada no Catar. A história, contudo, começa tempos antes, em 2010.

Naquele ano, mais precisamente em 2 de dezembro, o Comitê Executivo da FIFA se reuniu em Zurique para definir quais países receberiam as Copas do Mundo de 2018 e 2022 – na primeira ocasião em que seriam escolhidos dois anfitriões de uma só vez. Se em 2018 a Rússia superou as candidaturas de Inglaterra e as indicações coletivas de Portugal e Espanha, e Bélgica e Holanda; em 2022, a proposta catari derrotou as de Estados Unidos, Austrália, Coreia do Sul e Japão.

O Catar se tornaria, assim, o primeiro país do Oriente Médio a sediar uma Copa do Mundo. Como lembra Coelho (2023, p. 5), no entanto, antes mesmo de a FIFA anunciar os vencedores, a própria eleição já era rodeada de suspeitas e acusações de corrupção. Dois dos 24 integrantes do Comitê da entidade, Amos Adamu, da Nigéria, e Reynald Temarii, do Taiti, “havia sido afastados em outubro daquele mesmo ano depois de uma reportagem do *Sunday Times* mostrar que eles estavam dispostos a vender os votos para supostos lobistas americanos” (Coelho, 2023, p. 5).

Eliomar Filho (2023, p. 7) traça uma cronologia para tratar destas questões. O autor aponta a data de 23 de novembro de 2010 como a de um encontro do então presidente francês Nicolas Sarkozy, o da UEFA²⁴, o compatriota Michel Platini, e o xeque catari Hamad bin Khalifa Al-Thani: “Esse encontro realizado em Paris, dias antes da escolha pela FIFA dos torneios de 2018 e 2022 apontam indícios de manobras de bastidores para o Catar se tornar sede da Copa, ao invés dos Estados Unidos [...]” (Eliomar Filho, 2023, p. 7). Há, ainda, outras situações²⁵ que vieram a público por meio da investigação jornalística²⁶:

²³ Em tradução livre.

²⁴ Union of European Football Associations (União das Associações Europeias de Futebol, em tradução livre).

²⁵ Entre as acusações, há diferentes níveis de gravidade: entre o caso de fãs que recebiam entre R\$ 14 e R\$ 18 da organização para assistir a exibições esportivas no Catar (Bonsanti, 2014), e as acusações de que a candidatura do país do Golfo sabotava os concorrentes com operações secretas, contratando pessoas influentes dentro dos países para fazerem propaganda contrária (Lobo, 2018b).

²⁶ A própria *Trivela* desenvolveu uma seção no site, a *Fiscalize Catar 2022*, para tratar “seja em termos de infraestrutura, seja sem termos de organização, as acusações sobre o país que organiza,

O jornal inglês *The Sunday Times* divulgou, em 2019, o pagamento de 880 milhões de euros à FIFA pela rede de televisão catariana Al Jazeera, controlada pelo governo do país, com o intuito de comprar votos pela eleição dos árabes. Em 2013, a revista *France Football* divulgou uma matéria intitulada “Qatargate” que trazia acusações de compra de votos para a escolha da sede, movimentações suspeitas na véspera do pleito e conchavos políticos. Já o periódico inglês teve acesso a documentos que apontaram que vinte e um dias antes da escolha da sede da Copa a empresa pagou uma primeira parcela, restando outras duas e mais uma bonificação de 100 milhões de euros pelo êxito na operação, no caso a ida do torneio para o Oriente Médio (FRANCE, 2013) (Eliomar Filho, 2023, p. 7-8).

Nesta perspectiva, a motivação para que a FIFA elegesse o Catar como sede é a mesma da série de prisões em série de dirigentes da organização, a partir de 2015:

[...] suborno. Em 2021, uma reportagem do *The New York Times* revelou as investigações do Departamento de Justiça dos Estados Unidos a respeito da compra de votos para a escolha das sedes em 2010, mostrando, por exemplo, que os três representantes da América do Sul no comitê — Julio Grondona, Ricardo Teixeira e Nicolás Leoz — receberam dinheiro para escolher o Catar para receber o torneio de 2022 (Coelho, 2023, p. 7-8).

De fato, a vitória da proposta do Catar era uma surpresa, sobretudo se uma avaliação mais cuidadosa for feita sobre os concorrentes que, em tese, teriam mais chances. O país do Oriente Médio, jamais havia disputado sequer as fases finais da competição, com pouquíssima tradição na modalidade. Além disso, tinha ainda o agravante de ter que mudar o período de realização do evento – normalmente em junho/julho – para novembro/dezembro, por conta das condições climáticas adversas (Chade, 2015).

Por se tratar de uma região desértica, as temperaturas poderiam chegar a 45°C no meio do ano. No entanto, a FIFA estabeleceu a disputa do torneio entre 20 de novembro e 18 de dezembro, “quando o clima é mais ameno e a temperatura oscila entre 20°C e 25°C” (Coelho, 2023, p. 6). Foram condições convenientes para a concretização de objetivos ambiciosos do Catar, sobretudo na tentativa de transformação da imagem do país diante da comunidade internacional. Conforme aponta Coelho (2023), mesmo apresentando-se como um regime constitucional, o Chefe de Estado do país é um Emir:

as questões envolvendo direitos humanos e tudo que envolve a preparação” (Fiscalize Catar, s/d., online). As publicações da seção foram feitas de 18 de julho de 2013 a 20 de setembro de 2022.

O Catar é governado pela família Al Thani desde meados de 1800 e é uma monarquia absoluta. O atual Emir do Catar é Sheikh Tamim bin Hamad al-Thani. A receita de suas reservas de combustível fóssil transformou-o de um pobre país desértico em um dos países mais ricos do mundo. De acordo com números do Banco Mundial, o Catar tem o maior PIB anual per capita do mundo em \$128.3781 e praticamente não tem desemprego entre seus cidadãos (os Cataris). Devido à sua enorme riqueza e ao pequeno tamanho de sua população, o Catar desenvolveu o estado de bem-estar social mais amplo do Oriente Médio, com assistência médica gratuita, educação e moradia de baixo custo para os cidadãos do Catar. O Emir do Catar é o chefe de Estado. Ele detém todo o poder legislativo e executivo e, em última análise, também controla o judiciário. Os partidos políticos são proibidos e as únicas eleições são para um conselho municipal consultivo. Embora os cidadãos do Catar sejam os mais ricos do mundo, a grande maioria da população (trabalhadores migrantes) não são cidadãos e não têm direitos políticos, sociais, ambientais, cerceamento dos direitos civis e poucas oportunidades econômicas (Bettine; Ozdemir, 2023, p. 14).

Deste panorama, é importante considerar que os investimentos do Catar para a realização da Copa do Mundo atravessam apenas obras de infraestrutura. É uma postura mais agressiva em um projeto que envolve patrocínio a grandes clubes europeus, construção de academias de futebol e a aquisição de clubes, cujo maior exemplo é o francês Paris Saint-Germain (PSG) – com investimentos de milhões de euros na aquisição de estrelas para montar o elenco –, comprado em maio de 2011, portanto, pouco depois da escolha do Catar como país-sede do mundial.

Segundo aponta Coelho (2023, p. 12), o país comprou o PSG “por meio da Qatar Sports Investment (QSI), subsidiária do fundo estatal de investimento Qatar Investment Authority (QIA). Na época, o grupo pagou 50 milhões de euros por 70% das ações do clube”, o que significou um aporte bilionário que segue até hoje. O investimento no esporte foi a maneira *suave* encontrada pelo Catar para se mostrar ao mundo, em especial a partir do início do século XXI. A situação é detalhada por Coelho (2023, p. 11-12):

Em 2003, o governo criou centros de excelência espalhados pelo país e em outras áreas do globo, visando captar e atrair eventuais talentos. Mas foi a partir da década de 2010 que o aporte financeiro no futebol tomou rumos maiores. Dinheiro é o que não falta para o governo local. Além de ser produtor de petróleo, o Catar é um dos principais exportadores de gás natural do planeta, o que gera uma enorme capacidade de investimento para o Estado — ainda mais levando em conta o contexto político local, em que o poder é centralizado nas mãos do emir.

O contexto de desenvolvimento dos países do Golfo num geral é associado à descoberta de fontes de petróleo e gás, que sustentou um crescimento econômico e demográfico acelerado especialmente entre os anos 1970 e o início dos anos 2000

(Bettine; Ozdemir, 2023). Então, ainda que seja importante mencionar a construção em massa de uma infraestrutura capaz de receber o evento, entre oito estádios, hotéis, estradas e redes de comunicação, questões sociais emergem e ganham relevância na discussão pública (Hartmann; Manning; Green, 2023, p. 62).

O envolvimento com o esporte global, portanto, segue uma tendência recente de Estados autocráticos e repressivos com muitos recursos a serem investidos como parte de uma política de diplomacia. Assim, prevalece o entendimento trazido por Bettine e Ozdemir (2023, p. 1), quando indicam que o país do Golfo “utiliza o esporte em quatro pilares de atração, sediar eventos esportivos internacionais; investir em esportes globais; promover o sucesso do país no nível esportivo de elite e engajar estrelas do esporte como diplomatas esportivos”. No entanto, ao mesmo tempo em que a estratégia de aumento de visibilidade procurava estabelecer o país no cenário mundial, também trouxe mais vigilância internacional, questionando os interesses estratégicos envolvidos nos investimentos (Bettine; Ozdemir, 2023). Seria a proposta do *soft power*²⁷ posta em prática.

Neste sentido, conforme argumentam Ludvigsen, Rookwood e Parnell (2023), um megaevento como uma Copa do Mundo levanta questões de governança e quanto aos impactos gerados. No primeiro caso, por conta de envolver uma diversidade de atores – entre organizações esportivas, cidades e países-sede, corporações internacionais como patrocinadoras e grandes conglomerados de mídia, responsáveis pela transmissão. Além disso, há questões envolvendo o legado: sobre a reconfiguração e gentrificação dos espaços urbanos, o deslocamento de populações residentes em um processo de higienização social dos grandes centros e o desrespeito ao meio ambiente. Deste contexto, entende-se que são levantadas variadas questões sobre regulação e transparência na realização de megaeventos.

Desde a escolha do Catar como país-sede da Copa do Mundo de 2022, doze anos antes da realização do evento, foram diversas as críticas envolvendo o desrespeito dos Direitos Humanos, além de alegações de suborno, corrupção e discriminação (Khalifa, 2020). Além da homofobia, de legislações racistas ou

²⁷ Uma espécie de “poder brando”, em tradução literal, definido como a “capacidade de alcançar objetivos por meio da atração em vez da coerção” na arena global (Al-Dosari, 2020a, 2020b; Tajseer, 2021 *apud* Bettine; Ozdemir, 2023, p. 6). Florenzano (2022, p. 2) indica que o conceito foi originalmente elaborado “pelo cientista político Joseph Nye para analisar o modo pelo qual um agente estatal almeja desempenhar um papel relevante na arena global, sem recorrer à força militar”.

contrárias aos direitos das mulheres e da população LGBTQIA+, o Catar foi amplamente acusado de violar direitos, em especial da mão de obra migrante vinda do continente asiático “submetida a condições de trabalho desumanas na construção dos estádios e da infraestrutura do evento da FIFA” (Florenzano, 2022, p. 2). Sobre esta condição, vale mencionar: segundo Bettine e Ozdemir (2023, p. 15), a Confederação Sindical Internacional (ITUC), a Anistia Internacional (2016) e a Human Rights Watch (2020) denunciaram abusos trabalhistas em escala no setor da construção – entre condições precárias de alojamento, salários atrasados, confisco de passaportes e ameaças de retaliação, “como a proibição de deixar o Catar, caso alguns deles continuassem a se negar a trabalhar” (Escudeiro, 2016, on-line).

A pressão internacional, tanto da imprensa quanto de órgãos como organizações ligadas aos Direitos Humanos e a própria Organização das Nações Unidas, veio por conta da prática de um regime chamado Kafala. Esse sistema, já de longa data vigente nos países do Golfo, obriga os trabalhadores a serem patrocinados por algum residente, geralmente o próprio empregador, para conseguir a validade do visto e seguir no país (Khan, 2014).

No entanto, essa situação criava uma dependência do patrão, que tinha poderes – durante cinco anos – para definir sobre se, como e quando seus empregados receberiam salário pelo trabalho prestado (Coelho, 2023). Além disso, trabalhadores só podem se deslocar e/ou trocar de emprego com autorização, sob pena de serem acusados de desrespeito à lei e terem os passaportes confiscados por autoridades legais (Lobo, 2019). Em dados divulgados pela *Impact Limited*, responsável por uma auditoria externa do mundial, há indicações de que:

[...] alguns trabalhadores podem trabalhar até 14 horas por dia (quatro horas a mais do que o limite estabelecido na lei catariana), além de 402 horas por mês (o que significa 90 horas além do limite). E as coisas pioram mais: oito das 19 empresas avaliadas têm trabalhadores que trabalham muitos dias consecutivos sem folga (o que significa sete dias seguidos). No pior cenário, uma das empresas tinha três trabalhadores que trabalharam 124 e 148 dias consecutivos sem descanso de um dia sequer, o que significa quase cinco meses trabalhando sem pausa (Lobo, 2018a, on-line).

Coelho (2023, p. 6) ressalta que a nação do Golfo “é composta, em sua maioria, por imigrantes provenientes de outras partes do continente asiático, de modo que apenas 15% da população local é de pessoas nascidas no país”. Stein (2014, on-line) reitera a situação, ao destacar que “os imigrantes correspondem a

94% dos 1,3 milhão de operários que trabalham no Catar”. O regime, então, é uma forma de o governo delegar a função de fiscalização e cuidado com o migrante, em um cenário de abuso (Griffin, 2019). E mesmo que o Catar tenha afirmado abolir a prática a partir de 2020²⁸, as denúncias ligadas à realização do mundial continuaram, entre abuso de autoridade e salários atrasados. Ainda que o regime tivesse acabado com a exploração laboral imediatamente, o que não aconteceu, dez anos são “bastante tempo para que os trabalhadores empregados nas obras para a Copa tenham sofrido com condições precárias” (Coelho, 2023, p. 9).

Foi o que revelou uma reportagem do jornal britânico *The Guardian*, em fevereiro de 2021: Desde 2011, 6.500 trabalhadores haviam morrido nas construções de estádios e hotéis para o Mundial²⁹, especialmente migrantes do Paquistão, Índia, Bangladesh, Sri Lanka e Nepal (Coelho, 2023; Florenzano, 2022; Pattinson; McIntyre, 2021). A informação é baseada em dados fornecidos pelas embaixadas dos países no Catar, segundo apontam Bettine e Ozdemir (2023, p. 14). Autoridades cataris, no entanto, dizem que houve entre 400 e 500 mortes relacionadas às obras para a Copa do Mundo no país. Apesar das especulações de troca de sede e mesmo com protestos, principalmente de seleções europeias, contrárias à realização do evento no país árabe, a decisão foi referendada pela FIFA e a Copa aconteceu.

3.4 PARA QUEM TEM CLASSE: DE TRIVELA

Olhares para a lateral do campo, a placa sobe. Era um contexto de mudança: já às portas da virada do milênio, a internet comercial se expandia por todo o mundo. Como aquele passe que rasga o campo e cria uma grande chance de finalização, essa condição abria espaço para o surgimento de iniciativas

²⁸ Em acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) das Nações Unidas, em novembro de 2017, o Catar se comprometeu a revisar a legislação (Lobo, 2019). Só então, ao menos na legislação, se estabeleceu um salário mínimo temporário, além da definição de comitês para discutir questões trabalhistas. Essa postura veio após a veiculação de reportagens de veículos como *BBC* e *The New York Times*, retratando as condições degradantes de trabalho. Contudo, como aponta Lobo (2019), “outro problema é que embora o salário mínimo tenha sido estabelecido, ele é de apenas US\$ 200 (cerca de R\$ 734 reais [à época]). Os tribunais criados para tratar dos abusos dos trabalhadores imigrantes, incluindo o não pagamento de salários, estão sobrecarregados de casos e centenas de trabalhadores voltaram para casa sem terem recebido pelos trabalhos feitos, ou mesmo sem qualquer compensação pelo tempo que ficaram no país”.

²⁹ Em 2019, uma reportagem do jornal britânico *The Guardian* mostrou, por meio de pesquisas médicas feitas por especialistas, que centenas de mortes foram causadas por “estresse por calor”.

diferenciadas, que daria novo fôlego às produções jornalísticas. Quando se fala de esporte, o interesse pelo futebol já era consolidado, mas buscava uma perspectiva que só depois ganhou espaço na imprensa brasileira: a atenção mais detida ao futebol internacional.

Foer (2007) e Unzelte (2009) indicam que a postura de ampliação dos horizontes era um dos fatores ocasionados pela expansão da globalização – que, hoje percebe-se com mais clareza, alterou consideravelmente os universos jornalístico e esportivo. Também as formas de consumir informação foram afetadas: assim, a internet facilitou o acesso e aumentou a procura por conteúdos esportivos, ainda que estivesse se instalando em território nacional, e contou com o suporte e o interesse vindos da exposição destes esportes nos canais de TV por assinatura. Se antes eles ignoravam o assunto, passaram a entender que a transmissão de eventos esportivos, em especial os principais campeonatos de futebol do mundo, poderia ser um atrativo interessante. É o que explica Unzelte (2009, p. 123): “Champions League, campeonatos nacionais da Europa, clubes como Milan, da Itália, Manchester United, da Inglaterra, e Barcelona, da Espanha, passaram a fazer parte do cotidiano do brasileiro”.

Assim, começavam a surgir conteúdos em idioma nativo, mas de uma perspectiva nacional sobre os eventos que aconteciam fora das fronteiras brasileiras. Da grande imprensa até meios alternativos, surgiam revistas especializadas a atender demanda por informação especializada, em um período em que publicações e sites do país procuravam expandir o espaço dedicado à cobertura internacional: “boas opções de trabalho para quem gosta de se informar e escrever sobre futebol inglês, espanhol, italiano, alemão etc.” (Unzelte, 2009, p. 123).

Foi deste contexto que, em 1998, nasceu a *Trivela*. Inicialmente em formato de fanzine³⁰ on-line, diferente de um site, foi idealizada por Cassiano Ricardo Gobbet, Thomaz Rodrigo Alves e Martim Silveira³¹, formados pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) (Lima; Brasileiro, 2016). Paulo Vinícius Coelho (2004, p. 51) lembra que Cassiano era um “maníaco por jornalismo esportivo” com perspectiva crítica, pensando em “fanáticos por futebol

³⁰ “Fanzines são publicações artesanais independentes produzidas sem fins comerciais para disseminar informação sobre temas pelos quais seus editores são apaixonados. De baixo custo e tiragem, o formato clássico é feito em folhas de papel A4 para dinamizar a reprodução. [...] Surgiram nos Estados Unidos, na década de 1930, divulgando histórias de ficção científica. [...]” (Medeiros, 2016, p. 2).

³¹ Martim foi responsável pelo design do site, mas logo saiu da *Trivela*.

sem lugar na grande imprensa conseguem expor suas ideias”. Neste sentido, o propósito era se projetar em um espaço vazio do campo, em uma lacuna de interesses do público, inicialmente tratando apenas de futebol internacional por meio de colunas dedicadas a cada país que estava no radar das grandes competições do velho continente, em publicações semanais.

Percebe-se que o modelo não era noticioso. Se dedicava ao assunto porque na imprensa brasileira faltava “conteúdo de qualidade em português sobre o que acontecia lá fora” – com o jogo em território brasileiro sendo considerado apenas algum tempo depois (Lobo, 2018a, on-line *apud* Zart, 2020a). A partir de 2005, a *Trivela* teve uma redação em tempo integral, que passou por locais variados em São Paulo, com colunas – já incluindo o futebol brasileiro – e notícias sobre o esporte. De acordo com Silva (2015, p. 74), em setembro do mesmo ano foi publicado, quase que como um protótipo, um especial: o Guia da Liga dos Campeões 2005/2006.

Figura 1 – Guia da Liga dos Campeões 2005/2006



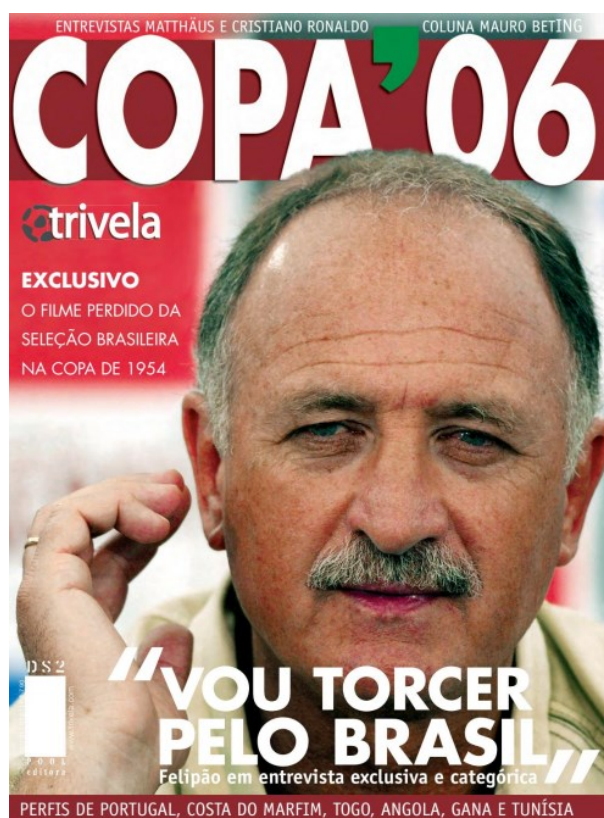
Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Os Guias da Liga dos Campeões se repetiriam em três edições especiais: além da edição de 2005/2006, também saíram revistas tratando das temporadas

2007/2008 e 2008/2009. Mas as publicações voltadas a um campeonato específico não se interessavam apenas pela Europa. Também foram às bancas os especiais, em formato de guias, sobre as edições das Copas Libertadores da América de 2007 e 2008. Antes disso, no entanto, veio a parceria momentânea com o IG para a publicação de notícias no portal, e com a °F451³², cuja história, segundo o site (Trivela & ESPN, s/d., on-line), começa em 2005, com a sociedade com a *Trivela*, o “mais antigo site independente de futebol do Brasil”.

Já com a parceria, em fevereiro de 2006, houve uma proposta diferente: a edição da publicação mudaria de nome e seria revista, com periodicidade mensal, e voltada à Copa do mesmo ano, na Alemanha. O nome já dava o indicativo: *Copa'06*, editada pela Trivela Comunicações, integrando a cobertura do evento “como uma segmentação impressa do site homônimo” (Lima; Brasileiro, 2016, s/p.).

Figura 2 – Primeira edição da Copa'06, em fevereiro de 2006



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

³² Vale ressaltar que as edições presentes nesta pesquisa (integralmente no Anexo A) são as disponíveis no perfil da °F451 na Plataforma Issuu (°F451, s/d., on-line), que hospeda revistas e outras publicações em formato digital. Segundo anuncia o site, a °F451 é “um estúdio de conteúdo digital proprietário e para marcas” (Quem somos, s/d., on-line). Entramos em contato com Caio Maia, que fez parte da *Trivela* e controla o estúdio, para confirmar informações sobre a publicação, não encontradas em outros locais.

Nas edições encontradas de *Copa'06*, foram capa: na #1, Luiz Felipe Scolari (acima), declarando torcida pelo Brasil; na #3, Javier Mascherano nos trajes da Albiceleste; na #4 Carlos Alberto Parreira, falando da organização do time brasileiro para a disputa do mundial; na #5, Ronaldinho Gaúcho e a expectativa para a Copa; e na #6, e última, após a conquista da quarta estrela pela seleção italiana, Fabio Cannavaro aparecia beijando a taça.

Figura 3 – Última edição da *Copa'06*, em julho de 2006



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O nome se manteve até a sexta edição, porque a partir da sétima, em setembro, a revista passou a se chamar *Trivela*, uma espécie de continuação, sem que tivesse a #1. Em vez de cobrir apenas “uma competição, ela aborda tudo o que acontece no futebol brasileiro e internacional, com a profundidade e espírito crítico que sempre caracterizaram a Trivela” (Equipe Trivela, 2008, on-line *apud* Zart, 2020a, p. 195). A época, sobretudo, era significativa. O mercado de revistas esportivas vivia um período de expectativa com a aproximação da Copa de 2014, no Brasil. Assim, *Trivela* tinha a companhia de publicações especializadas em futebol

no mercado editorial nacional, como *Fut!* (do *Lance!*), *FourFourTwo*, *Invicto* e a própria *Placar* (Unzelte, 2009).

Figura 4 – Primeira edição da *Trivela*, como #7, em setembro de 2006



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Entre as 13 seções da publicação, estavam: Entrevista do mês, em “conversas longas, profundas, com quem realmente importa”; Grandes reportagens, com “craques, bastidores, negócios, análises. O futebol visto por todos os ângulos”; o Jogo do mês, espaço em que se comentava “a partida mais importante, ou mais interessante, do mês anterior”; Curtas, como “notinhas curiosas e bem-humoradas sobre o mundo do futebol”; Colunas, em que “Mauro Beting, Mauro Cezar Pereira e a equipe da *Trivela* debatem os assuntos mais relevantes do futebol mundial”; Peneira, na qual, por edição, eram apresentados “dois jovens e promissores jogadores”; e Tática, que explicava “como funciona um esquema que esteja em voga, ou analisamos a disposição tática de um time, do passado ou do presente”.

Além disso, seguindo o para além da dezena de seções, havia a conhecida Capitais do futebol, explorando “os principais times, rivalidades, estádios e particularidades de uma cidade com tradição no futebol”; História, com “fatos

importantes do passado que andavam meio esquecidos – ou mal explicados”; Negócios, tratando de “quem ganha dinheiro com o futebol? Como? O que poderia melhorar?”; Cadeira cativa, em que, a cada edição, se narrava “a experiência de um leitor de assistir a um jogo em um estádio ao redor do mundo”; E se..., em que “autores famosos embarcam em um exercício de imaginação futebolística”; Cultura, exibindo “camisas, filmes, adereços, livros. Tudo o que faz a cabeça do torcedor de futebol”; e A Várzea, uma *newsletter* “bem humorada, agora em versão impressa”.

As características de veículo segmentado, como lembra Scalzo (2004), trazem uma condição especial: se, por um lado, o público é consideravelmente menor do que na imprensa hegemônica, é extremamente fiel. Ao consumir materiais que motivam e com os quais se identifica, o leitor estabelece uma relação de proximidade com o veículo. No caso da *Trivela*, os parâmetros editoriais eram a mescla do rolar da bola a nível nacional e internacional, porque o futebol “é mais do que um esporte. Ele define quem nós somos, como vivemos e o que fazemos. Na *Trivela*, o futebol é muito mais que um esporte: é a nossa vida” (*Trivela*, s/d., on-line *apud* Zart, 2020a, p. 198).

Neste sentido, o público-alvo da revista era um tipo específico de leitor, não aquele que “quer apenas ver o ídolo de seu clube na capa, esteja ele bem ou mal”. Mas um leitor “que gosta e entende de futebol” (Equipe *Trivela*, 2008, on-line). Para isso, as estratégias utilizadas eram reportagens que recorram à análise, à profundidade, “buscando um enfoque diferente do comum, além de entrevistas com figuras do mundo do futebol, falando sobre futebol” (Equipe *Trivela*, 2008, on-line).

Muita gente acha que futebol é apenas um jogo [...] com 11 jogadores de cada lado, uma bola, um juiz e torcedores que só querem saber de ver seu time vencer. Nós não caímos nessa. Futebol é mais que isso. Futebol é manifestação cultural, futebol é arte, futebol é história, futebol é negócio e, acima de tudo, futebol é diversão. Ganhar ou perder pode ser importante, mas saber curtir o futebol em todas as suas faces é muito mais legal. É esse tipo de abordagem que propomos aqui na *Trivela*. Não queremos nos limitar ao resultado do jogo. É encontrar o detalhe que muitas vezes passa batido na cobertura convencional. Pode ser uma análise profunda do jogo, uma curiosidade, os efeitos futuros daquela partida, o momento histórico que acabou de passar pelos nossos olhos. Sem diferenciar se ocorreu do outro lado do mundo, no Brasil ou no time do seu bairro (*Trivela*, on-line *apud* Silva, 2015, p. 75).

A revista *Trivela* foi até setembro de 2009, com 43 edições (Silva, 2015). O perfil, pelas seções, era de detalhamento e aprofundamento de perspectivas que

envolviam os noventa minutos e tudo que ocorria dentro das quatro linhas, mas ia além, tratando o futebol como um fenômeno mais amplo. Depois que a publicação acabou, segundo o site da empresa produtora de conteúdo, a °F451 (Trivela & ESPN, s/d., on-line), parte da equipe foi “absorvida por outro produto da F451, a Revista ESPN, publicada em parceria com o canal esportivo da Disney”, que esteve nas bancas entre novembro de 2009 e janeiro de 2013. A partir de 2015, as edições antigas, impressas, foram digitalizadas³³ (Silva, 2015, p. 75).

Figura 5 – Última edição da *Trivela*, a #43, em setembro de 2009



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Vale ressaltar que a *Trivela* sempre contou com equipes reduzidas para um volume considerável de trabalho, em geral de pouco mais de cinco pessoas, entendendo a rotatividade dos nomes. Havia, neste sentido, a formação de um “estilo *Trivela*” de fazer jornalismo esportivo, repassado a quem integrasse a redação do veículo. A proposta era, de acordo com informações anteriores do site, falar sobre o futebol para além das quatro linhas, para uma comunidade apaixonada

³³ E disponibilizadas na plataforma à qual esta pesquisa recorreu.

pela bola, “que sabe que o esporte é muito mais do que um jogo: é cultura, identidade, história e política”. Assim, entre os valores da publicação: “dos gramados e arquibancadas à TV e escritórios da FIFA, o futebol é reflexo da sociedade e cotidiano. A *Trivela* trata de futebol assim: como manifestação cultural” (Sobre, s/d., on-line *apud* Zart, 2020a, p. 197)³⁴.

As estratégias para referendar essa postura editorial eram, entre outras, a aposta não apenas no *hard news*, com notícias, mas em narrativas mais alternativas, já que, como interpreta Frange (2016, p. 106-107): “grande parte das matérias constitui análises profundas de partidas e atuações de jogadores. Em alguns casos, as reportagens podem ser consideradas atemporais, podendo ser lidas não necessariamente antes ou depois do jogo”. Esse sentido de duração das matérias é perceptível, por exemplo, na publicação de conteúdos com características históricas, quando o passado futebolístico é resgatado e posto em perspectiva com acontecimentos atuais, ou em textos de personagem.

Pode-se considerar, então, que o “jeito *Trivela*” contribuiu, em certo sentido, na formação de uma série de nomes da imprensa esportiva brasileira: Ubiratan Leal, Leonardo Bertozzi, Gustavo Hofman, Maira Siqueira, entre outros. Depois, Felipe Lobo, Leandro Stein e Bruno Bonsanti (Maia, 2023, on-line). Especialmente em relação a essa condição, concretizando-se no site, a *Trivela* indicava um “nadar contra a corrente” da velocidade na internet. Ao procurar não o conteúdo mais veloz, mas o de abordagem e enfoque mais detalhado, a aposta era, em diversas situações, em “textos mais longos, diferentes das notas tradicionais, que caberiam muito bem em uma revista, até pelo formato mais literário da escrita, que não precisa ser tão direta e concisa” (Frange, 2016, p. 106-107).

Com o fim da revista impressa, *Trivela* vira só site. Então, passa a ter idas e vindas com a gestão pela 9F451, especialmente a partir de 2013. Neste ano, absorveu todo o conteúdo da revista, encerrando a proposta de site noticioso, em uma mudança editorial que a fazia deixar de produzir pequenas notas para registrar os fatos para focar nas interpretações aprofundadas sobre o universo do futebol, inclusive com espaço para materiais especiais.

A cobertura, então, era diferente do jornalismo esportivo acelerado de internet: não explorava a vida pessoal de jogadores, preferindo casos investigativos,

³⁴ A autorreferência ocorre porque, com o controle nas mãos da companhia de mídia francesa *North Star Network*, muitas matérias e seções foram inadvertidamente deletadas do site da *Trivela*.

como os de acusação de crimes envolvendo nomes do esporte e também quando envolviam a realização de grandes eventos, como a própria Copa do Mundo no Catar. Assim, o posicionamento da publicação, desde 1998, era claro: levantava bandeira contra o machismo, o racismo e a homofobia, usando o esporte como um veículo de reflexão em que essas situações se manifestam de forma frequente.

Dois anos depois, em 2015, *Trivela* fez uma parceria com a *Central3*, estúdio que desde 2013 atuava na produção de podcasts. Surgia, então, o podcast *Trivela-Central3*, que, além dos resultados, explorava interpretações sobre o mundo do futebol, com a estreia em 26 de fevereiro. O convite foi feito pelo jornalista Leandro lamin, uma espécie de “faz-tudo” da produtora: “por que não juntar o conhecimento de futebol da Trivela com o conhecimento de programação em podcasts da Central 3 e fazermos um programa semanal?”, lembra Ubiratan Leal (2015, on-line).

Especialmente nos últimos anos, o programa ia ao ar duas vezes por semana, com edições diárias durante Copa do Mundo e Eurocopa. A média era de 5 mil ouvintes por episódio, com participação de convidados e interação com o público por meio das redes sociais. A duração era de pouco mais de uma hora, e o conteúdo era disponibilizado no site no dia seguinte, com opção para baixar e nos tocadores (Apoia-se, on-line). Considerando os diários, foram mais de 600 edições. Na contagem oficial, terminou na edição #577, depois de dez anos³⁵. No YouTube, a experiência da “velha” *Trivela* foi menos longeva. A produção de vídeos, em parceria com uma produtora, durou em torno de um ano, em 2016. Também neste ano, os trivelistas fizeram as primeiras publicações no *Instagram*: para captar parte de um público que acompanhava a revista, a *Trivela* procurava espaços e mais leitores³⁶.

Ainda em 2016, tentou-se estabelecer um clube de benefícios que não durou muito, o *Trivela FC*, ainda com o apoio da °F451. Em 2018, a tentativa de ter uma renda diferente foi o *Padrim*, em financiamento coletivo independente do site, já sem o suporte do estúdio de conteúdo digital. Com a perda de alguns patrocínios e o risco de o site não ter formas de se manter, a *Trivela* recorreu ao *Apoia-se*, mais uma vez procurando o público, convocado para atuar como um “padrinho”. Os

³⁵ No formato idealizado pela “velha” *Trivela*. Sob a gestão da *North Star*, o podcast segue com outra proposta, indo ao ar duas vezes por semana, com Leandro lamin e Matías Pinto.

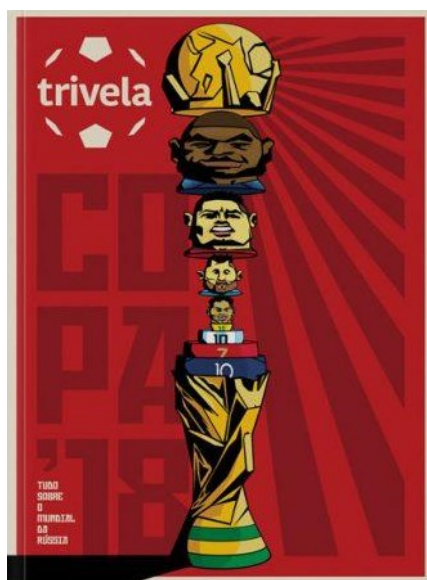
³⁶ À época da redação desta pesquisa, já com outro grupo no comando da redação da *Trivela*, a presença digital (que já era residual, de antes, diga-se) se expandiu, especialmente em redes sociais e outros aplicativos, como: Twitter/X (desde maio de 2009, com 190,2 mil seguidores); Facebook (desde 2011, com 89 mil curtidas e 163 mil seguidores); YouTube (26,1 mil inscritos); Instagram (61,6 mil seguidores); Twitch (586 seguidores); TikTok (5716 seguidores) e mesmo o Telegram.

recursos dariam sustentação ao conteúdo. Para Lobo (2018b, on-line *apud* Zart, 2020a, p. 203): “virou piada dizer que jornalismo de qualidade exige recursos, mas sim, é verdade. E nós tentamos diversificar as nossas receitas para sermos, pouco a pouco, menos dependentes de publicidade”. A proposta privilegiava:

[...] mais matérias especiais, especialmente em lugares onde nós não chegamos atualmente no Brasil [...]. Queremos melhorar o nosso visual, com um design que internamente já nos incomoda e ficou ultrapassado. Queremos poder ter condições de crescer e termos, quem sabe, mais pessoas em um futuro próximo para fazermos, com mais mãos, mais do que fazemos atualmente.

Em 2018, em comemoração às duas décadas de existência, também ano de Copa do Mundo na Rússia, a *Trivela* voltou ao papel. Aos vinte anos de jornalismo esportivo independente saía mais uma edição especial: a *Trivela Copa'18*. Na terra das matrioskas³⁷, o fato interessante era que, entre os dois extremos, a França bordava um par de estrelas no peito. Segundo aponta Lobo (2018a, on-line *apud* Zart, 2020a, p. 202), a ideia veio de uma conversa com o editor da *Revista Corner*, Fernando Martinho, em que se decidiu pela versão física. A edição contava com participação do *publisher* Caio Maia, “que traz a experiência da revista *Trivela*”.

Figura 6 – *Trivela Copa'18*, edição comemorativa de 20 anos da revista



Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

³⁷ Aportuguesado do russo *Matryoshka* (матрёшка), designa a boneca russa, tradicional do país. Feito de madeira, é formado por uma série de bonecas, colocadas umas dentro das outras, da maior à menor. É o diminutivo de Matriona e representa ideias de maternidade, fertilidade, amor e amizade.

Em 2019, segundo informações da própria publicação (Equipe Trivela, 2019, on-line), eram mais de 1,4 milhão de visualizações de página por mês, além de 430 mil usuários únicos mensalmente. O público ocupava, em média, as faixas etárias entre 25 a 34 anos (50%) e 35 a 44 anos (21%). O fôlego extra veio do próprio leitor da *Trivela*, portanto, com recursos para manter o site funcionando.

Houve uma reestruturação da diagramação do site, que dispunha os elementos de forma mais leve. Em geral, as cores prevalecem: o tom de vermelho, o preto e o branco, que se destacam com chamadas grandes e fotos para ilustrar os relatos, além da assinatura do autor e da data e hora em que o material foi ao ar, com um chapéu³⁸ ou uma *tag*³⁹. As seções se alteravam a depender da época, privilegiando determinadas competições no cabeçalho do site⁴⁰.

A partir de 2020, uma mudança envolvendo a gestão em parceria com a °F451, deixava o controle e o trabalho nas mãos dos três nomes que já vinham coordenando a maior parte das operações da *Trivela* entre o fim de 2016 e o começo de 2017 (Zart, 2020a). Foram os três últimos a levar adiante a proposta que guiava a publicação desde 1998: Felipe Lobo⁴¹, Leandro Stein⁴² e Bruno Bonsanti⁴³,

³⁸ Palavra ou expressão curta colocada acima de um título para indicar o assunto do texto.

³⁹ Uma espécie de “etiqueta”, em tradução livre, para classificar e facilitar a centralização e a busca por determinados conteúdos. Geralmente se volta ao assunto principal.

⁴⁰ O número de guias variava. No entanto, vale apontar que, antes de 2023, na “velha” *Trivela*, houve espaço, em distintos momentos, para falar sobre Programação de TV; Podcast; colunas e Guias sobre os principais campeonatos nacionais pelo mundo (destaque à Liga dos Campeões da Europa, Liga Europa, Premier League, La Liga, Bundesliga e Serie A, além de menções a Holanda, Portugal e ao Leste Europeu). Além disso, havia conteúdos sobre especiais; jogos de videogame; História; além de espaços para a América do Sul, com Sul-Americana e Libertadores, à Argentina e ao Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil e *Lado B do Brasil*, explorando histórias alternativas. Na seção Mundo, tópicos sobre o Mundial de Clubes, além de torneios da África, Ásia/Oceania, CONCACAF, México, e à Major League Soccer (MLS). E em Seleções, a ideia era se voltar a temas como a Copa do Mundo, Eurocopa, Copa América, Seleção Brasileira e Copa Africana de Nações (Zart, 2020a). Depois, parte destas seções virou *tag* e, com a mudança de gestão, sofreu uma reformulação drástica.

⁴¹ “Lobo foi o primeiro a chegar, em 2009. Formado em Comunicação e Mídias pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), atuou antes em vários setores: prestando serviços ao governo; realizando consultorias na área de gestão de conhecimento; ou trabalhando em editorias de tecnologia e *games*. Depois de estagiar na *Trivela* durante alguns meses antes de ser efetivado, tornou-se editor assistente em 2012 e editor três anos depois” (Zart, 2020a, p. 210).

⁴² Leandro Stein integra a redação da *Trivela* desde setembro de 2011, apesar de já participar do site como colunista desde abril do ano anterior, escrevendo sobre Grécia e Turquia. Em meados de 2011, Stein tornou-se *plantonista/freelancer* e, depois da abertura de uma vaga de estágio, recebeu o convite de Gustavo Hofman. Meses antes, chegou a fazer uma entrevista, mas não pode ocupar a vaga por conta dos horários na faculdade. Depois da formatura, foi efetivado como repórter em junho de 2013. Antes disso, segundo reitera, passou por Núcleo José Reis de Divulgação Científica, Revista *Invicto* e Rádio USP, sempre como estagiário, e colaborador / editor do extinto site *Olheiros.net* (Zart, 2020a, p. 210).

⁴³ “Foi o último a integrar a redação, em 2013. Formado em Jornalismo pela Cásper Líbero, atuou, anteriormente, na Rádio Gazeta, na Gazeta Esportiva e no Portal Terra, até que chegou para um

que acumularam funções de jornalistas e editores – entre tantas outras. Se na maior parte do tempo a *Trivela* tinha redações muito enxutas, a partir de 2017 e especialmente entre 2020 e 2022 contava apenas com a trinca.

Figura 7 – Felipe Lobo, Leandro Stein e Bruno Bonsanti



Fonte: Zart (2020a, p. 211).

É interessante trazer a este estudo algumas considerações dos três jornalistas sobre a forma como entendiam a *Trivela*, com base em fragmentos de entrevistas realizadas para uma pesquisa anterior (Zart, 2020a). Essa proposta se mostra relevante por ser, também, uma forma de memória da publicação e, em especial, porque a equipe entrevistada foi, majoritariamente, a responsável pela cobertura da Copa do Mundo do Catar, em 2022, evento que sustenta as reflexões desta dissertação. Em anos anteriores ao evento, a *Trivela* utilizava a frase “Além do óbvio” para orientar o site por conta da cobertura internacional que não existia no princípio em outros lugares – situação que se alterou posteriormente.

De acordo com a compreensão de Bonsanti, como nem sempre era possível fazer apurações mais detalhadas, por conta da falta de tempo e recursos, o que se tentava era apresentar ângulos diferentes das histórias: “Tentamos aprofundar o noticiário quente, relacionando-o com fatos do presente ou do passado, analisando as implicações do que aconteceu, contextualizando o melhor possível ou explicando por aquilo aconteceu” (Bonsanti *apud* Zart, 2020a, p. 211). A proposta envolvia a produção de um conteúdo editorializado porque propunha uma visão crítica e com profundidade dos acontecimentos relatados. Assim, ao mesmo tempo em que as

projeto especial da Revista IstoÉ, na Copa do Mundo de 2014, no Brasil. Ficou para cobrir o mundial *in loco*⁴³, viajando por algumas sedes no nordeste, e segue na *Trivela*, ‘o site que sempre gostou de ler’” (Zart, 2020a, p. 211).

notícias eram apresentadas, também se pensava na contextualização, uma vez que seria impossível concorrer com grandes sites como o *ge*, da *Globo*, o *UOL* ou a *Goal* em relação à quantidade. Como indica Lobo (*apud* Zart, 2020a, p. 211), portanto, a estratégia era buscar a qualidade. Neste sentido, Stein (*apud* Zart, 2020a, p. 212) acredita que o trabalho da *Trivela* envolvia:

representar o futebol em suas mais diferentes faces e contar histórias nas quais ele aparece também como gancho a outras áreas do conhecimento. Acho que essa liberdade editorial, sem se prender necessariamente a temas que rendem mais cliques, é que ajuda a fazer a diferença. Podemos abordar assuntos mais populares, mas também há espaço para conteúdos mais densos e que atingirão uma parcela menor dos leitores. No entanto, isso ajuda com um nicho específico. Além do mais, tentamos incluir um conteúdo mais analítico, dentro das limitações de uma redação composta por apenas quatro pessoas, que acaba sufocada pelo tempo de apuração.

Para os três jornalistas que faziam a edição da *Trivela* até 2022, o futebol pode ser visto como uma manifestação cultural por uma série de motivos. Bonsanti (*apud* Zart, 2020, p. 212), indica que seja “talvez a mais importante do mundo pela capacidade de unir povos diferentes, classes sociais diferentes, pessoas diferentes, em torno de um mesmo assunto, um pouco que reflete tanto o pior quanto melhor da sociedade”. A compreensão de que o futebol ultrapassa as quatro linhas faz com que o trio acredite que ele pode ser uma ferramenta de educação e transformação.

Lobo (*apud* Zart, 2020a, p. 211), por exemplo, ressalta que o “futebol é parte da sociedade e da cultura e, até por isso, reflete tudo que faz parte delas. É por isso que questões como machismo e homofobia são tão enraizadas, porque fazem parte da sociedade”. Concepção semelhante é a de Stein (*apud* Zart, 2020a, p. 213), para quem o futebol é capaz de mobilizar “grupos de pessoas, pelas relações que constroem, pelo imaginário que incute”. Assim, “o futebol se expande além de sua própria característica como jogo, em si. O mais legal não é aquilo que ocorre em campo, mas o que provoca”. Para os três jornalistas, a função do profissional ligado ao segmento esportivo deve ser informar, filtrar informações que sejam verdadeiras, e levá-las ao público de forma didática e compreensível, construindo uma narrativa que além de captar a emoção, conte histórias:

O jornalista precisa trabalhar como um filtro, que conta as histórias de forma clara e precisa ao seu público. Até por isso, é impossível que o jornalista seja absolutamente imparcial no seu contexto, embora este precise ser um norte. Todas as pessoas possuem formação cultural e social que é inerente. É por isso também que uma boa redação precisa ser diversa, com pessoas

de diferentes origens, seja em termos sociais, seja em termos étnicos e quantos mais forem possíveis. Claro que é um cenário ideal, o que nem sempre é possível. De qualquer forma, a narrativa que o jornalista vai trazer ao público se torna mais rica se puder trazer uma diversidade de visões e experiências não só da própria vida, mas do convívio e da edição de pessoas que possuem essa vivência na redação (Lobo *apud* Zart, 2020a, p. 214).

Se a informação, hoje, é facilmente encontrada – diferentemente da época de fundação da *Trivela* –, explicar os acontecimentos é indispensável, na interpretação dos jornalistas. Mesmo com equipe e investimentos reduzidos à época, a indicação de Bonsanti (*apud* Zart, 2020a, p. 214) é de quatro tipos de conteúdo que a redação presente na *Trivela* até o fim de novembro de 2023 acreditava ser o mais importante: “curadoria, a reprodução de entrevistas e histórias da imprensa internacional; análises dos fatos que ocorreram; conteúdos históricos, como efemérides e obituários; e o que chamamos de conteúdo próprio, pautas originais que tentamos desenvolver”.

Nos tempos do trio, a redação “ficava aberta” das 9h à 0h. O processo produtivo era acelerado, em um desafio imposto pela internet, mas a interferência era menor: a *Trivela* não era um site noticioso e, por isso, trabalhava com um tanto a mais de tempo podendo consultar uma quantidade maior de referências para construir os materiais. Apesar disso, não escapa completamente do conteúdo factual, “pelo instinto jornalístico dos membros da equipe, queremos aproveitar o momento, entrar na discussão que está rolando, e é um dos grandes desafios conseguir equilibrar esse *timing* com a qualidade do material”, indica Bonsanti (*apud* Zart, 2020a, p. 215).

Exceto algum conteúdo especial, que discutimos mais tempo para pensar como será feito, com o que, qual é a abordagem. Nós somos muito alinhados, então quando se trata de um conteúdo comum, não precisamos de muita discussão para sabermos como abordar. É mais pensarmos em como achamos que será interessante. Se for o caso, mudamos uma coisa ou outra, uma informação que falte, uma abordagem um pouco diferente, ou um título que seja mais assertivo. Mas em geral, tem muito a ver com a pessoa que está escrevendo (Lobo, 2020 *apud* Zart, 2020a, p. 217).

Isso considera, em certos casos, o uso de recursos mais literários no texto, ainda que a equipe admita que nem sempre é possível – tanto pela limitação da redação disponível até o fim de 2023 quanto pela demanda de trabalho. Como ressalta Bonsanti (*apud* Zart, 2020a, p. 218): “Textos com mais fôlego, como

reportagens longas ou obituários, permitem que se faça o uso de recursos literários, mas, como somos mais jornalistas que escritores, nem sempre esses recursos estão disponíveis. Vai mais da inspiração”. Sobre a tentativa da “velha” *Trivela* de propor um jornalismo esportivo alternativo, o detalhamento passava a ser:

[...] uma maneira de ir além dos fatos e atrair os leitores, mesmo os que já viram aquele jogo ou que já leram sobre ele. Jornalisticamente é o ideal? Nem sempre, porque o jornalismo se faz principalmente com reportagens, e não temos muita capacidade a isso. Para mim, isso é fazer além do “mais do mesmo”. Mas, dentro das nossas possibilidades, está trazer o conteúdo com um olhar distinto – seja com informações destrinchadas, uma visão mais lúdica sobre tal assunto ou mais opinativa (Stein *apud* Zart, 2020a, p. 218).

É neste sentido que, para Bruno Bonsanti (*apud* Zart, 2020a, p. 218), a *Trivela*, ao menos até quando a equipe formada pelo trio foi mantida, considerava “o arroz com feijão da cobertura” importante, assim como apostar em narrativas diferenciadas, quando se pode considerar “a *Trivela* como a cobertura complementar. Você descobre o fato no Globo Esporte ou no UOL e entra na *Trivela* para entendê-lo”, pontua. Neste sentido, os três jornalistas concordam que por conta da menor quantidade de conteúdo, a “velha” *Trivela* se destacasse quando em comparação com outros portais esportivos. A diferença era ter “um pouco mais de liberdade para apresentar as histórias aos nossos leitores com mais profundidade, esperar certos desdobramentos antes de fazer análises, baseá-los com uma boa pesquisa” (Bonsanti *apud* Zart, 2020a, p. 219).

Havia propostas editoriais diferentes nos planos: por exemplo, a de reunir as melhores reportagens – incluindo as do passado – em *e-books* semestralmente (Equipe *Trivela*, 2019, on-line). Também estava no roteiro retomar projetos como a seção *Capitais do futebol*, que desde a época da revista reunia geografia e história pra falar da bola, além de fortalecer as publicações semanalmente no YouTube. No entanto, houve um acontecimento mundial que forçou um recálculo de rota: a pandemia de Coronavírus, nos primeiros meses de 2020.

Mesmo sem concretizar parte dos projetos, a *Trivela* sobreviveu à pandemia e chegou à cobertura da Copa do Mundo de 2022. No entanto, como que uma partida que se encerra, houve uma mudança considerável: a empresa francesa *North Star Network*, dona de diversos veículos de mídia pelo mundo, instalada no Brasil desde o início de 2023, comprou a *Trivela*, fazendo alterações consideráveis

no fim daquele ano. A cobertura e a linha editorial mudaram drasticamente de perspectiva: o foco da equipe, que hoje conta com mais de 30 jornalistas, especialmente setoristas, se volta principalmente aos clubes brasileiros, acompanhados por setoristas, a partir de materiais factuais.

Figura 8 – A evolução das *logos*, desde a “velha” *Trivela* até a mais recente



Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

Depois de pouco além de dez anos na publicação, em diferentes funções, Stein, Lobo e Bonsanti não tiveram contratos renovados. É uma pista e um sintoma da dominação financeira de grandes conglomerados de mídia, com formatos mais genéricos de produção de um jornalismo esportivo consumido de forma imediata, diante de iniciativas alternativas e diferenciadas. Neste sentido, pode-se considerar a colocação de Caio Maia (2023, on-line), antigo editor da publicação, que a *Trivela* “revolucionou o jornalismo esportivo brasileiro. Obrigou ele a mudar, ‘puxou’ os grandes e inspirou os pequenos”. No entanto, a “velha” proposta que, inclusive, fundamenta este trabalho, “vai acabar tendo uma morte melancólica sendo tudo aquilo que nós queríamos combater”. A *Trivela* segue, mas sem ter o próprio DNA, o jeito que a fez *Trivela*. Por isso, a cobertura da Copa do Mundo de 2022, no Catar, pode ser considerada a última da publicação como foi desde 1998.

3.5 JÁ NOS VESTIÁRIOS: O CONTEÚDO SOBRE A COPA DE 2022

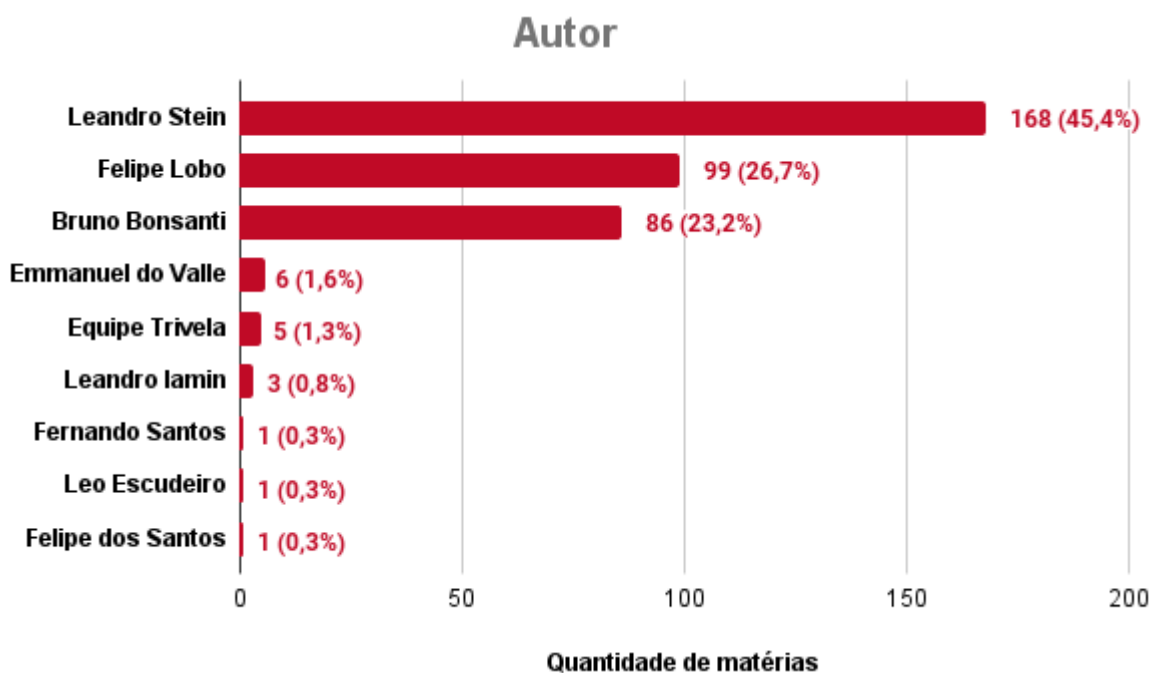
Preparação. Se é essa a expressão que melhor expressa o momento prévio ao jogo, nos vestiários, talvez a metáfora se estenda a esta seção. O propósito da análise de conteúdo é ser um artifício preparatório para a Análise Crítica da Narrativa. Para além disso, permite observar a cobertura de forma panorâmica, para compreender quais as semelhanças e diferenças daquilo que se narrou ao longo do evento em relação aos conteúdos voltados apenas à trajetória da seleção argentina.

O modelo serve, depois, justamente para que se observe os relatos feitos pela Albiceleste, como uma maneira de oferecer pistas, tanto em relação à dimensão e complexidade, quanto na aproximação com o objeto empírico.

Pensando nestas escolhas, pode-se entender a composição dos conteúdos atravessados por interferências múltiplas exercidas pelo tecer enunciativo do jornalismo. Além do trivial, a construção noticiosa revela outras intenções, estratégias e investidas narrativo-discursivas, com carga de análise, interpretação e subjetividade, através das quais relatos são compostos, para fazer-sentir, além de fazer-informar ou fazer-entender (Casagrande, 2021).

Quando observadas com detalhe, cada peça narrativa que integra a perspectiva da *Trivela* na Copa do Mundo de 2022 oferece pistas da composição do material e das intenções dos narradores. No entanto, uma visão à distância permite notar de que forma a cobertura se configura. Portanto, o primeiro passo envolve tratar da análise dos conteúdos relativos à construção textual do mundial como um todo. Importa ressaltar que a tabela que orienta as informações dispostas a seguir é composta por elementos de identificação vistos no capítulo anterior⁴⁴.

Gráfico 1 – Autores das matérias da *Trivela* na Copa do Mundo de 2022



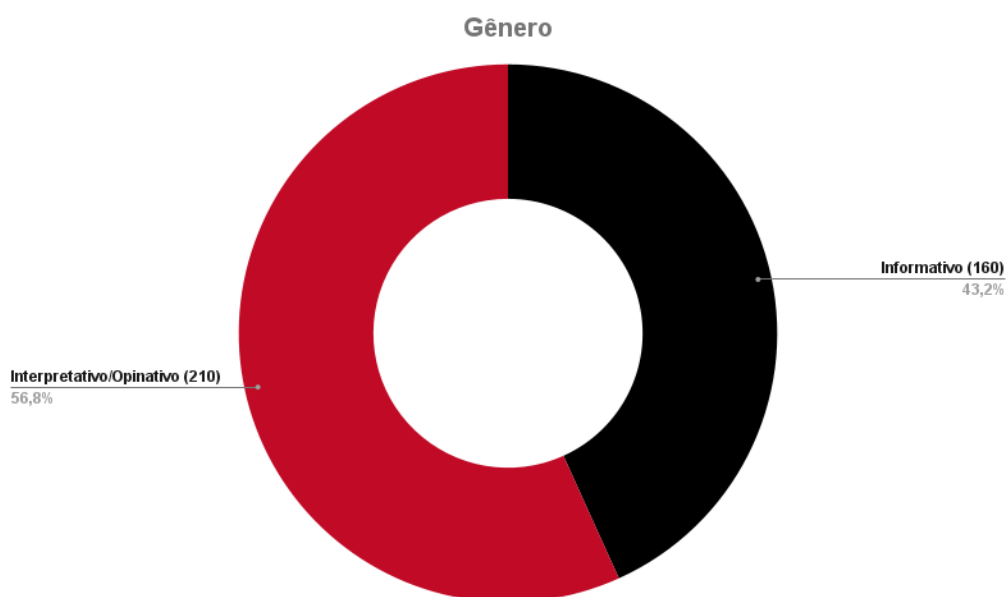
Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

⁴⁴ O quadro que detalha a coleta de dados sobre o conteúdo das 370 matérias publicadas pela *Trivela* na Copa de 2022 está no Apêndice B desta pesquisa. Nos gráficos, os percentuais são aproximados por conta de não ser um número redondo.

Das 370 matérias coletadas durante todo o período de análise, em questão de autoria, pode-se notar que há nove nomes diferentes assinando os conteúdos. No entanto, existe uma distância muito grande entre os três nomes com mais representatividade e os demais. Dessa colocação, entende-se que Felipe dos Santos, Leo Escudeiro e Fernando Santos (cada um responsável por apenas um relato, representando 0,3%), além de Leandro lamin (três relatos, equivalentes a 0,8%) e Emmanuel do Valle (seis textos, com 1,6%) podem ser considerados colaboradores eventuais, com aparições mais raras durante a Copa. A assinatura geral de *Equipe Trivela* é utilizada quando há indicação de materiais de referência ou em casos específicos, com outros cinco materiais (1,3% do total).

Por outro lado, o destaque fica com os três principais jornalistas da *Trivela* na cobertura da Copa de 2022: Leandro Stein, responsável por 168 matérias (45,4%); Felipe Lobo, redator de 99 (26,7%), e Bruno Bonsanti, que escreveu outras 86 (23,2%). Portanto, somando-se os percentuais, chega-se ao número de 353 das 370 matérias, o que equivale a 95,4% de todo o material produzido durante o mundial do Catar. Há, portanto, uma centralização do trabalho nos principais nomes da equipe, ressaltando a quantidade de conteúdos em um período de 30 dias. A média é de pouco mais de 12 matérias sobre a Copa por dia no site; incluindo as de Stein (5,6/dia), Lobo (3,3/dia) e Bonsanti (2,7/dia).

Gráfico 2 – Gênero dos textos da *Trivela* na Copa do Mundo de 2022

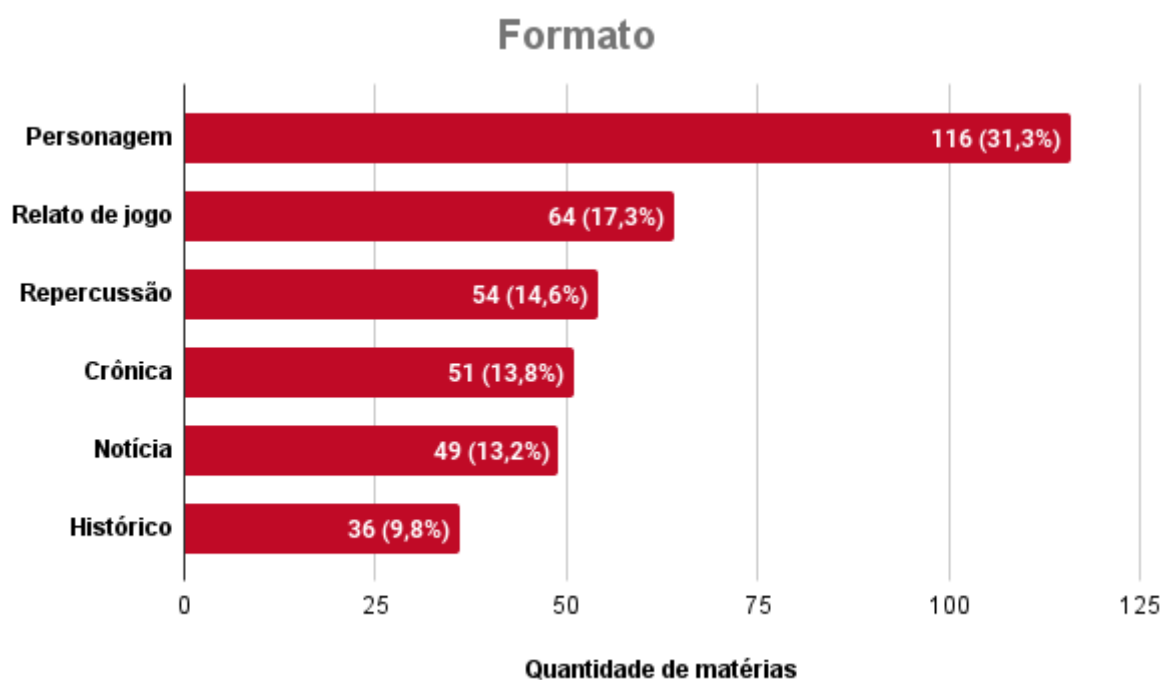


Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

Observando-se os dados do Gráfico 2, é possível perceber a predominância de textos de caráter interpretativo/opinativo, com 210 aparições (56,8%), além de materiais informativos, com outras 160 manifestações (43,2%). Em certa medida, na cobertura do evento como um todo, há uma aproximação entre as duas perspectivas quantitativamente. Outro aspecto relevante a se mencionar é que a indefinição entre a classificação opinativa ou interpretativa dos conteúdos coletados vem das características deles: há uma hibridização, um aspecto da redação em que um gênero transita e atravessa o outro.

Os textos não podem ser considerados exclusivamente opinativos – porque se baseiam, em múltiplos sentidos, em recursos factuais e informativos, ainda que não predominantes; ao mesmo tempo em que não podem ser vistos como totalmente interpretativos porque têm colocações dos autores que dão direções diferentes. De toda forma, é importante notar a prevalência da interpretação e da opinião, de traços mais subjetivos, como enquadramentos narrativos, o que indica o posicionamento editorial da *Trivela* à época. Materiais que deslizam para um entendimento mais analítico, considerando aspectos particulares do ponto de vista do narrador, sem que ele procure as usuais estratégias de apagamento do texto como em outros modelos.

Gráfico 3 – Formato dos textos da *Trivela* na Copa do Mundo de 2022



Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

A partir do Gráfico 3, destacam-se as informações sobre o formato dos textos produzidos, com um dado pontual: ao menos durante o mundial, a *Trivela* voltou-se à perspectiva de personagem em praticamente um terço de seus relatos (31,3%). Esta é uma característica das narrativas esportivas, centralizar as atenções em um jogador, mas não tão usual como nas estruturas propostas pela publicação. Assim, os textos de personagem se consolidam como um diferencial por explorarem situações de jogo, mas irem além, para os sentidos pessoal, histórico ou psicológico do atleta em questão, por vezes mesclando essas formas variadas de retratar.

Os relatos de jogo aparecem 64 vezes (17,3%), normalmente mais diretos como uma sequência cronológica dos acontecimentos das partidas, seguem o número de embates do mundial, conseguindo números relevantes. A redação, neste sentido, se assemelha em variadas ocasiões, quando há espaços de retrancas que se voltam aos mesmos aspectos – entre abertura, escalações, ficha técnica, etc. –, mudando apenas o sentido atribuído pelo autor, a depender do contexto da partida.

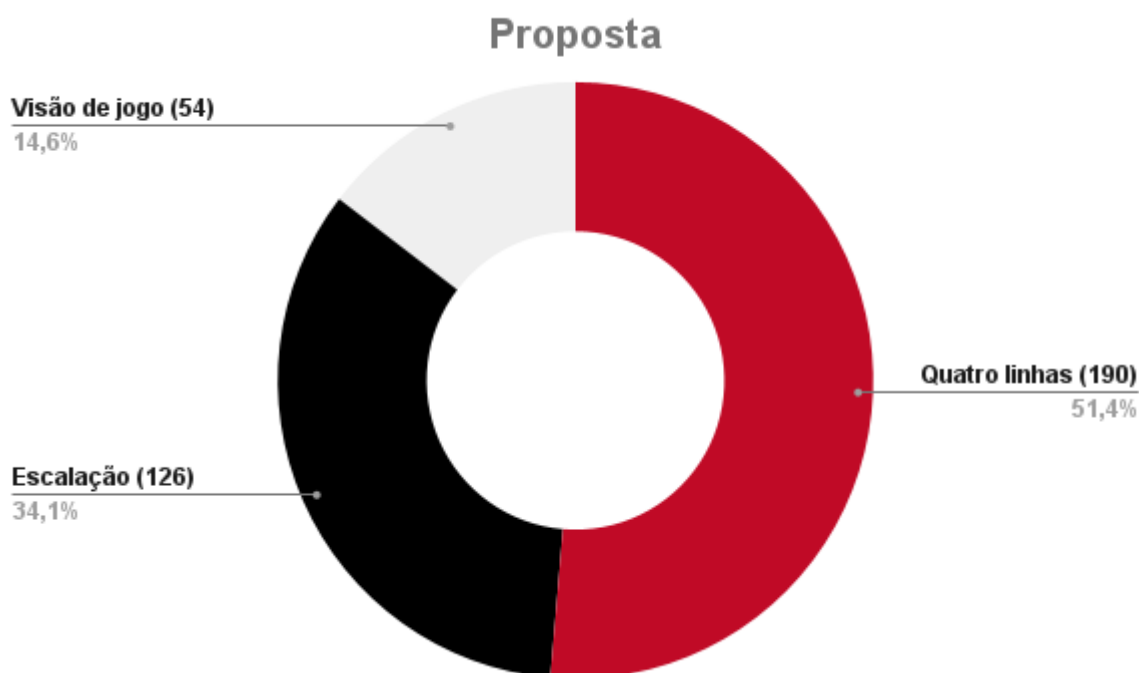
Por sua vez, os textos de repercussão são 54 (14,6%). De forma geral, são narrativas mais simples, que se enquadram naquilo que se chama de agenda esportiva: eventos que preenchem a semana antes e depois dos jogos, sejam eles programados – como entrevistas coletivas e pós-jogo – ou não – como no caso de algumas revistas e outras publicações. A prioridade é, geralmente, a exposição de declarações dos personagens – jogadores, equipe técnica, treinadores e outros agentes envolvidos no universo esportivo – e avaliações a respeito dos jogos.

Quando o assunto é complexidade, os textos de repercussão aparecem em um oposto em relação às crônicas, com 51 ocorrências (13,8%). Diferentemente do modelo anterior, há um investimento narrativo mais ambicioso, no sentido de que há liberdade autoral, uso de mais recursos fictícios e reflexivos, além da construção de relatos mais cotidianos e contextuais, que abordam outras dimensões – das partidas e fora delas. As crônicas evidenciam a redação do narrador, e é o formato de texto em que as decisões redacionais são mais aparentes, junto daqueles voltados a personagens e dos de caráter histórico, sobre os quais se fala adiante.

Com quantidade semelhante, em seguida, vêm os relatos noticiosos, com 49 manifestações (13,2%). São relatos voltados a aspectos mais factuais e objetivos, envolvendo uma postura mais direta de quem assina as matérias. O formato se aproxima do tradicional, seguindo o modelo de pirâmide invertida, destacando os principais acontecimentos no parágrafo de abertura em boa parte dos casos.

Por fim, apesar de aparecerem em menor quantidade, apenas 36 vezes (9,8%), os relatos históricos têm particularidades que os diferenciam. Primeiro, a extensão: geralmente, são textos maiores, com dezenas de parágrafos robustos. Depois, pelo cuidado com a linguagem, detalhamento das informações e da apuração, além da composição do texto, que usa mais aspectos cronológicos e recorre a fontes de outras naturezas para integrar o conteúdo – entrevistas, biografias, programas de TV, etc. De certa forma, é possível compreender que a profundidade deste tipo de texto é outro aspecto que difere a proposta da *Trivela* de boa parte dos veículos dedicados à imprensa esportiva brasileira, cada vez mais voltados a criação de notícias de consumo rápido, com pouco detalhamento, eventualmente recorrendo a caça-cliques e outras estratégias de engajamento artificial do público.

Gráfico 4 – Proposta dos textos da *Trivela* na Copa do Mundo de 2022



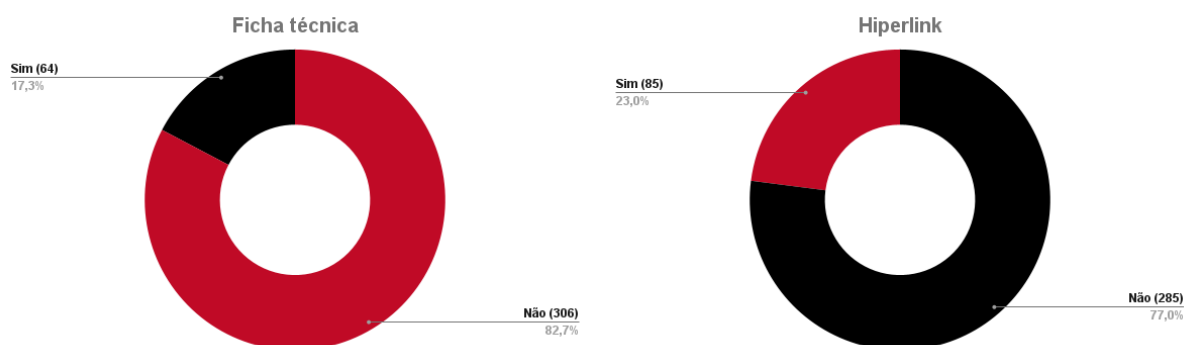
Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

Quando se fala nas propostas de texto da *Trivela* na cobertura da Copa – que se conectam aos formatos, vistos anteriormente, percebe-se que a predominância é para aquelas narrativas que se voltam ao que ocorre dentro das quatro linhas, relativas ao jogo, em 190 oportunidades, pouco além da metade de

todos os materiais analisados (51,4%). No entanto, vale ressaltar que esta categoria carrega consigo uma série de enquadramentos sobre o rolar do jogo. Além disso, como consequência dos textos em formato de personagem, a categoria escalação, que se interessa pela perspectiva de um jogador, é representada 126 vezes (34,1%), enquanto aqueles conteúdos que transcendem o jogo e seus personagens para tratar de questões mais amplas somam 54 aparições (14,6%).

De certa maneira, essa configuração dos dados permite ponderar que a *Trivela* volta seus olhares mais aos personagens que compõem os jogos, além do resultado em si, mas também não deixa de considerar aspectos de fundo que se conectam ao universo e à cultura futebolística, como manifestações de torcida, questões institucionais, ligadas à política, a histórias de vida, entre outros exemplos.

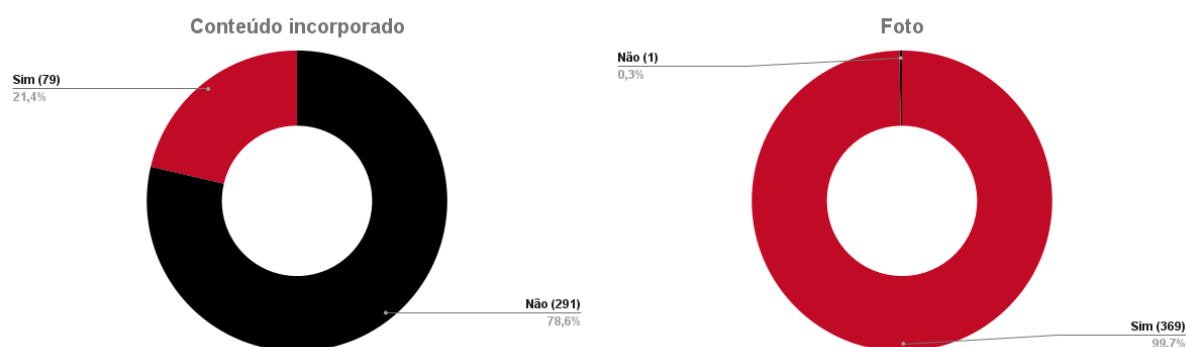
Gráfico 5 – Presença de ficha técnica e hiperlink nos textos da *Trivela* na Copa do Mundo de 2022



Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

De forma geral, em relação aos recursos utilizados em matérias da *Trivela* durante a Copa, existem alguns padrões: primeiro, que as fichas técnicas – que reúnem informações básicas sobre as partidas, como placar, escalações, autores de gols, que atletas foram advertidos com cartões amarelos ou vermelhos, etc. – são utilizadas apenas em uma ocasião: nos relatos de jogo. Assim, são consideradas em 64 relatos (17,3%), pouco diante das outras 306 vezes em que esse recurso não está presente. Depois, que, apesar de ser um veículo on-line, e atualmente estar disponível apenas na internet, a *Trivela* se aproxima de uma redação do impresso ao não usar com tanta frequência dos hiperlinks. Essa situação está em 85 textos (23%), enquanto não aparece em 285 (77%).

Gráfico 6 – Presença de conteúdo incorporado e foto nos textos da *Trivela* na Copa do Mundo de 2022



Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

Mesmo com a situação mencionada acima, é preciso notar que a publicação utiliza conteúdos incorporados de outros espaços – como, por exemplo, redes sociais como o *Instagram* e o *X*, antigo *Twitter* – por 79 vezes (21,4%), enquanto, na maioria dos casos, em 291 deles (78,6%), para ser mais concreto, não há nenhum tipo de menção a este respeito. Pode-se observar esta informação, também, a partir da condição assumida por cada texto, já que nem todos, necessariamente, precisam utilizar todos os recursos de uma vez. A única exceção é, justamente, o uso de fotos. Em apenas uma oportunidade das 370, portanto representando 0,3%, imagens não foram usadas como suporte; o que indica que as outras 369 (99,7%) exploram este expediente.

3.6 SUBINDO AS ESCADAS: O CONTEÚDO SOBRE A ARGENTINA

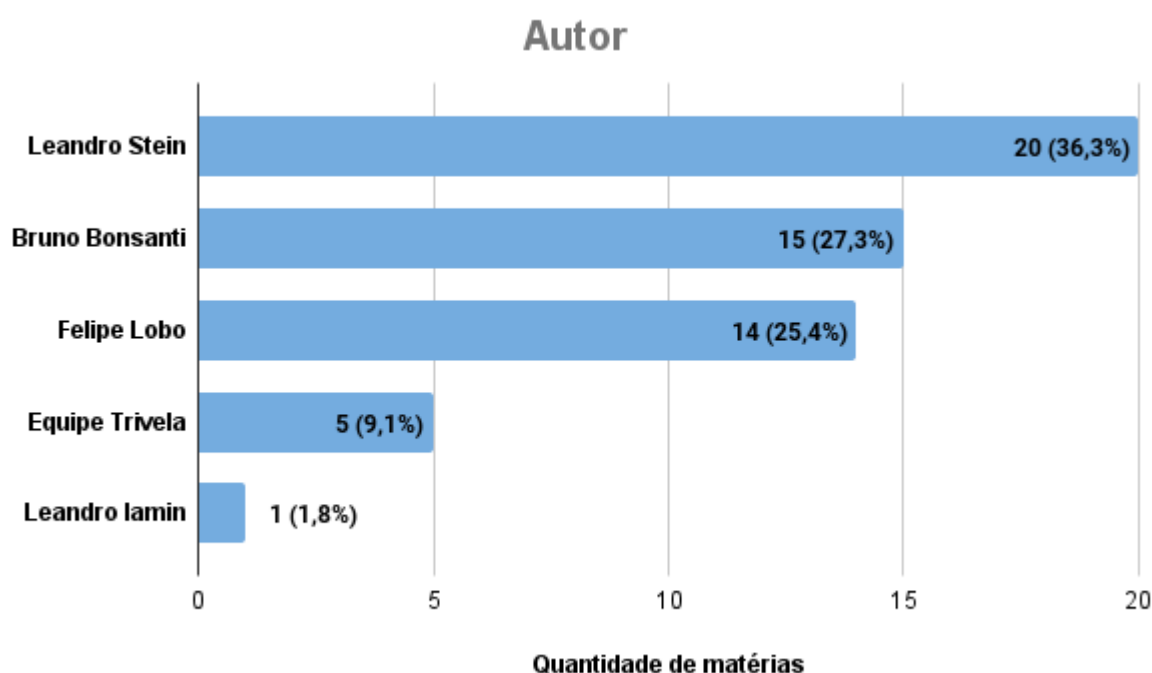
A pesquisa, então, chega ao momento de quando o jogo se aproxima, depois da preparação inicial, já à beira da escada, vendo o campo. Se, na seção anterior, a intenção foi observar de que forma se desenhava o conteúdo da cobertura geral da Copa do Mundo de 2022, nesta o propósito é semelhante, mas se direciona. Não mais ao evento como um todo, mas àquelas matérias que envolvem a trajetória da Argentina no mundial.

Assim, é possível perceber de que maneira a cobertura completa estabelece relações e distanciamentos, semelhanças e diferenças com aquela que trata apenas do percurso da campeã. Também é um recurso de aproximação do objeto empírico: permite ter dimensão do tamanho da amostra, das características dos materiais e de

possíveis direcionamentos, como o recorte temporal ou de outra natureza – como foi o caso aqui. Vale destacar: inicialmente, a pesquisa pretendia observar os mesmos elementos aqui dispostos, mas com relação à Copa do Mundo como um todo – incluindo a Análise Crítica da Narrativa, que foi remodelada com foco na Albiceleste.

Neste sentido, assim que se percebeu que a coleta de dados mostrava 416 matérias no total – depois, retirando o podcast e o *open bar* de comentários, 370 –, foi considerada a impossibilidade de conclusão da Análise Crítica da Narrativa de tantos materiais no tempo destinado a esta dissertação. Por isso, a escolha foi pela trajetória da campeã, com praticamente 15% do volume inicial, caindo para 55 textos⁴⁵. Por outro lado, essa redução do *corpus* permite que se faça uma observação e análise mais apuradas das narrativas, para desvelar seus recursos, elementos e estratégias.

Gráfico 7 – Autores dos textos da *Trivela* sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022



Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

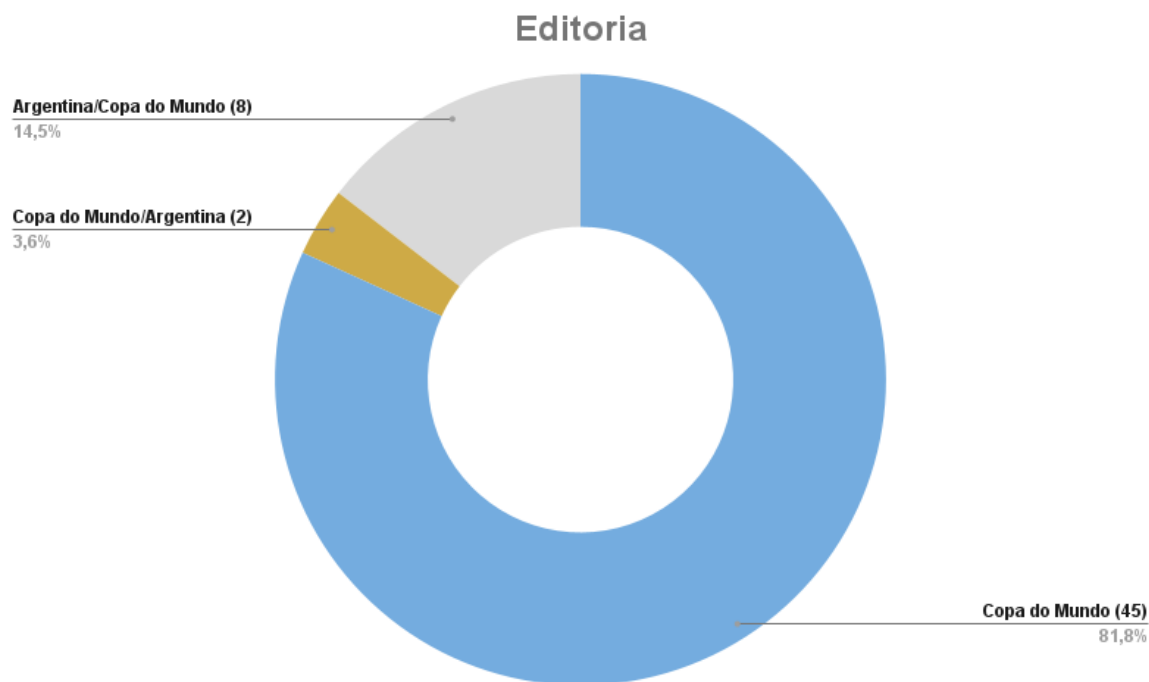
⁴⁵ O quadro que detalha a coleta de dados sobre o conteúdo das 55 matérias sobre a Argentina, publicadas pela *Trivela* na Copa de 2022, está no Apêndice B desta pesquisa. Nos gráficos, os percentuais são aproximados por conta de não ser um número redondo.

Quando as lentes se voltam ao tratamento dispensado ao percurso argentino no mundial, são as 55 matérias – posteriormente analisadas sob o trato da narrativa – que servem como referência. Com este recorte sendo considerado, Leandro Stein segue como o membro da redação com mais textos, 55 no total (36,3%). A mudança de posição ocorre entre os outros dois com mais participações: quando os relatos envolvem a Albiceleste, Bruno Bonsanti aparece com 15 textos (27,3%), enquanto Felipe Lobo tem um a menos, com 14 (25,4%). Além do trio, há a assinatura geral da redação em cinco momentos (9,1%), e uma crônica de Leandro Lamin (1,8%).

Com isso, nota-se que a distribuição entre os autores se mantém mais ou menos semelhante à cobertura geral, reiterando-se um ritmo de produção acelerado, precarizado e com uma redação reduzida. Somando as produções dos três principais redatores da *Triveia*, chega-se ao número de 89,1% do total. Seguindo os mesmos parâmetros utilizados na análise geral sobre o mundial, quando a atenção se volta somente à Argentina, dos 30 dias de disputa, em 20 deles houve publicações sobre os comandados de Scaloni, o que equivale a 33,3%, aproximadamente. Em média, Stein (1,0/dia), Bonsanti (0,75/dia) e Lobo (0,70/dia) produziram mais matérias sobre a Albiceleste.

Diferentemente da coleta de dados sobre o evento de forma geral, quando havia muitas variáveis sobre as editorias – já que são 32 seleções e uma série de temáticas envolvidas –, os textos que tratam da seleção sul-americana são mais determinados neste sentido. Ainda assim, percebe-se que há, em certos momentos, mais de uma etiqueta nos conteúdos: dos 55 analisados, 45 (81,8%) tinham apenas “Copa do Mundo” como sinalização, enquanto outros dez levavam “Argentina/Copa do Mundo” ou vice-versa (18,1%), o que ocorre com outras equipes no evento.

Gráfico 8 – Editoria dos textos da *Trivela* sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022

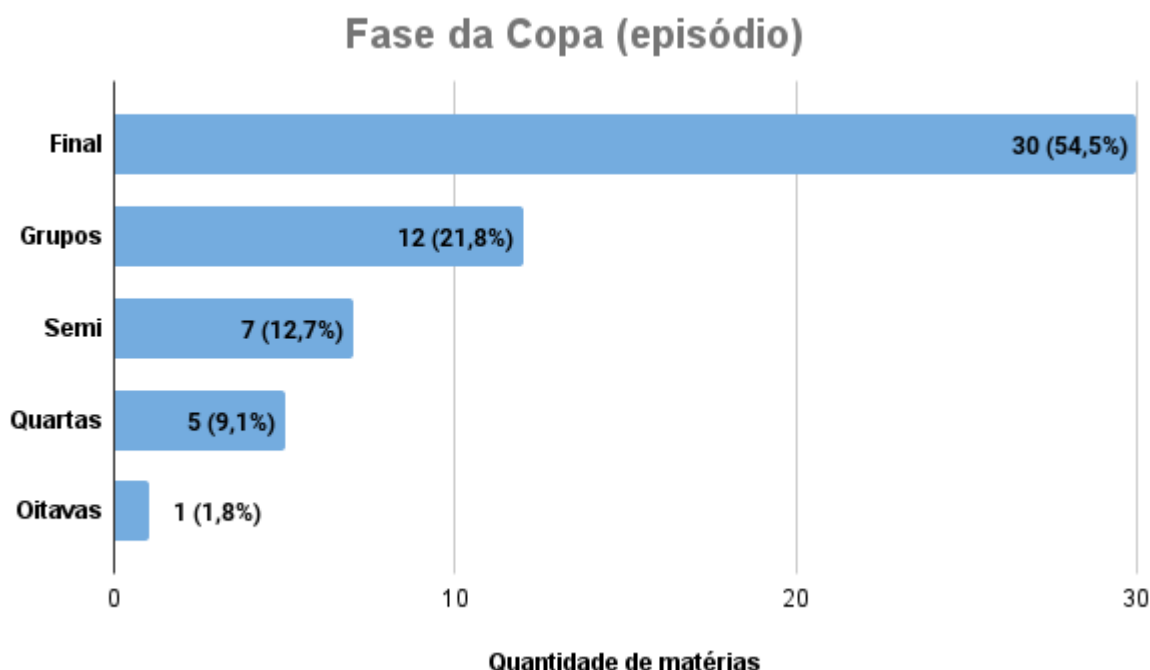


Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

Outra das reflexões direcionadas apenas à cobertura sobre a Argentina trata da distinção entre a quantidade de textos em cada fase do mundial. Ao mesmo tempo em que se liga à proposta da análise narrativa proposta a seguir, com a divisão entre cada um dos momentos, da fase de grupos à final, também permite interpretar a prioridade que se dá a cada parte do campeonato. A frequência indica que, nos grupos foram 12 conteúdos (21,8%), colocando esta fase no segundo lugar. Em certa medida, isso se justifica pela quantidade maior, de três jogos, da equipe de Scaloni.

Por outro lado, todas as demais fases do mata-mata são realizadas em jogo único. Isso indica um aumento de intensidade da cobertura e da atenção dispensada à seleção capitaneada por Lionel Messi, também por conta da eliminação gradual de adversários. A tendência que se pontua é de crescimento conforme os jogos avançam, com mais textos: um nas oitavas (1,8%); cinco nas quartas (9,1%), sete na semifinal (12,7%) e 30 (54,5%), pouco além da metade, na final e em seus desdobramentos.

Gráfico 9 – Fase/episódio dos textos da *Trivela* sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022

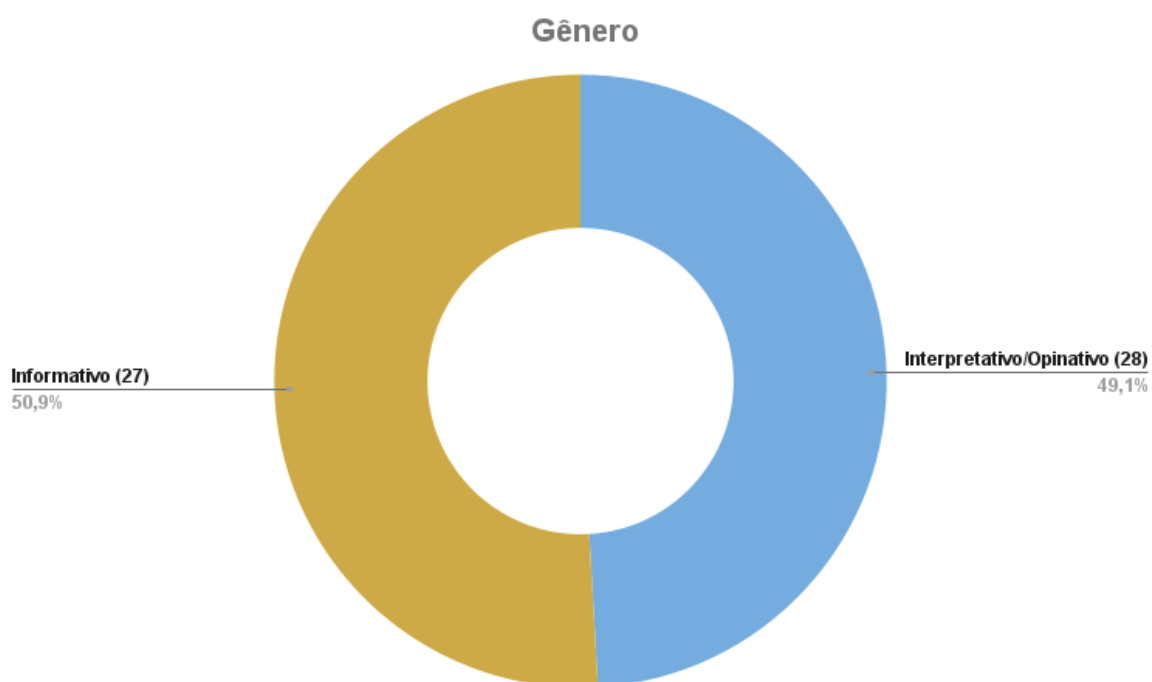


Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

Em comparação à cobertura geral, outro dos elementos observados na Análise de Conteúdo se assemelha quando o foco é apenas a Albiceleste: o gênero dos textos. A diferença percentual é pequena de uma à outra, assim como há predominância da perspectiva informativa (50,9%) em relação à campeã, com ligeira distância, de apenas uma aparição – 28 a 27 – se observados os materiais de característica interpretativo-opinativa (49,1%).

Essa condição se apresenta, na avaliação realizada de forma comparada, sobretudo por um motivo: durante os 30 dias de Copa do Mundo, à exceção de fases mais agudas, em que os concorrentes ao título diminuem, são preenchidos de eventos noticiáveis, com mais espaço à interpretação. Nos momentos decisivos, com menos partidas sendo disputadas, há mais espaço para repercussões, falas dos envolvidos em entrevistas coletivas, em construções predominantemente informativas. Em outro sentido, é quando são publicadas matérias que relembram aspectos históricos e confrontos anteriores que se repetiram na edição de 2022.

Gráfico 10 – Gênero dos textos da *Trivela* sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022

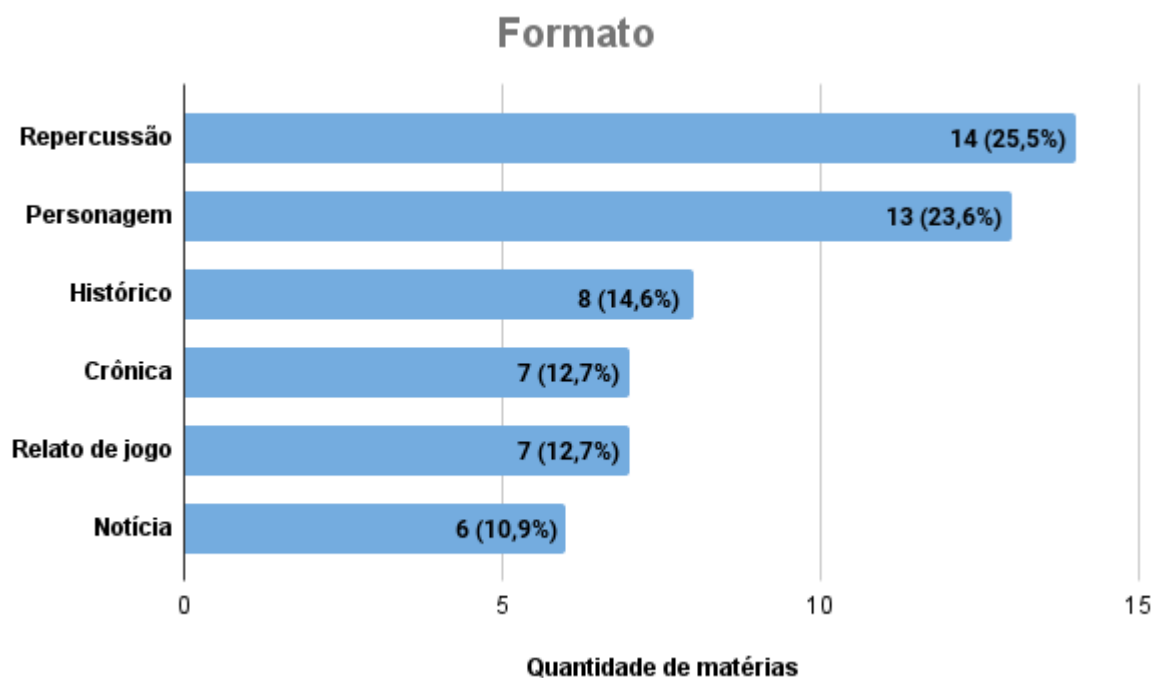


Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

Um reflexo disso é a alteração das posições entre os formatos dos textos na cobertura da Copa como um todo e a no percurso Albiceleste. Anteriormente as narrativas com personagens representavam praticamente um terço, agora tem um percentual menor, ainda que relevante (23,6%), com 13 aparições entre as 55 matérias coletadas. Quem ganha mais destaque são justamente aqueles conteúdos que apostam na repercussão falas ou acontecimentos pré e pós-jogo, ligando-se a um sentido mais informativo que interpretativo, em 14 oportunidades (25,5%).

Entre as outras categorias, também há mudança na configuração. Antes na última posição, agora ocupada pelas notícias, que aparecem em sete ocasiões (12,7%), os relatos que exploram acontecimentos e partidas históricas ganham proeminência. São oito textos (14,6%) – talvez por conta da repetição de confrontos com grandes seleções nas fases mais adiantadas da disputa. Por sua vez, as crônicas seguem na mesma colocação do contexto geral, em um percentual semelhante, aparecendo sete vezes (12,7%). O formato que sofre mais queda, também com sete textos (12,7%), por motivos evidentes, é o de relatos de jogo, com as partidas diminuindo em quantidade e aumentando em intensidade.

Gráfico 11 – Formato dos textos da *Trivela* sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022

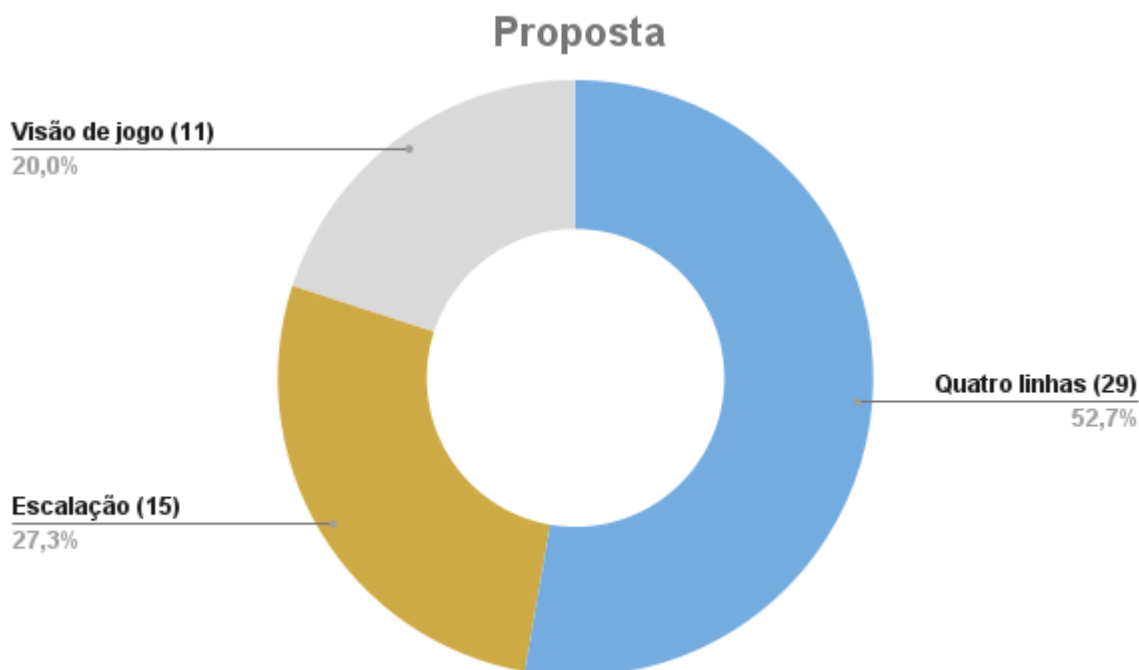


Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

Quando as atenções se voltam à proposta dos textos, há mais uma confirmação na observação dos resultados da coleta de conteúdo geral e da voltada à Argentina. A maior parte dos relatos segue o modelo das quatro linhas, com 29 ocorrências (52,7%), pouco mais da metade do que integra a amostra analisadas. Por sua vez, o espaço da escalação, dedicado aos materiais que tratam dos jogadores de forma mais delimitada, é visto em 15 textos (27,3%), enquanto aqueles conteúdos que buscam aspectos do entorno do futebol, mas não necessariamente remetem-se ao campo, como na proposta de visão de jogo, são responsáveis por 11 manifestações (20%).

Com diferenças percentuais relativamente pequenas, é possível considerar que há um padrão nas propostas textuais indicadas na cobertura da *Trivela*, e que isso não se limita à análise mais ampla, repetindo-se quando são consideradas apenas as matérias que envolvem a Albiceleste. Neste sentido, vale mencionar que o espaço dedicado aos assuntos ligados à prática do jogo é considerável, ao mesmo tempo em que há momentos para narrativas mais intimistas, como os textos que tratem de personagens e de manifestações que transcendem as quatro linhas.

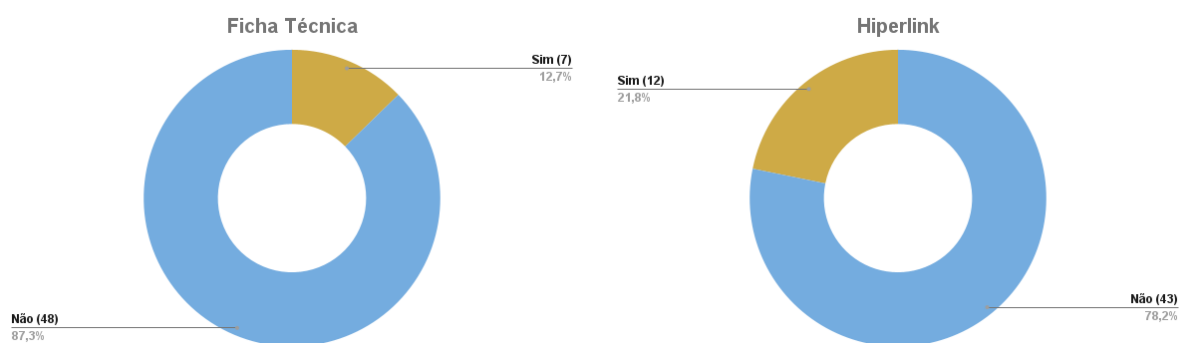
Gráfico 12 – Proposta dos textos da *Trivela* sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022



Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

Em relação aos recursos utilizados, mais uma vez é notável que certos resultados se repitam nas coberturas geral e da Argentina. A ficha técnica, nos dois casos, é utilizada apenas em relatos de jogo, como no caso da Albiceleste, que disputou sete partidas no mundial e, por isso, tem o mesmo número desse recurso, representando 12,7% dos materiais; enquanto em outros 48 (87,3%) essa alternativa não é considerada. Por sua vez, o uso de hiperlinks, nos dois casos, tem percentuais semelhantes, com pouco mais de um quinto dos relatos. Se na cobertura geral a estratégia é usada em 85 vezes (23%), aqui ela se detém a 12 matérias (21,8%).

Gráfico 13 – Presença de ficha técnica e hiperlink nos textos da *Trivela* sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022

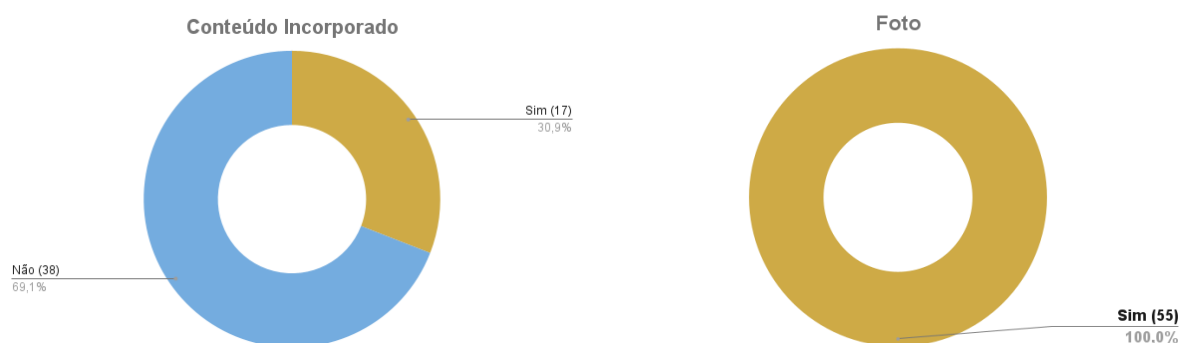


Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

Já a presença de conteúdos incorporados, quando se restringe especificamente ao time de Scaloni, se apresenta em 17 matérias (30,9%), enquanto em outras 38 (69,1%) não é encontrada. Portanto, em comparação à cobertura geral, essa alternativa é pouco mais usual, acredita-se que por conta daqueles relatos de repercussão, em que são reportadas manifestações de atletas, em comemorações e publicações em redes sociais, que permitem ser incluídas no site.

Outra aposta da *Trivela*, mais predominante que a utilização de vídeos – restritos aos conteúdos históricos – é a ilustração dos textos com fotografias. Seja nos jogos de décadas passadas ou naqueles mais recentes, as imagens exercem uma função além: arejam e “quebram” o texto, sem que ele fique bloqueado e dificulte a leitura. Ao mesmo tempo, oferecem um relevante respeito à memória do esporte. Em todas as 55 matérias coletadas sobre a Argentina, fotos foram identificadas.

Gráfico 14 – Presença de conteúdo incorporado e foto nos textos da *Trivela* sobre a Argentina na Copa do Mundo de 2022



Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

Depois de conhecer os atalhos e buracos do gramado, montar o esquema tático e fazer os ajustes pré-jogo que envolviam os aspectos metodológicos da pesquisa e, além disso, tratar do local do jogo, a Copa do Catar, e da *Trivela*, considerando os elementos preliminares e preparatórios ao adentrar os vestiários e subir as escadas, é hora de entrar em campo.

O significado ultrapassa a metáfora proposta na estrutura da pesquisa e adentra a narrativa jornalística empreendida pela publicação aqui destacada – com atenção voltada à trajetória à Albiceleste no mundial de 2022. A seguir, portanto, desenvolve-se a Análise Crítica da Narrativa deste contexto, interpretando aqueles textos que envolvem a seleção capitaneada por Lionel Messi, em busca dos elementos narrativos dispostos pela construção realizada pela *Trivela*.

4 NARRATIVA JORNALÍSTICA DE TRIVELA: A TRAJETÓRIA DA ARGENTINA NA COPA DO MUNDO DE 2022

A princípio, parece ser simples. Uma bola, dois times de onze jogadores cada, dois gols, quatro linhas. No entanto, em campo, existe um universo particular. Um universo em que, do ponto de vista do possível, materializam-se os lances e os jogadores que os protagonizam. Ao mesmo tempo, há o espaço do simbólico, em que se desenha uma série de enredos e de histórias: de embates, vitórias e derrotas; de heroísmo, vilania, superação ou decepção; de expectativa e decepção. Histórias que não apenas retratam, mas mobilizam recursos e articulam elementos narrativos para contar.

No processo de transformação do acontecimento em notícia, são evocadas estruturas e estratégias narrativas, considerando que o jornalismo constrói representações, institui e experimenta a realidade; lida com o um paradoxo: relacionar discurso e realidade (Resende, 2011). É por meio da imprensa que os esportes transcendem as fronteiras dos espaços das práticas para constituírem o espaço do imaginário, em uma espécie de conversa cotidiana projetada por histórias e narrativas. Isso porque o esporte é um assunto propício à composição de embates, reviravoltas e, conseqüentemente, à dramatização (Costa, 2010).

Com o futebol, especialmente em Copas do Mundo, há a ocupação de um espaço simbólico privilegiado, um território que possibilita uma variação narrativa diferenciada para a construção noticiosa – desde o vínculo afetivo (Barthes, 2008), a identificação com valores ligados a clubes e seleções, além do êxtase das vitórias, a angústia da espera, a tristeza das derrotas, identificação com algum atleta, histórias de interesse humano, indicações sobre comportamentos coletivos e ilustrações da vida social, que revelam um “cenário passional e em constante enunciar de aspectos de investimento da subjetividade e das intencionalidades” (Casagrande, 2021, p. 50). É uma condição que permite compreender o jornalismo esportivo enquanto uma instância de produção discursiva que envolve, além da competência técnica e da midiatização, emoções e crenças (Lovisol, 2011).

Pensando a partir da pergunta de pesquisa, para compreender de que forma a *Trivela* articula elementos narrativos nos textos da cobertura da trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022, depois de considerar todas as 370 matérias da cobertura para uma Análise de Conteúdo – destacada nas últimas seções do

capítulo anterior –, a proposta prioriza, agora, os 55 textos que envolvem a Albiceleste para a construir uma Análise Crítica da Narrativa⁴⁶.

4.1 EM CAMPO: A NARRATIVA SOBRE A ARGENTINA NA COPA DO MUNDO DE 2022

Voltar-se aos textos jornalísticos aos olhos da narrativa significa notar escolhas estilísticas que conferem ao relato uma configuração característica. O uso de expressões, figuras de linguagem, realce de situações relevantes do ponto de vista do jogo, dos personagens, da torcida, de todo o universo que envolve a disputa do torneio. Para Motta, Costa e Lima (2004, p. 43), essas estratégias comunicativas permitem identificar “determinados efeitos a serem provocados quando do momento de leitura, sejam de sedução, tensão, suspense, retardamento da intriga, comoção, indignação, medo ou riso”, além de desvelar a compreensão dos acontecimentos por parte do narrador e da publicação, no caso, a *Trivela*.

Para ultrapassar a camada das estratégias da enunciação jornalística é preciso recompor e reorganizar os acontecimentos em torno de um episódio – nesta pesquisa, a Copa do Mundo de 2022 –, que se dilui ao longo de dias ou semanas, em um conjunto de relatos. Isso porque a proposta cronológica pela qual o conteúdo jornalístico se orienta é dispersa. Colocar esses relatos em perspectiva reposiciona a temporalidade jornalística para “ligar os fios de um enredo subentendido pela redundância ou repetição de conteúdos antes dissipados em notícias dispersas” (Motta; Costa; Lima, 2004, p. 32). “Toda narrativa realista poderá ser lida como ficcional, e toda narrativa ficcional poderá ser lida como fática, dependendo do contrato comunicativo e cognitivo do narrador e destinatário em cada situação de comunicação” (Motta, 2009, p. 4). Sobretudo na Copa do Mundo, em que:

[...] surgem metáforas da vida social que falam de "igualdade de oportunidades", mérito e sorte dos competidores. Se no início temos uma simetria entre os concorrentes, ao final ocorre uma inexorável assimetria, mesmo que nem sempre a melhor equipe consagra-se campeã. A tensão das partidas eliminatórias, o suposto erro do árbitro, o "pior" surpreendendo o "melhor", a partida decidida em cobranças de pênaltis, constroem uma fronteira bastante tênue que separa, frequentemente em frações de

⁴⁶ Além de uma leitura geral das 370 matérias relativas à Copa para a coleta de dados destinada à Análise de Conteúdo, houve mais algumas vezes em que esse processo se repetiu. Para compor a etapa sobre o percurso da Argentina, ao menos mais uma vez. Já para fazer a Análise Crítica da Narrativa a releitura se deu ao menos mais três vezes para cada uma das 55 matérias do *corpus*.

segundos, êxtase de uma vitória da agonia de uma derrota, a graça coletiva do "herói" do drama solitário do "vilão" (Helal, 2021, p. 99).

Neste sentido, este segmento da análise é disposto de forma que as narrativas sejam apresentadas em ordem cronológica⁴⁷. Esta escolha tem duas justificativas: primeiro, porque permite observar gradualmente a construção realizada ao longo da cobertura do evento; ao mesmo tempo em que cada texto representa uma espécie de peça do quebra-cabeça, ou, como se pensa aqui, um quadrado do gramado. Então, só à distância é possível notar que cada um desses pedaços forma o relvado todo e permite que o jogo seja iniciado⁴⁸. Neste momento, então, a estrutura da pesquisa considera cada fase da competição como um subtópico específico. Assim, com bola e narrativa em campo, é possível ter dimensão da trajetória percorrida pela Argentina no mundial, desde a fase de grupos até a final memorável, além dos desdobramentos depois da conquista do tri.

4.1.1 Em campo: a narrativa da fase de grupos

1) *Uma zebra daquelas: Arábia Saudita encurrala a Argentina e consegue vitória histórica*

Figura 9 – Narrativa #1, sobre a fase de grupos



Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

⁴⁷ Para que a leitura fique mais fluida, as referências dos textos analisados, na mesma ordem em que se apresentam aqui, são encontradas no Apêndice A. Essa opção se dá por conta de os textos estarem disponíveis on-line e, por isso, não terem paginação, e também porque os mesmos autores se repetem com muita frequência, o que tornaria o entendimento da análise um tanto mais confuso.

⁴⁸ Inicialmente, a organização não seria cronológica, mas a partir de dois ou três segmentos que agrupassem as estratégias e recursos narrativos. No entanto, por conta da quantidade de textos, essa opção foi desconsiderada porque a intercalação entre as narrativas não permitiria notar nuances nem dos materiais sobre a Albiceleste, nem da cobertura integral da Copa.

No primeiro texto sobre a trajetória Albiceleste, “Uma zebra daquelas: Arábia Saudita encurrela a Argentina e consegue vitória histórica”, Bruno Bonsanti já oferece o tom da narrativa de saída: usa a “zebra”, elemento para caracterizar azarões na linguagem esportiva, ao mesmo tempo em que avalia que a Albiceleste foi “encurrelada” em uma vitória classificada como “histórica” dos adversários na estreia da Copa.

Desta forma, é possível notar a aplicação de adjetivação e de análise em um dos relatos de jogo da *Trivela* – os únicos formatos de texto que contam com ficha técnica, com informações de serviço para encerrar, como, além dos resultados, escalações, gols, árbitro, cartões, entre outros aspectos. A linha fina, por sua vez, acaba por referendar os argumentos entregues no título: “Os sauditas venceram pela segunda vez em Copas desde 1994 e encerraram sequência de 36 jogos de invencibilidade da Argentina”.

A narrativa proposta por Bonsanti segue um modelo que é usual nos relatos de jogo: uma introdução que se refere aos principais acontecimentos do jogo, seguida das escalações dos times, algumas retrancas que elucidam os principais lances da partida – dispostos descritivamente, com toques de interpretação autoral do redator – e, então, a ficha técnica. É o que se vê no texto em questão. O autor faz sua opção: usa o horário do jogo como gancho para ressaltar as condições apresentadas pelo embate entre argentinos e sauditas: “Quem acordou cedo para o primeiro jogo às 7h da Copa do Mundo não se arrependeu. Esperando um show de Lionel Messi e uma vitória tranquila da Argentina, uma das candidatas ao título, viu uma zebra histórica”. A abertura tem características de lead, em um primeiro parágrafo que expõe as informações essenciais do texto, como no exemplo, na continuidade do recorte anterior:

Geralmente um saco de pancadas, a Arábia Saudita saiu perdendo, mas virou o jogo para 2 a 1 e ganhou uma partida de Mundial apenas pela segunda vez desde 1994. Além disso, encerrou a invencibilidade de 36 partidas da seleção argentina, a maior entre nações sul-americanas, e a impediu de igualar o recorde mundial – 37, da Itália.

No entanto, logo após essa construção, começa a aparecer a indicação de análise feita pelo autor, como em um panorama dos comportamentos das equipes: “O time muito bem treinado por Hervé Renard surpreendeu a favorita com uma estratégia agressiva de pressão, marcação alta e linhas de impedimento. A Argentina

não soube lidar com isso”. Ao descrever essa situação, Bonsanti enfileira as condições e acontecimentos do jogo de forma concisa e clara, recorrendo a recursos fáticos para escrever que após uma pane “muito bem aproveitada por Salel Al-Shehri e por um golaço de Salem Al-Dawsari, o craque do time”, a Arábia Saudita largou na frente, diante de um Lionel Messi “em turnê de despedida na Copa do Mundo, [que] marcou o gol da Argentina cobrando pênalti, mas pouco fez depois disso, muito bem marcado e sem potência física”.

Depois de ressaltar os principais pontos da partida ao longo dos três parágrafos de abertura, a opção do autor é por uma espécie de fechamento, indicando que a Argentina, desesperada, foi incapaz de evitar uma derrota inesperada e “terá que correr atrás contra México e Polônia para se recuperar na fase de grupos da Copa do Mundo”. Para fazer o mesmo do lado saudita, o jornalista aposta no inesperado: “Desde a grande campanha nos Estados Unidos, quando chegaram às oitavas de final, os sauditas haviam conseguido vencer apenas o Egito, na Rússia. E agora, quem diria, a Argentina”.

Após uma breve descrição das escalafões, aparecem as retrancas que dão a temperatura dos tempos da partida. A redação ocorre de forma cronológica, como que empilhando os lances de maneira relativamente ordenada. A descrição parece, realmente, ser feita imediatamente após os lances ocorrerem, porque a impressão que fica é que a intenção é justamente esta: um apanhado do ocorrido, quase que como uma notícia.

O que contraria essa condição é a estratégia usada nos relatos de jogo que mescla os acontecimentos com breves colocações, como quando se escreve: “A tranquilidade que a Argentina sentiria por ter marcado cedo foi abalada por uma combinação entre a estratégia da Arábia Saudita e um conceito do futebol chamado impedimento”. O texto se refere também a informações de contexto e usa da adjetivação em certos momentos para compor a narrativa: “Apostando na precisão milimétrica do sistema semi-automático que a Fifa está usando no Mundial, o time de Hervé Renard adiantou suas linhas, pressionou a Argentina e entregou todo seu campo de defesa”.

A avaliação do autor, interpretando, é atravessada também por sugestões à Argentina, que “caiu na armadilha de Renard [treinador saudita]”: “poderia ter buscado empurrar os sauditas para trás, tentar sair da pressão com toques mais curtos, mas não resistiu à tentação de explorar aquelas linhas altas”. Ao se referir ao

gol de Salem Al-Dawsari, é possível notar a característica descritiva presente especialmente em lances decisivos: “Com uma puxada, deixou Di María e Molina para trás. Deu outro drible em De Paul antes de bater no canto alto de Martínez e colocar os sauditas à frente”.

Na retransmissão “Argentina desesperada”, após dar conta das trocas feitas pelas seleções, Bonsanti apoia-se no contexto da partida antes de relatar os lances, com o recurso fático do tempo de jogo. Quando refere-se à Albiceleste em dado momento, avalia: “Poucas vezes teve frieza para tomar a decisão certa e criar uma chance clara. A maioria dos lances perigosos surgia de cruzamentos para a boca do gol”. É como se o passar dos parágrafos representasse, no relato de jogo, o passar do tempo.

Quanto à construção dos significados do episódio, o texto é formatado como um relato de jogo. Então, se privilegiam, de toda forma, os acontecimentos que se desenrolam de forma cronológica, como se o narrador assistisse e escrevesse imediatamente. A construção se assemelha ao modelo de notícia com a abertura reunindo o que há de principal, com pequenos toques de gancho do autor, como sobre o (não) arrependimento de quem acordou cedo para ver a partida. Ao colocar a Arábia Saudita como suposto saco de pancadas, sustenta a ideia de que é uma zebra: a Arábia Saudita ganhou – por evidente, mas ressalta-se ainda mais que foi a Argentina que perdeu. Se há ineditismo e um time bem treinado de um lado, se constrói a oposição às debilidades Albicelestes ao longo da partida; aponta o desempenho como surpresa que reflete o resultado.

O enredo-intriga se desenha, na estreia da Copa, pelo caminho de uma zebra histórica, portanto, do inesperado. O fato de ser um time sem tradição em mundiais faz com que se carregue o peso com o sentido histórico. Os sentimentos principais motivados são, de um lado, a superação, a surpresa e a organização, e, do outro, vexame. O conflito parte da previsibilidade do confronto e esbarra no ponto de virada de que o azarão é que saiu com a vitória sobre o selecionado favorito. Assim, um lado fica com cada perspectiva: os sauditas com o heroísmo, a superação e a expectativa, especialmente sobre Al-Dawsari; enquanto a vilania, a decepção e a frustração se apresentam do lado argentino, sobretudo quando se trata de Lionel Messi.

2) *Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita*

Figura 10 – Narrativa #2, sobre a fase de grupos

Copa do Mundo

Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita

Diante de uma virada inesperada, Argentina não soube reagir, não teve ideias e ficou em choque diante de um adversário quase impecável na marcação

 Felipe Lobo · Publicada em: 22/11/2022 14:21 4 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

No texto seguinte, “Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita”, Felipe Lobo é o responsável por um texto de análise da derrota Argentina. Nota-se, de partida, a intenção de colocar intensidade nas escolhas do vocabulário, além das situações que foram problemáticas ao time de Scaloni para ser “engolido” pela marcação adversária. O mesmo se repete na linha fina, em tom de avaliação do desempenho do time sul-americano, em especial: “Diante de uma virada inesperada, Argentina não soube reagir, não teve ideias e ficou em choque diante de um adversário quase impecável na marcação”.

Por ser a Argentina a favorita, ela aparece como protagonista do relato. A estratégia do autor para construir a narrativa trabalha com os polos entre a expectativa e a surpresa, a decepção e as consequências. Cria, para isso, um entorno, opondo os dois lados do confronto: “Tudo indicava que a vida da Argentina nesta primeira rodada seria fácil. Antes do jogo, porque o adversário era a Arábia Saudita, um time visto entre os piores do torneio”. Tendo a Argentina com a pressão em cima, o peso da camisa, “tudo isso se reforçou com o gol de Lionel Messi, em um pênalti contestado, aos 10 minutos, além de três gols anulados por impedimentos”. Mas a escala escolhida entre o vaivém do jogo encerra a abertura do texto como que numa estrutura que se aproxima do lead: “Ao final dos 90 minutos, quem saiu

com a vitória foram os sauditas, por 2 a 1, aproveitando os erros argentinos ao longo do jogo para sair com a primeira grande zebra desta Copa do Mundo 2022”.

Lobo, então, passa a destrinchar as armas dos times, tudo isso envolto em uma ideia geral de: “Só que o tempo passou e o gol não saiu”. Com impedimentos impostos pelos sauditas aos argentinos, que encerraram a primeira etapa com o placar mínimo, a reviravolta aconteceu com “uma incrível virada”, nas palavras do jornalista: “O primeiro gol foi aos três minutos e o segundo aos oito. Dava muito tempo para reagir. A Argentina tinha condições de fazer isso. Só que o baque foi grande e o time sentiu demais”.

Nota-se, com isso, talvez um dos poucos momentos da cobertura em que se questiona a postura de Messi, argumentando, de forma a criar uma sensação de gravidade pela reiteração da negativa, que ele “não conseguiu ser o líder nem com a voz, nem com os pés. Não apareceu tanto para o jogo, não conseguiu criar jogadas, dar passes, finalizar”. Em um trecho que motiva até a chamada desta narrativa:

Faltou liderança, faltou saber reagir diante de uma situação difícil. É quando a personalidade quieta de Messi, normalmente um líder mais com os pés do que com a voz, não conseguiu ser a inspiração que o time precisava. Tal qual todo o time argentino, ele baixou a cabeça após o segundo gol. Isso além de ter uma atuação bastante abaixo da média, sem conseguir realmente aparecer no jogo e causar problemas aos adversários.

O autor segue a crítica partindo para as escolhas táticas e trocas de jogadores, que não deram certo. De nenhuma maneira procura se apagar do texto, como é usual em outros tipos de narrativa jornalística. Ainda que utilize-se de recursos fáticos, como no exemplo que se segue: “Diante do congestionado meio-campo de marcação da Arábia Saudita, os argentinos não conseguiram variar as jogadas e por isso finalizaram pouco ao gol. Foram 14 finalizações, só seis delas no alvo”.

Diferentemente dos textos de personagem, em que o aprofundamento é direcionado, no caso de uma análise mais ampla, os atletas são nomeados, mas como parte de um sistema, e com destaque aos problemas, como quando se escreve: “Enzo Fernández trouxe um pouco mais de dinamismo ao setor, mas ainda ficou muito abaixo do que era necessário. Rodrigo De Paul, um jogador sempre importante, pouco conseguiu fazer”. A opção pela ênfase é vista mais uma vez pela repetição na construção das frases, quando Lobo elenca que:

faltou muita coisa à Argentina. Faltou, primeiro, preparo para lidar com uma linha de impedimento eficiente como a saudita. Faltou poder de reação quando tomou dois gols rapidamente, que viraram o jogo. Faltou liderança para fazer isso acontecer. De Messi, especialmente, por ser o capitão e referência, mas também de outros jogadores experientes, como Nicolas Otamendi, por exemplo.

As figuras de linguagem aparecem como uma espécie de termômetro da atuação ruim da Argentina que “sucumbiu” após o gol, na interpretação do jornalista: “parecendo não acreditar no que acontecia em campo. Ficou em choque, com um mar de ansiedade, aumentando o nível de erros e sem conseguir colocar a cabeça no lugar”. Já perto da conclusão do texto, Lobo traz um histórico e ressalta que “assim como em 2018, a Argentina estreia com decepção”. Ao oferecer os resultados para justificar a afirmação, faz uma ponderação, ressaltando a “derrota surpreendente para a Arábia Saudita, que já liga o alerta para o time”.

As considerações do autor só aliviam quando ele indica que a “Argentina continua forte e continua com muitas chances de avançar, mas será preciso muito mais”. E também quando se volta ao passado e lembra que “a inspiração pode ser a Copa do Mundo de 1990”, quando, mesmo com derrota para os camaroneses na primeira partida, bateu na final contra os alemães. O tom de alerta fecha o texto da seguinte forma: “O time tem total capacidade de ganhar os outros dois jogos, contra México e Polônia, no próximo sábado. Precisa encontrar o futebol que já mostrou neste ciclo e que não levou para esta estreia contra a Arábia Saudita”.

Em linhas gerais, a construção do significado do texto parte de um parágrafo de abertura sintético dos significados, mas discorre em tom de análise, entre o panorama da partida, destacando lances importantes e observando o sentimento de incredulidade e apatia dos argentinos, que não sabiam como reagir ao resultado. Ao final, entre o histórico, o autor aponta para um horizonte mais positivo e outro nem tanto. O enredo-intriga desta narrativa se ampara no sentido da fraqueza argentina ao sucumbir a um time mais fraco, como o da Arábia Saudita. Além disso, entram em questão aspectos anímicos, psicológicos, quando se trata da (falta de) liderança e das (im)possibilidades de variação do jogo Albiceleste, cedendo às armadilhas do adversário. Os conflitos da narrativa são dispostos pela expectativa não cumprida pelo time Albiceleste, prevalecendo a vilania; a decepção pelo favoritismo não confirmado e a frustração, porque, mesmo com Messi, a Argentina saiu derrotada.

3) Scaloni: “Temos que levantar a cabeça e seguir em frente. Foi um dia triste”

Figura 11 – Narrativa #3, sobre a fase de grupos



Argentina Copa do Mundo

Scaloni: “Temos que levantar a cabeça e seguir em frente. Foi um dia triste”

O técnico da Argentina afirmou que esperava a postura agressiva da Arábia Saudita e admitiu que houve “aspectos que não foram bons” na derrota por 2 a 1 desta terça-feira

 Bruno Bonsanti · Publicada em: 22/11/2022 10:44 ■ 2 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Em um texto característico das coberturas esportivas, “Scaloni: ‘Temos que levantar a cabeça e seguir em frente. Foi um dia triste’” é um texto informativo, que explora a repercussão da derrota argentina na estreia da Copa. Bruno Bonsanti constrói o relato justamente a partir das declarações do treinador, desde o título até a linha fina. No primeiro parágrafo, a factualidade de uma notícia e a colocação de informações básicas do acontecimento: “O técnico da seleção argentina, Lionel Scaloni, disse que não ficou surpreso com a postura agressiva da Arábia Saudita, na derrota histórica desta terça-feira por 2 a 1 pela primeira rodada do Grupo C da Copa do Mundo”. Na sequência, ainda na abertura do conteúdo, ele encerra o resumo do teor da entrevista que aparece repartida na continuação: “e que não há outra coisa a fazer a não ser levantar a cabeça, seguir em frente e buscar a classificação nos últimos dois jogos, contra México e Polônia”.

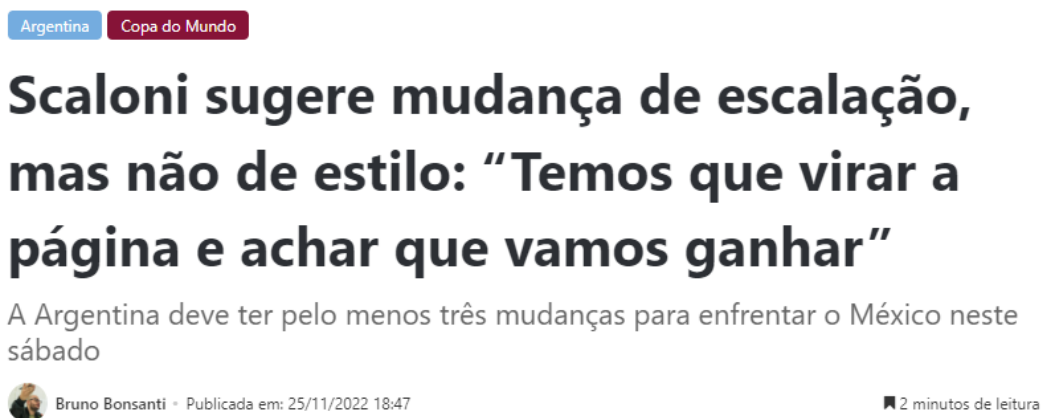
A opção do autor, então, é passar rapidamente por um panorama do andamento do jogo, antes de dar as falas de Lionel Scaloni. Para isso, se remete mesmo àquilo que está no relato da partida, de forma indireta: “A Argentina abriu o placar com Messi cobrando pênalti, mas passou o resto do primeiro tempo desconfortável com a linha de impedimento e marcação alta da Arábia Saudita, que virou o jogo com dois belos gols pouco depois do intervalo”. Há ainda o uso de adjetivos e de expressões que indicam intensidade para tratar da derrota Albiceleste: “Os sul-americanos nunca conseguiram encaixar o seu jogo, e Messi teve uma tarde muito apagada”.

Quando as falas de Scaloni integram o texto, o autor não as dispõe pura e simplesmente, oferecendo um complemento, seja estatístico, seja analítico, para sustentar a afirmação. Por exemplo, quando o treinador explica os gols sofridos, Bonsanti relata, antes, que: “Scaloni rechaçou a hipótese de que a questão física pesou, depois de ter que cortar Nico González e Joaquín Correa por lesão”. É uma construção característica da linguagem jornalística em geral, que se repete quando Bonsanti convoca outro entrevistado para compor a matéria. Antes das aspas, ele escreve: “Lautaro Martínez, que também não fez um bom jogo, disse que a Argentina perdeu por causa dos seus próprios erros, mas que poderia ter feito mais gols no primeiro tempo”, em perspectiva analítica, ainda que breve. O pé da matéria, típico de notícias, anuncia a partida seguinte: “A Argentina enfrentará o México no próximo sábado e fecha a fase de grupos contra a Polônia, na quarta-feira da próxima semana”.

É uma matéria tradicional, de repercussão de coletiva de imprensa. Natural o uso judicioso de aspas para dar destaque a uma fonte que tem informações privilegiadas e, por vezes, está lá mais pela representatividade da figura que evoca do que necessariamente pelas declarações. O significado é construído em torno das falas e reflexões do treinador sobre a estreia da Argentina. O texto é encadeado de forma linear a partir das falas. O que direciona o contexto é, portanto, a impressão que ele teve da partida que passou, com as sequências direcionadas a partir do seu relato, mesclado com informações do jogo – trazidas pelo jornalista. O enredo-intriga que se desenha é o da descrença inicial. O conflito se dá por conta das expectativas e da frustração com uma derrota em um momento simbólico como a estreia de uma Copa do Mundo. Não há, claramente um ponto de virada no relato.

4) Scaloni sugere mudança de escalação, mas não de estilo: “Temos que virar a página e achar que vamos ganhar”


Figura 12 – Narrativa #4, sobre a fase de grupos



Argentina Copa do Mundo

Scaloni sugere mudança de escalação, mas não de estilo: “Temos que virar a página e achar que vamos ganhar”

A Argentina deve ter pelo menos três mudanças para enfrentar o México neste sábado

 Bruno Bonsanti · Publicada em: 25/11/2022 18:47 2 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

No texto seguinte, a proposta de “Scaloni sugere mudança de escalação, mas não de estilo: ‘Temos que virar a página e achar que vamos ganhar’”, matéria de repercussão escrita novamente por Bruno Bonsanti, é a mesma da anterior, de teor informativo. É uma digressão feita pelo entrevistado após o resultado negativo, e tem ainda como principal personagem o treinador, Lionel Scaloni. Na linha fina, o autor reforça o que é colocado entre aspas logo na chamada, apontando mudanças na escalação para a segunda rodada do mundial. A indicação da narrativa é de notícia, com – novamente – informações factuais essenciais sendo dispostas na abertura: “A seleção argentina entrará em campo neste sábado, às 16h, para enfrentar o México até com a possibilidade de ser eliminada, depois da grande zebra da primeira rodada da Copa do Mundo, quando perdeu para a Arábia Saudita”.

Apoiando-se em entrevistas e interpretações presentes no jornal *Olé*, na *TyC* e na *ESPN Argentina*, Bonsanti ressalta as alterações que devem vir para a próxima partida. Além de projetar a escalação com base em observações da imprensa do país, usa também informações da entrevista coletiva convocada pelo treinador. Depois das análises – a partir das aspas, em ordem direta – Bonsanti traz informações complementares, mas também a partir das falas de Scaloni, sobre as condições físicas de Messi e fazendo elogios ao próximo adversário, desta vez de forma mais seca, sem tantas intercalações.

A construção proposta pelo autor trata das reflexões e ponderações do treinador Lionel Scaloni sobre a repercussão do primeiro resultado negativo da campanha argentina e as estratégias para a sequência do mundial, entre condições de atletas e características do adversário após a perda de uma série invicta extensa. O texto é construído novamente a partir das declarações do treinador, mas abre espaço para não apenas a lamentação do mau resultado, como a projeção para a sequência da Copa. Tem um tom diferente do anterior, apesar de ser (ainda) com ares de decepção – aposta na sequência. Por isso, torna o enredo-intriga o da expectativa. Mais uma vez o conflito ocorre entre a espera pela próxima partida e a decepção da anterior, tendo Scaloni como figura central das decisões técnicas da equipe. A expectativa de virada de chave e de narrativa convive, ainda, com a ideia da decepção, diante das promessas do elenco Albiceleste na (provável) última Copa de Messi.

5) *Só ele salva: Messi tira Argentina do marasmo para arrancar vitória dramática sobre o México*

Figura 13 – Narrativa #5, sobre a fase de grupos

Copa do Mundo

Só ele salva: Messi tira Argentina do marasmo para arrancar vitória dramática sobre o México

Um golão de fora da área de Messi abriu caminho para a vitória em jogo horrível entre Argentina e México, fundamental para a sobrevivência argentina na Copa do Mundo

 Felipe Lobo · Publicada em: 26/11/2022 10:54 5 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Em mais um relato de jogo: Tudo ou nada. Esse foi o ponto de partida para a narrativa do confronto entre Argentina e México, pela segunda rodada, com a Argentina podendo ser eliminada. Nervosismo, medo e vexame são evocados por Felipe Lobo, autor do texto, em oposição à figura de Messi, tratado como gênio. Isso é perceptível pela construção indicada pelo título, “Só ele salva: Messi tira Argentina

do marasmo para arrancar vitória dramática sobre o México”, como um jogador que carrega o time, o protagonismo do relato de jogo é todo do camisa 10. Essas escolhas são notáveis quando as expressões “marasmo”, pelo fato de que se “arranca” uma vitória “dramática”. Assim, é possível perceber a condição de interpretação feita pelo autor, quando qualifica e adjetiva o conteúdo para ilustrar os acontecimentos também na linha fina, ao argumentar: “um golaço de fora da área de Messi abriu caminho para a vitória em jogo horroroso entre Argentina e México, fundamental para a sobrevivência argentina na Copa do Mundo”.

A estrutura de pressão aparece já no parágrafo de abertura, quando Lobo reforça o que estava na chamada: “Era tudo ou nada. A Argentina entrou em campo correndo risco de ser eliminada com uma rodada de antecedência”. Então, a opção é por tensionar o texto, com pontuações mais seguidas, e lembrando fantasmas de seleção argentina: “O nervosismo era evidente nos Albicelestes. O medo era claro. O medo do vexame, de cair na primeira fase, como aconteceu em 2002”. A sequência, imediata, dá a quebra da narrativa, indicando a resolução vinda de quem se esperava: “Só que a Argentina tinha um gênio, Lionel Messi. Foi ele que tirou um brilho do meio da escuridão de futebol que era o jogo. O México entrou para se defender, contra-atacar e tentar algo. Não conseguiu”.

Para fechar a introdução da matéria, a opção – tradicional no jornalismo esportivo – foi a de oferecer um panorama do grupo. Há ainda, um parágrafo com uma avaliação particular do autor, quando considera que: “Não foi um bom jogo. Nem da Argentina, nem do México. O primeiro tempo foi um dos piores da Copa do Mundo. A Argentina batalhou, cheia de problemas”. Há ainda destaques individuais, que se veem em outras oportunidades adiante, personificando as narrativas. Além disso, a utilização de expressões ilustrativas, presentes na linguagem futebolística também aparecem: “Contou com Angel Di Maria, experiente e presente. Messi ajudou a destrancar o cadeado mexicano e a vitória, desta vez, veio. Mais do que qualquer coisa, o que importava à Argentina era vencer. Venceu e segue mais viva do que nunca no Catar”.

A composição do relato de jogo, após essa introdução, recorre a retrancas usuais: uma para falar diretamente das escalações – “tudo diferente” – e também para referir-se aos tempos de jogo, com os lances vistos de forma mais descritiva do que interpretativa. A observação pode retratar que o relato de jogo é justamente isso: uma sequência dos lances mais relevantes, dispostos eventualmente com o

acompanhamento do tempo de jogo, dos atletas responsáveis e do contexto da partida. A opção do autor, no entanto, em uma das retrancas, é destacar um duelo entre duas seleções da América do Sul, em um desenho de estereótipos que se apresenta: “a atmosfera no estádio Lusail era elétrica. Argentinos e mexicanos coloriram as arquibancadas e criaram uma sinfonia de cantos, com os mexicanos, em maioria, fazendo mais barulho”.

A proposição cronológica do relato é visível em diversos momentos, como quando o autor aponta que o jogo começou travado, “com muitas faltas e pouco futebol. A Argentina sentia dificuldades de criar jogadas e o time parecia sentir falta de uma melhor coordenação. Os mexicanos marcavam em cima, fechando os espaços sobre todos os principais jogadores argentinos”. No entanto, por vezes é bem evidente a posição mais descontraída do texto, como em uma das retrancas, para pontuar que Messi resolveu no segundo tempo: “Segundo tempo: Pai Messi que estás com a 10”. A descrição dos lances segue, intercalando as duas seleções, com as trocas realizadas pelos treinadores e o envolvimento dramático ao qual o embate ia se direcionando. Até quando, desse contexto narrativo de tensão, surge o clímax: “Foi preciso uma pitada do craque para sair do marasmo. E claro que tinha que ser com Lionel Messi”. Como de hábito, nos relatos de jogo, a descrição dos lances de jogo tem um tanto mais de detalhe.

No entanto, nem só ao que acontece durante as tomadas de decisões relativas ao campo importa. Como fez menção à torcida em outro momento, Lobo também dedica espaço a outro acontecimento – nem sempre retratado em materiais esportivos: a comemoração de Messi, tida como um “grande momento”, com a torcida argentina atrás da meta em que o tento foi anotado: “vibrou muito e o ídolo foi até eles, comemorou olhando para os torcedores, sentindo aquela comemoração, aquela alegria, aquela vibração. Levantou seus braços aos seus, um aceno de alguém que é visto quase como um deus”. Essa construção, vista já nesta remontada, vai se intensificando com as fases da Copa ganhando tensão e importância.

Depois, ainda que a descrição siga, há um atenuante: “O nervosismo ainda era grande, mas o gol tirou um peso das costas da Argentina, que temia pelo pior. Mais: já no fim do jogo, veio o gol para definir [...]”. O pé do relato segue o habitual das notícias, para a partida seguinte, em que se aponta para a situação das duas seleções no grupo, na última rodada, em recursos factuais. Fala-se primeiro da

Argentina, que, quando o autor indica a tabela, “se vencer a Polônia, tem tudo para terminar em primeiro no grupo. O México precisa vencer a Arábia Saudita e torcer para a Argentina vencer com sobras para ficar com saldo melhor. Vai ser brigado. Será tudo na quarta-feira, dia 30”.

Como relato de jogo, há uma predileção pela construção por meio da descrição dos acontecimentos da partida. Naturalmente, os personagens que protagonizam os lances de mais destaque são evidenciados: é o caso de Messi. O autor constrói a disposição da retomada na Copa, uma espécie de redenção em relação à estreia, representada por um contexto em que “só ele [Messi] salva”, indicando que o time não conseguiu resolver sem seu camisa 10. O enredo-intriga do jogo gira em torno da necessidade de vitória argentina para sobreviver na Copa. Por isso, a colocação do jornalista atesta a tensão do episódio, que poderia causar a queda da Albiceleste. O conflito, por óbvio, se dava pela possibilidade de saída da Argentina da competição em caso de derrota. O clima de tensão atravessou o texto, com um horizonte de reviravolta e a expectativa para a rodada seguinte, com mais otimismo. Tons de heroísmo, superação e expectativa prevaleceram.

6) *Enzo Fernández aproveita cada chance em sua ascensão meteórica e essa atitude se nota em forma de golão na Copa do Mundo*

Figura 14 – Narrativa #6, sobre a fase de grupos

Copa do Mundo

Enzo Fernández aproveita cada chance em sua ascensão meteórica e essa atitude se nota em forma de golão na Copa do Mundo

Enzo Fernández foi um dos últimos nomes a se firmar na convocação da Argentina e pede passagem com seu golão



Leandro Stein · Publicada em: 26/11/2022 19:26

3 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Na narrativa seguinte, escrita por Leandro Stein, “Enzo Fernández aproveita cada chance em sua ascensão meteórica e essa atitude se nota em forma de golaço na Copa do Mundo”, a proposta é um texto de personagem, de caráter interpretativo e opinativo. A opção é por um caminho que ressalta uma projeção “meteórica” do jovem meia, representada por um tento anotado. O personagem existente tão somente na narrativa é reposto de nuances como o fato apontado na linha fina, de que ele foi “um dos últimos nomes a se firmar na convocação da Argentina e pede passagem com seu golaço”. A composição do texto se assemelha a um quebra-cabeça em que as peças se encaixam a partir de uma abertura na qual se avalia que a Copa do Mundo é o palco da “ascensão” do jogador, que “se tornou imperativo pela fase arrebatadora”, nas palavras do jornalista.

Como que arrematando uma prévia do histórico do jogador, o autor lembra do desempenho dele por clubes, seja na América do Sul, seja na Europa. Em um triunfo classificado como “vital”, Fernández cravou seu gol “num início de campanha tenso dos argentinos no Mundial, em que o time às vezes parece até com dificuldades de respirar, o jovem de 21 anos ofereceu um sopro de frescor à equipe”. Os recursos de linguagem usados pelo autor, como a opção figurativa e os adjetivos, ao analisar o camisa 24, aparecem quando se diz que teve um “talento de altíssimo nível” para decidir o jogo contra *El Tri*.

A composição do texto, então, sofre uma alteração de ritmo. Na troca de parágrafos, Stein recorre à analepse: faz, primeiro, uma retrospectiva das primeiras aparições do jogador com a camisa Albiceleste em amistosos. Apesar disso, na avaliação do autor, o meio-campista: “esbanjou personalidade ao sair do banco e causar impacto no time. Parecia destinado a estar no Mundial. E tal atitude não surpreendia. Ela estava expressa na guinada da carreira do garoto, que explodiu no futebol profissional apenas em 2020”. As frases pontuadas servem para dar ênfase ao argumento, e a costura com o destino dá uma dimensão de que a competência é apenas um reforço do desempenho.

Depois, o narrador passeia pela carreira do jogador, tanto em Defensa y Justicia e River Plate, ainda na Argentina, quanto em terras portuguesas, vestindo as cores do Benfica. Stein cita treinadores que trabalharam com ele e, também quais as funções levadas adiante pelo meia, até que chega às pretensões de Fernández na seleção. Avalia que “estava abaixo de outros na hierarquia e ficou na espera”, citando as opções do elenco de Scaloni. Só então é que o autor do texto se volta

novamente à partida que motiva o relato: “O peso sobre as costas da Albiceleste quem tirou foi Lionel Messi, com seu golaço, numa jogada que o camisa 24 auxiliou na construção. A partir de então, a equipe passou a funcionar um pouco”. Na construção da ênfase pela estrutura das frases, Stein evoca, então, as qualidades do jogador, colocando de que forma elas apareceram em especial na partida contra os mexicanos, citando que uma das características de Enzo “é a combatividade, algo que se notou contra o limitado setor ofensivo mexicano. Mas o que fica é a assinatura de seu golaço. A qualidade no chute é uma marca de Enzo Fernández. Algo que se notou aos 42 minutos, para fechar o placar”. A postura interpretativa do autor aparece quando detalha o lance do gol da seguinte maneira:

A pedalada oferece o tempero na jogada, para abrir a marcação. Ainda assim, a pincelada de beleza está na finalização, o tapa cruzado que entra no alto da meta e faz Guillermo Ochoa saltar em vão. Belíssimo cartão de visitas a um rapaz de 21 anos que disputa sua primeira Copa do Mundo. A leveza que faltou à maioria absoluta dos companheiros despontou no camisa 24.

No fechamento do texto, Stein volta a observar a seleção Argentina em panorama, em um nível de atuação que “merece mais questionamentos que elogios”. Recorre a recursos que partem da condição comportamental e psicológica da Albiceleste: “O time foi péssimo nos 45 minutos iniciais, muito espaçado, ansioso, uma pilha de nervos. A chave só virou quando o gol realmente saiu, e nisso ajudou o adversário também medroso”. O autor coloca “a pintura” de Enzo como “um sinal mais do que concreto” a Scaloni, de que “naquilo que deu certo, Enzo Fernández é um dos pontos. O gol é um pedido para que jogue mais minutos, porque os demais meio-campistas da equipe estão bastante abaixo da crítica”.

O autor qualifica o jogador e os lances da partida em questão. Dá ao leitor a dimensão de que o jogador pede passagem em uma Argentina que vinha de ótima fase e enfrentou problemas na estreia. Busca histórico e carreira para justificar o desabrochar do camisa 24. O enredo-intriga se desenha quando Fernández é aquele ao qual a Argentina pode recorrer para respirar na Copa do Mundo, por meio de um suporte a Messi, a estrela do time. Ele representa a história de um garoto típico das canchas argentinas que ascendeu e aguardou seu espaço na seleção até explodir em um momento de grande importância. A virada da narrativa se dá em relação ao todo da competição, após uma derrota dura de uma das favoritas na

estreia. Enzo personifica o heroísmo após o livramento do sufoco por Messi, a superação por chegar ao ápice representando seu país, e a expectativa por seguir desenvolvendo bom futebol na sequência da competição.

7) *A última dança caminhava para um fim trágico até que Messi fez o que Messi faz: decidiu*

Figura 15 – Narrativa #7, sobre a fase de grupos

Argentina Copa do Mundo

A última dança caminhava para um fim trágico até que Messi fez o que Messi faz: decidiu

Um dia depois do aniversário de dois anos da morte de Diego Maradona, Messi deixou claro que ainda não está pronto para encerrar sua história na Copa do Mundo

 Bruno Bonsanti · Publicada em: 26/11/2022 18:58 3 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O texto remete a um estereótipo argentino: tragédia, para onde tudo se encaminhava, naquela que, reiteradamente, era a "última dança" de Lionel Messi. Mais uma vez o camisa 10 é o protagonista da narrativa, associada à proximidade do aniversário da morte de Diego Maradona, ídolo que levou a Albiceleste à conquista mundial. Uma última tentativa que representava também uma de suas melhores chances. Até que, na perspectiva do autor, Messi "fez o que Messi faz: decidiu".

Na sequência, Bonsanti traz, em panorama, a trajetória do craque argentino em mundiais, "tão longa quanto acidentada". Uma análise de características mais coloquiais, se colocando no texto, que aponta que Lionel passou a render quando teve à disposição um ambiente "minimamente organizado" no Brasil, até a Copa da Rússia, classificada como "tragédia". Em oposição a isso, argumenta que o futebol "decidiu que ele merecia mais uma oportunidade" no parágrafo seguinte.

Sob a batuta de Scaloni, um interino desacreditado, a Argentina que parecia fraca "ficou bem mais qualificada" com nomes como Rodrigo De Paul e Leandro

Paredes, passando pelo ataque, com Lautaro Martínez e pela defesa, sempre contestada, com Romero, Emi Martínez, e laterais "competentes". Na debilidade do sistema, atesta que não tinha companhia para dividir liderança no elenco, sendo que Messi "nem sempre é o jogador mais sanguíneo em campo, ele fazia parte de um sistema coeso e tinha com quem dialogar".

Depois, na esteira disso, o assunto é o time, e como chegou à competição. Com expectativas, "e leve. E com um Messi leve". O histórico, desde a conquista da Copa América sobre o Brasil; a vitória sobre a Itália em Wembley na Finalíssima, que reuniu os campeões da América do Sul e da Europa, até os "36 jogos de invencibilidade e... perdeu para a Arábia Saudita na estreia". Assim, coloca-se em questão: uma montanha tão difícil de ser escalada, para que ocorresse um tropeço diante de um adversário que não representava ameaça. O autor segue a análise particular descrevendo: "Um acidente de percurso? Talvez. Messi foi muito mal naquele jogo, embora tenha tido uma chance logo no começo e marcado de pênalti. Não liderou, nem na parte técnica e nem na motivacional, um time que havia claramente perdido o rumo". Assim, o que Bonsanti chamou de "efeito cascata", foi

a pressão que o tropeço gerou para o segundo jogo. Era tudo ou nada. Uma derrota significava a eliminação. Um empate, que durante tanto tempo parecia inevitável, a deixava em situação muito desconfortável. A tensão foi palpável durante mais de uma hora em Lusail.

O técnico do México, Tata Martino, segundo o autor, que Messi "contratou" para o Barcelona, tentou ficar na defensiva. Nota-se, então, a ênfase dada pela pontuação e o uso de uma metáfora: "Linha de cinco. Cada enxadada uma minhoca. Era clara a estratégia de jogar o peso da situação para cima da Argentina", algo que funcionou por um tempo impedindo finalizações. O descompasso é narrado pelo autor, entre as tentativas e erros de Lionel Messi: "Messi não sabia exatamente o que fazer, se recuava para buscar jogo, se tentava receber entre as linhas para partir para cima, se aproximava-se da área para finalizar. Logo depois do intervalo, teve uma falta perigosa. Isolou".

A atmosfera nervosa é o foco da sequência do texto, especialmente para uma seleção que "não costuma aplicar filtros ao que está sentindo": "A alegria é muito alegre. A tristeza é muito triste. O nervosismo é uma angústia. E o alívio, bom... a diferença entre craques e o resto é que às vezes eles precisam apenas de

um centímetro, um segundo, um momento de inspiração", ressalta. Mesmo as descrições têm um tom de interpretação:

Di María sabe disso porque o procurou. Não era o passe mais óbvio. Messi dominou um passo para trás do semi-círculo e bateu rasteiro de perna esquerda. Não foi aquele chute colocado característico. Não foi com finesse. Foi com contundência e senso de propósito, uma bala rasteira para superar a mística de Ochoa.

O México se apresenta como elemento secundário, apenas um opositor que causou dificuldades, sem alternativas além disso, tanto que, na visão de Bonsanti, "não havia entrado em campo para ganhar". Por outro lado, para a Argentina, faz-se uma observação particular e psicológica, já ao fim do texto, com um triunfo que não classificava os sul-americanos – porque buscavam outra coisa, sentimentalmente intensificada pelo narrador. Buscava: "perdão pela primeira rodada, buscava redenção – como Messi durante seus primeiros 15 anos pela seleção, sem ter certeza do crime que cometeu. A comemoração com a torcida ao apito final mostrou o quanto significativo foi aquele resultado".

O autor opta por criar expectativa ligando um acontecimento recente ao passado, usando elementos fáticos para conectá-los: "Um dia depois do aniversário de dois anos da morte de Diego Maradona, no jogo em que igualou o número de jogos em Copas do Mundo do craque de 1986, Messi deixou muito claro que ainda não cansou de dançar". Assim, Bonsanti constrói o texto de maneira a trazer a trajetória de Messi e colocá-la como uma montanha russa. Observa histórico, condições de times anteriores e mundiais passados. A interpretação prevalece em meio à descrição dos lances e o camisa 10, claramente, é o personagem principal da matéria. Mais da metade do texto se dá nessa construção sobre a conjuntura para só então chegar à partida, que tem espaço reduzido diante da posição do jogador escolhido para ser objeto de crítica. Prevalece o tom de expectativa e de sobrevida à seleção argentina, sobretudo ao fim do material.

O enredo-intriga se desenha a partir da "última dança" de Messi, que vai sendo postergada conforme os confrontos da Copa vão avançando. É uma jornada que se aproxima da do herói com as partidas seguindo, destacando a grandeza do jogador-personagem. É o caso da redenção após a derrota para a Arábia Saudita e a vitória sobre os mexicanos. O autor encadeia argumentos históricos e analíticos no começo do texto, recorrendo à composição do elenco, títulos e problemas da

seleção recentemente, até as mudanças de perfil e a retomada do time de Scaloni, gerando boas prospecções para o mundial, até que chegue ao jogo e ressalte: a última chance deve seguir.

O conflito é disposto pela trajetória difícil de Messi em Copas, apesar do brilhantismo. Problemas com uma seleção desestruturada, bagunçada, eventualmente com dificuldades de dar a ele condições de ter um bom desempenho. Ele se apresenta, então, como herói, especialmente após a derrota na estreia, caracterizando-se ainda mais como protagonista. A superação é evidente pelo quadro dos acontecimentos, e a expectativa por "até onde vai" a última dança é um indicativo claro.

8) As cenas mais insanas da comemoração pela vitória da Argentina vêm, é claro, de Bangladesh

Figura 16 – Narrativa #8, sobre a fase de grupos



Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O texto é breve, de apenas um parágrafo, destacando a comemoração dos torcedores Albicelestes em Bangladesh. Em tempos de circulação constante de informações, a matéria opta por focar o inusitado, ressaltando também o interesse dos indianos pela Seleção Brasileira. Presente no Catar, a torcida do sul asiático proporcionou "cenas insanas" apoiando o time de Scaloni no primeiro triunfo na competição, mesmo num horário incomum, no meio da madrugada. Em uma loucura "afiorada" após um "dramático triunfo", o autor ressalta: é Copa do Mundo. Na sequência, vem vídeos disponíveis do Twitter/X mostrando as reações. A intriga é o fato curioso de ser em Bangladesh, um horário pouco usual, com muitos presentes comemorando a vitória de um país distante, mas com o qual há identificação por

conta do futebol. Não há exatamente um conflito a não ser a quebra da expectativa de a comemoração ultrapassar o território argentino.

9) *Di María: “Mandei uma merda para ele, mas Messi sempre encontra soluções para tudo”*

Figura 17 – Narrativa #9, sobre a fase de grupos

The image shows a social media post with two tags: 'Argentina' and 'Copa do Mundo'. The main text is a quote: 'Di María: “Mandei uma merda para ele, mas Messi sempre encontra soluções para tudo”'. Below the quote is a short summary: 'Di María deu a assistência para o gol de Messi que abriu tudo para a Argentina contra o México, mas não ficou satisfeito'. At the bottom left is the author's profile picture and name 'Bruno Bonsanti' with the date 'Publicada em: 28/11/2022 11:41'. At the bottom right is a reading time indicator '2 minutos de leitura'.

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

No título a proposta do texto: uma repercussão do que disse Di María, mais uma vez sobre Messi, inclusive usando uma linguagem mais-que-coloquial: 'Mandei uma merda para ele, mas Messi sempre encontra soluções para tudo', complementado pela linha fina atestando a insatisfação, mesmo com uma assistência na partida. Com início factual para puxar a fonte para o conteúdo do texto, Bruno Bonsanti fala da assistência em um jogo "crucial que poderia ter eliminado a campeã sul-americana da Copa do Mundo". No entanto, ao mesmo tempo usa recursos fictícios logo em sequência: a sorte de Di María foi ter "um dos maiores jogadores da história e transforma tudo que toca em ouro".

O autor do texto descreve os lances, mas não sem recorrer à interpretação e à opinião: "O passe, sendo sincero, nem foi tão ruim assim". A declaração de Di María vem de uma entrevista do jogador – à época – da Juventus ao *The Guardian*. Em seguida, Bonsanti traz as declarações sobre a avaliação do ponta argentino, e o descreve como um veterano na seleção, desde 2008, como "um dos mais fiéis escudeiros de Messi no futebol internacional", algo reforçado por ele mesmo nos parágrafos seguintes, como um privilégio por uma temporada no PSG e 14 anos na

Argentina. Mais uma vez, volta-se à perspectiva informativa, trazendo a avaliação do atacante sobre o jogo contra o México após os problemas da estreia. O pé do texto dá um panorama do quadro do grupo, momentaneamente.

O texto é mais direto, apoiando-se especialmente nas declarações de Di María sobre ter dado a assistência para Messi, um dos seus principais companheiros com a camisa Albiceleste. No entanto, não se furta de trazer interpretações/opiniões ao leitor, tanto sobre a qualidade do passe quanto ao usar figuras de linguagem para descrever o camisa dez. A intriga acontece por conta do jogo, não necessariamente por conta das declarações usadas na matéria. Elas são motivadas pela partida, e encadeadas de forma a exaltar uma situação específica de jogo do ponto de vista de um dos protagonistas. Como no enredo-intriga, o conflito e a virada se dão na partida, sendo a declaração uma extensão. O tom da matéria se coloca com base nas declarações do atacante, exaltando a atuação e o suporte de Messi. Di María se posiciona como um comparsa, um parceiro no cometimento do crime. Assim, um colega do herói, num momento de superação e expectativa de sequência.

10) Muito mais leve, Argentina conseguiu fazer o seu jogo e venceu a Polônia sem problemas para avançar

Figura 18 – Narrativa #10, sobre a fase de grupos

Copa do Mundo

Muito mais leve, Argentina conseguiu fazer o seu jogo e venceu a Polônia sem problemas para avançar

Em três jogos de fase de grupos, a Argentina conseguiu ir do inferno ao céu e chega às oitavas de final com status de uma das favoritas restaurado

 Bruno Bonsanti • Publicada em: 30/11/2022 04:09 ■ 5 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Desde o título, a construção narrativa se conecta às outras partidas – da estreia turbulenta à retomada na segunda rodada. Como que mudando a perspectiva, a ideia é a de que o time argentino jogou "mais leve", com as

estratégias funcionando quando "conseguiu fazer seu jogo", bater a Polônia "sem problemas" e seguir aos mata-matas. O mesmo se atesta na linha fina, quando Bruno Bonsanti descreve que o time Albiceleste foi "do inferno ao céu" em três jogos na fase de grupos, depois de ter sido ameaçado, restaurando a condição de favorito ao título. Cria, com isso, o contraste, dando a impressão de que, finalmente, a forma de jogar começa a aparecer. Como é característica dos relatos de jogo, o autor começa com uma espécie de ilustração no parágrafo inicial, ainda que resumindo informações básicas, mas sempre dando espaço a uma interpretação, quando aponta que "a Copa do Mundo da Argentina tem apenas três jogos de idade, mas foi uma montanha-russa". Depois, antes de remeter-se ao jogo em questão, volta-se às partidas anteriores, indicando as dificuldades. Primeiro, quando "a impressão de que a vitória sairia com tranquilidade" contra a Arábia Saudita e, depois, "levou a virada, desesperou-se, foi muito mal".

Depois, quando "entrou pressionada contra o México e passou por uma etapa inicial muito nervosa", com o gol de Messi oferecendo um "alívio danado". A impressão psicológica foi uma tendência – tanto por conta da dinâmica das partidas quanto pelo cenário que a competição apresentava, na análise dos jornalistas. Tratando o embate com a Polônia como um recomeço, como é tradicional na narrativa jornalística, o apontamento que direciona o título e a linha fina na finalização do primeiro parágrafo: "a campeã sul-americana conseguiu fazer o seu jogo e venceu por 2 a 0 sem problemas para avançar em primeiro lugar às oitavas de final". Como se destravasse aquele contexto que a levou até a Copa do Catar, a Argentina, na visão do autor, resgatou o desempenho que construiu as 36 vitórias seguidas e dois títulos.

Mesmo os recursos fáticos disponíveis se tornavam, na descrição, uma forma de interpretação, com as pegadas do autor, enquanto um espectador do jogo: "Teve Messi finalizando e procurando os companheiros, uma defesa que ganhou todas de Robert Lewandowski, um meio-campo que combinou pegada com criação, especialmente na figura de Enzo Fernández". Ao detalhar quem fez os gols, informa que Álvarez e Mac Allister ganharam titularidade, e que a dupla "correspondeu quando mais dela se esperava". Antes de ir às escalações, retoma o tom inicial: "A vitória completa o breve épico que foi a fase de grupos da Argentina.

A derrota inesperada, a ameaça da eliminação vexatória e finalmente a atuação impositiva que dela se esperava". Em sequência, indica o retorno do

favoritismo do time de Scaloni e apresenta a Polônia que, apesar da derrota, também foi às oitavas como segunda colocada no mesmo grupo, mas "porque alguém mais desse grupo tinha que se classificar". Dessa maneira, Bonsanti pontua que os outros postulantes à classificação pouco fizeram, mais uma vez avaliando os desempenhos:

O México não mostrou nada até o último jogo. A Arábia Saudita não conseguiu aproveitar a superioridade contra o time de Lewandowski para arrancar alguma coisa e sucumbiu aos mexicanos. Então passa a Polônia. Estava se classificando pelos cartões amarelos, mas a Arábia Saudita achou um gol no fim, e deu o saldo favorável aos europeus.

Após a tradicional disposição das escalações, o relato do jogo prossegue, o camisa dez argentino foi logo o protagonista: "A primeira coisa que ficou clara é que Messi estava sedento. Mais centralizado e com liberdade para se movimentar, buscava a finalização com frequência". O duelo com o goleiro polonês, Szczesny tomou forma a partir daí, na descrição dos lances do jogo, como "uma das histórias do primeiro tempo". Mesmo as inversões de jogo eram valorizadas, à semelhança dos tempos de Barcelona de Messi, mas trocando Jordi Alba por Marcos Acuña.

Em um pênalti (mal) marcado na partida, antes de entregar o lance, o autor diz: "Está tão complicado vencer Szczesny que Messi não conseguiu nem a 11 metros de distância, com a bola parada e sem marcação. Não merecia também". Justifica: "Messi foi atingido pela ponta dos dedos de Szczesny. Totalmente casual, sem tanta força. Seria meio exagerado dar pênalti. Não para o árbitro holandês Danny Makkelie", mais uma variação interpretativa do jornalista, ainda que num relato de jogo. Com a oportunidade de guardar o terceiro gol na Copa, na visão do narrador, Messi "bateu um pouco mal, à meia altura, entre o centro do gol e o canto. Mas Szczesny também esticou o braço na hora certa para fazer uma grande defesa", em um "ótimo primeiro tempo da Argentina, que, como vocês podem perceber, sequer foi ameaçada na defesa e criou uma dezena de chances de marcar".

Bonsanti recorre à analepse e aos jogos das rodadas anteriores – e, necessariamente, à narrativa construída pelos jornalistas e pelo site – em que o "time pode perder um pouco a cabeça quando está sob pressão". Entraram na conta os tempos ruins contra Arábia Saudita e México, até que essa compreensão se dissipasse contra o time alvirrubro por conta de Alexis Mac Allister, em "um chute

preciso que nem Szczesny poderia defender". Ao usar um descritivo de superação de um grande antagonista em meio aos lances, nota-se a disposição da narrativa característica do esporte, em que há uma espécie de polarização no relato, disposta também pelas escolhas que fundamentam esta análise. Antes da ficha técnica, o autor segue relatando os lances até um desfecho: "Messi seguiu tentando marcar, o que ele queria bastante desde o início, mas não conseguiu. Tudo bem. Terá outras oportunidades". Como alguém sentado à cadeira em uma conversa com o leitor, Bonsanti se dá a possibilidade de também aparecer no texto como observador.

Vendo em panorama: o autor faz o relato de jogo de forma mais descritiva, mas especialmente no começo do texto abre espaço a partidas anteriores, deixando um pano de fundo em suspenso. Constrói os significados em um provável clima de tensão que é desfeito com o jogo argentino tomando forma, apesar da resistência do arqueiro adversário. Como apontado pelo resumo-síntese, o enredo se desenhou entre a disposição de Messi de gerenciar o jogo oferecendo opções de jogada aos colegas de time e as tentativas polonesas de interromper essa trajetória, sem sucesso.

O texto é linear, mas com as interpretações do autor, em especial diante das partidas anteriores, e na reflexão sobre a manutenção do estado de alerta – ou da virada de chave e do retorno ao futebol que os levou com uma série invicta ao mundial. Como opositores, pode-se dizer que os arquétipos de heroísmo, superação e expectativa ficaram do lado sul-americano, enquanto vilania, decepção e frustração, diante das tentativas falhas de parar os argentinos, do lado europeu. A virada se dá não no jogo, mas da narrativa, porque compara-se às partidas anteriores. Se nas demais a proposta de jogo não funcionou, o panorama se alterou na última partida da fase de grupos. Ainda que tenha perdido, a Polônia se mostrou como uma adversária competente, para o autor, por oferecer resistência e se classificar aos mata-matas.


11) *Dupla do River, Fernández e Álvarez foram promovidos a titular e entraram na Argentina para ficar*

Figura 19 – Narrativa #11, sobre a fase de grupos

Argentina Copa do Mundo

Dupla do River, Fernández e Álvarez foram promovidos a titular e entraram na Argentina para ficar

As duas novidades de Scaloni para o jogo contra a Polônia ajudaram a resolver a classificação da campeã sul-americana

 Bruno Bonsanti · Publicada em: 30/11/2022 14:21 3 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O texto de personagem destaca dois jogadores: Enzo Fernández e Julián Álvarez. Os dois entraram no time titular após as mudanças de Scaloni, ocasionadas pela derrota na estreia da Copa. Bonsanti argumenta, na linha fina, que os jogadores "ajudaram a resolver a classificação da campeã sul-americana". O ponto de partida escolhido pelo jornalista é, justamente, o que os une: a origem no River Plate, clube popular do país. Como é tradicional nos textos da *Trivela*, esta narrativa segue a mesma dinâmica: dá o tom do texto de saída, mas destrincha as informações em seguida, com um tom analítico e pessoal do autor. Neste caso, quase que num jogo entre os dois personagens, Bonsanti evoca em frases seguidas de onde saíram, por quem foram comprados (Benfica e Manchester City, respectivamente; além de terem começado no banco de reservas e, durante a Copa, terem sido promovidos à titularidade pelo treinador, para quem "agora será difícil retirá-los no mata-mata").

A estrutura do texto dança com os jogadores, com um parágrafo para cada. Primeiro, Fernández: desde a entrada na estreia, até a comparação com concorrentes a um espaço na Albiceleste, o autor interpreta que "deu outro dinamismo ao meio-campo". Remete a textos anteriores da própria *Trivela*, fazendo referência a uma "ascensão meteórica" e ao brilho nos títulos com o Defensa y Justicia e com o próprio River, cavando uma boa chegada às terras portuguesas com o time dos encarnados, o Benfica. Avaliando a condição, o autor indica: "Não

espanta que, tendo estreado em setembro pela Argentina, também subiu rápido nas preferências de Scaloni".

Por sua vez, no caso de Álvarez, já no parágrafo seguinte, a ascensão é tida como "surpreendente". Ele traça um histórico do jogador, ainda como prodígio e dono de muitos gols, visto como parte do "futuro" do time inglês comandado por Pep Guardiola. O autor opta por ponderar as trocas e a renovação feitas pelo City com as saídas de componentes do ataque para esclarecer a afirmação que faz. Trata das qualidades de Álvarez, apesar de ser um atacante versátil que atua pelos lados e marcou 20 gols na temporada, "Ficou no elenco, mas como um reserva de luxo. Não conseguirá tirar tempo de jogo de Haaland, que começou com tudo a sua carreira na Inglaterra", sem conseguir tanto espaço no time titular, na visão do autor "Não começou mal na Inglaterra. Também não explodiu". É um balanço, em certo sentido.

A orientação do texto se mostra quando, no parágrafo seguinte, Bonsanti constrói a mesma linha de raciocínio para falar da busca de Álvarez por espaço no ataque argentino: nomes representativos como Messi e Di María, por óbvio, não seriam barrados. Lautaro Martínez, também visto como concorrente, é parte da análise de conjuntura. O tom interpretativo também se revela no parágrafo posterior:

O garoto do City oferece outras coisas. Lautaro sabe trabalhar fora da área, mas sua principal característica é finalizar e arrancar no limite do impedimento. Álvarez fica mais confortável abrindo pelos lados, o que permite que Messi atue mais centralizado, como falso 9, como aconteceu contra a Polônia.

Por fim, descreve o tento, que une os dois entre passe e gol, superando o "momento iluminado de Szczesny". Depois de falar das possibilidades oferecidas pelos jogadores, Bonsanti se volta à recuperação promovida pelas trocas de Scaloni: "Teve uma postura sóbria fora de campo, sem deixar que o tropeço para a Arábia Saudita o deixasse desesperado – pelo menos no discurso". Relembrando o que o treinador tinha dito sobre manter o estilo de jogo sem deixar de procurar alternativas, o jornalista dá sua avaliação para arrematar o texto, quando diz que o mérito foi:

identificar jogadores que não estavam em boa fase e outros que produziam mais saindo do banco de reservas, com coragem para barrar nomes fortes, como Leandro Paredes e Lautaro Martínez. Será que fará o mesmo no mata-mata? Fernández e Álvarez certamente merecem continuar.

Em perspectiva, o texto de forma a exaltar a trajetória e as contribuições de dois personagens importantes em uma das partidas do mundial, em especial por terem saído do banco e, portanto, não terem sido escolhidos inicialmente pela equipe técnica. A perspectiva do autor é descritiva quando evoca dados e informações sobre a carreira dos jogadores, ao mesmo tempo em que se permite um olhar analítico sobre o espaço nos times de Benfica e City para Fernández e Álvarez, respectivamente, ao mesmo tempo em que comenta o impacto e a condição que ambos têm de oferecer recursos e variações à Albiceleste.

O enredo-intriga se compõe a partir do entendimento de que ambos os jogadores, crias do River Plate, portanto de terras argentinas, tenham saído do banco – como opções secundárias – para ajudar a mudar o rumo de uma partida importante do mundial. O encadeamento que estrutura essa concepção é o de olhar para a carreira e a trajetória dos jogadores, em ascensão, e pensar naquilo que eles podem oferecer ao esquema argentino na Copa. O conflito se dá pela tensão causada pela mudança no time, nos ideais do técnico e na melhora com as trocas. A virada, a partir da entrada deles, é o outro panorama oferecido pelas capacidades demonstradas. O autor enreda essa percepção dando uma ficha dos jogadores, ultrapassando o sentido da seleção nacional e voltando-se aos clubes. Eles podem ser classificados como elementos do heroísmo da virada, componentes da superação na competição, além da expectativa daquilo que serão capazes de fazer.

12) Alexis escreve o nome dos Mac Allister nas Copas depois de seu pai virar até figurinha, mas se ausentar em 1994

Figura 20 – Narrativa #12, sobre a fase de grupos

Copa do Mundo

Alexis escreve o nome dos Mac Allister nas Copas depois de seu pai virar até figurinha, mas se ausentar em 1994

Carlos Mac Allister auxiliou na classificação para a Copa de 1994, mas não esteve nos EUA; 28 anos depois, seu filho mais novo escreve o nome da família nos Mundiais



Leandro Stein • Publicada em: 30/11/2022 18:54

3 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

A narrativa se volta a um personagem: Alexis Mac Allister. Mas não apenas ao que ele fez dentro de campo ou na Copa do Mundo. A proposta de Leandro Stein é se aprofundar em uma perspectiva pessoal, quando remete-se à família do atleta, cujo pai adentrou o álbum de figurinhas da Copa de 1994 mas não pode disputá-la. O nome do pai e o contexto aparecem já na linha fina, dando a dimensão e a representatividade de quando, então, "28 anos depois, seu filho mais novo escreve o nome da família nos Mundiais". A dinâmica que se apresenta no texto é a característica dos relatos da *Trivela*. Ainda que tenha a menção factual ao fim do primeiro parágrafo, não inicia a construção do conteúdo diretamente, de forma seca. A opção do narrador foi justamente começar pelo pai de Alexis:

A lembrança de muita gente sobre Carlos Mac Allister na seleção argentina é mais viva do que suas três aparições pela Albiceleste sugerem. Tudo bem que o 'Colorado' fez parte da classificação mais tensa da equipe para Mundiais, presente na passagem sobre a Austrália na repescagem para a Copa de 1994. Entretanto, sua fotografia só é duradoura graças à presença no álbum de figurinhas da Panini. No fim das contas, Mac Allister não disputou o Mundial dos Estados Unidos. E quis o destino que seu filho, Alexis, colocasse o nome da família pela primeira vez nas Copas – mesmo sem estar no álbum.

O autor prossegue, rememorando que Alexis ajudou a recontar "aquilo que poderia ser um drama para os argentinos, mas terminou como contundente vitória. Espantando temores, o Mac Allister filho" foi responsável por abrir o resultado de 2 a 0 diante da Polônia, que classificou sua seleção às oitavas do mundial.

Na sequência, o autor usa de um deslocamento no tempo para contar a história de Alexis: onde nasceu, no interior da Argentina; como seu pai se estabeleceu na carreira atuando, de forma respeitável, por clubes como Boca Juniors e Argentinos Juniors. Além de mencionar irmãos e a escolinha do pai, que tinha nos três filhos seus pupilos. Stein constrói, assim, uma leitura de proximidade com a informação, que dá ao público a dimensão pessoal, de um personagem que está além de uma máquina de jogar bola: é alguém. Tem irmãos, inclusive, aos quais o autor se volta contando os clubes pelos quais atuaram, sendo que "o craque é mesmo o caçula, que conseguiu superar o pai".

A estrutura é claramente montada: cada parágrafo se volta a um aspecto da vida de Mac Allister. Enquanto na abertura as relações entre ele e a representatividade do pai o ligam à Copa, e depois a família é assunto; em seguida, é o desempenho nos clubes que interessa, desde o Argentinos Juniors, quando "o

talento de Alexis Mac Allister é claro". De maneira cronológica, o autor dispõe o desempenho do atleta por clubes como o Argentinos, onde se "consolidou"; até o contrato com o Brighton, na Inglaterra; um empréstimo, quando "agradou" na Bombonera sendo "muito dinâmico no meio-campo". As avaliações passam pela Argentina, onde, apesar de eliminado, "não foi o peso de uma Libertadores que intimidou o garoto", até os passos na Premier League.

A descrição é minuciosa sobre a situação do atleta no clube inglês. E ainda que pudesse empilhar os acontecimentos, há uma construção coerente do texto; narra a sequência e a crescente do jogador em clubes até servir seleção de base e a principal, com convocações subsequentes. O autor se baseia em informações de espaço (clube) e tempo (períodos em que desempenhou seu futebol de maneiras determinadas) para situar o leitor. A partir daí, também avalia as atuações como forma de contextualizar: "se tornou opção para a Argentina realmente a partir de janeiro de 2022. Entrou bem em partidas das Eliminatórias e virou uma carta na manga. O sucesso na Premier League também ajudava". Voltando ao Brighton, Stein cita o treinador Graham Potter, a camisa usada por Mac Allister (10) e a faixa ocupada por ele no campo, como recursos fáticos. Na seleção, no mesmo parágrafo, destaca que o jogador tentava se colocar como opção diante de outros colegas do elenco de Scaloni.

Somente no sexto parágrafo é que a Copa realmente vira assunto. Na avaliação do autor, saindo da reserva na estreia para jogar contra o México na segunda rodada, "não foi de todo mal, embora a Argentina tenha feito uma atuação sofrível até marcar o gol. Independentemente disso, o jovem permaneceu na equipe titular". O tom interpretativo segue logo depois: "A entrada de Enzo Fernández auxiliou demais o funcionamento da Albiceleste diante da Polônia. Ainda assim, o companheiro ao lado também se beneficiou. Mac Allister esteve entre os melhores em campo, com direito ao gol que inaugurou a contagem". Nota-se, assim, que ao mesmo tempo em que há a descrição, com a informação, há a interpretação do jogo, a validação pela argumentação construída pelo autor da matéria. Não apenas descrevendo os lances – inclusive ao se apoiar em elementos factuais como estatísticas – do meia, Stein oferece um juízo sobre eles:

E a atuação do camisa 20 teve muito mais que o lance do tento. O meio-campista deu muita fluidez no lado esquerdo do time, acelerando e aparecendo no apoio. Manteve um aproveitamento excepcional de 96% dos

passes acertados, 50 de 52 no total. E não que tenha dado só toques para o lado, com três deles servindo finalizações dos companheiros [...].

O jogador é tratado como alguém que "foi completo". Stein usa recursos factuais para sustentar suas considerações. Já no arremate do texto, volta ao começo. Recorre à memória da família Mac Allister em um tom emocional, apontando que, ainda que não tenha uma foto no álbum da Panini para mostrar aos filhos, "terá um retrato seu comemorando um gol em Copa do Mundo". Aponta que a história com a Albiceleste não para, com oportunidade de ir além aos 23 anos. A palavra final é a de que "O velho Colorado Mac Allister, que virou até deputado e ministro dos esportes tempos depois, sabe que o legado daquela figurinha está muito bem guardado".

Em uma vista ampla, o autor constrói o significado para o leitor além da prática esportiva. Sem deixar de perdê-la de vista, relaciona a atuação do jogador à do pai, também com carreira representativa. Traz como assunto a criação, o histórico dos Mac Allister, a progressão na carreira do caçula da família, ao mesmo tempo em que indica, na relação com o pai, algo como se o filho pudesse "reescrever" a participação da família em uma Copa do Mundo – tudo isso a partir de um momento representativo, de retomada da seleção, com participação de um dos membros dos Mac Allister.

O enredo-intriga parte do gol marcado pelo meia, mas apenas como pano de fundo. A motivação real se dá pela relação da família, especialmente do pai, com a Copa do Mundo, em que o filho tem a chance de mudar a história. O texto, dessa maneira, é construído com a intenção de gerar proximidade, oferecendo dados da carreira, mas também da vida pessoal do jogador. A ideia é que ele pode ser uma peça importante para a sequência da Copa, mas também é um ser humano que representa os seus. O conflito ocorre na "coincidência" de pai e filho serem jogadores, com a virada ficando a cargo de Alexis, representando as figuras de heroísmo, superação e expectativa, as três simultaneamente.

4.1.2 Em campo: a narrativa das oitavas de final

13) Austrália criou drama no final, mas Argentina conta com seu craque para vencer e avançar às quartas

Figura 21 – Narrativa #13, sobre as oitavas de final

Copa do Mundo

Austrália criou drama no final, mas Argentina conta com seu craque para vencer e avançar às quartas

Messi apareceu nos momentos mais importantes do jogo e a Argentina conseguiu uma vitória por 2 a 1, mas com drama e defesa do goleiro argentino até o último minuto



Felipe Lobo · Publicada em: 03/12/2022 10:52

5 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Vencer, mas não sem drama. Essa foi a dinâmica do relato sobre as oitavas de final, em que a Argentina bateu a Austrália. Como uma oponente no mata-mata, a seleção da Oceania teve um adversário que "conta com seu craque para vencer e avançar às quartas". Messi é, em mais um jogo, o protagonista, por aparecer "nos momentos mais importantes" para decidir a parada em 2 a 1. Felipe Lobo ressalta, na linha fina, que além de drama houve "defesa do goleiro argentino até o último minuto". O autor despeja o conteúdo factual de uma vez só já no primeiro momento do texto: "Foi com drama nos minutos finais, mas a Argentina venceu a Austrália e vai às quartas de final da Copa do Mundo".

De acordo com ele, o placar apertado "tornou tudo bastante dramático até o fim, com os Socceros pressionando, mas a Argentina tinha um camisa 10 que mais uma vez ajudou a decidir". Nota-se, com isso, que o autor coloca mais uma vez a etiqueta da decisão em quem resolveu a partida nos momentos "dramáticos", apesar de o time ter tido chances de ampliar o placar quando abriu vantagem e ao fim do jogo. Já com o chaveamento definido, Lobo oferece o próximo adversário, nas quartas de final, a Holanda, interpretando "um duelo que promete ser bastante interessante". O autor do texto, antes de prosseguir, usa a analepse: recorre ao fundo histórico para dar a dimensão e criar a expectativa para o confronto seguinte: "Duas camisas de peso, que já até decidiram a Copa, em 1978, e também mais recentemente, em 2014, fizeram a semifinal da Copa. Em ambas, os argentinos levaram vantagem".

Depois das tradicionais escalafões, a retranca já indicava o tom e o protagonista: "Messi desbloqueia o caminho do gol". O texto, como relato de jogo, tem características descritivas sobre os lances, com a Austrália – destacando-se a postura defensiva, tentando impedir as investidas sul-americanas –, situação que funcionou, segundo o narrador até os 30 minutos do primeiro tempo. Mas a virada da narrativa se dá, novamente, com o camisa 10, entre a interpretação e a subjetivação do autor: "As jogadas de lado não são o forte dos Albicelestes. Foi preciso, então de algo fora do padrão. E quem tem Messi, sempre pode tirar isso da cartola". Em seguida, na descrição do tento, detalham-se os envolvidos e como tudo se desenrolou.

A retranca do segundo tempo deu, mais uma vez, o resumo: "Argentina perde chances e jogo vira drama". A ideia é a mesma dos demais relatos, compondo os lances em ordem cronológica. Assim, com as trocas de Scaloni, a Argentina "aproveitou uma bobeadada na defesa australiana para ampliar o placar" – uma interpretação do autor, na linguagem característica do futebol. Há uma quebra na narrativa, como quem anuncia a chegada de problemas adiante: "O jogo parecia controlado. A Argentina dominava as ações e começou a perder chances. Parecia que o jogo tinha ficado fácil. Foram algumas chegadas, nenhuma com enorme perigo, mas ainda criando algum risco". No entanto, a Austrália chegou ao ataque "com pouca gente", mas depois de um chute desviado Martínez foi vencido: "Um pequeno susto", na crescente proposta por Lobo. Mas o que parecia só ameaça "quase virou drama", depois de um lance espetacular de um dos atacantes australianos.

Já ao fim do jogo, quando o autor dá o tom da crescente de tensão da retranca, aos 43 minutos do segundo tempo, "quando Messi fez a jogada pelo meio e deu o passe com amor e carinho para Lautaro Martínez, livre, bater de pé direito". A interpretação do lance se torna evidente quando se considera a pontuação do narrador: "Era para só tocar para o gol e se consagrar. Só que a confiança dele anda tão ruim que ele bateu por cima do gol, longe, muito longe do alvo. Nem ele pareceu acreditar no péssimo chute que deu e pareceu reclamar consigo mesmo". É um tom coloquial também muito visível ao longo dos textos da *Trivela*. No fim, após a insistência da Austrália, Lobo descreve que "em uma loucura final na área, a bola sobrou para Kuol, que girou e chutou, mas o goleiro Emiliano Martínez defendeu".

Um pouco de detalhe factual, um pouco de adjetivação. A avaliação ao fim do relato, mais uma vez, exalta o que fica para cada uma das seleções após o confronto:

Os australianos podem sair de cabeça erguida, porque deram mais trabalho para os argentinos do que se imaginava, especialmente pelo final, pressionando os Albicelestes. O apito final foi um alívio para a Argentina, que vai às quartas de final da Copa.

A Argentina teve à parte "o seu craque como grande destaque do time". O texto é composto por um aparente clima de controle quando a Argentina consegue se impor, apesar das tentativas de interrupção da Austrália, abrindo 2 a 0. No entanto, com o desconto, a narrativa muda de lado, e a tônica de pressão dá as caras. As unidades nucleares são, portanto: O drama da classificação e a importância de Messi para o resultado; a próxima fase, as escalações e a narração dos lances; no primeiro tempo, a resistência que cedeu com meia hora à insistência argentina, e o placar aberto; no segundo, mudanças táticas e muitas chances desperdiçadas até o desconto australiano. A partir daí, o significado construído foi o de que, eventualmente, poderia haver uma punição diante da imprudência do ataque argentino. E, apesar da pressão, o placar se manteve favorável aos sul-americanos.

O enredo-intriga se constitui a partir da imposição da Argentina diante da resistência dos australianos, sobretudo sob um clima dramático, que foi ganhando contornos ao longo da partida. O texto é encadeado de forma a dar essa impressão, de que ainda que Messi tenha aberto o placar, a partida foi se tornando perigosa após a quantidade considerável de chances desperdiçadas pelo time comandado por Scaloni. No entanto, apesar da pressão exercida pelos adversários, só uma equipe tinha Lionel Messi. Essa foi a chave, segundo o autor do texto. O conflito não ocorre de início, é construído ao longo do texto. Se Messi toma a iniciativa e abre o placar, logo ampliado, a Austrália causa problemas e estende o drama até o final do tempo regulamentar, exigindo intervenção de Emiliano Martínez. O ponto de virada é, na verdade, a manutenção argentina. É um jogo de vaivém, quando o time alviazul constrói o resultado e é pressionado por um time com menos qualidades técnicas. Diante da resistência, a virada é representada pela retomada do comando, com a concretização do resultado e o avanço às quartas de final.

4.1.3 Em campo: a narrativa das quartas de final

14) Messi: “Agora meus filhos são conscientes do que é a Copa e me fazem aproveitar ainda mais”

Figura 22 – Narrativa #14, sobre as quartas de final

Copa do Mundo

Messi: “Agora meus filhos são conscientes do que é a Copa e me fazem aproveitar ainda mais”

Após a vitória sobre a Austrália, com atuação decisiva de Messi, o craque celebrou a presença da família e o fato dos seus filhos estarem maiores e entenderem e aproveitarem a Copa

 Felipe Lobo · Publicada em: 04/12/2022 14:21 1 minuto de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Em tom mais pacífico e de repercussão, já no título, a matéria explora as declarações de Messi, em tom familiar, entendendo que os filhos “são conscientes do que é a Copa e me fazem aproveitar ainda mais”. O texto se baseia em uma entrevista de Messi à *TyC*. No texto Trivelista, Felipe Lobo destaca as falas do jogador, mas antes, no começo do texto, lembra: “Lionel Messi faz a sua última Copa do Mundo e isso por si já é uma grande atração”. Há espaço para que ele pense não mais como jogador, mas como pai. A proposta é dar ouvidos às declarações do camisa 10. Então, ao mesmo tempo em que oferecem informações básicas – mesmo nomes e idades dos filhos do craque. Em tom intimista, mas curto e direto, o texto destaca a participação das famílias nas concentrações da seleção e, também sobre “o número de 1000 jogos na carreira, completado contra a Austrália”.

O texto é informativo, direto, e não há tanto espaço para interpretações além da repercussão das falas do jogador, em tom mais tranquilo, após a vitória argentina. Talvez, a intriga do enredo esteja no fato de que, depois de tantas Copas, Messi tem os filhos com mais entendimento do significado do mundial. O texto se encadeia a partir daí: as falas e o sentimento do atacante com essa condição – ressalte-se, inexistente nas Copas que disputou anteriormente. A proposta de conflito deste texto

é um tanto mais "pacífica". No entanto, aparece na esteira da figura de Messi como jogador e na representatividade que tem para seus filhos. Uma entrevista surgida de um contexto em que se confirmam as condições positivas escolhidas para classificar este campo: heroísmo, superação e expectativa.

15) *Cinco textos de arquivo para lembrar o jogo e o clima do Argentina x Holanda na semifinal de 2014*

Figura 23 – Narrativa #15, sobre as quartas de final

Copa do Mundo

Cinco textos de arquivo para lembrar o jogo e o clima do Argentina x Holanda na semifinal de 2014

Aproveitamos o novo Argentina x Holanda em mata-matas para lembrar a cobertura do Mundial do Brasil em 2014

Equipe Trivela · Publicada em: 07/12/2022 14:21 1 minuto de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O texto tem assinatura da equipe da *Trivela*, não mais de um dos autores apenas. Tem propósito informativo, de caráter histórico, rememorando publicações da própria redação sobre o confronto entre sul-americanos e europeus duas Copas atrás, no Brasil. É uma forma de estabelecer memória e criar ganchos para a partida seguinte, com o propósito de despertar na lembrança do leitor acontecimentos que, por uma série de motivos, podem estar distantes, sobretudo por conta do tempo. Oito anos depois, ressalta a matéria, "com expectativas de uma partida melhor do que a vista em São Paulo em 2014", quando houve um "embate mais tenso do que fluido, em que só os pênaltis resolveram a classificação da Albiceleste". O destaque também vai para alguns nomes que se mantêm os mesmos apesar da distância no calendário: "permanece como memória viva de tantos personagens em comum de 2022 – de Lionel Messi a Louis van Gaal". A proposta é informativa e direta, e procura "esquentar" a partida que está por acontecer, criando expectativas.

Na sequência, a redação elenca cinco títulos das matérias com hiperlink, todos com uma breve descrição do contexto do jogo em questão. Um sobre a vitória Argentina nas semifinais dias depois da acachapante derrota do Brasil para a

Alemanha; outro sobre a Vila Madalena e as provocações entre brasileiros e argentinos; uma crônica da partida sobre o "tapa penales" Sergio Romero, herói da classificação à decisão do mundial no Brasil; um sobre a adaptação de Mascherano, saindo de um zagueiro mediano para atuar como volante, concretizando-se como um dos nomes da competição, em uma Copa "estupenda" – superando, para os autores, mesmo as atuações de Messi, como um "volante monstruoso"; e um texto destacando zagueiros e volantes naquele confronto, em análise de Ubiratan Leal.

A intriga do enredo não está necessariamente no texto, mas na conexão que ele estabelece entre dois momentos temporais diferentes. O que ocorreu no passado e o que pode ocorrer no futuro próximo: a sequência do texto faz autorreferência para despertar a memória do público leitor e reavivar acontecimentos de um torneio marcante para os brasileiros. O mesmo pode se dizer do conflito da matéria, no embate passado-futuro. O que aconteceu e pode acontecer agora? Para o leitor, é projetada a dúvida: vai se repetir? Será diferente? Quais sensações serão despertadas? A chance de virada da narrativa aparece destes questionamentos.


16) *Duas décadas depois, um novo olhar a uma partida lendária: Holanda 2×1 Argentina, quartas de final de 1998*

Figura 24 – Narrativa #16, sobre as quartas de final

Copa do Mundo

Duas décadas depois, um novo olhar a uma partida lendária: Holanda 2×1 Argentina, quartas de final de 1998

Num jogo mágico pelo nível elevado de emoção e pelo desfecho sublime concedido por Bergkamp, relembramos com detalhes como foram aqueles 90 minutos no Vélodrome

 Leandro Stein · Publicada em: 09/12/2022 22:33

14 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

A matéria é um rico e detalhado histórico, que se estende por 28 parágrafos, propondo um outro olhar para um embate tratado como lendário: as quartas entre as mesmas Argentina e Holanda da Copa de 1998. A linha fina já oferece recursos

fáticos, além de quando ocorreu, o Estádio Vélodrome, e elementos fictícios que se espalham pela consideração de que foi um "jogo mágico pelo nível elevado de emoção e pelo desfecho sublime concedido por Bergkamp", atestando também a condição interpretativa/opinativa que estava por vir, com pinceladas marcantes de subjetividade.

O autor inicia a narrativa de forma a propor ao leitor uma consideração sobre como os grandes lances ficam marcados na memória. Vai além do campo, então, e resgata memórias afetivas do público como um gancho: "Um grande gol se grava na retina por diferentes motivos. Por sua beleza, por sua importância, pelo adversário do outro lado, pelo momento em que acontece". Depois da breve introdução, recorre aos recursos fáticos e fictícios balanceados, propondo um efeito de sentido quando pontua o texto seguidamente. Isso confere intensidade e ênfase ao relato, como se percebe:

Neste sentido, o alinhamento dos astros não poderia ser mais preciso em Marselha, em 4 de julho de 1998. Quartas de final da Copa do Mundo, 45 do segundo tempo. Holanda e Argentina faziam um duelo cardíaco, no qual ambos poderiam ser vencedores ou vencidos, com uma expulsão para cada lado.

Para dar sequência ao relato, o autor constrói a tensão do resultado, em uma descrição que mescla minúcia e vocabulário, além das valorações do próprio redator, usando dados da partida para se sustentar:

O placar em 1 a 1 era modesto por tudo aquilo que as equipes tinham feito. Até que o lançamento precioso de Frank de Boer foi domado pelo bico da chuteira de Dennis Bergkamp. Um domínio ainda mais sublime. Roberto Ayala já fechava o chute quando o holandês deu um simples toque para fazê-lo passar reto. Refinado. Até o tiro seco com o peito do pé, sem misericórdia ao ajoelhado Carlos Roa.

Ao mesmo tempo em que oferece o espaço e o tempo por meio dos dêiticos, Stein varia o tratamento à seleção holandesa, usando apelidos, referência à fala do autor do arremate, e encerra o parágrafo com a lembrança da repetição do confronto: "O melhor gol de sua carreira, segundo o próprio craque, que valeu à Oranje uma vaga nas semifinais do Mundial. Uma memória vivíssima do frequente Holanda x Argentina em Copas, que se repete em 2022".

Mistura descrição, subjetivação na análise e outros aspectos, também oferece recursos factuais, como quando recorre a uma entrevista do jogador à

revista *The Blizzard*, para complementar a proposta do texto. A fala, que também evoca memórias, com o atacante lembrando que "É o sonho de todo menino marcar um gol em uma Copa do Mundo. Mas daquele jeito... [...] Quando fiz, me imaginei quando tinha sete ou oito anos, jogando futebol em casa, você sabe? É esse o momento! Foi um ótimo sentimento". Em seguida, ainda na entrevista, dois parágrafos são dedicados à descrição detalhada do lance do gol pelo próprio jogador responsável por ele, e também da perspectiva que tinha do que era necessário fazer.

Depois da introdução, uma retransmissão para tratar do jogo. O autor oferece o panorama de como as seleções chegaram à Copa, e o desempenho por grupos – no caso da Holanda, que "ainda não empolgaria tanto" – e nas oitavas, "o time fortíssimo da Iugoslávia". A Argentina, para o autor, "sobrou", e pegou a Inglaterra em "um dos épicos daquela Copa". Simultaneamente, a descrição e a avaliação caminham muito próximas. Uma estrutura usual do texto é estendida na matéria de repercussão: um parágrafo introdutório com as informações-chave e uma interpretação de quem seja o autor e, então, as escalões. Um parágrafo para cada um dos times, tanto a Argentina comandada por Daniel Passarella quanto a Holanda de Guus Hiddink.

O texto é extenso, mas é quebrado por fotos a cada sequência de três parágrafos ou tanto mais, o que areja a visualização e ajuda a manter o interesse no conteúdo. Um desses momentos ocorre na quebra das escalões para a descrição dos lances. Stein opta pela construção cronológica e descritiva dos lances:

Quando a bola rolou no Estádio Vélodrome, as duas equipes deixaram bem claro estilos de jogo bastante diferentes. A Holanda trabalhava com passes e iniciava o seu jogo com mais cadência, inclusive com a participação dos defensores e de Van der Sar nesse trabalho. Já a Argentina tentava agir de maneira mais direta, com passes pelo meio. Ortega fazia longas conduções, enquanto Claudio López dava mais movimentação.

Nota-se a perspectiva de oferecer os dêiticos, para a identificação espaço-temporal, ao mesmo tempo em que o autor oferece expressões típicas do campo esportivo, adequando a linguagem a um tom coloquial. Ao relatar que a Argentina tentava pressionar no campo ofensivo, destacou que "no primeiro cochilo da equipe, a Oranje quase mandou na caixa. Depois de uma série de rebatidas, Jonk pegou

bonito na bola dentro da área, de primeira. Foi um tirambaço cheio de efeito que estalou a trave”.

Outra estrutura recorrente aos textos é a composição de um duelo, que se já está desenhado entre as seleções, estende-se também aos jogadores. Stein também aproveita figuras de linguagem para ilustrar os movimentos em campo: “Desde os primeiros minutos, um claro embate se travou na meia-cancha: Ortega contra Davids. O camisa 10 da Argentina tinha seus dribles como grande recurso, mas o volante da Holanda não deixava o adversário respirar”. Na mesma medida, as formas de se referir às seleções, pelas cores da camisa ou apelidos, e aos jogadores, pela posição ocupada em campo ou pelo número da camisa, são recorrentes. As qualidades também servem como elemento de destaque:

Os zagueiros se davam bem nas disputas. Stam demonstrava um ótimo senso de antecipação, mais solto em relação a Frank de Boer. Enquanto isso, numa zaga argentina que esbanjava técnica, o veterano Sensini estava no gás e teria uma arrancada rumo ao ataque.

A construção, em grande parte do texto, tem no detalhamento dos espaços onde se dão os acontecimentos um elemento-chave. A adjetivação também se faz presente:

Ronald de Boer enfileirou seus marcadores pelo lado direito. Passou por três e inverteu um lançamento para a entrada da área. Ainda mais fantástica seria a inteligência de Bergkamp, tão impressionante quanto a de seu famoso gol. O atacante posicionou o corpo como quem já sabia o que fazer e ajeitou a bola de cabeça para o meio da área, daqueles lances simples que evidenciam um jogador especial. O toque sutil do craque desmontou a marcação da Argentina e permitiu que Kluivert passasse sozinho. Diante de Roa, o centroavante não perdoou.

As considerações sobre os lances oferecem, em algum sentido, uma dimensão ao leitor que não assistiu à partida, seja à época, seja no momento da publicação. O jornalista, então, se coloca como uma espécie de descritor – de forma temporal e adjetivada, e com a pontuação para delimitar o espaço de ocorrência de cada aspecto do lance – quando fala do gol de empate:

Foi uma bola perdida por Bergkamp no meio. Ortega passou e Verón teve todo o tempo para armar o passe. Deu uma enfiada na medida para Claudio López, que contou com a linha de impedimento mal feita por Reiziger. O atacante teve uma frieza imensa diante de Van der Sar, ao ameaçar o chute e, com o goleiro no vácuo, bater por entre as pernas.

O ritmo do texto, com suas quebras, dá espaço também à individualização. Entre o panorama tático e a descrição dos lances, os protagonistas são analisados, como é o caso de Edgar Davids. Para Stein, ele fazia uma partida “impressionante”: “Parecia onipresente, sobretudo para destruir, mas tantas vezes tirava da cartola lances mágicos”. A adaptação da linguagem, que se mostra híbrida, estabelece um diálogo entre o vocabulário cotidiano e as palavras do mundo da bola.

Um outro exemplo dessa dinâmica, e do desenrolar de sentimentos, das impressões psicológicas das equipes, aparece quando se argumenta que: “Os holandeses, aliás, pareciam não confiar muito em Roa. E o goleiro também dava motivos. Quase sempre o argentino rebatia os tiros de longe sem passar muita segurança. Aos poucos, a Oranje voltava a mostrar quem mandava”. O uso do apelido da seleção europeia aumenta o repertório de variação, ao mesmo tempo em que a visão do jornalista justifica a insegurança dos laranjas com o arqueiro. Essa personalização, por vezes, se mescla à dimensão do momento do jogo, entre as atuações dos jogadores. É o caso seguinte:

Não era uma partida fácil para a Argentina, que perdia no meio-campo. Almeyda, muito recuado, subia pouco. Verón desaparecia no momento ofensivo, por mais que garantisse alguns desarmes. Já Simeone até buscou se projetar um pouco mais em arrancadas pelo lado esquerdo, mas não acertava muita coisa. Do outro lado, era interessante a participação de Ronald de Boer. Costumava bagunçar um bocado com suas fintas e armar bons lances. Jonk também fazia uma atuação interessante, com qualidade para bater na bola. A equipe pendia mais para o lado direito do campo, com Cocu pouco acionado na primeira etapa.

Entre a análise, a individualização, também tomava forma no relato a compreensão de como os sistemas de jogo funcionavam, assim como a relação entre os jogadores que os compunham. É o caso da defesa da Holanda, que, na visão de Stein, estava bem postada e não dava brechas aos adversários: “Havia um ótimo entendimento da dupla de zaga entre quem caçava e quem prendia, mas também um excelente senso de antecipação dos laterais Reiziger e Numan, com muitos desarmes”. Nesse sentido, as figuras de linguagem também são uma forma de retratar o estado psicológico do jogo. Um exemplo se dá quando se aponta que “a bola parecia queimar no pé da Argentina durante esse início do segundo tempo”.

A construção do texto, em muitos casos, privilegia a oposição e o embate, mesmo no entendimento do autor – que distribui, por exemplo, a avaliação tática de um time por parágrafo: Do lado argentino, “nomes que deveriam pensar mais o jogo,

como Ortega e Verón, ou estavam sumidos ou executavam mal. Batistuta acabava muito isolado e precisava voltar, com uma apresentação esforçada, mas sem tanta colaboração dos demais [...]”; enquanto, no campo holandês, se “esbanjava confiança. Num lance no campo de defesa, Davids deu um toque de calcanhar cheio de estilo para limpar um avanço adversário”.

Bergkamp, segundo o narrador “pensava à frente” nos lances, mas era interrompido pela atuação dos zagueiros Ayala e Sensini, “fantásticos na antecipação das jogadas. O primeiro, em especial, dificilmente perdia a viagem – chegava limpo para fazer os desarmes”. Os qualificadores do momento da equipe na partida, enquanto organismo coletivo, se misturavam às justificativas sustentadas por atuações individuais, como neste caso: “O problema é que a Albiceleste sentia o baque. Eram muitos lançamentos a esmo, com o nervosismo evidente. Andava difícil superar Davids, monstruoso na recuperação”.

Na narração de um dos lances perigosos, é possível reparar que o detalhamento é mais cuidadoso, em um ritmo diferente das demais partes do texto. Numa escapada de “Brujita” Verón, o jogo foi aberto para Batistuta. Daí, uma mistura de colocações de tom psicológico – “esperou o jogo todo”; narração das minúcias do momento com os apelidos – “Bati chutou forte e Van der Sar, estático [...]”; e de expressões características do futebol – “um tapa”, para se referir a um passe bem executado, e um “míssil caprichoso que explodiu na trave”; além da linguagem figurativa – “não teve outra opção a não ser rezar”.

Em uma jogada protagonizada por Overmars, que acabara de entrar, contra Chamot, outro exemplo de uso de figuras de linguagem e adjetivação aliadas à descrição para destacar a supremacia do atacante contra o defensor – usando sinônimos para retratá-los: “O ponta deu um baile contra o capitão argentino. Girou e cruzou, para a cabeçada de Kluivert. Roa se esticou todo para o milagre e deu um leve desvio com a ponta dos dedos, mandando a bola por cima da meta”. O mesmo ocorre quando se ressalta, adiante, que, “numa dessas, quase Batistuta não cometeu o crime em cabeçada”, referindo-se, claro à chance de gol. No mesmo sentido, quando a Argentina dava “sinais de vida após a contínua pressão”, Stein avalia que “a expulsão de Numan serviu de banho de água fria à Holanda, aos 31 minutos. Até parecia que a Oranje havia desperdiçado seu momento no duelo”. Com isso, acabava criando também a apreensão para a sequência do texto – no relato dos acontecimentos, de forma cronológica.

Outra das estratégias usuais do autor do texto é a criação da expectativa gradual, quando encerra um dos parágrafos de descrição com a frase: “E num momento em que os times tentavam entender a nova mudança de rumos do confronto, ocorreu a genialidade de Bergkamp”. Pouco adiante, mais uma descrição detalhada. Curioso perceber que, quando o jogo ganha em emoção, o tempo para. Mais parágrafos se acumulam para interpretar o clímax da partida, já ao final. Quase como que num prelúdio ao grande momento do texto, usando expressões típicas que dão um ritmo pausado e de intensificação ao relato. Tudo começa com Ronald De Boer:

O zagueiro, então, encontrou um latifúndio para avançar. A ponta direita argentina, justamente a zona antes ocupada por Ortega, estava vazia. O zagueiro conduziu a bola da área até quase a linha central. Disparou um lançamento de mais de 50 metros, teleguiado, que atravessou todo o campo e caiu sereno no bico direito da grande área adversária.

Então, o ápice, descrito em tons memoráveis – conveniente, já que recorria a uma perspectiva e um jogo históricos:

Seria a vez de Bergkamp cuidar do resto. E como foi perfeito o atacante, em tudo. O domínio, uma de suas grandes especialidades, permitiu que a bola adormecesse próxima de seu corpo. Quando a marcação de Ayala (excepcional em todo o jogo) chegava, mais um toque do atacante fez o beque passar lotado. E então sobrava somente Roa. Com a mesma perna direita que tinha dado os dois toques anteriores, o craque efetuou a pincelada final da sua pintura. Foi uma finalização com o peito do pé, tão rápida quanto cheia de categoria. Com o movimento corporal completo, o arremate de efeito passou longe das mãos do goleiro e terminou onde precisava, nas redes. Era um balé completo do camisa 8.

Na sequência, espaço para uma abordagem mais sentimental: “Bergkamp colocou a mão no rosto, como se não acreditasse, e se deitou no chão. Quem realmente não conseguia crer era a Argentina, que deixava a situação sair de controle e sofria o segundo gol aos 45 do segundo tempo”. Afinal, apesar das tentativas, Stein finaliza que “ninguém tiraria aquela vitória titânica da Oranje”. Depois de breve avaliação das movimentações dos técnicos, uma deixa de que é um tipo de texto característico da publicação: “À Holanda, o título mundial parecia ser possível pela capacidade daquele elenco. A final não chegaria, mas renderia outro épico no duelo contra o Brasil na semifinal. História para se resgatar em outro momento das Copas”.

O texto tem diversas variações de construção dos significados. Usa formas factuais e fictícias para referenciar o público sobre espaço, tempo, condições de jogo, mudanças táticas, emocional dos jogadores e comportamentos das equipas. Ilustra, detalha, narra, descreve. Deixa o leitor imerso na narrativa que, apesar de extremamente grande para os padrões de um texto de internet, é cativante e consegue prender o leitor, tamanha a complexidade.

O enredo-intriga está no desenlace da partida, remetido no começo e no fim do texto. O gol de Bergkamp, como um épico das Copas e uma lembrança do jogo que está por vir. Mas antes dele se dá um desenrolar que vai do detalhamento cronológico de todos os lances relevantes, de uma perspectiva psicológica, futebolística e interpretativa. O gol é o que motiva o texto, sobretudo quando ligado ao aspecto do calendário, da proximidade da repetição do confronto, bem como do valor decisivo do tento em uma fase chave da competição.

O herói, claramente, é Bergkamp, enquanto os demais são meros personagens diante do ocorrido, como atores secundários de uma grande peça. Privilégio de decidir o confronto. Ele se supera por marcar num momento relevante, perto do fim do tempo disponível, já no segundo tempo, e ao mesmo tempo em que cria um momento memorável, num instante, dá margem também à expectativa para a Holanda no restante da Copa, ainda que se saiba o resultado.

17) Em jogo dramático, Argentina sofre empate da Holanda, mas sobrevive nos pênaltis e vai à semifinal

Figura 25 – Narrativa #17, sobre as quartas de final

Copa do Mundo

Em jogo dramático, Argentina sofre empate da Holanda, mas sobrevive nos pênaltis e vai à semifinal

Comandada por Messi, Argentina abriu 2 a 0, tomou o empate nos acréscimos e, nos pênaltis, garantiu o seu lugar na semifinal da Copa do Mundo



Felipe Lobo · Publicada em: 09/12/2022 10:52

6 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Logo no título do relato de jogo, o narrador assume – em uma estratégia que nota-se cada vez mais recorrente – a via da dramatização e de um épico, com a oposição em seguida. Também de saída, a linha fina coloca o personagem principal da trajetória de *La Selección* na Copa do Mundo: Lionel Messi, comandando a equipe – que mesmo depois de abrir dois a zero e tomar o empate, avançou às semifinais nos pênaltis. Seguindo uma estratégia usual no jornalismo, quando o título remete ao primeiro parágrafo do relato, enquanto a linha fina é orientada pelo corpo do texto, mais uma vez a proposta se repete: com um toque analítico, as informações essenciais são todas dispostas ali:

Foi dramático, mas a Argentina sobreviveu às quartas de final da Copa do Mundo e se classificou nos pênaltis à semifinal, depois de empate por 2 a 2 com a Holanda. Foi um jogo, em que argentinos e neerlandeses estiveram à altura da ocasião. Os argentinos, comandados por Lionel Messi, abriram 2 a 0, com um dos gols do camisa 10, mas a Holanda se recuperou no segundo tempo, arrancou o empate nos acréscimos e levou a partida à prorrogação. Mesmo melhor no tempo extra, a Argentina não conseguiu levar. A partida foi para os pênaltis e Emiliano “Dibu” Martínez brilhou. Defendeu duas cobranças, viu Messi e os companheiros marcarem e a classificação chegou. Os Albicelestes vão enfrentar a Croácia, que eliminou o Brasil, na próxima terça-feira.

A estrutura do texto é semelhante a todos os demais relatos de jogo da cobertura, oferecendo essa entrada, depois as escalões, dispostas em uma retranca, e o mesmo feito dividindo os dois tempos de jogo – com fotos para “quebrar” os blocos de texto. A escrita ocorre de forma cronológica, com o avanço dos minutos e os principais lances, geralmente com uma breve introdução ao parágrafo que dá o panorama da situação, como neste caso: “A Argentina começou o jogo melhor. Chegava melhor ao ataque e tentou colocar pressão”. A esta altura da competição, diante da centralidade da figura do camisa dez da seleção sul-americana, o jornalista aponta que “A Argentina conseguiu abrir o placar aos 35 minutos e, como é de se esperar, o seu camisa 10 participou decisivamente”, antes da descrição do lance.

Em geral, quando o segundo tempo vem, também há a colocação das trocas efetuadas pelos treinadores, e assim os lances seguem. A descrição, por muitas vezes, não privilegia essencialmente um recurso narrativo, mas mescla tanto elementos fictícios quanto fáticos, como quando destaca posições dos atletas, descrição do lance e reação dos *hinchas*:

A Argentina chegaria ao segundo gol em um pênalti. Aos 27 minutos, em um duelo de alas, Marcos Acuña fez o drible e foi derrubado por Denzel Dumfries. O árbitro imediatamente apontou pênalti. Lionel Messi cobrou e não deu chance para Noppert: 2 a 0. Mais cantoria e delírio da torcida da Argentina.

Mais uma vez, é notável a estratégia de criação de um cenário prévio à virada de condições. Felipe Lobo, em determinado momento do texto, pontua que “tudo parecia tranquilo para a Argentina. O time jogava bem e taticamente deixava a Holanda muito desconfortável”, até que os europeus conseguiram descontar e, no último minuto dos acréscimos, chegar ao empate. A estrutura é semelhante no relato da prorrogação, dando mais ênfase à redação dos lances. Com a intensificação causada pelo passar do tempo, é perceptível que o narrador pontuava mais o texto de maneira a dinamizá-lo, como quando diz – usando termos comuns à área, para se referir a uma pressão da Albiceleste, que “era uma blitz da Argentina nos minutos finais. Aos 119, Messi recebeu de fora da área, ajeitou e chutou, mas a bola desviou na defesa e saiu. Escanteio para a Argentina”.

Nas cobranças de pênaltis, o relato se torna mais conciso. Volta um parágrafo a cada um dos batedores. Mas é curioso perceber que as escolhas para defini-los variam. No caso de Messi, prevalece o protagonismo: “Lionel Messi foi o primeiro a cobrar pela Argentina. Capitão, ídolo, craque, ele foi para o seu segundo pênalti no dia, já que bateu também no tempo normal e fez. E nas cobranças, fez também, deslocando Noppert. Argentina 1 a 0”. Por outro lado, no caso de outros jogadores, a torcida entra em cena: “Steven Berghuis foi o segundo cobrador da Holanda. O estádio o vaiava com força. Ele correu e bateu forte, no lado esquerdo de Emiliano Martínez, que defendeu. Nada de gol para a Holanda”.

O texto intercala as cobranças dos times, dando a sensação de que o leitor assistisse à partida – como o redator quando escreveu a matéria: “A Argentina cobrou o seu terceiro com Gonzalo Montiel. Ele teve muita categoria e colocou no canto, deslocando Noppert: 3 a 1”. “Wout Weghorst, o herói do tempo normal, foi o cobrador seguinte e guardou: 3 a 2. Ainda tinha jogo”. Apesar disso, com duas defensas de Emiliano Martínez nas primeiras cobranças, a Argentina classificou “às semifinais da Copa do Mundo, depois de cair nas oitavas de final na Copa anterior”, quando o autor cria relações e estabelece um parâmetro entre as edições da competição. Como é comum em todas as outras matérias de relato de jogo, a ficha

técnica tem a função de uma informação de serviço, com dados, de maneira direta: resultado, local, cartões, árbitro, marcadores dos gols e escalações.

O enredo-intriga é baseado na construção de um significado de drama, usualmente carregado de símbolos e significados quando associado à Argentina. Coerente com o jogo, o enredo assume – ainda que numa estrutura igual à de todos os demais relatos de jogo anteriores – um tipo de afirmação de que, caso as coisas continuem assim, é esta dinâmica que deve prevalecer. Já perto do fim da competição, algumas narrativas aparentam estar um tanto segmentadas: inclusive a de superação e heroísmo da Argentina de Scaloni.

Como o enredo-intriga aponta, a narrativa se sedimenta. O conflito se dá, como foi contra a Austrália, pela imposição de um obstáculo, um desafiante à trajetória da Albiceleste. O narrador, diante de todas as construções efetuadas na competição, de forma inconsciente acaba por construir esta imagem para o gesto de interpretação do leitor. O conflito, no entanto, não se dá somente com o adversário. É da Argentina com ela mesma, com os tropeços e erros, e com o seu histórico e a pressão que ele causa. Contudo, apesar disso, como destacado na abertura do texto, na linha fina e no próprio título, a Argentina avançou, com sofrimento, estabelecendo mais uma "virada" – em especial diante da reação holandesa. É uma transição na micronarrativa de um jogo individual que compõe a narrativa integral da Copa do Mundo. Mais uma vez, como superação e, com o avançar da competição e o agravamento dos resultados com adversários mais difíceis, e com expectativa – por tantos anos longe de títulos e por seu principal jogador.

18) *Messi encarnou Diego e disparou contra todos: Van Gaal, Weghorst, Mateu Lahoz, até a Fifa*

Figura 26 – Narrativa #18, sobre as quartas de final

Copa do Mundo

Messi encarnou Diego e disparou contra todos: Van Gaal, Weghorst, Mateu Lahoz, até a Fifa

Messi saiu de campo bastante incomodado e bateu boca com Weghorst bem no meio da entrevista



Leandro Stein · Publicada em: 09/12/2022 21:50

2 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

A matéria poderia se desenhar como uma simples repercussão da fala de Messi, mas dado o desdobramento transforma-se em um texto que destaca um personagem. Já no título é possível perceber a tentativa de aproximação da atitude de *La Pulga* da conduta de Diego [Maradona]. Uma proximidade entre dois ídolos, notável por um avançar da competição que poderia render aos dois a oportunidade de colocar uma estrela a mais sob o escudo de *La Selección*.

O uso das expressões, de que o camisa dez “encarnou” Maradona, “incomodado”, se dá pela forma inflamada pela qual reagiu a um adversário, o atacante holandês Weghorst, cruzou com ele na zona mista, na entrevista após a partida entre as seleções. Quando se coloca que ele “disparou”, mais uma vez uma expressão que agrava a forma pela qual o argentino reagiu direcionando seus alvos – o que, posteriormente, atravessou o ambiente jornalístico e virou meme. A reação foi tão atípica que motivou, inclusive, a transformação de um acontecimento “banal” em notícia. Isso porque, nas palavras de Leandro Stein: “Poucas vezes se viu uma versão tão sanguínea de Lionel Messi dentro de campo. Se alguém falasse que era Maradona, não se surpreenderia”. A opção é dispor as ações pontuando o texto para conferir gravidade. Na sequência, ainda no parágrafo de abertura, aponta:

O camisa 10 não só teve uma atuação decisiva contra a Holanda – com assistência, gol e pênalti convertido no final. Ele também elevou a temperatura de uma partida que entrou em ebulição e não fugiu do

confronto, em noite que entra para a história como a que rendeu mais cartões em uma partida de Copa. Messi atipicamente foi aquele que provocou, tirou satisfação e questionou até a Fifa. Foi Diego na essência.

Curiosamente, neste caso, foi depois da interpretação no início do texto que o jornalista trouxe o recorte factual – construção atípica para uma notícia que utilize o modelo tradicional de pirâmide invertida. No segundo parágrafo, portanto, fala sobre a reação de Messi às declarações do treinador holandês Louis van Gaal antes do jogo: como contextualização, o jornalista usa um recuo temporal e lembra da comemoração do camisa dez após converter um pênalti contra a Oranje:

O atacante sentiu um tom de desafio e menosprezo. Resolveu dar sua resposta em campo, não só na bola. Basta vez a maneira como comemorou o seu gol de pênalti, que aumentou a vantagem à Albiceleste: ele botou as duas mãos nas orelhas e relembrou o gesto de “Topo Gigio”, eternizado por Juan Román Riquelme. Já era um sinal.

Que se agravou depois, quando Stein descreve que “o veterano foi até o banco de reservas holandês. Bateu boca com Van Gaal e com Edgar Davids. O argentino estava claramente fora do tom”. O narrador destaca a fala de Messi em um parágrafo único, para que faça uma consideração sobre o técnico adversário:

“Eu te digo outra vez: Van Gaal vende que joga bom futebol e metia chutões”, afirmou Messi, na saída de campo. “Não gosto que falem antes das partidas. Isso não é parte do futebol. Eu sempre respeito todo mundo, mas gosto que me respeitem também. Van Gaal não foi respeitoso conosco”. A discussão [...] foi estendida a Weghorst, a quem Messi indagou uma frase que depois se repetiu em redes sociais e discussões sobre a Copa: “o que está olhando, bobo?⁴⁹”. Como indicado no título, além do treinador e do camisa 19 holandês, o atacante argentino também fez suas críticas à atuação do árbitro Antonio Mateu Lahoz e à FIFA.

A menção a Maradona, além de estabelecer uma relação com o atual dono da camisa 10, foi feita por Messi como uma forma de reverenciar Diego, como quem está, vendo e empurrando os atletas argentinos. O encerramento do texto explora justamente esta declaração, quando Stein brinca que “aparentemente, também baixou em espírito no portador da camisa 10 albiceleste”. Para contextualizar, é incorporada uma publicação do X, com o vídeo em que Messi aparece irritado.

O material explora as declarações de Messi, então esta é a prioridade, sendo o “fato” narrado a partir da condição de atipicidade, já que Messi é um jogador

⁴⁹ Originalmente: “Qué mira, bobo?”.

pacífico e introvertido de forma geral. Por não se comportar assim, criticar Van Gaal, questionar Weghorst, Lahoz e a Fifa, transformam o acontecimento em notícia. Leandro Stein posiciona o trecho sobre Maradona para finalizar o texto, apesar de estar no título, quase como que numa proposta de desenlace, para manter a atenção do leitor. Ademais, o espaço prioritário é a um tipo de repercussão que coloca um dos personagens em destaque.

O enredo-intriga se desenha com a reação de Messi às situações enfrentadas em jogo e externadas na entrevista. O autor do texto constrói a narrativa em uma sequência que privilegia as palavras de Messi e quais são os seus alvos na entrevista pós-jogo. Aproxima ele do "espírito" de Maradona, um jogador de personalidade, falastrão, extrovertido, como que colocando-os em um patamar parecido. Diante do contexto da partida, mais uma vez, Messi é a figura que representa o heroísmo da seleção argentina diante da vitória sobre os holandeses. Por consequência, ilustra a superação e a expectativa da sequência do campeonato. Na construção do relato, o ponto de virada pode ser a mudança de sentido: das declarações críticas a um xingamento mais explícito, o famoso "qué mira, bobo?". É, talvez, o que desperta o caráter noticiável da entrevista.

4.1.4 Em campo: a narrativa da semifinal

19) *Como contamos o Argentina x Croácia da Copa do Mundo de 2018 em quatro textos de arquivo*

Figura 27 – Narrativa #19, sobre as semifinais

Copa do Mundo

Como contamos o Argentina x Croácia da Copa do Mundo de 2018 em quatro textos de arquivo

Foi o resultado que escancarou os problemas do time de Jorge Sampaoli e anunciou a Croácia como uma das forças do Mundial da Rússia

Equipe Trivela • Publicada em: 11/12/2022 14:20

2 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O texto é mais um no estilo de histórico, quando se propõe uma preparação do leitor para o jogo que está por vir lembrando dos que ocorreram no passado. No caso, não tão distante, já que na Copa passada. O conteúdo é enxuto e usa mais recursos fáticos para anunciar o que pretende. Para isso, se ampara, logo na abertura, na quantidade de jogos entre as duas equipes em Copas do Mundo, o primeiro fora da fase de grupos, já que os anteriores, em 1998, com vitória dos argentinos, e em 2018, a vitória croata que, na segunda rodada, na Rússia, “escancarou todos os problemas do time de Jorge Sampaoli”, à época técnico do time Albiceleste.

O material é simples, assinado pela Equipe *Trivela*. Remete, com um breve histórico, a quatro textos de arquivo da própria publicação, caracterizando-se, então, como uma espécie de autorreferência, talvez como uma maneira de fidelização do leitor, tanto quanto para ressaltar o sentido da memória, importante no sentido jornalístico, reaproveitando também informações às quais pode ser que o público não teve acesso anteriormente – quase como que uma suíte.

Os textos referenciados são os seguintes: a) A Argentina foi pavorosa e, agora, a sua Copa do Mundo está por um fio; b) Modric e Rakitic foram senhores de uma noite inigualável à seleção da Croácia; c) A parte mental pesou na tragédia argentina – e o melhor exemplo é a atuação de Messi; e d) O fardo recai sobre Caballero por uma oportunidade que não parecia merecer. Pela dinâmica dos resumos, pode-se indicar que alguns traços vistos na análise desta cobertura, base para a dissertação, já estavam presentes desde os mundiais anteriores, com a adjetivação, a descrição e a análise como elementos recorrentemente utilizados na composição dos relatos.

O texto é informativo e dá um breve resumo de cada texto, indicando quatro produções da *Trivela* na Copa de 2018, antes da partida decisiva entre Argentina e Croácia. É uma espécie de “esquenta”, chamando o leitor, como na frase: “Estávamos muito na área em 2018 e contamos a história daquele confronto em quatro textos que você pode ler agora mesmo”. Mais uma vez, o enredo-intriga foge à disputa, porque é uma prévia. Antecipa a partida que está por acontecer a partir das produções de Copas anteriores pela própria *Trivela*. Liga, com isso, dois contextos temporais e oferece, ao mesmo tempo, leituras complementares, por assim dizer. O conflito- virada de textos de resgate como este ocorrem justamente na brecha da possibilidade: nas possibilidades de uma repetição do mesmo confronto:

vai se repetir o resultado? Quais condições podem ser alteradas? E os novos personagens? Indiretamente, são estes questionamentos estimulados, criando expectativa.


20) *Maradona ensinou Suker, admirou Drazen Petrovic e deixou marcas numa Croácia recém-independente*

Figura 28 – Narrativa #20, sobre as semifinais

Copa do Mundo

Maradona ensinou Suker, admirou Drazen Petrovic e deixou marcas numa Croácia recém-independente

Em junho de 1994, às vésperas da Copa, a presença de Maradona na Croácia dois anos depois da independência teve grande significado - ainda mais pela amizade com Davor Suker e pelo consolo à mãe do falecido Drazen Petrovic

 Leandro Stein · Publicada em: 12/12/2022 14:20 11 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O texto é classificado como de formato histórico porque, diante do confronto entre Croácia e Argentina, estabelece uma relação entre os dois países a partir da principal figura do passado Albiceleste: Diego Maradona. De forma contextual, busca raízes históricas do período pós-União Soviética e trata da proximidade do camisa 10 argentino, como influência aos jogadores croatas. No título, já se atesta o contato que abordado. Na linha fina, da mesma maneira, parte-se da presença do ídolo argentino no país europeu às vésperas da Copa de 1994, com significado diferente – por conta da “amizade com Davor Suker e pelo consolo à mãe do falecido Drazen Petrovic”.

E é justamente pela ida de Maradona – e da seleção Argentina – à Croácia que o texto se inicia. Compondo o enredo a partir dos dados e das escalas feitas por *La Selección* antes do mundial, o autor relata que seria apenas a nona partida dos croatas pós-independência: “Imagine então o peso de uma noite que teria Diego Armando Maradona em campo. E o camisa 10 deu vários motivos para ganhar o respeito dos locais”. O texto, então, usa a analepse para criar contato entre o camisa

dez argentino e um craque geracional do país europeu. Isso se dá logo na sequência do relato:

Maradona já era muito querido por um croata em particular: ninguém menos que Davor Suker, seu companheiro nos tempos de Sevilla e um grato pupilo dos ensinamentos do veterano. O centroavante, então, conduziria Maradona a uma bonita homenagem. Três dias depois daquele amistoso entre Argentina e Croácia, completava-se um ano da morte de Drazen Petrovic, considerado por muitos como o maior jogador europeu de basquete da história. Prata nas Olimpíadas de 1992 com a seleção croata, o armador faleceu num acidente de carro aos 28 anos, quando vivia seu auge na NBA. Diego foi gigante: levou flores ao túmulo de Petrovic, bem como presenteou a mãe do falecido craque com sua camisa 10 Albiceleste. O uniforme permanece ainda hoje exposto no museu dedicado ao armador.

Percebe-se que a abordagem histórica e com mais tempo de produção do que, por exemplo, relatos de jogo, compostos de forma mais imediatista, dá a oportunidade de fazer com que o futebol atravesse outros esportes e dê dimensões sociais, culturais e políticas da sociedade. No trecho ressaltado anteriormente, percebe-se, mais uma vez, a mescla entre recursos fáticos, em referência aos dados, idade do atleta e relevância no cenário do basquete, até os fictícios, como quando indica que “Diego foi gigante”. Essa dimensão mais ampla dos textos com propósitos históricos ocorre também com o suporte de outras fontes, trazendo acontecimentos mais amplos, como a ligação de Maradona com os croatas, que não está restrita ao futebol:

Um bisavô materno do argentino teria vindo da região da Dalmácia. Conforme contam os amigos do Futebol Portenho, não é à toa que a mãe de Diego, Dona Tota, na verdade se chamava Dalma – em nome dado também a uma das filhas do craque. Seria uma homenagem à terra de onde vem uma das raízes da família. E se por um lado a ascendência distante do camisa 10 poucas vezes é comentada, por outro o esporte ofereceria atalhos para que ele se reaproximasse da Croácia – não apenas o futebol, por sinal.

A narrativa transita entre a influência de Maradona e a relevância de Petrovic, um no futebol e outro no basquete. Imortal no Napoli, o argentino frequentava as arquibancadas para acompanhar as partidas, protagonizadas por Drazen. O texto articula a relação, oferecendo contexto de uma das partidas e, então, fazendo uma digressão à carreira de Petrovic:

Formado pelo Cibona Zagreb, Drazen Petrovic defendeu o Real Madrid apenas naquela temporada, antes de se transferir para a NBA – onde atuou

por Portland Trail Blazers e New Jersey Nets. E a fama do armador também havia se consolidado pela seleção da Iugoslávia. Petrovic era uma das referências do time que conquistou o bronze olímpico em 1984 e depois a prata em 1988”.

É notável que, ainda que a *Trivela* esteja voltada, em especial, aos conteúdos sobre futebol, que se interesse pelas relações mais profundas com outras modalidades. Este é um dos exemplos em que os recursos fáticos são vistos com mais clareza. A matéria usa de hiperlinks para fazer referência a outros materiais, explorando também outras produções culturais. A abordagem que trata da dimensão social e política dos fenômenos esportivos pode ser percebida, por exemplo, quando o autor relata a comemoração de um título em Buenos Aires, às vésperas da dissolução da Iugoslávia, quando “um argentino filho de croatas, representante da expressiva comunidade imigrante no país, entrou em quadra com a bandeira da Croácia”. Stein indica que:

em tempos nos quais a então república croata buscava sua independência da Iugoslávia, o gesto nacionalista não foi bem recebido e o pivô Vlade Divac tirou a bandeira da mão do rapaz. Capitão do time, Petrovic não gostou da atitude do companheiro. Foi o início do fim de uma enorme amizade – em história tão bem contada pelo documentário *Once Brothers*, um dos melhores filmes sobre esportes já produzido.

Os parágrafos são compostos como cenas, nas quais o autor dispõe os tópicos que compõem a narrativa, em um vai e vem que recorta e direciona o entendimento durante a leitura. Transita entre as menções ao cotidiano de Maradona, depois avança para o percurso de Petrovic. Atravessa o contexto social e político separatista das nações envolvidas, as relações interpessoais e as dimensões culturais do jogo. Esta última situação é perceptível quando Stein pontua que o jogador de basquete era uma referência nacional consolidada dos croatas, atuando no time masculino nos Jogos Olímpicos de 1992, e levando-o ao pódio, com a prata na primeira competição internacional disputada como nação independente, derrotados pelo *Dream Team* estadunidense na final. A abordagem usa desses recursos históricos ao mesmo tempo em que traz à discussão a visão estatística, como é habitual na linguagem jornalístico-esportiva: “Já Petrovic se deu melhor no duelo particular com Michael Jordan – foram 24 pontos a 22 para o croata, com 11 dribles a um diante do maior de todos os tempos. Seria um orgulho imenso”.

O texto, como mencionado, é costurado em paralelo: A cronologia dos argumentos vai de Maradona a Petrovic conforme os parágrafos avançam – tendo eles mesmos relação na composição do texto. O vaivém temporal é uma escolha narrativa do autor para trazer à redação outro jogador – mantendo Maradona na conversa, como um elo: Davor Suker, também um ícone do esporte croata. A relação é feita em uma sequência temporal, depois da introdução formativa do centroavante – e o momento cultural da Croácia:

Formado pelo Osijek e com passagem pelo Dinamo Zagreb, Davor Suker deixou seu país num momento em que a guerra eclodia. Em 1991, o atacante assinou com o Sevilla. E os rojiblancos abriram as portas em 1992 para Maradona, no momento em que se encerrava a suspensão por doping cumprida pelo argentino.

Deste contexto, o autor institui a relação entre os dois oferecendo informações sobre o time que compartilhavam, e a parceria que estabeleceram no time de Carlos Bilardo, quando:

o entendimento entre o camisa 9 e o camisa 10 seria ótimo. Maradona virou amigo de Suker, dentro e fora de campo. Se o primeiro ano do centroavante na Andaluzia foi difícil, com apenas seis gols, Diego o auxiliou a deslanchar, com 13 tentos do croata em La Liga 1992/93.

A intercalação da construção do conteúdo direciona os gestos de interpretação do leitor. Cria-se uma teia narrativa que contém informações factuais sobre as equipes, interpretações sobre o contexto sociocultural dos países, e também o recurso a entrevistas de outros veículos, como uma do periódico espanhol *Ás*, em que Suker menciona Maradona como um de seus ídolos de infância, e cuja chegada a Sevilha o deixava incrédulo; e à rádio *D Sports*, à qual se declarou agradecido ao argentino, na época já consagrado, ajudando um juvenzinho “chegando ao Sevilla e querendo triunfar”. Se, por vezes, Stein utiliza as aspas do jogador para construir o texto, em outros casos, apropria-se das informações para criar uma situação de teor descritivo, que dimensiona a sinergia entre Suker e Maradona, e logo em seguida dispõe um vídeo que ilustra os lances:

Um momento que ficou na memória de Suker aconteceu num dia de treinos, em que o argentino o pegou pelo braço e ofereceu conselhos. Maradona pediu para que o centroavante não corresse para as pontas, apenas que seguisse em direção ao goleiro. “Eu vou te dar a bola lá”, dizia o camisa 10”. [...] De fato, algo que se repetiria inúmeras vezes, mesmo que Diego não

estivesse mais em sua melhor forma. O maior símbolo dessa sociedade aconteceu num jogo contra o Valencia, em que dois passes exuberantes do camisa 10 habilitaram duas pinturas do camisa 9 – uma delas por cobertura, outra botando o zagueiro no bolso.

Mesmo com o vídeo à disposição, o autor não se furta das avaliações sobre os tentos, entre os toques “exuberantes”, em duas “pinturas”, usando ainda uma figura de linguagem para dizer que o esforço do zagueiro não foi suficiente para impedi-lo. A ligação temporal com os três personagens – Maradona, Petrovic e Suker – ocorre por mais vezes, como quando Leandro Stein aproxima os acontecimentos, mais uma vez usando a estrutura do texto para isso – na composição dos parágrafos:

A passagem de Maradona pelo Sevilla não duraria mais do que um ano, com episódios de indisciplina e descompromisso. No entanto, o argentino permanecia nos vestiários quando a fatalidade com Drazen Petrovic aconteceu. A importância do armador para a Croácia certamente foi assunto das conversas de Diego com o amigo Suker. O acidente automobilístico com Petrovic numa estrada da Baviera, quando fazia uma viagem de carro até Zagreb, aconteceu em 7 de junho de 1993. Uma semana depois, Maradona e Suker disputavam a última partida oficial como companheiros de Sevilla, num empate por 1 a 1 com o Burgos pelo Campeonato Espanhol.

A variedade de recursos que compõem a narrativa aparece também na referência a Carlos Aira, autor de livros sobre o futebol argentino, sobre o simbolismo da presença de Maradona em Zagreb. As considerações históricas ajudam a contextualizar o atravessamento dos sentidos político e social pelo campo futebolístico quando Stein escreve que:

A soberania da Croácia como estado independente era reconhecida desde janeiro de 1992, quando as tropas da Iugoslávia se retiraram do país. Entretanto, existiam focos de conflito em porções do território com maior presença de sérvios étnicos. O número de refugiados croatas em março de 1994 ainda batia na casa dos 500 mil – entre eles um garoto de oito anos chamado Luka Modric, que vivia em um hotel da cidade de Zadar, próxima da região que seguia em guerra. Fato é que o desembarque da Argentina e de Maradona em Zagreb transmitia uma noção maior de que a vida normal poderia ser retomada.

Somente do meio para o fim do texto a narrativa toma direção de relato de jogo, quando retrata o embate entre Albicelestes e axadrezados, terminado em um empate sem gols. Oferece informações por meio de recursos factuais, como quando destaca a estreia do técnico Miroslav Blazevic, comandante do Dinamo Zagreb, que

depois levaria a “Croácia às suas primeiras competições internacionais – tanto a Euro 1996 quanto a Copa de 1998”.

Após a menção ao jogo, quando o autor retoma os compromissos de Maradona na cidade croata, relembra o momento em que o argentino pede a Suker que o leve ao túmulo onde Petrovic estava enterrado, justamente no aniversário de um ano da morte. Homenageando a mãe do armador, que o recepcionou, Maradona levou flores. Mas Stein opta por enredar o significado com a referência pretendida pelo argentino, lembrando momentos marcantes:

Os buquês levados por Maradona tinham nada menos que 62 flores. O número era proposital: Diego queria fazer uma referência aos 62 pontos daquele Real Madrid x Juve Caserta da final da Recopa Europeia, quando presenciou a apoteose de Petrovic justo contra o time de basquete que o argentino torcia.

Em uma proposta de descrição emocional e detalhada do acontecimento, Stein segue:

O camisa 10 foi muito carinhoso ao passar os dedos levemente sobre a fotografia do armador no memorial. Já durante a conversa com a mãe de Petrovic, na qual Suker serviu de tradutor, Maradona ofereceu palavras de consolo bastante potentes: “Não se preocupe, a genialidade de Drazen sempre estará viva”.

Já ao fim do texto, Stein elenca outros encontros em que os dois estiveram juntos, de forma mais breve, sem tanta contextualização como antes, ao menos. O texto é finalizado com uma fala de Suker após a morte do camisa 10 argentino. É destacável que existe um fato motivador de toda a narrativa. Mas que o autor opta, em variados momentos, por construir a narrativa usando recursos diferentes: informações que apostam na factualidade. Adjetivação dos lances importantes. Relações entre os três principais personagens do texto. Aspectos das histórias deles – que podem parecer isolados em certos momentos, mas se conectam com a habilidade do autor. Contextualização histórica. Menção à dimensão esportiva entre os jogadores. Também situações pessoais e falas vindas de fontes secundárias, como veículos da imprensa internacional. É um trabalho de profundidade e detalhamento.

Com isso, afinal, o autor explora diferentes nuances da relação entre Suker e Petrovic a partir da presença de Maradona na Croácia. A relação construída pelo

autor é intimista e parte de uma proximidade que, não tão aparente, se torna curiosa. Ao costurar similaridades que ultrapassam os esportes praticados pelos três, aproxima-os amistosamente. Além disso, o narrador usa a colocação dos parágrafos do texto como forma de intercalar as perspectivas da carreira de cada um dos três, montando o texto aparentemente de forma cronológica, mas a partir de acontecimentos-chave, que se relacionam com o panorama político e social do país.

O enredo-intriga está na relação estabelecida entre Maradona e a Croácia, e na proximidade que construiu com Petrovic e Suker. As sequências criadas pelo autor, como de praxe nos históricos da *Trivela*, entrelaçam aspectos deste sentido, além dos pessoais e esportivos, recorrendo a outras fontes para apoiar-se nas falas dos jogadores. Neste texto, há uma espécie de "não-conflito" na narrativa, em que a proposta do autor é a de juntar peças, apenas, desvelando uma relação que não parece tão clara para um olhar externo ou desatento a todo o contexto abordado no conteúdo. Assim como, se havia momentos de virada, eles se desenvolvem em momentos de continuidade – na disposição de cronologia indicada por Stein.

21) Scaloni: “Messi sempre foi assim, não é mérito nosso”

Figura 29 – Narrativa #21, sobre as semifinais

The image shows a screenshot of a news article. At the top left, there is a red tag that says 'Copa do Mundo'. The main title is 'Scaloni: “Messi sempre foi assim, não é mérito nosso”' in a large, bold, black font. Below the title, there is a subtitle: 'Messi faz até aqui a sua melhor Copa do Mundo aos 35 anos e a Argentina, comandada por Scaloni, joga por uma vaga na final nesta terça-feira'. At the bottom left, there is a small circular profile picture of Felipe Lobo and the text 'Felipe Lobo · Publicada em: 12/12/2022 12:51'. At the bottom right, there is a small icon of a person and the text '3 minutos de leitura'.

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O texto é parte dos eventos prévios a uma das semifinais da Copa do Mundo, disputada entre Argentina e Croácia. Como citamos anteriormente, a agenda esportiva é preenchida, em muitos momentos, por acontecimentos já previstos, entre os quais as entrevistas coletivas, seja com jogadores ou, como neste caso, com o técnico argentino Lionel Scaloni. Já no título, a ideia principal do material é exposta a partir do uso judicioso de aspas para referendar e dar o contexto da fala do técnico.

Além de ressaltar a disputa, Felipe Lobo já inicia a construção da imagem do camisa 10 Argentino quando aponta que “Messi faz até aqui a sua melhor Copa do Mundo aos 35 anos”, dando sinais de que esse desabrochar só veio em uma idade um tanto tardia para jogadores do futebol de alta performance entre seleções.

O material é mais direto, por conta de apostar na repercussão da fala. Por isso, logo de saída, dá os tradicionais recursos factuais sobre a semifinal, como data, adversário e local, interpretando que “não há como não falar sobre Lionel Messi”. Já no primeiro parágrafo a interpretação do autor, ainda que breve, ocorre mesmo em um conteúdo pretensamente mais informativo e factual: “O camisa 10 faz uma boa Copa do Mundo, conduzindo os Albicelestes, fazendo gols, dando assistências e deve ser assim novamente quando o time entrar em campo contra os croatas, que eliminaram o Brasil”. Depois, retorna ao habitual, usando os dêiticos como suporte, e dá espaço às justificativas do treinador Albiceleste para compor o time: “O técnico Lionel Scaloni elogiou a postura coletiva da equipe croata e confirmou que Rodrigo de Paul e Angel Di Maria estarão disponíveis para o jogo desta terça”.

A sequência do texto explora declarações de Scaloni sobre a dificuldade do jogo que está por vir e sobre as críticas ao comportamento da equipe contra os holandeses. Assim como o destaque à postura de Messi diante do Brasil na conquista da Copa América de 2019, que motiva inclusive o título do texto. Para resumir os tópicos tratados pelo treinador, Felipe Lobo coloca pequenas retrancas: fala da disponibilidade de De Paul e Di María para a partida, do esquema tático, do aspecto anímico, da última Copa de Messi e de Modric. A construção é simples e logo usa das aspas do treinador como elemento principal.

O enredo-intriga não se anuncia de maneira potente e clara, justamente por conta de se tratar de um texto de repercussão, em formato de coletiva. Talvez a grande motivação seja o jogo que está por vir e a expectativa que se constrói sobre ele – também de onde derivam todas as outras declarações de Scaloni. Há, no entanto, vários pontos sensíveis a partida que são dispostos pelo autor em forma de retranca, de forma sequencial.

As conformações de troca do sistema tático e dos jogadores, a disposição dos atletas para a partida decisiva, um grande adversário como Modric e a motivação pela última Copa de Messi. Apesar de ser uma coletiva, com um tom mais apaziguador depois dos avanços de fase, ainda é a figura de Messi que está

presente nas escolhas de título e linha fina do autor. Mesmo que existam outros personagens possíveis, na seleção argentina o camisa 10 é, incontestavelmente, o protagonista. Candidato a herói, papel que se sobressai por conta de ser a última disputa de Mundial. Para a Argentina, o sentido motivador se dá por conta da distância temporal desde a última estrela sobre o escudo, em 1986.

22) *As lembranças do Argentina 1×0 Croácia de 1998, duelo de grandes craques que teve o brilho de Gallardo*

Figura 30 – Narrativa #22, sobre as semifinais

Copa do Mundo

As lembranças do Argentina 1×0 Croácia de 1998, duelo de grandes craques que teve o brilho de Gallardo

A Argentina venceu a Croácia, confirmou a liderança do grupo e encerrou um jejum de 68 anos sem terminar a primeira fase com 100% de aproveitamento

 Leandro Stein · Publicada em: 13/12/2022 15:46 8 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Em mais um dos textos de histórico da *Trivela*, Leandro Stein é o autor da peça que desdobra o embate entre argentinos e croatas na Copa de 1998, como uma preparação para a semifinal da Copa do Catar. Na linha fina, chama a atenção, além dos recursos fáticos de posicionamento do acontecimento a partir de dados, o tempo sem uma fase de grupos perfeita da equipe sul-americana: “A Argentina venceu a Croácia, confirmou a liderança do grupo e encerrou um jejum de 68 anos sem terminar a primeira fase com 100% de aproveitamento”.

Como o formato permite uma proposta narrativa mais maleável, Stein inicia o texto com um recurso, uma figura de linguagem – recorre ao tempo e a contraposição verão/frescor referindo-se à estação e à memória: “Já são mais de duas décadas desde que a Copa do Mundo de 1998 aconteceu, mas aquele verão na França permanece fresco nas lembranças”. Depois, o destaque vai para os elementos que tornam aquela partida em especial como um evento relevante, usando ainda a partida recente como gancho: “Foi uma edição do Mundial que

ofereceu uma coleção de jogaços, craques e times excelentes. Dois deles se enfrentaram em Bordeaux, pela terceira rodada do Grupo H, e voltarão a se encarar no Catar, numa semifinal do torneio”.

Além do resultado, o autor optou por destacar a “mística ao redor da partida pela qualidade das equipes”. Ao mencionar grandes nomes que compunham os elencos, mais uma vez, dava dimensão da relevância histórica do jogo – sobretudo pela aparição de um jovem atleta, com uma atuação classificada como “imparável”: o camisa 20 Marcelo Gallardo, hoje treinador. Mais uma vez, é notável a estratégia de compor o relato por meio de parágrafos-tópico. No seguinte, o autor dá um panorama da fase de grupos das duas seleções, com desempenhos diferentes – a Croácia em sua estreia e a Argentina já ostentando um bicampeonato.

O trabalho de Passarella, apesar de questionado, era sustentado pelos bons resultados. Por isso, o autor escolhe direcionar um “olhar especial” ao treinador Albiceleste da época. Faz, para isso, uma curta digressão sobre a personalidade, mesclando aspectos factuais – o fato de portar a faixa – e interpretativos – a partir do comportamento do capitão dos campeões de 1978, que costuma: “ser lembrado como um técnico linha dura e intransigente. Ficou famosa a decisão de não convocar os ‘cabeludos’ da Argentina, que fez Batistuta aparar as madeixas e Fernando Redondo acabar de fora – mesmo depois de cortar os cabelos em 1998”.

A redação segue, de forma contextual, atravessando a simples dimensão esportiva para trazer também aspectos pessoais do comandante: “Ainda assim, o treinador tinha sua própria história de superação a caminho da França. Na época das Eliminatórias, o ex-zagueiro precisou lidar com a morte de um filho. Sebastián tinha apenas 18 anos e faleceu num acidente de carro, ocorrido em 1995” – completando a informação depois, com mais declarações do treinador sobre o acontecimento.

Depois disso, Stein oferece um panorama sobre o quadro da seleção argentina, que não estava entre as favoritas do mundial, mas dava respostas dentro de campo: “Era uma equipe de futebol mais direto e incisivo, que contava com um meio-campo recheado e bons atacantes na frente”. Usa essa avaliação, mas ressalta que, apesar disso, “o principal teste ocorreria contra a Croácia”, ainda que fosse uma estreante, tratada como tendo capacidades coletivas e talentos individuais. Ao seguir a análise, o autor joga com a perspectiva, projetando, em prolepse, que os croatas tinham vários nomes como velhos conhecidos das grandes

ligas da Europa: “A seleção podia ser uma novidade, mas não necessariamente uma surpresa, pela tarimba do elenco. Não seria uma improvável se os croatas ganhassem dos argentinos e assumissem a liderança do Grupo H”, sentenciou.

Todos estes elementos são como uma preparação proposta por Stein para começar as tratativas sobre a partida. Anunciando as escalações, de uma equipe para cada parágrafo, o autor discorre sobre as escolhas táticas dos treinadores, entre nomes e posições ocupadas. A proposta central é construída por uma ordem cronológica dos acontecimentos da partida. Como em um crescendo, os parágrafos primam por uma descrição detalhada. As interpretações, como no começo do texto, optavam por uma observação do comportamento tático.

Um exemplo: “A Croácia começou a partida sem medo e ia para cima da Argentina. A pressão dos croatas na marcação era bastante forte e recuperava rapidamente a bola no meio-campo. Além disso, os axadrezados buscavam os cruzamentos”. Logo em seguida, tratava do lance propriamente dito – usando de sinônimos para variar o vocabulário, dêiticos de localização no tempo de jogo, os sujeitos envolvidos e as características da jogada: “Antes dos dois minutos, Bilic lançou uma bola frontal e mandou na cabeça de Suker. O centroavante testou com muito perigo, em tiro que saiu por cima do travessão e parou na parte externa da rede”.

As ponderações antes da descrição dos lances se mostram uma característica marcante porque permitem que o jornalista faça uma avaliação sobre um aspecto do jogo, como no exemplo: “A defesa da Croácia não transmitia muita segurança nos primeiros movimentos. Chegava atrasada e cedia faltas aos argentinos. Era uma temeridade, diante da qualidade de Batistuta dentro da área”.

Nota-se o uso de expressões que são de caráter fictício, uma vez que representam simbolicamente certos acontecimentos indiretamente: o caso de uma defesa “segura” ou que chegava “atrasada”, uma “temeridade” diante de um atacante da estirpe do argentino, ou como quando se aponta que estavam “Boban e Prosinecki servindo como principais motores no meio”, em um uso figurativo da linguagem, para indicar a aplicação física e tática dos dois croatas. O mesmo ocorre quando, mais adiante, se indica que “em outras oportunidades, [a Croácia] parava na firmeza de Almeyda, limpando os trilhos na cabeça de área”, para representar a efetividade do defensor. Ou quando, depois de um momento de mais marasmo no jogo, “Boban pareceu disposto a botar fogo no jogo aos 33, quando deixou dois

adversários batidos no chão em sua disparada até a entrada da área”. Se o jogador incendiou, deu mais intensidade à partida. Pode parecer evidente, mas, no entanto, é um recurso de composição do relato.

A proposta de figuras de linguagem como elemento narrativo acontece também na descrição do lance do gol que decidiu o embate: o autor indica que Gallardo “abriu” com Ortega, ou seja, passou a bola à extremidade do campo e, então, “o camisa 10 honrou o número. O lançamento ainda contou com um leve desvio, mas achou Pineda dentro da área. O lateral matou no peito e bateu bonito com o peito do pé, para fuzilar Ladic”. O significado proposto por Stein era o de que houve qualidade a Ortega, pela camisa usada. A pontuação serve para dar intensidade e ênfase à descrição, ao mesmo tempo em que se adjetiva – bateu “bonito”, descrevendo os lances com linguajar característico para pontuar o domínio – “matou”, para “fuzilar”, finalizar com violência na direção das redes, em uma referência bélica que dá dimensão de confronto às narrativas esportivas como embates entre atletas e equipes.

O desenrolar da narrativa segue, no segundo tempo, de forma cronológica, com a habitual descrição do tempo de jogo, referindo-se, no caso, de um “susto” aos 18 da segunda etapa. Mais uma vez, o autor aplica hipérboles e figuras de linguagem pra ilustrar o ocorrido: “No que parecia uma bola morta, Vlaovic mandou uma sapatada de fora da área e estalou o travessão de Roa. Aproveitou muito bem o espaço e o gatilho rápido para surpreender de primeira, sem marcar por centímetros”.

Essa estratégia se revelou também na aparição de dois lances: um em que Roa, o arqueiro argentino “catou borboletas”, e outro em que Gallardo fez uma “jogadaça” e “atravessou o campo de ataque fazendo fila e mirou o canto, mas a bola saiu lambendo o pé da trave esquerda de Ladic”. É perceptível o apuro na proposta do redator, que poderia ter descrito o lance de maneira seca, mas faz uma escolha das palavras que aproxima o leitor de um conteúdo referencial e, ao mesmo tempo, coloquial. Não significa que a linguagem deva ser pobre, e os exemplos dos parágrafos que analisam esta narrativa são amostras disso.

Ao mesmo tempo, outro recurso utilizado pelo autor na construção da narrativa, usando o suporte do tempo, era a de que as opções se esgotavam para a seleção que estava atrás no placar: “O relógio passava dos 30 minutos e, a essa altura, uma virada croata parecia improvável para garantir a primeira colocação”.

Ainda que não apostasse em crônicas individualizantes, o autor não esquecia da avaliação sobre a atuação dos jogadores, em panorama, como quando escreve que: “Ayala teve ótimas partidas naquela Copa, enquanto Pablo Paz também auxiliou bastante na segurança atrás. Enquanto isso, Suker parecia mais desatento que de costume na hora de definir as jogadas”. A avaliação se deu, já que Stein também incluiu no texto a dimensão extracampo, já na reta final, quando: “o volume da torcida argentina aumentou e a cantoria se tornou bastante audível. Uma festa bonita, com camisas girando no alto e faixas estendidas. Seria o tom até o apito final”.

Contudo, o texto não se encerra com o fim do jogo. O autor apoia-se, também, em uma entrevista de Passarella, avaliando a condição logística à qual o resultado levava a seleção argentina, além dos predicados defensivos da Albiceleste, que não havia sofrido sequer um gol durante a fase de grupos daquele mundial. O parágrafo de fechamento, por opção do jornalista, faz um avanço temporal, uma prolepse, conectando-se à proposta que motiva a reportagem e ainda projetando a partida a ser realizada em 2022:

Tanto Argentina quanto Croácia fariam campanhas respeitáveis na sequência da Copa de 1998. A Albiceleste despachou a Inglaterra nos pênaltis e depois sucumbiu na partida contra a Holanda nas quartas de final. Já os croatas bateram a Romênia, antes de atropelarem a Alemanha na etapa seguinte. Caíram mesmo apenas nas semifinais, em histórico embate contra a França. Seria a primeira vez do país entre os quatro melhores de um Mundial, o que aconteceu em outras duas oportunidades. Cabe aos próprios argentinos, agora, decidirem se a camisa xadrez estará numa segunda final consecutiva. Desta vez, num encontro bem mais pesado que aquele de 1998.

O texto se aproxima dos modelos interpretativos dispostos nos relatos históricos da *Trivela*. Não tanto mais a um evento, a um contexto cultural ou social relevante, mas a uma partida em especial. Destaca-se a situação de não ser um embate significativo para os resultados da Copa, mas por reunir bons jogadores em cena e proporcionar um jogo agitado mesmo com o placar mínimo. Os significados são sustentados a partir de uma lógica que se desenha da seguinte maneira: introdução, contextualização da partida, mudanças de escalação, descrição de lances, relato do técnico sobre as condições adiante e, finalmente, uma projeção das campanhas das duas seleções naquele mundial. É uma dinâmica de variação um

tanto diferente dos demais textos, apontando, ao menos para uma ligação entre o que é apresentado e os modelos/formatos de texto.

O enredo-intriga é o retorno temporal que reaviva a partida que está por vir. Ele é a motivação do "reanimar" do jogo passado. O encadeamento é como nos demais históricos da *Trivela*, até certo ponto linear – mais que em outros casos, inclusive, nesta matéria. Isso se dá por conta de não se voltar essencialmente a um acontecimento fora das quatro linhas, mas aqueles relativos a uma partida. Os conflitos do relato são propostos a partir do que houve e pode haver. Daí também que se motive os pontos de virada neste mesmo contexto: históricos que se voltam a partidas de competições já realizadas deixam o indicativo: a situação pode se repetir? Será diferente? Desta vez, quem serão os protagonistas, as estrelas? Os heróis, vilões? Alguma das seleções irá se superar ou decepcionar? Cria-se, especialmente, expectativa com este tipo de material.

23) A última dança será na final: Messi conduz Argentina para eliminar a Croácia e garantir lugar na decisão

Figura 31 – Narrativa #23, sobre as semifinais

Copa do Mundo

Tendência

A última dança será na final: Messi conduz Argentina para eliminar a Croácia e garantir lugar na decisão

Com Messi gastando a bola, aos 35 anos, Argentina vai para a final da Copa do Mundo e tentará o título que não vem desde 1986, novamente confiando no gênio que veste a 10

Felipe Lobo · Publicada em: 13/12/2022 10:52

5 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Como de hábito, Felipe Lobo é responsável por boa parte dos relatos de jogo. Este é mais um caso. Já no título, aponta para toda a construção narrativa empreendida ao longo da cobertura da Copa do Mundo pela *Trivela* – e por quê não, por boa parte da imprensa esportiva para este evento: a última chance de um craque

geracional como Lionel Messi erguer o troféu da Copa do Mundo. O termo “última dança” é evocado mais uma vez, apontando que o camisa 10 “conduz” a Argentina à final após bater a Croácia, e colocando-o, como durante a cobertura toda, em uma posição de protagonismo – devido, diga-se. Algo que é reforçado pela linha fina, quando se escreve que o principal nome da equipe de Scaloni está “gastando a bola, aos 35 anos”, tentando um título que “não vem desde 1986, novamente confiando no gênio que veste a 10”, numa clara aproximação com a idolatria construída por Diego Maradona.

A idade e a posição explícita do tom de última aparição de Messi em mundiais é assumida logo no parágrafo de saída: “A última Copa do Mundo de Lionel Messi é o mote da participação da Argentina nesta Copa e o craque resolveu fazer a sua melhor participação em Mundiais aos 35 anos”. Ao usar recursos fáticos para colocar a Croácia como “algoz do Brasil”, a atuação de Messi é acompanhada de uma espécie de “menção honrosa” a Julián Álvarez, que marcou duas vezes. “Ele, que começou no banco, tornou-se um titular importante no processo de mudanças que o técnico Lionel Scaloni fez e que transformou aquela Argentina que foi derrotada na estreia pela Arábia Saudita em uma das favoritas e finalista no Catar”. A alternativa é propor um passar pela competição e criar o contraste entre a derrota da estreia e a final próxima.

Ademais, a estrutura de relatos de jogo se repete. O autor apresenta retrancas para tratar de escalações e divide os tempos desta maneira, descrevendo os lances. No primeiro deles, já na titulação, o autor condensa os acontecimentos de maneira enfática e adjetivada: “albiceleste mortal faz croatas pagarem por erros”. A descrição é, de hábito, cronológica: antes de detalhar lances importantes, no entanto, dava espaço ao entendimento do repórter, avaliando a posição de cada equipe em campo. A Croácia: quando com a pelota, “não tinha qualquer pressa. Tocava a bola sem muito problema e sem arriscar também. A Argentina buscava encontrar os espaços quando tinha a posse e errou alguns passes no ataque, porque arriscava um pouco mais”.

Ao elencar lances importantes até a chegada do gol, nota-se uma postura mais objetiva do autor, como no pênalti que abriu o placar do confronto: “Lionel Messi pegou a bola e cobrou com força: indefensável para o goleiro Livakovic. Argentina 1 a 0 no Estádio Lusail”. São usados os chamados dêiticos, para conferir ao leitor o entendimento do local e do contexto em que os acontecimentos se

desenvolvem. São oferecidos, também, números para dar a dimensão do feito, apontando a referência temporal, já que “aos 33 minutos, a Argentina abria o placar”. Ela se dá a partir do aspecto factual: “Foi o 11º gol de Messi na história das Copas, ultrapassando Gabriel Batistuta para se tornar o argentino com mais gols em Mundiais. Foi o quinto gol de Messi na Copa, se igualando a Kylian Mbappé como artilheiro”.

Em certos momentos, o autor faz paralelos entre a atuação croata diante dos argentinos e aquela contra o Brasil, na eliminação da fase anterior: “Ao contrário do que foi o jogo com o Brasil, a Croácia foi para o intervalo com uma desvantagem significativa. Um panorama que muda completamente a sua abordagem ao jogo”. Compreendendo a proposta de impedir o jogo por meio do controle do meio de campo, Lobo usa um jogador/recurso abre-cadeado: Messi, que “ninguém segura”, como na retranca que anuncia o segundo tempo. Mais uma vez o camisa 10 é visto como além do espaço dos jogadores-comuns.

Além das mudanças feitas pelos técnicos e as conseqüentes alterações na configuração da partida, Lobo seguiu na colocação dos lances relevantes de forma cronológica, com o elemento diferencial se mantendo: “Muito bem no jogo, Messi recebia a bola e conseguia segurá-la com muita competência”, usando da adjetivação para construir a imagem do camisa dez. Com a ampliação do placar: “não teve mais jogo depois disso. A Argentina, dominante, manteve com tranquilidade a vantagem. A Croácia não tinha mais forças”. Antes de encerrar o texto, Lobo dá sentido à titulação. Mais uma vez, usando do recurso da interpretação como elemento relevante:

Pela segunda vez na sua carreira, Lionel Messi comandará a Argentina em uma final. Desta vez, de uma forma que parece imparável. O que ele jogou nesta Copa, e nos jogos eliminatórios em particular, é algo espetacular. Ele está quase imarcável. Sabendo conduzir, acelerar, reduzir o ritmo quando necessário, fazendo passes, marcando gols e sendo o líder, referência e ídolo não só da arquibancada, mas dos próprios companheiros. Messi tem um time que não só joga por ele: joga com ele também.

Por sua vez, antes da apresentação da tradicional ficha técnica, voltada a informações de serviço do jogo, se compõe o paralelo disposto já na linha fina entre os camisas dez argentinos: do passado, Diego; do presente, Lionel, e o mesmo teor do parágrafo anterior:

Com ele em campo, a Argentina já sonha com o título que não vem desde 1986. Desde que o gênio Diego Maradona conduziu, brilhantemente, os Albicelestes à decisão, como um furacão incontrolável e imarcável. Messi, mais uma vez, chega a uma final. Tentará aproveitar a chance para, enfim, conquistar o título que parece ser a sua maior obsessão.

É perceptível a ligação da proposta de cada texto, condizente com as classificações propostas na análise de conteúdo. O significado construído pelo autor é aquele ressaltado diante de toda a cobertura, na centralidade da figura de Lionel Messi, em uma ideia de "última dança" prestes a se concretizar com a final do mundial. O enredo-intriga desloca-se propriamente do resultado da partida para o que ela causa: a possibilidade da "última dança" de Messi. Por isso, parece que a partida é uma mera formalidade diante do que se apresenta. A sequência do relato é habitual, com os lances importantes distribuídos a partir da estrutura indicada pelo autor. Como é característica da *Trivela*, os momentos que mais acentuam a característica e fortalecem o enredo-intriga são o parágrafo de abertura e os dois de encerramento. Por sua vez, o conflito-virada que se desenha é o da redenção de Messi e da retomada argentina depois de tantos anos de jejum em Copas do Mundo. A Croácia apresenta-se apenas como opositora, mas prevalece a proposta de heroísmo possível, da superação após a derrota na estreia do time de Scaloni, ao mesmo tempo em que o peso atribuído à "última dança" dá dimensão da expectativa criada.

24) *Sucesso de Álvarez é prêmio à inquietação de Scaloni que transformou a Argentina em camaleão*

Figura 32 – Narrativa #24, sobre as semifinais

Argentina Copa do Mundo

Sucesso de Álvarez é prêmio à inquietação de Scaloni que transformou a Argentina em camaleão

O técnico da Argentina teve a coragem de adaptar a sua escalação a cada adversário que enfrentou e colheu os frutos: está na final da Copa do Mundo



Bruno Bonsanti · Publicada em: 13/12/2022 18:51

4 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Bruno Bonsanti compõe a próxima narrativa analisada por meio de um texto de personagem, de caráter interpretativo/opinativo. Destaca Julián Álvarez como uma carta na manga de Scaloni, que, com ousadia para mudar o time, foi recompensado com a ida à final da Copa. A escolha em indicar que o treinador “transformou a Argentina em camaleão”, e que “teve a coragem de adaptar a sua escalação a cada adversário que enfrentou e colheu os frutos” já dá o tom de avaliação que é o principal motivador.

A estratégia narrativa de Bonsanti parte de um gancho usual para inserir a situação das trocas feitas por Scaloni: “Quando uma seleção tem vida longa na Copa do Mundo, é comum o espectador atento chegar às fases finais sabendo os 11 jogadores de cor. É aquela história: por que consertar o que não está quebrado?”. A partir daí, o autor coloca a oposição e apresenta o treinador argentino como exemplo: “Mas essa não é a única maneira de conduzir uma campanha em uma grande competição. Lionel Scaloni optou pela inquietação. Por se adaptar a cada adversário”.

Como que conferindo pesos às escolhas feitas pelo comandante, se compõe um efeito de sentido a partir das táticas adotadas. Além disso, já no primeiro parágrafo, em que propõe essas relações, dá também outro gancho para inserir o segundo personagem: Álvarez, uma aposta de Scaloni, junto de uma avaliação: “Acertou mais do que errou, mesmo quando os efeitos desejados não apareceram tão bem. E, se existe uma grande ilustração da sua coragem para tomar decisões difíceis, é Julián Álvarez, o garoto de 22 anos que decidiu uma semifinal de Copa do Mundo”. Em seguida, Bonsanti prossegue o argumento, mas virando a chave: pensando no principal problema de trocar escalações no meio do caminho: o risco:

Se o técnico é ousado e erra, as críticas costumam ser pesadas. Existe também um fator psicológico, de buscar segurança no que é familiar, no que tem dado certo. Por isso, errando ou acertando, existe um louvável fator de coragem nas decisões que Scaloni tem tomado ao longo da Copa do Mundo, desde que precisou salvar a da Argentina logo depois da derrota para a Arábia Saudita na primeira rodada.

Nota-se uma avaliação do caráter psicológico, a adjetivação – louvável, corajoso, quando salvou sua equipe – para ilustrar as atitudes do técnico. A alternativa de Bonsanti é por criar uma espécie de linha do tempo que atravessa a construção dos parágrafos. Rodada por rodada, ele indica que “evidentemente, o

resultado é um fator determinante na percepção das ações de Scaloni”. Entram em questão a quantidade e os efeitos práticos das alterações empreendidas, como ocorreu na defesa entre os jogos contra a Arábia Saudita e México, propondo avaliar: “se o que foi proposto faz sentido. A defesa argentina foi péssima contra os sauditas. Scaloni mudou três peças ali, e entrou com Guido Rodríguez e Alexis Mac Allister nos lugares de Leandro Paredes e Papu Gómez”, que fizeram uma exibição apagada.

A mesma dinâmica se repete na sequência do texto, com um parágrafo para cada jogo. Contra a Polônia, na avaliação do autor, “as decisões mais ousadas vieram na terceira rodada”, em “um momento crucial da campanha da Argentina”. Além das entradas, Bonsanti também traz à pauta o momento de quem foi substituído, como no caso de Lautaro Martínez: “que havia chegado à Copa do Mundo como um dos grandes centroavantes do mundo, mesmo se não estivesse em sua melhor fase na Internazionale”, preterido por um jovem jogador com pouca experiência no futebol europeu: “Scaloni bancou a sua decisão, o que foi ficando cada vez mais fácil à medida em que Álvarez retribuía com lances decisivos. Marcou contra a Polônia e em dois dos três jogos da Argentina no mata-mata”.

Como se enredasse um crescente explicativo, o autor esmiúça as escolhas de Scaloni partida a partida. Além disso, faz uma avaliação em perspectiva. Nas oitavas, por exemplo, entende que “foi provavelmente o que as tentativas de Scaloni menos deram certo”. Apesar da dificuldade, pondera e faz juízos de valor para reforçar suas considerações de que “a vaga saiu no brilhantismo de Messi e em um erro crasso do goleiro australiano Mathew Ryan. E a Argentina ainda passou por um sufoco nos minutos finais”. O mesmo se deu no tópico seguinte, “nas quartas de final, novo jogo, novo sistema”. A descrição fática, referindo-se aos nomes dos envolvidos nas trocas, passa também pelo plano tático: Os laterais, aliás, merecem um parágrafo à parte: “o técnico argentino tem variado bastante entre Molina e Montiel pela direita e Acuña e Tagliafico na esquerda e geralmente tem cravado as suas escolhas”. Também relata lances que acabam por referendar as posições expostas.

O relato vai e vem, de forma cronológica, descrevendo e refletindo sobre as escolhas de Scaloni, como contra a Croácia. Bonsanti interpreta que a intenção do treinador era ganhar o meio de campo, e sobre isso fez um jogo de palavras: “A ideia era boa, a ideia era certa. Não funcionou tão bem”. Pouco mais adiante, ele escreve:

“Se o encaixe tático que Scaloni buscou não deu tão certo, aquela decisão que ele tomou na terceira rodada da fase de grupos deu bastante, porque Álvarez foi decisivo. Sofreu o pênalti e depois completou uma arrancada à bamba meu boi para ampliar”. A escolha das palavras denota a proposta do autor de seguir o jogo a jogo. O encerramento do texto é prova da condição interpretativa do texto, quando Bonsanti se coloca a avaliar as escolhas da “Scaloneta”:

Mas essa foi uma sorte que Scaloni fez por merecer pela decisão corajosa de trocar um atacante consagrado por um garoto. Pelo mérito de reconhecer quem estava na fase mais iluminada, independente do nome e do status. Pela inquietação de mudar constantemente o seu time, ciente de que um passo em falso pode transformar o gênio em louco. Pela condução até aqui quase impecável que colocou a seleção argentina a uma vitória da apoteose.

O texto aposta em dois personagens principais da chegada da Argentina à final, com destaque a Scaloni. A construção da avaliação jogo a jogo oferece uma linearidade ajustada às justificativas de Bonsanti, que sustentam todo o relato em um tom autoral e pessoal. O significado proposto, falar sobre a tomada de decisão de Scaloni até a derradeira manutenção de Julián Álvarez entre os titulares, segundo o autor, é um prêmio, uma construção que valoriza a ousadia.

O enredo-intriga da narrativa parte do incomum: em time que está ganhando não se mexe? Pois para Scaloni, sim. Ao longo do texto, as interpretações e avaliações propostas pelo autor pintam uma recompensa à ousadia, entre os riscos corridos ao longo da campanha. Usa da descrição linear, rodada a rodada, para explicar as trocas feitas por Scaloni e de que forma surtiram ou não efeito dentro das quatro linhas. O conflito da narrativa se dá nessa postura do técnico, de trocar e trocar o time, adaptando-se aos adversários. Um constante clima de tensão é trazido pelo texto, que atesta que a virada veio a fórceps, com o treinador impondo seu estilo e descobrindo as saídas dentro do andar do próprio campeonato, propondo soluções e encarnando a postura de heroísmo, superação e expectativa – prestes a se concretizar com a realização da final.

25) O Argentina x Croácia teve 21 jogadores em campo e um Messi em outra dimensão

Figura 33 – Narrativa #25, sobre as semifinais

Copa do Mundo

O Argentina x Croácia teve 21 jogadores em campo e um Messi em outra dimensão

Muitas vezes, era como se Messi estivesse em campo, mas nenhum outro estivesse no mesmo campo que ele: o tal Messi de outra dimensão, ainda acessível a olho nu, para que qualquer um pudesse apreciar



Leandro Stein · Publicada em: 13/12/2022 23:04

4 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Em “O Argentina x Croácia teve 21 jogadores em campo e um Messi em outra dimensão”, a proposta de Leandro Stein é um texto de personagem, de condição interpretativa e opinativa. O título já aponta para a construção de que o camisa 10 esteja acima dos “jogadores mortais”, ainda que sejam aqueles que disputam um mundial. É um sentido de diferenciação, uma forma de representar Messi como o personagem principal da narrativa. Essa situação, de um personagem existente tão só no relato pode ser notada, por exemplo, na linha fina, quando se escreve que “Muitas vezes, era como se Messi estivesse em campo, mas nenhum outro estivesse no mesmo campo que ele: o tal Messi de outra dimensão, ainda acessível a olho nu, para que qualquer um pudesse apreciar”.

O autor usa um recurso fictício para abrir o texto. É uma construção que avança por uma espécie de projeção temporal, daqui algumas décadas, quando outra tecnologia capaz de analisar partidas de futebol for inventada, e os cientistas possam reunir os dados da semifinal da Copa de 2022. Leandro Stein prossegue, construindo uma referência e uma reverência ao principal motivador do texto:

Descobrirão que, em três dimensões, só apareciam 21 jogadores de Argentina e Croácia. Havia um argentino, ainda reverenciado naqueles tempos, que surgia na tela apenas quando se acessava uma dimensão completamente diferente. Seu nome era Lionel Messi, numa exibição que as estatísticas atuais não dão conta de referendar a verdadeira grandeza, mas

os olhos de quem viu sabem que há uma magia difícil de se explicar. A frieza de qualquer dado que se tem conhecimento hoje não pode mensurar o que é literatura, é memória, é certeza de presenciar a história.

A magnitude e representatividade da figura de Messi orienta o relato. E a construção pode ser percebida também pela estrutura: se há uma interpretação como esta no começo do título, depois a perspectiva analítica se volta mais a um sentido informativo, mas recorrendo a ponderações sobre o mundial do atacante. A expectativa é uma nuance, partindo da ideia de que: “A Copa do Mundo de Messi é muito grande. Muito. É aquela Copa que se esperou do camisa 10 por tanto tempo e enfim se concretiza”. Mas ao mesmo tempo, há um outro ritmo, um ponto de virada que o autor deixa transparecer: “Mas também é uma Copa de outro Messi, não mais aquele fulminante de tempos passados, que cada disparo era certeza de gol. O Messi da Copa de 2022 é muitos. Talvez o mais encantador, e não somente por aquilo que faz de concreto em campo”.

As qualificações são o recurso, por meio da adjetivação para descrever o capitão da Albiceleste. A consideração é a de que é “tão fascinante”: “porque existe uma genuína sensação de que será o último Messi de Copas. Tudo o que faz soa especial, porque o próprio craque demonstra tratar cada lance como se fosse único. Como se pudesse ser mesmo o último, e seu desejo é sempre desfrutar”.

As qualificações prosseguem, na escolha narrativa do autor, que também conta com pontuação do texto para dar ênfase, ritmo e cor ao texto, também quando fala sobre os “muitos Messis” da Copa de 2022, desde a fase de grupos, em que o Catar viu um Messi: “insuficiente contra a Arábia Saudita. Viu um Messi do grito de gol agonizante diante do México. Viu um Messi faminto para bombardear a Polônia, independentemente do pênalti perdido. E os mata-matas guardam atuações ainda mais mesmerizantes”. A opção se dá, mais uma vez, pela escolha cronológica na composição do relato. Jogo a jogo, o autor mescla efeitos de real e efeitos de sentido na narrativa.

Sobre a partida contra a Austrália nas oitavas, por exemplo, Stein ressalta que “além do gol que derrubou a muralha, encontrava buracos nos escombros a cada arrancada”, mesmo com estatísticas modestas; e como na fase seguinte, contra a Holanda, que teve que lidar com um atacante “múltiplo, do zero absoluto à temperatura do sol. O camisa 10 gelado observou uma assistência que nenhum outro olho humano perceberia, cobrou um pênalti que expurgou fantasmas, bateu

outro que revigorou seu time”. Um atacante “pelando”, em uma “versão tão sanguínea e provocadora que nem o próprio Lionel conhecia. De novo, um personagem intraduzível por números secos. Difícil até de encontrar palavras”.

A variabilidade narrativa criada por Stein é homogênea no texto, em que se utiliza de recursos fictícios para ser capaz de retratar as atuações do melhor jogador argentino – quiçá do mundial todo: “ganharia a versão mais atualizada do que em tantos momentos pareceu um exterminador do futuro”. Essa construção, como se ele fosse um personagem, integra a intriga da narrativa em fragmentos, como quando Stein propõe uma situação hipotética: projeta se, em algum momento, algum jogador croata se questionou se o argentino “era só de carne e osso, não um androide”:

Teria algum imã acoplado em seus pés, para conduzir a bola tão colada, sem perder o controle? Qual engrenagem o fazia mudar de marcha com tamanha naturalidade, do quieto veterano ao rejuvenescido driblador? Onde estaria o radar que o fazia mapear cada milímetro do campo, não só para encontrar seus companheiros, como também para escapar de cada adversário?

Stein volta à ideia que abriu o texto, falando sobre as “estatísticas do futuro”, que não falariam mais da posse de bola, mas das vezes em que croatas “fizeram preces aos céus pedindo para que o pesadelo parasse”. Afinal, “o processamento de dados de alguns séculos adiante talvez explique como pensa Messi, porque a maioria absoluta das mentes não está preparada para entender o raciocínio do gênio”. A conclusão proposta pelo autor, nesse jogo de imaginação, é a de que Messi é irreproduzível, como Pelé e Maradona: “O que faz Messi é tão bonito porque é tão humano em sua essência. Porque nenhuma máquina teria essa criatividade, por mais sobre-humano que se sugira”.

Depois dos lances mais relevantes de Messi na partida, entre os quais “o melhor pênalti de sua vida”, em uma narração hiperbólica, e uma assistência “de gênio”. Sobre ela, o autor constrói o relato de maneira pausada, de forma a temperar a jogada com num quadro a quadro: “Acelerou e brecou. Fingiu e girou. Quebrou o ritmo e mudou a direção. Por frações de segundo, com milhões de testemunhas disso ao redor do mundo, a bola simplesmente desapareceu”. A construção do camisa 10 como um ilusionista contra um dos melhores zagueiros do mundo, que

“entrou no bolso da perna direita de Messi. A mesma perna que entregou a bola para Julián Álvarez e disse ‘vai lá, vai ser feliz nas redes’”.

O tom literário da narrativa se dá na interpretação do autor, com pausas e recortes, mudanças de direção e de cenário para o leitor. Como quando argumenta que a atuação de Messi não é de melhores momentos, mas de “entrelinhas”, com ninguém sendo capaz de impor qualquer barreira ao jogador, como se “um campo magnético o protegia, um campo magnético chamado talento, o mesmo campo magnético que faz os olhares de tanta gente não desgrudarem dos pés de Messi”. Por isso, fica clara a característica autoral, de tom cronista. Um dos exemplos dessa manifestação é a avaliação de que “muitas vezes, era como se Messi estivesse em campo, mas nenhum outro estivesse no mesmo campo que ele. O tal Messi de outra dimensão, ainda acessível a olho nu, para que qualquer um pudesse apreciar”.

Para fechar o texto, o autor encarna a narrativa que produz, dando uma indicação de que há ainda um episódio a ser escrito. Um episódio que pode oferecer a dimensão de Messi para as Copas do Mundo, que pode “dizer o que vai ficar na narrativa que separa vencedores e vencidos”. O autor, no entanto, reserva, antecipadamente, um lugar privilegiado ao jogador, àquela altura. Uma versão classificada como cerebral, através da qual o autor se conecta à proposta inicial, de título e abertura do conteúdo:

Vai ser aquela que merecerá ser revisitada pelos analistas de um futuro longínquo, como um belíssimo resumo do craque inoxidável. Vai ser aquela que acabará revisitada sempre que os saudosos de sua magia quiserem lembrar aquilo que nem sempre se crê, porque é sublime, porque é outro futebol. Um futebol dos sonhos, um futebol de Messi, que só ele é capaz de imaginar.

As indicações do material de personagem se voltam a Messi como uma figura, uma representação que transcende o mundo de carne e osso. Assim, os significados construídos por Stein dão conta de um camisa 10 único, em sua última chance de conquistar o mundial. O texto tem nuances, variações e usa a linguagem de forma marcante. O enredo-intriga é especialmente fictício, mas parte da factualidade do jogo. O autor cria uma história de fundo e nela insere Messi, como um jogador que ultrapassa a dimensão dos demais que estiveram em campo, na Copa e, principalmente, na partida contra a Croácia, pelas semifinais, que motiva a

redação. O texto é encadeado de maneira a dar o ritmo das atuações de Messi ao longo da competição, mas não de maneira simplesmente concreta.

O conflito e a virada presentes nesta narrativa se amparam na construção que foi empreendida no crescente da competição, pela redação e pelas próprias atuações de Messi, que de certa maneira justificam as escolhas dos textos publicados. É uma aproximação da concretização do momento de consagração de um jogador anormal, diferente e assombroso como é Messi. Esse texto, em específico, tendo o camisa 10 como personagem, justamente personifica o que eram as atuações com a camisa do Barcelona, sempre questionadas e pedidas também pela Argentina.

26) *Torcedores da Argentina foram às ruas extravasar o quão próximo ficaram do título da Copa do Mundo – em Bangladesh também, claro*

Figura 34 – Narrativa #26, sobre as semifinais

Copa do Mundo

Torcedores da Argentina foram às ruas extravasar o quão próximo ficaram do título da Copa do Mundo – em Bangladesh também, claro

A Argentina venceu a Croácia nesta terça-feira e se classificou para a final do próximo domingo, contra França ou Marrocos

 Bruno Bonsanti · Publicada em: 13/12/2022 21:12 1 minuto de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O texto é do formato de repercussão, de gênero informativo. A classificação a partir do conteúdo já ajuda a compreender as pretensões do material: relatar a comemoração dos torcedores argentinos pela ida à final do mundial. Bruno Bonsanti indica o “extravasar” dos aficionados – e já ressalta a proximidade com o título, ainda que a final não tenha sido disputada. Bangladesh, como em outra notícia anterior, é um dos pontos em que os torcedores se aglomeram, especialmente por conta do insólito e curioso. A linha fina segue a mesma dinâmica, se atendo aos

dados factuais sobre a classificação à decisão e à espera pelo adversário, vindo do confronto entre franceses e marroquinos.

O relato não permite muito aprofundamento da análise narrativa porque se propõe a ser simples – como uma repercussão. Conta apenas com um parágrafo, em que o autor brinca com a situação, demarcando as cenas de comemoração após a vitória diante dos croatas, que: “levantam uma preocupação legítima sobre o que acontecerá com o país se Lionel Messi e companhia conquistarem o título no próximo domingo contra França ou Marrocos”. Ele lança o questionamento sobre a capacidade de expansão da alegria Albiceleste: “Pelos imagens que circularam nas redes sociais, existe espaço para uma festa mais efusiva – mas não muito mais efusiva. O Obelisco, por exemplo, já foi tomado pela multidão. O que farão se baterem campeão? Escalá-lo?”. Em seguida, os conteúdos incorporados – vídeos e fotos, especialmente do X, antigo Twitter, são referenciados, de páginas variadas, perfis de jornais e pessoais, por exemplo. O apelo é essencialmente imagético, e procura expor um elemento fora das quatro linhas: a manifestação de torcida. O enredo-intriga se dá apenas pela manifestação efusiva da torcida após a vitória da Argentina e como isso desenrolou em pontos importantes das cidades, mesmo em Bangladesh. O conflito do relato se dá por ser uma manifestação coletiva, massiva, que torna o evento curioso e, por isso, significativo como algo atípico.

4.1.5 Em campo: a narrativa da final

27) *Messi: “A Argentina está de volta a uma final da Copa e temos que aproveitar”*

Figura 35 – Narrativa #27, sobre a final

The image shows a social media post with a red header that says 'Copa do Mundo'. The main text is a quote: 'Messi: “A Argentina está de volta a uma final da Copa e temos que aproveitar”'. Below the quote, there is a short paragraph: 'Prestes a disputar a sua segunda final de Copa do Mundo, Messi falou sobre tudo que tem acontecido e ressalta espírito do grupo e desejo de ser novamente campeão do mundo'. At the bottom left, there is a profile picture of Felipe Lobo and the text 'Felipe Lobo · Publicada em: 14/12/2022 14:20'. At the bottom right, there is a small icon of a person and the text '4 minutos de leitura'.

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O título do texto já dá mostras das intenções do narrador: expor, a partir de falas de Messi em entrevista – no caso, ao diário argentino *Olé* – sobre o retorno da Argentina à decisão do mundial. Felipe Lobo, por isso, constrói a narrativa de caráter informativo, com tom de repercussão do acontecimento central – em um pós-partida semifinal. Na linha fina, de forma complementar, o autor ressalta ser a segunda final do argentino, e o interesse em levantar a taça. Mescla, assim, recursos fáticos e também faz o uso do posicionamento adotado pelos entrevistados para dar credibilidade ao relato. Como um texto desta natureza, o começo é factual e direto, mas não deixa de ter o olhar do jornalista para inserir alguns aspectos, fazer valorações e fazer referência ao idioma: “A Argentina vai disputar a sua sexta final de Copa do Mundo no próximo domingo, dia 18, e tem novamente a esperança, ou ilusión, como dizem em espanhol, depositado no seu craque, o gênio da camisa 10, Lionel Messi”.

Por meio de dêiticos para localizar o leitor no espaço, se escreve que “depois da vitória por 3 a 0 sobre a Croácia na semifinal, Messi comentou sobre tudo que tem acontecido”, e ainda há um resumo de todos os tópicos abordados pelo argentino, já na abertura, sobre este ser o: “melhor Mundial, a sua última Copa, sobre o sacrifício e o espírito de grupo e o desejo imenso de conquistar o tão esperado título, que não vem desde que Diego Maradona vestia essa mesma camisa 10 da Argentina, na Copa do Mundo de 1986”.

Com de um a três parágrafos cada, o autor opta por dividir as temáticas da entrevista em retrancas, sendo mais sintético. A construção do texto aposta no sentido emocional do camisa 10, com a realização de chegar e, ao mesmo tempo, a expectativa de vencer a final do mundial – depois de algumas oportunidades desperdiçadas. Também há a disposição de que a partida seria a última de Lionel em Copas, o que dá certa carga de importância à resposta: “Sim, seguramente sim. São muito anos para o seguinte e não creio que seja possível para mim. E terminar desta maneira é o máximo’, disse ainda o jogador”. A base, como se percebe, são as falas do jogador.

A composição da matéria intercala as aspas de Messi com a construção do autor sobre os feitos e conquistas do argentino na última partida da Copa do Mundo. Em linhas gerais, após a abertura, com a colocação das retrancas, todas são abertas diretamente dando espaço às considerações do camisa 10, com uma espécie de selecionado sobre as temáticas tratadas. Do desfrutar com a seleção e o

envolvimento da família; sobre encarar as partidas anteriores como se também fossem finais; sobre a importância de Julián Álvarez para a equipe. Também deixou seu recado aos argentinos, que desfrutassem, destacando ainda os esforços empreendidos pelo grupo nas conquistas até a disputa da Copa, além de falar sobre ser a de 2022 a melhor Copa em seu currículo.

O tom, sobretudo, é visível no trecho: “A Argentina está de volta a uma final da Copa e temos que aproveitar, vamos dar tudo na final, renunciar a tudo para tentar vencer”. A indicação de uma metanarrativa de superação que se dispõe pela dinâmica das partidas e pelo avançar das fases na Copa é clara. Especialmente por conta de algumas falas do atacante, como quando indica: “Sabíamos que podíamos fazer isso, não mentimos em nenhum momento, não éramos os principais candidatos, mas não íamos nos entregar”. O texto aponta na direção da esperança de quem torce pelos argentinos, e também por Messi, para que conquistasse o troféu mais valioso de sua carreira. A proposta de superação também é um sentido evidente, como quando o capitão argumenta: “Temos feito sacrifícios muito grandes, como jogar uma prorrogação que não foi fácil. Chegamos cansados, mas o grupo deu um pouco a mais, um jogo muito sério foi assim que nos preparamos”.

Felipe Lobo encerra o texto com uma retranscrição que trata da interpretação de Messi sobre o treinador: “Scaloni já havia dito isso, eles sabem sofrer quando têm que sofrer, ler os jogos, quando retirar e quando pressionar”. Mas ressalta a construção da superação a partir de uma das falas do próprio Messi: “O que fizemos é muito difícil, foram todas finais e é um grande desgaste, sabíamos que tínhamos cinco finais e tínhamos que vencê-las, esperamos que a próxima seja assim”. É como se o autor projetasse uma expectativa no público em relação aos acontecimentos a seguir, sobretudo pela personificação da vontade pelo troféu vista em Lionel Messi – e já clara em outros mundiais disputados pelo jogador.

A narrativa que prevalece é a de superação da seleção argentina e a preparação para a última partida. O enredo-intriga se desenvolve em torno de alguns sentidos: ser a última final de Messi, a última chance de conquistar a Copa. Ele, então, acaba por ser um personagem que aglutina os anseios e o brilhantismo pós-Maradona, como uma esperança tardia de reconquista do mundo. O texto se encadeia construindo uma narrativa de fundo, portanto uma metanarrativa de superação destes desafios, depois de mundiais frustrados, mesmo com o camisa 10 sendo o principal expoente e valor técnico da seleção e do mundo. Ele encarna e

personifica mais abertamente a trajetória do herói, com seus colegas de seleção sendo o suporte.

O conflito da narrativa se envolve com o enredo-intriga sobretudo no sentido da expectativa de conquista do mundial pela Argentina. Por isso mesmo, a narrativa dá espaço às declarações do principal jogador da seleção, e principal personagem da competição pela Albiceleste. É neste sentido que também reside a possibilidade de virada – ainda não de forma concretizada, mas como que num crescendo até a decisão. É mais uma expectativa de virada, diante de um oponente poderoso, como a França.

28) *Modric: “Espero que Messi ganhe a Copa do Mundo, ele é o melhor jogador da história e merece”*

Figura 36 – Narrativa #28, sobre a final

Copa do Mundo

Modric: “Espero que Messi ganhe a Copa do Mundo, ele é o melhor jogador da história e merece”

Capitão e craque da Croácia, Luka Modric criticou a arbitragem pelo pênalti do primeiro gol da Argentina, mas reconheceu a superioridade do adversário e elogiou Messi

 Felipe Lobo · Publicada em: 14/12/2022 13:07 ■ 2 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Como em um texto preparatório para a final da Copa do Mundo, desta vez Felipe Lobo se ampara em declarações de Luka Modric em defesa da vitória da Argentina de Messi. A linha fina dá o tom de boa parte das declarações na sequência, seguindo um parâmetro jornalístico habitual – quando o título se refere ao parágrafo de abertura e a linha fina se remete ao corpo do texto: “Capitão e craque da Croácia, Luka Modric criticou a arbitragem pelo pênalti do primeiro gol da Argentina, mas reconheceu a superioridade do adversário e elogiou Messi”. É perceptível também a adjetivação pelo autor para qualificar e nomear o jogador croata.

A proposta do texto se assemelha ao anterior. Já de saída faz afirmações que introduzem e referenciam o jogador que concede a entrevista, ao mesmo tempo que adiantam alguns dos tópicos abordados na fala do meia: “Um dos destaques desta Copa do Mundo, Luka Modric lamentou a derrota para a Argentina na semifinal, por 3 a 0, mas disse que torcerá para que Lionel Messi conquiste o título”. Apesar disso, diferentemente de outros textos, como aquele em que Messi comenta a oportunidade de disputar a final do mundial, neste relato Felipe Lobo não estrutura o texto por meio de retrancas, mas de forma corrida.

É como se as duas matérias fossem opostos da mesma moeda, mas com o mesmo formato, explorando as declarações. Enquanto do lado da Argentina o tom é de superação após a vitória, do lado croata a percepção é a de que o tom da entrevista dita a composição do material: Modric admite a derrota e reconhece as virtudes do adversário, mas não se furta de reclamar da arbitragem e valorizar a campanha levada adiante pela seleção croata, tendo ainda pela frente a disputa do terceiro lugar.

A referência direta ao que está no título, no entanto, aparece de forma explícita apenas no meio do texto, quando Lobo dá espaço às aspas: “Espero que ele ganhe a Copa do Mundo, ele é o melhor jogador da história e merece. Ele está jogando uma grande Copa do Mundo, ele mostra qualidade e grandeza em todo jogo”. Sobretudo, o autor formula o texto a partir de parágrafos curtos em que comenta brevemente o teor das declarações do jogador e, então, as posiciona de maneira literal.

É notável que o texto se encadeia com temáticas próximas, mas não lineares, separadas por parágrafos. É iniciado tratando da derrota croata e da valorização de Messi por Modric; uma avaliação sobre o revés; o ressaltar do camisa dez argentino; com espaço à consideração do armador croata sobre a torcida adversária; críticas à arbitragem sobre a marcação de um pênalti favorável aos comandados por Scaloni. Depois disso, mais avaliações sobre o impacto da marcação do pênalti na partida; a disputa e a expectativa pelo terceiro lugar, mesmo com a decepção da derrota. O pé do texto, por sua vez, é direto, oferecendo informações básicas sobre o último jogo dos croatas no mundial, a competição pelo terceiro posto, contra os marroquinos, usando de referências de local e horário para estimular o leitor a acompanhar.

Fica claro o antagonismo entre as propostas dos textos, em que não há exatamente uma linearidade nos assuntos, que são dispostos de forma mais aleatória, por escolha do autor. O enredo-intriga se conecta à realização da partida entre Argentina e Croácia, como uma repercussão. Tanto do lado argentino como do lado croata, o espaço foi dado às principais lideranças técnicas dos elencos, mas neste caso dá preferência à abordagem de Modric e suas avaliações sobre a derrota para o time capitaneado por Messi. O texto encadeia justificativas do camisa 10 e, por fim, oferece informações sobre o último jogo dos croatas.

O principal conflito da narrativa se dá por conta de o jogador derrotado no confronto direto manifestar torcida por Lionel Messi. É um sentido que ultrapassa, portanto, as cores das camisas vestidas pelos jogadores quando se trata do craque argentino. Ainda que eles sejam adversários, a identificação e cumplicidade, após a partida, com a narrativa que se desenha para o argentino, se sobressai. A virada da narrativa tem um tanto menos de força porque Modric opta por reconhecer a derrota - e talvez por isso as críticas à arbitragem representem o ponto menos pacífico do relato. Há, por isso, tons de heroísmo por conta de Messi, mas sobretudo de vilania por ser a narração da perspectiva dos croatas, derrotados. Ao mesmo tempo, prevalece a decepção e a frustração da eliminação.

29) *Quatro textos do arquivo da Trivela que recontam o trepidante França 4×3 Argentina de 2018*

Figura 37 – Narrativa #29, sobre a final

Copa do Mundo

Quatro textos do arquivo da Trivela que recontam o trepidante França 4×3 Argentina de 2018

Aproveitamos a reedição da partida quatro anos depois para relembrar como foi a cobertura do embate em Kazan

 Equipe Trivela · Publicada em: 15/12/2022 14:20

 1 minuto de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Este conteúdo segue, como em outros casos, a proposta em que a redação da *Trivela* faz autorreferência e busca textos antigos. A proposta é informativa, a partir de materiais de arquivo sobre a disputa a se repetir na final de 2022, entre argentinos e franceses – jogo classificado pela Equipe *Trivela*, que assina o texto não nominalmente, como “trepidante”. As referências espaço-temporais ao jogo de quatro anos antes ocorrem já na linha fina, com indicação de Kazan, na Rússia, como local do embate.

O texto indica, já na abertura, que “Quatro anos são suficientes para que muita coisa aconteça no futebol. E o Argentina x França da decisão de 2022 soa bastante diferente daquele França 4x3 Argentina das oitavas de final de 2018”. Aposta, portanto, na oposição, no contraste. O balanço comparativo entre as posturas e desempenhos das seleções segue, adiante, com a preferência por destacar valências tanto da parte da equipe técnica quanto dos jogadores, algo perceptível quando se afirma que:

Do lado albiceleste, Lionel Scaloni realiza um trabalho incomparavelmente melhor que o de Jorge Sampaoli. Conta com um Lionel Messi em sua melhor versão mundialista, muito mais amparado pelos companheiros. Todavia, os Bleus também encorparam. Ganharam novos talentos, não puderam contar com outros e veem um Kylian Mbappé que evoluiu demais desde aquele jogo fenomenal.

Depois dessa interpretação na abertura, há o apontamento de que, a seguir, a redação elenca quatro publicações que resgatam o contexto de uma partida que foi “determinante ao sucesso dos franceses e também na reconstrução dos argentinos”. Segue-se o modelo de outras situações em que se resgatam textos de arquivo: há a indicação de títulos e um breve resumo do conteúdo: assim, dos quatro textos referenciados, um deles é um relato de jogo – “que narra a sucessão dos fatos e dos gols – que não foram poucos”; dois remetem-se a personagens da partida – um para Kylian Mbappé, que “viveu 90 minutos para ser sempre lembrado como um fenômeno”, outro para Benjamin Pavard, que depois de um bonito gol “não precisa mais se preocupar em ser desconhecido na França” – e um deles é uma análise mais ampla, em perspectiva, prospectando o que aconteceria com a Argentina após a Copa de 2018.

Quando aponta para o passado, a *Trivela* faz, além da autorreferência, um exercício de memória. Sinaliza algo, como quem diz: estivemos aqui desde este

tempo, com nossa forma de narrar. Ao mesmo tempo, chama atenção para o que há de vir, as produções que podem nascer daquele embate, e também ressalta a expectativa por uma história a ser contada em um momento decisivo – sobretudo uma final de Copa do Mundo com ingredientes interessantes.

É uma espécie de "esquenta", chamando o leitor para o que ocorreu e pode ser indício para o próximo encontro entre as seleções. O enredo-intriga não se volta exatamente à disputa, mas remete-se a confrontos prévios. Aposta na lembrança e na expectativa, antecipando confrontos que aconteceram em um mundial anterior, pelas linhas da própria *Trivela*. Serve como autorreferência e conexão com o histórico por fazer referência a dois momentos históricos específicos, como que criando um parâmetro. O conflito-virada de narrativas como essa se dá a partir da expectativa criada. A aposta é na possibilidade, sobre o que pode mudar, se repetir, quem serão os personagens, etc.

30) *Antes da final da Copa, uma dica de livro: “O Jogo: Argentina × Inglaterra · 1986”, da Dolores Editora*

Figura 38 – Narrativa #30, sobre a final



The image shows a social media post with a red header that says "Copa do Mundo". The main text is a bold title: "Antes da final da Copa, uma dica de livro: 'O Jogo: Argentina × Inglaterra · 1986', da Dolores Editora". Below the title is a short description: "O livro de Andrés Burgo fala de Maradona, claro, mas também se debruça sobre os demais personagens que recontam aquela história". At the bottom left, there is a profile picture of Leandro Stein and the text "Leandro Stein · Publicada em: 15/12/2022 14:00". At the bottom right, there is a small icon of a book and the text "3 minutos de leitura".

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Leandro Stein é o autor do texto, que faz uma indicação de um dos parceiros da *Trivela*, a Dolores Editora, com o livro “O Jogo: Argentina x Inglaterra – 1986”. A linha fina dá informações complementares de autoria e algumas temáticas tratadas na obra: “O livro de Andrés Burgo fala de Maradona, claro, mas também se debruça sobre os demais personagens que recontam aquela história”. É um conteúdo informativo por se referir a uma dica que pode interessar aos leitores, mas também

tem caráter de repercussão por conta de tratar da Argentina em um momento em que uma decisão de mundial envolvendo os sul-americanos se aproxima.

O grande chamariz da narrativa é a importância de Maradona para o futebol argentino. Stein enlaça a narrativa tratando das principais faces do camisa dez: “Diego Armando Maradona, depois que virou um deus dos gramados para os argentinos, viveu a Copa do Mundo de diferentes maneiras – como comentarista, como treinador, como o mais fanático dos torcedores”. Em oposição a esta construção, trata da presença do craque argentino – que, na avaliação do jornalista, nunca foi tão forte quanto após sua morte, com uma referência histórica incluída, cuja memória está: “vivíssima entre os Albicelestes, como se os pegasse pela mão e conduzisse de novo no sonho de uma nova conquista. Maradona já tinha se tornado imortal há 36 anos, naquele verão mexicano em que fez de tudo, inclusive ressignificar uma guerra”.

Esse prelúdio serve para compor a ideia de que “o Argentina x Inglaterra de 1986 permanece como a maior partida da história da Argentina, a partida que endeusou Diego, do Gol do Século à Mão de Deus”. Tudo isso, segundo o narrador, presente no livro anunciado, cuja ideia “não é só falar de Maradona, o protagonista, mas de todos os outros personagens que circundam a história”. Há um hiperlink que direciona o leitor ao site da editora, usando, ainda, um conteúdo incorporado como referência entre o conteúdo textual.

O autor faz ainda uma citação literal de um trecho do livro, como uma “isca” para o leitor que se interesse pela publicação, lançada em 2016, mas só naquele ano editada em português. A interpretação do autor do texto sobre o livro passa, também por algumas outras indicações, ressaltando que ainda há muito o que se contar sobre aquele confronto histórico: “O autor argentino prova isso ao buscar jogadores campeões daquela Copa, para confirmar histórias; mas também ao ouvir personagens secundários, até então pouco sondados, com acréscimos e até, acredite, novidades ou furos nos episódios”.

Além do apontamento da redação em formato de cronologia do livro, com memórias e repercussões, Stein ressalta que o jogo que eternizou Maradona, “responsável pelos dois gols do triunfo — um com la mano de Dios e o outro ‘apenas’ o gol do século — sobre a ‘entalada’ Inglaterra (vitoriosa na Guerra das Malvinas)”, em que a publicação traz detalhes do “momento mágico da conquista”.

Já ao fim do texto, o próprio autor se coloca como um dos “devotos” de Diego, com a edição do livro recomendado – o que denota a liberdade de interferência.

O enredo-intriga poderia estar na indicação do livro em si, mas parece ser mais subjetivo, em um elemento presente na interpretação de abertura proposta por Stein. É a memória sobre Maradona em um contexto em que ele não estava mais presente fisicamente: um paradoxo, afinal, por se tratar de um atleta marcante na história do futebol, das Copas e, em especial, da Argentina. As sequências e o encadeamento do texto têm a proposta de ressaltar os predicados do livro recomendado, mas o fazem de maneira não tão explícita quanto poderiam, mais a partir da interpretação e pequenas interpelações do autor do texto em questão, juntos de informações de referência. O relato aposta na personagem complexa e conflituosa de Maradona, que motiva a escrita do livro indicado. Em um momento de heroísmo, marcante na história da Argentina por se tratar de um atleta decisivo em um momento fundamental, por isso mesmo de superação e expectativa, por conta da peculiaridade do ser que vestia a camisa 10 Albiceleste

31) *O Argentina x França que incendiou a Serie A por três temporadas: Maradona no Napoli x Platini na Juventus*

Figura 39 – Narrativa #31, sobre a final

The image shows a social media post with a red header that says "Copa do Mundo". The main title is "O Argentina x França que incendiou a Serie A por três temporadas: Maradona no Napoli x Platini na Juventus". Below the title is a short paragraph: "O grande momento de rivalidade entre Argentina e França no século passado teve dois esquadões de Napoli e Juventus liderados por suas lendas, Maradona e Platini". At the bottom left is a profile picture of Leandro Stein and the text "Leandro Stein · Publicada em: 15/12/2022 00:42". At the bottom right is a reading time icon and the text "12 minutos de leitura".

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O texto redigido por Leandro Stein é daqueles que tem mais detalhamento e profundidade na *Trivela*: os de histórico. O foco está em um confronto entre seleções que se repete na Itália, entre clubes e, mais que isso, entre Diego Maradona e

Michel Platini. É, segundo a linha fina, o momento em que mais houve rivalidade entre os esquadões. Vale ressaltar que, na composição do parágrafo de abertura, os traços autorais, a adjetivação – inquestionável, contribuições fantásticas, etc. –, a construção histórica e baseada em elementos factuais – como conquistas e atuações descritas em superlativo – prevalece, com suporte do uso metafórico de expressões, como quando se diz que a dupla estava “no topo do mundo”. Algo que pode ser visto se recorta-se um fragmento:

Os maiores embates entre Argentina e França no século passado aconteceram com outras cores, por outras camisas. Diego Armando Maradona e Michel Platini, inquestionavelmente, estavam no topo do mundo na década de 1980. Conquistaram títulos gigantes por seus países, em fantásticas contribuições individuais, com a Euro 1984 do francês e a Copa de 1986 do argentino. Entretanto, o duelo titânico pelas seleções nunca aconteceu. No Mundial de 1978, Platini até marcou o seu na derrota para a Albiceleste por 2 a 1, mas Cesar Luis Menotti havia deixado o garoto Diego em casa. Já em 1986, havia uma Alemanha Ocidental no meio do caminho, para impedir que os Bleus fossem adversários da Argentina na final da Copa. Ainda assim, a rivalidade entre Maradona e Platini foi vivíssima por clubes. Durante três temporadas, os craques mediram forças na estrelada Serie A. Cada um teve seu Scudetto no período, cada um fez seu gol no Napoli x Juventus. Em compensação, as vitórias de Diego foram mais frequentes e também mais simbólicas.

A narrativa é contínua, sem retrancas. Os parágrafos de texto, no entanto, são intercalados por fotos e vídeos que ilustram os lances retratados. O apreço pela apuração do conteúdo histórico se mostra considerável, como quando o autor comenta sobre a possibilidade de que os dois craques atuassem juntos: o primeiro rumor surgiu em 1984, “quando o argentino ainda estava no Barcelona e o clube espanhol teria interesse no francês. Depois, com ambos na Itália, o dono juventino Gianni Agnelli precisou negar que pensassem em Dieguito como um novo elemento bianconeri”. O uso de outras expressões ajuda a dar mais movimento ao texto, como quando se menciona Le Roi e o Diez, apelidos dos jogadores, que formariam uma dupla “explosiva”, na formulação de Stein.

Além do cuidado com informações históricas, é importante que se destaque a relação contextual dos relatos. Neste, em específico, por exemplo, se fala da rivalidade entre os jogadores “não apenas pelo talento enorme de ambos”, mas também pelo significado para os times: um, ao sul empobrecido da Itália, outro, como opositor, protagonista e representante do “antagonismo com o norte”. São colocações pouco habituais, aquelas feitas com o pano de fundo cultural e social

que envolvem a prática do futebol. Na *Trivela*, elas são identificadas com mais frequência em determinados tipos de texto, como neste.

A oposição também se desenha nas escolhas de redação do autor, como quando escreve que “em tempos nos quais Platini emendava três vezes a Bola de Ouro, enquanto Maradona sequer podia competir pelo prêmio por não ser europeu, existia um grande simbolismo na contraposição entre os dois astros”. O universo do campo é retratado, ainda com os antagonistas, quando Stein detalha que eram “Dois craques de imensa qualidade técnica, que passaram a se encarar constantemente. Platini, rodeado por uma Juventus bastante forte. Diego, tantas vezes carregando o Napoli em seus ombros”. Contudo, o texto não se detém apenas às quatro linhas. Usa entrevistas dos jogadores para sustentar e dar legitimidade e credibilidade ao material, como no caso do jornal napolitano *Il Mattino*.

Com isso, é perceptível que a dinâmica dos textos da *Trivela* se altera, conferindo uma temporalidade e um ritmo diferente, ao fugir da informação puramente factual e imediata. Demonstra pesquisa, conhecimento histórico e capacidade de construção do conteúdo de forma articulada. Porque é só depois de toda esta contextualização que o autor começa a tratar de alguns dos confrontos entre Maradona e Platini. A referência temporal ocorre, assim como a colocação ocupada pelos clubes no campeonato italiano e em outras competições. Há, inclusive, menção a um programa de TV antes desse confronto. Recorrendo a estas fontes, Stein também acrescenta informações de bastidores para enriquecer o relato.

Quando se fala do jogo propriamente dito é como se o teor mudasse de figura: a construção textual parece a de relato de jogo, com o detalhamento de momentos importantes e dos gols dos encontros entre os dois craques. A repercussão se liga à representação que se pretende construir sobre a dupla: “O jornal *La Stampa* destacava em sua manchete como ‘Platini tem um time, Maradona está sozinho’, ressaltando como Diego se desdobrou até para recompor a defesa naquela tarde”.

O mesmo acontece com outra partida que envolveu as lendas italiana e argentina. São indicadas as pretensões de cada um dos times nas competições da temporada antes da menção ao 0 a 0 no San Paolo. Stein estrutura o relato não somente com os embates, mas pelo relacionamento entre os jogadores: “Já na chegada ao estádio, Platini e Maradona trocaram exaltações entre si. O francês não

estava errado, como se provou numa inesquecível tarde chuvosa”. Na descrição de um dos encontros, justamente após a troca de elogios, Stein dá o tom do texto, com o foco intercalando entre francês e argentino. Na vez de Maradona, há um misto de uma estratégia entre o recurso fático e o fictício – em menor frequência, diga-se:

Não havia espaço. Mas, para Maradona, uma mínima fresta vira uma avenida para sua habilidade sobrar. A falta rolada dentro da área tinha uma barreira logo em cima de Diego. Pois o camisa 10 conseguiu bater com perfeição para encobrir os adversários, botar a bola na gaveta e fazer Tacconi saltar em vão. Um gol antológico, que decretou a vitória por 1 a 0.

A tendência de articular referências históricas, materiais factuais e a interpretação também se mostra em outros momentos na sequência, como quando o autor relembra que, na mesma partida, “quase ainda saiu um típico tento maradoniano”, puxando à pauta o gol em que o camisa 10 enfileirou marcadores ingleses e marcou na Copa do México, em 1986: “O triunfo, de qualquer forma, já bastava. Caía por terra um jejum de 12 anos sem que o Napoli derrotasse a Juve pela Serie A”.

Ainda ligando Maradona à cidade de Nápoles, a quem dedicou seu tento, Stein intercala entrevistas de ambos os jogadores. O autor destaca que Platini terminou “a temporada 1985/86 como campeão da Serie A. Maradona o via como um adversário para a Copa do Mundo. Por isso mesmo, o argentino se preparou demais ao Mundial no México”. Depois de abrir aspas para o argentino, percebe-se que recorreu à autobiografia de Diego. Afinal, no mundial: “o final da história beneficiou Maradona, com a Copa de sua vida, enquanto Platini sucumbia na semifinal”.

Uma estratégia perceptível no texto é que a construção ressalta elementos semelhantes – momentos dos times, resultados e retrospectos, entre outros –, mas se desenvolve de maneira cronológica. Temporada a temporada, confronto a confronto, com intercalações de percepções dos próprios atletas, tanto em entrevistas quanto em outras fontes. Interessante notar também que, à semelhança dos trechos em que o relato é mais inclinado a um tom contextual, fala-se também das torcidas, como se vê:

Naquele momento, Juventus e Napoli dividiam a liderança da Serie A depois de oito rodadas, ambos com 12 pontos. A torcida celeste carregava muitas expectativas para o jogo. Maradona ganhou uma cantoria de centenas de

torcedores na frente do hotel no qual seu time estava hospedado. Além dos muitos operários napolitanos que viviam em Turim, milhares de torcedores do sul pegavam a estrada rumo ao norte do país. O Estádio Comunale recebeu cerca de 20 mil visitantes para aquele duelo. E eles comemoraram, com um triunfo por 3 a 1 de virada, que valeu a liderança isolada aos partenopei e a certeza de que o Scudetto⁵⁰ seria possível.

Há também momentos em que os bastidores ganham repercussão, como quando Stein escreve que, após a vitória mencionada acima: “o clima de festa no vestiário do Napoli era evidente. A ponto de alguns jogadores, segundo o jornal *La Stampa*, cantarem ‘Maradona é melhor que Pelé’. Garrafas de champanhe estouravam”. Leandro Stein, então, parte para um tom mais saudosos para encerrar o texto. Primeiro, lembra da conquista do *Scudetto* pelo Napoli, que também “foi a da despedida de Platini do futebol. Com apenas 32 anos, o craque enfrentava seguidos problemas físicos e não queria desempenhar um papel mais contido dentro de campo. Preferiu sair no auge, depois de três Bolas de Ouro em 1983, 1984 e 1985”, abrindo caminho para a evidência de Maradona, sobre o qual o autor também ressaltou títulos.

Entre jogos de despedida e amistosos em que ambos estiveram presentes, Stein, quando ainda se pontua as posturas diferenciadas dos craques, mais uma vez como antagonistas: “O respeito em campo prevaleceria a dois gigantes que se reconheciam, embora tenham seguido por caminhos bem distintos – um aliado ao jogo de poder da Fifa, outro sempre às turras com os dirigentes da entidade”. O texto é encerrado com o que o autor chama de “doce tributo” de Platini, pela ocasião da morte do camisa 10 argentino.

Na composição narrativa destaca-se o antagonismo dos dois personagens principais: Diego Maradona e Michel Platini. Em diversos momentos eles aparecem como faces contrastantes de duelos entre suas equipes na Serie A italiana ou entre seleções. Mas também há espaço para que se trate da relação dos dois além dos embates, de proximidade e contato. O foco está nos confrontos, certamente, mas o texto é extenso e o autor consegue oferecer uma contextualização de alguns aspectos que estavam no entorno das partidas – além de fazer o relato de cinco partidas nesse processo.

O enredo-intriga principal se dá pelo fato de que dois grandes jogadores da história do futebol travaram confrontos também memoráveis no campeonato italiano,

⁵⁰ Troféu da Serie A italiana.

especialmente na década de 90. Todos os acontecimentos que se desdobram partem deste sentido, em que o autor encadeia aspectos de jogo, mais pessoais e de contexto. Apesar de haver a dinâmica de conflito entre os dois atletas, na narrativa há uma consonância, uma harmonia, com os dois como opostos: ambos representando uma construção mais positiva, de heroísmo e expectativa.

32) *Como foram as outras quatro vezes em que Messi tentou conquistar a Copa do Mundo*

Figura 40 – Narrativa #32, sobre a final

The image shows a social media post with two tags: 'Argentina' (blue) and 'Copa do Mundo' (red). The main title is 'Como foram as outras quatro vezes em que Messi tentou conquistar a Copa do Mundo'. Below the title is a summary: 'Garoto em 2006, treinado por Maradona em 2010, vice-campeão em 2014 e eliminado nas oitavas de final após se aposentar brevemente da seleção em 2016: a história de Messi na Copa do Mundo é cheia de altos e baixos'. At the bottom left is the author's profile picture and name 'Bruno Bonsanti' with the publication date 'Publicada em: 16/12/2022 09:53'. At the bottom right is a reading time indicator '19 minutos de leitura'.

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Bruno Bonsanti é o responsável pelo texto “Como foram as outras quatro vezes em que Messi tentou conquistar a Copa do Mundo”, em que o título é autoexplicativo. Classificado como histórico, por conta do teor, e como interpretativo/opinativo pela forma com que é escrito, na linha fina se resume, se passa pelo ano a ano de Copa de Messi: “Garoto em 2006, treinado por Maradona em 2010, vice-campeão em 2014 e eliminado nas oitavas de final após se aposentar brevemente da seleção em 2016: a história de Messi na Copa do Mundo é cheia de altos e baixos”. Mais do que isso, é uma das narrativas mais extensas de toda a análise, com pouco além de quatro dezenas de parágrafos. O que eles contam? Com as retrancas oferecendo a edição de cada uma das Copas, quantidade de gols, assistências e o resultado final, até onde o time argentino chegou, exploram as atuações do camisa 10, com um material recheado de vídeos e fotos que o ilustram.

Antes de introduzir os relatos sobre o desempenho de Messi, Bonsanti usa de uma das cartas coringa dos materiais esportivos, o fim da carreira de um atleta. Disponível em diversos outros relatos da cobertura da Copa, esse recurso, da última oportunidade, é o gancho para usar, no parágrafo de abertura, um passar-por todas as campanhas nas quais o jogador esteve, desde menino do *potrero* até o craque geracional consagrado. O relato é iniciado com essas características:

A última dança. Tudo indica que esta será a última oportunidade de Lionel Messi conquistar o título que lhe falta. Aos 35 anos, faz a sua melhor Copa do Mundo e ajudou a seleção argentina a chegar à decisão contra a França no próximo domingo, em sua quinta participação no Mundial. Foi uma caminhada cheia de altos e baixos, não apenas no Catar. De jovem revelação na Alemanha, foi muitas vezes engolido pela bagunça da Federação Argentina, que deu as chaves do cofre para Diego Maradona em 2010 e conduziu um ciclo muito conturbado para a Rússia, onde Messi teve sua pior exibição mundialista. Quando teve um time minimamente organizado, foi vice-campeão no Brasil – perdendo uma chance clara na decisão contra a Alemanha no Maracanã. Entramos em detalhes sobre as quatro participações do craque que buscará a imortalidade na Copa do Mundo daqui a dois dias.

No entanto, hipérbole da figura de imortal estava distante na primeira das Copas disputadas por Messi, em 2006, na Alemanha – com três jogos, um gol e uma assistência, chegando às quartas de final. Bonsanti fala sobre a estreia a partir das mãos de José Pékerman, antigo treinador da Albiceleste. Destaca-se o trabalho do técnico nas categorias de base e os títulos conquistados como uma justificativa. Inclusive, menciona um caso curioso, de quando o jogador, à época, em 2005, com a camisa 18, entrou por dois minutos em um amistoso contra a Hungria para que a Espanha não tentasse aliciá-lo.

Por construir um relato cronológico, é comum que se ampare na evolução até a chegada aos mundiais: jogos preparatórios, amistosos, convocação e desempenho no principal torneio de seleções do mundo. É o caso deste texto, quando a quantidade de jogos de Messi com a camisa alviazul é indicada. A contextualização pelos problemas físicos é um dos pontos utilizados para anunciar o começo da campanha na Copa. Além do camisa 10, Bonsanti trata da formação, de como o time era organizado para a estreia. O relato é direto: quem fez os gols e qual foi o resultado da partida, recorrendo, portanto, aos recursos fáticos.

Com o desenrolar do texto, é notável que a estrutura dispõe os parágrafos como tópicos: um ou dois por jogo em boa parte. Dá os destaques de cada

confronto, como na vitória por 6 a 0 contra Sérvia e Montenegro. As comparações são outra possibilidade, num jogo que entrou para a história: “como o baile de debutante de Messi”. Nota-se a prevalência dos efeitos de real e de sentido, nestes momentos. Sem a pretensão de abordar absolutamente todos os jogos relatados ao longo do texto, vale ressaltar alguns trechos específicos. Ao longo de cada uma das retrancas, voltadas às campanhas, Bonsanti faz o jogo a jogo, dá a descrição dos lances determinantes, mas também destaca a figura de Messi, com os eventos dos quais participou. Fala-se dos contextos dos grupos em cada mundial, as trocas nas escalações feitas pelos treinadores e, inclusive, quando o jogador é substituído. É, sobretudo um esforço de captura das minúcias nas participações do antigo camisa 19.

Importante notar que a característica dos relatos da *Trivela*, com espaço a interpretações mais pessoais, adjetivações, figuras de linguagem e outras formas de representar os jogos tomam forma. Inclusive, as decisões técnicas são comentadas, sempre priorizando o olhar sobre Messi. Ainda na Copa de 2006, Bonsanti relembra as oitavas, quando os argentinos enfrentaram os mexicanos, e depois, quando em certo momento: “terminou a Copa de Messi, e os argentinos se perguntaram por que ele não entrou contra a Alemanha nas quartas de final. Não fui a única decisão curiosa de Pékerman”. São utilizados também, ao longo dos trechos sobre as Copas, entrevistas de personagens próximos do jogador, desde colegas até técnicos, em emissoras especialmente da Argentina ou do exterior, em anos variados.

No segundo dos mundiais com Messi no elenco, na África do Sul, em 2010 – sem nenhum gol, com uma assistência, parando mais uma vez nas quartas de final. Considerando mais uma vez o olhar sobre o jovem e promissor craque Albiceleste, Bonsanti argumenta que, na primeira Copa realizada no continente Africano, a Argentina teve uma longa lista de “candidatos a novo Maradona, e em 2010 estava começando a ficar claro que Messi era o que tinha a melhor chance de chegar lá. Do ponto de vista histórico, a união entre ambos para a Copa do Mundo da África do Sul foi um momento relevante”.

A construção do texto naquela ocasião segue a estrutura do relato sobre a Copa anterior: usando os parágrafos como referência, comenta sobre: de que forma se distribuía a formação e quais as mudanças em relação ao time de Pékerman. Curioso notar a colocação de uma expressão típica do universo futebolístico para se

referir a Javier Mascherano, “praticamente carregando dois pianos nas costas”, em uma figura de linguagem para ilustrar àquele jogador que trabalha tanto na marcação que vive sobrecarregado. Depois das escalções, há espaço para falar do treinador. Na avaliação de Bonsanti, de que “Maradona não era técnico de futebol”. Mencionando experiências anteriores, o autor destaca que o ídolo “nem tinha o perfil, conhecido e amado pelo seu comportamento errático, por ser um especialista em destruir sistemas táticos, não em montá-los”. Então, o relato segue para uma série de resultados obtidos à época do comando de Diego: notam-se, aí, os recursos fáticos mais evidentes, desde a estreia em 2008 até a classificação ao mundial.

Quando o texto volta-se novamente a Messi, faz observações contextuais, que ajudam a compreender o panorama da época: “Lionel Messi era uma promessa explosiva em 2006, e a bomba havia sido detonada quando chegou o torneio sul-africano”. Desde o salto de desempenho no Barcelona de Guardiola, com a conquista de uma Tríplice Coroa, além de uma temporada espetacular, em que venceu a Bola de Ouro, a dinâmica escolhida pelo autor é a de que o talento estava em uma crescente. O contraste vem logo no parágrafo seguinte: “Maradona conseguiu um feito: Messi como camisa 10, no centro do seu sistema ofensivo, não fez um gol e deu apenas uma assistência em cinco jogos completos na Copa do Mundo”.

A campanha na África do Sul segue a mesma composição da disputada na Alemanha: passa pelo jogo a jogo detendo-se aos lances determinantes, gols e envolvidos, com a minutagem. É uma demonstração clara do uso de recursos fáticos, comuns em relatos jornalísticos, mesmo aqueles distantes do universo esportivo. Os parágrafos, geralmente, se referem a cada um dos jogos como partes de um bloco de texto. Em 2010, então, a campanha se encerrava contra os alemães, nas oitavas. Bonsanti descreveu um lance derradeiro da derrota da seguinte forma:

Aos 28 minutos, Schweinsteiger fez um carnaval pelo lado esquerdo da defesa sul-americana e rolou para Arne Friedrich marcar o terceiro. Em contra-ataque, Mesut Özil cruzou da esquerda para Klose fechar o caixão e encerrar a experiência de Maradona como técnico da Argentina. E a primeira chance de Messi conquistar a Copa do Mundo como líder da seleção.

Então, a terceira chance veio na Copa no Brasil, em 2014, quando Messi fez sete jogos, com quatro gols marcados e uma assistência, perdendo a final. A opção

de Bonsanti, neste momento da narrativa, era propor uma visão mais ampla sobre as temporadas e o status adquirido pelo jogador: “Se era o melhor do mundo na África do Sul, Messi chegou ao Brasil com status de lenda. Ao longo do ciclo, fez temporadas de 53, 73, 60 e 41 gols, a pior delas imediatamente antes da Copa do Mundo, sob o comando do seu compatriota Gerardo Martino”.

Mais uma vez, os sentidos de real são propostos por meio do uso de recursos que recorrem às estatísticas, empilhando os troféus disputados e conquistados, e em que cada situação mudou o patamar da seleção argentina. Mesmo os campeonatos não conquistados, como a Copa América de 2011, sediada pela própria Argentina, são momentos sobre os quais se indica um fragmento da relação da torcida com o camisa 10: “Foi um torneio em que se bateu bastante no contraste entre Tevez, que seria mais identificado com o povo argentino, e Messi, que deixou o país tão cedo”.

Do sistema tático proposto pelo treinador Alejandro Sabella, com suas vantagens e debilidades, até juma descrição da escalação com mais detalhes. Este foi o momento em que, opina o autor, “antes do Catar, foi facilmente a melhor Copa do Mundo de Messi, até controversamente eleito o Bola de Ouro, após a derrota para a Alemanha na final do Maracanã”. No jogo a jogo, mais uma vez, em uma sequência que vai se revelando usual em cada uma das retrancas, o autor tem o suporte dos vídeos dos principais lances sobre os quais tece seus comentários. Passando por Bósnia Herzegovina, Irã e Nigéria na fase de grupos: “Messi chegou às oitavas de final fazendo sua melhor Copa do Mundo. A mais decisiva. As três vitórias haviam passado pelos seus pés, em parte salvando as partidas fracas da Argentina”. Nos mata-matas, a Albiceleste superou a Suíça nas oitavas, a Bélgica nas quartas, a Holanda nas semifinais, até que encontrasse os germânicos e visse a taça escapar.

No trecho do texto em que se fala sobre a Copa da Rússia, em 2018, a retranca relembra: Messi saiu com quatro partidas disputadas, um gol e duas assistências, tendo o percurso interrompido nas oitavas de final. Como se cada início de retranca representasse uma nova micronarrativa, Bonsanti destaca, diante da “bagunça” na seleção argentina, a fala do camisa 10 logo de saída: “‘Me dói não ser campeão com a Argentina. Eu tentei muito, é incrível, mas não deu. Acabou para mim a seleção’. As palavras de Lionel Messi caíram como uma bomba depois da

segunda derrota para o Chile na final da Copa América”. O uso de aspas para referendar as falas apontam a gravidade, ressaltada pelo jornalista.

As cobranças e a aposentadoria precoce da seleção ditam um tom mais intenso na narrativa neste momento, ainda que sigam estrutura semelhante às demais retrancas. A troca de comando, de Alejandro Sabella por Tata Martino e depois Edgardo Bauza. A desistência de Messi em abandonar a Albiceleste. Há, então, um momento em que Bonsanti destaca a trajetória pessoal de forma emocional, que:

[...] serviu a um propósito: a dor explícita no rosto de Messi nas três finais consecutivas que foram perdidas e a angústia tão profunda que o levou a uma decisão intempestiva finalmente convenceram o grosso da opinião pública da Argentina que ele era, sim, tão comprometido com a seleção quanto qualquer outro jogador argentino. Quem acredita na trajetória do herói também poderia imaginar que, depois de bater no fundo do poço, a redenção na Copa do Mundo da Rússia seria óbvia, até porque, finalmente a seleção seria treinada por um técnico de alta qualidade.

Depois de apontar a saída de Bauza e a chegada de Sampaoli, Bonsanti recorre ao retrospecto do treinador e aos resultados obtidos para sustentar o relato. A classificação à Copa da Rússia, conquistada, para o jornalista, “aos trancos e barrancos”, em desempenho que “foi um desastre, com rumores de um motim de jogadores que foi alimentado por imagens de Javier Mascherano aparentemente ajudando Sampaoli a escalar o time”. Tem espaço uma estrutura semelhante: trocas no time; jogo a jogo na Copa, dessa vez empatando com a Islândia; sendo derrotada pela Croácia – que “passou por cima, venceu por 3 a 0 e deixou a Argentina com as costas na parede”, ilustrando a pressão; além da Nigéria, na fase de grupos.

Antes do duelo contra os africanos, o autor constrói um ambiente de tensão e expectativa, por meio da pontuação: “Messi não estava fazendo uma boa Copa do Mundo. Havia perdido pênalti contra a Islândia e desapareceu contra a Croácia. Mal tocou na bola, mal participou da construção e da finalização das jogadas. Sumiu. A vitória contra a Nigéria era obrigatória”. E veio, com vitória. Mas o quadro não era simples, e foi nessas condições que Bonsanti encerrou o texto: “O problema, porém, de ter ficado em segundo lugar no grupo era um cruzamento precoce com a França nas oitavas de final”. E assim ocorreu, com um 4 a 3 para os europeus, foi “tarde demais para salvar a quarta participação de Messi na Copa do Mundo”.

A extensão dos textos de histórico se mostra uma constante, de forma geral. Neste, em específico, o desempenho da seleção argentina com Messi entre as Copas de 2006 e 2018 é o foco. A proposta é uma visão panorâmica e contextual de tudo que o camisa 10 enfrentou em mundiais. É, então, a construção de uma representação do jogador, entre altos e baixos, com a chance de finalmente conquistar o troféu com o qual mais sonhou. O enredo-intriga é desenhado pela trajetória de Messi em Copas: de muitas frustrações e boas atuações; com histórico brilhante em clubes, mas contestado com a camisa Albiceleste. A crescente, com todas as informações dispostas de maneira cronológica, leva, enfim, ao mundial de 2018, sendo que a final de 2022 estava às portas. Diferentemente de outros momentos, o protagonista veste todas as roupas possíveis: é herói, mas também vilão; tem decepções e momentos em que se supera; outras situações em que a frustração é evidente, e algumas em que a expectativa se cria. Os conflitos, por ser um histórico extenso, são variados, assim como os pontos de virada presentes ao longo de toda a narrativa.

33) *Shevchenko: “Messi é um dos melhores de todos os tempos, junto a Maradona e Pelé. Merece uma Copa do Mundo”*

Figura 41 – Narrativa #33, sobre a final

Copa do Mundo

Shevchenko: “Messi é um dos melhores de todos os tempos, junto a Maradona e Pelé. Merece uma Copa do Mundo”

Ex-atacante, Shevchenko comentou sobre a trajetória de Messi e que o considera um dos melhores da história, mas ressaltou também o quanto Mbappé está se tornando a nova estrela



Felipe Lobo · Publicada em: 16/12/2022 16:58

2 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Felipe Lobo é o autor do texto, que explora uma repercussão que antecede a decisão da Copa, entre Argentina e França. Sobretudo, por conta de ser a opinião de um grande jogador, o ucraniano, Andriy Shevchenko, sobre Messi. É uma estratégia

recorrente nos conteúdos da *Trivela*: quando as aspas são usadas logo no título, é uma indicação de que boa parte do que se segue se baseie nas falas de um entrevistado. A opção, já destacada pela escolha do que intitula a matéria, é por aproximar Messi de um panteão dos maiores nomes da história do futebol, que conquistaram o troféu do mundial: Pelé e Maradona. Na linha fina, um suporte secundário a Mbappé, referência técnica da adversária europeia.

Vale ressaltar que, como em outros momentos de repercussão, o conteúdo da *Trivela* se baseia em uma entrevista concedida à *Sky Sports*. Materiais assim são parte da agenda esportiva, que, quando não trata dos jogos propriamente, tem toda uma estrutura prévia e posterior: entrevistas pré-jogo, coletivas, entre outras formas de relatar o que envolve o universo esportivo. Esses recursos acabam por esquentar a pauta, criando expectativa e mantendo o assunto em projeção para o público leitor. É o caso deste conteúdo. Assim, antes de introduzir as falas, de maneira mais direta, o autor inicia o texto fazendo uma espécie de introdução de Shevchenko, ao ressaltar seu currículo, sobretudo com recursos fáticos, remetendo-se a lugares por onde o atacante passou. Algo que pode ser percebido neste trecho:

Andriy Shevchenko foi um dos grandes atacantes da sua geração. Nasceu ainda na época da União Soviética, mas se tornaria uma lenda da Ucrânia e, especialmente, do Dynamo Kiev e do Milan. Fez história por esses dois clubes e ganhou seu espaço no panteão dos craques na memória dos torcedores. Se tornou técnico e dirigiu a seleção ucraniana de 2016 a 2021. Dirigiu o time na Eurocopa de 2020 e agora assiste à Copa do Mundo, enquanto se preocupa com o seu país, em guerra com a Rússia. Ele comentou do badalado duelo entre Lionel Messi e Kylian Mbappé.

A menção à guerra é um tópico que, apesar de estar desconectado do sentido meramente futebolístico, é contextual, pela tensão geopolítica causada. Antes das retrancas, que também utilizam aspas do jogador ucraniano para se sustentar, há um parágrafo para a interpretação do atleta sobre cada seleção. Ressalta-se, por um lado, a liderança e simbolismo de Messi para a Argentina, para quem Shevchenko destaca que “merece uma Copa do Mundo”; e por outro, a emergência de Mbappé com uma forte seleção francesa.

O conteúdo segue com mais avaliações do ídolo ucraniano: sobre Harry Kane e a Inglaterra – provavelmente por conta de a emissora ser britânica; e também sobre a repercussão da guerra com a Rússia em seu país. A finalização do texto se dá com a informação de que, para além de acompanhar o torneio, o

atacante ucraniano aproveita a viagem para se reunir com lideranças políticas para buscar apoio. Neste sentido, as considerações do autor do texto são apenas como forma de introduzir as aspas, sem tanto espaço à interpretação.

O significado proposto é mais simples, por conta de apoiar-se no uso judicioso de aspas e na relevância da personalidade que as fornece. O conteúdo, por se basear em entrevista, não dá tanto espaço à interpretação autoral. O enredo-intriga desta matéria é um tanto difuso. O autor, no entanto, prioriza os envolvidos na final, dando um peso maior à proximidade de Messi com a prateleira daqueles que conquistaram o mundial – porque é a última chance; não como Mbappé, colocado apenas na linha fina e no corpo do material. O texto se encadeia a partir das retrancas com a variedade dos assuntos abordados na entrevista, sem que se siga uma linearidade. O enredo de conflito se dá na interpretação sobre a final que está por vir, manifestando-se de forma indireta, portanto, a partir da expectativa de heroísmo, de quem vai assumir o protagonismo e se superar na conquista da taça.

34) Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina

Figura 42 – Narrativa #34, sobre a final

The image shows a screenshot of a news article. At the top, there are two tags: 'Argentina' in a blue box and 'Copa do Mundo' in a red box. The main headline is in large, bold black font: 'Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina'. Below the headline is a short paragraph in a smaller, grey font: 'Durante muito tempo, Scaloni parecia estar apenas esquentando o banco à espera de um nome mais forte, mas, com humildade e pés no chão, conseguiu entregar à Argentina o que técnicos mais badalados não haviam feito: condições mínimas para Messi e companhia brilharem'. At the bottom left, there is a small circular profile picture of Bruno Bonsanti and the text 'Bruno Bonsanti · Publicada em: 16/12/2022 22:30'. At the bottom right, there is a small icon of a person and the text '11 minutos de leitura'.

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Na sequência, aparece um texto com recortes de crônica e análise, construído de maneira interpretativa por Bruno Bonsanti: “Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina”. A condição

proposta na chamada parece pouco para o que o texto entrega, em um extenso relato sobre a trajetória de Scaloni que, realmente, como indicado, entrou para a história do futebol argentino. De certa maneira, essas considerações são reforçadas pela linha fina, quando o autor propõe contraste e aponta que, por muito tempo, “Scaloni parecia estar apenas esquentando o banco à espera de um nome mais forte, mas, com humildade e pés no chão, conseguiu entregar à Argentina o que técnicos mais badalados não haviam feito: condições mínimas para Messi e companhia brilharem”.

A opção de partida do texto é a condição da seleção argentina em um ano determinante: 2019, quando, nas colocações do narrador, “parecia abandonada”. A construção se dá pelo recurso da analepse: remontando o passado, *La Selección* disputava a Copa América no Brasil com uma comissão técnica “inexperiente e provisória”. O maior craque do time, Lionel Messi, “nunca pareceu tão ilhado, mesmo entre alguns escudeiros de longa data, como Sergio Agüero e Ángel Di María”. Para Bonsanti, era pontial uma “revolução dramática para a Argentina chegar ao Catar como uma das candidatas ao título”. Quando fala do camisa 10, diz que, à época:

Nunca pareceu tão distante de ter condições reais de conquistar a Copa do Mundo. Havia passado dos 30 anos, não havia um simulacro de trabalho coletivo em vigor, ninguém sabia qual era o plano ou sequer se existia um, e o desastre na Rússia sob o comando de Jorge Sampaoli havia deixado cicatrizes profundas.

Depois dessa espécie de prelúdio, o comentário versa sobre “decisões ponderadas e coerentes” que sustentam a condução de um ciclo de Copa do Mundo, entre as quais a escolha de um bom técnico. O tom metafórico proposto pelo autor, então, começa a tomar forma, quando escreve que: “o futebol, porém, às vezes dá risada da nossa cara, e basta que a pessoa certa esteja no lugar certo na hora certa. Foi o que aconteceu com a Argentina, e Lionel Scaloni não tem nada a ver com a condução bagunçada dos bastidores”.

Classificado como “treinador do improvável”, Scaloni tem colocada em torno de si uma aura daquele que não foi escolhido, mas que deu certo, afinal, responsável pela primeira conquista de Copa em 36 anos. No entanto, a ponderação atravessa mesmo as escolhas da federação argentina, com a adjetivação para definir a dimensão do torneio para outro Lionel, o de Rosário: “No fim, não estávamos tão errados porque foi necessário um bom trabalho, feito pelo técnico.

Mas a AFA⁵¹ não pode dizer que sabia o que estava fazendo quando o colocou no comando do grande sonho de Messi”.

Depois, Bonsanti volta ainda mais no tempo. Fala de uma retrospectiva quando, desde 2014, desenhou-se a “tragédia da seleção bicampeã mundial”. Ao enfileirar nomes de ótimos treinadores da safra Albiceleste em clubes, pondera que ao mesmo tempo em que seria necessário se submeter às ordens da federação do país, o futebol de seleções acaba não sendo a prioridade de treinadores da elite. Então, o movimento segue o sentido oposto: o avanço temporal se dá por meio dos parágrafos. Indo até 2018, o jornalista se apoia no estereótipo para construir o relato, falando sobre o estado de espírito do time depois da derrota para a França nas oitavas, de desolação: “desolação porque não parecia haver uma solução, se nem o técnico mais próximo do melhor que eles poderiam contratar havia dado certo”.

Lionel Scaloni, então, integra o relato. Com suporte de muitas informações de base, Bonsanti atravessa a participação do treinador desde o time sub-20, enfileirando nomes que o influenciaram e deram apoio. Mesmo a contragosto da federação, que tinha Mauricio Pochettino como preferido, o autor do texto ressalta que a ideia era que “Scaloni apenas terminasse 2018, com meia dúzia de amistosos. Depois, conduziu a Copa América, sempre com a sensação de que estava esquentando o banco de reservas para um nome mais forte que chegaria a qualquer momento”.

Assim, constrói-se a impressão de que Scaloni sempre foi um provisório, um técnico para “tapar buraco”. O texto, então, volta mais uma vez no tempo, mas vai ainda mais longe, para tratar da carreira de Scaloni dentro de campo. Esses apontamentos podem ser percebidos quando, além dos clubes, Bonsanti ressalta atributos do tempo de jogador do ex-camisa 5. Ganha suporte usando entrevista concedida pelo treinador e referenda o argumento com elementos fáticos, como os números. Essa observação é notável no trecho a seguir:

Natural de Santa Fé, Scaloni começou a carreira no Newell's Old Boys e passou pelo Estudiantes antes de chegar à Europa para defender o Deportivo La Coruña. Era um meio-campista defensivo ou lateral direito difícil de ser driblado que sempre jogava com muita determinação. Passou oito temporadas e meia no La Coruña, com uma participação periférica no título espanhol de 1999/2000. Em 2001/02, fez apenas uma partida na

⁵¹ Sigla para Asociación del Fútbol Argentino.

campanha vitoriosa na Copa do Rei: a final contra o Real Madrid. Foi o clube da sua vida, o qual defendeu 275 vezes e que tem o sonho de um dia comandar, quando sua carreira começar a se afastar do futebol de seleções. “Vou treiná-lo. Tenho isso muito claro. Foi minha segunda casa. Sem o Depor, não teria sido sequer 10% do que sou”, disse, em entrevista à rádio espanhola Cadena Cope durante o Mundial.

Curiosamente, a narrativa composta por Bonsanti destaca que a trajetória de Scaloni enquanto atleta servindo a seleção foi curta: “Fez apenas sete jogos entre 2003 e 2006. É até curioso que estivesse no radar de Pékerman para a Copa do Mundo da Alemanha”. As explicações feitas exploram as opções de elenco que fizeram com que comandantes da Albiceleste preterissem o meia. As escolhas para compor o texto, assim, são orientadas também por declarações do personagem principal, mas não apenas.

O narrador atravessa a carreira de Scaloni e, em dado momento, referindo-se à idade, 28 anos, pontua: “quando a Argentina foi eliminada da Copa do Mundo nos pênaltis, mas a sua carreira ainda estava longe do fim, embora nunca mais tenha decolado”. De fato, ao longo de alguns parágrafos, a opção de Bonsanti é por detalhar as passagens do jogador por clubes, e o pendurar de chuteiras, quando a “transição para a nova carreira foi rápida. Em outubro de 2016, foi incorporado à comissão técnica de Sampaoli no Sevilla, como auxiliar técnico e analista, e o acompanhou à seleção argentina no ano seguinte”.

Entre os episódios mencionados envolvendo Scaloni, se dá em uma “caótica visita da Argentina à Rússia, onde houve rumores de um motim dos jogadores e acusações de que as escalações de Sampaoli passaram a ser influenciadas pela opinião do elenco”. O relato se costura a partir de informações que circulavam nos bastidores da seleção argentina, incluindo uma imagem de Mascherano orientando o treinador, além de mudanças no esquema “para satisfazer os atletas”.

A intercalação com entrevistas ajuda a arejar o relato: ao mesmo tempo em que fornece declarações diretas do treinador – como as dadas à *ESPN* local –, oferece observações em perspectiva. Uma delas versa sobre a paciência de Scaloni em esperar, mesmo que promovido provisoriamente ao comando da Albiceleste, cujo mérito: “talvez tenha sido a humildade. Nunca pareceu interessado em convencer as pessoas de que não era mesmo um profissional inexperiente que estava aprendendo a ser técnico e se concentrou em fazer o melhor possível, com mente aberta a mudanças”.

Então, percebe-se: houve contextualização da seleção. Houve espaço para relatar algo a respeito da carreira como jogador de Scaloni. Também na seleção. Os problemas enfrentados por ela quando o treinador ainda não tinha o comando do vestiário. É neste momento que Bonsanti também demonstra um conhecimento construído sobre as alterações promovidas justamente a partir do período que inicia o relato: 2019, na época da realização da Copa América, com a convocação de alguns medalhões e outras várias novidades. A partir de então, vai se formulando uma representação do significado do papel do treinador – que avançou até o título mundial: “Esse foi o início de um processo importante que Scaloni conduziu porque começou a garimpar talentos que se tornariam importantes durante os próximos quatro anos”.

O espaço, na sequência, oscila: entre declarações que referendam posições do autor do texto e posicionamentos mais interpretativos e particulares, em caráter analítico. Mesmo o discurso do treinador entra em questão por opção do jornalista, que argumenta: “adotou o discurso pés no chão que não mudaria nem em meio a uma longa sequência de invencibilidade ou após conquistas importantes”, dando espaço a uma fala dele logo em seguida. A mescla entre o que ficava aparente e a visão adiantada dos resultados – com a Copa como principal reflexo, ajudam Bonsanti a compor colocações como aquela em que diz: “E foi o que se viu mesmo: a Argentina fez um jogo honesto contra o Brasil na semifinal, mas, ao fim de um torneio fraco, a distância para o grande rival não foi animadora”.

Continua, com o comandante na a conversa: “Havia ficado claro que aquele time ainda estava muito longe do necessário para ser um candidato sério à Copa do Mundo. Mais seguro no cargo, Scaloni arregaçou as mangas e foi ao trabalho”. O relato de Bonsanti é justificado logo depois, quando ressalta a proximidade de Scaloni com nomes lendários do futebol argentino, como José Pékerman, quando “deu uma plataforma para o talento florescer”, tanto de Messi quanto de outros atletas. O viés interpretativo se torna evidente em trechos como o que se segue: “Existe um limite à influência de um técnico de seleções na qualificação do seu elenco. Em última instância, ele depende do material humano disponível. O que pode fazer é estar aberto a integrar novos nomes e fazê-lo de uma maneira segura”.

Mais uma vez, Bonsanti utiliza o vaivém temporal para compor o relato. Se volta, mais uma vez, ao contexto conturbado da Copa da Rússia, em 2018, quando o ambiente “havia ficado muito pesado”. Como por mágica, com a conquista da

Copa América sob o comando de Scaloni em 2021, mesmo o camisa 10 começou a jogar com mais leveza. Na opinião do jornalista: “Parece haver uma missão coletiva clara de correr por ele em troca do que pode fazer com a bola nos pés, uma harmonia entre diferentes papéis e responsabilidades”, algo destacável sobretudo no futebol de seleções, que, para ele, “não permite ideias táticas muito sofisticadas, pelas limitações do trabalho”. Como que numa vitrine, são elencados, então, os títulos conquistados depois que o cadeado foi aberto: “No caso da Argentina, levou-a ao seu primeiro título em 28 anos e a uma sequência recorde ao país de 36 jogos de invencibilidade, além de uma vitória marcante sobre a Itália na Finalíssima entre os campeões da Europa e da América do Sul em Wembley”.

Entrevistas – a outros veículos, vale ressaltar –, no entanto, não são só as de Scaloni. Jogadores como De Paul também são convocados a referendar o treinador. Então, mais uma vez, o texto muda de direção com a troca de parágrafo. Passa a tratar do pano de fundo em que a Argentina esteve até a chegada à Copa do Catar, com uma série invicta de 36 partidas. A referência aos números, que conferem um espaço ao sentido fático do relato, aparecem quando Bonsanti afirma:

A goleada sobre os Emirados Árabes, em amistoso uma semana antes da estreia, foi a 50ª partida de Scaloni à frente da seleção, com 33 vitórias, 13 empates e apenas quatro derrotas, 98 gols a favor e 27 contra. Foram 96 jogadores convocados ao longo do ciclo, segundo levantamento da El Gráfico. Messi, com 26 gols, foi o artilheiro da era Scaloni pré-Copa do Mundo, seguido por Lautaro Martínez, com 21. O craque do Paris Saint-Germain também lidera a tabela de assistências, com 10, à frente de Lo Celso, com nove, e De Paul, com sete. Um panorama bem claro do que foi o trabalho de Scaloni rumo ao Catar.

Só então o autor do texto entra na campanha do Catar propriamente dita. Nota-se, com isso, uma condição relevante nos relatos da *Trivela*. Há, em diversos momentos, uma disposição analítica clara. Também, uma construção narrativa atípica na imprensa tradicional, porque explora condições prévias, panoramas históricos, recorre às carreiras dos personagens em questão e oferece pontos de vista ricos e particulares. Há, também, espaços – voluntários ou não – em que existe uma autorreferência: alguns dos argumentos aparecem, reelaborados, em textos diferentes, o que dá unidade à narrativa integral na cobertura da Copa. Um exemplo se dá na avaliação do autor de que é “natural” em competições como o mundial: “que os times mudem das primeiras rodadas às fases finais, mas Scaloni assumiu o risco de uma permanente transformação. Um risco porque naturalmente seria

culpado pela opinião pública se desse muito errado. O balanço acabou sendo positivo”.

Bonsanti recorre a Messi como um elemento centralizador da desordem na seleção argentina antes da chegada de Scaloni. Isso inclui uma breve aposentadoria do camisa 10 da seleção em 2016, quando a “dor das três derrotas consecutivas em finais foi acompanhada por críticas à organização do time nacional”. Naquele momento, parecia “não aguentar mais”, situação superada com a mudança de ambiente. Por fim, em uma situação repetida em relatos analíticos da *Trivela*, o autor conclui o texto para interpretar o panorama e, ao mesmo tempo, voltar-se ao argumento de abertura. Elencando os feitos de Scaloni, entre renovação, estrutura tática diferente e adaptação aos adversários, argumentos presentes em outros momentos da cobertura aparecem: “Mesmo inexperiente, talvez tateando no escuro, deu as condições para que um grupo qualificado que conta com um dos maiores jogadores da história pudesse se concentrar apenas em futebol no Catar”.

A qualificação ao futebol de Messi pela adjetivação se mostra um instrumento de avaliação, ainda há a criação de expectativa pela partida decisiva, quando se escreve que: “Que não tivesse sido referendado por conquistas tão marcantes, além da que ainda pode vir no domingo, já seria um trabalho excelente do interino que foi ficando, foi ficando, foi ficando e talvez fique para sempre na história da Argentina”.

O texto propõe-se a analisar, mas por vezes parece uma crônica. O autor compõe uma narrativa extensa e complexa: recorre a históricos da carreira do treinador em clubes e seleções, também no banco de reservas. Aponta para o panorama da seleção argentina antes e depois da chegada dele; menciona alterações, formas de pensar, sempre referendadas por falas de Scaloni. A variação temporal, com avanços e retornos, chama atenção, e a construção de significados ressalta o papel de um interino que, colocado de forma provisória, acabou se tornando aquele que levou a Argentina ao primeiro título mundial em mais de três décadas – e dando a Messi e aos companheiros a taça tão desejada.

O enredo-intriga reside – e é construído – pelo improvável: pela presença de um treinador com pouca experiência que foi capaz de levar a Argentina à conquista do mundial. Todo o restante do texto gira em torno deste universo particular. O conflito e a virada da narrativa se sustentam a partir do enredo-intriga, quando Scaloni passa a ser o menos tarimbado, mas, entre os treinadores, o que chega

mais longe e alcança o panteão daqueles comandantes que ergueram a taça da Copa do Mundo. Personifica, ainda que na narrativa aparente ser aos tropeços, a figura de herói – também por conta do improvável – que superou as dificuldades e – à época – apareceu para criar a expectativa de conquista.


35) *Lionel Scaloni: “Temos que desfrutar destes momentos porque é uma partida para a história”*

Figura 43 – Narrativa #35, sobre a final

Copa do Mundo

Lionel Scaloni: “Temos que desfrutar destes momentos porque é uma partida para a história”

Técnico da Argentina, Lionel Scaloni se mostrou emocionado, celebrou o fato de chegarem à final e falou sobre o grupo que se formou na albiceleste

 Felipe Lobo · Publicada em: 17/12/2022 10:39 ■ 2 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Materiais de repercussão se mostram como os mais “habituais” em relação às produções da imprensa esportiva em geral. Não são, necessariamente, o que diferencia a *Trivela* em relação a outros veículos jornalísticos esportivos. Ainda assim, compõem um fragmento relevante da narrativa integral da cobertura, pois além de representarem parte da agenda cotidiana, acabam por aparecer em número considerável quantitativamente. Neste caso, a opção do autor, em um relato mais curto, é explorar declarações do treinador. A dimensão delas é disposta pela escolha de qual fala ressaltar: aquela que torna a partida um momento “para a história”. Como já se mencionou, repete-se o que se vê em outras matérias: com a linha fina representando um resumo do que aparecerá no corpo do texto, tendo no título uma espécie de chamariz.

Uma característica que se apresenta mais de uma vez na construção empreendida pelo autor – e que se repete neste caso – é a de um parágrafo introdutório em que se permite uma presença mais marcada das escolhas do narrador, em uma estratégia que varia entre o efeito de real e o efeito estético

atravessando o caminho da observação. É perceptível pela frase que abre a matéria: “Chegar a uma final dirigindo a Argentina não é fácil”. E cria-se, então, uma oposição entre a inexperiência de Scaloni, interino, em relação aos técnicos anteriores de *La Selección*:

O técnico Lionel Scaloni, o mais jovem técnico da Copa do Mundo de 2022, com 44 anos, mostrou emoção ao falar sobre este momento. Os dois últimos técnicos que levaram a Argentina a finais eram experientes: Carlos Bilardo, que tinha 48 anos quando conquistou o título em 1986, 52 anos quando chegou à final de 1990) e Alejandro Sabella, que tinha 59 quando levou a Argentina à final de 2014. Scaloni valorizou o momento e falou que ele tem desfrutado e espera que os jogadores também desfrutem.

Curioso notar que, após o parágrafo de abertura, Bonsanti elenca frases do treinador entre aspas, mas não faz nenhuma mediação a não ser colocações do tipo “afirmou”, “declarou” ou “disse o treinador”: elas se bastariam por si – sobre o treinador ocupar o lugar que todo argentino gostaria de ocupar; entre o orgulho e o entusiasmo de valorizar o caminho até a final; e sobre a união do grupo de jogadores da seleção comandada por ele. Além disso, o treinador ressalta as origens na entrevista e avalia que o time estava no melhor nível possível para a final. É um texto simples, dos mais diretos dentro daquele formato mais direto – o informativo de repercussão, situação vista pelas escolhas. É justamente a declaração que está entre aspas no título que fecha o relato, não apresentando-se, como no modelo de pirâmide invertida, logo na abertura.

O enredo-intriga é atenuado pela coloquialidade das falas ao mesmo tempo em que ganha valor quando se trata de uma entrevista cotidiana, mas em um momento chave, próximo da final da Copa. A entrevista ganha notoriedade por conta do critério-notícia, a figura do treinador de uma das seleções finalistas. Daí que o encadeamento do material seja feito a partir dos assuntos tratados por Scaloni, apenas como um relato de um evento noticiável, mas sem muito detalhamento além do que se fala.

Mais uma vez, a projeção da entrevista enquanto evento noticiável acontece por conta da expectativa, da projeção de um evento que ainda irá acontecer. Daí que se crie um clima que esquenta o jogo, característico da imprensa esportiva, gerando apreensão daquilo que possa ocorrer – mesmo a partir dos termos escolhidos para orientar esta análise: o herói, o vilão, quem se supera para a glória ou decepciona, e quando se cria a expectativa ou vem a frustração.

36) *Dica antes da final: O excelente especial sobre as histórias de Argentina x França do Futebol Portenho*

Figura 44 – Narrativa #36, sobre a final

Copa do Mundo

Dica antes da final: O excelente especial sobre as histórias de Argentina x França do Futebol Portenho

Das partidas do passado aos jogadores que interligam as duas seleções e ligas, o Futebol Portenho preparou um material bem completo

Equipe Trivela · Publicada em: 17/12/2022 11:23 Menos de um minuto

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Em mais um material que envolve divulgação de uma produção que pode interessar ao público leitor, a *Trivela* – assinando em nome da equipe toda – recomenda um especial do Futebol Portenho, especializado em futebol argentino. Há apenas um parágrafo de abertura, além do título – em que se opta por qualificar o material como “excelente” – e da linha fina – que resume os propósitos do especial: “das partidas do passado aos jogadores que interligam as duas seleções e ligas”. Além disso, conforme o curto material, o especial “também destaca os descendentes de franceses do Campeonato Argentino e as colônias argentinas no Campeonato Francês. Conteúdo riquíssimo que merece a leitura”. Logo em seguida, há um conteúdo incorporado – justamente da página Futebol Portenho no X, antigo Twitter.

O texto é direto e construído com a intenção simples de recomendar o especial ao público leitor da *Trivela*, como um material complementar. O enredo que motiva a narrativa curta é a indicação de um material que envolve as duas seleções protagonistas da final do mundial. O encadeamento é uma apresentação direta do que se aborda no material. A trama de conflito e virada é atenuada por conta de a notícia se voltar à divulgação de um material parceiro, mas que abarca os dois sentidos, entre as possibilidades dicotômicas do esporte. É uma forma de preencher a pauta, mas com obras que, de alguma forma, seguem a proposta editorial analítica da *Trivela*.

37) O esquentando da final: nossos textos especiais sobre o grande França e Argentina deste domingo

Figura 45 – Narrativa #37, sobre a final



Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Com assinatura da Equipe *Trivela*, um material habitual de esquentando para jogos importantes na cobertura da publicação. A indicação do título é que o selecionado é de textos “especiais”, em uma espécie de curadoria na preparação para o “grande” confronto entre *La Selección* e *Les Bleus*. A intenção é orientar os leitores com prévias, segundo eles, “para você chegar afiado para este grande jogo no Catar”. A estrutura se assemelha aos demais materiais com este teor: informativo, de caráter histórico por se remeter a textos de partidas já ocorridas. É, também, e como em momentos anteriores, autorreferente, uma maneira de fidelizar leitores interessados nas narrativas criadas pelos *Trivelistas*.

A construção indicativa da narrativa se dá brevemente no parágrafo de abertura: a Equipe *Trivela* pontua o texto como se elencasse os principais atrativos da final da Copa, dando a dimensão do acontecimento, indicando que o leitor “pode observar a final por vários ângulos e narrativas”. Entre elas, “alguém será tricampeão do mundo. A França tem a chance de ser a primeira a vencer duas Copas consecutivas desde o Brasil de 1958-62. A Argentina, por outro lado, evitaria que seu jejum chegasse a 40 anos”. Depois, um bloco de pontos altos do confronto:

É a oportunidade, a última, talvez a melhor pela bola que está jogando, de Lionel Messi igualar Diego Maradona e engrandecer ainda mais o seu legado. Um duelo entre Messi e Mbappé, que tem total condições de assumir o bastão de melhor jogador do mundo de suas mãos.

Todo este prelúdio precede os títulos dos textos especiais. Os materiais recomendados aparecem em retrancas com os títulos respectivos e um breve resumo do que se trata. Neste caso, todos os sete textos são recentes, e parte da cobertura da própria *Trivela* em 2022: um deles sobre as quatro tentativas anteriores – e frustradas – de Messi conquistar a Copa; a transformação da França de Deschamps, a um jogo da conquista do tri; um sobre Scaloni, o interino que ficou e mudou a Argentina na Copa; um sobre os confrontos entre a Juventus de Platini e o Napoli de Maradona na Serie A italiana; outro sobre o camisa 10 argentino e a transferência frustrada para o Olympique de Marseille; outro sobre o retorno de Trezeguet ao River, para tirá-lo da segunda divisão argentina; e, por fim, um que também faz recomendações sobre quatro textos de arquivo da publicação que recontam o Argentina x França de 2018. Há, também, um hiperlink para o podcast *Trivela*, que discute os desdobramentos e detalha a final. Projeções sobre o que pode ocorrer na partida são a isca para atrair leitores. A dinâmica de conflito/virada deste material em específico acontece principalmente no parágrafo de abertura, em que o autor tem a proposta de instigar o leitor na apreensão sobre a final da Copa indicando textos produzidos pela redação.

38) *A Copa se curva à lenda Messi: nos pênaltis, dramático, contra uma França que não se entregou, a Argentina é campeã do mundo*

Figura 46 – Narrativa #38, sobre a final

The image shows a screenshot of a news article from the website Trivela. At the top left, there is a red pill-shaped button with the text "Copa do Mundo". Below it is a red circular icon with a lightning bolt and the word "Tendência". The main headline is in large, bold, black font: "A Copa se curva à lenda Messi: nos pênaltis, dramático, contra uma França que não se entregou, a Argentina é campeã do mundo". Below the headline is a short summary in a smaller, grey font: "A melhor final de todos os tempos: empate por 3 a 3 depois da prorrogação, com dois gols de Messi e três gols de Mbappé, a Argentina enfim conquista o seu merecido título mundial pela terceira vez". At the bottom left, there is a small profile picture of Felipe Lobo and the text "Felipe Lobo • Publicada em: 18/12/2022 10:52". At the bottom right, there is a small icon of a person and the text "9 minutos de leitura".

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

No texto “A Copa se curva à lenda Messi: nos pênaltis, dramático, contra uma França que não se entregou, a Argentina é campeã do mundo”, de redação de Felipe Lobo, há o primeiro conteúdo que se volta exclusivamente à final após o jogo ter ocorrido. De caráter interpretativo com apoio de perspectiva opinativa também por conta de determinadas construções do autor, o material relativo às partidas, que geralmente tem um teor mais pragmático, neste caso ganha outros contornos, sobretudo por ser a última – e decisiva – partida do mundial.

O aspecto narrativo é evidente pela construção do título, quase que disposto de forma cronológica: Não é mais apenas a Argentina que vence o mundial, mas “a Copa se curva”, além disso, à “lenda Messi”, em claras adjetivações. Nota-se um protagonismo dado ao craque argentino – no ápice de uma construção iniciada logo após a retomada pós-derrota na estreia, e ainda ressalta a valentia de um adversário que “não se entregou”. É uma crônica de jogo (ou um relato de jogo, como preferimos aqui) característica. A conotação avaliativa do autor se mostra também na linha fina, quando pontua: “a melhor final de todos os tempos”. Além de dar o resultado e indicar os gols de Messi e Mbappé, Lobo escreve que “a Argentina enfim conquista o seu merecido título mundial pela terceira vez”, dando a dimensão de quanto esse momento era aguardado – e observando o fator do mérito.

O conteúdo conta com seções determinadas para dividir a narrativa entre abertura, a escalação, os tempos de jogo, prorrogação e pênaltis. A opção do narrador indica o apelo dramático logo no início do conteúdo: escrito para destacar as pausas e enfatizar o aspecto temporal: “Foram seis finais. Duas de Copa do Mundo. Drama, muito drama. Pênaltis. Os mesmos que fizeram a Argentina chorar nas Copas América de 2015 e 2016. Passando pela prorrogação, que fez o país chorar em 2014”.

Há, inclusive, uma menção clara à referência de Maradona, quando o autor constrói um enlace narrativo, unindo o histórico jogador argentino à chegada a mais um título mundial: “Mas desta vez, não havia pudesse tirar o título da Argentina. Nem Deus. Até porque tinha DIOS, lá da eternidade, para fazer valer a sua mística. Passado tudo isso, a Argentina é campeã do mundo pela terceira vez”.

O uso de metáforas e recursos que ilustram os “capítulos” da partida também são identificados, como uma França que foi “enorme” e criou “uma montanha para a Argentina escalar para chegar ao título”. O aspecto emocional é ressaltado tanto pela estrutura das frases, como em: “foi dramático, foi tenso, foi

sofrido, chorado. Mas envolto em lágrimas, os argentinos, enfim, comemoraram” – não sem antes experimentar a “tortura dos pênaltis” –, quanto na adjetivação para descrever o camisa 10 da Albiceleste: “gênio, imortal, eterno”. Essa mesma estratégia se dá quando o autor avalia a final como um todo, entre considerações que se posicionam entre os juízos de valor e a ilustração para o leitor: “Foi um jogo absolutamente incrível. A melhor final de todos os tempos. Foi uma final absolutamente inesquecível. Tecnicamente, emocionalmente, em tudo”. As pontuações também são uma forma de ressaltar as emoções da redação.

Em determinado momento, é proposto um efeito de retardamento e oposição, criando suspense, como se lê: “A Argentina parecia construir uma história de título no primeiro tempo com as cores e a marca de Messi. Foi dele o primeiro gol, foi de Ángel Di María o segundo. Tudo se encaminhava para uma história linda de uma conquista histórica”. Logo na sequência, desenha a oposição, naturalmente vinda da adversária, e personificada pelo principal valor técnico e ameaça à terceira estrela: “Só que a França tinha Kylian Mbappé. Um craque completo, que parecia apagado e não fazia um grande jogo. Mas em poucos minutos, fez a França renascer”.

Essa hipérbole, de renascimento da seleção francesa, com dois gols já perto do fim do segundo tempo desenha uma reviravolta daquele roteiro quase-estabelecido: “O que era uma história de glória da Argentina se tornou um drama, flertando com a tragédia”. Um crescendo com a prorrogação, ainda na primeira retransmissão do texto – com a qual, aliás, era possível ficar sem avançar ao restante sem nenhum prejuízo – quando houve: “Mais drama. Mais chances perdidas. Mais corações quase parando na torcida argentina”.

A narrativa da abertura é intensa, ainda que cronológica. Opera no sentido sentimental, da grandiloquência, mas não se omite de relatar o acontecimento – com doses relevantes de interpretação e efeitos estéticos, como quando se escreve: “Foi preciso pênaltis. Com o coração de cada um dos milhões de argentinos nas mãos, Dibu Martínez brilhou. Todas as dificuldades que apareceram não foram o bastante para impedir o título”. A construção da ideia de dificuldade ganha validade pela extensão do jogo até o clímax dos pênaltis. Lá, um dos personagens de mais destaque em toda a cobertura ganha espaço, em uma construção frasal pontuada para dar ênfase, ao mesmo tempo em que os adjetivos se misturam a aspectos fáticos e uma visão ampla:

O legado de Messi não ficará sem uma Copa do Mundo. A Copa é de Messi, é da Argentina, é o terceiro título mundial dos albicelestes. O mundo é novamente da Argentina. E a história abre as portas para uma das maiores lendas que o futebol já viu: Lionel Messi. Eterno, imortalizado, vivo e pulsando no coração de cada um dos milhões de argentinos, mas não só deles. De tantos milhares de fãs, de torcedores que foram da Argentina neste domingo. O coração de todos eles chorou de novo, mas, desta vez, de alegria. Messi, enfim, tem uma Copa do Mundo.

Seguindo à seção voltada às escalações, imperaram os recursos fáticos, ressaltando táticas e eventuais trocas entre jogadores. Mas logo em um dos subtítulos, uma figura de linguagem: um “atropelamento” dos comandados de Scaloni. Ao longo do relato, nos trechos em que se fala sobre o andamento dos tempos de jogo, prevalecem elementos fáticos: a descrição, detalhada, se baseia nos espaços do campo em que as ações ocorreram, quais os nomes dos protagonistas, os lances e disputas nos quais estavam envolvidos. A narrativa se desenvolve de forma linear e cronológica, diferentemente do começo do texto, que elaborava uma compreensão do contexto da partida – sentimentos, reflexos, reviravoltas – antes de detalhar o conteúdo. Pela importância do jogo, é perceptível que o narrador dedica mais espaço à descrição dos lances, vistos de forma mais minuciosa.

O sentido fático se dá em momentos como o que envolveu Ángel Di María: “Houve um toque do atacante. O árbitro Szymon Marciniak não teve dúvida: apontou pênalti. Messi foi para a cobrança e deslocou Lloris para colocar na rede: 1 a 0 para a Argentina, aos 23 minutos. Sexto gol de Messi na Copa do Mundo”. No primeiro tempo, a compreensão de jogo do autor é atravessada pelo uso de algumas expressões ou frases, como quando indica que “só dava Argentina, que era muito melhor em campo”, ou mesmo que “era um baile da Argentina até ali e o técnico Didier Deschamps resolveu mudar o time”.

Em linhas gerais, o miolo do texto se assemelha a outros relatos de jogo: além de indicar a cronologia dos lances e se amparar em dêiticos mencionando os envolvidos, oferece observações mais amplas sobre o comportamento dos times e os reflexos na condição psicológica da partida: “No segundo tempo, o panorama mudou pouca coisa. A Argentina continuava sendo perigosa quando ia ao ataque. Os franceses pareciam, ao menos, mais intensos fisicamente”. A dimensão psicológica também é abordada brevemente, quando se escreve que a Argentina de Scaloni:

sentiu o primeiro e mais ainda o segundo gol. A França, claro, cresceu demais. A situação era dramática para os argentinos, que perderam completamente o controle do jogo. Emocionalmente, o time da Argentina parecia sem conseguir mais se impor como vinha fazendo até tomar o primeiro gol.

Toma forma também o aspecto emocional e o colorir interpretativo na avaliação do narrador: “O jogo era tenso. Os dois times sabiam que não se podia mais errar. Eram os minutos finais de uma Copa do Mundo, com empate no placar. O que era uma atuação absolutamente impositiva da Argentina tinha se tornado um ensaio de tragédia”. O mesmo ocorria com a observação do comportamento do público argentino e a confiança no seu craque, recorrendo a uma comparação de reflexos físicos: “A tensão argentina era cortante. A França causava um arrepio nos milhares de torcedores argentinos presentes no estádio. Só que a Argentina tinha Messi”.

A retranca que tratava da prorrogação, por conta do aumento de tensão da partida, apostava: “gols e muito drama”. Com a Argentina marcando o terceiro e os franceses empatando, em seguida, o autor usa mais uma vez o sentido figurado, criando um paralelo com os erros da Seleção Brasileira: “A França se recusava a morrer. E curiosamente, a Argentina tomou o gol quando faltavam quatro minutos para acabar a prorrogação, assim como o Brasil”.

A adjetivação também aparece como marca quando Lobo escreve – já ao fim do relato – que “os últimos lances foram absurdos. Kolo Muani saiu na cara do gol em um lançamento que a defesa da Argentina falhou, mas Dibu Martínez defendeu e fez um milagre”. Por sua vez, a descrição das penalidades aparece em tópicos, quase como um ao vivo, até que, antes da ficha técnica, o texto se encerra: “A Argentina caiu em prantos, mas desta vez de alegria: os albicelestes são campeões mundiais pela terceira vez”.

O texto, se observado amplamente toma a importância da ocasião e pede uma interpretação do jornalista, que confere o peso da final e faz, sim, avaliações, ponderações e análises mais curtas sobre o desenrolar da final, sem que comprometa a estrutura do relato. Pelo contrário, essa estratégia ajuda a enriquecer o texto. O enredo-intriga se constrói especialmente pela conquista argentina, mas não só: pela concretização, finalmente, da vitória de Lionel Messi, depois de tantas tentativas frustradas. Há, nesse contexto, uma força opositora, a seleção francesa, especialmente personificada em Kylian Mbappé, responsável por reviver *Les Bleus*

por mais de uma vez. Este embate confere tensão narrativa ao texto, por conta da natureza do ocorrido, até que tudo se resolve. Assim, são diversos momentos em que os pontos de virada aparecem, sobretudo pela configuração do placar. No entanto, o conflito desenhado parece colocar Messi em evidência, junto da conquista Albiceleste. Como resultado de um embate esportivo, há aquele que perde e aquele que vence, mas este relato se volta com cuidado mais à perspectiva de quem venceu, ainda que exista a participação da seleção derrotada. É ela, na verdade, que aumenta de tamanho a realização do time de Scaloni.

39) *Enquanto o destino estava em seus pés, Di María fez a Argentina se sentir campeã – e ele mereceu demais que terminasse assim*

Figura 47 – Narrativa #39, sobre a final

Copa do Mundo

Tendência

Enquanto o destino estava em seus pés, Di María fez a Argentina se sentir campeã – e ele mereceu demais que terminasse assim

Homem de partidas grandes, Di María foi gigante nesta final imensurável e, enquanto esteve em campo, tornou a Argentina muito maior

Leandro Stein · Publicada em: 18/12/2022 10:24

6 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O texto de personagem feito por Leandro Stein traz ao centro do campo um jogador em específico: “Enquanto o destino estava em seus pés, Di María fez a Argentina se sentir campeã”. Mais uma vez, é evidenciada a hipérbole do “destino” da seleção ou mesmo do país – no sentido figurado do campeonato – sob o controle de um veterano da seleção que passou por todas as turbulências recentes. Há toques opinativos, como em “e ele mereceu demais que terminasse assim”. Destaca-se mais uma vez o feito do personagem, “homem de partidas grandes”, “gigante”, numa final “imensurável”. Entra em questão a dinâmica do herói. No começo do

texto, mais uma vez, não há simples informação, mas uma interpretação em perspectiva, com clara demarcação do espaço narrativo – ressaltando a ligação com a ideia de destino:

Há quase 15 anos, a Argentina descobria um predestinado. Um talento destinado a inesquecíveis momentos. As finais nunca pareceram representar um peso a ele. E seria assim, como um jogador de partidas grandes, que Ángel Di María se colocaria entre os maiores da Albiceleste.

Ele, “o responsável pelo grito que os argentinos esperaram por quase três décadas, na conquista da Copa América. Entretanto, Di María merecia uma Copa do Mundo”, depois de três tentativas frustradas, o configurando, agora, como “uma lenda”. O autor, com isso, opta pela figura do merecimento, oferecendo ao leitor uma interpretação da trajetória do camisa 11. Ressalta essa concepção quando reforça a questão do tempo e da angústia sentida pelos torcedores da Albiceleste. Essa dinâmica persiste no seguinte trecho:

Depois de três Mundiais frustrados, das mais diferentes maneiras, essa taça seria a sua. Aquela que ratifica de uma vez por todas o camisa 11 como uma lenda. E que teve, de novo, uma final gigante do Ángel predestinado, mesmo que o destino tenha deixado de depender só de seus pés. A quem tinha indicado que esta Copa seria o ato derradeiro com a camisa albiceleste, o ponta precisou assumir o lado torcedor já a partir dos 64 minutos, quando foi substituído. Por fim, terminaria a decisão como completo campeão, eterno, o que ele tanto fez por merecer.

Como um relato de personagem, Leandro Stein não fica só no trivial. Não se detém apenas à partida da final, mas volta no tempo, com o recurso da analepse. Usa a representação de que a Copa “guia a história de Di María no futebol. Porém, não representava totalmente a importância do craque”. Dessa imagem de injustiça, o autor começa a costurar os feitos do atacante. Desde as desbalanceadas seleções de Maradona e a – um tanto mais – equilibrada de Alejandro Sabella, Di María. Naquele que é entendido pelo autor como o mundial que era pra ser o do atacante, o de 2014, houve um problema depois de uma participação de destaque: “Porém, a lesão sofrida nas quartas de final não custou apenas a continuidade de Di María na campanha, mas as próprias chances de sucesso da Albiceleste”. Com isso, Stein cria a sensação da falta que fez também em 2018 – e valoriza o personagem central como determinante.

A tensão se apresenta como uma tônica porque o autor do texto elenca, então, uma perda de espaço gradual de Fideo, apelido do jogador: em seu último ciclo, viraria um coadjuvante, como reserva em duas Copas América, em 2019 e 2021, já com o treinador atual: “Isso até que viesse a final. Isso até que o destino sorrisse de novo a Di María numa decisão”. A figura do destino reaparece, e o autor ressalta o camisa 11 como homem de jogos grandes, descrevendo o lance decisivo da Copa América com doses de subjetividade e adjetivação, após um “fantástico” domínio: “o sublime toque de Ángel encobriu Ederson e caiu nas redes. A leveza daquela bola tirava das costas argentinas o peso de 29 anos sem títulos, de duas finais de Copa América amargamente perdidas em que ele não salvou. Chegava a hora de voar”. Há aí oposições: leveza, peso; finais “amargamente” perdidas, e a figura de linguagem para representar o momento adequado de Di María desempenhar o que podia.

Depois da perspectiva mais panorâmica, Stein segue com a ideia de “voar”, argumentando que “se a Argentina voou nesses últimos dois anos, é porque Di María também deu asas à sua equipe”. A partir daí, é elencada uma série de partidas, de eliminatórias à Finalíssima⁵², em Wembley, contra a Itália, em um tom intimista, lembrando as mais de “120 partidas pela seleção. Mas, aos 34 anos, Fideo não deixava de ser importante”, encarnando a figura de “melhor parceiro a Messi. O mais brilhante e também o mais decisivo, que nunca se importou em dividir a responsabilidade com Leo”.

Ao passar pela carreira de Di María, Stein se aproxima, então, da campanha no Catar. Ao longo de dois parágrafos, detalha a ideia de teor psicológico de que: “porém, os filmes de outras Copas pareciam voltar à mente de Di María em 2022”. O autor constrói um pano de fundo de tensão à narrativa mesmo neste momento, quando ressalta um período em que as “lesões, sempre elas, voltassem a limitar sua participação nos mata-matas. Os temores de 2014 certamente retornaram à mente do craque. Mas, dessa vez, para escrever um novo final”. O desenho de uma “reescrita” atravessa todas as partidas menos participativas do atacante, mas deixa o brilho para depois, uma vez que “tinha algo a mais guardado ao predestinado na final”.

⁵² Taça conquistada em jogo único, entre os vencedores da Eurocopa e da Copa América.

Aí, finalmente, uma descrição mais detalhada da presença do atacante na partida derradeira: “Tirou os Bleus dos eixos [...] faminto por aquela ocasião”. O autor brinca com a parceria entre Di María e Messi para compor o relato e se apoia também em outras expressões coloquiais para representar a postura dos europeus: “Fideo concedeu a oportunidade para seu grande sócio, Messi, abrir o placar. E diante de uma França nas cordas, era o predestinado camisa 11 quem mais golpeava o moral. Parecia impossível marcar o craque”.

Após sua saída de campo, o autor se volta à perspectiva do título, descrevendo as ações – curiosamente, de um jogador que não estava mais em campo, postura usual de textos mais interpretativos, como crônicas e relatos que envolvem personagens, como é o caso: “No banco de reservas, Di María via o destino escapar de seus pés. Como em outras vezes, precisava confiar nos companheiros. E não seria fácil assistir a tudo apenas sentado, colete nas mãos para esconder o rosto e sequer ver”.

Assim, a perspectiva analítica, ao mesmo tempo que interpreta o desenrolar da partida, qualifica a descrição adjetivando os momentos-chave e construindo uma aura em torno do “predestinado” Ángel: “O coração nas mãos, numa imagem tão sua na comemoração, batia bem mais forte”. Ao fim do jogo, um Di María emocionado, em que “uma das cenas mais bonitas da comemoração foi exatamente o abraço caloroso em Messi, no velho amigo de tantos anos, naquele que sabe tudo o que custou viver aquele momento. Foi uma linda confiança aos olhos do mundo”.

Percebe-se mais uma vez a posição demarcada e presente do narrador com a intenção de ressaltar aspectos emocionais e “de fundo” da trajetória, quase uma jornada do herói. “Nada com a dimensão de uma Copa do Mundo. A Copa que estava destinada a Ángel”, pelo “desfecho perfeito que ele tanto perseguiu”. Ao qualificar Messi como “imensurável” para o futebol argentino, Stein finaliza o relato argumentando que Di María “foi quem se mediu mais perto do gênio. O anúncio de Ángel era o dourado do troféu”.

Nota-se, enfim, que o texto explora as diversas camadas possíveis de um sujeito-jogador, sobretudo aqueles que envolvem a Albiceleste. Desde o ouro olímpico à participação com diversos treinadores, o desajuste, as lesões, a perda de espaço e a retomada em momentos decisivos. O autor elenca todos esses elementos na construção de um relato completo para, só mais próximo do final, se

remeter à partida e, pouco depois, ir além dela, abordando a postura de Di María já fora de campo.

O enredo-intriga se desenrola a partir das provações e das batalhas enfrentadas por Ángel Di María em busca de uma Copa do Mundo. O entorno narrativo criado pelo autor vai dando o cenário de uma carreira de altos e baixos que, por fim, consagra um jogador marcante e decisivo à história do futebol argentino. Interessante notar a postura de proximidade do relato entre o protagonista e Lionel Messi. O encadeamento e as sequências propostas atravessam a carreira do jogador, mas não de forma linear. Vão e vem no tempo, como se dessem determinado ritmo de suspense ao relato. O conflito se dá justamente em todos os desafios e as frustrações na montanha-russa da carreira internacional de Di María.

Com diferentes treinadores e contextos, o jogador apareceu com boas contribuições, se estabeleceu com a camisa Albiceleste, participou de momentos marcantes como o fim do jejum de *La Selección* e a virada apareceu na consagração com a conquista do mundial.

40) *Uma trajetória dramática atinge a apoteose: Messi é campeão da Copa do Mundo*

Figura 48 – Narrativa #40, sobre a final

The image is a screenshot of a social media post. At the top, there are two tags: 'Argentina' in a blue box and 'Copa do Mundo' in a red box. Below the tags is a red lightning bolt icon followed by the word 'Tendência'. The main title of the post is 'Uma trajetória dramática atinge a apoteose: Messi é campeão da Copa do Mundo' in large, bold, black font. Below the title is a short paragraph of text: 'Parecia que a Copa nunca deixaria de ser cruel com Messi, mas, no fim, substituiu o olhar obsessivo do Maracanã pelo carinho de um beijo como a sua imagem definitiva com craque'. At the bottom left, there is a small profile picture of Bruno Bonsanti and the text 'Bruno Bonsanti · Publicada em: 18/12/2022 10:24'. At the bottom right, there is a small icon of a person and the text '6 minutos de leitura'.

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

No texto de Bruno Bonsanti, os ares de “épico” são destacados logo de saída: “Uma trajetória dramática atinge a apoteose”, com Messi campeão Mundial.

Apesar da “crueldade” de edições passadas, como na Copa de 2014, o olhar “obsessivo do Maracanã” para a taça foi substituído “pelo carinho de um beijo como a sua imagem definitiva com craque”. “Não era hora ainda. Mas Messi não aguentava mais esperar. Havia esperado demais. Havia suportado prorrogação e pênaltis porque a Copa do Mundo decidira ser cruel com ele até o último segundo”. Claramente, a proposta é representar o sentimento e o simbolismo que atravessa o que aparenta ser um simples objeto se mostra muito além disso.

As aberturas têm carga subjetiva, pela composição pausada, de sofrimentos e quedas até a consagração com a Copa. Um encontro que parecia impossível: “o troféu do maior campeonato do mundo agora é do melhor jogador da sua geração. De muitas gerações. Há quem diga que de todas elas”. O autor usa, em variados momentos, de recursos como a ironia para falar sobre a trajetória Argentina, em especial do camisa 10, quando admite:

Que este texto não se torne mais um Pelé x Messi, mas os entusiastas do argentino receberam o último argumento. O legado de Messi não estava em jogo no sentido de que seria menor se em vez de Emiliano Martínez defender um pênalti tivesse sido Hugo Lloris. Mas era uma possibilidade de engrandecê-lo com o título que faltava, o título que ele sempre buscou. Fechou a conta com duas finais de Copa do Mundo, 13 gols, o quarto maior artilheiro da história da competição ao lado de Just Fontaine, e duas vezes eleito o craque (mesmo que a primeira seja bem contestável). Nada mal para quem passou a carreira criticado, às vezes com razão, por não comparecer em Mundiais.

Assim, é notável a perspectiva de um autor que se coloca ao lado do público no gesto de interpretação. Na sua leitura particular, constrói a opinião, mas a contextualiza e interpreta, de forma a oferecer uma série de ponderações características deste tipo de texto, com um personagem. Um personagem que, na sequência do relato de Bonsanti, aparece como protagonista “sem espaço para contestações”, já que a campanha, na avaliação do jornalista, “vai além dos números”. Com a representação de que Messi carregou os companheiros de time durante a Copa, sobretudo apesar das instabilidades emocionais, teve “frieza e cabeça” quando necessário, sendo um líder, algo que dele era exigido. A ênfase se dá quando o autor escreve: “A Argentina não foi campeã com Messi. Foi campeã por causa de Messi, e esse é o reconhecimento mais importante para o espaço que essa campanha terá em sua carreira”.

Mais uma vez usando a ironia, Bonsanti relembra críticas de Jorge Valdano a Messi após derrotas consecutivas. “Não cantava o hino? Não jogou no futebol argentino? Tinha uma personalidade fria? Não havia sido campeão com a seleção? Talvez o crime fosse não ser Diego Maradona”, com a resposta, uma “confirmação final que Messi não precisa sê-lo para ter um espaço similar no coração dos torcedores. A Argentina é grande o bastante para ter mais de uma igreja”. Passando pelas barreiras enfrentadas pelo craque, como que o colocando num divã, a perspectiva do texto é de reflexão sobre um “processo longo e tortuoso de aceitação”, no qual:

Parecia que Messi precisava provar suas raízes constantemente, que era mesmo argentino, não era catalão, ou espanhol, o que não é natural para alguém com uma personalidade mais retraída. Conseguiu dar a evidência definitiva quando foi mais humano, ao se aposentar da seleção porque a dor de três derrotas consecutivas em decisões havia sido profunda demais. Como se tivesse que se machucar para provar que estava vivo.

A narrativa emocional é ao mesmo tempo contestatória, com base no desfecho aguardado pela comunidade que acompanha o esporte, uma das pedras a serem retiradas da carreira recheada: “A parte mais saborosa da vitória no Catar é que Messi não precisava mais de perdão”, com o atacante tendo mesmo espaço para se “divertir”, e “desfrutar” com “leveza”.

Nos parágrafos seguintes, a interpretação do autor ganha espaço para falar das características e da dificuldade de outros mundiais, entre técnicos e plantéis, em que a Argentina de Messi esbarrava, na competição que “oferece poucas chances para os jogadores disputarem-na no auge da mistura entre capacidade física e maturidade”. Têm prioridade, neste momento do texto, os sentidos de real, propostos por elementos fáticos. Neste sentido, olhando para a carreira do jogador em panorama, o autor indica o avanço da idade de um atacante com “as cicatrizes das três finais perdidas e da breve aposentadoria”, com tropeços que aumentam a tensão narrativa.

A proposta, quase como se o tempo de Messi estivesse se esgotando com o desenvolvimento dos parágrafos, é eficaz na criação de um efeito de urgência no texto. Isso se ressalta nas menções que faz à Copa da Rússia, quase que num jogo a jogo de mais uma tentativa frustrada do camisa 10. A proposta de tensão na

construção narrativa toma corpo também com a série de questionamentos empilhados pelo autor, neste trecho:

No geral, o que pudesse dar errado para Messi na Copa do Mundo daria, e tantas vezes no Catar pareceu que a história estava se repetindo. A última chance de Messi terminaria por causa de uma derrota para a Arábia Saudita? Porque a Austrália reagiu do nada nos minutos finais? Porque um lateral australiano quase fez um gol à Maradona? Porque a Holanda forçou a prorrogação com um gol em cobrança ensaiada de falta? Porque a França reviveu em um jogo que parecia resolvido? A mágica, porém, é que a Copa do Mundo finalmente resolveu que queria ser de Messi. Além de méritos táticos e técnicos, Messi foi campeão porque todos os cenários que antes quebravam contra ele passaram a quebrar a seu favor.

Uma forma de exaltar o ápice, mas que parecia se repetir com a derrota logo na estreia do mundial do Catar, e os demais percalços elencados por Bonsanti, até a final contra a França, “como se toda a história de Messi em Copas do Mundo tivesse sido condensada no final insano de um dos maiores jogos de todos os tempos”. Na narrativa que, nas palavras do próprio autor, se modificava em tempo real, Messi “decidiu que sairia como herói”: Mas tudo correu bem para a Albiceleste, depois de Messi carregar a seleção, coerente com a forma caótica com que tudo se desenrolou: “Precisava do drama para atingir a apoteose” [...] “É difícil defender que não é melhor que seja assim”.

O texto tem caráter de crônica e aposta em um personagem central. O relato se constrói tanto em retrospectiva da carreira de Messi pela Argentina em Copas quanto do entendimento de que ele tinha no torneio sua maior ambição. A construção de significado que prevalece é a de um percurso dramático, cheio de provações, quase desistências, mudanças de rota, variados técnicos e frustrações em outros mundiais até que chega o Catar e vem a redenção.

O enredo-intriga é evidenciado já pelo título, quando o autor dispõe o drama e a apoteose como elementos centrais para a consagração de Messi com a camisa Albiceleste. Toda a construção é feita a partir dessa proposta, e evidencia os feitos e as barreiras derrubadas pelo camisa dez até a conquista do mundial. Por outro lado, o conflito se dá nos embates enfrentados por Messi na tentativa de conquistar uma Copa, e a virada se dá justamente no Catar. Com isso, Messi assume a posição de herói só depois de ser o vilão da própria história; se supera depois de passar por muitas decepções e cumpre as expectativas depois de muito se frustrar.

41) *Dibu Martínez foi o tapa penales, o devorador de mentes e o porteiro do céu albiceleste negado à França com seu milagre*


Figura 49 – Narrativa #41, sobre a final

Copa do Mundo

Tendência

Dibu Martínez foi o tapa penales, o devorador de mentes e o porteiro do céu albiceleste negado à França com seu milagre

Emiliano Martínez não se limitou ao folclore do "tapa penales" de outras Copas da Argentina, mas se mostrou como um goleiro extremamente técnico e decisivo nos momentos de maior provação - o que Kolo Muani percebeu

 Leandro Stein · Publicada em: 18/12/2022 14:20 6 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

No próximo texto, Stein exalta um personagem: o goleiro Emiliano Martínez, além de um defensor de pênaltis, um “devorador de mentes”, “porteiro do céu”, convenientemente Albiceleste, e responsável por um “milagre”, impedindo o acesso da França ao Olimpo. A proposta que se desenha é a de uma hipérbole do sentido emocional e psicológico imposto pelo arqueiro aos seus adversários na partida decisiva. Além disso, também há a indicação de uma relação com as cores, em que prevaleceu o albiceleste do céu diante de *Les Bleus*. O uso da expressão “tapa penales”, em espanhol, estabelece outro vínculo, na linha fina, para se referir ao goleiro que consegue se sobressair com os opositores na marca da cal, em um momento de vulnerabilidade.

O começo dos textos tem características semelhantes, de caráter interpretativo, que realçam a carga dramática, invariavelmente, como em: “Um lance basta para mudar o desfecho de uma partida. Um lance basta para que se conte outra história ao final de uma Copa do Mundo”. Usando da posição do espectador, quando “se sentia o desgaste do sofá”, Leandro Stein destaca o potencial transformador de um lance decisivo. Intercalando recursos fáticos para dar ênfase ao feito, como ressaltar o “123º minuto” de jogo, acréscimos estourando, com uma

chance “cristalina” a se oferecer, com Martínez se impondo contra Kolo Muani. A adjetivação e a variação de vocabulário ajudam a construir a narrativa dando intensidade e ênfase a ela.

Além disso, o autor envolve o lance na mística futebolística, colocando frente a frente os dois protagonistas do lance mais agudo da partida mais aguda do futebol de seleções. Ressalta que o francês Randal Kolo Muani teve “a bola que qualquer jogador profissional gostaria, que qualquer menino sonha. E ele fez o certo, num chute forte que tentou tirar do goleiro. A bola da vida de Emiliano Martínez, numa defesa do tamanho do mundo, do tamanho de uma Copa do Mundo”. Ao tirar o peso do atacante, o autor também exalta a dimensão da defesa em mais uma expressão hiperbólica, superlativa. E depois, nos pênaltis, “ao alcance das mãos de Dibu”, “onde ele se sentiu à vontade o suficiente para entrar na mente dos franceses e, finalmente, fazer a Albiceleste tricampeã”.

O texto, que começa com uma interpretação do contexto do jogo, passa pela trajetória da seleção e do jogador, passo a passo. Recorre à analepse depois do parágrafo de abertura quando se remete às últimas décadas, em que a história “não era necessariamente de grandes goleiros”. Menciona-se Ubaldo Fillol, guarda-metas de 1978, entre outros nomes, mas a constatação, ou avaliação de Leandro Stein, é a de que “os heróis no gol argentino tinham mais de folclore do que necessariamente de confiabilidade”. O gancho, quando o assunto chega a Emiliano Martínez, é o chavão de que um grande time começa por um grande goleiro: “Porém, está mais do que claro, um bom goleiro ganha campeonatos. E foi isso que Dibu Martínez provou à Argentina desde os seus primeiros momentos pela seleção”.

Esse trecho serve de elemento agregador, no sentido de que no parágrafo seguinte, Dibu aparece como opção, em 2021, diante da carência da Albiceleste na posição. O autor recorre a um pano de fundo histórico, oferecendo ao leitor fragmentos de toda a carreira de Martínez, desde a base, a uma série de empréstimos, até que “foi o momento não apenas de ganhar sequência nas convocações, depois de chamados esparsos pela seleção adulta desde 2011, bem como de ganhar mais chances como titular” já aos 27 anos, idade considerada um tanto tardia para um jogador de futebol profissional. Do Aston Villa, na Premier League, à titularidade na meta da seleção argentina na Copa América. É nesse momento que Stein demarca como uma virada de chave da narrativa.

Em uma “transfiguração da Argentina como uma verdadeira campeã” já na Copa América no Brasil, em 2021, o autor pontua o crescimento de Dibu e o aumento das convocações, como confirmação, com atuações decisivas. Além disso, o autor reforça a retomada do goleiro quando afirma que “cada vez mais, Dibu também provava que era mais do que o folclore do arqueiro pegador de pênaltis. Virou imprescindível ao sucesso do time de Lionel Scaloni”. A postura de interpretação e avaliação dos acontecimentos pelo jornalista se torna clara, sobretudo.

O destaque dado por Stein, como não poderia deixar de ser em um texto de personagem, seguia não só Martínez, mas também o sentido psicológico, como quando se diz que: “a confiança também passava por um goleiro que não deixava o time tão vulnerável. Quando necessário, Dibu Martínez estaria lá”. Esse foi o gancho para falar de outras competições até a chegada do mundial. Há, inclusive, uma menção ao sentido construído no título da matéria. Se o goleiro entra na mente dos adversários, é porque em algum momento também precisou de suporte. Como quando sofreu após a derrota na estreia da Copa, para a Arábia Saudita e:

Duvidou de si. E por isso foi tão importante recorrer aos serviços da psicóloga da delegação. O goleiro reconheceu publicamente isso, depois de já ter admitido antes que o acompanhamento psicológico ao longo dos últimos anos o tornou melhor. Por mais que ele seja o jogador que inferniza a mente dos adversários, também precisa de apoio. Encontrou esse apoio durante o Mundial e se encontrou na sequência do torneio.

Desde os grupos até a fase final, chega à partida derradeira em uma construção que, primeiro, fisga o leitor, depois dá informações complementares, e ganha mais um ápice narrativo ao final. Na breve contextualização das intervenções do camisa 23 durante a Copa, destaca-se aquela que referenda a construção (propositalmente hiperdimensionada, de forma a valorizar as valências) dele como um pegador de pênaltis, nos mata-matas: “Mas os pênaltis são a sua casa. A mansão que aluga na mente dos cobradores, como fez diante de Virgil van Dijk e Steven Berghuis logo nos dois primeiros tiros holandeses. O caminho se abria”. Percebe-se, com isso, além do embasamento em recursos fáticos e dêiticos mencionando jogadores e a ocasião de jogo, as figuras de linguagem, que fazem uma comparação pelo conforto do guardador da meta nos momentos mais tensos.

Afinal, “o enredo da partida em si levava à taquicardia”, nas palavras do

autor. Com Dibu tendo ainda que enfrentar o terror de levar outro empate, segurar a pressão da prorrogação até a marca da cal. Precisou ser vencido três vezes com bola rolando para “se impor no lado vencedor”, especialmente no “18º minuto do segundo tempo da prorrogação”, quando fez a defesa que garantiu as cobranças de pênaltis: no lance decisivo, Stein opta por uma descrição extremamente detalhista, como se quisesse colocar o leitor dentro do jogo ou, pelo menos, desenhar na cabeça o lance, resgatá-lo na memória do público: “Ali, foi o porteiro que barrou a entrada dos franceses nos celestes céus – logo albicelestes”.

O aspecto psicológico e o retrato particular seguem no relato sobre os pênaltis, em que o autor aponta que “os argentinos nem se preocupavam. Hugo Lloris pode ser um grande goleiro, recordista, capitão. Não é um demônio da marca da cal como Dibu”. Um demônio, na representação indicada ao personagem, capaz de “devorar o cérebro” dos adversários, provocando, dançando a cada defesa, e fazendo com que os batedores adversários vissem “gol muito menor, o goleiro muito maior” – na intenção de dimensionar de modo figurado o ocorrido: o “bicho-papão tinha tornado a noite dos Bleus em pesadelo”. Toda a narrativa, então, é proposta a partir do sentido de que Martínez venceu o duelo mental. O desfecho do texto fecha a cronologia evidenciando a escolha justa de Martínez como melhor goleiro da competição:

Não surpreenderá se, nas casas ao redor do país, as crianças com medo do escuro receberem um retrato do goleiro para colocar sob as suas camas. Dibu estará pronto para entrar na mente e intimidar qualquer monstro, inclusive aquele que afastou os albicelestes do topo do mundo por 36 anos.

Além de personalizar a narrativa, este material em específico flerta com a crônica, mas o autor utiliza diversos recursos narrativos para compor o texto, sobretudo quando estabelece uma representação do goleiro a partir do ponto de vista mental: como um devorador do psicológico dos adversários, um bicho papão e uma série de outras figuras, para ilustrar a pertinência das atuações do arqueiro nos pênaltis. Antes disso, o relato se ampara na carreira e nas situações pelas quais Martínez passou, desde clubes até a consolidação na Seleção e a chegada da Copa do Catar, de forma factual. Em alguns momentos há essas colocações, mas os recursos fictícios prevalecem, de forma geral, nesta narrativa determinada.

O enredo-intriga é composto a partir da decisão por pênaltis e da defesa indispensável de Emi Martínez ao terceiro título mundial da Argentina. Todo o restante de informações complementares sobre o jogador representa isso: um complemento. Mas a motivação do texto é o sentido psicológico que o arqueiro impôs aos adversários para contribuir na conquista do mundial. A virada do conflito apresentada pela narrativa se dá no limite da prorrogação, mais que nos próprios pênaltis que levaram a Argentina à conquista. Por conta da dimensão, do momento francês, que era melhor, e da tomada de decisão no lance um para um, em que defendeu um chute à queima roupa do atacante adversário, que poderia consolidar o título francês.

42) Com ou sem emoção? A Argentina fez uma campanha em que sempre optou pela via mais dramática

Figura 50 – Narrativa #42, sobre a final

The image shows a screenshot of a news article. At the top, there are two tags: 'Argentina' in a blue box and 'Copa do Mundo' in a red box. Below the tags is a red lightning bolt icon followed by the word 'Tendência'. The main title of the article is 'Com ou sem emoção? A Argentina fez uma campanha em que sempre optou pela via mais dramática' in a large, bold, black font. Below the title is a subtitle: 'A Copa do Mundo da Argentina foi teste para cardíaco, como diria o agora aposentado Galvão Bueno'. At the bottom left, there is a small profile picture of Bruno Bonsanti and the text 'Bruno Bonsanti · Publicada em: 18/12/2022 10:22'. At the bottom right, there is a small icon of a person and the text '5 minutos de leitura'.

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Em mais um dos materiais que se voltam a analisar a trajetória da campeã, Bruno Bonsanti constrói a argumentação com base na dramatização da campanha Albiceleste rumo ao tri se voltando às características culturais da Argentina: “a seleção que representa um país que vive o futebol à flor da pele não poderia ter uma campanha chata. Talvez, porém, não precisasse ser tão dramática assim”, com a final sendo apenas o “exemplo mais contundente”. A representação dramática não deixa de ter uma ligação com o estereótipo, de certa forma. Ao longo da campanha,

lembra o autor, a derrota no primeiro jogo deixou o time “constantemente à beira de um colapso nervoso”, diferentemente do que foi visto em apenas duas partidas “em condições normais”. De repente, “os outros ou começaram tensos ou se tornaram diante da primeira adversidade”.

O ambiente de tensão vai tomando forma desde o início, a partir da estreia com derrota. Naturalmente, quando as fases avançam, a pressão e a ansiedade aumentam, mas na proposta do texto ganham contornos ainda mais evidentes, ressaltados pelo narrador, como no exemplo: “De repente, foi um sofrimento para segurar a vitória contra a Austrália. De repente, a Holanda conseguiu forçar a prorrogação com um gol... diferente. De repente, a França também conseguiu forçar a prorrogação em um jogo que parecia morto”. A repetição é uma forma de ênfase, e também uma indicação de por quais caminhos a leitura deve ser feita.

Com o apoio de vídeos dos lances representativos, o autor passa pelo jogo a jogo fazendo pequenos resumos que confirmam a hipótese, como o relato da estreia, com derrota: “Se a Argentina tinha um plano, ela o esqueceu completamente. Entrou no modo desespero”, que levou “a um estado de emergência”, em que não se podia mais errar. No duelo contra o México, portanto, “raras vezes em um jogo de futebol a tensão era tão palpável. Parecia física, como se fosse um cheiro ou uma âncora”. O autor ilustra, cria referências, ajuda a representar a importância da partida por meio da hipérbole. Mesmo com parágrafos mais curtos e intercalados, o autor consegue relacionar as partidas, algo que pode ser percebido no trecho abaixo, recheado de suspense:

Aquela derrota deu início a um estado de emergência na seleção argentina. Uma derrota para o México significaria a eliminação. Significaria o fim da história de Lionel Messi em Mundiais após dois jogos. Um time que chegou ao Catar entre os favoritos, prestes a igualar a maior invencibilidade do futebol de seleções, seria um dos primeiros eliminados. O técnico Lionel Scaloni tentou suavizar o peso do momento em suas entrevistas, mas ele estava muito claro no estádio de Lusail – o mesmo da final da Copa do Mundo.

Nas demais fases, a perspectiva seguiu, com pequenos artifícios interpretativos para cada uma das partidas. Contra a Polônia, “a Copa do Mundo mal havia completado uma semana de vida, e a Argentina já fora do inferno ao céu. Aqueles dois jogos reiniciaram a sua campanha, e bastava vencer [...] para avançar às oitavas de final”. Há, portanto, amparo em recursos factuais, que procuram dar

efeito de real, mas ao mesmo tempo tópicos que constroem efeitos de sentido, com recursos fictícios. Um recurso comum, nestas descrições, era, antes de tratar dos lances decisivos, fazer uma breve introdução: “Havia ficado claro na fase de grupos e mais claro ainda contra a Austrália: a Argentina estava com uma propensão a perder a cabeça diante da primeira adversidade”.

Bruno Bonsanti também propõe suspense pouco adiante, quando sinaliza, na semifinal, quando a Albiceleste abriu 2 a 0 contra a Croácia: “como descobriria nesta Copa do Mundo, porém, esse é um placar bastante perigoso. Não chegou a sofrer e uma jogada maravilhosa de Messi ainda terminou com o terceiro gol, também de Álvarez”. Essa estratégia ficou ainda mais evidente quando se trata da final, contra a França. Em momentos variados dessas micronarrativas, Bonsanti varia entre “a final foi uma história à parte. Está entre os maiores jogos de todos os tempos pelo enredo e pela importância. A Argentina estava com tudo sob o controle”, quando largou na frente.

Até que, com a reação francesa, faz intercalações com as ocorrências da partida, descrevendo e, ao mesmo tempo, propondo considerações particulares, como adjetivar momentos da partida e usando da hipérbole: “De repente, do nada, do absoluto vazio, tudo mudou [...] Ninguém poderia imaginar que a Argentina terminaria o jogo rezando por uma prorrogação. O negócio ficou ainda mais maluco no tempo extra porque o jogo ficou frenético”. Até a finalização, quando o caráter interpretativo se torna evidente: “Usam muito o tango como metáfora para descrever o futebol argentino, mas essa Copa talvez tenha sido uma ópera”.

O texto é diferente dos demais pelo suporte dos vídeos, mas não abre mão da descrição dos lances e do indicativo por um olhar mais particular do narrador. Os significados que se sobressaem na narrativa são aqueles pautados pela tensão, pelo nervosismo e pelas surpresas que, não bastassem ser ressaltadas por partidas de futebol, são aflorados pela seleção argentina durante a Copa. O enredo-intriga se baseia nessa condição: a de uma campanha construída à base da dramaticidade, em que os jogos que pareciam simples tomaram outro caminho e se complicaram, apesar de um final feliz. Essa tônica está presente em todos os momentos deste relato. Claramente, a perspectiva é positiva: entre heroísmo, superação e expectativa, sobretudo diante de uma campanha que asseverou o aspecto sentimental - não só da torcida, mas da comissão técnica e dos jogadores com os desafios enfrentados na campanha.

43) *A Copa do Mundo também é uma conquista da devoção argentina: por Diego, por Messi, pela razão de ser torcida*

Figura 51 – Narrativa #43, sobre a final

Copa do Mundo

Tendência

A Copa do Mundo também é uma conquista da devoção argentina: por Diego, por Messi, pela razão de ser torcida

Acima de tudo, o Mundial albiceleste tomou forma como uma profissão de fé - nas ruas, nas arquibancadas

Leandro Stein · Publicada em: 18/12/2022 14:20

5 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Em uma narrativa de postura opinativa e interpretativa, Leandro Stein constrói uma crônica que remete não apenas ao campo, mas à ligação com a torcida da Argentina. A chamada é como uma afirmação interpretativa ultrapassando as linhas da informação: traz ao centro do debate, com a conquista, a “devoção” por Maradona, por Messi, mas também “pela razão de ser torcida”. Confere, assim, um ponto de vista que, ao mesmo tempo, convoca uma divindade da Albiceleste, um craque geracional que acaba de adentrar este Olimpo e, também, aqueles que são motivados por este sentimento fora das quatro linhas. Esse sentido de sagrado é ressaltado quando, na linha fina, se lê: “Acima de tudo, o Mundial albiceleste tomou forma como uma profissão de fé – nas ruas, nas arquibancadas”.

Como de costume, as crônicas da *Trivela* começam com um realçado traço literário, neste caso ressaltando o sentimento de pertencimento: “O futebol, para o argentino, é uma devoção. Torcer é uma razão de ser”, desde os clubes, diz o autor, mas ganhando contornos diferentes com a seleção, que, quando “joga, porém, os limites se expandem. O que era o bairro se transforma em todo o país. E o garoto do *potrero*, aquele que encanta quem passa na rua e o vê desfilando no campinho de

terra batida, é incorporado com a 10 albiceleste nas costas”, já que “o futebol argentino é aquele que se vive com a alma”.

O destaque se volta a uma representação mais generalista do povo argentino, jogando com recursos de linguagem e com situações que remetem à memória: vai, da fibra da “gente de Diego”, a “um novo garoto do *potrero*. O menino prometido, messiânico, que, de novo, explicou ao mundo de que fibra é feita a sua gente e qual o tamanho de sua devoção”. A construção narrativa é de intimismo, de intensidade, de ênfase aos aspectos que calcam a cultura futebolística argentina, tomando forma em texto. Vale ressaltar, também, que a Argentina tem um entendimento de torcida diferente mesmo quando se fala em América do Sul. É um sentimento de pertencimento, de paixão e dedicação.

Leandro Stein argumenta que a campanha argentina no mundial ultrapassa as quatro linhas: “Acima de tudo, o Mundial albiceleste tomou forma como uma profissão de fé – nas ruas, nas arquibancadas”, em uma inabalável certeza que mobilizou “dezenas de milhares de devotos”, que foram ao Catar. “Pareciam pressentir que esta era realmente a hora”.

Da torcida, o autor trata do retrospecto da seleção, por 29 anos com um jejum de conquistas, terminado com a Copa América, com uma “penitência da qual a Albiceleste finalmente se via livre”, algo que reverberou entre os torcedores e “no peito dos jogadores”: “Guiados pelo menino do *potrero* é que poderiam ver a luz: o brilho da tão sonhada Copa do Mundo”. A dimensão de unidade formulada pelo autor do texto vai se estruturando de forma cada vez mais realçada conforme o texto progride. Por exemplo, quando fala do principal jogador da seleção, Lionel Messi:

A fé dos argentinos tinha um mantra: Messi precisa ganhar uma Copa do Mundo. Por tudo o que representa, por todo o bem que faz ao futebol, por tudo o que significa aos argentinos. E se antigamente muitos o viam como o garoto dos campinhos artificiais da Catalunha, o tempo tratou de mostrar como aquele menino ralou muito o joelho nos *potreros* de Rosário, onde também não se cansou de levantar poeira para driblar os adversários. Não eram só os torcedores que esperavam ver Messi lá no alto, porque se identificavam com ele. Eram os próprios jogadores, torcedores a mais que se encantaram com o 10 ao longo da vida e sabiam como somente a conquista da taça faria jus à sua história.

A ideia da devoção se volta à figura de Maradona como um ídolo, um talismã na procissão que contava com o “velho diez”. Mas que para a torcida Albiceleste, nas colocações do autor, não precisa de provas materiais, “como o deus que, feito

homem, mostrou o caminho do ser argentino através do torcer. A essência que os regeu por tanto tempo em sofrimento para transformar-se, agora, em alegria”, no relato com marcadas características interpretativas e com estratégias recorrentes em conteúdos de teor mais literário, como a crônica.

Algo que pode ser percebido no seguinte trecho, reforçando que seu legado seria “transfigurado em outro garoto do potrero, ainda com a 10 às costas”: “Não ter mais Diego na terra para inspirar toda aquela jornada era um pesar. Porém, o argentino devoto é aquele que imagina que Diego não morreu, mas que ascendeu aos céus. Que olharia pela albiceleste para a caminhada no deserto enfim cessar”. A construção da imagem de idolatria para Maradona, espelhada em Messi, é evidente na comparação proposta, com a representação de um deserto para indicar a seca de títulos.

Na interpretação do jornalista, com o passar das partidas, “mais e mais gente” juntou-se à espera da hora da redenção. Essa expressão, repetida, é usada como uma forma de enfatizar a multidão em culto. Na Copa que, segundo o artifício, “não se joga em um só lugar”, está nas ruas, nas arquibancadas, de qualquer lugar, como “templos dessa religião chamada futebol”, suportando os “ritos” que duravam de 90 a 120 minutos. Das tribunas, o envolvimento fazia o time “também jogar mais nessa liturgia cantada”, com músicas que “grudavam na mente”. Nos sete passos que representam as partidas, seguiu o tom: “vinha uma nova comunhão, elenco e torcida”. Essa posição pode ser notada quando se escreve que:

E ao final de cada um desses sete passos, vinha uma nova comunhão, elenco e torcida. Nas comemorações diante das arquibancadas, a própria equipe de Lionel Scaloni escancarava ao mundo do que era feita, a quem pertencia, qual a sua fibra. Em tantos momentos, os jogadores não diferiam em nada dos torcedores. Inclusive os ex-atletas da seleção, que deixavam isso ainda mais expresso na hora de vibrar. Ninguém se via necessariamente como um imortal para se afastar de sua gente. Acima deles, afinal, só Diego. Estavam mais empenhados a elevar Messi a esse pedestal.

A narrativa se alimenta de um estágio de conforto confrontado pelo incômodo e pela mudança de direção; é coerente com a proposta do autor, já que: “por fim, o ato final dessa epopeia teria doses cavалares do que é o mistério do futebol: a emoção do imprevisível. Do que é o torcer à flor da pele. De como o argentino se entende, se sente, se vê espelhado na seleção”.

Para Stein, um destino parecia escrito, “mesmo que as tentações botassem a fé à prova”, com a imagem derradeira de Messi “com a taça no mais alto dos céus. No mais perto possível de Diego”, até a “volta messiânica de Messi” para as comemorações com seu povo. Conclui-se o texto ligando ambos os jogadores: “Neste momento, resta esperar algumas horas e imaginar o que será do novo menino do potrero, 10 e faixa, a se eternizar. A devoção já é dele. Neste domingo, todas as preces se tornaram realidade. A Copa do Mundo também é dele”.

Com frequência, são articulados variados recursos narrativos, entre os quais um vaivém cronológico – que alterna entre um início de texto bastante subjetivo mesclado com escalações, trajetórias da seleção, de jogadores, torcida e demais envolvidos. O contexto das temáticas também é um elemento marcante, especialmente quando mesmo os conteúdos meramente descritivos aparecem de forma detalhada, com arremates que, de certa forma, conferem pesos emocionais que enriquecem e diferenciam a matéria da narrativa, em um momento como a Copa. Com uma trinca, a *Trivela* pavimenta o drama e a apoteose no tri da Albiceleste.

Como se disse, o texto tem uma construção das significações embasada em um modelo de crônica. Por isso, Leandro Stein abusa da liberdade criativa e interpretativa para se voltar a um sentido cotidiano da participação da torcida como elemento relevante do futebol. Não apenas a menciona, mas conecta aos seus ídolos, dando a dimensão de religião ao relato, com divindades, ritos e tudo mais que envolve essa dinâmica compondo a maioria do relato. A ideia que prevalece, então, é a de que esse universo sagrado se manifesta entre a torcida e seus grandes nomes, presentes na história.

O enredo-intriga se constata, nesta narrativa, a partir do sentido de sagrado, de religião. A sequência e o encadeamento do texto são orientados por essa questão primordial, como forma de representar os sentimentos e formas de se comportar da torcida argentina, que personifica o legado de Maradona e ratifica a entrada de Messi no panteão dos vencedores de Copas do Mundo. O conflito-virada, por isso, se dá nas provações e nas dificuldades enfrentadas pelo time capitaneado por Messi dentro das quatro linhas e pela torcida fora delas. Tudo isso sob, entre aspas, a benção de Maradona.

44) As melhores imagens de uma final inesquecível: Argentina 3 (4) x (2) 3 França

Figura 52 – Narrativa #44, sobre a final



Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Na publicação de Bruno Bonsanti só há texto no título e na linha fina, em que anuncia “as melhores imagens de uma final inesquecível: Argentina 3 (4) x (2) 3 França”, em “Fotos de alegria, tristeza e comemoração que ficam para a história”. Além disso, apenas as 29 imagens, como se falassem por si, com legendas que ou são diretas, no estilo: “Messi ergue a taça”, ou brincam com o título: “Crianças, vou contar a história de como ganhei a Copa do Mundo”, para ilustrar a imagem de Messi com a família após a conquista do mundial.

O autor só tem poder de descrição nas legendas das fotos. Ademais, é uma grande galeria. É a representação imagética da vitória argentina de um lado, e de outro, da frustração francesa, que foram o ápice da decisão, em momentos variados. Ao mesmo tempo, as imagens retratam os heróis argentinos, felizes, diante da superação e da confirmação da expectativa, e os vilões, decepcionados e frustrados da França, após a falha em conquistar o terceiro mundial para os europeus. Essa construção acaba corroborando com as categorizações que utilizam a dicotomia como recurso classificatório e aparecem em momentos variados da pesquisa.

45) *Entre tantos abraços dados por Messi, o encontro com a cozinheira da seleção em campo foi emocionante*

Figura 53 – Narrativa #45, sobre a final

Copa do Mundo

Entre tantos abraços dados por Messi, o encontro com a cozinheira da seleção em campo foi emocionante

Messi foi muito requisitado dentro de campo no Lusail e demonstrou um grande carinho pela cozinheira da seleção



Leandro Stein · Publicada em: 19/12/2022 23:36

1 minuto de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

“Entre tantos abraços dados por Messi, o encontro com a cozinheira da seleção em campo foi emocionante” é mais um dos materiais nos quais a *Trivela* se volta à repercussão da vitória da Argentina na final do mundial. No caso, Leandro Stein faz uma comparação e ressalta que “entre os recordes batidos por Lionel Messi neste domingo, como campeão mundial, certamente está o de mais abraços apertados”. O autor do texto argumenta que “todo mundo queria cumprimentar o camisa 10 pelo troféu que, finalmente, ele pôde erguer”. O vídeo vem como conteúdo incorporado do YouTube, em seguida.

No entanto, a quebra da narrativa vem na correção, por meio de uma errata, de uma informação essencial ao texto: não se trata da mãe de Messi, como informado inicialmente, mas da cozinheira da seleção. A nota diz o seguinte: “Este texto foi retificado por informar inicialmente que a mulher em questão era a mãe de Messi. Há semelhanças e, de fato, alguns veículos também deram essa informação – como o Clarín e o Mundo Deportivo. No entanto, o La Nación fez a devida correção sobre Antónia Farías. Obrigado aos leitores pelo aviso e pela correção”. O enredo-intriga se dá na catarse, comemoração e emoção de Messi. O conflito da narrativa se dá na superação pela final do mundial, com a virada ao lado de Messi como grande protagonista da seleção campeã, com a nota como asterisco.

46) *Carrasco de oito anos atrás, Götze também torceu por Messi e recebeu o “perdão” de centenas de argentinos*

Figura 54 – Narrativa #46, sobre a final

Copa do Mundo

Tendência

Carrasco de oito anos atrás, Götze também torceu por Messi e recebeu o “perdão” de centenas de argentinos

Götze fez postagens em suas redes sociais sobre sua torcida pela Argentina, inclusive com o filhinho, e recebeu o carinho daqueles que antes o viam como carrasco

 Leandro Stein · Publicada em: 19/12/2022 12:04 2 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O enredo-intriga que motiva o texto é a manifestação de Mario Götze, jogador da seleção que tirou a Copa da Argentina de Messi na final de 2014. O alemão, oito anos e dois mundiais depois, na construção empreendida por Leandro Stein, passa de carrasco – uma clara adjetivação pela atuação da Copa no Brasil, para ser perdoado pela torcida Albiceleste. A intenção do autor é explorar o curioso do acontecimento, com o atacante europeu admitindo torcida pelo time comandado por Scaloni.

Na abertura, há uma espécie de justificativa, uma argumentação que usa do recurso da comparação para fazer com que o leitor entenda o que Götze significa para os argentinos: “O que Mario Götze representa à Argentina, guardadas as devidas proporções em termos de carreira e talento, não foge muito do que é um Zinédine Zidane ou um Paolo Rossi para o Brasil”. Relacionando a Copa de 2014 e a final recente, Stein cria paralelos e vai desenrolando o episódio e compondo o relato até o desenlace: “Aquela final de 2014 por oito anos doeu nos argentinos. Neste domingo, porém, eles ganharam um motivo para se esquecer, e não apenas pela conquista do tricampeonato que lava a alma”. Ao descrever a torcida do alemão pelos argentinos, o autor ainda destacou que, além da simpatia, ele ganhou o “perdão” da torcida Albiceleste, com uma “enxurrada” de mensagens: “O lado bonito

do futebol. Agora, vira uma espécie de Alcides Ghiggia, que entendeu os brasileiros como pouquíssimos. Assim parece Götze com os argentinos”.

Depois da contextualização que motiva a publicação, Stein descreve o teor das postagens de Götze, como sinalização da torcida por Messi: “Uma das imagens que Götze postou trazia a imagem de Lionel Messi decepcionado em 2014, ao lado de outra figura gloriosa do camisa 10 em 2022”. Em seguida, as demais imagens seguem a mesma dinâmica: uma imagem do alemão assistindo ao jogo e outra, comemorando “e fazendo o filhinho bebê gargalhar, enquanto se ouvia ao fundo os cânticos da torcida argentina. Aí não tem mesmo como não se render à piedade do eterno ‘verdugo’”. É clara a intenção do narrador de aproximar o antigo algoz argentino de uma espécie de cumplicidade – por isso, algo atípico.

O autor ainda recorre à lembrança de que Götze já tinha feito homenagens ao camisa 10 argentino em 2014, chamando-o de gênio: “Um dia depois da final do Maracanã, o meia postou uma foto nos corredores do estádio ao lado do camisa 10. Estava com a medalha no peito e o argentino não deixou de ser gentil”. Stein, com isso, acaba projetando uma imagem na cabeça do leitor, de que o pedido de desculpas de Götze tem, agora, um desfecho, mas não é oportunista. Em sequência, a proposta de Stein é analisar a interpretação da torcida sobre a foto de oito anos atrás, argumentando que parte da torcida entendeu a postagem de 2014 não como anulação de sua ambição, mas pelo desejo de conquista do mundial pelo companheiro de profissão.

Stein relaciona os dois personagens e segue a interpretação falando sobre que o “garoto prodígio” alemão não cumpriu as expectativas que recaíam sobre sua carreira, sobretudo por conta das lesões, mas a torcida pelo argentino não significava apenas deixar para trás “o peso que a derrota no Maracanã representou à carreira do argentino. Era também uma ode ao seu futebol. Ficava ainda mais fácil de torcer quando, do outro lado, estava uma França que é tão rival dos alemães”. O autor se permite fazer uma interpretação das intenções do jogador como forma de contextualizar a publicação.

A proposta intimista da narrativa construída por Stein segue adiante na avaliação que faz, argumentando que, “por linhas tortas, a conquista de Messi em 2022 também valoriza o que a Alemanha e o que Götze conseguiram em 2014”. Entende-se aí, também, o desenhar de uma metanarrativa de companheirismo, entendimento e valorização pelo esporte. O autor, então, usa uma figura de

linguagem para ilustrar o ocorrido com os sul-americanos, especialmente com Messi, a quem se reivindica uma idolatria: "Foi um tombo marcante à jornada de redenção do herói". A finalização da narrativa, por sua vez, assume um tom de reconhecimento. Também usa de uma descrição mais psicológica, voltada aos sentimentos expressos pelo argentino diante da derrota até que a redenção vem. Do beijo na taça à comparação com uma película, Stein aponta realmente para uma narrativa do jogo que conecta dois momentos distantes por oito anos no tempo:

No fim das contas, o camisa 10 fica de alma leve, e o olhar de decepção nas tribunas do Maracanã diante da taça foi substituído pelo beijo mais apaixonado no Catar, quebrando protocolos, tão sincero. O final feliz de um filme. Um filme que Götze também teve seu papel de anti-herói, herói paralelo em sua própria história alemã, e rendeu até as gargalhadas do filhinho.

Após o texto, há também materiais incorporados: entre eles recortes e uma publicação de redes sociais do atacante alemão, além do vídeo com o filho. O texto dá vazão a uma metanarrativa de desapego à competitividade e da possibilidade de entendimento e cumplicidade entre adversários do esporte de alto rendimento. Stein constrói a imagem de "troca" do vilão para mais um torcedor pela conquista de Messi, e ainda confere tons intimistas por relatar algo sobre a torcida de Götze junto do filho.

O enredo-intriga que se apresenta é aquele em que há uma reviravolta: aquele que era algoz, agora se torna um torcedor, da Copa de 2014 a 2022. O encadeamento do texto faz uma correlação sobre o significado de Götze para os argentinos e outros jogadores, mas depois atenua essa rivalidade oferecendo um panorama da carreira do jogador, detalhando as fotos publicadas e também interpretando em paralelo a queda argentina e a redenção.

O conflito da narrativa ocorre já no "nascimento" da notícia, quando a intenção do autor é tratar do fato curioso de haver um dos vilões que "atrasaram" a conquista argentina torcendo justamente por eles, e publicando fotos em suas redes sociais ao lado do principal jogador da equipe. A virada se dá pelo mesmo motivo, em um relato que aponta para a construção das dicotomias colocadas como classificatórias neste tipo de análise: com tons de heroísmo, superação e expectativa, na Copa de 2022, no Catar, e, ao mesmo tempo, vilania, decepção e frustração, com o que ocorreu no Brasil em 2014.

47) Messi: “Esta taça é o sonho de criança de qualquer um. Tive a sorte de ter conseguido e agora é desfrutar com vocês”

Figura 55 – Narrativa #47, sobre a final

Argentina Copa do Mundo

Tendência

Messi: “Esta taça é o sonho de criança de qualquer um. Tive a sorte de ter conseguido e agora é desfrutar com vocês”

Em uma história das mais lindas e mais emocionantes, Messi termina a sua participação em Copas com o título, que ele chamou de presente de Deus

Felipe Lobo · Publicada em: 19/12/2022 12:22

2 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Em “Messi: ‘Esta taça é o sonho de criança de qualquer um. Tive a sorte de ter conseguido e agora é desfrutar com vocês’”, a impressão inicial é a de que o autor, Felipe Lobo, fará apenas um texto de repercussão. No entanto, há interpretação e trechos mais opinativos, em um material que se direciona ao personagem principal. A colocação se dá já na linha fina, quando argumenta que “em uma história das mais lindas e mais emocionantes, Messi termina a sua participação em Copas com o título, que ele chamou de presente de Deus”. Mesmo que se apoie nas falas do camisa 10, faz também o juízo de valor ao pontuar sobre a representatividade do enredo.

Por falar em enredo, a intriga que motiva o texto é a concretização do sonho de Messi, em um crescente que foi sendo construída ao longo de toda a competição – por aquilo que aconteceu e, também, a partir das escolhas na redação e na cobertura da *Trivela*. Lobo destaca a principal referência técnica argentina, Messi, cuja “trajetória é absolutamente impressionante”. Como que enlaçando os fios da narrativa, em algo que se assemelha a um filme, ele segue no primeiro parágrafo usando a seguinte estratégia, entre recursos fáticos e fictícios, entre a objetividade e a subjetividade, a informação e a interpretação:

Lionel Messi, aos 35 anos, consegue o tão esperado título da Copa do Mundo, em um torneio que ele foi absolutamente decisivo, fez sete gols, deu três assistências e, mais do que os números foi a referência, foi brilhante em tudo que precisava. Logo após o jogo, no empate por 3 a 3 e vitória da Argentina nos pênaltis por 4 a 2, ao receber o prêmio de melhor em campo. Falou sobre a alegria do título, o 'presente de Deus' e quer continuar jogando pela Argentina como campeão.

Após o início do texto, realmente o tom muda de figura, dando espaço mais às declarações do camisa 10, com breves intercalações do autor, que apenas introduzem as falas. Sobre ser um “presente” divino; sobre ser uma partida “estranha” para encerrar a carreira em mundiais; sobre o que viria depois da Copa; sobre a sensação de finalmente conquistar o mundial – que, aliás, dá o título à matéria; além de aproveitar para dizer que vai desfrutar da conquista.

Para encerrar o material, Lobo volta a uma breve prospecção do que pode ocorrer dali para adiante: Além de destacar o “desfrutar” de Messi na seleção, destacou “ser algo muito mais leve e mais intenso ao mesmo tempo”. O autor reivindica uma relação mais autêntica e passional do jogador com a própria torcida, algo que denota como “tudo mudou”. Se a trajetória de Messi com a camisa Albiceleste se encerrava? Lobo avalia que não, acreditando que pode haver mais disputas. Na interpretação dele, “agora, ninguém sabe. O que se sabe é que os argentinos irão desfrutar esta conquista, merecidíssima, por um bom tempo”.

O texto dá destaque ao personagem, Messi. Lobo cria inicialmente uma interpretação sobre a representatividade do título, em especial para o camisa 10, antes de levar às falas do argentino sobre a conquista do mundial. O enredo-intriga é aquele construído ao longo da competição que é concretizado: o autor cria um encadeamento narrativo como se o jogador finalmente cumprisse uma série de situações na sua última oportunidade, o que dá ainda mais valor à conquista da Copa. Oferece, depois disso, as falas de Messi, e faz uma projeção do que pode ocorrer adiante. O conflito da narrativa, e a virada de chave, ocorrem no sentido de toda a crescente narrativa e de expectativa ao longo da competição. Nesse tempo, a superação de barreiras com o passar das partidas – sobretudo após a derrota na estreia e os embates psicológicos enfrentados pela equipe de Scaloni durante a competição – coloca Messi no panteão dos heróis do futebol argentino, com a idolatria como a de Diego Maradona.

48) *Agüero não estará nos livros dessa Copa, mas foi um dos personagens mais legais da Argentina campeã*

Figura 56 – Narrativa #48, sobre a final

The image shows a social media post with a red header 'Copa do Mundo' and a red lightning bolt icon labeled 'Tendência'. The main title is 'Agüero não estará nos livros dessa Copa, mas foi um dos personagens mais legais da Argentina campeã'. Below the title is a short paragraph: 'Agüero não parecia ter qualquer vaidade para festejar seus companheiros, em especial Messi, a quem carregou nos ombros por todo o gramado'. At the bottom left is a profile picture of Leandro Stein and the text 'Leandro Stein · Publicada em: 19/12/2022 12:23'. At the bottom right is a reading time indicator '3 minutos de leitura'.

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Em “Agüero não estará nos livros dessa Copa, mas foi um dos personagens mais legais da Argentina campeã”, Leandro Stein propõe um texto que oscila entre o modelo interpretativo e o opinativo, com um personagem central. Volta-se à festa feita por Agüero, em especial ao lado de Messi, um grande amigo na Albiceleste. O enredo-intriga se motiva por uma “não-notícia”, explorando o fato atípico de que o atacante argentino é um jogador importante mesmo que não tenha sido possível disputar o mundial, por conta de ter descoberto problemas no coração e encerrado a carreira profissional.

Inicialmente, Stein introduz o texto falando dos jogadores “bons de grupo”, presentes em seleções campeãs do mundo – e cita o exemplo “boa gente”, pelas suas palavras, de Lukas Podolski, na Alemanha, que, entre outros jogadores, representa esta ideia: “Aquele cara que não faz a diferença necessariamente em campo, mas que auxilia demais no ambiente favorável de um time vencedor”. Esse é o gancho usado pelo autor para trazer Agüero ao texto: “Pois se a Argentina pudesse, certamente entregaria uma medalha ao seu 27º homem: Sergio Agüero, onipresente no ambiente albiceleste, mesmo tendo indo ao Catar para curtir. E curtiu demais ao lado dos velhos amigos”.

O tom intimista segue ao longo do texto, como uma intenção evidente do autor. Antes, no entanto, Stein empreende uma interpretação sobre a boa relação do

jogador com o grupo campeão – “especialmente com Lionel Messi, seu compadre” – , ainda que não tenha tido o mesmo desempenho que por clubes pelos quais atuou. Stein classifica a vitória na Copa América em 2021 como um símbolo da representatividade e um prêmio para o atacante com a camisa Albiceleste. Essa relação se vê quando, por conta do problema cardíaco, “ele seguiu acolhido no vestiário da Albiceleste. Estava ainda mais solto, sem os compromissos com o jogador, para ser o cara que deixa o ambiente mais leve”. Essa, afinal, é a tônica do relato.

Algo perceptível na sequência do conteúdo. Porque o que se segue é quase que uma descrição da atuação de Agüero como torcedor, um jogador à parte. O jornalista ressalta: “E deu para ver bem como Agüero se empenhou nisso. Durante os jogos, estava nas arquibancadas, sofrendo”, por conta da quantidade de vídeos em que aparece nessa condição. O autor constrói a imagem do personagem como “boa praça”, mesmo em conversas durante a concentração – coisa pouco habitual. “Também fez análises pertinentes sobre futebol – como, por exemplo, destacar minuciosamente os pontos fortes da Arábia Saudita antes mesmo da derrota”.

Agüero é o personagem incontestável da narrativa, com o narrador investindo na imagem dele como “27º jogador”, nos dias que antecederam a final: “Passou a participar dos treinamentos, inclusive cobrando pênaltis para Emi Martínez defender. Já às vésperas da decisão, a AFA decidiu readmitir de vez o medalhão”. Destacam-se informações cotidianas, como o fato de que o atacante dividiu quarto com Messi antes da decisão do mundial. Alguns pontos, por isso, deixam mais clara a marcação autoral, a presença dentro do texto, como quando argumenta que “em vez de ser pé frio, Kun foi um verdadeiro talismã. Pôde experimentar também desse momento”.

Os parágrafos parecem se suceder para compor uma história do passo a passo de Agüero ocupando um espaço excepcional no elenco argentino. Isso inclui a própria construção do texto, no contar da história a partir dos parágrafos quase que temáticos: Um deles, em tom interpretativo, narra a presença do atacante em campo após o título: “Parecia mais feliz do que qualquer outro pelo título mundial da Argentina. Feliz como um torcedor pelo feito do país, feliz como companheiro pelo sucesso dos velhos amigos”, dando espaço, mais uma vez, à observação do autor. Que também demonstra ter utilizado outras fontes, como perfis em redes sociais, para compor o relato, como quando descreve: “o veterano em sua própria loucura,

tocando um bumbo ou aloprando qualquer um. Mas nada é mais simbólica do que a imagem em que carrega Messi em seus ombros”.

O relato segue o curioso, o atípico, quando Stein comenta a proximidade dos companheiros na comemoração com Agüero: “E ele continuou fora da casinha nos vestiários. Era mais um a puxar as brincadeiras e a celebração. Baforava um charuto da vitória. Era como se nunca tivesse parado de jogar, como se nunca tivesse deixado a seleção”. Nesse sentido, não mais a abertura sinaliza o conteúdo do título, mas sim o “pé” da matéria, quando Stein diz, em uma última interpretação, que:

O nome de Agüero não estará nos livros dessa Copas. Esse vai ser o Mundial que ele não disputou. E o mais legal é perceber que o atacante não tem qualquer vaidade por isso. Seu contentamento é genuíno, especialmente por ver tanta gente que ele conhece bem, sobretudo Messi, chegando no topo do mundo. No fim das contas, ele também se sente assim. E se não há medalha, bem que a Fifa poderia instituir o “Troféu Bom de Grupo” para 2026 – mais importante que o prêmio de fair play, convenhamos. Agüero teria sido *hors-concours* em 2022.

Há, ainda, uma publicação de conteúdo incorporado de Agüero no Instagram, e um vídeo da página *Goal em español*, em que o antigo camisa 19 aparece fumando um charuto. O texto segue a partir de um personagem específico, quase que acompanhando-o ao longo do campeonato para construir o relato como um agente importante, ainda que não integrando aqueles que jogaram propriamente o mundial no Catar. Em perspectiva tem-se uma ideia intimista e próxima sobre o jogador, o “compadre de Messi”, e alguém humano, que participa, se integra, se manifesta como um torcedor, não podendo mais atuar pela seleção. O significado proposto pelo autor é o de que Agüero é jogador fora de campo, um nome que não está nos livros da Copa, mas pode aparecer de outras maneiras.

O enredo-intriga se motiva por uma “não-notícia”, explorando o fato atípico de que o atacante argentino é um jogador importante mesmo que não tenha sido possível disputar o mundial, por conta de problemas no coração. O autor cria uma narrativa mais próxima e cotidiana, relatando a relevância do 27º jogador do elenco argentino, Kun Agüero, e passa pela descrição do papel desempenhado mesmo além das quatro linhas, no suporte à seleção. O conflito da narrativa, e a virada, aparecem pelo fato de Agüero ser um jogador importante do elenco, impossibilitado de disputar o mundial por problemas de saúde. No entanto, a narrativa atenua essa

dinâmica de forma a falar sobre o contentamento do jogador em assumir este outro papel, indireto, por assim dizer, mas ainda importante, pela seleção.

49) *Scaloni acertou a última escalação de uma Copa do Mundo em que não teve medo de errar*

Figura 57 – Narrativa #49, sobre a final

Argentina Copa do Mundo

Tendência

Scaloni acertou a última escalação de uma Copa do Mundo em que não teve medo de errar

O técnico da Argentina fez história novamente, selando com chave de ouro uma trajetória improvável desde que foi nomeado interinamente após a saída de Sampaoli

Bruno Bonsanti · Publicada em: 19/12/2022 17:03

4 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Por sua vez, em “Scaloni acertou a última escalação de uma Copa do Mundo em que não teve medo de errar”, Bruno Bonsanti aposta em um tom de análise para tratar do personagem (em um texto com estas características): o treinador Albiceleste. Em tom interpretativo com teor também de opinião ao longo do conteúdo, o autor não tem problemas em afirmar algo sobre o mérito, usando mesmo chavões para referendar essa posição, ao dizer que Scaloni “fez história novamente, selando com chave de ouro uma trajetória improvável desde que foi nomeado interinamente após a saída de Sampaoli”, na linha fina.

Uma das estratégias escolhidas pelo autor é recorrente na *Trivela*: o uso de um gancho relativo ao jogo na introdução da narrativa: “Escolher o técnico que comandará um ciclo de Copa do Mundo é uma das decisões mais importantes que uma federação pode tomar, e a seleção argentina acabou encontrando o ideal meio que por acaso”. Esse tópico é o que puxa para a estória a presença de Scaloni. Para isso, recorre-se à analepse, a volta no tempo para descrever o treinador como uma espécie de improviso: “Lionel Scaloni não tinha um grande passado como jogador,

nem experiência como técnico. Chegou à AFA acompanhando Jorge Sampaoli e foi nomeado interinamente em um primeiro momento”. Como que construindo a ideia do acaso, Bonsanti aponta que o treinador “acabou ficando, quebrou o jejum de títulos da Argentina com a Copa América e conduziu na ponta dos dedos uma campanha quase impecável no Catar, na qual a sua influência ficou clara partida após partida”, em uma estrutura que mistura aspectos fáticos e interpretativos, com as adjetivações.

A proposta de interpretar as escolhas e a postura do técnico ao longo da Copa se mostram claras, em mais um exemplo presente no conteúdo: “Scaloni assumiu um risco ao decidir escalar a Argentina de acordo com os seus adversários. Um risco porque estava esticando o pescoço à opinião pública caso tomasse alguma decisão errada que terminasse com o fim do sonho”. O autor convoca uma série de sentimentos para sustentar o relato: o sonho, o risco, o esticar de pescoço, e o medo, que ele não teve de “fazer o que achava necessário, ou, se teve, não permitiu que o impedisse de seguir modificando a escalação até a partida final contra a França, quando novamente surpreendeu e colheu os resultados”, priorizando a entrada de Di María do lado esquerdo do ataque.

Em seguida, a opção de Bonsanti é fazer um jogo a jogo indicando que essa postura de trocas se repetiu durante toda a campanha. Depois, a construção do texto tenta compreender como as escolhas do técnico repercutiram especialmente na final contra a França, quando Scaloni quebrou as expectativas e promoveu à titularidade jogadores em que confiava, mas que não estavam na melhor fase técnica ou física, pensando nos duelos individuais. Entre as ponderações, há espaço para declarações do próprio técnico em entrevista coletiva, reiterando as posições adotadas por Bonsanti e explicando a variação tática. Com isso, se sustenta a estrutura do texto.

Do gancho sobre treinadores à interpretação sobre os riscos das trocas de escalação, e delas para as declarações de Scaloni, Bonsanti parte então à descrição dos dois gols argentinos no tempo regulamentar, ambos por conta da escolha pelo camisa 11. Depois da reação da seleção francesa, o autor do relato volta a falar do contexto do jogo, quando se: “conseguiu estancar a sangria, principalmente com a entrada de Lautaro Martínez”, participando de lances decisivos. A proposta costura uma imagem, uma representação do treinador: “essa foi a história de Scaloni no

Mundial: se não acertou todas as decisões, acertou a maioria e, principalmente, raramente hesitou em as tomar”.

Como que num *mea culpa*, a sequência do relato tem ainda uma abordagem psicológica: se ampara nas reações pós-jogo, quando “poucos estavam mais emocionados do que o técnico, que em certo momento simplesmente extravasou as suas emoções e começou a chorar no gramado”. Antes de mais uma declaração do treinador – que balanceia a formatação do texto como elemento da construção narrativa –, comentando que vencer o mundial não estava nos planos, Bonsanti segue no tom particular e pessoal, recorrendo ao que Scaloni poderia estar pensando:

Era o fim de toda a pressão das últimas semanas e também do que é quase um conto de fadas. Ele se aposentou em 2015. Dificilmente poderia imaginar que se veria como técnico da Argentina alguns anos depois, muito menos que disputaria uma Copa do Mundo, muito menos ainda que a venceria. A ideia era aprender o ofício com Sampaoli, mas a oportunidade caiu em seu colo e ele fez tudo que podia para aproveitá-la.

Há mais uma estratégia à qual os *trivelistas* recorrem com alguma frequência: tanto na introdução quanto no encerramento, os autores voltam ao mesmo ponto de reflexão. Sugerem uma interpretação que envolve todo o miolo do texto – entre justificativas, entrevistas e outras avaliações e juízos. Neste caso, Bonsanti avalia que, em tantos anos, a sugestão para a seleção argentina era buscar treinadores renomados – e ele cita nomes –, como Jorge Sampaoli, que teve resultados classificados como “catastróficos”. Afinal, para Bonsanti,

quem conseguiu entregar o tão sonhado tricampeonato ao povo argentino, e a taça que Messi nunca havia conquistado, foi um profissional novo e inexperiente que teve o grande mérito de pacificar o vestiário e manter a mente aberta para aprender. Que nos momentos mais importantes tomou as decisões que julgou corretas, e no fim, elas acabaram sendo mesmo.

Afinal, é perceptível que o relato usa de variações narrativas, oscilando entre a descrição dos lances, a proposta de uma interpretação sobre a escolha de um técnico para o futuro de um time; declarações do treinador que sustentam a análise, além de uma ponderação sobre as reações depois do jogo. O enredo-intriga da narrativa está no fato de Scaloni ser um *outsider*, improvisado, que deu certo: cujas escolhas deram resultado apesar de não ter experiência, de forma cambaleante e com a faca no pescoço, sustentando a ideia de fazer trocas de acordo com o

adversário. A construção de Bonsanti parte dessa perspectiva. Então, o conflito da narrativa se dá, também na conexão com a intriga deste texto, pelo fato de Scaloni desafiar o que estava proposto, sendo jovem e tendo a confiança para dirigir a Argentina até o título. A virada é representada na criação do autor para refletir sobre realmente as escolhas, entre acertos e erros em certos momentos, darem certo. Scaloni, meio que por acaso, acaba por representar um sentido de herói, sobretudo de superação das baixas expectativas que se colocavam sobre ele.

50) *Depois de serem campeões e comemorem, Dibu Martínez e Romero foram jogar FIFA às 6 da manhã*

Figura 58 – Narrativa #50, sobre a final



Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Em mais um texto que se volta ao cotidiano, ao atípico – por ressaltar atletas longe da disputa esportiva, Felipe Lobo noticia dois recém-campeões mundiais em um momento de descontração, jogando videogame de madrugada. Mais uma vez, a proposta do autor, talvez, seja a de aproximar grandes jogadores do leitor, que certamente também faz isso – com o porém de não ter conquistado um mundial, já na linha fina: “afinal, todo mundo gosta de ligar o videogame depois de uma festa, não é mesmo?”.

Diferentemente de outros conteúdos da *Trivela*, este é extremamente simples. Além da publicação incorporada de um vídeo que mostra os dois jogadores ao videogame, um texto que lançava um questionamento inicial: “O que você faria depois de ser campeão do mundo com a sua seleção?”. Em seguida, a descrição: “Emiliano ‘Dibu’ Martínez e Cristian Romero, titulares na final que a Argentina venceu

a França nos pênaltis, celebraram muito em campo, no vestiário e, bom, depois de tanta festa resolveram jogar FIFA de madrugada”. O autor encerra o escrito depois de relatar a diversão dos campeões ao videogame: “Quem nunca, não é mesmo (jogou videogame na madrugada, no caso, porque ser campeão mundial são poucos)?”.

A intriga se dá no inesperado, já que são dois campeões mundiais em uma atividade que qualquer leitor poderia fazer, a não ser pelo fato da conquista do troféu da Copa. O conflito da narrativa é o insólito e trivial, de jogadores campeões mundiais, em tamanho êxtase, se voltarem a um momento de relaxamento.

51) *A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time*

Figura 59 – Narrativa #51, sobre a final



Copa do Mundo

Tendência

A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time

Enzo Fernández, Alexis Mac Allister e Julián Álvarez deram bem mais equilíbrio à Argentina, que também viu Cristian Romero e Nahuel Molina crescerem durante a competição

 Leandro Stein · Publicada em: 19/12/2022 19:03

6 minutos de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Leandro Stein é o responsável pela redação de “A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time”. A proposta do texto oscila entre a opinião e a interpretação, e se propõe a fazer uma análise sobre as mudanças de percurso de Scaloni, o treinador argentino, em busca do time ideal, mas a cada partida. Já na linha fina, Stein dá três nomes que mudaram o time de patamar: Enzo Fernández, Alexis Mac Allister e Julián Álvarez, que deram mais equilíbrio e cresceram na competição. Como visto em outros momentos, um dos elementos presentes na narrativa da *Trivela* é a utilização de ganchos para iniciar o

texto e torná-lo interessante para o leitor, retendo a atenção. Stein, por exemplo, reflete sobre a “seleção do momento”, argumento que se repete em especial em períodos próximos aos mundiais: “Já dentro da competição, esse ‘momento’ é respeitar aquilo que os jogadores consegue[m] entregar em campo num evento de tão elevada temperatura e pressão”.

A figura de linguagem é uma forma de chamar o momento de jogadores jovens da Albiceleste, para os quais o autor foca o holofote. Além de falar de atletas mais rodados e premiar grandes nomes, qualificados a partir da “grandeza de Lionel Messi” e da dimensão devida ao “sempre decisivo Di María”, “o time de Lionel Scaloni dependeu da ascensão recente de vários nomes essenciais. Jovens como Enzo Fernández, Alexis Mac Allister, Cristian Romero, Julián Álvarez e Nahuel Molina precisaram de só um Mundial para emplacar”.

Stein opta, então, por pausar o tempo. Não se referir ao presente, mas ao passado, em uma quase ida ao divã para tratar de *La Selección*. Fala de um “sucumbir” na Copa de 2018, que forçaria mudanças. A troca de treinador e de alguns jogadores serve de introdução para o que chama de “ponto de virada”: a conquista da Copa América de 2021, quando, na avaliação de Stein, “foi o instante em que Lionel Scaloni encontrou seu time e a Albiceleste deslanchou”. Recorre, então, aos recursos fáticos e menciona as paridades entre o time que derrotou o Brasil na final do torneio sul-americano e o que estreou no mundial do Catar.

Para começar a mencionar os jogadores, só no meio do texto, com mais detalhe. A começar por Enzo Fernández, quando o autor do texto recorre a outras expressões já usadas em conteúdos anteriores, quase como numa autorreferência, entre as quais a “ascensão meteórica” do jovem e a passagem por times da América do Sul e da Europa. Outros recursos fáticos são parte da composição, como que numa justificativa: “Recebeu o prêmio de melhor jovem da Copa, figurou em diversas seleções do campeonato e transformou o time a partir de sua entrada. E não era difícil de perceber como o meio-campista de 21 anos poderia causar impacto na Argentina”. Depois da digressão, há a descrição do desempenho nos jogos, como em um dos gols contra o México, que o autor coloca como “um baita cartão de visitas”. É a deixa para, em um parágrafo, avaliar e qualificar brevemente as atuações do jogador, e os embates que surgem como representações e são dispostos pela adjetivação: “Ainda assim, sua melhor exibição ficou para o *grand*

finale contra a França. Conseguiu vencer o duelo difícilíssimo com Antoine Griezmann e foi implacável nos combates, com dez desarmes. O acerto do time passa por ele”.

A mesma proposta é feita, assim como Fernández, com Mac Allister: O autor oferece um breve histórico, com a formação do jogador, clubes pelos quais passou, e como foi se tornando peça importante no elenco de Scaloni. As atuações no mundial também são consideradas, às quais se dedica uma avaliação do contexto tático: “Foi um jogador de muita projeção pelo lado esquerdo, mas também fluando pela direita quando necessário – vide o lance do segundo gol, em que dá a assistência para Di María. Entendeu o jogo e ofereceu verticalidade”.

Com Julián Álvarez, Cristian Romero e Nahuel Molina, o mesmo: Desde convocações e participações com a seleção, elencam-se as condições oferecidas pelo atacante, pelo zagueiro e pelo lateral; passando pelas atuações no mundial e a contribuição dos jogadores para a equipe – incluindo a quem substituíram. As avaliações táticas integram a análise, como no exemplo sobre o defensor, recuperado “contra a Polônia, para ser essencial nos mata-matas. Virou uma figura definitiva não apenas por sua reconhecida capacidade no combate, mas também pela forma como ajudou a organizar o início da construção de jogo da Argentina”.

A extensão do texto também atinge jogadores com mais rodagem, como Emiliano Martínez e Rodrigo De Paul. Sobre o volante, faz-se uma retrospectiva como com os demais: o marcador “tinha bom cartaz nos tempos de Racing e principalmente de Udinese. Virou um verdadeiro operário desse time, com destaque à estelar final de Copa América”. A figura de linguagem comparando-o a um operário mostra o sentido figurado utilizado para representar as funções desempenhadas em campo. As quebras de parágrafo funcionam, mais uma vez, como peças que se conectam e se articulam entre si, estabelecendo o sentido de cada uma das micronarrativas formuladas pelos textos. Com isso, nota-se a intenção do autor de oferecer espaços semelhantes aos jogadores que obtiveram destaque na campanha. Mesmo a Lionel Scaloni há menção, a quem o autor se refere como a um interino que virou revelação e deu consistência ao time.

A avaliação cria paralelos entre o espaço galgado pelo treinador e as chances aos atletas: Scaloni aparece “como um técnico bastante flexível e com ótima leitura dos adversários, especialmente em suas escalações iniciais. E sem se prender a nomes. Se ele mesmo ganhou espaço como resposta ao seu trabalho, não negaria isso aos seus jogadores”. O encerramento se liga à abertura do texto,

em mais um recurso recorrente: “Impossível alcançar esse tricampeonato sem aqueles que chegaram na hora certa, por méritos na convocação e naquilo que entregaram em campo”. Afinal, de forma geral, o autor constrói uma análise jogador a jogador daqueles que, na sua avaliação, se destacaram, cresceram no mundial pela Argentina. A estrutura é semelhante, com algumas intercalações, mas nas menções a cada um deles se faz um breve histórico: o começo das convocações pela seleção, a participação por clubes, o papel desempenhado e o conquistar de espaço até a chegada da Copa, e também as atuações no próprio torneio.

O enredo-intriga se estrutura por meio de um movimento do treinador, que é esmiuçado pelo autor do texto: a crescente participação de jogadores jovens, junto de outros já mais consolidados que ajudaram a levar a Argentina ao título mundial. O texto tem uma estrutura definida, com exemplos citados no resumo-síntese, e encadeia de forma linear as contribuições de cada um dos jogadores à seleção argentina. O conflito desta narrativa se dá logo no começo do texto, com a proposição de uma reflexão sobre o time do momento e as necessidades de reformulação da Albiceleste. De certa maneira, o autor referenda sua análise a partir das respostas oferecidas pelos próprios jogadores argentinos em campo. Eles, então, representam o sentido de heroísmo, superação (dentro do contexto do mundial), bem como o de expectativa (para após a conquista).

52) *Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente*

Figura 60 – Narrativa #52, sobre a final

The image shows a social media post with the following elements:

- Category:** "Copa do Mundo" (World Cup) in a red pill-shaped button.
- Topic:** "Tendência" (Trend) with a red icon.
- Title:** "Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente" in large, bold black font.
- Text:** "Urge mais afeto e muito mais disposição, menos má vontade e amargor, com o futebol de seleções, e o abandono desse debate labiríntico que versa sobre a seleção "atrapalhar os clubes" ou "deslumbrar os jovens" in a smaller grey font.
- Author:** "Leandro Iamin" with a profile picture icon.
- Date:** "Publicada em: 20/12/2022 11:38".
- Reading Time:** "5 minutos de leitura" with a small icon.

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

No único dos textos de Leandro Lamin, que envolvem a seleção argentina, “Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente”, as características são de crônica. As considerações que utilizam o sentimento aliado à razão, a descrição ligada à interpretação, são todas tomadas por um tom literário, como se vê na linha fina, ao que Lamin interpreta a relevância de uma equipe nacional tendo como exemplo a região portenha: “Urge mais afeto e muito mais disposição, menos má vontade e amargor, com o futebol de seleções, e o abandono desse debate labiríntico que versa sobre a seleção ‘atrapalhar os clubes’ ou ‘deslumbrar os jovens’”.

O autor compõe um texto em primeira pessoa, em sentido confessional. Não usa de nenhuma estratégia que procure distanciá-lo de assumir a autoria, por exemplo. Pelo contrário, esses aspectos são ressaltados: “Pouco astuto da minha parte seria, após escrever um lacônico ‘indescritível’ para tantos amigos e amigas na noite de domingo, sentar agora para descrever o que vi em solo argentino no final de semana da final da Copa do Mundo”. Ao imergir em um universo cotidiano e particular, Lamin destaca que é função de ofício viajar para acompanhar a final do mundial. A personalização da escrita se dá como num divã, em que o autor mesmo relembra as condições de composição do que relata:

Então descrevo, mas me antecipo: há alguma coisa sobre os festejos – e o sofrimento – de 18 de dezembro que não soube, ainda, codificar, mas que suspeito ter resposta-chave no silêncio tenso no passeio das 9 da manhã, uma sensação de que todos estão acordados atrás de cada janela, mas cada um está digerindo a ansiedade à sua maneira. Me lembrei do auge da pandemia. Lá pelas dez, o silêncio se rompeu.

Comentários sobre a ideia de assistir uma Copa fora do Brasil vão costurando o texto, em conversas cotidianas, como num experimento para observar de outra perspectiva. O tom pessoal se compõe mesmo com brincadeiras de contexto político, como quando o jornalista assume: “a expectativa era por um Brasil x Argentina, que me faria dormir de cueca verde-amarela tal qual um véio da Havan. Depois que caiu o Brasil e bailou o Gvardiol com o Messi, decidi visitar o site de passagens para cometer a calculada loucura”. A riqueza de detalhes supostamente triviais aproxima o conteúdo de um mergulho do leitor em um espaço de cultura, clima e comportamentos diferentes, em que o debate:

é o mesmo no cochicho das esquinas, é passar por dois velhotes e ouvir um 'partido' ou 'la Francia' entre blá blá blás. Nós, que amamos o futebol em níveis exagerados nos outros 3 anos e 11 meses, nos sentimos redimidos, entendidos, por ao menos uns dias.

O autor descreve a festa Albiceleste como que com um “tom demencial”. Coloca à disposição o próprio olhar para transportar o leitor aos espaços e sensações com os quais teve contato, usando também representações hiperbólicas para isso: “Com os arredores do grande obelisco impraticáveis, embora pacíficos, olhar suas ruas transversais, jorrando gente embandeirada para a avenida-mãe como se fossem artérias colapsadas, parecia miragem e não tinha como caber no mesmo espaço”.

As sensações são a tônica do texto, especialmente quando lamin ressalta mesmo aspectos de composição da Argentina enquanto território atravessado pelo futebol, ilustrando metaforicamente a compreensão: “Toda a diversidade demográfica, etária e social do país passou por mim em uma velocidade de escola de samba atrasada na avenida. Corpos carnavalizados, inclusive. Um tapete vivo que parecia caminhar em uma esteira veloz”. Colocando-se mais uma vez enquanto narrador que poderia ser traído pelo próprio relato, o autor acredita que, melhor que este esforço, é mais fácil dizer que “é tudo isso aí que você pensou que pode ser”:

Referências múltiplas e candentes a Diego Maradona, crianças maravilhadas como se o país tivesse virado um milk-shake, idosas em cadeiras de roda acenando na calçada do asilo (e recebendo os cantos de “abuela la la la”), senhores de sorriso contemplativo digno de quem viu 1986, desajustados com embriaguez intratável, meninas serelepes e saltitantes, meninos marchando ansiosos e perplexos, tudo que é possível ver, em cima de capôs de carro, semáforos ou árvores, se viu.

A contextualização faz com que ele se recolha aos pensamentos para escrever: “não haverá outro domingo de demência festiva coletiva como esse”. Aproxima Messi de Maradona e diz que houve pausas para ver o camisa 10 erguer a taça: “As referências divinas e messiânicas da bola autorizaram o povo argentino a se entregar às ruas com uma mistura rara, confusa e ritualística de sentimentos”. Em um movimento em que aparenta remorso, lamin se lamenta, já que, ainda que perca a Copa, a França seguirá com Messi, morando e jogando – situação que mudou com a ida do craque à Major League Soccer, a MLS, liga de futebol estadunidense.

Usa, para tanto, referências artísticas para criar uma comparação: “Nossa Monalisa está exposta, hoje, no obelisco, mas já já volta para o Louvre. Não que

seja um roubo ou uma indecência”. A reclamação passa pela formação de Messi, que “com sua bola inacreditável e seu sotaque rosarino que manda os bobos ‘irem pra lá’, é o grande craque do continente em um tempo em que não é possível sequer sonhar em tê-lo aqui”. As referências são ao ocorrido na Copa, ao bairro onde Messi foi criado e a um distanciamento do local, colocando o leitor a refletir sobre o gênio distante. A conexão com jogadores usa ainda os exemplos de brasileiros como Vinicius Jr., Rodrygo e Endrick, que deixam o país cedo para se transferirem para o Real Madrid. O autor ressalta:

Sinto que nossa única saída está no afeto por nossas seleções, e que fortalecer estes laços, forçar o exercício desta identidade, é o caminho para que a festa deste domingo, fruto de uma conexão entre time e povo que custou muito a ser construída (e foi possível a partir das já citadas circunstâncias entre Maradona e Messi, figuras de exceção mesmo entre os raros e gênios), se repita daqui alguns anos no Brasil, por exemplo.

Depois da digressão, o autor requer o direito ao encantamento com jogadores que são “nossos”. “É um problema químico, de conexão que não se compra, mas também humano e filosófico, no sentido de sermos donos de nosso encantamento e responsáveis pela nossa própria indiferença a algo”. O exemplo serve de gancho para o retorno à festa argentina: “a invasão apaixonada a um país fictício que potencializou o delírio coletivo de que vivia-se mesmo um sonho, é um esforço de e entre pessoas – as mesmas, aliás, que fazem o futebol ter relevância”. lamin pontua ainda que “o trem do futebol de clubes passou para nós, sudacas”. É um relato de guerra perdida contra o dinheiro e o poder de times europeus, que acabam também por atrair torcedores dentro do Brasil, “e não se briga com o inevitável”, sentencia. No entanto, constrói um entendimento a que se remete na linha fina do texto. Ironiza, para encerrar sua crônica, o próprio distanciamento do futebol de clubes, ao dizer que a seleção é uma “chance de revanche” para:

desaforos que nos habituamos a não cobrar – e sim, a sério, até a Copa no nosso inverno, verão deles, compõe minha lista de revanches vencidas no pênalti de Montiel. Dia 1 de janeiro tem Lens x PSG. Com Neymar? Com Messi? Não me chamem para assistir.

Afinal, o autor constrói significados entrelaçados com sensações, subjetivações, sentimentos e outras reflexões cotidianas. Puxa para a conversa um contexto próximo e pessoal, que torna a narrativa particular e intimista. lamin

também não poupa se colocar à reflexão e trazer questões relativas ao futebol relacionando o entendimento de nós, brasileiros, a partir da comemoração vista após a conquista do mundial pela Argentina. Assim, o enredo-intriga se dispõe a partir da viagem do autor à Argentina no final de semana da final do mundial. Há uma defesa pelo futebol de seleções, em detrimento do futebol de clubes, como um elemento de identificação para todo o continente.

Sobre os festejos do dia 18 de dezembro, o autor esclarece os registros de forma muito detalhada. O conflito-virada da narrativa se dá pela pertinência do impertinente característico da crônica. Da irrelevância de onde surgem discussões filosóficas, pessoais, psicológicas, sentimentais; de onde brotam contextos íntimos e dos quais o autor se utiliza para compor os argumentos. A virada é que, de um tom mais próximo de um relato sobre os acontecimentos presenciados, parte-se para uma crítica à forma de se relacionar com o futebol e se resgata a maneira como interpreta aquilo que deva ser o olhar para o futebol de seleções como um elemento de proximidade e identificação.

53) *Uma coleção de fotos da calorosa recepção em plena madrugada à Argentina campeã, após seu desembarque em Ezeiza*

Figura 61 – Narrativa #53, sobre a final

The image is a screenshot of a social media post. At the top, there is a red pill-shaped button with the text "Copa do Mundo". Below it is a red circular icon with a white lightning bolt and the word "Tendência". The main title of the post is "Uma coleção de fotos da calorosa recepção em plena madrugada à Argentina campeã, após seu desembarque em Ezeiza" in a large, bold, black font. Below the title is a short paragraph of text: "Milhares e milhares de torcedores encheram os arredores do aeroporto e ofereceram, desde a chegada da seleção, uma amostra da loucura que toma o país". At the bottom left, there is a small circular profile picture of a man and the text "Leandro Stein · Publicada em: 20/12/2022 11:57". At the bottom right, there is a small square icon with a white lightning bolt and the text "Menos de um minuto".

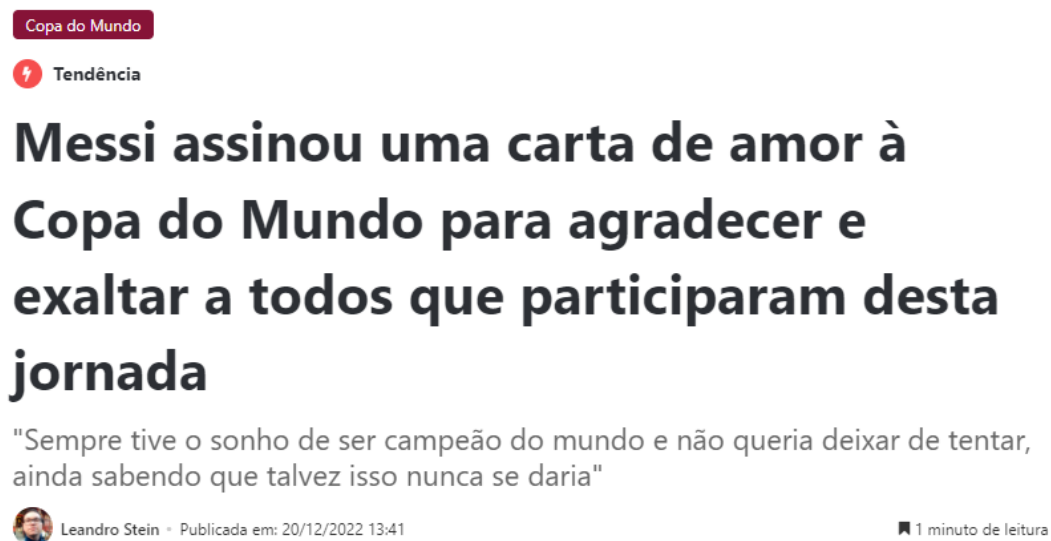
Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

O material entrega o que promete no título, com o apontamento de Leandro Stein de que foi uma “calorosa recepção”, ao mesmo tempo em que informa que o desembarque da seleção campeã foi em Ezeiza, situando o leitor brevemente. A dinâmica é a mesma de outros relatos semelhantes da repercussão do título mundial: o privilégio é dado às imagens, como se elas falassem por si, representando “uma amostra da loucura que toma o país”, com “milhares e milhares de torcedores encheram os arredores do aeroporto”. A indicação textual do material se dá em um único parágrafo, o que atesta as imagens como principal recurso.

Coerente com o título e a linha fina, o pequeno parágrafo dá dimensão das intenções do autor, de construir o relato como vazão da representação dos torcedores no retorno dos campeões: “O relógio passava das duas horas da madrugada quando o avião que trazia a delegação argentina campeã do mundo pousou no aeroporto de Ezeiza”. Para os milhares de aficionados, não importava o horário: “estavam prontos para dar a recepção calorosa aos jogadores pelo tão aguardado tri”, na “primeira mostra a eles do que serão esses próximos dias de loucura no país”. O foco também recai, mais uma vez, sobre a principal referência técnica da equipe, desfilando em carro aberto: “Messi quase sempre com seu precioso troféu nas mãos. Já seriam imagens inesquecíveis”. O enredo-intriga se dá a partir da catarse da conquista do título, em um movimento de acolhida após a campanha, o primeiro da Albiceleste pós-Maradona, e a concretização de um ápice esportivo não só para *La Selección*, mas para *La Pulga*, Lionel Messi com mais expectativa. O conflito e a virada do relato se dão na completude da tensão pós-campeonato. Estão, portanto, ligados ao que passou, ao que levou ao momento representado na comemoração.

54) *Messi assinou uma carta de amor à Copa do Mundo para agradecer e exaltar a todos que participaram desta jornada*

Figura 62 – Narrativa #54, sobre a final




Copa do Mundo

Tendência

Messi assinou uma carta de amor à Copa do Mundo para agradecer e exaltar a todos que participaram desta jornada

"Sempre tive o sonho de ser campeão do mundo e não queria deixar de tentar, ainda sabendo que talvez isso nunca se daria"

 Leandro Stein · Publicada em: 20/12/2022 13:41

1 minuto de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Como notícia, apenas repercute uma publicação de Messi no Instagram, em forma de agradecimento. Leandro Stein constrói a ideia de uma “carta de amor” pelo teor das declarações, na valorização a todos os envolvidos na conquista do mundial da Argentina. A imagem que ilustra a matéria, com Messi deitado na cama e abraçado à taça, dá a tendência da abertura do texto, em que o autor brinca: “Lionel Messi encontrou uma nova companhia para todos os momentos. Dormiu ao lado da taça, tomou mate com o troféu, abraçou e a amou como poucas vezes se viu. Sobretudo, Messi sorriu com a Copa do Mundo nas mãos”.

A conquista argentina, liderada por um “messiânico” capitão, em clara referência ao sobrenome do camisa 10, “ganha mais significado numa bonita carta assinada pelo camisa 10 em suas redes sociais”, no juízo de Stein. Ele pontua: “Tudo complementado por um belíssimo vídeo. De encher os olhos de lágrimas”, se posicionando como o interessado em futebol, como se apenas levasse a informação a conhecimento de quem deva. Fechando o conteúdo, uma transcrição da publicação de Messi e, também, o conteúdo incorporado a partir do perfil do jogador.

O autor aparece mais no texto, no sentido de se aproximar do leitor/torcedor interessado no que foi noticiado. O enredo-intriga se apresenta no pós-tensão, no

sentido do êxtase e da catarse pós-conquista. Na cobertura da Copa, aparece como um crescendo de expectativa, e, quando tudo se concretiza, há um atenuar da tensão, um repercutir da conquista. O conflito e a virada se dão a partir do enredo-intriga, depois das provações da disputa do campeonato, com jogos e a dimensão esportiva, depois mudando para a repercussão da conquista, o que faz dos jogadores também seres humanos, sendo recepcionados pela torcida, por suas famílias, etc.

55) *Uma coleção de fotos da erupção de gente que invadiu as ruas de Buenos Aires na recepção à Argentina campeã*

Figura 63 – Narrativa #55, sobre a final

Copa do Mundo

Tendência

Uma coleção de fotos da erupção de gente que invadiu as ruas de Buenos Aires na recepção à Argentina campeã

Cinco milhões de pessoas saíram às ruas de Buenos Aires e o ônibus da seleção sequer conseguiu completar o trajeto previsto

Leandro Stein · Publicada em: 20/12/2022 00:40

1 minuto de leitura

Fonte: Trivela/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Em “Uma coleção de fotos da erupção de gente que invadiu as ruas de Buenos Aires na recepção à Argentina campeã”, a escolha do narrador, Leandro Stein, em um texto de repercussão, de proposta informativa, é falar sobre um dos aspectos que circundam o futebol, mas nem sempre são lembrados: a manifestação da torcida. Especialmente após a vitória da Argentina e a conquista do terceiro título mundial, o sentido massivo do fenômeno ganha evidência, tratado pelo autor como “erupção de gente”, em uma hipérbole, uma figura de linguagem que representa a grande quantidade de adeptos em azul e branco. Na linha fina, a opção segue pelos recursos fáticos – citando as cinco milhões de pessoas que foram às ruas de Buenos Aires e impediram mesmo o ônibus com a seleção de completar o trajeto proposto inicialmente.

A intenção do narrador é a de provocar um efeito de sentido – a partir da dimensão da manifestação dos torcedores argentinos. Isso se vê quando no início do texto, ele anuncia a expectativa de que “a Argentina inteira aguardava por esse momento”. Se em um texto anterior um dos jornalistas da *Trivela* brincava sobre o que aconteceria em caso de título Albiceleste, já que na classificação para disputar a última partida já havia ocorrido uma grande mobilização, agora, essa projeção se concretizava. Leandro Stein oferece o contexto, depois de “toda a loucura que tomou o país” desde a classificação: “amplificada depois do título sobre a França, era de se imaginar que a erupção de gente para receber os tricampeões em Buenos Aires fosse até maior”.

O jornalista segue o relato observando que “o que se viu nesta terça-feira foi uma das maiores mobilizações de todos os tempos ao redor do futebol”, para representar a magnitude do evento. Depois disso, a opção foi por um recorte a partir da estimativa de autoridades: “5 milhões de pessoas, cerca de 10% da população do país, saíram às ruas para cortejar o trajeto do ônibus que levava os jogadores da seleção”, em trajeto interrompido sem que se pudesse atravessar o Obelisco, “epicentro da festa”.

Se no parágrafo de abertura o autor opta por ilustrar a dimensão do ocorrido, o segundo parágrafo trata do trajeto projetado, em que os atletas argentinos cumprimentariam o presidente depois de atravessar espaços pelo público, na Plaza de Mayo e na Casa Rosada. No entanto, ressalta o autor, usado uma hipérbole: “não foi possível abrir caminho no mar de gente que se apinhava nas ruas e os jogadores optaram por encerrar o cortejo no horário previsto, sem estender mais os festejos, por conta do cansaço de toda a viagem”. A curiosidade elencada por Stein vem do fato de que alguns jogadores precisaram ser retirados de helicóptero e deslocados às suas cidades, como Di María e Messi para Rosário, onde houve uma vigília em frente à casa do camisa 10, tal qual ocorreu com Maradona na conquista de 1986.

O terceiro segmento do texto se volta a ocorrências ao longo do dia, antes de apresentar a sequência de fotos. O autor ressalta que pelo menos 30 pessoas “ficaram feridas, inclusive dois torcedores que tentaram pular de uma ponte em cima do ônibus da seleção. Já mais à noite, depois do fim do cortejo, ocorreram confrontos entre pessoas que continuaram na região do Obelisco e a polícia”. Depois de cumprir esta espécie de “obrigação” informativa, o autor atenua o acontecido, quando usa o “apesar” e qualifica a terça como data marcante: “Apesar

disso, o que fica dessa terça-feira histórica é a festa. O dia em que cinco milhões de apaixonados dimensionaram a importância dessa terceira estrela à Argentina”.

O autor centra a construção do relato na "loucura" da comemoração do "mar de gente" que foi às ruas de Buenos Aires: seja pela dimensão do feito e da mobilização massiva; seja pelo trajeto planejado e incompleto, ou mesmo pelos incidentes ocorridos, o conteúdo se concentra nessa dinâmica e, em especial, por apresentar quase que uma galeria de fotos da comemoração.

Desta forma, o enredo-intriga se desenha a partir da representação da loucura dos argentinos após a conquista do mundial. É um retrato que se aproxima da estereotipia do sul-americano apaixonado pelo futebol, ainda mais no imaginário argentino, envolvido e emocional. Há espaço para a interpretação da representatividade do momento para o povo argentino, especialmente aquele interessado em futebol e que acompanha a seleção, e depois trata do restante do ocorrido – entre trajeto previsto e conflitos – de forma mais direta e objetiva.

Se em muitos casos a proposta é de projetar o que ocorrerá, entre a expectativa e a apreensão, neste caso há uma diferença: o texto se volta ao que já ocorreu: à catarse, à mobilização. A identificação com a narrativa formulada ao longo da cobertura se dá na concretização do heroísmo dos jogadores, da superação após a derrota na estreia e da expectativa de reconquistar o mundial após quase quatro décadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Soa o apito do árbitro: fim de jogo, fim de pesquisa. O ambiente catártico baixa de intensidade, as bandeiras e o papel picado param de rasgar os ares. O sol se põe, as vozes silenciam e as luzes se apagam: “O estádio fica sozinho e o torcedor também volta à sua solidão, um eu que foi nós; o torcedor se afasta, se dispersa, se perde, e o domingo é melancólico feito uma quarta-feira de cinzas depois da morte do carnaval” (Galeano, 2014, p. 7). É neste momento, então, que se faz um balanço do que representou o resultado final da partida que foi a redação deste estudo.

No percurso da dissertação, buscou-se compreender de que forma a *Trivela* articula elementos narrativos quando, ao olhar para a Copa do Mundo de 2022, foi considerada em especial a trajetória da Argentina. Assim, procurar respostas para o questionamento principal, surgido de pesquisas anteriores e com a intenção de ganhar mais fôlego, se mostrou algo desafiador, sobretudo. No entanto, compreende-se que as descobertas vindas a partir do objetivo geral foram curiosas e ricas – talvez mais que o esperado –, como se verá adiante, com mais detalhe.

Pensando a partir dos objetivos específicos, que deram sustentação ao principal questionamento da pesquisa, a proposta de discutir, brevemente, o campo dos jornalismo especializado e esportivo, no primeiro setor/capítulo da pesquisa, se mostrou um passo importante. Primeiro, porque permitiu a fundamentação e a reflexão sobre aspectos antes tratados com menos rigor, a partir de estudos brasileiros e estrangeiros. Segundo porque, ainda que a pretensão deste trabalho fosse priorizar perspectivas brasileiras de interpretação – sejam teóricas, sejam metodológicas –, o panorama da literatura internacional permitiu enriquecer a discussão. Por isso, vale retomar e pensar em algumas pistas deixadas pelo caminho.

Sobre o capítulo teórico, importa dizer que a estrutura projetada para a dissertação contribuiu para observações mais direcionadas aos sentidos histórico e teórico da especialização jornalística e do esporte. Este trecho inicial do estudo permitiu a apropriação de conceitos e um entendimento mais apurado das condições e da rotina de produção, tanto quanto do entendimento arraigado de que as seções segmentadas sejam tratadas apenas como editoriais. Compreende-se que essa concepção, baseada em uma estrutura tradicional de jornalismo impresso,

desconsidera os sentidos inter e multidisciplinares propostos pelo Jornalismo em suas variadas possibilidades. A limitação a uma seção impede uma visão mais ampla, em que as áreas se atravessam, momento em que podem ter contribuições umas com as outras.

Também foi possível pensar na possibilidade de o jornalista ser uma espécie de “explicador do mundo”. Ainda que o Jornalismo não seja mais o único fornecedor de informações às pessoas, segue tendo importância por oferecer um tipo determinado de relato, mesmo que o contexto de crise seja contínuo – talvez, permanente, como uma característica própria. Neste sentido, como consequência da configuração e do desenvolvimento da profissão e da sociedade, de forma geral, as informações se tornaram cada vez mais complexas.

Isso exige dos jornalistas ainda mais: a capacidade e o investimento intelectual para lidar com uma gama de temáticas múltiplas e oferecer materiais jornalísticos aos públicos, sobretudo com a quantidade vertiginosa de informação disponível. Foi possível notar, a partir da conceituação e da discussão do campo especializado, por exemplo, que ainda que divida alguns parâmetros com um tipo de jornalismo mais generalista, tem dinâmicas próprias. Mobiliza relações diferenciadas que as pessoas estabelecem com certos assuntos e, por isso, também configura um diálogo particular.

Do ponto de vista histórico, foi pontual tratar do desenvolvimento do segmento esportivo do jornalismo, especialmente no Brasil. Ainda que tenha demorado mais a ganhar espaço na imprensa, é notável o significado diferente que os esportes têm em território nacional, sobretudo quando se fala de futebol. Assim como reconhecer com mais propriedade o campo do jornalismo esportivo do ponto de vista teórico permitiu uma reflexão mais demorada. Pensar sobre o “patinho feio”, naquilo que se argumentou ao longo da digressão teórica, faz surgirem outros questionamentos sobre o entendimento que se tem: tanto de forma geral quanto dos próprios profissionais com a área em que trabalham.

Ao mesmo tempo, pode-se perceber que o campo do jornalismo esportivo ainda tem muito a se explorar. Há algumas considerações mais simplistas – geralmente aquelas que tem como norte um entendimento mais “mercadológico” – e outras que, mesmo sendo mais robustas e elaboradas, recorrem às mesmas perspectivas: a relação entre futebol e nação; algumas abordagens mais históricas; e o interesse em megaeventos – que envolve mesmo este estudo. Uma série de

possibilidades têm se apresentado nas últimas décadas, quando a pesquisa sobre esporte ganhou campo e estabeleceu contato mais próximo com o jornalismo. Entre as quais, a proposta de pensar sobre a forma pela qual as narrativas se compõem e a variedade de nuances apresentadas nesse universo repleto de significados particulares. Entre sentimentos, paixões, modos de agir, do imaginário e também de contar histórias, com tom agonístico, às vezes bélico, de luta, casos de superação, ou mesmo para tratar de questões culturais, sociais e políticas.

Ingredientes diferentes são adicionados à discussão quando o cristal do jornalismo generalista se depara com os fragmentos trazidos pelo esportivo. O uso das emoções, a linguagem mais coloquial, a possibilidade de explorar outros recursos e investimentos narrativos, além de ser mais permissiva com uma aproximação diante do objeto de interesse. Tudo isso na mesma medida em que as áreas se entrelaçam e compartilham estratégias narrativas: são tomadas de conflitos, de intrigas, e também têm dilemas internos sobre o tratamento com certos assuntos – sendo o jornalismo esportivo uma amostra de um panorama geral, mas internamente também com dificuldades: de considerar outras práticas que não a futebolística e de tratar do esporte além do jogo, por exemplo.

Um dos aspectos relevantes sobre a construção teórica do trabalho foi pensar a área como marginal, descredibilizada e pouco prestigiada, entre as diversas formas de capital, incluindo o jornalístico. É uma situação que, em hipótese, parece sedimentada e, por isso, é instigante por tornar a visualização do campo mais turva e complexa. Em complemento, foi pertinente refletir que, em muitos casos, a imprensa esportiva justifica as críticas que recebe neste campo em permanente disputa: quando é rasa, pouco contextual e apela à espetacularização e à obviedade do “mais do mesmo” dos enquadramentos. Na era da economia da atenção, é como se oferecesse apenas pequenas pílulas para consumo imediato do público, sem ponderar a variedade de possibilidades e atores que passam a integrar a discussão sobre a temática. Isso, certamente, fez com que se ponderasse sobre que tipo de jornalismo esportivo é um (utópico) ideal e qual tem sido produzido atualmente.

Além da análise em si, um dos processos que tomou mais tempo na construção da dissertação foi a lapidação dos procedimentos metodológicos – que, ressalte-se, como preparação, não deixa de ser parte da pesquisa. Inicialmente, a proposta não envolvia diretamente o aporte sobre narrativa, mas a perspectiva

discursiva francesa. Com as discussões nas aulas, contudo, a escolha foi alterar a rota logo. Então, além de estudar e reconhecer uma metodologia complexa, o desafio foi articulá-la com outros recursos que pudessem enriquecê-la: foi o caso da Análise de Conteúdo como um passo preliminar. Na esteira disso, é possível afirmar que a escolha do recorte do objeto empírico se mostrou prudente no sentido temporal: além dos dias de realização do mundial, vai-se um tanto adiante, para explorar as repercussões – num período redondo, de exatamente um mês.

Pode-se dizer, então, que a metodologia mista agregou aspectos positivos dos dois universos. A coleta dos dados que sustentaram a Análise de Conteúdo, feita antes da Análise Crítica da Narrativa, permitiu reconhecer as dimensões do objeto empírico e as necessidades que ele poderia requerer. Foi um momento de insistência, diante da variabilidade e da extensão dos materiais. Na definição das categorias que seriam contempladas, esse primeiro contato redirecionou e expandiu as classificações propostas inicialmente para corresponder às características do material analisado.

Essa alteração de direção possibilitou uma readequação do caminho trilhado por este estudo. Quando notou-se que a quantidade e extensão de matérias da *Trivela* na Copa impediria um olhar mais detalhado sobre o evento como um todo, um tempo considerável foi ocupado em tentar remodelar o recorte da pesquisa, diante de uma sensação de desorientação e incerteza. Neste sentido, um artigo da disciplina de Narrativa e Discursos Jornalísticos abriu espaço para tratar só dos jogos da seleção argentina na final do mundial. Certamente, esse foi um momento decisivo pela escolha da trajetória da Albiceleste, ainda que se entenda que o mundial tem muito mais histórias que apenas aquela dos vencedores – foi, portanto, uma escolha necessária.

Descartar materiais da coleta inicial, no entanto, não estava nos planos. A proposta – que consideramos acertada – foi contemplar a cobertura geral do mundial e aquelas matérias que tratavam da Argentina sob a orientação da análise dos conteúdos e, depois, só a este último segmento submeter a análise das narrativas. Dessa forma, na mesma medida em que a primeira estratégia dava a dimensão mais quantitativa e ampla dos relatos, a segunda oferecia com minuciosidade os recursos adotados na construção jornalística, dando liberdade de interpretação. No entanto, maior que a dificuldade de encontrar metodologias complementares e recortar o objeto empírico foi pensar em como executar a Análise Crítica da Narrativa – em um

tempo relativamente curto, de um mês e meio. Os planos da expressão, da estória, prioritariamente estéticos, e da metanarrativa, de sentido ético, dispostos em sete movimentos analíticos, exigiram uma sistematização exaustiva do desenvolvimento da análise.

Separar a coleta de materiais nas dimensões da construção textual, por um lado, e da formação narrativa, por outro, foi fundamental. Permitiu um olhar mais demorado na definição das angulações criadas entre gênero, formato e proposta dos textos, com mais opções disponíveis, além de outros recursos utilizados na cobertura. O material que serviu como artifício de preparação foi indispensável para uma leitura já previamente preparada das narrativas que se apresentariam na análise específica, orientada pelas indicações de Motta (2013).

Neste sentido, a composição da tabela sobre a formação narrativa foi um exercício à parte – com 550 lacunas a serem preenchidas apenas nesta etapa, já que eram 10 colunas para cada um dos 55 relatos. Considerar os aspectos propostos por Motta envolveu um olhar a dimensões múltiplas e simultâneas dos materiais em análise. Ainda que não fosse um número tão amplo de conteúdos em observação, a complexidade das descrições e a repetição dos critérios a cada um deles permitiriam ir com mais profundidade às intenções e estratégias narrativas. Por conta da adoção da metodologia mista e, sobretudo pela ACN, entende-se, desde já, que um dos principais pontos a serem destacados na dissertação está na contribuição metodológica e no esforço de sistematização do processo analítico.

Assim, o trunfo do capítulo metodológico desta pesquisa está na composição dos quadros de referência que descrevem cada escolha adotada, para conteúdo e narrativa. Entende-se que o cuidado dispensado à classificação dos materiais – com editoria, autoria, título, linha fina, etc. – teve resultado refletido na Análise de Conteúdo, feita de maneira mais sintética com o uso de gráficos. Também permitiu ver à distância algo sobre a dimensão da construção do texto, das intenções que nem sempre são explícitas, ou que quase sempre estão no não-dito, em relação à composição e à estruturação implícitas dos relatos.

E, no mesmo sentido, a formulação sobre a formação narrativa contemplou os anseios demonstrados pelos materiais da *Trivela*. Nessas leituras repetidas, já foi possível começar a compreender a resposta ao segundo objetivo específico da pesquisa, com a cobertura sobre futebol como um território em que é possível se

tratar de narrativa – mesmo pela dinâmica com que jogos, especialmente em Copas do Mundo, se desenvolvem.

Também faz parte desse espaço a construção contextual proposta ao longo do capítulo metodológico. A terceira das seções, sobre a Copa do Catar, foi pertinente justamente para que se tivesse uma compreensão para além da esfera esportiva. Foi possível notar o quanto um mundial de futebol se configura como um espaço discursivo de projeção de estereótipos, de histórias que exploram, pela dimensão simbólica, o aflorar de identidades e identificação entre os heróis, vilões e personagens que surgem. Mais que isso, megaeventos se fixam em um contexto de impacto social, cultural, e atravessado por questões de geopolítica, com implicações variadas. No caso do Catar, entre manobras nos bastidores, casos de corrupção, desrespeitos aos Direitos Humanos e dos trabalhadores alocados nas obras de infraestrutura, foram inúmeras as situações que tentaram ser soterradas pela estratégia de construção de uma outra imagem do país do Golfo. Se a preocupação sobre o mundial ofereceu um momento de contexto, a atenção dada à trajetória da *Trivela*, na seção seguinte, acabou por servir como um instrumento de respeito à memória.

A abordagem da história da publicação importou por ser um dos veículos online de jornalismo esportivo do Brasil, mas não só. Porque a reputação e a forma de fazer esse tipo de jornalismo foram construídas desde 1998, quando a cobertura de futebol internacional era rara em território nacional. Entre site, fanzine, revista, guias, especiais e podcast, a perspectiva da “velha” *Trivela* durou até pouco além da cobertura da Copa, o que faz deste, possivelmente, o último grande evento com essa maneira, o “jeito *Trivela*” de tratar o futebol – neste caso, de seleções.

Ainda que a publicação siga existindo, é fundamental que se ressalte que a dinâmica de precarização e sufocamento de meios alternativos e de falta de prestígio do segmento esportivo se mostra acertada, desde a abordagem no plano teórico. Concretiza-se, também, no plano empírico, com as características que fizeram a *Trivela* ser o que é – alteradas drasticamente após a compra por um grande grupo francês de mídia, de propósitos distintos, explicitamente mercadológicos. Com uma equipe mais ampla e de mais investimentos, a proposta virou: conteúdos homogeneizados, de consumo rápido, noticioso, sem o esmero de reportagem oferecido desde o fim dos anos 1990 pelos *trivelistas* – que, não à toa, revelaram ou projetaram ótimos nomes, até hoje na imprensa esportiva brasileira.

Quando fala-se em memória, não é apenas mera retórica: no revisitar a alguns conteúdos que seriam utilizados para a construção deste tópico, percebeu-se que havia muitas matérias deliberadamente excluídas do site. É um atestado da tentativa de apagamento da história – por meio do apagamento das estórias.

Então, há espaço para a sequência de uma espécie de preparação, primeiro recorrendo aos recursos do conteúdo, como descrito anteriormente. A proposta de tê-los à disposição a partir da coleta completa sobre a cobertura da Copa deu resultados instigantes, de um ponto de vista estrutural, de como o trabalho se desenvolve, além de permitir uma abordagem mais cuidadosa quando fosse o momento de tratar das narrativas em específico. Isso é destacável porque pode-se notar que os três principais nomes na cobertura da Copa de 2022 – e, na época, na edição e redação –, Leandro Stein, Bruno Bonsanti e Felipe Lobo, concentravam quase que a totalidade das produções. Além de a grande quantidade de matérias atestar sobrecarga e precarização de trabalho, também permite refletir sobre o esforço e a paixão envolvidos na manutenção de uma proposta de jornalismo alternativo – que seguia assim ainda que tivesse alcançado mais segmentos do público. Condição perdida agora.

Alternativo porque, como se pode observar, a proposta interpretativa/opinativa era prevalecente nos textos sobre o mundial. Essa, realmente, não parece ser uma tendência para o jornalismo esportivo contemporâneo que, quando não é cooptado por grandes veículos ou grupos de mídia e colocado à mercê apenas do que tem a oferecer do ponto de vista mercadológico e econômico, recorre frequentemente ao engajamento vazio e conteúdos pouco relevantes, voltados apenas a trivialidades e imediatismos, sobretudo no território da internet. Ressalta-se, pensando, por tabela, na *Trivela*, que:

[...] a “natureza interpretativa por ter de narrar fatos [...] que podem ser ambíguos, é fácil considerar que se ultrapassa a linha interpretativa para chegar à opinião em textos que são informativos e classificados como tal” (Gómez Bueno, 2012, p. 153). Em graus variados, “não aderem ao padrão estrutural tradicional”: linguagem coloquial, de natureza metafórica, uso de jargões e termos específicos, elementos do comentário, com interpretação e valoração intercalados com os fatos constituem parte desta perspectiva (Siekiera, 2016, p. 110, tradução nossa).

Entre as situações demonstradas pela análise dos conteúdos houve também um destaque interessante: os textos de personagem se mostraram parte considerável da cobertura do mundial, colocando-se como um diferencial da narrativa da *Trivela*. A aposta em tratar dos protagonistas das partidas atesta uma preocupação com uma perspectiva mais intimista e pessoal. Ao mesmo tempo, formatos como a crônica e os históricos se apresentam como possibilidades de um relato com mais investimento narrativo e profundidade, com características que, pode-se dizer, se aproximam da proposta de uma revista – não raro ultrapassando duas dezenas de parágrafos, com fotos, curiosidades, abordagens pessoais e psicológicas além do jogo.

Também foi perceptível que a proposta dos textos recorresse mais ao plano das quatro linhas – com mais da metade das narrativas – e da escalação – por voltar-se com frequência àqueles que fazem o jogo rolar. Ainda assim, matérias com a visão de jogo mostraram-se importantes por abordarem temáticas nem sempre presentes na imprensa esportiva brasileira tradicional – talvez por conta do interesse justamente na cobertura internacional, desde as raízes. Entre os recursos utilizados, aqueles mais pontuais, algumas tendências também foram identificadas – e essas se estendem às narrativas sobre a Albiceleste: o uso de fotos é quase unânime; fichas técnicas são usadas só em relatos de jogo; o conteúdo integrado aparece mais em repercussões; e mesmo sendo um site, há relativamente poucas matérias que exploram hiperlinks – em uma proposta que se aproxima também do jornalismo usualmente visto em revistas – antes impressas.

Quando a interpretação dos conteúdos fica exclusivamente na seleção argentina, os três jornalistas seguem ocupando o “pódio” em quantidade de publicações, com Leandro Stein em primeiro. A perspectiva de proposta dos textos prevalece a mesma que na cobertura geral, com a diferença de que, se antes eram os textos de personagem os principais, na cobertura sobre a Argentina as repercussões têm mais espaço – por conta da diminuição de jogos, sobretudo – assim como os textos históricos, que apontam para um preenchimento das publicações com materiais muito factuais ou conectados ao caráter histórico. A grande diferença é que conforme a competição avançava de fase, a produção aumentava tanto do ponto de vista quantitativo quanto em relação à intensidade e dramaticidade dos conteúdos, com mais apelo e investimento narrativo.

No capítulo analítico, por sua vez, tem espaço o trecho mais complexo e rico da pesquisa. Fechando a partida, a Análise Crítica da Narrativa prestou atenção detida às escolhas que construíam os relatos da *Trivela* sobre a Argentina na Copa de 2022. Avaliando a escolha da composição da análise, a indicação de uma ordem cronológica se mostrou pertinente. Inicialmente, a pretensão era dividir em dois ou três segmentos os elementos narrativos presentes nos textos: elementos de objetivação/subjetivação; informação/interpretação; descrição/dramatização; e dados e fontes/adjetivação.

No entanto, a conclusão à qual se chegou, após a releitura de alguns textos, foi a de que o relato ficaria desordenado por misturar trechos de mais de meia centena de publicações diferentes. Para que o entendimento não fosse prejudicado, a escolha pela apresentação ordenada foi interessante por permitir uma compreensão gradual do objeto empírico, trazendo situações que se confirmavam ou não com o passar do mundial. A divisão dos textos em subseções a partir das fases da Copa acabou por demonstrar o avanço da intensidade narrativa nas produções, quando as histórias tinham mais elementos. Assim, interpreta-se que a metodologia da ACN também foi um passo relevante e (mais que) suficiente por permitir desvelar as estruturas das narrativas individuais e chegar ao entendimento de uma narrativa singular, sobre a Argentina no mundial – correspondendo afirmativamente aos sete passos propostos por Motta (2013), inclusive, como ele mesmo aponta, de forma diluída e atravessando-se uns pelos outros.

Pode-se notar, em condições e momentos variados, cada um dos tópicos apontados pelo autor. A identificação de intrigas nas narrativas; as intenções do narrador na composição dos relatos; os fragmentos do conteúdo como unidades autônomas; a organização do material distinguindo eventos e movimentos de transformação; a existência de personagens somente na narrativa, enquanto representações arquetípicas, estereotipadas ou apenas encaixadas na proposta narrativa; e também das estratégias argumentativas utilizadas para dar sentido à descrição dos acontecimentos – oferecendo interpretações, pesos e cargas dramáticas variadas a personagens e situações presentes nos textos; dando origem a metanarrativas, ligadas a questões de fundo que transcendem as partidas em si.

Desta forma, são respondidos os outros dois objetivos específicos: ao se pensar a cobertura sobre futebol como um espaço propício para narrativas diferenciadas e, também, por buscar características narrativas nas matérias que

envolvem a seleção sul-americana. Neste sentido, respondendo mais diretamente à pergunta de pesquisa, conclui-se que, na trajetória Albiceleste na Copa do Mundo de 2022, *Trivela* articula elementos narrativos em quatro núcleos – criados para facilitar a compreensão: a partir da construção da linguagem; da formatação do texto; da composição do enredo e, por fim, como segmento específico para o qual os demais convergem, cria uma narrativa sobre o tri Albiceleste.

No primeiro dos núcleos, da construção da linguagem, é possível perceber claramente uma dinâmica particular da linguagem esportiva: referencial, mas coloquial, sem que os autores tentem se *apagar* do texto – em momentos demarcando posição ou se colocando como que em uma conversa com o leitor. Ainda que utilizem recursos fáticos para estabelecer efeitos de real – como o panorama tático em que o jogo se desenvolve ou as fichas técnicas –, os efeitos de sentido promovidos pelos recursos fictícios são explorados com frequência. Também por conta de outro elemento narrativo: a perspectiva interpretativa e opinativa nos relatos, além de uma composição textual recorrente – com aberturas interpretativas, que por diversas vezes recorriam a ganchos ligados ao campo futebolístico para introduzir o acontecimento. Neste mesmo sentido, em diversas oportunidades, os parágrafos de encerramento se conectavam à abertura dos textos.

A *Trivela* também articula outros elementos narrativos marcantes, no sentido da construção da linguagem: a adjetivação para demarcar os lances com intensidade; as expressões de efeitos estéticos, como hipérboles e metáforas para dar intensidade ao relato; e descrições feitas a partir de figuras de linguagem, especialmente aquelas compreendidas no universo do futebol, como forma de ilustrar o texto. Além disso, é perceptível que mesmo em materiais pretensamente informativos há tom de interpretação, seja de maneira expressa, seja pela escolha da composição e ordem do relato – como na descrição de lances determinantes, em que o detalhamento é muito maior, e na avaliação sobre atuações e decisões de jogadores durante as partidas, personificando a perspectiva analítica.

De maneira geral, os ritmos das narrativas oscilam porque fogem das informações factuais em diversos momentos: criam expectativa gradual, tanto em relatos históricos quanto nos da atualidade. Como a narrativa esportiva tem muito de conflito, *Trivela* também articula a construção de um cenário prévio crescente até que se dê a virada na narrativa. Elementos como o suspense, efeitos de

retardamento e desenlace, e também ênfase e os dêiticos – que permitem ao leitor ter referência espaço-temporal do acontecimento, são ressaltados.

Como se fala da construção da linguagem, ainda neste tópico, vale mencionar que muitos textos são tensionados pela pontuação – mais um recurso de ênfase. Parágrafos são compostos como cenas com núcleos narrativos, um por ideia, ganhando volume, dramaticidade e intensidade quando se aproximam do clímax narrativo – que eventualmente empurra aspectos mais factuais para adiante no texto, depois de ganchos, referências e contextualizações. Em momentos distintos também se dá a construção de um vaivém temporal, que direciona a percepção e faz da leitura uma espécie de colcha em que todos os pedaços se conectam, já que nem todos os textos são lineares – especialmente os históricos. Apontam, por isso, para um apreço na apuração, pesquisa, contextualização, aprofundamento e, sobretudo, capacidade de compor narrativas com uma quantidade considerável de informação.

Neste sentido, os jornalistas da *Trivela* articulam o sentido autoral às suas produções. Essa consideração é amparada tanto na observação do conteúdo quanto da narrativa quando se percebe que cada um deles têm uma dinâmica, uma intensidade de produção e usa de um repertório e de recursos diferentes. Isso se reflete mesmo nas escolhas narrativas, entre os textos mais noticiosos e diretos, com Lobo; os mais analíticos, com Bonsanti, e aqueles históricos e pessoais, com Stein, com os dois últimos dividindo com mais frequência as abordagens de personagens das partidas. Em diversos momentos, no entanto, se ressalta a perspectiva analítica, porque explora condições prévias, panoramas históricos, recorre à carreira dos jogadores em questão e oferece pontos de vista particulares.

Durante a Copa, há momentos em que a *Trivela* faz – voluntária ou involuntariamente – autorreferência: ou quando relembra de forma explícita textos publicados em outros confrontos que se repetem; ou quando uma narrativa se conecta a outras que já foram publicadas – como quando há um relato de jogo e, depois um de personagem – algumas abordagens se aproximam claramente. A autorreferência atua como um recurso à memória, porque gera interesse sobre as partidas que ainda estão por ocorrer, por exemplo, a partir de confrontos que devem se repetir. De quebra, remete a outras produções, em um ciclo de aprofundamento.

E, ao mesmo tempo em que, sim, há espaço para relatos mais tradicionais – quando se explora mais o aspecto da curiosidade e do atípico –, há outros com mais

recursos utilizados. Assunto detalhado no segundo núcleo: a partir da formatação do texto. São articulados elementos estruturais da narrativa, quando os formatos textuais correspondem a certas intenções narrativas e são mobilizados a partir de determinadas características. Por exemplo, os relatos de jogo, cronológicos, mais descritivos e baseados em recursos fáticos, que têm uma composição recorrente, entre uma abertura-gancho, resultados, retrospectos, escalação e relato do jogo, antes da ficha técnica. Por outro lado, textos de repercussão se aproximam de uma perspectiva mais tradicional e da notícia – que não é o diferencial da *Trivela*, quando exploram algo constante da imprensa esportiva: uma agenda contínua, com diversos acontecimentos noticiáveis – com coletivas, falas de sujeitos autorizados e aquelas disponíveis em outros veículos.

Textos históricos, por sua vez articulam o tempo maior de apuração com a perspectiva mais autoral, permitindo mais adjetivações e análises com panos de fundo não apenas relacionados aos confrontos, mas aos seus protagonistas além das quatro linhas. Com considerações contextuais, ajudam a compreender historicamente uma percepção mais ampla, cultural e social. Outro recurso privilegiado pela *Trivela*, ainda que em menor número, envolve mais investimento narrativo e um destaque autoral marcado, opinativo, dispondo de suporte literário. São, neste sentido, os textos de (construção de um) personagem que diferenciam, também a publicação de um viés tradicional: porque abordam não só desempenho esportivo, mas situações mais psicológicas, da história do atleta e dos impactos que a formação teve na maneira de jogar, entre outras condições.

Por sua vez, no terceiro núcleo, de composição do enredo, a *Trivela* articula os enredos-intriga a partir de elementos narrativos variados. Coloca em jogo personagens, protagonistas, antagonistas e coadjuvantes, mas não apenas apresentando-os: constrói representações que estão na realidade, mas só se tornam narrativa por meio do filtro da interpretação e da percepção visível nas pegadas deixadas pelo narrador. Assim, compõe a polarização, trazendo traços marcantes de expectativa, surpresa, decepção, entre outras propostas. Essa estratégia é fundamental para a montagem das histórias porque é a partir dos enredos e das intrigas por eles elaboradas que a simples intenção de relatar se transforma em narrativa. Os recursos fáticos e fictícios que compõem os enredos, então, são formas de representar os acontecimentos e, por isso, sofrem interferência direta da formação cultural e das percepções do narrador-jornalista.

Também é articulado o aspecto emocional, sobretudo na composição do enredo, com o suporte dos outros núcleos aqui dispostos. Como o esporte é um ambiente que mobiliza personagens e um jogo, a narrativa estabelece embates e duelos, e intensifica sentimentos como nervosismo, ansiedade, euforia e medo, entre outros. Nesta mesma perspectiva, aparecem aspectos psicológicos do jogo, no comportamento das equipes ou de atletas, que a publicação não deixa de abordar. Entram em questão os efeitos de sentido, para dar tempero ao enredo – motivado a partir de determinadas intrigas. Nelas, alguns destes efeitos se apresentam na prolepse e na analepse – quando recorre-se, em um caso, ao passado, à trajetória de jogadores em textos históricos e de personagens, por exemplo; e, em outro, à projeção do que representam as partidas e como cada estória pode se desenrolar adiante. Assim, nota-se que o sentido temporal é relevante na composição dos materiais da *Trivela* como uma ferramenta de crescimento da tensão narrativa.

Quando compõe a narrativa Albiceleste, o último núcleo, específico, ao qual os três anteriores se direcionam, a *Trivela* articula elementos condizentes com a trajetória argentina. No enredo da narrativa integral do percurso do time de Scaloni, os adversários são vistos não apenas como oponentes, mas desafiantes à concretização do título mundial. A metanarrativa que envolve os relatos – observando de forma ampla – é predominantemente de heroísmo, superação e expectativa, sendo que as poucas quebras deste contexto ocorrem justamente na partida de estreia, quando *La Selección* foi derrotada pela Arábia Saudita.

Neste sentido, o protagonista da trajetória Albiceleste é, sem dúvidas, Lionel Messi. A construção do personagem dentro da narrativa é questionada em poucos momentos a não ser no início da competição, e partindo em direção a uma crescente de acordo com o avanço das fases do mundial. Contudo, não se pode dizer que em alguma etapa da Copa ele tenha deixado de atrair a atenção dos relatos. Assim, os colegas de seleção aparecem como meros comparsas do crime cometido. Lionel Scaloni, o treinador, explora o improvável e a reviravolta por ter sido colocado no cargo de forma provisória, como alguém que aposta nisso e em estratégias peculiares para motivar o time. No entanto, é a trajetória acidentada, a montanha russa particular de Messi, em sua última dança, que ganha destaque. Ele, em determinados momentos da cobertura, é aquele que “tira o brilho da escuridão”, em uma clara construção de sentido que orbita em torno da genialidade e vai da expectativa à concretização, com a conquista.

A construção coloca Messi “acima dos mortais”, em outra dimensão, até que, finalmente, a Copa é que se curva a ele. Com o uso de hipérboles, destaque a impulsos emocionais e metafóricos – e doses consideráveis de interpretação e opinião além de outros elementos de efeito estético – os relatos, especialmente na final, ressaltam aspectos notados ao longo de toda a cobertura. Uma proposta que vai crescendo em intimismo, proximidade, e dando ênfase a uma determinada forma intensa de ser argentino. Uma construção que usa de estereótipos, mas como forma de ressaltar o aspecto passional do futebol. A cobertura sobre a Argentina, então, parece ter características próprias diferentes do evento como um todo.

Assim, na narrativa proposta pela *Trivela*, a história de Messi parece condensada no jogo diante da França, com tantas reviravoltas, no que foi um dos maiores embates de todos os tempos em Copas. Essa condição, sobretudo por estar presente em um momento decisivo, explora elementos narrativos como os indicativos de destino, próximos da adoração e da religião. Constrói-se um sentido de sacralidade, como quando, no último lance antes dos pênaltis, Dibu Martínez foi o devorador de mentes francesas e o porteiro do céu, tão logo Albiceleste. O épico, dramático e apoteótico se desenha até a conquista da terceira estrela.

Além disso, é fundamental notar que, entre o processo de construção da pesquisa e os desafios enfrentados – e já mencionados anteriormente –, as limitações demonstradas são algumas, identificadas tanto durante quanto na finalização do estudo. Sentiu-se a necessidade de aprofundamento do aporte teórico, aparentemente curto, mas explorando a possibilidade oferecida pelo tempo disponível. Também é preciso que se ressalte que a utilização de metodologia mista foi uma tentativa de envolver a proposta de pesquisa tanto da elasticidade analítica da narrativa, mais particular, com interferência clara do analista, com os resultados oferecidos por informações categorizadas – ainda que estas tenham sido formuladas também a partir de um ponto de vista determinado. É indispensável destacar que este estudo teve um escopo específico, em um universo limitado – sobretudo pelas escolhas teóricas e por conta dos recortes da amostra analisada, voltando-se apenas a uma seleção campeã de um evento determinado.

Ainda assim, acredita-se que as contribuições oferecidas são pertinentes quando se dão em diálogo com os objetivos propostos, tanto no sentido geral quanto no específico. Foi pontual ressaltar o campo do esporte, em especial aquele do futebol, como um espaço propício para tratar de narrativas. Em um evento como a

Copa do Mundo, o terreno é fértil para a exploração de enredos-intriga, reviravoltas e construções de sentido das mais variadas configurações. Ainda pensando das contribuições, também foi importante constatar a sustentação oferecida pelo aporte teórico nas três dimensões propostas – divididas em tópicos. Além disso, desde o princípio, foi propósito desta pesquisa apostar em uma perspectiva metodológico-analítica brasileira para compor as interpretações, um dos pontos importantes do estudo. Sobretudo por conta da tentativa de detalhamento e sistematização dos procedimentos a partir da liberdade oferecida ao analista, com o suporte do artifício de preparação da Análise de Conteúdo. Pode-se considerar, por exemplo, que algumas destas estratégias sejam úteis para outros estudos que mesquem as perspectivas do jornalismo, do esporte e da narrativa de forma conjunta.

Neste sentido, a pesquisa pode motivar o desenvolvimento de estudos posteriores com a intenção de refletir sobre características e tensionamentos do campo do esportivo – com uma espécie de “gramática jornalística” particular – em relação ao Jornalismo de forma geral. Pode propor o pensamento sobre o segmento esportivo enquanto área menos prestigiada na imprensa, problematizando valores e concepções tradicionais ressignificadas por uma dinâmica mais porosa e permissiva com perspectivas subjetivas e de ordem narrativa. Inclusive olhando para as quatro linhas como um espaço possível destas interpretações.

Por outro lado, pode se considerar a crise permanente do jornalismo chegando também ao segmento esportivo, como estimuladora de uma cultura de consumo acelerado e imediatista. Ou mesmo explorar o domínio de grandes empresas de mídia que abocanham produções alternativas, alterando suas formas de fazer jornalismo. Pode-se observar o entendimento que jornalistas esportivos têm de si e da área, explorando o paradoxo entre o pertencimento ao campo jornalístico, ao mesmo tempo em que há uma estigmatização, em uma espécie de “ferida aberta”.

Entre tantas outras possibilidades, seja explorando eventos como a Copa do Mundo ou mesmo contextos mais amplos, é preciso que se pense que há espaço para aquilo que Galeano (2014, p. 244) descreve em *O fim da partida*: quando “rola a pelota, o mundo roda”. Assim, “suspeita-se que o sol é uma bola acesa, que durante o dia trabalha e de noite brinca lá no céu, enquanto a lua trabalha, embora a ciência tenha dúvidas a esse respeito. Por outro lado, está comprovado, com toda a certeza, que o mundo gira em torno de uma bola que gira [...]”.

REFERÊNCIAS

- ABIAHY, A. C. A. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. Universidade Federal da Paraíba. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação: Covilhã, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahya-ana-jornalismo-especializado.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2020.
- ABIAHY, A. C. A. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2000.
- AGUIAR, L. A.; PROCHNIK, L. Estratégias narrativas no jornalismo esportivo e interculturalidade: análise de sites português, brasileiro e argentino sobre a Seleção Brasileira. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 9, n. 2, jul-dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p299/23347>. Acesso em: 18 mar. 2024.
- ALCOBA LÓPEZ, A. **Periodismo deportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.
- ALSINA, M. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2014.
- ANTUNES, F. **Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. Editora Unesp, 2004.
- APOIA-SE. **Trivela**, s/d. on-line. Disponível em: https://apoia.se/trivela?utm_source=post-trivela. Acesso em: 22 mar. 2020.
- ARAÚJO, M. M. Jornalismo Especializado: Interface Lógica, Discursiva e Terminológica a partir da Construção do JE.Writer. **Anais [...] Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1234-1.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2024.
- ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo: introdução. **Sur Le Journalisme**, v. 10, n. 2, 2021. Disponível em: <https://slj.emnuvens.com.br/slj/article/download/435/409>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- BAHIA, J. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990, p. 152.
- BAL, M. **Narratologia: introdução à teoria da narrativa**. Trad.: Elizamari Rodrigues Becker. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021.
- BANDYOPADHYAY, K.; NAHA, S.; MITRA, S. FIFA World Cup and beyond: sport, culture, media and Governance. **Sport in Society**, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/17430437.2016.1158475>. Acesso em: 08 set. 2023.

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARTHES, R. **Del deporte y los hombres**. Barcelona: Paidós, 2008.

BELTRÃO, L. **Jornalismo Interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BENETTI, M. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**. v. 8, n. 15, p. 13-28. São Paulo: PUC-SP, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1492/964>. Acesso em: 25 nov. 2023.

BENETTI, M.; JACKS, N. **O discurso jornalístico**. Grupo de estudo de jornalismo, Compós, Brasília, 2001.

BETTINE, M.; OZDEMIR, M. A Copa do Mundo masculina do Catar 2022 pelas lentes da mídia ocidental: soft power, diplomacia esportiva e sportswashing. **Revista Esporte e Sociedade**, n. 38 (2023), p. 1-25. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/59731/35896>. Acesso em: 07 jun. 2024.

BETING, M. Pago para ver. *In*: VILAS BOAS, Sérgio (Org.). **Formação & Informação Esportiva: Jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus Editorial, 2005, p. 12-41.

BOCAGE, S. Na mesa-redonda. *In*: BOCAGE, S. **Jornalismo Esportivo: os craques da emoção**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004. 116 p.: Cadernos de Comunicação. Série Estudos, v. 11, p. 65-71, 2004.

BONSANTI, B. Catar ensina: para colocar gente nos estádios, basta pagar os torcedores. **Trivela**, 19 dez. 2014. Disponível em: <https://trivela.com.br/asia-oceania/catar-ensina-para-colocar-gente-nos-estadios-basta-pagar-os-torcedores/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BORELLI, V. Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos. **Anais [...] XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação**, Campo Grande/MS, set. de 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/69091043172603617173111127019307506949.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

BORELLI, V. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. **Anais [...] XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Salvador/BA, 1 a 5 Set 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/ea984db34c55cfc94d2f75bb662887f6.pdf>. Acesso em: 05 set. 2023.

BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo?** Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão:** a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOYLE, R. Sports journalism: changing journalism practice and digital. **Digital Journalism**, 5:5, 493-495, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1281603>. Acesso em: 09 out. 2023.

BOYLE, R. **Sports journalism:** context and issues. Sage: London, 2006.

BOYLE, R.; ROWE, D.; WHANNEL, G. 'Delight in Trivial Controversy'? Questions for Sports Journalism *In*: ALLAN, S. (ed.). **The Routledge Companion to News and Journalism Studies**. London: Routledge, 2009.

BRINATI, F. A. Jornalismo esportivo e representações do futebol. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 5, n. 1, p. 3–7, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/29576>. Acesso em: 07 jun. 2024.

BUENO, W. C. Jornalismo especializado: resgatando conceitos e práticas. *In*: SANTOS, M.; BUENO, W. C. (orgs.). **Jornalismo especializado no Brasil:** teoria, prática e ensino. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015. Disponível em: http://editora.metodista.br/livros-gratis/Jornalismo%20especializado%20no%20%20Brasil12-4-2015.pdf/at_download/file. Acesso em: 04 mar. 2020.

CALDAS, W. **O pontapé inicial:** memória do futebol brasileiro. São Paulo, Editora Ibrasa, 1990.

CARDIA, R. C. **“Jean Marie: o Brasil vai até o Chuí”:** futebol e identidade “gaúcha” nas páginas da Folha Esportiva (1967-1972). Monografia (Bacharelado em História), Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21251/000734004.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 jun. 2024.

CARDOSO, M. Jornalismo especializado em esportes: uma discussão sobre a formação contínua do profissional. **Revista ALTERJOR**, ano 08, v. 1, n. 17, jan.-jun. São Paulo: 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/137365/137482>. Acesso em: 29 ago. 2023.

CASAGRANDE, M. C. Investimento de aspectos passionais no discurso da imprensa esportiva. **Sur Le Journalisme**, v. 10, n. 2, 15 dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/SLJ.v10.n2.2021.438>. Acesso em: 01 jul. 2023.

CASTAÑÓN RODRIGUEZ, J. Universidad, Comunicación y Lenguaje Periodístico del fútbol en América y España. **Revista Digital Universitaria**, Cidade do México, v.

6, n. 6, 2005. Disponível em: https://www.revista.unam.mx/vol.6/num6/art53/jun_art53.pdf. Acesso em: 12 jan. 2024.

CHADE, J. **Política, propina e futebol: como o Padrão FIFA ameaça o esporte mais popular do planeta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

CHARAUDEAU, P. Discurso Jornalístico e Posicionamentos Enunciativos: fronteiras e distanciamentos. **Parágrafo**. v. 4, n. 1, Jan./Jul., 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/374/371>. Acesso em: 16 nov. 2023.

CHRISTOFOLETTI, R. **A crise do jornalismo tem solução?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.

COELHO, J. P. A Copa no Catar: o ápice de um projeto de Estado para melhorar a imagem do país. **Revista Avesso: Pensamento, Memória e Sociedade**, 3(2), 2023, p. 1–19. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2675-8253.2022v3n2A3>. Acesso em: 07 jun. 2024.

COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo. Contexto, 2004. 120p.

COMUNICAÇÃO Especializada. **Conceito: Jornalismo especializado**. 24 nov. 2009. Disponível em: <http://comunicacaoespecializada.blogspot.com/2009/11/s.html>. Acesso em: 05 mar. 2020.

COSTA, L. M. Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. **LOGOS 33: Comunicação e Esporte**, v. 17, n. 2, 2º semestre, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/857/785>. Acesso em: 12 out. 2023.

COSTA, L. M. Um teatro de sensações: imprensa esportiva, melodrama e folhetim. **Ciberlegenda**, n. 22: Realidade e Ficção, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36641/21221>. Acesso em: 13 set. 2023.

COSTA, M. R. **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo, Musa Editora, 1999. 281p.

COUTO, J. G. **Futebol brasileiro hoje**. São Paulo. PubliFolha, 2009. 90p.

DAMATTA, R. (org.). **Universo do futebol: esporte & sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DARDENNE, R. W.; BIRD, E. Mito, registo e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. *In*: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

ELIOMAR FILHO, J. Geopolítica na Copa do Mundo de Futebol Masculino: (para além do) Catar 2022. **RecordE: Revista de História do Esporte**, v. 16, n. 2 (2023).

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/62431/39823>. Acesso em: 07 jun. 2024.

ENGLISH, P. Cheerleaders or critics? Australian and Indian sports journalists in the contemporary age. **Digital Journalism**, Londres, v. 5, n. 5, pp. 532-348, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2016.1209082>. Acesso em: 15 out. 2023.

ENGLISH, P. Mapping the sports journalism field: Bourdieu and broadsheet newsrooms. **Journalism**, 2015, p. 1-17. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1464884915576728>. Acesso em: 09 out. 2023.

EQUIPE TRIVELA. [Arquivo Padrim] O guia completo da Liga dos Campeões 2005/06. *In: Trivela*, 07 fev. 2019. Disponível em: <https://trivela.com.br/arquivo-padrim-o-guia-completo-da-liga-dos-campeoes-2005-06/>. Acesso em: 21 mar. 2020.

ERBOLATO, M. L. **Jornalismo Especializado**. São Paulo, Atlas. 1981.

ESCUDEIRO, L. Anistia Internacional denuncia trabalho forçado nas obras de estádio para a Copa de 2022. **Trivela**, 31 mar. 2016. Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/anistia-internacional-denuncia-trabalho-forcado-nas-obras-de-estadio-para-a-copa-de-2022/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

ºF451. *In: Issuu*, s/d. Disponível em: <https://issuu.com/f451midialtda>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FISCALIZE CATAR 2022. **Trivela**, s/d. Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/fiscalize-catar-2022/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FLORENZANO, J. P. Editorial: as configurações do jogo: Contextos, agentes e significados. **Revista Averso: Pensamento, Memória e Sociedade**, v. 3 n. 2 (2022). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/avesso/article/view/61921/42184>. Acesso em: 07 jun. 2024.

FOER, F. **Como o futebol explica o mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FONSECA, O. J. A. **O cartola e o jornalista: a influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo**. Dissertação (Mestrado), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1981. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000732604>. Acesso em: 02 fev. 2024.

FORTES, R. Estudos de esporte na área de comunicação: um panorama e algumas propostas. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 18, n. 2, março-agosto, 2011, p. 598-614. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/9476/6570>. Acesso em: 09 out. 2023.

FORTES, R. Por um salto de qualidade nas pesquisas do esporte no campo da Comunicação e do Jornalismo. **Âncora: Revista latino-americana de jornalismo**, ano 4, v. 4, n. 1, jan./jun. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/35844>. Acesso em: 23 ago. 2023.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANGE, M. **A produção do jornalismo esportivo na internet**. Curitiba: Appris, 2016.

FRUH, K.; ARCHER, A.; WOJTOWICZ, J. Sportswashing: Complicity and Corruption. **Sport, Ethics and Philosophy**, 2023, v. 17, n. 1, p. 101–118. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17511321.2022.2107697>. Acesso em: 07 jun. 2024.

GALEANO, E. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

GALEANO, E. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

GASTALDO, E. L. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 8, n. 21, mar. 2011 p. 39-51. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/209/206>. Acesso em: 15 set. 2023.

GASTALDO, E. L. Futebol e estudos de comunicação no Brasil: caminhos e encruzilhadas de um campo indisciplinar. *In*: GIGLIO, Sérgio; PRONI, Marcelo. **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2012. 240 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIULIANOTTI, R. Football Events, Memories and Globalization. **Soccer & Society**, 2019, 20 (7–8): p. 903–911. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14660970.2019.1680490>. Acesso em: 09 jun. 2024.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: discussões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GÓMEZ BUENO, J. **Ética, responsabilidad y observación de los códigos deontológicos en el periodismo deportivo**. Tese (Doutorado). 578f. Universidad de Murcia – Facultad de Comunicación y Documentación, Murcia, Espanha, 2012. Disponível em: <https://digitum.um.es/digitum/bitstream/10201/35089/1/TESIS%20DOCTORAL.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2023.

GOUVÊA, G. N. Desvelando as estratégias narrativas das notícias: estudo temático do jornalismo. *In*: JORGE, T. M. **Notícia em fragmentos**: análise de conteúdo no jornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

GRIFFIN, T. R. National identity, social legacy and Qatar 2022: the cultural ramifications of FIFA's first Arab World Cup. **Soccer & Society**, v. 20, n. 7-8, p. 1000-1013, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14660970.2019.1680499>. Acesso em: 05 jun. 2024.

GURGEL, A. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, ano XXI, n. 32/33, Jun-Dez./2009, p. 193-210. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/2175-8042.2009n32-33p193/14119/47905>. Acesso em: 01 nov. 2023.

HARTMANN, D.; MANNING, A.; GREEN, K. Postgame Analysis: Qatar 2022 and the Social Significance of Global Sport. **Contexts**, v. 22, Issue 3, p. 62-64. ISSN 1536-5042. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/15365042231192501>. Acesso em: 07 jun. 2024.

HELAL, R. Futebol, cultura e cidade. **Logos**: comunicação e universidade, v. 3, n. 2, 1996. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/13369>. Acesso em: 16 fev. 2023.

HELAL, R. **Sobre futebol, esporte e cultura**. Curitiba: Appris, 2021.

HELAL, R. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, R.; CABO, A. (orgs.). **Copas do Mundo**: Comunicação e Identidade Cultural no País do Futebol. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

HELAL, R.; LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. G. **Futebol, jornalismo e ciências sociais**: interações. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

HELAL, R.; MOSTARO, F. (orgs.). **Narrativas do esporte na mídia**: reflexões e pesquisas do LEME. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. *In*: LAGO, Cláudia; BENETTI, M. (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HOLLANDA, B. B. B. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980. *In*: HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, v. 1, p. 80-106.

HUMAN RIGHTS WATCH. “**How can we work without a salary?**” wage abuses faced by migrant workers ahead of the 2022 FIFA World Cup in Qatar, 2020. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2020/08/24/how-can-we-work-without->

[wages/salary-abuses-facing-migrant-workers-ahead-qatars](#). Acesso em: 28 maio. 2024.

HUTCHINS, B.; BOYLE, R. A community of practice: Sport journalism, mobile media and Institutional change. **Digital Journalism**, 2016, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2016.1234147>. Acesso em: 09 out. 2023.

IJUIM, J. K.; SARDINHA, A. C. Algumas meias verdades sobre a narrativa jornalística... e a busca por um jornalismo humanizado. **Comunicação & Sociedade**, Ano 30, n. 51, p. 155-176, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/858/909>. Acesso em: 10 mar. 2023.

KHALIFA, N. A. D. Analysis of the Impediments to the Effective Management of Mega Sporting Events: A Case of the FIFA 2022 World Cup in Qatar. **European Journal of Business and Strategic Management**, 2020, 5 (1): p. 70–95. Disponível em: <https://www.iprjb.org/journals/index.php/EJBSM/article/view/1115/1230>. Acesso em: 07 jun. 2024.

KHAN, S. FIFA's Calling: giving Qatar the red card. **Harvard International Review**, v. 36, n. 1, p. 50-52, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43649249>. Acesso em: 08 jun. 2024.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2004.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

LAGE, N. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2003.

LAGE, N. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2014.

LEAL, U. Fique ligado, hoje estreia o novo podcast Trivela-Central 3. *In: Trivela*, 26 fev. 2015. Disponível em: <https://trivela.com.br/fique-ligado-hoje-estreia-o-novo-podcast-trivela-central-3/>. Acesso em 12 jun. 2024.

LEAL, D. F. O. **Noticiabilidades na Placar: a mutação dos valores-notícia em três décadas de cobertura do futebol de mulheres**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife 2020. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/39965/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Daniel%20Felipe%20de%20Oliveira%20Leal.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.

LEAL, D.; MESQUITA, G. B. Entre o objetivo e o subjetivo: a presença de novos valores-notícia no jornalismo esportivo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 20, n. 1, mar./jul. 2023 - ISSN 1984-6924. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/93478/54269>. Acesso em: 19 set. 2023.

LIMA, A. C. S.; BRASILEIRO, A. F. A virtualização do jornalismo esportivo: Futirinhas e Trivela. *In: Anais [...]* XIV Congresso de Produção Científica e Acadêmica, 2016, São João del Rei. XXIII SIC, 2016.

LOBO, F. Anistia Internacional cobra Catar por descumprimento de melhorias trabalhistas em obras da Copa. **Trivela**, 05 fev. 2019. Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/anistia-internacional-cobra-catar-por-descumprimento-de-melhorias-trabalhistas-em-obras-da-copa/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

LOBO, F. Candidatura do Catar é acusada de sabotar rivais por Copa 2022 e denúncia cria pressão na Fifa. **Trivela**, 29 jul. 2018b. Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/candidatura-do-catar-e-acusada-de-sabotar-rivais-por-copa-2022-e-denuncia-cria-pressao-na-fifa/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

LOBO, F. Trabalhadores de obras da Copa 2022 ficam até cinco meses sem folga, segundo relatório. **Trivela**, 09 mar. 2018a. Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/trabalhadores-de-obras-da-copa-2022-ficam-ate-cinco-meses-sem-folga-segundo-relatorio/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005.

LOVISOLO, H. Jornalismo e esporte: linguagem e emoções. **Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro, v.7, n.6, 2011. Disponível em: <https://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/corpusetscientia/article/view/133/102>. Acesso em: 23 out. 2023.

LOZADA, G. **Metodologia científica** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: SAGAH, 2018.

LUDVIGSEN; J. A. L.; ROOKWOOD, J.; PARNELL, D. The sport mega-events of the 2020s: Governance, impacts and controversies. **Sport in Society**, 25:4, 2023, p. 705-711, Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17430437.2022.2026086>. Acesso em: 07 jun. 2024.

MAIA, C. Adeus, Trivela. **GizMundo UOL**, 1 dez. 2023. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/adeus-trivela/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

MALAIA, J. Placar: 1970. *In: HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (Orgs.). O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, v. 1, p. 149-170.

MALULY, L. V. B. Jornalismo esportivo: desafios e propostas. **Anais [...]** XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, RS, 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em: <https://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-1779-1.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2023.

MARCONDES FILHO, C. **Ser jornalista**: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria. São Paulo: Paulus, 2009.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.

MARQUES, J. C. A “criança difícil do século”: algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio. **Comunicação, mídia e consumo** (São Paulo, ESPM). Volume 8, 2011a, p. 93-112. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/download/212/209/213>. Acesso em: 10 set. 2023.

MEDEIROS, Y. Fanzine como extensão no ensino de jornalismo: o voo do Sibita. **Anais [...]** Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Caruaru - PE – 07 a 09/07/2016. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-2093-1.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2024.

MEDINA, C. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MELLO, M. S. **Complexidades identitárias em Santa Catarina**: análise de narrativas de rivalidade entre times catarinenses na mídia esportiva impressa local (2009-2018). Tese (Doutorado em Jornalismo), Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215823/PJOR0156-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 out. 2022.

MELLO, M. S. **Hermanos y cercanos, pero no mucho**: estudo comparativo entre os jornais Lance! e Olé durante a cobertura da Copa do Mundo de 2015. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/157341>. Acesso em: 12 out. 2022.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, V. A. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, v. 1, p. 21-51.

MIRER, M; HARKER, J. Will the Crowd Go Wild?: Reimagining the Newspaper Sports Section for Digital Subscribers. **Journalism Practice**, 2019, Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17512786.2019.1697955>. Acesso em: 12 jun. 2024.

MORETZSOHN, S. **Jornalismo em "tempo real"**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. *In*: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOTTA, L. G. Narrativas: representação, instituição ou experimentação da realidade? **Anais [...]** VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: USP, 2009.

MOTTA, L. G. **Narratologia**: análise da narrativa jornalística. Brasília: Casa das Musas, 2004.

MOTTA, L. G.; COSTA, G. B.; LIMA, J. A. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. XXVII, n. 2, jul./dez. 2004. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12232/1/ARTIGO_NoticiaConstrucaoSentidos.pdf. Acesso em: 21 nov. 2022.

OBREGÓN, F. J. F. Especialización, futuro del periodismo. **Revista LATINA de Comunicación Social**, La Laguna, n. 7, jul. 1998. Disponível em: <https://nuevaepoca.revistalatinacs.org/index.php/revista/article/view/2145/4534>. Acesso em: 13 out. 2023.

OLIVEIRA, T. R. N. **Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016**: o título do Grêmio e o rebaixamento do Inter. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/198356/PJOR0116-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 out. 2023.

OSELAME, M. Entre a notícia e o infotimento: um modelo nacional de jornalismo esportivo imposto aos programas locais. **Ciberlegenda**, Niterói, v.2, n. 29, pp. 61-73, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/download/36943/21518/123544>. Acesso em: 02 fev. 2023.

OSELAME, M. C. **Fim da notícia**: o “engraçadismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/2057>. Acesso em: 18 fev. 2022.

PATTINSON, P.; McINTYRE, N.. Revealed: 6.500 migrant workers have died in Qatar since World Cup awarded. **The Guardian**, 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2021/feb/23/revealed-migrant-worker-deaths-qatar-fifa-world-cup-2022>. Acesso em: 9 jun. 2024.

PENA, F. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PÉREZ, J. P. D. Ensayo sobre la cuádruple espectacularidad del periodismo deportivo. **Razón y palabra**, n. 69, p. 47, 2009. Disponível em:

<http://www.razonypalabra.org.mx/ENSAYO%20SOBRE%20LA%20CUADRUPLE%20ESPECTACULARIDAD%20DEL%20PERIODISMO%20DEPORTIVO.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

PERREAULT, G.; BELL, T. Towards a “Digital” Sports Journalism: Field Theory, Changing Boundaries and Evolving Technologies. **Communication & Sport**, v.

10 (3), 2020, p. 398-416. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2167479520979958>. Acesso em: 09 out. 2023.

QUADROS, M. R.; MOTTA, J.; NASI, L. Jornalismo e narrativa: aspectos do estado da arte das pesquisas no Brasil. In: SOSTER, D. A. **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.

QUEM SOMOS. In: °F451. Disponível em: <https://f451.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

REGINATO, G. D. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.

RESENDE, Fernando. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In: **Jornalismo Contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. SILVA, G.; KÜNSCH, D.; BERGER, C.; ALBUQUERQUE, A. (orgs.). Salvador, Brasil: EDUFBA/Compós, 2011.

RESENDE, F. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. **Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2629/1671>. Acesso em: 13 abr. 2023.

RIBEIRO, A. **Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RINGOOT, R.; RUELLAN, D. Journalism as permanent and collective invention. **Brazilian Journalism Research**, v. 3, n.2, jul/ dez 2007. Disponível em:

<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/119>. Acesso em: 22 set. 2022.

RODRIGUES, A. D. **Comunicação e Cultura: A experiência cultural na Era da Informação**. Lisboa: Presença, 1994.

ROJAS TORRIJOS, J. L. **Bases para la formulación de un libro de estilo de última generación**. Construcción de un modelo teórico válido para los medios deportivos escritos y digitales en lengua española. Tese (Doutorado). 501f. Universidad de Sevilla – Facultad de Comunicación, Sevilla, Espanha, 2010.

Disponível em:

https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/15974/P_T.D_PROV3.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 21 dez. 2022.

ROSSI, C. **O que é jornalismo?** São Paulo: Circulo do Livro, 2012.

ROWE, D. Sports journalism: Still the ‘toy department’ of the news media? **Journalism**, v. 8(4), 2007, p. 385–405 Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1464884907078657>. Acesso em: 09 out. 2023.

SALAZAR HERRERA, R. M. **Hacia un periodismo especializado ágil y creativo: la experiencia de la revista de transportes Señales (1996-1998)**. Tesis Digitales UNMSM, 2003. c. 1. Disponível em: http://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtualdata/tesis/Human/Salazar_HR/enPDF/Cap1.pdf. Acesso em: 27 fev. 2023.

SALWEN, M. B.; GARRISON, M. Finding their place in journalism: newspaper sports journalists’ professional “problems”. **Journal of Sport & Social Issues**, v 22, n. 1, fev. 1998, p. 88-102. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/019372398022001008>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SHERWOOD, M.; O’DONNELL, P. Once a journalist, Always a journalist? Industry restructure, job loss and professional identity. **Journalism Studies**, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1249007>. Acesso em: 23 dez. 2022.

SHIRTS, M. Futebol no Brasil ou football in Brazil? *In*: MEIHY, J. C.; WITTER, J. S. **Futebol e cultura: Coletânea de estudos**. São Paulo IMESP/DESP, 1982.

SIEKIERA, R. Reportorial or Essayistic Paradigm? – a Few Remarks about the Sports Report. *Acta Universitatis Lodziensis. Folia Litteraria Polonica*, 35:5, 2016, p. 103-113. Disponível em: <https://czasopisma.uni.lodz.pl/polonica/article/view/1409>. Acesso em: 28 fev. 2024.

SILVA, F. A. P. **Estudos para o desenvolvimento de um conceito de futebol alternativo como base para a revista especializada Série Z**. Monografia (Bacharelado em Jornalismo), Faculdade Maringá, Maringá, 2015. Disponível em: <https://jornalmonaweb2.files.wordpress.com/2014/12/monografia-estudos-para-o-desenvolvimento-de-um-conceito-de-futebol-alternativo-como-base-para-a-revista-especializada-srie-z.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2020.

SILVA, J. Jornalismo especializado. *In*: **Blog de Jornalismo Especializado**, Universidade Lusófona Porto, 06 abr. 2011. Disponível em: <https://jornalismoespecializado.blogs.sapo.pt/23791.html>. Acesso em: 02 fev. 2020.

SILVA, M. O. A notícia como narrativa e discurso. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. IV, n. 1, 1º semestre, 2007.

SILVA, M. R. **Mil e uma noites de futebol**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVA, M. V. O encontro entre subjetividade e alteridade na crítica das práticas jornalísticas. *In*: **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 1, p. 398-417, jan-mar. 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4603/12211>. Acesso em 22 jul. 2024.

SILVEIRA, N. E. **Jornalismo esportivo: conceitos e práticas**. Monografia (Bacharelado em Jornalismo), Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22683/000740013.pdf>. Acesso em: 22 out. 2023.

SOUSA, L.-C. S. C. S. **Cobertura esportiva na televisão: jornalismo ou entretenimento?** Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3427/1/arquivo4676_1.pdf. Acesso em: 03 fev. 2024.

STEIN, L. Como é ver a final da Copa em um campo de trabalhos forçados no Catar de 2022. **Trivela**, 17 jul. 2014. Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/como-e-ver-final-da-copa-em-um-campo-de-trabalhos-forcados-qatar-de-2022/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

STYCER, M. Lance! um jornal do seu tempo. *In*: BUARQUE DE HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, v. 1, p. 186-206.

SUÁREZ RAMÍREZ, S. **Los titulares en los cibermedios deportivos**. Principales figuras retóricas y su aplicación didáctica. Tese (Doutorado). 647f. Universidad de Extremadura – Departamento didáctica de las ciencias sociales, las lenguas y las literaturas, Badajoz, Espanha, 2015. Disponível em: https://dehesa.unex.es/bitstream/10662/3089/1/TDUEX_2015_Suarez_Ramirez.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.

TAVARES, F. M. B. O jornalismo especializado e a especialização periodística. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. **Estudo em Comunicação**, n. 5, p. 115-133, maio de 2009. Disponível em: <https://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>. Acesso em: 13 out. 2023.

TAVARES, F. M. B. O jornalismo especializado e a mediação de um ethos na sociedade contemporânea. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p.41-56, jan/jun 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/1990/1091>. Acesso em: 14 out. 2023.

TAVARES JÚNIOR, C. A. Jornalismo esportivo: o que é. **Revista Pauta Geral: Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 38 –59. Jul/Dez 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6199434.pdf>. Acesso em 14 fev. 2023.

TOLEDO, L. H. A cidade e o jornal: a Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX. *In*: HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, v. 1, p. 52-79.

TOLEDO, L. H. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TORRIJOS, J. R. **Radar**: pistas y tendencias en el periodismo deportivo. Sevilla: Ediciones Héroe de Papel, 2022.

TRAQUINA, N. **Porque as notícias são como são?** Florianópolis: Insular, 2005 (Teorias do Jornalismo vol. I).

TRIVELA & ESPN. *In*: °F451. Disponível em: <https://f451.com.br/trivela-e-espn/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

TUBINO, M. **Estudos brasileiros sobre o esporte**: ênfase no esporte-educação. Maringá: EdUEM, 2010.

TUBINO, M.; GARRIDO, F.; TUBINO, F. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2007.

TUCHMAN, G. As notícias como uma realidade construída. *In*: ESTEVES, João Pissarra. **Comunicação e sociedade**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009. p. 93-106.

TUCHMAN, G. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. *In*: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo**: questões, teorias e histórias. Florianópolis: Insular, 2016. p. 111-131.

TULLOCH, C.; RAMON, X. Take five: How Sports Illustrated and L'E'quipe redefine the long-form sports journalism genre. *Digital Journalism*, 5:5, p. 652-672, Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2016.1263159>. Acesso em: 14 fev. 2023.

UNZELTE, C. **Jornalismo Esportivo**: relatos de uma paixão. São Paulo: Saraiva, 2009, 176p.

VIANA, R. **A bola e o verbo**: o futebol na crônica brasileira. São Paulo: Summus, 2013.

VICCHIATTI, C. A. **Jornalismo**: comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Paulus, 2005. 115 p.

VILAS BOAS, S. (org.). **Formação e informação esportiva**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2005. (Formação e Informação).

WEEDON *et al.*, Where's all the 'good' sports journalism? Sports media research, the sociology of sport, and the question of quality sports reporting. **Intl. Ver. Soc. of Sport**, 2018, v. 53(6) 639-667. DOI: <https://doi.org/10.1177/1012690216679835>. Acesso em: 09 out. 2023.

WISNIK, J. M. S. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZART, L. H. "Além do óbvio": a prática jornalística da crônica futebolística a partir da Trivela. **Anais [...]** 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 3 a 6 de

Novembro de 2020b. Disponível em:

<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2752/1442>

. Acesso em: 01 mar. 2022.

ZART, L. H. **Além do óbvio: Trivela** e o jornalista esportivo a partir do modelo interpretativo-literário. Monografia (Especialização em Comunicação e Jornalismo), Universidade de Araraquara, Araraquara, 2020a.

ZART, L. H. Drama, apoteose e o tri albiceleste: a narrativa jornalística da Trivela na final da Copa do Mundo de 2022. **Anais [...]** 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Universidade de Brasília (UnB), Brasília (DF), 8 a 10 de novembro de 2023. Disponível em:

https://callforpapers.galoa.com.br/br/system/files/realmsbpjour-2023/submissions/submission-164824-1397198-field_submission_fulltext_file2.pdf.

Acesso em: 26 set. 2023.

ZART, L. H. Toco y me voy: Jornalismo Literário e o apagamento de fronteiras como possibilidade para coberturas sobre futebol. **Anais [...]** 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 9 a 12 de novembro de 2021 (Remoto). Disponível em:

<https://proceedings.science/encontros-sbpjour/sbpjour-2021/trabalhos/toco-y-me-voy-jornalismo-literario-e-o-apagamento-de-fronteiras-como-possibilida?lang=pt-br>.

Acesso em: 12 jun. 2024.

APÊNDICE A – Relação de textos: Análise Crítica da Narrativa

[TEXTO #1]

BONSANTI, B. Uma zebra daquelas: Arábia Saudita encurrala a Argentina e consegue vitória histórica. **Trivela**, 22 nov. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-zebra-daquelas-arabia-saudita-encurrala-a-argentina-e-consegue-vitoria-historica/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

[TEXTO #2]

LOBO, F. Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita. **Trivela**, 22 nov. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/faltou-lideranca-variacao-e-reacao-para-uma-argentina-que-iniciou-bem-e-acabou-engolida-pela-marcacao-saudita/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

[TEXTO #3]

BONSANTI, B. Scaloni: “Temos que levantar a cabeça e seguir em frente. Foi um dia triste”. **Trivela**, 22 nov. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-temos-que-levantar-a-cabeca-e-seguir-em-frente-foi-um-dia-triste/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

[TEXTO #4]

BONSANTI, B. Scaloni sugere mudança de escalação, mas não de estilo: “Temos que virar a página e achar que vamos ganhar”. **Trivela**, 25 nov. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-sugere-mudanca-de-escalacao-mas-nao-de-estilo-temos-que-virar-a-pagina-e-achar-que-vamos-ganhar/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

[TEXTO #5]

LOBO, F. Só ele salva: Messi tira Argentina do marasmo para arrancar vitória dramática sobre o México. **Trivela**, 26 nov. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/so-ele-salva-messi-tira-argentina-do-marasmo-para-arrancar-vitoria-dramatica-sobre-o-mexico/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

[TEXTO #6]

STEIN, L. Enzo Fernández aproveita cada chance em sua ascensão meteórica e essa atitude se nota em forma de golaço na Copa do Mundo. **Trivela**, 26 nov. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/enzo-fernandez-aproveita-cada-chance-em-sua-ascensao-meteorica-e-essa-atitude-se-nota-em-forma-de-golaco-na-copa-do-mundo/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

[TEXTO #7]

BONSANTI, B. A última dança caminhava para um fim trágico até que Messi fez o que Messi faz: decidiu. **Trivela**, 26 nov. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-ultima-danca-caminhava-para-um-fim-tragico-ate-que-messi-fez-o-que-messi-faz-decidiu/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

[TEXTO #8]

STEIN, L. As cenas mais insanas da comemoração pela vitória da Argentina vêm, é claro, de Bangladesh. **Trivela**, 27 nov. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-cenas-mais-insanas-da-comemoracao-pela-atoria-da-argentina-vem-e-claro-de-bangladesh/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

[TEXTO #9]

BONSANTI, B. Di María: “Mandei uma merda para ele, mas Messi sempre encontra soluções para tudo”. **Trivela**, 28 nov. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/di-maria-mandei-uma-merda-para-ele-mas-messi-sempre-encontra-solucoes-para-tudo/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

[TEXTO #10]

BONSANTI, B. Muito mais leve, Argentina conseguiu fazer o seu jogo e venceu a Polônia sem problemas para avançar. **Trivela**, 30 nov. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/muito-mais-leve-argentina-conseguiu-fazer-o-seu-jogo-e-venceu-a-polonia-sem-problemas-para-avancar/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

[TEXTO #11]

BONSANTI, B. Dupla do River, Fernández e Álvarez foram promovidos a titular e entraram na Argentina para ficar. **Trivela**, 30 nov. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dupla-do-river-fernandez-e-alvarez-foram-promovidos-a-titular-e-entraram-na-argentina-para-ficar/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

[TEXTO #12]

STEIN, L. Alexis escreve o nome dos Mac Allister nas Copas depois de seu pai virar até figurinha, mas se ausentar em 1994. **Trivela**, 30 nov. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/alexis-escreve-nome-dos-mac-allister-nas-copas-depois-de-seu-pai-virar-ate-figurinha-mas-se-ausentar-em-1994/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

[TEXTO #13]

LOBO, F. Austrália criou drama no final, mas Argentina conta com seu craque para vencer e avançar às quartas. **Trivela**, 03 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/australia-criou-drama-no-final-mas-argentina-conta-com-seu-craque-para-vinger-e-avancar-as-quartas/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

[TEXTO #14]

LOBO, F. Messi: “Agora meus filhos são conscientes do que é a Copa e me fazem aproveitar ainda mais”. **Trivela**, 04 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-agora-meus-filhos-sao-conscientes-do-que-e-a-copa-e-me-fazem-aproveitar-ainda-mais/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

[TEXTO #15]

EQUIPE TRIVELA. Cinco textos de arquivo para lembrar o jogo e o clima do Argentina x Holanda na semifinal de 2014. **Trivela**, 07 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/cinco-textos-arquivo-para-lembrar-o-jogo-e-o-clima-do-argentina-x-holanda-na-semifinal-de-2014/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

[TEXTO #16]

STEIN, L. Duas décadas depois, um novo olhar a uma partida lendária: Holanda 2×1 Argentina, quartas de final de 1998. **Trivela**, 09 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/duas-decadas-depois-um-novo-olhar-a-uma-partida-lendaria-holanda-2x1-argentina-quartas-de-final-de-1998/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

[TEXTO #17]

LOBO, F. Em jogo dramático, Argentina sofre empate da Holanda, mas sobrevive nos pênaltis e vai à semifinal. **Trivela**, 09 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/em-jogo-dramatico-argentina-sofre-empate-da-holanda-mas-sobrevive-nos-penaltis-e-vai-a-semifinal/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

[TEXTO #18]

STEIN, L. Messi encarnou Diego e disparou contra todos: Van Gaal, Weghorst, Mateu Lahoz, até a Fifa. **Trivela**, 09 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-encarnou-diego-e-disparou-contra-todos-van-gaal-weghorst-mateu-lahoz-ate-fifa/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

[TEXTO #19]

EQUIPE TRIVELA. Como contamos o Argentina x Croácia da Copa do Mundo de 2018 em quatro textos de arquivo. **Trivela**, 11 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/como-contamos-o-argentina-x-croacia-da-copa-do-mundo-de-2018-em-quatro-textos-de-arquivo/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #20]

STEIN, L. Maradona ensinou Suker, admirou Drazen Petrovic e deixou marcas numa Croácia recém-independente. **Trivela**, 12 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/maradona-ensinou-suker-admirou-drazen->

[petrovic-e-deixou-marcas-numa-croacia-recem-independente/](#). Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #21]

LOBO, F. Scaloni: “Messi sempre foi assim, não é mérito nosso”. **Trivela**, 12 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-messi-sempre-foi-assim-nao-e-merito-nosso/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #22]

STEIN, L. As lembranças do Argentina 1×0 Croácia de 1998, duelo de grandes craques que teve o brilho de Gallardo. **Trivela**, 13 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-lembrancas-do-argentina-1x0-croacia-de-1998-duelo-de-grandes-nomes-que-teve-o-brilho-de-gallardo/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #23]

LOBO, F. A última dança será na final: Messi conduz Argentina para eliminar a Croácia e garantir lugar na decisão. **Trivela**, 13 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-ultima-danca-sera-na-final-messi-conduz-argentina-para-eliminar-a-croacia-e-garantir-lugar-na-decisao/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #24]

BONSANTI, B. Sucesso de Álvarez é prêmio à inquietação de Scaloni que transformou a Argentina em camaleão. **Trivela**, 13 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/sucesso-de-alvarez-e-premio-a-inquietacao-de-scaloni-que-transformou-a-argentina-em-camaleao/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #25]

STEIN, L. O Argentina x Croácia teve 21 jogadores em campo e um Messi em outra dimensão. **Trivela**, 13 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-argentina-x-croacia-teve-21-jogadores-em-campo-e-um-messi-em-outra-dimensao/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #26]

BONSANTI, B. Torcedores da Argentina foram às ruas extravasar o quão próximo ficaram do título da Copa do Mundo – em Bangladesh também, claro. **Trivela**, 13 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/torcedores-da-argentina-foram-as-ruas-extravasar-o-quao-proximo-ficaram-do-titulo-da-copa-do-mundo-em-bangladesh-tambem-claro/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #27]

LOBO, F. Messi: “A Argentina está de volta a uma final da Copa e temos que aproveitar”. **Trivela**, 14 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-a-argentina-esta-de-volta-a-uma-final-da-copa-e-temos-que-aproveitar/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #28]

LOBO, F. Modric: “Espero que Messi ganhe a Copa do Mundo, ele é o melhor jogador da história e merece”. **Trivela**, 14 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/modric-espero-que-messi-ganhe-a-copa-do-mundo-ele-e-o-melhor-jogador-da-historia-e-merece/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #29]

EQUIPE TRIVELA. Quatro textos do arquivo da Trivela que recontam o trepidante França 4x3 Argentina de 2018. **Trivela**, 15 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/quatro-textos-do-arquivo-da-trivela-que-recontam-o-trepidante-franca-4x3-argentina-de-2018/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #30]

STEIN, L. Antes da final da Copa, uma dica de livro: “O Jogo: Argentina × Inglaterra · 1986”, da Dolores Editora. **Trivela**, 15 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/antes-da-final-da-copa-uma-dica-de-livro-o-jogo-argentina-x-inglaterra-%c2%b7-1986-da-dolores-editora/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #31]

STEIN, L. O Argentina x França que incendiou a Serie A por três temporadas: Maradona no Napoli x Platini na Juventus. **Trivela**, 15 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-argentina-x-franca-que-incendiou-a-serie-a-por-tres-temporadas-maradona-no-napoli-x-platini-na-juventus/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #32]

BONSANTI, B. Como foram as outras quatro vezes em que Messi tentou conquistar a Copa do Mundo. **Trivela**, 16 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/como-foram-as-outras-quatro-vezes-em-que-messi-tentou-conquistar-a-copa-do-mundo/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #33]

LOBO, F. Shevchenko: “Messi é um dos melhores de todos os tempos, junto a Maradona e Pelé. Merece uma Copa do Mundo”. **Trivela**, 16 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/shevchenko-messi-e-um-dos-melhores-de-todos-os-tempos-junto-a-maradona-e-pele-merece-uma-copa-do-mundo/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #34]

BONSANTI, B. Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina. **Trivela**, 16 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-o-interino-que-foi-ficando-foi-ficando-e-agora-pode-ficar-de-vez-na-historia-da-argentina/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #35]

LOBO, F. Lionel Scaloni: “Temos que desfrutar destes momentos porque é uma partida para a história”. **Trivela**, 17 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/lionel-scaloni-temos-que-desfrutar-destes-momentos-porque-e-uma-partida-para-a-historia/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

[TEXTO #36]

EQUIPE TRIVELA. Dica antes da final: O excelente especial sobre as histórias de Argentina x França do Futebol Portenho. **Trivela**, 17 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dica-antes-da-final-o-excelente-especial-sobre-as-historias-de-argentina-x-franca-do-futebol-portenho/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #37]

EQUIPE TRIVELA. O esquentado da final: nossos textos especiais sobre o grande França e Argentina deste domingo. **Trivela**, 18 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-esquentado-da-final-nossos-textos-especiais-sobre-o-grande-franca-e-argentina-deste-domingo/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #38]

LOBO, F. A Copa se curva à lenda Messi: nos pênaltis, dramático, contra uma França que não se entregou, a Argentina é campeã do mundo. **Trivela**, 18 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-copa-se-curva-a-lenda-messi-nos-penaltis-dramatico-contruma-franca-que-nao-se-entregou-a-argentina-e-campea-do-mundo/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #39]

STEIN, L. Enquanto o destino estava em seus pés, Di María fez a Argentina se sentir campeã – e ele mereceu demais que terminasse assim. **Trivela**, 18 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/enquanto-destino-estava-em-seus-pes-di-maria-fez-a-argentina-se-sentir-campea-e-ele-mereceu-demais-que-terminasse-assim/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #40]

BONSANTI, B. Uma trajetória dramática atinge a apoteose: Messi é campeão da Copa do Mundo. **Trivela**, 18 dez. 2022 (on-line). Disponível em:

<https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-trajetoria-dramatica-atinge-a-apoteose-messi-e-campeao-da-copa-do-mundo/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #41]

STEIN, L. Dibu Martínez foi o tapa penales, o devorador de mentes e o porteiro do céu albiceleste negado à França com seu milagre. **Trivela**, 18 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dibu-martinez-foi-o-tapa-penales-o-devorador-de-mentes-e-o-porteiro-do-ceu-albiceleste-negado-a-franca-com-seu-milagre/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #42]

BONSANTI, B. Com ou sem emoção? A Argentina fez uma campanha em que sempre optou pela via mais dramática. **Trivela**, 18 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-ou-sem-emocao-a-argentina-fez-uma-campanha-em-que-sempre-optou-pela-via-mais-dramatica/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #43]

STEIN, L. A Copa do Mundo também é uma conquista da devoção argentina: por Diego, por Messi, pela razão de ser torcida. **Trivela**, 18 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-copa-do-mundo-tambem-e-uma-conquista-da-devocao-argentina-por-diego-por-messi-pela-razao-de-ser-torcida/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #44]

BONSANTI, B. As melhores imagens de uma final inesquecível: Argentina 3 (4) x (2) 3 França. **Trivela**, 18 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/melhores-imagens-de-uma-final-inesquecivel-entre-argentina-e-franca/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #45]

STEIN, L. Entre tantos abraços dados por Messi, o encontro com a cozinheira da seleção em campo foi emocionante. **Trivela**, 19 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/entre-tantos-abracos-dados-por-messi-o-encontro-com-a-cozinheira-da-selecao-em-campo-foi-emocionante/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #46]

STEIN, L. Carrasco de oito anos atrás, Götze também torceu por Messi e recebeu o “perdão” de centenas de argentinos. **Trivela**, 19 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/carrasco-de-oito-anos-atras-gotze-tambem-torceu-por-messi-e-recebeu-o-perdao-de-centenas-de-argentinos/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #47]

LOBO, F. Messi: “Esta taça é o sonho de criança de qualquer um. Tive a sorte de ter conseguido e agora é desfrutar com vocês”. **Trivela**, 19 dez. 2022 (on-line).

Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-esta-taca-e-o-sonho-de-crianca-de-qualquer-um-tive-a-sorte-de-ter-conseguido-e-agora-e-desfrutar-com-voces/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #48]

STEIN, L. Agüero não estará nos livros dessa Copa, mas foi um dos personagens mais legais da Argentina campeã. **Trivela**, 19 dez. 2022 (on-line). Disponível em:

<https://trivela.com.br/copa-do-mundo/aguero-nao-estara-nos-livros-dessa-copa-mas-foi-um-dos-personagens-mais-legais-da-argentina-campea/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #49]

BONSANTI, B. Scaloni acertou a última escalação de uma Copa do Mundo em que não teve medo de errar. **Trivela**, 19 dez. 2022 (on-line). Disponível em:

<https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-acertou-a-ultima-escalacao-de-uma-copa-do-mundo-em-que-nao-teve-medo-de-errar/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #50]

LOBO, F. Depois de serem campeões e comemorem, Dibu Martínez e Romero foram jogar FIFA às 6 da manhã. **Trivela**, 19 dez. 2022 (on-line). Disponível em:

<https://trivela.com.br/copa-do-mundo/depois-de-serem-campeoes-e-comemorem-dibu-martinez-e-romero-foram-jogar-fifa-as-6-da-manha/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #51]

STEIN, L. A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time. **Trivela**, 19 dez. 2022 (on-line). Disponível em:

<https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-argentina-conquistou-o-mundial-tambem-pelos-jovens-decisivos-no-acerto-do-time/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #52]

IAMIN, L. Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente. **Trivela**, 20 dez. 2022 (on-line). Disponível em:

<https://trivela.com.br/copa-do-mundo/um-domingo-em-buenos-aires-e-a-importancia-do-futebol-de-selecoes-para-este-continente/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #53]

STEIN, L. Uma coleção de fotos da calorosa recepção em plena madrugada à

Argentina campeã, após seu desembarque em Ezeiza. **Trivela**, 20 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-colecao-de-fotos-da->

[calorosa-recepcao-em-plena-madrugada-a-argentina-campea-apos-seu-desembarque-em-ezeiza/](#). Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #54]

STEIN, L. Messi assinou uma carta de amor à Copa do Mundo para agradecer e exaltar a todos que participaram desta jornada. **Trivela**, 20 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-assinou-uma-carta-de-amor-a-copa-do-mundo-para-agradecer-e-exaltar-a-todos-que-participaram-desta-jornada/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

[TEXTO #55]

STEIN, L. Uma coleção de fotos da erupção de gente que invadiu as ruas de Buenos Aires na recepção à Argentina campeã. **Trivela**, 20 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-colecao-de-fotos-da-erupcao-de-gente-que-invadiu-as-ruas-de-buenos-aires-na-recepcao-a-argentina-campea/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

APÊNDICE B – Materiais de análise do objeto empírico⁵³

Quadro 7 – Coleta dos dados: construção textual sobre a Copa de 2022 pela Trivela

(continua)

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
1	20/11	20/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Felix Sanchez: "Estamos prontos para provar a todo mundo que merecemos jogar a Copa do Mundo"	Técnico do Catar, Felix Sanchez ressaltou a dificuldade de enfrentar o catar e sabe que é um dia importante para a história do Catar no futebol	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/felix-sanchez-estamos-prontos-para-provar-a-todo-mundo-que-merecemos-jogar-a-copa-do-mundo/	1
2	20/11	20/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Eric Dier: "Gosto de pensar que você pode aproveitar com ou sem álcool"	Proibição da venda de álcool a dois dias da Copa desagradou, mas o zagueiro da Inglaterra quer animar os torcedores com o futebol em campo	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/eric-dier-gost-o-de-pensar-que-voce-pode-aproveitar-com-ou-sem-alcool/	2
3	20/11	20/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Senegal convoca um lateral para o lugar de Mané, depois que a burocracia tornou Jakobs um problema	A troca de seleção feita por Ismail Jakobs ainda não foi aprovada pela Fifa e, por isso, Aliou Cissé preferiu chamar outro lateral	Interpretativo/Opinativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/senegal-convo-um-lateral-para-o-lugar-de-mane-depois-que-a-burocracia-tornou-jakobs-um-problema/	3
4	20/11	20/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Na abertura da Copa, Equador foi forte demais para um Catar de baixa qualidade e sem inspiração	Os sul-americanos abriram 2 a 0 sem problemas no primeiro tempo, tiraram o pé no segundo e começaram o Mundial com uma vitória tranquila	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/na-abertura-da-copa-equador-foi-forte-demais-para-um-catar-de-baixa-qualidade-e-sem-inspiracao/	4
5	20/11	20/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Catar viu seu plano receber um choque de realidade e tomou olé do Equador	Estilo de jogo da seleção catariana era baseada no estilo espanhol de posse de bola, mas nunca conseguiu controlar o jogo e viu o Equador fazer o que quis	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/catar-viu-seu-plano-receber-um-choque-de-realidade-e-tomou-ole-do-equador/	5
6	20/11	20/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Enner Valencia resumiu seu simbolismo à seleção do Equador no jogo em que o mundo parou para assisti-la	Maior artilheiro da história da seleção, Enner Valencia marcou os dois gols e foi o principal elemento para o Equador amassar o Catar	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/enner-valencia-resumiu-seu-simbolismo-a-selecao-do-equador-no-jogo-em-que-o-mundo-parou-para-assisti-la/	6
7	20/11	20/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Gustavo Alfaro: "Ganhamos com muita clareza e contundência, espero que seja o início de algo importante"	Técnico do Equador, Gustavo Alfaro comemorou a vitória sobre o Catar e projeta que será preciso jogar melhor para conseguir a classificação	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/gustavo-alfaro-ganhamos-com-muita-clareza-e-contundencia-espero-que-seja-o-inicio-de-algo-importante/	7
8	20/11	20/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Se a França não chamará substituto, é difícil entender por que Benzema teve que ser cortado	O técnico da França, Didier Deschamps, disse que não chamará um novo jogador para o lugar do craque e deve encerrar a Copa do Mundo com 25 em seu elenco	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/se-a-franca-nao-chamar-a-substituto-e-dificil-entender-por-que-benzema-teve-que-ser-cortado/	8
9	20/11	20/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Enner Valencia: "Sonhei muitas vezes em ganhar a partida de abertura"	Craque do jogo na vitória do Equador sobre o Catar, Enner Valencia celebrou a boa atuação, os dois gols e disse que sonhava com isso	Informativo	Personagem	Escalação	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/enner-valencia-sonhei-muitas-vezes-em-ganhar-a-partida-de-abertura/	9
10	20/11	20/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Torcedores do Equador cantaram "queremos cerveja, queremos cerveja" durante jogo de abertura	A venda de bebida alcoólica nos estádios foi proibida a apenas 48 horas da primeira partida da Copa do Mundo do Catar	Interpretativo/Opinativo	Notícia	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/torcedores-do-equador-cantaram-queremos-cerveja-queremos-cerveja-durante-jogo-de-abertura/	10
11	21/11	21/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Fifa ameaça com punição esportiva, e seleções europeias desistem de usar bracaideira em apoio aos direitos LGBT+	A Fifa deixou para a última hora, como tem virado hábito, a resposta a sete seleções europeias que planejavam realizar o protesto no Catar, onde homossexualidade é crime	Interpretativo/Opinativo	Notícia	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/fifa-ameaca-com-punicao-esportiva-e-selecoes-europeias-desistem-de-usar-bracaideira-em-apoio-aos-direitos-lgbt/	1
12	21/11	21/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Inglaterra inicia a Copa com tudo: destrói a defesa do Irã em um implacável 6 a 2	Com grande atuação de Bellingham e Saka, ingleses derrubaram a retranca iraniana para começar a Copa com goleada	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/inglaterra-inicia-a-copa-com-tudo-destrui-a-defesa-do-ira-em-um-implacavel-6-a-2/	2
13	21/11	21/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Do silêncio no hino aos cartazes da torcida, o jogo do Irã ecoou os protestos no país	Como outras equipes esportivas do Irã em meio à onda de protestos no país, a seleção de futebol não cantou o hino	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/do-silencio-no-hino-aos-cartazes-da-torcida-o-jogo-do-ira-ecou-os-protestos-no-pais/	3
14	21/11	21/11	Copa do Mundo/Inglaterra	Bruno Bonsanti	Chave para destravar o ataque inglês, Bellingham é um garoto-prodígio que está apenas começando	O meia de apenas 19 anos começou a brilhar ainda adolescente e teve sua camisa aposentada pelo Birmingham após uma única temporada	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/chave-para-destravar-o-ataque-ingles-bellingham-e-um-garoto-prodigio-que-esta-apenas-comecendo/	4
15	21/11	21/11	Copa do Mundo/Inglaterra	Bruno Bonsanti	Quis o destino que comemoração prometida por Grealish a garotinho com paralisia cerebral saísse na Copa do Mundo	A comemoração do sexto gol da Inglaterra contra o Irã foi em homenagem ao garoto Finlay, de 11 anos, o maior fã de Jack Grealish	Informativo	Personagem	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/quis-o-destino-que-comemoracao-prometida-por-grealish-a-garotinho-com-paralisia-cerebral-saísse-na-copa-do-mundo/	5
16	21/11	21/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Gols nos minutos finais decidiram vitória da Holanda em jogo equilibrado contra Senegal	Apesar da boa atuação de Senegal, Holanda conseguiu a vitória nos minutos finais, depois de ver os africanos criarem algumas chances	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/gols-nos-minutos-finais-decidiram-vitoria-da-holanda-em-jogo-equilibrado-contra-senegal/	6
17	21/11	21/11	Copa do Mundo/Holanda	Bruno Bonsanti	Noppert demorou para ter sua grande chance, mas já brilhou em um jogo de Copa do Mundo	O goleiro de 28 anos começou a ter sequência na primeira divisão apenas em janeiro de 2021 e estreou pela seleção holandesa contra Senegal, nesta segunda-feira	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/noppert-demorou-para-ter-sua-grande-chance-mas-ja-brilhou-em-um-jogo-de-copa-do-mundo/	7
18	21/11	21/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Bellingham foi o primeiro nascido no Século 21 a fazer gol em Copa: conheça os quatro do Século 19	Héctor Scarone e Pedro Cea são heróis do Uruguai campeão em 1930, enquanto Bart McGhee e Tom Florie também se destacavam nos EUA	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Visão de jogo	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/bellingham-foi-o-primeiro-nascido-no-seculo-xxi-a-fazer-gol-em-copa-conheca-os-quatro-do-seculo-xix/	8

⁵³ Parte das matérias está indisponível, com o link quebrado, porque a *North Star* retirou parte dos conteúdos do ar, deliberadamente. Essa condição foi percebida desde a construção da Análise Crítica da Narrativa até a defesa da dissertação.

19	21/11	21/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Bale salva empate para Gales contra Estados Unidos em jogo de tempos opostos	Depois de primeiro tempo bem superior dos Estados Unidos, Gales melhora no segundo e consegue empate em pênalti bobo dos americanos	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/bale-salva-empate-para-gales-contra-estados-unidos-em-jogo-de-tempos-opostos/	9
20	21/11	21/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Tinha que ser de Bale o primeiro gol de Gales em Copa do Mundo depois de 64 anos – mesmo tendo jogado mal	O craque da seleção galesa teve atuação apagada contra os EUA, mas sofreu e converteu o pênalti do empate de Gales em seu retorno aos Mundiais	Interpretativo/ Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	N	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/tinha-que-ser-de-bale-o-primeiro-gol-de-gales-em-copa-do-mundo-depois-de-64-anos-mesmo-tendo-jogado-mal/	10
21	21/11	21/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	As tentativas de George Weah alcançar a Copa antes de seu filho, Timothy, escrever o nome da família no Mundial de 2022	George Weah classificou a Libéria para duas Copas Africanas, mas não cumpriu o sonho do Mundial em quatro tentativas nas Eliminatórias	Interpretativo/ Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-tentativas-de-george-weah-alcancar-a-copa-antes-de-seu-filho-timothy-escrever-o-nome-da-familia-no-mundial-de-2022/	11

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
22	21/11	21/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	As lágrimas de Neco Williams após a estreia de Gales eram por seu avô, seu grande incentivador, falecido na véspera	Neco Williams recebeu a notícia de sua mãe na véspera do jogo e, ao final do empate, não conteve a emoção	Interpretativo/Opinativo	Notícia	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-lagrimas-de-neco-williams-apos-a-estrela-de-gales-eram-po-1-seu-avo-seu-grande-incentivador-falecido-na-ve-spera/	12
23	22/11	22/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Uma zebra daquelas: Arábia Saudita encurrala a Argentina e consegue vitória histórica	Os sauditas venceram pela segunda vez em Copas desde 1994 e encerraram sequência de 36 jogos de invencibilidade da Argentina	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-zebra-da-que-las-arabia-saudita-encurrala-a-argentina-e-consegue-vitoria-historica/	1
24	22/11	22/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita	Diante de uma virada inesperada, Argentina não soube reagir, não teve ideias e ficou em choque diante de um adversário quase impecável na marcação	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/faltou-lideranca-variacao-e-reacao-para-uma-argentina-que-inicou-bem-e-acabou-engolida-pela-marcao-saudita/	2
25	22/11	22/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	A magia de Salem Al-Dawsari, que encanta os sauditas há anos, ganha a eternidade das Copas do Mundo	Salem Al-Dawsari é um ídolo enorme do Al-Hilal e protagonizou a maior vitória da Arábia Saudita em Copas, no Mundial dos árabes	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-magia-de-salem-al-dawsari-que-encanta-os-sauditas-ha-anos-ganha-a-eternidade-das-copas-do-mundo/	3
26	22/11	22/11	Copa do Mundo/Argentina	Bruno Bonsanti	Scaloni: "Temos que levantar a cabeça e seguir em frente. Foi um dia triste"	O técnico da Argentina afirmou que esperava a postura agressiva da Arábia Saudita e admitiu que houve "aspectos que não foram bons" na derrota por 2 a 1 desta terça-feira	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-temos-que-levantar-a-cabeca-e-seguir-em-frente-foi-um-dia-triste/	4
27	22/11	22/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Tunísia mostra que não são favas contadas e fica no 0 a 0 com a Dinamarca	Em partida equilibrada, Tunísia conseguiu dificultar a vida da Dinamarca, favorita no duelo, e se defendeu bem quando necessário para manter o empate sem gols	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/tunisia-mostra-que-nao-sao-favas-contadas-e-fica-no-0-a-0-com-a-dinamarca/	5
28	22/11	22/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	A torcida da Tunísia garantiu uma atmosfera vibrante e já mostrou que será uma atração especial nos estádios da Copa	O Catar realiza uma Copa cheia de artificialidades, mas as torcidas do norte da África prometem um ambiente trepidante, como se viu nesta terça	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-torcida-da-tunisia-garantiu-uma-atmosfera-vibrante-e-ja-mostrou-que-sera-uma-atracao-especial-nos-estadios-da-copa/	6
29	22/11	22/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Destaque da Tunísia, Laïdouni é um meia incansável com tripla nacionalidade que parece prestes a dar um salto	O meia de 25 anos nasceu na França e estreou na Tunísia apenas ano passado, após se interessar por defender a seleção da Argélia, país de origem do seu pai	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/destaque-da-tunisia-laidouni-e-um-meia-incansavel-com-tripla-nacionalidade-que-parece-prestes-a-dar-um-salto/	7
30	22/11	22/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Arábia Saudita decreta feriado nacional nesta quarta-feira para comemorar a vitória sobre a Argentina	Trabalhadores do setor público e também do privado estão liberados, assim como estudantes de todos os níveis	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/arabia-saudita-decreta-feriado-nacional-nesta-quarta-feira-para-comemorar-a-vitoria-sobre-a-argentina/	8
31	22/11	22/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Ochoa defende pênalti de Lewandowski em empate sem gols e sem graça entre México e Polônia	Em jogo que nenhum dos dois times conseguiu mostrar grande coisa, a grande história foi a defesa de Ochoa em pênalti de Lewandowski, que segue sem marcar em Copas	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/ochoa-defende-penalti-de-lewandowski-em-empate-sem-gols-e-sem-graca-entre-mexico-e-polonia/	9
32	22/11	22/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	A lenda de Ochoa em Copas do Mundo ganha mais um capítulo dourado, com seu primeiro pênalti defendido	Ochoa mal sujou o uniforme contra a Polônia, mas se agigantou em mais uma Copa ao barrar o penal de Lewandowski	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-lenda-de-ochoa-em-copas-do-mundo-ganha-mais-um-capitulo-dourado-com-seu-primeiro-penalti-defendido/	10
33	22/11	22/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Com uma fratura na mandíbula, Al-Shahrani foi transferido para a Alemanha e passará por cirurgia	Titular na lateral esquerda, Al-Shahrani tomou uma pancada no rosto e precisava ser operado por uma hemorragia interna	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-uma-fratura-na-mandibula-al-shahrani-foi-transferido-para-a-alemanha-e-passara-por-cirurgia/	11
34	22/11	22/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	França lida bem com o susto e goleia Austrália na estreia na Copa com grande atuação coletiva	Austrália abriu o placar nos primeiros minutos, mas a França soube reagir e contou com ótima atuação em todos os setores para sair com vitória por goleada	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/franca-lida-bem-com-o-susto-e-goleia-australia-na-estrela-na-copa-com-grande-atuacao-coletiva/	12
35	22/11	22/11	Copa do Mundo/França	Bruno Bonsanti	Giroud aproveitou chance que caiu do céu para igualar Thierry Henry como maior artilheiro da França	O corte de Benzema garantiu que o atacante tivesse mais espaço na Copa do Mundo do Catar - e ele correspondeu de cara com dois gols	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/franca/giroud-aproveitou-chance-que-caiu-do-ceu-para-igualar-thierry-henry-como-maior-artilheiro-da-franca/	13
36	22/11	22/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Depois de ser tão criticado (e com razão), Rabiot liderou a reação da França e agora merece ser exaltado	Rabiot fez grande partida na goleada contra a Austrália, especialmente pelos dois gols que iniciaram a virada	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/depois-de-ser-tao-criticado-e-com-razao-rabiot-liderou-a-reacao-da-franca-e-agora-merece-ser-exaltado/	14
37	22/11	22/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Conejo e Navas, duas lendas da Costa Rica em Copas do Mundo amadas na Espanha	Luis Gabelo Conejo liderou a campanha da Costa Rica até as oitavas em 1990 e se tornou o grande professor de Keylor Navas na seleção	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Escalação	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/conejo-e-navas-duas-lendas-da-costa-rica-em-copas-do-mundo-amadas-na-espanha/	15
38	22/11	22/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	O pioneirismo de Okudera na Bundesliga e a forte relação Alemanha-Japão no futebol	Alguns dos maiores talentos do Japão estouraram na Bundesliga, enquanto os alemães levaram importantes ensinamentos aos nipônicos	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Visão de jogo	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-pioneirismo-de-okudera-na-bundesliga-e-a-forte-relacao-alemanha-japao-no-futebol/	16
39	22/11	22/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Com uma lesão ligamentar no joelho, Lucas Hernández é mais um cortado pela França na Copa	Lucas Hernández rompeu o ligamento cruzado anterior do joelho direito e, assim, a França ficará com 24 jogadores	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-uma-lesao-ligamentar-no-joelho-lucas-herandez-e-mais-um-cortado-pela-franca-na-copa/	17
40	23/11	23/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	[Vídeo] Assim foi o discurso de Hervé Renard nos vestiários durante o intervalo de Arábia Saudita x Argentina	Ele nos motivou durante o intervalo, falando coisas que nos davam vontade de comer grama, afirmou o volante Al-Malki	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/video-assim-foi-o-discurso-de-herve-renard-nos-vestiarios-durante-o-intervalo-de-arabia-saudita-x-argentina/	1
41	23/11	23/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Marrocos e Croácia empatam sem gols em jogo que a torcida marroquina foi destaque	Marroquinos pintaram o estádio de vermelho e fizeram muito barulho para apoiar os Leões do Atlas, mas nem Marrocos, nem Croácia conseguiram abrir o placar em suas estreias na Copa	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/marrocos-e-croacia-empatam-sem-gols-em-jogo-que-a-torcida-marroquina-foi-destaque/	2

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
42	23/11	23/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Os Amrabat gostam da Copa, e Sofyan começa 2022 com o destaque que o irmão Nordin teve em 2018	Sofyan Amrabat foi essencial no meio-campo de Marrocos, honrando a herança do irmão Nordin, destaque da equipe em 2018	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/os-amrabat-gostam-da-copa-e-sofyan-comeca-2022-com-o-destaque-que-o-irmao-nordin-teve-em-2018/	3
43	23/11	23/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Alemanha faz protesto contra censura da Fifa ao uso da braçadeira com as cores do arco-íris	Direitos humanos são inegociáveis, afirmou a seleção alemã, após o seu protesto antes da estreia contra o Japão	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/alemanha-faz-protesto-contra-censura-da-fifa-ao-uso-da-braca-deira-com-as-cores-do-arco-iris/	4
44	23/11	23/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Japão mostra suas garras e vence Alemanha de virada na estreia na Copa	No Grupo E, que tem Alemanha e Espanha, o Japão é quem começou rugindo com virada no final, em atuação corajosa e conta com gol de Asano, famoso por suas comemorações mostrando as garras	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/japao-mostra-suas-garras-e-vence-alemanha-de-virada-na-estrela-na-copa/	5
45	23/11	23/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Mitoma, Doan, Asano: técnico do Japão soube usar seu elenco, e os reservas saíram do banco para decidir		Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/mitoma-doa-asano-tecnico-do-japao-soube-usar-seu-elenco-e-os-reservas-sairam-do-banco-para-decidir/	6
46	23/11	23/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Alemanha deixou o controle escapar e tomou a virada por temores que não eram exatamente novos	Com dificuldades para converter seu controle em gols e uma defesa na qual Rüdiger ficou sobrecarregado, a Alemanha perdeu a temperatura do jogo e ficou tarde para se recuperar	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-alemanha-deixou-o-controle-escapar-e-tomou-a-virada-por-temores-que-nao-eram-exatamente-novos/	7
47	23/11	23/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Hajime Moriyasu, técnico do Japão: "Não é exagero dizer que este é um momento histórico e uma vitória histórica"	Moriyasu falou sobre o simbolismo do resultado contra a Alemanha e a impressão positiva do futebol asiático, após a vitória da Arábia Saudita sobre a Argentina	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/hajime-moriyasu-tecnico-do-japao-nao-foi-exagero-dizer-que-este-e-um-momento-historico-e-uma-vitoria-historica/	8
48	23/11	23/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Roja em Fúria: Espanha tem grande atuação em jogo coletivo e goleia impiedosamente a Costa Rica	Espanha fez uma das melhores apresentações na Copa em um impressionante 7 a 0 sobre a Costa Rica, com um futebol muito coletivo, baseado em passes	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/roja-em-furia-espanha-tem-grande-atuacao-em-jogo-coletivo-e-goleia-impiedosamente-a-costa-rica/	9
49	23/11	23/11	Copa do Mundo/Espanha	Bruno Bonsanti	Gavi tem apenas 18 anos, mas estreou na Copa do Mundo como se fosse veterano	O meia foi um dos destaques de uma Espanha muito jovem que abriu o Mundial goleando a Costa Rica por 7 a 0	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/gavi-tem-18-anos-mas-estreou-na-copa-do-mundo-como-se-fosse-veterano/	10
50	23/11	23/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Canadá joga melhor, mas chances perdidas custam caro e Bélgica vence sem jogar bem	Contra um adversário difícil, Canadá mostrou um excelente futebol, mas a eficiência foi muito baixa, o time não conseguiu marcar e perdeu em uma das poucas chances da Bélgica	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/canada-joga-melhor-mas-chances-perdidas-custam-caros-e-belgica-vence-sem-jogar-bem/	11
51	23/11	23/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Courtois salvou quando a Bélgica mais precisou – e provavelmente não será a última vez	O melhor goleiro do mundo não fez tantas defesas, mas apareceu em momentos críticos do jogo para garantir a vitória belga	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/courtois-salvou-quando-a-belgica-mais-precisou-e-provavelmente-nao-sera-a-ultima-vez/	12
52	23/11	23/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Apesar dos lamentos, Atiba e Eustáquio formaram uma dupla de primeiro nível na atuação impositiva do Canadá	Stephen Eustáquio ditou o ritmo altíssimo do Canadá, enquanto Atiba Hutchinson liderou com imponência e experiência	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/apesar-dos-lamentos-atiba-e-eustaquio-formaram-uma-dupla-de-primeiro-nivel-na-atuacao-impositiva-do-canada/	13
53	23/11	23/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Foi bonita a emoção de Kamal Miller, às lágrimas, durante a execução do hino do Canadá na estreia na Copa	Um dos melhores em campo contra a Bélgica, Kamal Miller não conteve a emoção durante a execução do hino nacional	Informativo	Personagem	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/foi-bonita-a-emocao-de-kamal-miller-as-lagrimas-durante-a-execucao-do-hino-do-canada-na-estrela-na-copa/	14
54	23/11	23/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	As histórias de Rajko Mitic, a lenda que dá nome ao Marakana sérvio, em suas visitas ao nosso Maracanã	Craque da Iugoslávia na Copa de 1950, Rajko Mitic deixou ótima impressão nos brasileiros e depois daria seu nome ao estádio do Estrela Vermelha	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-historias-de-rajko-mitic-o-patrono-do-marakana-em-suas-visitas-ao-maracana/	15
55	23/11	23/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Dinamarca perde uma peça importante em seu meio-campo com o corte de Delaney por lesão	Delaney machucou o joelho na estreia da Dinamarca e precisará de quatro semanas de recuperação	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-dinamarca-perde-uma-peca-importante-em-seu-meio-campo-com-o-corte-de-delaney-por-lesao/	16
56	24/11	24/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Suíça vence um jogo mais difícil que o esperado diante de Camarões	Camarões teve ótimos momentos, mas não soube reagir quando tomou o gol e viu o time desmontar no segundo tempo	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/suica-vence-um-jogo-mais-dificil-que-o-esperado-diante-de-camaroes/	1
57	24/11	24/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Camarões foi de mais a menos, com sinais positivos de início, mas também dificuldades de reação	Camarões foi superior durante o primeiro tempo, mas desencana no segundo e as alterações não surtiram qualquer efeito	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/camaroes-foi-de-mais-a-menos-com-sinais-positivos-de-inicio-mas-tambem-dificuldades-de-reacao/	2
58	24/11	24/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Com um gesto, Embolo expôs as nuances da nacionalidade e marcou uma Copa do Mundo globalizada	Nascido em Yaoundé, o atacante da Suíça fez o gol da vitória contra Camarões e decidiu não comemorar-lo	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-um-gesto-embolo-expos-as-nuances-da-nacionalidade-e-marcou-uma-copa-do-mundo-globalizada/	3
59	24/11	24/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Com estrelas do ataque apagadas, Uruguai e Coreia do Sul não saem do 0 a 0	Nem Suárez ou Cavani, nem Son: quem prevaleceu no duelo entre Uruguai e Coreia do Sul foi o zagueiro Kim Minjae, que marcou bem os uruguaios no empate sem gols	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-estrelas-do-ataque-apagadas-uruguai-e-coreia-do-sul-nao-saem-do-0-a-0/	4
60	24/11	24/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Será que Arrascaeta não cabia mesmo pelo menos no segundo tempo do Uruguai?	Uruguai sentiu falta do toque diferente do meia, que foi decisivo em vários momentos das Eliminatórias	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/sera-que-arrascaeta-nao-cabia-mesmo-pelo-menos-no-segundo-tempo-do-uruguai/	5
61	24/11	24/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Uma semana após perder a mãe, Sosa se emocionou quando se preparava à sua primeira partida em Copas, aos 36 anos	Sebastián Sosa voltou ao Uruguai para o sepultamento e chorou em campo durante o aquecimento do Uruguai	Informativo	Notícia	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-semana-apos-perder-a-mae-sosa-se-emocionou-quando-se-preparava-a-sua-primeira-partida-em-copas-aos-36-anos/	6

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
62	24/11	24/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Portugal vive montanha russa de emoções, toma susto no final, mas vence Gana na estreia	Bruno Fernandes brilhou na vitória de Portugal, que parecia tranquila até tomar o gol que deixou o placar em 3 a 2 e gerou sufoco nos minutos finais	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/portugal-vive-montanha-russa-de-emocoes-toma-susto-no-final-mas-vence-gana-na-estrela/	7
63	24/11	24/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Kudus apresentou credenciais de protagonista por Gana – e sua inexplicável substituição custou bastante ao time	Kodus sobrava como o melhor de Gana e tinha dado a assistência do gol, mas deixou o campo e o time caiu de imediato	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/kodus-apresentou-credenciais-de-protagonista-por-gana-e-sua-inexplicavel-substituicao-custou-bastante-ao-time/	8
64	24/11	24/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Quando o jogo mais apertou, Bruno Fernandes apareceu e resolveu como o ótimo garçom que é	O meia do Manchester United deu assistências para os gols de João Félix e Rafael Leão	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/quando-o-jogo-mais-apertou-bruno-fernandes-apareceu-e-resolveu-como-o-otimo-garcom-que-e/	9
65	24/11	24/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Brasil se impõe de forma categórica contra a Sérvia com boa atuação e golaço para vencer na estreia	Com dois gols de Richarlison e boa atuação coletiva, Brasil foi muito superior e soube vencer aquele que era visto como um dos jogos mais difíceis desta primeira fase	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/brasil-se-impoe-de-forma-categorica-contra-a-servia-com-boa-atuacao-e-golaco-para-vencer-na-estrela/	10
66	24/11	24/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Richarlison emergiu da defesa sérvia como camisa 9 e marcou o gol mais bonito da Copa (até agora)	O centroavante da seleção brasileira resolveu um jogo difícil na estreia da Copa do Mundo com dois gols - um deles, uma pintura	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/richarlison-emergiu-da-defesa-servia-como-camisa-9-e-marco-ju-gol-mais-bonito-da-copa-ate-agora/	11
67	24/11	24/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Também não foi uma estreia de Copa que intimidou Vinícius Júnior, confiante para ser essencial	Se a titularidade de Vinícius se tornou um ponto de mudança na escalação, sua boa estreia confirma de vez a vaga na ponta esquerda	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/tambem-nao-foi-uma-estrela-de-copa-que-intimidou-viniucius-junior-confiante-para-ser-essencial/	12
68	24/11	24/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Mesmo com um time mais leve, a firmeza do Brasil a cada combate foi uma das chaves para a estreia positiva	Especialmente num primeiro tempo duro, a Seleção fez um bom trabalho defensivo e a combatividade foi uma das virtudes	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/mesmo-com-um-time-mais-leve-a-firmeza-do-brasil-a-cada-combate-foi-uma-das-chaves-para-a-estrela-positiva/	13
69	24/11	24/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	O gol antológico de Richarlison em 11 imagens	Um dos gols mais bonitos da história das Copas fechou a vitória do Brasil em sua estreia no Catar	Informativo	Repercussão	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-gol-antologico-de-richarlison-em-11-imagens/	14
70	24/11	24/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Além do Pombo: outros sete gols acrobáticos que marcaram a história das Copas	Diante do gol fantástico de Richarlison, relembramos outros voleios e bicicletas eternos dos Mundiais	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/alem-do-pombo-outros-sete-gols-acrobaticos-que-marcaram-a-historia-das-copas/	15
71	25/11	25/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Dramático e histórico, Irã arranca vitória sobre Gales com gols aos 98 e 101 minutos, para delírio da torcida	Em jogo que teve as melhores chances e empurrou Gales para o campo de defesa no segundo tempo, o Irã vence um jogo histórico.	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dramatico-e-historico-ira-arranca-vitoria-sobre-gales-com-gols-aos-98-e-101-minutos-para-delirio-da-torcida/	1
72	25/11	25/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Suárez: uma atuação melancólica de alguém que sempre pode reagir	Entre os veteranos que dançarão pela última vez no Catar, Suárez foi o que teve a estreia mais ofensiva	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/suarez-uma-atuacao-melancolica-de-alguem-que-sempre-pode-reagir/	2
73	25/11	25/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	O Irã se reergueu, melhorou demais com as mudanças e dois velhos soldados de Queiroz foram heróis do épico	Autores dos gols, Chesmi e Rezaeian passaram três anos longe das convocações, até serem resgatados por Queiroz às vésperas da Copa	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-ira-se-reergueu-melhorou-demais-com-as-mudancas-e-dois-velhos-soldados-de-queiroz-foram-herois-do-epico/	3
74	25/11	25/11	Copa do Mundo/Brasil	Bruno Bonsanti	Neymar será desfalque importante, mas sua ausência não é mais o desastre que em outros tempos foi ao Brasil	O craque saiu da vitória contra a Sérvia com uma entorse no tornozelo e está fora dos últimos dois jogos da fase de grupos	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Escalação	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/neymar-seria-desfalque-importante-mas-sua-ausencia-nao-e-mais-o-desastre-que-em-outros-tempos-foi-ao-brasil/	4
75	25/11	25/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Catar melhora, mas perde de Senegal e fica em situação quase irreversível na Copa	Com duas derrotas, o Catar precisa de um milagre para se classificar e deve ser a primeira eliminada da Copa	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/catar-melhora-mas-perde-de-senegal-e-fica-em-situacao-quase-irreversivel-na-copa/	5
76	25/11	25/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Sem Danilo, Tite tem uma decisão a tomar entre duas reposições com características diferentes	Quem será o substituto do lateral direito, fora da fase de grupos? O construtor Daniel Alves ou o defensor Éder Militão?	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/sem-danilo-tite-tem-uma-decisao-a-tomar-entre-duas-reposicoes-com-caracteristicas-diferentes/	6
77	25/11	25/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Édouard Mendy se recuperou da estreia ruim e apresentou seu melhor nível com dois milagres	Depois das falhas contra a Holanda, Mendy realizou defesas de extrema dificuldades para garantir a vitória de Senegal sobre o Catar	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/edouard-mendy-se-recuperou-da-estrela-ruim-e-apresentou-seu-melhor-nivel-com-dois-milagres/	7
78	25/11	25/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Carlos Queiroz exalta a reação do Irã: "Fechamos a ferida da derrota contra a Inglaterra"	Treinador do Irã, Queiroz exaltou o trabalho dos jogadores para dar a volta por cima após os 6x2 sofridos	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/carlos-queiroz-exalta-a-reacao-do-ira-fechamos-a-ferida-da-derrota-contra-a-inglaterra/	8
79	25/11	25/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Empurrado por sua torcida, Equador jogou muito mais que a Holanda e saiu frustrado com empate	Gol da Holanda no início do jogo foi o melhor que os europeus fizeram; ao longo de todo o jogo, o Equador pressionou e por pouco não saiu com a vitória	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/empurrado-por-sua-torcida-equador-jogou-muito-mais-que-a-holanda-e-saiu-frustrado-com-empate/	9
80	25/11	25/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Estupiñán concentrou o jogo do Equador na lateral e sublinhou seu papel como destaque do time	Um dos jogadores com mais cartaz do Equador, Estupiñán teve enorme influência na boa atuação contra a Holanda	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/estupinan-concentrou-o-jogo-do-equador-na-lateral-e-sublinhou-seu-papel-como-destaque-do-time/	10
81	25/11	25/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Estados Unidos foram superiores, mas faltou capacidade de decisão para sair do empate com a Inglaterra	Com uma boa atuação e criando mais que a Inglaterra, os Estados Unidos perderam mais uma chance de vencer e terão que definir a classificação diante do Irã na última rodada - e precisando vencer	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/estados-unidos-foram-superiores-mas-faltou-capacidade-de-decisao-para-sair-do-empate-com-a-inglaterra/	11
82	25/11	25/11	Copa do Mundo/Argentina	Bruno Bonsanti	Scaloni sugere mudança de escalação, mas não de estilo: "Temos que virar a página e achar que vamos ganhar"	A Argentina deve ter pelo menos três mudanças para enfrentar o México neste sábado	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-sugere-mudanca-de-escalacao-mas-nao-de-estilo-temos-que-virar-a-pagina-e-achar-que-vamos-ganhar/	12

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
83	25/11	25/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Musah trocou a seleção inglesa pela americana e, no reencontro com velhos conhecidos, fez outra ótima partida nesta Copa	Filho de pais ganeses e nascido nas férias de sua mãe em Nova York, Musah carrega uma bagagem de quem cresceu na Itália, na Inglaterra e na Espanha	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/musah-trocou-a-selecao-inglesa-pela-americana-e-no-reencontro-com-velhos-conhecidos-fez-outra-otima-partida-nessa-copa/	13
84	25/11	25/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Uma coleção de imagens que apresentam a erupção de emoções na histórica e simbólica vitória do Irã nos acréscimos	Entre a vibração do futebol e a luta política, o Irã viveu uma sexta-feira intensa com a vitória por 2 a 0 sobre Gales no apagar das luzes	Interpretativo/Opinativo	Notícia	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-colecao-de-imagens-que-apresentam-a-erupcao-de-emocoes-na-historica-e-simbolica-vitoria-do-ira-nos-acrescimos/	14
85	01/08	26/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Austrália faz jogo impecável na defesa e consegue vitória fundamental contra a Tunísia para seguir viva	Com um gol no primeiro tempo e anulado as armas da Tunísia, a Austrália segue viva na disputa por uma vaga nas oitavas de final	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/australia-faz-jogo-impecavel-na-defesa-e-consegue-vitoria-fundamental-contra-a-tunisia-para-seguir-viva/	1
86	01/08	26/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Novidade na Tunísia, Naïm Sliti pelo menos tentou alguma coisa em um ataque improdutivo	A seleção tunisiana teve o domínio do segundo tempo, mas pouco criou, apesar dos esforços do jogador do Al-Etifaq, da Arábia Saudita	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/novidade-na-tunisia-naim-sliti-pelo-menos-tentou-alguma-coisa-em-um-ataque-improdutivo/	2
87	01/08	26/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Copa do Mundo é o palco em que o contestado centroavante australiano que atua na segundona japonesa encanta o planeta	Protegido do técnico Graham Arnold, Mitchell Duke chegou a ficar seis anos longe da seleção australiana e voltou para ser o talismã na vitória sobre a Tunísia	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-copa-do-mundo-e-o-momento-em-que-o-contestado-centroavante-australiano-que-atua-na-segundona-japonesa-encanta-o-planeta/	3
88	01/08	26/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Lewandowski faz seu primeiro gol em Copas e Polônia resiste à pressão da Arábia Saudita para vencer	Arábia Saudita pressionou no calor da torcida, mas a Polônia foi mais eficiente e contou com gol de Lewandowski para vencer e ficar viva na disputa por vaga na próxima fase	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/lewandowski-faz-seu-primeiro-gol-em-copas-e-polonia-resiste-a-pressao-da-arabia-saudita-para-vencer/	4
89	01/08	26/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Por aquilo que vem jogando na Copa, Kanno tem credenciais para se provar fora do futebol saudita	Kanno já tinha sido um dos melhores do time contra a Argentina e reafirmou sua qualidade com uma partida diante da Polônia, apesar da derrota	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/por-aquilo-que-ve-vem-jogando-na-copa-kanno-tem-credenciais-para-se-provar-fora-do-futebol-saudita/	5
90	01/08	26/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Mesmo para alguém com um currículo como o de Lewandowski, o primeiro gol em Copas é um momento muito especial	Melhor jogador do mundo, decacampeão da Bundesliga, campeão europeu, artilheiro: Lewandowski tinha tudo, menos um gol em Copas	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/mesmo-para-alguem-com-um-curriculo-como-o-de-lewandowski-o-primeiro-gol-em-copas-e-um-momento-muito-especial/	6
91	01/08	26/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Responsável por suceder Buffon, Szczesny foi o paredão que permitiu a vitória da Polónia	O goleiro da Juventus fez uma defesa tão maravilhosa que até ofuscou o pênalti que ele havia barrado segundos antes	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/responsavel-por-suceder-buffon-szczesny-foi-o-paredao-que-permitiu-a-vitoria-da-polonia/	7
92	01/08	26/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Mbappé decide contra a Dinamarca, França vence e quebra maldição de campeões que caem na primeira fase	Desde 2010, todos os campeões anteriores caíram na primeira fase, mas a França quebra esse tabu com categoria ao se classificar antecipadamente com duas vitórias na Copa 2022	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/mbappe-decide-contra-a-dinamarca-franca-vence-e-quebra-maldicao-de-campeoes-que-caem-na-primeira-fase/	8
93	01/08	26/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Além do poder de decisão, Mbappé tem exibido uma condição física absurda no Catar	Misturando sua habilidade com muita força e velocidade, Mbappé chegou a três gols e decidiu o jogo mais difícil da fase de grupos	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/alem-do-poder-de-decisao-mbappe-tem-exibido-uma-condicao-fisica-absurda-no-catar/	9
94	01/08	26/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	As expectativas sobre a Dinamarca eram justificadas, assim como são as cobranças pelo início morno na Copa	A Dinamarca até melhorou no segundo tempo contra a França, mas segue aquém do que produziu antes da Copa	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-expectativas-sobre-a-dinamarca-eram-justificadas-assim-como-sao-as-cobranças-pelo-inicio-morno-na-copa/	10
95	01/08	26/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Só ele salva: Messi tira Argentina do marasma para arrancar vitória dramática sobre o México	Um golaço de fora da área de Messi abriu caminho para a vitória em jogo horroroso entre Argentina e México, fundamental para a sobrevivência argentina na Copa do Mundo	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/so-ele-salva-messi-tira-argentina-do-marasma-para-arrancar-vitoria-dramatica-sobre-o-mexico/	11
96	01/08	26/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Enzo Fernández aproveita cada chance em sua ascensão meteórica e essa atitude se nota em forma de golaço na Copa do Mundo	Enzo Fernández foi um dos últimos nomes a se firmar na convocação da Argentina e pede passagem com seu golaço	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/enzo-fernandez-aproveita-cada-chance-em-sua-ascensao-meteorica-e-essa-atitude-se-nota-em-forma-de-golaco-na-copa-do-mundo/	12
97	01/08	26/11	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	A última dança caminhava para um fim trágico até que Messi fez o que Messi faz: decidiu	Um dia depois do aniversário de dois anos da morte de Diego Maradona, Messi deixou claro que ainda não está pronto para encerrar sua história na Copa do Mundo	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-ultima-danca-caminhava-para-um-fim-tragico-ate-que-messi-fez-o-que-messi-faz-decidir/	13
98	01/08	26/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	O México tinha um plano, mas não teve um pingo de coragem diante da oportunidade de cometer o crime	Diante de uma Argentina desacertada e em pânico, o México não fez o mínimo para aproveitar a brecha evidente	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-mexico-tinha-um-plano-mas-nao-teve-um-pingo-de-coragem-diante-da-oportunidade-de-cometer-o-crime/	14
99	01/08	26/11	Copa do Mundo	Emmanuel do Valle	Dez alemães que marcaram época na liga espanhola entre as décadas de 1970 e 1990	A liga espanhola atraiu muito talento da Alemanha durante um período especialmente vitorioso da Nationalelf, entre os anos 1970 e 1990	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dez-alemaes-que-marcaram-epoca-na-liga-espanhola-entre-as-decadas-de-1970-e-1990/	15
100	01/08	26/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	As histórias cruzadas dos descendentes marroquinos na seleção da Bélgica e dos belgas de nascimento na seleção de Marrocos	Nomes como Fellaini e Chadli fizeram história com a Bélgica, enquanto Marrocos confia em quatro jogadores nascidos em território belga na atual seleção	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-historias-cruzadas-dos-descendentes-marroquinos-na-selecao-da-belgica-e-dos-belgas-de-nascimento-na-selecao-de-marrocos/	16
101	01/08	26/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	A história do Toronto Croatia, o clube canadense fundado por croatas que foi campeão com Eusébio	O Toronto Croatia integrou a NASL, principal liga da América do Norte nos anos 1970, e surpreendeu quando levou o título em 1976	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-historia-do-toronto-croatia-o-clube-canadense-fundado-por-croatas-que-foi-campeao-com-eusebio/	17

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
102	02/08	27/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	As cenas mais insanas da comemoração pela vitória da Argentina vêm, é claro, de Bangladesh	-	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-cenas-mais-insanas-da-comemoracao-pela-vitoria-da-argentina-vem-e-claro-de-bangladesh/	1
103	02/08	27/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Japão domina, mas não leva: Samurais Azuis decepcionam, perdem da Costa Rica e bagunçam Grupo E	Depois de surpreender a Alemanha na primeira rodada, Japão não consegue vencer a defesa costarriquenha, perde o jogo e pode ter se complicado para buscar a classificação	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/japao-domin-a-mas-nao-leva-samurais-azuis-decepcionam-perdem-da-costa-rica-e-baguncam-grupo-e/	2
104	02/08	27/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Se mudou a história contra a Alemanha, foi difícil entender as escolhas de Moriyasu para um jogo tão importante	A vitória contra a Costa Rica classificaria o Japão às oitavas de final, mas ele usou poucos dos destaques que saíram do banco de reservas para virar contra a Alemanha	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/se-mudou-a-historia-contra-a-alemanha-foi-dificil-entender-as-escolhas-de-moriyasu-para-um-jogo-tao-importante/	3
105	02/08	27/11	Copa do Mundo	Fernando Santos	Decisivo na Copa, Cristiano Ronaldo se torna primeira pessoa a alcançar 500 milhões de seguidores no Instagram	-	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/decisivo-na-copa-cristiano-ronaldo-se-torna-primeira-pessoa-a-alcançar-500-milhoes-de-seguidores-no-instagram/	4
106	02/08	27/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Francisco Calvo liderou a transformação da Costa Rica, muito mais firme, mas será uma ausência sentida na rodada final	Zagueiro mais técnico da seleção da Costa Rica, Calvo teve um excelente trabalho para acertar a equipe depois do baile contra a Espanha	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/francisco-calvo-liderou-a-transformacao-da-costa-rica-muito-mais-segura-mas-sera-uma-ausencia-sentida-na-rodada-final/	5
107	02/08	27/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Federação iraniana pede punição de dez jogos à seleção dos EUA por "desrespeitar a bandeira", com símbolo islâmico suprimido	Na divulgação sobre a Copa nas redes sociais, a federação dos EUA resolveu suprimir da bandeira do Irã o emblema que representa Alá	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/federacao-iraniana-pede-punicao-de-dez-jogos-a-selecao-dos-eua-por-desrespeitar-a-bandeira-com-simbolo-islamico-suprimido/	6
108	02/08	27/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Leões do Atlas rugem e Marrocos conseguem vitória histórica diante de uma apática Bélgica	Marrocos não se intimidaram diante da Bélgica e vencem merecidamente por 2 a 0 e agora o grupo fica aberto para a última rodada	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/leoes-do-atlas-rugem-e-marrocos-conseguem-vitoria-historica-diante-de-uma-apatica-belgica/	7
109	02/08	27/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Hazard está sendo o exemplo mais visível do envelhecimento da Bélgica, que precisa pensar em alternativas	Sem potência, a cabeça do jogador do Real Madrid ainda pensa nos mesmos movimentos, mas seu corpo não obedece	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/hazard-esta-sendo-o-exemplo-mais-visivel-do-envelhecimento-da-belgica-que-precisa-pensar-em-alternativas/	8
110	02/08	27/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	A vitória que Marrocos esperou por 24 anos reafirmou como o time tem uma ótima dupla de zaga, com Saïss e Aguerd	A dupla formada por Saïss e Aguerd se solidificou depois da Copa de 2018 e desponta como uma das virtudes de Marrocos	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-vitoria-que-marrocos-esperou-por-24-anos-reafirmou-como-o-time-tem-uma-otima-dupla-de-zaga-com-saïss-e-aguerd/	9
111	02/08	27/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Médico de Marrocos explica que Bono sentiu tontura durante o hino e, por isso, não enfrentou a Bélgica	Bono entrou em campo com Marrocos, mas precisou ser substituído antes mesmo que a bola rolasse	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/medico-de-marrocos-explica-que-bono-sentiu-tontura-durante-o-hino-e-por-isso-nao-enfrentou-a-belgica/	10
112	02/08	27/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Croácia mostra qualidade e experiência para virar o jogo e eliminar o Canadá da Copa	Mesmo saindo à frente no placar, Canadá viu a sua vantagem ruir diante de uma Croácia que soube jogar e virar o jogo para sair com a vitória e eliminar os canadenses da Copa	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/croacia-mostra-qualidade-e-experiencia-para- virar-o-jogo-e-eliminar-o-canada-da-copa/	11
113	02/08	27/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Zlatko Dalic mudou o ataque da Croácia para destruir Kramaric – e foi muito bem recompensado	Com mais liberdade para se movimentar, o atacante do Hoffenheim ajudou a definir a vitória por 4 a 1 sobre o Canadá com dois gols	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/zlatko-dalic-mudou-o-ataque-da-croacia-para-destruיר-kramaric-e-foi-muito-bem-recompensado/	12
114	02/08	27/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Apesar da eliminação, é marcante que o primeiro gol do Canadá em Copas seja de Alphonso Davies – o talento que simboliza tanta coisa	Alphonso Davies é a referência do Canadá por bola, por orgulho e por exemplo, quem sabe para liderar um florescer ainda maior da seleção rumo a 2026	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/apesar-eliminacao-e-marcante-que-o-primeiro-gol-do-canada-em-copas-seja-de-alphonso-davies-o-talento-que-simboliza-tanta-coisa/	13
115	02/08	27/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Espanha jogou mais, mas Alemanha buscou até o fim o empate e ainda segue viva	Empate deixa a situação aberta na última rodada e Alemanha precisa vencer na rodada final contra a Costa Rica e ainda torcer contra o Japão	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/espanha-jogou-mais-mas-alemanha-buscou-ate-o-fim-o-empate-e-ainda-segue-viva/	14
116	02/08	27/11	Copa do Mundo/Espanha	Bruno Bonsanti	Veterano de três Copas do Mundo, a qualidade e a experiência de Jordi Alba têm sido importantes à Espanha	Um dos líderes do vestiário, o lateral esquerdo de 33 anos do Barcelona fez outro grande jogo contra a Alemanha	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/veterano-de-tres-copas-do-mundo-a-qualidade-e-a-experiencia-de-jordi-alba-tem-sido-importantes-a-espanha/	15
117	02/08	27/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Füllkrug fez o que a Alemanha precisava – não só o gol, mas o simples, a execução sem floreios	Füllkrug reconhece suas limitações e isso fez a diferença a uma Alemanha que errava bastante na execução das jogadas - precisava de alguém mais simples e contundente	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/fullkrug-fez-o-que-a-alemanha-precisava-nao-so-o-gol-mas-o-simples-a-execucao-sem-floreios/	16
118	02/08	27/11	Copa do Mundo	Emmanuel do Valle	A "invasão brasileira": relembre 20 jogadores daqui que passaram pelo futebol suíço nos anos 1980 e 1990	A ampliação das vagas de estrangeiros abriu o mercado da Suíça para o talento sul-americano - com, claro, muitos brasileiros	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-invasao-brasileira-relembre-20-jogadores-daqui-que-passaram-pelo-futebol-suico-nos-anos-1980-e-1990/	17
119	02/08	27/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Uma das cenas mais bonitas da Copa foi o carinho de Hakimi com sua mãe após a vitória	Ao final de Marrocos 2x0 Bélgica, Hakimi foi direto ao setor onde sua mãe estava para presentear-a com sua camisa	Interpretativo/Opinativo	Notícia	Visão de jogo	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-das-cenas-mais-bonitas-da-copa-foi-o-carinho-de-hakimi-com-sua-mae-apos-a-vitoria/	18
120	04/08	28/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Camarões se recupera de um jogo que parecia perdido e arranca empate maluco com a Sérvia	Camaroneses abriram o placar, tomaram a virada para 3 a 1 e, quando o jogo parecia perdido, um gol marcado em posição ajustada virou o jogo e o time teve forças para buscar o empate	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/camaroes-se-recupera-de-um-jogo-que-parecia-perdido-e-arranca-empate-maluco-com-a-servia/	1
121	04/08	28/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Um dos maiores leões de Camarões, Aboubakar teve sua jornada indomável na Copa do Mundo	Aboubakar já era eterno numa final de CAN decidida aos 43 do segundo tempo, mas teve seu grande momento em Copas ao marcar um golaço abusado na improvável reação de Camarões	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/um-dos-maiores-leoes-de-camaroes-aboubakar-teve-sua-jornada-indomavel-na-copa-do-mundo/	2

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
122	04/08	28/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	A Sérvia exibiu sua qualidade contra Camarões, mas também o seu problema: o colapso físico	Depois da incrível reação camaronesa, a Sérvia ainda tinha 30 minutos para buscar a vitória, mas não conseguiu se impor da mesma maneira	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-servia-exibiu-sua-qualidade-contra-camaroes-mas-tambem-o-seu-problema-o-colapso-fisico/	3
123	04/08	28/11	Africa/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Song confirma que Onana foi afastado por motivos disciplinares: "O time à frente do indivíduo"	Títular na estreia contra a Suíça, o goleiro foi barrado do empate por 3 a 3 com a Sérvia nesta segunda-feira	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/song-confirma-que-onana-foi-afastado-por-motivos-disciplinares-o-time-a-frente-do-individuo/	4
124	04/08	28/11	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Di María: "Mande uma merda para ele, mas Messi sempre encontra soluções para tudo"	Di María deu a assistência para o gol de Messi que abriu tudo para a Argentina contra o México, mas não ficou satisfeito	Interpretativo/Opinativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/di-maria-mande-uma-merda-para-efe-mas-messi-sempre-encontra-solucoes-para-tudo/	5
125	04/08	28/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Coreia do Sul teve brio, mas Gana conseguiu ser mais eficiente e venceu em um jogo	Gana abriu 2 a 0 e parecia ter o controle do jogo, mas Coreia do Sul reagiu, buscou o empate e quase virou até tomar o terceiro gol e acabar perdendo o jogo	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/gana-consegue-ser-mais-eficiente-e-vence-coreia-do-sul-em-um-jogo/	6
126	04/08	28/11	Ásia/Oceania/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Garoto-prodígio do futebol sul-coreano, Kang-in saiu do banco e ajudou a colocar fogo no jogo	O rapaz de 21 anos foi o Bola de Ouro de um Mundial sub-20 e começa a se firmar na primeira divisão do futebol espanhol	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/garoto-prodigio-do-futebol-sul-coreano-kang-in-saiu-do-banco-e-ajudou-a-colocar-fogo-no-jogo/	7
127	04/08	28/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Jordan Ayew, enfim, experimentou o gosto de uma vitória em Copas que só o irmão André tinha vivido	Ainda iniciante na época da Copa de 2010, Jordan Ayew esteve na decepção de 2014 e só agora consegue seu primeiro triunfo no maior dos palcos	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/jordan-ayew-enfim-experimentou-o-gosto-de-uma-vez-vitoria-em-copas-que-so-o-irmao-andre-tinha-vivido/	8
128	04/08	28/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Brasil teve paciência e contou com golaço de Casemiro para vencer a Suíça	Foram precisos 82 minutos até que o gol saísse, mas o Brasil teve paciência, rodou a bola e fez as mudanças necessárias para sair com a vitória e garantir a classificação; Seleção usou o banco na ausência de Neymar	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/brasil-teve-paciencia-e-contou-com-golaco-de-casemiro-para-vencer-a-suica/	9
129	04/08	28/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Casemiro inicia uma Copa gigante: o gol é um prêmio pelo que faz, uma reafirmação de sua importância	Casemiro foi o senhor dos espaços nos dois primeiros jogos da Seleção e, com seu entendimento privilegiado do jogo, soube o momento de brilhar contra a Suíça	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/casemiro-inicia-uma-copa-gigante-o-gol-e-um-premio-pelo-que-faz-uma-reafirmacao-de-sua-importancia/	10
130	04/08	28/11	Brasil/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Em um gol à Real Madrid, Rodrygo foi o atacante decisivo e completo em que está se transformando	O jovem jogador de 21 anos recebeu de Vinícius Júnior e deu o passe para Casemiro assegurar a vitória sobre a Suíça	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/em-um-gol-a-real-madrid-rodrygo-foi-o-atacante-decisivo-e-completo-em-que-esta-se-transformando/	11
131	04/08	28/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Bruno Fernandes tem mais uma grande atuação para dar vitória a Portugal e complicar a vida do Uruguai	Portugal contou com dois gols de Bruno Fernandes para vencer o Uruguai por 2 a 0 e, assim, garantir a classificação às oitavas de final; Uruguai precisará vencer Gana na última rodada	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/bruno-fernandes-tem-mais-uma-grande-atuacao-para-dar-vitoria-a-portugal-e-complicar-a-vida-do-uruguai/	12
132	04/08	28/11	América do Sul/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Com grande atuação, o veterano Pepe não deixou que Portugal sentisse falta de Danilo Pereira	O zagueiro de 39 anos tomou-se o jogador mais velho a defender a seleção portuguesa em um jogo de Copa do Mundo	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-grande-atuacao-o-veterano-pepe-nao-deixou-que-portugua-sentisse-falta-de-danilo-pereira/	13
133	04/08	28/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Bentancur é quem aparece e se destaca num Uruguai que não consegue engrenar	Bentancur teve pegada no meio-campo e também auxiliou no ataque, mas o Uruguai permanece devendo na Copa	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/bentancur-e-quem-aparece-e-se-destaca-num-uruguai-que-nao-consegue-engrenar/	14
134	04/08	28/11	Copa do Mundo/Inglaterra	Emmanuel do Valle	Dez confrontos marcantes entre Inglaterra e Gales através de sua história mais que centenária	O terceiro confronto mais antigo da história do futebol de seleções será atração da última rodada da fase de grupos da Copa do Mundo	Informativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dez-confrontos-marcantes-entre-inglaterra-e-gales-atraves-de-sua-historia-mais-que-centenaria/	15
135	04/08	28/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Os astros do Irã na Copa de 1978 que se mudaram aos Estados Unidos e ajudaram a formar talentos no novo país	A relação entre Irã e Estados Unidos em Copas do Mundo não se concentra apenas no duelo da Copa de 1998, com três jogadores persas do time de 1978 fixando residência nos EUA depois disso	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/os-astros-do-ira-na-copa-de-1978-que-se-mudaram-aos-estados-unidos-e-ajudaram-a-formar-talentos-no-novo-pais/	16
136	04/08	29/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Deschamps descarta volta de Benzema: "Não vou comentar coisas que não dizem respeito ao nosso dia a dia"	-	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/deschamps-descarta-volta-de-benzema-nao-vou-comentar-coisas-que-nao-dizem-respeito-ao-nosso-dia-a-dia/	1
137	04/08	29/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Tyler Adams merece elogios pela forma como foi respeitoso e enfatizou a educação durante a coletiva antes de Irã x EUA	Numa coletiva de imprensa em que as temáticas políticas imperaram, Tyler Adams deu uma boa resposta ao ser perguntado sobre o racismo nos EUA	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/tyler-adams-merece-elogios-pela-forma-como-foi-respeitoso-e-enfaticou-a-educacao-durante-a-coletiva-antes-de-ira-x-eua/	2
138	04/08	29/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Com uma lesão muscular no quadril, Alex Sandro será desfalque do Brasil ao menos contra Camarões	Alex Sandro sentiu a contusão no final do segundo tempo e os exames indicaram que ele não estará apto para enfrentar Camarões	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-uma-lesao-muscular-no-quadril-alex-sandro-sera-desfalque-do-brasil-ao-menos-contra-camaroes/	3
139	04/08	29/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Comitê organizador estima entre "400 e 500" mortes de trabalhadores imigrantes em todas as obras relacionadas à Copa do Mundo	Antes, o Comitê Supremo para Entrega e Legado confirmavam apenas as mortes de trabalhadores diretamente envolvidos com a construção dos estádios	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/comite-organizador-estima-entre-400-e-500-mortes-de-trabalhadores-imigrantes-em-todas-as-obras-relacionadas-a-copa-do-mundo/	4
140	04/08	29/11	Copa do Mundo/Holanda	Bruno Bonsanti	A preguiçosa Holanda não fez mais do que o mínimo para vencer o Catar e passar em primeiro	A Holanda venceu por 2 a 0 e fez o que tinha que fazer contra um time tão fraco, mas não aproveitou para mostrar força para o mata-mata	Interpretativo/Opinativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-preguiçosa-holanda-nao-fez-mais-do-que-o-minimo-para-vencer-o-catar-e-passar-em-primeiro/	5
141	04/08	29/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Senegal jogou mais futebol para eliminar o Equador e colocar a África nas oitavas de final	Vitória por 2 a 1 faz Senegal superar o Equador na classificação e leva os Leões de Teranga ao mata-mata, o primeiro país africano a garantir seu lugar na próxima fase	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/senegal-jogou-mais-futebol-para-eliminar-o-equador-e-colocar-a-africa-nas-otavas-de-final/	6

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
142	04/08	29/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Gakpo carregou seu momento à Copa do Mundo e sairá dela prestes a explodir (e provavelmente mais caro)	O atacante do PSV marcou em todas as três primeiras rodadas da Copa do Mundo e deve ser ainda mais assediado no mercado	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/gakpo-carregou-seu-momento-a-copa-do-mundo-e-saira-dela-prestes-a-explodir-e-provavelmente-mais-car0/	7
143	04/08	29/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Koulibaly homenageou o eterno Boubou Diop com sua braceira e com outro gol para a história de Senegal	Nos dois anos da morte de Boubou Diop, o grande herói de Senegal em 2002, Koulibaly prestou tributo e seria premiado com um gol gigantesco para os Leões da Teranga	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/koulibaly-homenageou-o-eterno-boubou-diop-com-sua-braceira-e-com-outro-gol-para-a-historia-de-senegal/	8
144	04/08	29/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Não é a eliminação que impede o reconhecimento ao Equador, com capacidade de voltar mais forte na próxima Copa	A maior parte dos destaques do Equador não passa dos 25 anos e tem tempo para amadurecer rumo ao Mundial de 2026	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/nao-a-eliminacao-que-impede-o-reconhecimento-ao-equador-com-capacidade-de-voltar-mais-forte-na-proxima-copa/	9
145	04/08	29/11	Copa do Mundo/Inglaterra	Bruno Bonsanti	Gales nem tentou o milagre, e a Inglaterra aproveitou para chegar às oitavas com uma vitória fácil	A seleção galesa apenas se defendeu até estar perdendo por dois gols de diferença e mal ameaçou a liderança da Inglaterra	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/gales-nem-tentou-o-milagre-e-a-inglaterra-aproveitou-para-chegar-as-oitavas-com-uma-vitoria-facil/	10
146	04/08	29/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Com dificuldade para decidir, Estados Unidos mostram determinação, vencem Irã e vão às oitavas de final	Depois de ótimo primeiro tempo, Estados Unidos não conseguem decidir e tomam pressão no segundo tempo, mas seguram o resultado e enfrentarão a Holanda nas oitavas de final	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-dificuldade-para-decidir-estados-unidos-mostram-determinacao-vencem-iran-e-vao-as-oitavas-de-final/	11
147	04/08	29/11	Copa do Mundo/Inglaterra	Bruno Bonsanti	Rashford aproveitou fragilidade de Gales para mostrar ao técnico o que pode fazer se ganhar outra chance	Uma das mudanças de Southgate, Rashford marcou duas vezes na vitória por 3 a 0 - e Phil Foden também fez uma boa partida	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/inglaterra/rashford-aproveitou-fragilidade-de-gales-para-mostrar-ao-tecnico-o-que-pode-fazer-se-ganhar-outra-chance/	12
148	04/08	29/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Cinco anos depois do trauma de não ir à Copa, Pulisic apareceu para colocar os EUA nas oitavas	Pulisic chama bastante a responsabilidade na época dos Estados Unidos nesta Copa e fez a diferença para a classificação contra o Irã	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/cinco-anos-depois-do-trauma-de-nao-ir-a-copa-pulisic-bateu-no-pe-to-e-apareceu-para-colocar-os-eua-nas-oitavas/	13
149	04/08	29/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Uma coleção de imagens da festa de Senegal, em Doha e em Dacar, pela classificação às oitavas	Os senegaleses protagonizaram belíssimas cenas em celebração pela vitória por 2 a 1 contra o Equador	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-colecao-de-imagens-da-festa-de-senegal-em-doha-e-em-dacar-pela-classificacao-as-oitavas/	14
150	04/08	29/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	"Vamos de novo": Bale diz que continuará na seleção enquanto puder e enquanto o quiserem	A primeira campanha de Gales na Copa do Mundo desde 1958 terminou nesta terça-feira, após três jogos muito ruins - inclusive de Bale	Interpretativo/Opinativo	Repercussão	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/vamos-de-novo-bale-diz-que-continara-na-selecao-enquanto-puder-e-enquanto-o-quiserem/	15
151	04/08	29/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	A oposição à França está na raiz do futebol da Tunísia: seus principais clubes eram resistentes ao colonialismo	Espérance e Club Africain acompanham períodos importantes da história da Tunísia, em que os clubes serviram para reunir a comunidade árabe e fomentar o caráter nacional em contraposição ao colonialismo francês	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-oposicao-a-franca-esta-na-raiz-do-futebol-da-tunisia-seus-principais-clubes-eram-resistencia-ao-colonialismo/	16
152	06/08	30/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Koulibaly doará o troféu de melhor em campo por Senegal à família de Boubou Diop, o saudoso herói de 2002	Vocês sabem, somos Senegal, não temos medo de ninguém. Há muitos times que não querem jogar contra nós	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/koulibaly-dara-o-trofeu-de-melhor-em-campo-por-senegal-a-familia-de-boubou-diop-o-saudoso-heroi-de-2002/	1
153	06/08	30/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Em plena Copa, o futebol de seleções completa 150 anos de seu primeiro jogo: Inglaterra 0x0 Escócia, em 1872	Em 30 de novembro de 1872, Inglaterra e Escócia disputaram aquele que é considerado o primeiro jogo de seleções	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/em-plena-copa-o-futebol-de-selecoes-completa-150-anos-de-seu-primeiro-jogo-inglaterra-0x0-escocia-em-1872/	2
154	06/08	30/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Austrália dá um banho de determinação e manda Dinamarca para casa com classificação histórica	Com um time bastante limitado tecnicamente, Austrália teve a raça que a Dinamarca não mostrou, venceu o jogo e vai às oitavas de final, igualando melhor campanha do país, em 2006	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/australia-da-um-banho-de-determinacao-e-manda-dinamarca-para-casa-com-classificacao-historica/	3
155	06/08	30/11	Africa/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	A classificação não veio, mas a Tunísia deixa a Copa de cabeça erguida e uma vitória histórica sobre a França	Os franceses usaram time reserva na terceira rodada da fase de grupos, o que não diminui o simbolismo do grande resultado alcançado pelos tunisianos	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-classificacao-nao-veio-mas-a-tunisia-deixa-a-copa-de-cabeca-erguida-e-uma-vitoria-historica-sobre-a-franca/	4
156	06/08	30/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Copa exige mais contundência e a campanha da Dinamarca termina como um grande vexame	A Dinamarca não soube lidar com as consequências das expectativas altas e foi um time pobre em capacidade ofensiva, bem como exposto aos contra-ataques	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-copa-exige-mais-contundencia-e-a-campanha-da-dinamarca-termina-como-um-grande-vexame/	5
157	06/08	30/11	Africa/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Goloac imortaliza Khazri e deixa o gostinho do que poderia ter feito se tivesse jogado mais pela Tunísia	O atacante foi titular pela primeira vez contra a França, mostrou toda a sua qualidade e garantiu uma vitória histórica	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/goloac-imortaliza-khazri-e-deixa-o-gostinho-do-que-poderia-ter-feito-se-tivesse-jogado-mais-pela-tunisia/	6
158	06/08	30/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Leckie encontrou uma fenda para a história e proporcionou o grito de gol mais retumbante já ouvido na Austrália	Leckie chegou a pedir dispensa da seleção da Austrália durante a pandemia para ficar mais com a família e voltou para ser o símbolo de um momento único	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/leckie-encontrou-uma-fenda-para-a-historia-e-proporcionou-o-grito-de-gol-mais-retumbante-ja-ouvido-na-australia/	7
159	06/08	30/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Inglaterra anuncia que Ben White deixará o elenco por razões pessoais e não deve voltar à Copa	Ben White foi liberado para voltar à Inglaterra e a FA pediu privacidade ao jogador	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/inglaterra-anuncia-que-ben-white-deixara-o-elenco-por-razoes-pessoais-e-nao-deve-voltar-a-copa/	8
160	06/08	30/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Muito mais leve, Argentina conseguiu fazer o seu jogo e venceu a Polónia sem problemas para avançar	Em três jogos de fase de grupos, a Argentina conseguiu ir do inferno ao céu e chega às oitavas de final com status de uma das favoritas restaurado	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/muito-mais-leve-argentina-conseguiu-fazer-o-seu-jogo-e-venceu-a-polonia-sem-problemas-para-avancar/	9
161	06/08	30/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Tarde demais: México vence Arábia Saudita, mas acaba eliminado com requintes de crueldade por um gol	Com muita determinação, o México enfim conseguiu mostrar futebol na Copa, mas ainda foi insuficiente para evitar uma eliminação por apenas um gol	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/tarde-demais-mexico-vence-arabia-saudita-mas-acaba-eliminado-com-requintes-de-crueldade-por-um-gol/	10

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
162	06/08	30/11	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Dupla do River, Fernández e Álvarez foram promovidos a titular e entraram na Argentina para ficar	As duas novidades de Scaloni para o jogo contra a Polônia ajudaram a resolver a classificação da campeã sul-americana	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dupla-do-river-fernandez-e-alvarez-foram-promovidos-a-titular-e-entraram-na-argentina-para-ficar/	11
163	06/08	30/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Alexis escreve o nome dos Mac Allister nas Copas depois de seu pai virar até figurinha, mas se ausentar em 1994	Carlos Mac Allister auxiliou na classificação para a Copa de 1994, mas não esteve nos EUA; 28 anos depois, seu filho mais novo escreve o nome da família nos Mundiais	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/alexis-escreve-o-nome-dos-mac-allister-nas-copas-depois-de-seu-pai-virar-ate-figurinha-mas-se-ausentar-em-1994/	12
164	06/08	30/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Chávez liderou o bombardeio do México e anotou um lindo gol, mas o prêmio de melhor em campo pouco vale diante da frustração	Luis Chávez marcou um golaço de falta e deu trabalho ao goleiro Al-Owais com seus chutes de longe, mas El Tri ficou pelo caminho	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/chavez-liderou-o-bombardeio-do-mexico-e-anotou-um-lindo-gol-mas-o-premio-de-melhor-em-campo-pouco-vale-diante-da-frustracao/	13
165	06/08	30/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Zagueiro-zagueiro, o gigante Harry Souttar faz uma Copa do Mundo para entrar na história da Austrália	Com simplicidade, marcação dura e sempre limpo nas jogadas, Harry Souttar é um dos grandes destaques da Austrália na Copa 2022	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/zagueiro-zagueiro-o-gigante-harry-souttar-faz-uma-copa-do-mundo-para-entrar-na-historia-da-australia/	14
166	06/08	30/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Uma galeria de fotografias dos milagres de Szczesny contra a Argentina, em outra noite inspirada do goleiro na Copa do Mundo	Szczesny teve outra exibição monstruosa que, se não valesse a vitória para a Polônia, foi decisiva para a classificação	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-galeria-de-fotografias-dos-milagres-de-szczesny-contra-a-argentina-em-outra-noite-inspirada-do-goleiro-na-copa-do-mundo/	15
167	06/08	30/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Três vídeos da insana comemoração da vitória da Austrália, rumo às oitavas de final	A Austrália derrotou a Dinamarca por 1 a 0 e o gol de Matthew Leckie rendeu uma imensa comemoração	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/tres-videos-da-insana-comemoracao-da-vitoria-da-australia-rumo-as-oitavas-de-final/	16
168	06/08	30/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	A vitória sobre a Argentina será eterna, mas Arábia Saudita deixa a sensação que poderia ter feito mais na Copa	Vitória contra Argentina deixou a sensação que a Arábia Saudita poderia fazer mais, até pelo futebol apresentado, mas derrotas para Polônia e México deixam sensação amarga	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-vitoria-sobre-a-argentina-sera-eterna-mas-arabia-saudita-deixa-a-sensacao-que-poderia-ter-feito-mais-na-copa/	17
169	06/08	30/11	Copa do Mundo	Emmanuel do Valle	Umartilheiro, duas nações: Josip Weber, o elo entre as seleções de Croácia e Bélgica nos anos 1990	Croata de nascimento, ele se estabeleceu como um goleador recordista no Cercle Brugge e defendeu a Bélgica na Copa do Mundo dos Estados Unidos	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/um-artilheiro-duas-nacoes-josip-weber-o-elo-entre-as-selecoes-de-croacia-e-belgica-nos-anos-1990/	18
170	06/08	30/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Iraniano é assassinado por forças de segurança ao comemorar eliminação – e ele era amigo de Ezatollahi, volante da seleção	Mehran Samak jogava no mesmo time de Ezatollahi na infância e seria morto a tiros enquanto fazia um buzinaço em seu carro na cidade de Bandar Anzali	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/iraniano-e-assassinado-por-forcas-de-seguranca-ao-comemorar-eliminacao-e-ele-era-amigo-de-ezatollahi-volante-da-selecao/	19
171	06/08	01/12	Copa do Mundo/Espanha	Emmanuel do Valle	O Espanha x Japão que apresentou Xavi ao mundo e fez os ibéricos olharem mais para sua base	O confronto mais importante entre os adversários desta quinta-feira valeu o título do Mundial Sub-20 de 1999 e apresentou um caminho para os espanhóis	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-espanha-x-japao-que-apresentou-xavi-ao-mundo-e-fez-os-ibericos-olharem-mais-para-sua-base/	1
172	06/08	01/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Declan Rice diz que Inglaterra tem que ser temida na Copa: "Temos talento de classe mundial no ataque"	Meio-campista da Inglaterra, Declan Rice confia no ambiente positivo criado pelo técnico Southgate na Inglaterra e acredita que o time pode buscar o título	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/declan-rice-diz-que-inglaterra-tem-que-ser-temida-na-copa-tem-os-talento-de-classe-mundial-no-ataque/	2
173	06/08	01/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Marrocos faz história: vence Canadá e termina em primeiro lugar no seu grupo	Com gols no primeiro tempo, Marrocos suportou a pressão do Canadá na etapa final, vence e, com empate de Bélgica e Croácia, termina como líder do Grupo F	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/marrocos-faz-historia-vence-canada-e-termina-em-primeiro-lugar-no-seu-grupo/	3
174	06/08	01/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Bélgica finalmente estreou na Copa, mas tarde demais, e a Croácia fica com a vaga nas oitavas	Lukaku perdeu pelo menos quatro gols claros na melhor atuação belga no Mundial, e o 0 a 0 classificou a Croácia em segundo lugar	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/belgica-finalmente-estreou-na-copa-mas-tarde-demais-croacia-fica-com-a-vaga/	4
175	06/08	01/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Principal talento do setor mais renovado da Croácia, Gvardiol foi responsável pelo momento crucial da classificação	O zagueiro de 20 anos lidera a defesa da vice-campeã mundial e conseguiu um desarme perfeito, importante, decisivo, contra Lukaku aos 47 minutos do segundo tempo	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/principal-talento-do-setor-mais-renovado-da-croacia-gvardiol-foi-responsavel-pelo-momento-crucial-da-classificacao/	5
176	06/08	01/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Marrocos bancou Ziyech e o ponta recompensa o respaldo com uma fase de grupos brilhante	Ziyech voltou à seleção para ser um dos caras na Copa do Mundo e desfruta a classificação aos mata-matas que não vinha desde 1986	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/marrocos-bancou-ziyech-o-ponta-recompensa-a-aposla-com-uma-fase-de-grupos-brilhante/	6
177	06/08	01/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Apesar das três derrotas, Canadá deixa uma impressão muito positiva em sua primeira Copa em 36 anos	Com o seu primeiro gol em Copas e atuações elogáveis contra equipes superiores, Canadá parece ter uma boa base para a Copa 2026, em casa	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/apesar-das-tres-derrotas-canada-deixa-uma-impressao-muito-positiva-em-sua-primeira-copa-em-36-anos/	7
178	06/08	01/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Lukaku tentou lutar contra o próprio corpo e terminou a Copa decepcionado com a melancólica versão de si	O corpo de Lukaku parecia não acompanhar mais seu cérebro e, por mais que tenha se esforçado, o atacante não foi sombra do que se viu no Mundial de 2018	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/lukaku-tentou-lutar-contra-o-proprio-corpo-e-terminou-a-copa-decepcionado-com-a-melancolica-versao-de-si/	8
179	06/08	01/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	A reação no último jogo não apaga a Copa do Mundo fraca e decepcionante que a Bélgica fez	A Bélgica foi eliminada na fase de grupos na possível despedida de sua geração dourada - e sem apresentar tanta luta	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-reacao-no-ultimo-jogo-nao-apaga-a-copa-do-mundo-fraca-e-decepcionante-que-a-belgica-fez/	9
180	06/08	01/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Japão comete o crime no grupo da morte, arranca virada contra Espanha e se classifica em primeiro	Após sair perdendo, Japão consegue uma virada relâmpago no segundo tempo e não só se classifica, como termina em primeiro no grupo da morte	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/japao-comete-o-crime-no-grupo-da-morte-arranca-virada-contra-espanha-e-se-classifica-em-primeiro/	10

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
181	06/08	01/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	O desastre se repete e a Alemanha, num jogo em que sofreu contra a Costa Rica, acaba eliminada mesmo com a vitória	A Alemanha penou bastante para superar uma heroica Costa Rica, mas a derrota paralela da Espanha custou a eliminação do time de Hansi Flick	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-desastre-se-repete-e-a-alemanha-num-jogo-em-que-sofreu-contr-a-costa-rica-acaba-eliminada-mesmo-com-a-vitoria/	11
182	06/08	01/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Ritsu Doan se acostumou a sair do banco de reservas para fazer história pelo Japão	Talismã da seleção japonesa, pela segunda vez seguida nas oitavas de final, o atacante do Freiburg decidiu vitórias contra Alemanha e Espanha - só isso	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/ritsu-doan-se-acostumou-a-sair-do-banco-de-reservas-para-fazer-historia-pelo-japao/	12
183	06/08	01/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Alemanha de 2022 não é tão vexatória quanto a de 2018, mas precisa da autocrítica que faltou há quatro anos	A Alemanha ainda responde por ecos que se arrastam desde a hecatombe na Rússia e, mais do que uma limpa no elenco ou na comissão técnica, precisa arejar a mente de quem toma as decisões e não acerta a mão faz tempo	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-alemanha-de-2022-nao-e-tao-vexatoria-quanto-a-de-2018-mas-precisa-da-autocritica-que-faltou-ha-quatro-anos/	13
184	06/08	01/12	Africa/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	As incríveis imagens de marroquinos ao redor do mundo comemorando a vaga nas oitavas de final	Os africanos venceram o Canadá por 2 a 1 e avançaram às oitavas de final pela segunda vez na história	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-incriveis-imagens-de-marroquinos-ao-redor-do-mundo-comemorando-a-vaga-nas-otavas-de-final/	14
185	06/08	01/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Costa Rica se reergueu da surra na estreia e deixa a Copa de alma lavada, até com a breve euforia da vaga que logo escapou	A Costa Rica teve dois minutos em que esteve virtualmente classificada e deu trabalho à Alemanha, numa despedida honrosa para quem tomou sete na estreia	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-costa-rica-se-reergueu-da-surra-na-estrela-e-deixa-a-copa-de-alma-lavada-ate-com-a-breve-euforia-da-vaga-que-logo-escapou/	15
186	06/08	01/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Uma década depois, um novo olhar a uma partida lendária: o Uruguai x Gana de 2010	Um jogo histórico com um dos desfechos mais emocionantes, de partir o coração dos ganeses, mas de encher os uruguaios de alegria na Copa 2010	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/luis-suarez-e-a-segunda-edicao-de-la-mano-de-dios/	16
187	06/08	01/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	26 jogadores que nasceram ou cresceram na Suíça, têm origens nos Balcãs e defenderam as mais diferentes seleções	Antes do Sérvia x Suíça decisivo pelo Grupo G, relembramos os jogadores de várias seleções que ligam os Balcãs com a Suíça que os acolheu	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/26-jogadores-que-nasceram-ou-cresceram-na-suica-tem-origem-nos-balcas-e-jogaram-pelas-mais-diferentes-selecoes/	17
188	07/08	02/12	Africa/Copa do Mundo	Leandro Stein	Asamoah Gyan e o pênalti que atormenta seus pensamentos desde 2010	"Não posso me esquecer do lance. E não creio que esqueça até que Gana se classifique a uma semifinal de Copa. Só quando isso ocorrer eu poderei estar bem"	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/africa/asamoah-gyan-e-o-penalti-que-atormenta-seus-pensamentos-ha-dez-anos/	1
189	07/08	02/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A história de William Andem, o goleiro da seleção de Camarões que passou três anos no Cruzeiro e mais um no Bahia	William Andem foi um personagem célebre do futebol brasileiro nos anos 1990, várias vezes campeão pelo Cruzeiro na reserva de Dida	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-historia-de-william-andem-o-goleiro-da-selecao-de-camaroes-que-passou-tres-anos-no-cruzeiro-e-mais-um-no-bahia/	2
190	07/08	02/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Outro pênalti perdido fez Gana desabar, mas a vingança seria puxar o Uruguai junto para o buraco e provocar também um trauma celeste	André Ayew perdeu um pênalti e Arrascaeta comandou a vitória do Uruguai, que ainda assim não bastou por causa da virada da Coreia do Sul no jogo paralelo; no número de gols marcados, a Celeste é eliminada da Copa junto com os Estrelas Negras	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/outro-penalti-perdido-fez-gana-desabar-mas-a-vinganca-seria-puxar-o-uruguai-junto-para-o-buraco-e-provocar-tambem-um-trauma-celeste/	3
191	07/08	02/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Deu Tigre! Em jogada de Son, Coreia vira contra Portugal nos acréscimos e arranca classificação dramática	Sul-coreanos arrancaram uma virada no final que, combinada com a vitória do Uruguai, os classifica às oitavas de final da Copa do Mundo	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/deu-tigre-em-jogada-de-son-coreia-para-contr-a-portugal-nos-acrescimos-e-arranca-classificacao-dramatica/	4
192	07/08	02/12	Ásia/Oceania/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Hwang Hee-chan não precisou de muito para lembrar o quanto fez falta para a Coreia do Sul	O atacante do Wolverhampton chegou machucado ao Catar e conseguiu estreiar apenas na terceira rodada - a tempo de classificar a Coreia do Sul	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/hwang-hee-chan-nao-precisou-de-muito-para-lembrar-o-quanto-fez-falta-para-a-coreia-do-sul/	5
193	07/08	02/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Num jogo em que André Ayew compartilhou o pesadelo de Gyan, Zigi causou um também aos uruguaios	André Ayew perdeu o pênalti que poderia redimir Gana e Zigi, um goleiro pouco conhecido, foi quem frustrou a comemoração do odiado adversário	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/num-jogo-em-que-andre-ayew-compartilhou-o-pesadelo-de-gyan-zigi-causou-um-tambem-aos-uruguaios/	6
194	07/08	02/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	As lágrimas de Son simbolizam o sonho realizado pela Coreia do Sul	Após brilhar em 2018 contra a Alemanha, mas terminar eliminado, desta vez Son consegue levar Coreia do Sul às oitavas de final pela primeira vez desde 2010	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-lagrimas-de-son-simbolizam-o-sonho-realizado-pela-coreia-do-sul/	7
195	07/08	02/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A despedida de Suárez tinha que ser à flor da pele: um personagem icônico que injetou emoção nas Copas	Luis Suárez deixa a Copa do Mundo bem mais cedo do que gostaria, mas ainda ocupa um lugar especial no imaginário do torneio	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-despedida-de-suarez-tinha-que-ser-a-flor-da-pele-um-personagem-icone-que-injetou-emocao-nas-copas/	8
196	07/08	02/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Suíça provou sua superioridade num primeiro tempo eletrizante e revirou o placar para se classificar	Shaqiri de novo chamou a responsabilidade no reencontro com a Sérvia e comandou a vitória, num duelo com muitos gols e também suas doses de confusão	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-suica-prov-ou-sua-superioridade-num-primeiro-tempo-eletrizante-e-revirou-o-placar-para-se-classificar/	9
197	07/08	02/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Derrota nos acréscimos para Camarões deixa pouca coisa positiva do time reserva do Brasil	Embora tenha sido melhores ao longo de todo o jogo, Brasil não consegue marcar e toma um gol nos acréscimos de Aboubakar, mas Camarões é eliminado e quem avança é a Suíça; Brasil enfrenta Coreia nas oitavas	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/derrota-nos-acrescimos-para-camaroes-deixa-pouca-coisa-positiva-do-time-reserva-do-brasil/	10
198	07/08	02/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Sérvia tinha sede de revanche, mas Shaqiri calou as vaías e se agigantou de novo como símbolo de seu povo	Shaqiri fez uma senhora partida contra a Sérvia, com o gol em que pediu silêncio e participação nos outros dois tentos	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-servia-tinha-sede-de-revanche-mas-shaqiri-calou-as-vaia-e-se-agigantou-de-novo-como-simbolo-de-seu-povo/	11

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
199	07/08	02/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Sérvia encerra a Copa como um time mais problemático que talentoso, que viveu de seus primeiros tempos	A Sérvia deixa a Copa do Mundo com apenas um ponto conquistado e oito gols sofridos: o ataque penou com os problemas físicos e a defesa foi muito vulnerável	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-servia-encerra-a-copa-como-um-time-mais-problematico-que-talentoso-que-viveu-de-seus-primeiros-tempos/	12
200	08/08	03/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Um guia rápido das 16 seleções que chegaram às oitavas de final da Copa do Mundo Catar 2022	O que fizeram aqui, quem foi o principal destaque, quem pintou como uma boa surpresa e o que precisam melhorar	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/um-guia-rapido-das-16-selecoes-que-chegaram-as-otavas-de-final-da-copa-do-mundo-catar-2022/	1
201	08/08	03/12	Copa do Mundo	Emmanuel do Valle	Laranja Americana: os craques da Holanda de 1974 que se aventuraram na NASL	A NASL captou diversos astros entre as décadas de 1970 e 1980, e se tornou um destino para os talentos da Holanda	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/laranja-americana-os-craques-da-holanda-de-1974-que-se-aventuraram-na-nasl/	2
202	08/08	03/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	As perdas Gabriel Jesus e principalmente Alex Telles criam mais problemas para o Brasil	Os dois jogadores passaram por exames e precisam de tempos de recuperação maiores que a duração da Copa e ambos são desfalques para todo o torneio	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-perdas-gabriel-jesus-e-principalmente-alex-telles-criam-mais-problemas-para-o-brasil/	3
203	08/08	03/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	As lembranças de Graham Arnold quando era o camisa 9 da Austrália que pegou a Argentina na repescagem	Antes de ser técnico, Graham Arnold marcou seu nome como centroavante da Austrália e permanece ainda hoje como décimo maior artilheiro, mas a Argentina tirou sua maior chance de jogar uma Copa	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/lembrancas-de-graham-arnold-quando-era-o-camisa-9-da-australia-que-pegou-a-argentina-na-repescagem/	4
204	08/08	03/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Holanda finalmente mostrou futebol na Copa e quem pagou o preço foram os Estados Unidos	Após três jogos sem graça, Holanda enfim faz boa partida e vence os Estados Unidos com destaque para Memphis Depay e Dumfries para avançar às quartas de final da Copa do Mundo	Interpretativo/Opinativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/holanda-finalmente-mostrou-futebol-na-copa-e-quem-pagou-o-preco-foram-os-estados-unidos/	5
205	08/08	03/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Apesar da despedida, Tyler Adams já se projeta como uma evidente liderança dos EUA para a Copa de 2026 em casa	Tyler Adams fez uma Copa do Mundo ótima, com muita intensidade na faixa central e precisão na construção	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/apesar-da-despedida-tyler-adams-ja-se-projeta-como-uma-evidente-lideranca-dos-eua-para-a-copa-de-2026-em-casa/	6
206	08/08	03/12	Copa do Mundo/Holanda	Bruno Bonsanti	Dumfries demorou para aparecer na Copa do Mundo, mas, quando o fez, foi explosivo	Uma das principais armas ofensivas da Holanda havia feito uma fase de grupos muito fraca, mas foi decisiva contra os EUA	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dumfries-demorou-para-aparecer-na-copa-do-mundo-mas-quando-o-fez-foi-explosivo/	7
207	08/08	03/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Austrália criou drama no final, mas Argentina conta com seu craque para vencer e avançar às quartas	Messi apareceu nos momentos mais importantes do jogo e a Argentina conseguiu uma vitória por 2 a 1, mas com drama e defesa do goleiro argentino até o último minuto	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/australia-crio-drama-no-final-mas-argentina-conta-com-seu-craque-para-vencer-e-avancar-as-quartas/	8
208	08/08	03/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Se faltou mais qualidade, poucos times nessa Copa tiveram tanta estratégia e coração quanto a Austrália	O técnico Graham Arnold chegou ao Mundial sob desconfianças, com um elenco limitado, mas conseguiu superar os prognósticos com um time muito organizado	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/se-faltou-mais-qualidade-poucos-times-nessa-copa-tiveram-tanta-estrategia-e-coracao-quanto-a-australia/	9
209	08/08	04/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	O craque Kopa e a contribuição dos descendentes de poloneses na história da França em Copas do Mundo	A França teve pelo menos um jogador com origem polonesa em nove edições diferentes de Copa do Mundo, com destaque a Kopa, vencedor da Bola de Ouro em 1958	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-craque-kopa-e-a-contribuicao-dos-descendentes-de-poloneses-na-historia-da-franca-em-copas-do-mundo/	1
210	08/08	04/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Para se deslumbrar: Uma coleção de lances mágicos de Pelé reproduzidos fielmente por outros craques décadas depois	Enquanto Pelé se recupera, fica o desejo de força ao Rei e uma breve lembrança de sua arte	Informativo	Personagem	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/para-se-deslumbrar-colecao-de-lances-magicos-de-pele-reproduzidos-fielmente-por-outras-craques-decadas-depois/	2
211	08/08	04/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Messi: "Agora meus filhos são conscientes do que é a Copa e me fazem aproveitar ainda mais"	Após a vitória sobre a Austrália, com atuação decisiva de Messi, o craque celebrou a presença da família e o fato dos seus filhos estarem maiores e entenderem e aproveitarem a Copa	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-agora-meus-filhos-sao-conscientes-do-que-e-a-copa-e-me-fazem-aproveitar-ainda-mais/	3
212	08/08	04/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	França nem precisou forçar e viu Mbappé desfilhar para eliminar a Polónia e avançar às quartas	Em ritmo de treino, França superou uma Polónia que não conseguiu ser páreo para a França, que marcou um gol no primeiro tempo e dois na reta final do jogo, em um segundo tempo que teve ritmo de treino	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/franca-nem-precisou-forcar-e-viu-mbappe-desfilhar-para-eliminar-a-polonia-e-avancar-as-quartas/	4
213	08/08	04/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Lewa marcou seus gols, mas se esperava mais do centroavante, mesmo numa Polónia tão limitada	Lewandowski pouco fez diante da França, apesar da versão melhor da Polónia durante o primeiro tempo	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/lewa-marcou-seus-gols-mas-se-esperava-mais-do-centroavante-e-mesmo-numa-polonia-tao-limitada/	5
214	08/08	04/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Sterling é liberado para resolver assuntos familiares e, por isso, fica de fora contra Senegal	-	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/sterling-e-liberado-para-resolver-assuntos-familiares-e-por-isso-fica-de-fora-contra-senegal/	6
215	08/08	04/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Inglatera se impõe diante de um Senegal sem forças para reagir e fará clássico com a França nas quartas	Duelo entre Inglaterra e França nas quartas de final vai marcar um clássico que era esperado para acontecer na final de 2018; vitória sobre Senegal veio com tranquilidade	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/inglaterra-se-impoe-diante-de-um-senegal-sem-forcas-para-reagir-e-fara-classico-com-a-franca-nas-quartas/	7
216	08/08	04/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Senegal encerra a Copa com um xodó: Ndiaye, o ponta habilidoso que jogava na sétima divisão inglesa três anos atrás	Aos 22 anos, Ndiaye não fez uma boa partida contra a Inglaterra, mas agradou demais pela habilidade diante do Catar e do Equador	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/senegal-encerra-a-copa-com-um-xodo-ndiaye-o-ponta-habilidoso-que-jogava-na-setima-divisao-inglesa-tres-anos-atras/	8
217	08/08	04/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Poucas cenas da Copa têm tanta ternura quanto Szczesny consolando seu filhinho após a eliminação da Polónia	Liam, de quatro anos, foi às lágrimas com a derrota para a França e o pai tratou de consolar o menino	Informativo	Personagem	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/poucas-cenas-da-copa-tem-tanta-ternura-quanto-szczesny-consolando-seu-filhinho-apos-a-eliminacao-da-polonia/	9

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
218	08/08	04/12	Copa do Mundo/Inglaterra	Bruno Bonsanti	Phil Foden aproveitou suas chances e agora parece imprescindível para o ataque da Inglaterra	Titular contra Gales, o garoto do Manchester City foi mantido desde o início e acabou sendo decisivo nas oitavas de final	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/phil-foden-aproveitou-suas-chances-e-agora-parece-imprescindivel-para-o-ataque-da-inglaterra/	10
219	11/08	05/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	O Croácia x Japão da Copa de 1998 e a passagem do Rei Kazu pelo Dinamo Zagreb	Croácia e Japão inauguraram suas histórias em Copas lado a lado, enquanto o rei inoxidável do futebol japonês também foi campeão pelo maior clube croata	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-croacia-x-japao-da-copa-de-1998-e-a-curiosa-passagem-do-rei-kazu-pelo-dinamo-zagreb/	1
220	11/08	05/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Matty Cash sobre enfrentar Mbappé: "Ele estava queimando as minhas pernas"	Lateral da Polônia comentou sobre o desafio de enfrentar craque da França, Kylian Mbappé, nas pitavas de final da Copa, e comenta sobre o duelo que a Inglaterra terá pela frente	Informativo	Repercussão	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/matty-cash-sobre-enfrentar-mbappe-ele-estava-queimando-as-minhas-pernas/	2
221	11/08	05/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	O Brasil x Coreia do Sul de 2002 que marcou a despedida de Zagallo como técnico e de Hong Myung-bo como capitão	Em novembro de 2002, Brasil e Coreia do Sul arranjaram um amistoso em Seul que celebrou as despedidas de símbolos de suas equipes nacionais	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-brasil-x-coreia-do-sul-de-2002-que-marcou-a-despedida-de-zagallo-como-tecnico-e-de-hong-myung-bo-como-capitao/	3
222	11/08	05/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Southgate, técnico da Inglaterra: "A França é o maior teste que poderíamos enfrentar"	França e Inglaterra farão um duelo de quartas de final que envolve grande rivalidade entre os times no próximo sábado	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/southgate-tecnico-da-inglaterra-a-franca-e-o-maior-teste-que-poderiamos-enfrentar/	4
223	11/08	05/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Aliou Cissé: "O futebol africano está melhorando, iremos evoluir com infraestrutura e políticas públicas"	Não devemos desanimar. Não dá para depender de uma geração espontânea para dar um salto	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/aliou-cisse-o-futebol-africano-esta-melhorando-iremos-evoluir-com-infraestrutura-e-politicas-publicas/	5
224	11/08	05/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Mesmo com Japão melhor em boa parte do jogo, Croácia se classifica nos pênaltis com brilho do goleiro Livakovic	Com três defesas do goleiro Livakovic na disputa de pênaltis, a Croácia consegue a classificação após empate por 1 a 1 no tempo normal	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/mesmo-com-japao-melhor-em-boa-parte-do-jogo-croacia-se-classifica-nos-penaltis-com-brilho-do-goleiro-livakovic/	6
225	11/08	05/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Motor do Japão, Endo não se intimidou contra o meio-campo da Croácia e confirmou a excelência que mostra na Bundesliga	Capitão do Stuttgart e um dos principais japoneses em atividade na Europa, Wataru Endo fez uma Copa digna de sua importância ao futebol nacional	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/motor-do-japao-endo-nao-se-intimidou-contra-o-meio-campo-da-croacia-e-confirmou-a-excelencia-que-mostra-na-bundesliga/	7
226	11/08	05/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Brasil dá um baile na Coreia do Sul na melhor atuação das oitavas de final da Copa do Mundo	Com volta de Neymar e Danilo, Brasil teve grande atuação para decidir o jogo no primeiro tempo e avançar com sobras para as oitavas de final com goleada por 4 a 1	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/brasil-da-um-baile-na-coreia-do-sul-na-melhor-atuacao-das-otavas-de-final-da-copa-do-mundo/	8
227	11/08	05/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Raphinha fez o seu melhor jogo na Copa com assistência, drible e também muita entrega	Raphinha vinha sendo cobrado pelas atuações na fase de grupos e correspondeu muito bem, entre os melhores na goleada sobre a Coreia do Sul	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/raphinha-fez-o-seu-melhor-jogo-na-copa-com-assistencia-drib-e-tambem-muita-entrega/	9
228	11/08	05/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Com suas quatro defesas contra a Coreia do Sul, Alisson ressaltou que também é uma força da Seleção	Foram quatro ótimas defesas de Alisson, que o fazem "entrar na Copa" depois de duas partidas em que foi pouco exigido	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-suas-quatro-defesas-contra-a-coreia-do-sul-alisson-ressaltou-que-tambem-e-uma-forca-da-selecao/	10
229	11/08	05/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Vai ser difícil encontrar um lugar que comemorou tão loucamente os gols do Brasil quanto Liyari, no Paquistão	Conhecido como "Mini Brasil", o bairro da cidade de Karachi é apaixonado pela seleção brasileira	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/vai-ser-dificil-encontrar-um-lugar-que-comemorou-tao-loucamente-os-gols-do-brasil-quanto-liyari-no-paquista/	11
230	11/08	05/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	O maior golaço da Seleção na vitória sobre a Coreia do Sul foi mesmo o carinho com Pelé	Pelé e nada mais pode ser maior	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-maior-golaco-da-selecao-na-vitoria-sobre-a-coreia-do-sul-foi-mesmo-o-carinho-com-pele/	12
231	11/08	05/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Bierhoff admite a "necessária autocrítica" e pede demissão do cargo de diretor de seleções da Alemanha	Bierhoff foi o principal responsável por decisões equivocadas na gestão recente da seleção e deixa a federação alemã após 18 anos em cargos diretos	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/bierhoff-admite-a-necessaria-autocritica-e-pede-demissao-do-cargo-de-diretor-de-selecoes-da-alemanha/	13
232	11/08	06/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Hakimi: "Terminamos em primeiro lugar no grupo e acho que merecemos um pouco de respeito"	Marrocos e Espanha se enfrentam pelas quartas de final, com os africanos chegando como primeiros colocados e a Espanha vindo de derrota na fase de grupos	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/hakimi-terminamos-em-primeiro-lugar-no-grupo-e-acho-que-merecemos-um-pouco-de-respeito/	1
233	11/08	06/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A história do Atlético de Tetuán, o clube encravado no atual Marrocos que disputou a elite do Campeonato Espanhol	A história do Atlético de Tetuán, o clube encravado no atual Marrocos que disputou a elite do Campeonato Espanhol	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-historia-do-atletico-de-tetuan-o-clube-encravado-no-atual-marrocos-que-disputou-a-elite-do-campeonato-espanhol/	2
234	11/08	06/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Os Fernandes, a família de origem cabo-verdiana que já botou três primos em Copas – dois pela Suíça e um por Portugal	Gelson Fernandes jogou três Copas pela Suíça e agora o primo Edmilson é seu herdeiro na equipe nacional, enquanto outro primo, Manuel, esteve com Portugal em 2018	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/os-fernandes-a-familia-de-origem-cabo-verdiana-que-ja-botou-tres-primos-em-copas-dois-pela-suica-e-um-por-portugal/	3
235	11/08	06/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Os Leões do Atlas fazem história: Marrocos é superior onde importa e elimina a Espanha e seu futebol insosso	Em jogo que a Espanha teve muito a bola nos pés e pouco em qualidade de futebol, Marrocos cria as melhores chances, dá show de determinação e consegue a classificação nos pênaltis	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/os-leoes-do-atlas-fazem-historia-marrocos-elimina-a-espanha-e-seu-futebol-insosso/	4
236	11/08	06/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Marrocos cresceu tanto em quatro anos porque também ganhou um gigante feito Bono, herói do inédito momento	Bono era reserva na Copa de 2018, mas estourou no Sevilla ao longo do ciclo posterior e se tornou o carrasco dos espanhóis nos pênaltis	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/marrocos-cresceu-tanto-em-quatro-anos-porque-tambem-ganhou-um-gigante-feito-bono-heroi-do-inedito-momento/	5

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
237	11/08	06/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	A contidência da estreia ficou muito distante, e a Espanha caiu mostrando a sua pior face	A Espanha trocou mil passes, teve quase 80% de posse de bola, mas não conseguiu transformar essas estatísticas em uma quantidade mínima de chances de gol	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-contundencia-da-estrela-ficou-muito-distante-e-a-espanha-caiu-mostrando-a-sua-pior-face/	6
238	11/08	06/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Ounahi foi completo contra a Espanha, e durante os 120 minutos – nada mal para quem jogava a terceira francesa há dois anos	Fã de Iniesta durante a infância, Ounahi estreou por Marrocos em janeiro e fez de tudo um pouco contra a Espanha: correu, passou, desarmou, driblou, criou - e cresceu até mais quando seu time estava desgastado	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/ounahi-foi-completo-contra-a-espanha-e-durante-os-120-minutos-nada-mal-para-quem-jogava-a-terceira-francesa-ha-dois-anos/	7
239	11/08	06/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Portugal destrói a boa defesa da Suíça com atuação arrasadora e hat-trick de Gonçalo Ramos	Com Cristiano Ronaldo no banco, coube a Gonçalo Ramos fazer as honras da casa com três gols em uma atuação de Portugal que desmontou o time da Suíça	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/portugal-destroi-a-bom-defesa-da-suica-com-atuacao-arrasadora-e-hat-trick-de-goncalo-ramos/	8
240	11/08	06/12	Copa do Mundo/Portugal	Bruno Bonsanti	Gonçalo Ramos não deu bola à pressão de ser titular nas oitavas da Copa – e nem de substituir Cristiano Ronaldo	O garoto de 21 anos fez três gols e deu uma assistência em seu primeiro jogo como titular pela seleção portuguesa - contra a Suíça, nas oitavas de final da Copa do Mundo	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/goncalo-ramos-nao-deu-bola-a-pressao-de-ser-titular-nas-otavas-da-copa-e-nem-de-substituir-cristiano-ronaldo/	9
241	11/08	06/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Bem pra lá de Marraquexe: As ensandecidas comemorações dos marroquinos em 18 cidades diferentes	Separamos os vídeos das comemorações marroquinas em 18 cidades diferentes, no país e também no exterior - inclusive na Espanha	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/bem-pra-la-de-marraquexe-as-ensandecidas-comemoracoes-dos-marroquinos-em-18-cidades-diferentes/	10
242	11/08	07/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	O elenco de Marrocos realizou uma bonita homenagem a Abdelhak Nouri em meio aos seus festejos	Antigo companheiro de Mazraoui e Ziyech no Ajax, o ex-meia de origem marroquina segue em estado vegetativo desde 2017	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-elenco-de-marrocos-realizou-uma-bonita-homenagem-a-abdelhak-nouri-em-meio-aos-seus-festejos/	1
243	11/08	07/12	Copa do Mundo/Europa	Felipe Lobo	O fim da geração belga: Aos 31 anos, Eden Hazard decide se aposentar da seleção da Bélgica	Após anúncio da saída de Roberto Martínez, o capitão Eden Hazard também decide se aposentar da seleção belga aos 31 anos após campanha ruim na Copa do Mundo no Catar	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-fim-da-geracao-belga-aos-31-anos-edden-hazard-decide-se-aposentar-da-selecao-da-belgica/	2
244	11/08	07/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Regragui: “É extraordinário o que os jogadores conseguiram com tanta energia. Trabalharam feito malucos”	Técnico de Marrocos, Walid Regragui ainda deu uma baita coletiva de imprensa para comentar a histórica classificação sobre a Espanha	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/regragui-e-extraordinario-o-que-os-jogadores-conseguiram-como-malucos/	3
245	11/08	07/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	O Canadá aproveita a vitrine da Copa: Koné vai para o Watford e Johnston jogará no Celtic	Koné era o mais jovem do elenco do Canadá e teve um aproveitamento de 96% dos passes, enquanto Johnston jogou os 270 minutos como titular na defesa	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-canada-aproveita-a-vitrine-da-copa-kone-vai-para-o-watford-e-johnston-jogara-no-celtic/	4
246	11/08	07/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Murat Yakin, técnico da Suíça: “Temos que parabenizar Portugal, foram o melhor time e nos surpreenderam”	Yakin contou que o elenco teve que lidar com jogadores resfriados, o que atrapalhou a preparação, mas admite que os adversários surpreenderam e foram muito superiores	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/murat-yakin-tecnico-da-suica-temos-que-parabenizar-portugal-foram-o-melhor-time-e-nos-surpreenderam/	5
247	11/08	07/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Infantino: “Foi a melhor fase de grupos da Copa do Mundo de todos os tempos”	Presidente da Fifa, Gianni Infantino ressaltou dados positivos sobre a Copa do Mundo de 2022, no Catar, como representantes de cinco continentes e alto número de gols nas oitavas de final	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/infantino-foi-a-melhor-fase-de-grupos-da-copa-do-mundo-de-todos-os-tempos/	6
248	11/08	07/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Walker confia que consegue parar Mbappé: “É mais fácil falar do que fazer, mas não subestimo a mim mesmo”	Lateral direito da Inglaterra, Walker já enfrentou Mbappé algumas vezes na Champions League e agora terá a missão de fazer isso na Copa do Mundo	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/walker-confia-que-consegue-parar-mbappe-e-mais-facil-falar-do-que-fazer-mas-nao-subestimo-a-mim-mesmo/	7
249	11/08	07/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	30 jogadores das seleções de fora da Europa que já se despediram da Copa e deixaram boas impressões	Aproveitamos a pausa na Copa do Mundo para destacar uma coleção de personagens que foram bem nas seleções já eliminadas de África, América, Ásia e Oceania	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/jogadores-da-selecoes-de-fora-da-europa-que-ja-se-despediram-da-copa-e-deixaram-boas-impressoes/	8
250	11/08	07/12	Alemanha/Copa do Mundo	Leandro Stein	Apesar do fracasso na Copa, federação alemã opta por manter Hansi Flick como técnico da seleção	Hansi Flick participou de uma reunião nesta quarta-feira e teve seu emprego mantido rumo à Euro 2024, que acontecerá na própria Alemanha	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/alemanha/apesar-do-fracasso-na-copa-federacao-alema-opta-por-manter-hansi-flick-como-tecnico-da-selecao/	9
251	11/08	07/12	Copa do Mundo	Equipe Trivela	Cinco textos de arquivo para relembrar o jogo e o clima do Argentina x Holanda na semifinal de 2014	Aproveitamos o novo Argentina x Holanda em mata-matas para relembrar a cobertura do Mundial do Brasil em 2014	Informativo	Histórico	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/cinco-textos-arquivo-para-relembrar-o-jogo-e-o-clima-do-argentina-x-holanda-na-semifinal-de-2014/	10
252	11/08	08/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Espanha anuncia a demissão de Luis Enrique e seu substituto será Luis de la Fuente, técnico da base	A federação espanhola confirmou a esperada demissão de Luis Enrique e já anunciou para seu lugar Luis de la Fuente, responsável pela prata em Tóquio-2020	Interpretativo/Opinativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/espanha-anuncia-a-demissao-de-luis-enrique-e-seu-substituto-sera-luis-de-la-fuente-tecnico-da-base/	1
253	11/08	08/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	O noticiário sobre Portugal anda tão exagerado que a federação emitiu nota para desmentir que Cristiano “ameaçou deixar o elenco”	Depois de mais uma especulação sobre os problemas de relacionamento de Cristiano Ronaldo, a federação de Portugal chegou ao ponto de ter que se posicionar para refutar o rumor	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-noticiario-sobre-portugal-anda-tao-exagerado-que-a-federacao-emitiu-nota-para-desmentir-que-cristiano-ameaçou-deixar-o-elenco/	2
254	11/08	08/12	África/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Com suspeita de lesão na coxa, zagueiro Nayef Aguerd é dúvida para enfrentar Portugal	O jogador do West Ham tem sido um dos destaques da defesa que levou apenas um gol em quatro partidas da Copa do Mundo	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-suspeita-de-lesao-na-coxa-zagueiro-nayef-aguerd-e-duvida-para-enfrentar-portugal/	3
255	11/08	08/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	14 estatísticas interessantes que deixam ainda mais em evidência os destaques individuais da Copa	Destacamos uma série de estatísticas que enfatizam um pouco mais o trabalho positivo de jogadores na Copa do Mundo	Interpretativo/Opinativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/14-estatisticas-interessantes-que-deixam-ainda-mais-em-evidencia-os-destaques-individuais-da-copa/	4

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
256	11/08	08/12	Copa do Mundo	Leandro lamin	O movimento, Bangladesh e Kid Abelha	Brasil e Argentina poderão se encontrar em uma semifinal de Copa do Mundo. [...] Acima de tudo, uma celebração latina, essa força imensa desse futebol que cria tanto encanto e forma tanto talento e faz europeu sentir, uma vez na vida, inveja da gente	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-movimento-bangladesh-e-kid-abelha/	5
257	11/08	08/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Sterling volta a ficar à disposição da seleção, após sua casa ser roubada e ele viajar à Inglaterra	Ao saber do roubo, Sterling ficou preocupado com sua família e passou os últimos dias em casa, antes de retornar ao Catar para as quartas de final	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/sterling-volta-a-ficar-a-disposicao-da-selecao-apos-sua-casa-ser-roubada-e-ele-viajar-a-inglaterra/	6
258	11/08	08/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Onze duelos individuais que podem ser chave nas quartas de final da Copa do Mundo	Os duelos ficam cada vez mais qualificados, cada vez mais apertados, nervosos e equilibrados, e qualquer pequena vantagem pode ser decisiva	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/onze-duelos-individuais-que-podem-ser-chave-nas-quartas-de-final-da-copa-do-mundo/	7
259	11/08	08/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	CEO da Copa do Mundo do Catar minimiza morte de trabalhador migrante: "É parte natural da vida"	Nasser Al Khater enviou condolências à família de um trabalhador filipino que morreu enquanto consentava as luzes de um estacionamento de um hotel onde a seleção saudita treinou, mas criticou os jornalistas por ter sido perguntado sobre o assunto	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/ceo-do-comite-organizador-do-catar-minimiza-morte-de-trabalhador-imigrante-e-parte-natural-da-vida/	8
260	11/08	08/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Domingo, Eduardo, Sammir: os brasileiros que ligam Mooca, Bangu e Itabuna ao futebol da Croácia	Eduardo da Silva e Sammir se naturalizaram para disputar até Copa do Mundo pela Croácia, enquanto Domingo era um goleiro paulistano de origem croata que jogou os primórdios do Campeonato Iugoslavo	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Visão de jogo	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/domingo-eduardo-sammir-os-brasileiros-que-ligam-mooca-bangu-e-itabuna-ao-futebol-da-croacia/	9
261	14/08	09/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Duas décadas depois, um novo olhar a uma partida lendária: Holanda 2x1 Argentina, quartas de final de 1998	Num jogo mágico pelo nível elevado de emoção e pelo desfecho sublime concedido por Bergkamp, relembramos com detalhes como foram aqueles 90 minutos no Vélodrome	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/duas-decadas-depois-um-novo-olhar-a-uma-partida-lendaria-holanda-2x1-argentina-quartas-de-final-de-1998/	1
262	14/08	09/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Fernando Santos: "O Cristiano ficou muito satisfeito? Não. É normal que não tenha ficado muito satisfeito"	Técnico de Portugal, Fernando Santos conta que nouve uma conversa com Cristiano Ronaldo sobre deixá-lo no banco e que o atacante obviamente não gostou	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/fernando-santos-o-cristiano-ficou-muito-satisfeito-nao-e-normal-que-nao-tenha-ficado-muito-satisfeito/	2
263	14/08	09/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Acabou o sonho: Croácia é resiliente, arranca empate na prorrogação e elimina o Brasil nos pênaltis	Mesmo melhor na maior parte do jogo e na prorrogação, Brasil não consegue segurar vantagem na prorrogação, sofre empate no final e perde nos pênaltis	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/acabou-o-sonho-croacia-foi-resiliente-arranca-empate-na-prorro-gacao-e-elimina-o-brasil-nos-penaltis/	3
264	14/08	09/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Livakovic brilhou de novo nos pênaltis, mas foi ainda melhor pela segurança que impôs em 120 minutos	Livakovic teve excelente posicionamento e senso de antecipação, o que facilitou suas seguidas defesas contra o Brasil	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/livakovic-brilhou-de-novo-nos-penaltis-mas-foi-ainda-melhor-pela-seguranca-que-impos-em-120-minutos/	4
265	14/08	09/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Croácia demonstrou outra vez o coração de um time especial que se recusa a morrer	Que não tenha conquistado um título (ainda), Luka Modric e companhia não param de impressionar com o psicológico de um time que simplesmente não desiste	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/croacia-demonstrou-outra-vez-o-coracao-de-um-time-especial-que-se-recusa-a-morrer/	5
266	14/08	09/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A queda da Seleção não anula a ótima Copa de sua dupla de zaga – mas, como em outros Mundiais, isso não tem bastado	Thiago Silva e Marquinhos fizeram um grande Mundial, o que não foi suficiente para evitar a despedida, como em outras eliminações recentes	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/queda-da-selecao-nao-anula-a-otima-copa-feita-por-sua-dupla-de-zaga-mas-como-em-outros-mundiais-recentes-isso-nao-evitou-a-eliminacao/	6
267	14/08	09/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	A eliminação do Brasil é frustrante pelo que o time é capaz de fazer – e ainda pode fazer no futuro	Com um time jovem, especialmente no ataque, o Brasil tem uma base talentosa para recomeçar e pensar na Copa 2026	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-eliminacao-do-brasil-e-frustrante-pelo-que-o-time-e-capaz-de-fazer-e-ainda-pode-fazer-no-futuro/	7
268	14/08	09/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Em jogo dramático, Argentina sofre empate da Holanda, mas sobrevive nos pênaltis e vai à semifinal	Comandada por Messi, Argentina abriu 2 a 0, tomou o empate nos acréscimos e, nos pênaltis, garantiu o seu lugar na semifinal da Copa do Mundo	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/em-jogo-dramatico-argentina-sofre-empate-da-holanda-mas-sobrevive-nos-penaltis-e-vai-a-semifinal/	8
269	14/08	09/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Weghorst meteu o louco e tacou fogo numa noite que, se termina com derrota, vira um épico das Copas	É disso que são feitos os grandes personagens de Copas: não precisam ser os melhores, mas sim aqueles que desafiam o impossível	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/weghorst-meteu-o-louco-e-tacou-fogo-numa-noite-que-se-termina-com-derrota-vira-um-epico-das-copas/	9
270	14/08	09/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Messi encamou Diego e disparou contra todos: Van Gaal, Weghorst, Mateu Lahoz, até a Fifa	Messi saiu de campo bastante incomodado e bateu boca com Weghorst bem no meio da entrevista	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-encamou-diego-e-disparou-contra-todos-van-gaal-weghorst-mateu-lahoz-ate-fifa/	10
271	14/08	09/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Depois de superar um câncer, Van Gaal foi um personagem que enriqueceu seu último Mundial – mais fora do que dentro de campo	Van Gaal teve uma versão mais leve, mas ainda assim autêntica, que não fugiu das provocações e evidenciou uma relação muito bonita com seus jogadores	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/depois-de-superar-um-cancer-van-gaal-foi-um-personagem-que-enriqueceu-seu-ultimo-mundial-mais-fora-do-que-dentro-de-campo/	11
272	14/08	10/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Falece Grant Wahl, referência do jornalismo esportivo nos EUA e voz combativa contra os desmandos da Fifa	Grant Wahl faleceu na tribuna de imprensa, enquanto cobria Argentina x Holanda: principal nome na cobertura de futebol nos EUA, o americano chegou a lançar candidatura para a presidência da Fifa em 2011	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/falece-grant-wahl-referencia-do-jornalismo-esportivo-nos-eua-e-voz-combativa-contra-os-desmandos-da-fifa/	1
273	14/08	10/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	As lembranças do Marrocos x Portugal de 1986, a primeira vitória dos marroquinos em Copas e o maior caos dos portugueses	Marrocos venceu e se classificou na liderança do grupo que ainda tinha Inglaterra e Polônia, enquanto Portugal ficou pelo caminho numa campanha marcada pelos escândalos	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-lembrancas-do-marrocos-x-portugal-de-1986-a-primeira-vez-que-os-marroquinos-empate-ou-venceu-em-copas-e-o-maior-caos-dos-portugueses/	2

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
274	14/08	10/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Um encontro com a história: Marrocos elimina Portugal e é o primeiro africano semifinalista da Copa do Mundo	Com muita organização defensiva, Marrocos saiu na frente e defendeu o resultado com raça para entrarem para a história como primeiros africanos a chegarem à semifinal	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/um-encontro-com-a-historia-marrocos-elimina-portugal-e-e-o-primeiro-africano-semifinalista-da-copa-do-mundo/	3
275	14/08	10/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Com um gol, En-Nesyri rompeu fronteiras, superou limites e pelo resto da vida flutuará no imaginário de tantos marroquinos	Filho da capital cultural e religiosa de Marrocos, criado por um projeto da federação, En-Nesyri marca o gol que representa tanta gente ao redor do mundo	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-um-gol-en-nesyri-rompeu-fronteiras-superou-limites-e-pelo-resto-da-vida-fluturara-no-imaginario-de-tantos-marroquinos/	4
276	14/08	10/12	Copa do Mundo/Portugal	Bruno Bonsanti	Mesmo diante da incrível barreira marroquina, Portugal apresentou pouco para os recursos que tem	A chave para Portugal era descobrir se Fernando Santos conseguia destravar um dos melhores elencos do futebol de seleções - spoiler: não conseguiu	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/portugal/mesmo-diante-da-incrive-barreira-marroquina-portugal-apresentou-pouco-para-os-recursos-que-tem/	5
277	14/08	10/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	O meio-campo de Marrocos na Copa é daqueles pra gente escalar de cor: Amrabat, Ounahi, Amallah	Marrocos conta com um trabalho excepcional de seus meio-campistas, que não chegaram à Copa badalados, mas fazem um torneio gigante e dão liga ao time tão competitivo	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-meio-campo-de-marrocos-na-copa-e-daquelles-pra-gente-escalar-de-cor-amrabat-ounahi-amallah/	6
278	14/08	10/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Inglatera faz grande jogo, mas não basta: França vence o jogo e vai à semifinal da Copa	Inglatera foi melhor em boa parte do jogo, mas a França conseguiu ser eficiente para aproveitar as chances e sair com a vitória para seguir sonhando com o segundo título consecutivo	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/inglaterra-faz-grande-jogo-mas-nao-basta-franca-vence-o-jogo-e-e-va-para-semifinal-da-copa/	7
279	14/08	10/12	Copa do Mundo/Inglaterra	Bruno Bonsanti	Inglaterra se despediu da Copa do Mundo lamentando que ter feito um grande jogo não foi suficiente	A ironia é que um time tantas vezes criticado por um futebol abaixo do que pode foi eliminado justamente quando encaixou sua melhor partida em muito tempo	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/inglaterra/inglaterra-se-despediu-da-copa-do-mundo-lamentando-que-ter-feito-um-grande-jogo-nao-foi-suficiente/	8
280	14/08	10/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Griezmann assume sua versão mais cerebral para sublinhar, de novo numa Copa, como é um jogador	Depois de quatro anos tão difíceis, Griezmann ressurge numa Copa do Mundo como um general no comando do meio-campo francês	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/griezmann-assume-sua-versao-mais-cerebral-para-sublinhar-de-novo-numa-copa-como-um-jogador/	9
281	14/08	10/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A história de Marrocos fica ainda mais carismática com a festa em família – Bono e o filho, Boufal e a mãe, Amrabat e o irmão	Depois das lindas cenas de Hakimi com sua mãe, outros jogadores marroquinos comemoraram em família o feito diante de Portugal	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-historia-de-marrocos-fica-ainda-mais-carismatica-com-a-festa-em-familia-bono-e-o-filho-boufal-e-a-mae-amrabat-e-o-irmao/	10
282	14/08	10/12	Copa do Mundo/Inglaterra	Bruno Bonsanti	Uma imagem e dois pênaltis perdidos separados por 26 anos	Southgate consolou Harry Kane após o erro contra a França: um dos únicos homens que pode genuinamente dizer que sabe o que ele está sentindo	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-imagem-e-dois-penaltis-perdidos-separados-por-26-anos/	11
283	14/08	11/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Regragui: "Eu disse aos jogadores que precisávamos escrever a história da África"	Treinador de Marrocos, Regragui deu uma entrevista muito lúcida, em que mediu a importância histórica dos resultados alcançados	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/regragui-eu-disse-aos-jogadores-que-precisavamos-escrever-a-historia-da-africa/	1
284	14/08	11/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Esta é a Al Hilal, a bola que será usada nas semifinais e na decisão da Copa do Mundo	Nome em árabe se traduz como "O Sonho" e a bola tem um tom dourado, com detalhes em bordô, a cor da bandeira do Catar	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/esta-e-a-al-hilal-a-bola-que-sera-usada-nas-semifinais-e-na-decisao-da-copa-do-mundo/	2
285	14/08	11/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Uma das cenas mais potentes de Marrocos é a alegria de meninos palestinos comemorando a classificação num campo de refugiados	A seleção de Marrocos se torna também uma embaixadora do Pan-Africanismo e do Pan-Arabismo, com uma festa que se espalha não só pela diáspora marroquina ao redor do mundo	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-das-cenas-mais-potentes-marrocos-e-a-alegria-de-meninos-palestinos-comemorando-a-classificacao-num-campo-de-refugiados/	3
286	14/08	11/12	Copa do Mundo/Portugal	Bruno Bonsanti	Cristiano Ronaldo diz que sonho de ganhar a Copa por Portugal acabou: "Bonito enquanto durou"	O jogador de 37 anos praticamente confirmou que o Mundial do Catar foi o último, após cinco participações	Informativo	Repercussão	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/cristiano-ronaldo-diz-que-sonho-de-ganhar-a-copa-por-portugal-acabou-bonito-enquanto-durou/	4
287	14/08	11/12	África/Copa do Mundo/França/Mundo	Leo Escudeiro	Benbarek, a primeira estrela africana no futebol europeu e um marroquino que não teve Copa para defender a França	Se eu sou o Rei do Futebol, Benbarek era o Deus, teria dito Pelé sobre o craque do Atlético de Madrid	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/mundo/benbarek-copa-1946/	5
288	14/08	11/12	Copa do Mundo	Equipe Trivela	Como contamos o Argentina x Croácia da Copa do Mundo de 2018 em quatro textos de arquivo	Foi o resultado que escancarou os problemas do time de Jorge Sampaoli e anunciou a Croácia como uma das forças do Mundial da Rússia	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/como-contamos-o-argentina-x-croacia-da-copa-do-mundo-de-2018-em-quatro-textos-de-arquivo/	6
289	14/08	11/12	Concacaf/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Preparação do Canadá para a próxima Copa precisa de mais amistosos contra seleções grandes, diz John Herdman	O técnico do Canadá afirmou que a participação no Catar serviu para ajudar a conseguir melhores amistosos, recrutar jogadores com dupla cidadania e levar seus atletas às grandes ligas	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/preparacao-do-canada-para-a-proxima-copa-precisa-de-mais-amistosos-contra-selecoes-grandes-diz-john-herdman/	7
290	14/08	12/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Maradona ensinou Suker, admirou Drazen Petrovic e deixou marcas numa Croácia recém-independente	Em junho de 1994, às vésperas da Copa, a presença de Maradona na Croácia dois anos depois da independência teve grande significado - ainda mais pela amizade com Davor Suker e pelo consolo à mãe do falecido Drazen Petrovic	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/maradona-ensinou-suker-admirou-drazen-petrovic-e-deixou-marcas-uma-croacia-recem-independente/	1
291	14/08	12/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Scaloni: "Messi sempre foi assim, não é mérito nosso"	Messi faz até aqui a sua melhor Copa do Mundo aos 35 anos e a Argentina, comandada por Scaloni, joga por uma vaga na final nesta terça-feira	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-messi-sempre-foi-assim-nao-e-merito-nosso/	2
292	14/08	12/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Dalic: "A Croácia irá impor a sua própria forma de jogar"	Semifinalista pela segunda vez seguida, a Croácia quer vencer também a Argentina, depois de eliminar o Brasil, e chegar à sua segunda final consecutiva	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dalic-a-croacia-ira-impor-a-sua-propria-forma-de-jogar/	3

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
293	14/08	12/12	Brasil/Copa do Mundo	Leandro lamin	O meu desconcertante prazer em ver Neymar jogar	Acredito que rejeitar Neymar de maneira incondicional seja mais simples para quem não veria jogos dele de qualquer maneira nos outros 3 anos e 11 meses	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-meu-desconcertante-prazer-em-ver-neymar-jogar/	4
294	14/08	12/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Novo técnico da Espanha, De La Fuente falou grosso: "Se alguém conhece o futebol espanhol, sou eu"	Novo técnico da seleção da Espanha, Luis de la Fuente abriu as portas para veteranos e reforçou as suas credenciais para ser o técnico da Roja no lugar de Luis Enrique	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/novo-tecnico-da-espanha-de-la-fuente-falou-grosso-se-alguem-conhece-o-futebol-espanhol-sou-eu/	5
295	14/08	12/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Modric: "É impressionante estarmos na semifinal da Copa novamente, o que este time está fazendo é algo incrível"	Principal jogador da Croácia, Modric comemora o feito da seleção do país de chegar pela segunda vez consecutiva à semifinal da Copa – e terceira vez em sua história	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/modric-e-impresionante-estamos-na-semifinal-da-copa-novamente-o-que-este-time-esta-fazendo-e-algo-incrive/	6
296	14/08	12/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	As histórias cruzadas dos jogadores da França com origem marroquina e de Marrocos com origem francesa	Aproveitamos as semifinais da Copa do Mundo para traçar as ligações de Marrocos e França através dos jogadores de suas seleções	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-historias-cruzadas-dos-jogadores-da-franca-com-origem-marroquina-e-de-marrocos-com-origem-francesa/	7
297	14/08	13/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	As lembranças da Argentina 1x0 Croácia de 1998, duelo de grandes craques que teve o brilho de Gallardo	A Argentina venceu a Croácia, confirmou a liderança do grupo e encerrou um jejum de 68 anos sem terminar a primeira fase com 100% de aproveitamento	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-lembrancas-do-argentina-1x0-croacia-de-1998-duelo-de-grandes-nomes-que-teve-o-brilho-de-gallardo/	1
298	14/08	13/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Companhia aérea marroquina oferece voos promocionais para levar torcedores ao Catar	Royal Air Maroc lança voos promocionais de Casablanca para Doha para levar torcedores para acompanhar a semifinal da Copa do Mundo no Catar	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/companhia-aerea-marroquina-oferece-voos-promocionais-para-levar-torcedores-ao-catar/	2
299	14/08	13/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Regragui: "Nem todo mundo tem sorte de jogar esta fase do torneio. O melhor time aqui, o Brasil, já foi eliminado"	Técnico de Marrocos diz que manterá o estilo de jogo da equipe contra a França e diz que os Leões do Atlas seguem com ambições e querem buscar o título	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/regragui-nem-todo-mundo-tem-sorte-de-jogar-esta-fase-do-torneio-o-melhor-time-aqui-o-brasil-ja-foi-eliminad/	3
300	14/08	13/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Lloris diz que mandou mensagem para Kane após pênalti: "Foi difícil encontrar as palavras"	Kane acertou um pênalti contra o goleiro do seu clube, o Tottenham, mas errou o segundo, e a França avançou à semifinal	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/lloris-diz-que-mandou-mensagem-para-kane-apos-penalti-foi-dificil-encontrar-as-palavras/	4
301	14/08	13/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Wydad e Raja Casablanca também representam a luta pela independência de Marrocos contra a França	Wydad e Raja representam caminhos diferentes da resistência contra o colonialismo francês, em luta que hoje serve de orgulho à identidade de suas torcidas	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/wydad-e-raja-casablanca-tambem-representam-a-luta-pela-independencia-de-marrocos-contra-a-franca/	5
302	14/08	13/12	Copa do Mundo/Espanha	Bruno Bonsanti	Após deixar a seleção espanhola, Luis Enrique diz que seu futuro será no futebol de clubes	O último clube comandado pelo técnico foi o Barcelona, do qual saiu em 2017 após conquistar a Tríplice Coroa	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/espanha/apos-deixar-a-selecao-espanhola-luis-enrique-diz-que-seu-futuro-sera-no-futebol-de-clubes/	6
303	14/08	13/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	A última dança será na final: Messi conduz Argentina para eliminar a Croácia e garantir lugar na decisão	Com Messi gastando a bola, aos 35 anos, Argentina vai para a final da Copa do Mundo e tentará o título que não vem desde 1986, novamente confiando no gênio que veste a 10	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-ultima-danca-sera-na-final-messi-conduz-argentina-para-eliminar-a-croacia-e-garantir-lugar-na-decisao/	7
304	14/08	13/12	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Sucesso de Álvarez é prêmio à inquietação de Scaloni que transformou a Argentina em camaleão	O técnico da Argentina teve a coragem de adaptar a sua escalação a cada adversário que enfrentou e colheu os frutos: está na final da Copa do Mundo	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/sucesso-de-alvarez-e-premio-a-inquietacao-de-scaloni-que-transformou-a-argentina-em-camaleao/	8
305	14/08	13/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	O Argentina x Croácia teve 21 jogadores em campo e um Messi em outra dimensão	Muitas vezes, era como se Messi estivesse em campo, mas nenhum outro estivesse no mesmo campo que ele: o tal Messi de outra dimensão, ainda acessível a olho nu, para que qualquer um pudesse apreciar	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-argentina-x-croacia-teve-21-jogadores-em-campo-e-um-messi-em-outra-dimensao/	9
306	14/08	13/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Modric tomou a Croácia muito maior na história das Copas e cresceu ainda mais entre os gigantes do torneio	Aos 37 anos, Modric de novo liderou uma campanha marcante da Croácia, em especial pela maneira como fez seu time e também os adversários orbitarem ao seu redor	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/modric-tomou-a-croacia-muito-maior-na-historia-das-copas-e-cresceu-ainda-mais-entre-os-gigantes-do-torneio/	10
307	14/08	13/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Torcedores da Argentina foram às ruas extravasar o quão próximo ficaram do título da Copa do Mundo – em Bangladesh também, claro	A Argentina venceu a Croácia nesta terça-feira e se classificou para a final do próximo domingo, contra França ou Marrocos	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/torcedores-da-argentina-foram-as-ruas-extravasar-o-qua-proximo-ficaram-do-titulo-da-copa-do-mundo-em-bangladesh-tambem-claro/	11
308	14/08	14/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Mustapha Hadji: "Os políticos incitam o ódio, mas Marrocos e França são países irmãos"	O novo treinador soube encontrar as palavras certas e a forma de trazer à tona o melhor dos jogadores, de montar o time com a mentalidade de um leão	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/mustapha-hadji-os-politicos-incitam-o-odio-mas-marrocos-e-franca-sao-paises-irmaos/	1
309	14/08	14/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Messi: "A Argentina está de volta a uma final da Copa e temos que aproveitar"	Prestes a disputar a sua segunda final de Copa do Mundo, Messi falou sobre tudo que tem acontecido e ressaltou espírito do grupo e desejo de ser novamente campeão do mundo	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-a-argentina-esta-de-volta-a-uma-final-da-copa-e-temos-que-aproveitar/	2
310	14/08	14/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Modric: "Espero que Messi ganhe a Copa do Mundo, ele é o melhor jogador da história e merece"	Capitão e craque da Croácia, Luka Modric criticou a arbitragem pelo pênalti do primeiro gol da Argentina, mas reconheceu a superioridade do adversário e elogiou Messi	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/modric-espero-que-messi-ganhe-a-copa-do-mundo-ele-e-o-melhor-jogador-da-historia-e-merece/	3

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
311	14/08	14/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Companhia aérea marroquina cancela voos extras para Doha e culpa governo do Catar	Royal Air Maroc anunciou voos extras de Casablanca a Doha, mas cancelou a pedido de autoridades catarianas e deixa torcedores com ingresso sem voos para o Catar	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/companhia-aerea-marroquina-cancela-voos-extras-para-doha-e-culpa-governo-do-catar/	4
312	14/08	14/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A linda história de Mehdi Faria, o técnico brasileiro que foi rei em Marrocos e pela primeira vez levou uma seleção africana aos mata-matas da Copa	José Faria, chamado Mehdi após se converter ao islamismo, realizou um trabalho fantástico no futebol de Marrocos e levou o time às oitavas de final da Copa de 1986	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-linda-historia-de-mehdi-faria-o-tecnico-brasileiro-que-foi-rei-em-marrocos-e-pela-primeira-vez-levou-os-africanos-aos-mata-matas-de-uma-copa/	5
313	14/08	14/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	França sofre, mas vence, acaba com o sonho de Marrocos e vai à final da Copa	Marrocos fez um jogo enorme, mas a França foi mais eficiente e conseguiu a classificação para buscar o segundo título seguido	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/franca-sofre-mas-vence-acaba-com-o-sonho-de-marrocos-e-va-a-final-da-copa/	6
314	14/08	14/12	Copa do Mundo/França	Bruno Bonsanti	Mesmo com o elenco desfigurado, Deschamps usou bem o que tinha para estancar a sangria contra Marrocos	Dois jogadores convocados de última hora, Marcus Thuram e Kolo Muani contribuíram decisivamente para a vitória francesa na semifinal	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/mesmo-com-o-elenco-desfigurado-deschamps-usou-bem-o-que-tinha-para-estancar-a-sangria-contra-marrocos/	7
315	14/08	14/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A valentia que resistiu até o último suspiro marca um time de Marrocos que caiu, mas deu gosto de acompanhar	Não foi apenas o conto de fadas que contagiou, mas o gosto expresso dos marroquinos por disputar uma Copa do Mundo e torná-la a maior possível: eles honraram o tamanho do Mundial com uma crença inabalável	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-valentia-que-resistiu-ate-o-ultimo-suspiro-marca-um-time-de-marrocos-que-caiu-mas-deu-gosto-de-acompanhar/	8
316	14/08	14/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Foi arrepiante a execução do hino nacional de Marrocos nesta semifinal, cantado em máxima potência	Depois das vaias à Marselhesa, a torcida de Marrocos soltou a voz num momento bastante emblemático - até pelo contexto histórico	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/foi-arrepiante-a-execucao-do-hino-nacional-de-marrocos-nesta-semifinal-cantado-em-maxima-potencia/	9
317	14/08	14/12	Copa do Mundo/França	Bruno Bonsanti	Após ser esquecido por tanto tempo, Theo Hernandez merece a trajetória que está tendo na Copa do Mundo	O lateral esquerdo foi deixado de lado por Deschamps enquanto brilhava pelo Milan, virou titular de uma hora para a outra e agora está entre os melhores jogadores do torneio	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/apos-ser-esquecido-por-tanto-tempo-theo-hermandez-merece-a-trajetoria-que-esta-tendo-na-copa-do-mundo/	10
318	14/08	15/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Em pouco tempo, Regragui liderou um trabalho extraordinário que o fará ser aplaudido pelo resto da vida	Regragui construiu em cima do que Marrocos fazia desde 2018, mas também deixou sua impressão digital expressa ao dissipar incógnitas e criar uma identidade	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/em-pouco-tempo-regragui-liderou-um-trabalho-extraordinario-que-o-fara-ser-aplaudido-pelo-resto-da-vida/	1
319	14/08	15/12	Copa do Mundo	Equipe Trivela	Quatro textos do arquivo da Trivela que recontam o trepidante França 4x3 Argentina de 2018	Aproveitamos a reedição da partida quatro anos depois para relembra como foi a cobertura do embate em Kazan	Informativo	Histórico	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/quatro-textos-do-arquivo-da-trivela-que-recontam-o-trepidante-franca-4x3-argentina-de-2018/	2
320	14/08	15/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Antes da final da Copa, uma dica de livro: "O Jogo: Argentina x Inglaterra · 1986", da Dolores Editora	O livro de Andrés Burgo fala de Maradona, claro, mas também se debruça sobre os demais personagens que recontam aquela história	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/antes-da-final-da-copa-uma-dica-de-livro-o-jogo-argentina-x-inglaterra-%c2%b7-1986-da-dolores-editora/	3
321	14/08	15/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Regragui: "Acho que o mundo como um todo está orgulhoso deste time marroquino porque mostramos grande desejo"	Transmitimos uma boa imagem de Marrocos e do futebol africano. Isso também é importante para nós, porque representamos nosso país e nosso continente	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/regragui-achou-que-o-mundo-como-um-todo-esta-orgulhoso-deste-time-marroquino-porque-mostramos-grande-desejo/	4
322	14/08	15/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Num movimento mais que esperado, a seleção portuguesa anuncia a saída de Fernando Santos após oito anos	Fernando Santos tem um peso histórico para Portugal, mas acumulava o desgaste de anos, por um time que rendia menos que o talento à disposição	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/num-movimento-mais-que-esperado-a-selecao-portuguesa-anuncia-a-saida-de-fernando-santos-apos-oito-anos/	5
323	14/08	15/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	O Argentina x França que incendiou a Serie A por três temporadas: Maradona no Napoli x Platini na Juventus	O grande momento de rivalidade entre Argentina e França no século passado teve dois esquadres de Napoli e Juventus liderados por suas lendas, Maradona e Platini	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-argentina-x-franca-que-incendiou-a-serie-a-por-tres-temporadas-maradona-no-napoli-x-platini-na-juventus/	6
324	14/08	16/12	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Como foram as outras quatro vezes em que Messi tentou conquistar a Copa do Mundo	Garoto em 2006, treinado por Maradona em 2010, vice-campeão em 2014 e eliminado nas oitavas de final após se aposentar brevemente da seleção em 2016: a história de Messi na Copa do Mundo é cheia de altos e baixos	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/como-foram-as-outras-quatro-vezes-em-que-messi-tentou-conquistar-a-copa-do-mundo/	1
325	14/08	16/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Espanha se despede de seu último campeão mundial: Busquets anuncia a aposentadoria da seleção	Busquets foi um importante coadjuvante no time vencedor da Copa de 2010 e da Euro 2012, mas acaba marcado também pelo futebol burocrático dos fracassos mais recentes	Informativo	Notícia	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-espanha-se-despede-de-seu-ultimo-campeao-mundial-busquets-anuncia-a-aposentadoria-da-selecao/	2
326	14/08	16/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Sucesso da fase de grupos na Copa 2022 faz Fifa pensar em grupos de quatro times para 2026	Ideia inicial era ter 16 grupos de três times, mas Infantino afirma que será estudado um formato com quatro times por grupo	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/fifa-pensa-em-grupos-de-quatro-times-para-2026/	3
327	14/08	16/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Infantino: "O legado da Copa do Mundo é que muitas pessoas vieram ao Catar e descobriram o mundo árabe"	Presidente da Fifa, Gianni Infantino fez um balanço sobre a Copa do Mundo e respondeu diversas perguntas difíceis sobre a realização do torneio no Catar	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/infantino-o-legado-da-copa-do-mundo-e-que-muitas-pessoas-vieram-ao-catar-e-descobriram-o-mundo-arabe/	4
328	14/08	16/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Shevchenko: "Messi é um dos melhores de todos os tempos, junto a Maradona e Pelé. Merece uma Copa do Mundo"	Ex-atacante, Shevchenko comentou sobre a trajetória de Messi e que o considera um dos melhores da história, mas ressaltou também o quanto Mbappé está se tornando a nova estrela	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/shevchenko-messi-e-um-dos-melhores-de-todos-os-tempos-junto-a-maradona-e-pele-merece-uma-copa-do-mundo/	5

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
329	14/08	16/12	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina	Durante muito tempo, Scaloni parecia estar apenas esquentando o banco à espera de um nome mais forte, mas, com humildade e pés no chão, conseguiu entregar à Argentina o que técnicos mais badalados não haviam feito: condições mínimas para Messi e companhia brilharem	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-o-interino-que-foi-ficando-foi-ficando-e-agora-pode-ficar-de-vez-na-historia-da-argentina/	6
330	14/08	17/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Lionel Scaloni: "Temos que desfrutar destes momentos porque é uma partida para a história"	Técnico da Argentina, Lionel Scaloni se mostrou emocionado, celebrou o fato de chegarem à final e falou sobre o grupo que se formou na albiceleste	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/lionel-scaloni-temos-que-desfrutar-destes-momentos-porque-e-uma-partida-para-a-historia/	1
331	14/08	17/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	25 jogadores marroquinos que marcaram o futebol do país no Século XX	Aproveitamos a despedida de Marrocos na Copa do Mundo para relembrar a história de 25 jogadores do passado, desde os tempos prévios à independência	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/25-jogadores-marroquinos-que-marcaram-o-futebol-do-pais-no-seculo-xx/	2
332	14/08	17/12	Copa do Mundo	Equipe Trivela	Dica antes da final: O excelente especial sobre as histórias de Argentina x França do Futebol Portenho	Das partidas do passado aos jogadores que interligam as duas seleções e ligas, o Futebol Portenho preparou um material bem completo	Interpretativo/Opinativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dica-antes-da-final-o-excelente-especial-sobre-as-historias-de-argentina-x-franca-do-futebol-portenho/	3
333	14/08	17/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Deschamps descarta Benzema na final: "Essas perguntas são constrangedoras"	Se especulou que Benzema poderia ser relacionado para a final, já que está recuperado e ainda inscrito, mas Deschamps disse que conta com os 24 jogadores que estão no Catar	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/deschamps-descarta-benzema-na-final-da-copa-2022/	4
334	14/08	17/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Croácia faz bom jogo para vencer Marrocos e fecha boa Copa do Mundo em terceiro lugar	Em um duelo de times que surpreenderam na Copa, a Croácia foi melhor e contou mais uma vez com uma boa atuação dos seus meio-campistas	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/croacia-faz-bom-jogo-para-vencer-marrocos-e-fecha-boa-copa-do-mundo-em-terceiro-lugar/	5
335	14/08	17/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Durante uma trajetória histórica em Copas, a Croácia nunca duvidou que poderia contar com o confiável Ivan Perisic	O ponta do Tottenham, segundo dados da Opta, é o segundo jogador que mais participou diretamente de gols nos últimos três Mundiais, atrás de Messi	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/durante-uma-trajetoria-historica-em-copas-a-croacia-nunca-duvidou-que-poderia-contar-com-o-confiavel-ivan-perisic/	6
336	14/08	17/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Hakimi sai da Copa muito maior, pronto para se firmar também como um ícone do futebol africano	Hakimi se confirma como o melhor de sua posição, se candidata ao prêmio de melhor africano do ano e se eterniza como protagonista dessa epopeia marroquina	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/hakimi-sai-da-copa-muito-maior-pronto-para-se-firmar-tambem-como-um-icone-do-futebol-africano/	7
337	14/08	17/12	Copa do Mundo/Liga das Nações	Felipe Lobo	Modric continuará desfilando categoria com a camisa da Croácia ao menos até 2023	Aos 37 anos, Modric fez uma excelente Copa do Mundo e ainda não se aposentou de vestir a camisa da Croácia, que ele seguirá fazendo até junho de 2023	Informativo	Notícia	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/modric-continua-desfilando-categoria-com-a-camisa-da-croacia-ao-menos-ate-2023/	8
338	14/08	17/12	Copa do Mundo/França	Bruno Bonsanti	Como a França se transformou durante os 10 anos do comando de Deschamps para ficar a um jogo do tri mundial	A França tem o elenco mais talentoso do futebol de seleções no momento, mas quando Deschamps chegou, em 2012, a situação era um pouco diferente	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/como-a-franca-se-transformou-durante-os-10-anos-do-comando-de-deschamps-para-ficar-a-um-jogo-do-tri-mundial/	9
339	14/08	17/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Quando Maradona acertou sua transferência para o poderoso Olympique de Marseille – mas o Napoli não deixou	Maradona queria, o Olympique de Marseille queria, mas não passou de um bombástico negócio que nunca se consumou - primeiro em 1989 e depois em 1992	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/quando-maradona-acertou-sua-transferencia-para-o-poderoso-olympique-de-marseille-mas-o-napoli-nao-deixou/	10
340	07/08	18/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Quando Trezeguet atendeu seu coração e voltou à Argentina para tirar o River Plate da segundona	Consagrado com a seleção francesa, mas criado durante toda a juventude na Argentina, Trezeguet viveu o grand finale de sua história no futebol com os gols no jogo do acesso do River Plate, seu time do coração	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/quando-trezeguet-atendeu-seu-coracao-e-voltou-a-argentina-para-tirar-o-river-plate-da-segundona/	1
341	15/07	18/12	Copa do Mundo	Equipe Trivela	O esquentado da final: nossos textos especiais sobre o grande França e Argentina deste domingo	Para preparar os nossos leitores, como sempre, produzimos alguns textos especiais de prévias para você chegar afiado para este grande jogo no Catar	Informativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-esquentado-da-final-nossos-textos-especiais-sobre-o-grande-franca-e-argentina-deste-domingo/	2
342	07/08	18/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Regragui: "A campanha de Marrocos precisa estabelecer o exemplo para o futuro. Fazemos as crianças sonharem"	Quarto lugar da Copa do Mundo, Marrocos fez história no Catar, mas o técnico Walid Regragui quer mais: que a campanha seja exemplo para manter o sonho de conquistar o título vivo	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/regragui-a-campanha-de-marrocos-precisa-estabelecer-o-exemplo-para-o-futuro-fazemos-as-criancas-sonharem/	3
343	15/07	18/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	A Copa se curva à lenda Messi: nos pênaltis dramático, contra uma França que não se entregou, a Argentina é campeã do mundo	A melhor final de todos os tempos: empate por 3 a 3 depois da prorrogação, com dois gols de Messi e três gols de Mbappé, a Argentina enfim conquista o seu merecido título mundial pela terceira vez	Interpretativo/Opinativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-copa-se-curve-a-lenda-messi-nos-penaltis-dramatico-contra-uma-franca-que-nao-se-entregou-a-argentina-e-campea-do-mundo/	4
344	15/07	18/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Enquanto o destino estava em seus pés, Di María fez a Argentina se sentir campeã – e ele mereceu demais que terminasse assim	Homem de partidas grandes, Di María foi gigante nesta final imensurável e, enquanto esteve em campo, tornou a Argentina muito maior	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/enquanto-o-destino-estava-em-seus-pes-di-maria-fez-a-argentina-se-sentir-campea-e-ele-mereceu-demaix-que-terminasse-assim/	5
345	07/08	18/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	O título não veio, mas Mbappé teve uma das maiores atuações em finais da história da Copa do Mundo	Mbappé é apenas o segundo a marcar três gols em uma final de Copa depois de Geoffrey Hurst, mas não leva o título. Mesmo assim, teve uma atuação que será lembrada para sempre	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-titulo-nao-veio-mas-mbappe-teve-uma-das-maiores-atuacoes-em-finais-da-historia-da-copa-do-mundo/	6

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
346	15/07	18/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Uma trajetória dramática atinge a apoteose: Messi é campeão da Copa do Mundo	Parecia que a Copa nunca deixaria de ser cruel com Messi, mas, no fim, substituiu o olhar obsessivo do Maracanã pelo carinho de um beijo como a sua imagem definitiva com craque	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-trajetoria-dramatica-atinge-a-apoteose-messi-e-campeao-da-copa-do-mundo/	7
347	16/07	18/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Dibu Martínez foi o tapa penales, o devorador de mentes e o porteiro do céu albiceleste negado à França com seu milagre	Emiliano Martínez não se limitou ao folclore do "tapa penales" de outras Copas da Argentina, mas se mostrou como um goleiro extremamente técnico e decisivo nos momentos de maior provação - o que Kolo Muani percebeu	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dibu-martinez-foi-o-tapa-penales-o-devorador-de-mentes-e-o-porteiro-do-ceu-albiceleste-negado-a-franca-com-seu-milagre/	8
348	16/07	18/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Com ou sem emoção? A Argentina fez uma campanha em que sempre optou pela via mais dramática	A Copa do Mundo da Argentina foi teste para cardíaco, como diria o agora aposentado Galvão Bueno	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-ou-sem-emocao-a-argentina-fez-uma-campanha-em-que-sempre-optou-pela-via-mais-dramatica/	9
349	16/07	18/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Copa do Mundo também é uma conquista da devoção argentina: por Diego, por Messi, pela razão de ser torcida	Acima de tudo, o Mundial albiceleste tomou forma como uma profissão de fé - nas ruas, nas arquibancadas	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-copa-do-mundo-tambem-e-uma-conquista-da-devocao-argentina-por-diego-por-messi-pela-razao-de-ser-torcida/	10
350	16/07	18/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	As melhores imagens de uma final inesquecível: Argentina 3 (4) x (2) 3 França	Fotos de alegria, tristeza e comemoração que ficam para a história	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/melhores-imagens-de-uma-final-inesquecivel-entre-argentina-e-franca/	11
351	14/08	19/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Entre tantos abraços dados por Messi, o encontro com a cozinheira da seleção em campo foi emocionante	Messi foi muito requisitado dentro de campo no Lusail e demonstrou um grande carinho pela cozinheira da seleção	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/entre-tantos-abracos-dados-por-messi-o-encontro-com-a-cozinheira-da-selecao-em-campo-foi-emocionante/	1
352	14/08	19/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Carrasco de oito anos atrás, Götze também torceu por Messi e recebeu o "perdão" de centenas de argentinos	Götze fez postagens em suas redes sociais sobre sua torcida pela Argentina, inclusive com o filhinho, e recebeu o carinho daqueles que antes o viam como carrasco	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/carrasco-de-oito-anos-atras-gotze-tambem-torceu-por-messi-e-recebeu-o-perdao-de-centenas-de-argentinos/	2
353	14/08	19/12	Argentina/Copa do Mundo	Felipe Lobo	Messi: "Esta taça é o sonho de criança de qualquer um. Tive a sorte de ter conseguido e agora é desfrutar com vocês"	Em uma história das mais lindas e mais emocionantes, Messi termina a sua participação em Copas com o título, que ele chamou de presente de Deus	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-esta-taca-e-o-sonho-de-crianca-de-qualquer-um-tive-a-sorte-de-ter-conseguido-e-agora-e-desfrutar-com-voces/	3
354	14/08	19/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Agüero não estará nos livros dessa Copa, mas foi um dos personagens mais legais da Argentina campeã	Agüero não parecia ter qualquer vaidade para festejar seus companheiros, em especial Messi, a quem carregou nos ombros por todo o gramado	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/aguero-nao-estara-nos-livros-dessa-copa-mas-foi-um-dos-personagens-mais-legais-da-argentina-campea/	4
355	14/08	19/12	Copa do Mundo/França	Bruno Bonsanti	A história mais mal contada da Copa tem um fim... esperado? Benzema diz que se aposenta da seleção	Em uma mensagem nas redes sociais, o atacante afirmou que sua história com a seleção chegou ao fim, após ser cortado da Copa do Mundo, aparentemente sem necessidade	Interpretativo/Opinativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/franca/a-historia-mais-mal-contada-da-copa-tem-um-fim-esperado-benzema-diz-que-se-aposenta-da-selecao/	5
356	14/08	19/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Todos os 172 gols da Copa do Mundo Catar 2022 em um único vídeo	O Mundial que terminou no último domingo foi o mais artilheiro da história, superando 1998 e 2014 - ambos com 171	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/todos-os-172-gols-da-copa-do-mundo-catar-2022-em-um-unico-video/	6
357	14/08	19/12	Copa do Mundo/Eurocopa/Inglaterra	Felipe Lobo	Gareth Southgate continuar como técnico da Inglaterra é boa notícia para os ingleses	Bom desempenho na Copa do Mundo de 2022 recuperou o prestígio do treinador, que chegou ao Catar pressionado por resultados ruins desde a final da Eurocopa	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/inglaterra/gareth-southgate-continuar-como- tecnico-da-inglaterra-e-boa-noticia-para-os-ingleses/	7
358	14/08	19/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Fifa resume Copa do Mundo 2022 com efeitos de videogame e BBC traz vídeo com momentos emocionantes	Os jogadores se tornaram personagens de videogame neste vídeo da Fifa, que ficou bem divertido	Interpretativo/Opinativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/fifa-resume-copa-do-mundo-2022-com-efeitos-de-videogame-e-bbc-traz-video-com-momentos-emocionantes/	8
359	14/08	19/12	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Scaloni acertou a última escalação de uma Copa do Mundo em que não teve medo de errar	O técnico da Argentina fez história novamente, selando com chave de ouro uma trajetória improvável desde que foi nomeado interinamente após a saída de Sampaoli	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-acertou-a-ultima-escalacao-de-uma-copa-do-mundo-em-que-nao-teve-medo-de-errar/	9
360	14/08	19/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Depois de serem campeões e comemorem, Dibu Martínez e Romero foram jogar FIFA às 6 da manhã	Afinal, todo mundo gosta de ligar o videogame depois de uma festa, não é mesmo?	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/depois-de-serem-campeoes-e-comemorem-dibu-martinez-e-romero-foram-jogar-fifa-as-6-da-manha/	10
361	14/08	19/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time	Enzo Fernández, Alexis Mac Allister e Julián Álvarez deram bem mais equilíbrio à Argentina, que também viu Cristian Romero e Nahuel Molina crescerem durante a competição	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-argentina-conquistou-o-mundial-tambem-pelos-jovens-decisi-vos-no-acerto-do-time/	11
362	14/08	19/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Os 15 jogos marcantes de uma Copa do Mundo que gerou muitas emoções	Lembra quando tinha 0 a 0 demais? Pois é. Isso mudou bastante a partir da terceira rodada	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/os-15-jogos-marcantes-de-uma-copa-do-mundo-que-gerou-muitas-emocoes/	12
363	14/08	20/12	Copa do Mundo	Felipe dos Santos Souza	A Copa do Mundo na televisão brasileira: 2022, os últimos capítulos antes do resto do livro	Em cobertura de visibilidade feminina maciça e do começo da volta da pluralidade, fim da trajetória de Galvão Bueno como narrador é marco notável	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-copa-do-mundo-na-televisao-brasileira-2022-os-ultimos-capitulos-antes-do-resto-do-livro/	1
364	14/08	20/12	Copa do Mundo	Leandro Iamin	Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente	Urge mais afeto e muito mais disposição, menos má vontade e amargor, com o futebol de seleções, e o abandono desse debate labiríntico que versa sobre a seleção "atrapalhar os clubes" ou "deslumbrar os jovens"	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/um-domingo-em-buenos-aires-e-a-importancia-do-futebol-de-selecoes-para-este-continente/	2

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK	M/D
365	14/08	20/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Uma coleção de fotos da calorosa recepção em plena madrugada à Argentina campeã, após seu desembarque em Ezeiza	Milhares e milhares de torcedores encheram os arredores do aeroporto e ofereceram, desde a chegada da seleção, uma amostra da loucura que toma o país	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-colecao-de-fotos-da-calorosa-recepcao-em-plena-madrugada-a-argentina-campea-apos-seu-desembarque-em-ezeiza/	3
366	14/08	20/12	Copa do Mundo/Inglaterra	Felipe Lobo	Jorginho sobre a final da Copa: "Foi incrível, a melhor que vi. Uma Copa do Mundo merece esse tipo de jogo"	Meio-campista italiano, de 31 anos, Jorginho comentou sobre como foi difícil assistir à Copa nos primeiros dias, com a Itália fora do torneio pela segunda vez consecutiva	Informativo	Repercussão	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/jorginho-sobre-a-final-da-copa-foi-incrivel-a-melhor-que-vi-uma-copa-do-mundo-merece-esse-tipo-de-jogo/	4
367	14/08	20/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Messi assinou uma carta de amor à Copa do Mundo para agradecer e exaltar a todos que participaram desta jornada	Sempre tive o sonho de ser campeão do mundo e não queria deixar de tentar, ainda sabendo que talvez isso nunca se daria	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-assinou-uma-carta-de-amor-a-copa-do-mundo-para-agradecer-e-exaltar-a-todos-que-participaram-desta-jornada/	5
368	14/08	20/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	As ruas de Rabat ficaram abarrotadas para uma inflamada recepção à seleção de Marrocos na volta para casa	Milhares de torcedores saíram às ruas de Rabat nesta terça-feira para festejar a volta da seleção marroquina após a campanha até as semifinais da Copa	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-ruas-de-rabat-ficaram-abarrotadas-para-uma-inflamada-recepcao-a-selecao-de-marrocos-na-volta-para-casa/	6
369	14/08	20/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Posição por posição, uma lista de jogadores que se destacaram individualmente na Copa	Aproveitamos o final da Copa do Mundo para fazer um balanço dos destaques individuais da competição	Interpretativo/ Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/posicao-por-posicao-uma-lista-de-jogadores-que-se-destacaram-individualmente-na-copa/	7
370	14/08	20/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Uma coleção de fotos da erupção de gente que invadiu as ruas de Buenos Aires na recepção à Argentina campeã	Cinco milhões de pessoas saíram às ruas de Buenos Aires e o ônibus da seleção sequer conseguiu completar o trajeto previsto	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-colecao-de-fotos-da-erupcao-de-gente-que-invadiu-as-ruas-de-buenos-aires-na-recepcao-a-argentina-campea/	8
370	(DE 416)	SEM OPEN BAR DE COMENTÁRIOS E PODCAST													

Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

Quadro 8 – Coleta dos dados: construção textual da trajetória da Argentina na Copa de 2022 pela Trivela

#	#ARG	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK
23	1	22/11	22/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Uma zebra daquelas: Arábia Saudita encurrala a Argentina e consegue vitória histórica	Os sauditas venceram pela segunda vez em Copas desde 1994 e encerraram sequência de 36 jogos de invencibilidade da Argentina	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-zebra-daquelas-arabia-saudita-encurrala-a-argentina-e-consegue-vitoria-historica/
24	2	22/11	22/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita	Diante de uma virada inesperada, Argentina não soube reagir, não teve ideias e ficou em choque diante de um adversário quase impecável na marcação	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/faltou-lideranca-variacao-e-reacao-para-uma-argentina-que-iniciou-bem-e-acabou-engolida-pela-marcacao-saudita/
26	3	22/11	22/11	Copa do Mundo/Argentina	Bruno Bonsanti	Scaloni: "Temos que levantar a cabeça e seguir em frente. Foi um dia triste"	O técnico da Argentina afirmou que esperava a postura agressiva da Arábia Saudita e admitiu que houve "aspectos que não foram bons" na derrota por 2 a 1 desta terça-feira	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-temos-que-levantar-a-cabeca-e-seguir-em-frente-foi-um-dia-triste/
82	4	25/11	25/11	Copa do Mundo/Argentina	Bruno Bonsanti	Scaloni sugere mudança de escalação, mas não de estilo: "Temos que virar a página e achar que vamos ganhar"	A Argentina deve ter pelo menos três mudanças para enfrentar o México neste sábado	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-sugere-mudanca-de-escalacao-mas-nao-de-estilo-temos-que-virar-a-pagina-e-achar-que-vamos-ganhar/
95	5	01/08	26/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Só ele salva: Messi tira Argentina do marasmo para arrancar vitória dramática sobre o México	Um golão de fora da área de Messi abriu caminho para a vitória em jogo horroroso entre Argentina e México, fundamental para a sobrevivência argentina na Copa do Mundo	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/so-ele-salva-messi-tira-argentina-do-marasmo-para-arrancar-vitoria-dramatica-sobre-o-mexico/
96	6	01/08	26/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Enzo Fernández aproveita cada chance em sua ascensão meteórica e essa atitude se nota em forma de golão na Copa do Mundo	Enzo Fernández foi um dos últimos nomes a se firmar na convocação da Argentina e pede passagem com seu golão	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/enzo-fernandez-aproveita-cada-chance-em-sua-ascensao-meteorica-e-essa-atitude-se-nota-em-forma-de-golao-na-copa-do-mundo/
97	7	01/08	26/11	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	A última dança caminhava para um fim trágico até que Messi fez o que Messi faz: decidiu	Um dia depois do aniversário de dois anos da morte de Diego Maradona, Messi deixou claro que ainda não está pronto para encerrar sua história na Copa do Mundo	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-ultima-danca-caminhava-para-um-fim-tragico-ate-que-messi-fez-o-que-messi-faz-decidiu/
102	8	02/08	27/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	As cenas mais insanas da comemoração pela vitória da Argentina vêm, é claro, de Bangladesh	-	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-cenas-mais-insanas-da-comemoracao-pela-vitoria-da-argentina-vem-e-e-claro-de-bangladesh/
124	9	04/08	28/11	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Di María: "Mande uma merda para ele, mas Messi sempre encontra soluções para tudo"	Di María deu a assistência para o gol de Messi que abriu tudo para a Argentina contra o México, mas não ficou satisfeito	Interpretativo/Opinativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/di-maria-mande-uma-merda-para-ele-mas-messi-sempre-encontra-solucoes-para-tudo/
160	10	06/08	30/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Muito mais leve, Argentina conseguiu fazer o seu jogo e venceu a Polônia sem problemas para avançar	Em três jogos de fase de grupos, a Argentina conseguiu ir do inferno ao céu e chega às oitavas de final com status de uma das favoritas restaurado	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/muito-mais-leve-argentina-conseguiu-fazer-o-seu-jogo-e-venceu-a-polonia-sem-problemas-para-avancar/
162	11	06/08	30/11	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Dupla do River, Fernández e Álvarez foram promovidos a titular e entraram na Argentina para ficar	As duas novidades de Scaloni para o jogo contra a Polônia ajudaram a resolver a classificação da campeã sul-americana	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dupla-do-river-fernandez-e-alvarez-foram-promovidos-a-titular-e-entraram-na-argentina-para-ficar/
163	12	06/08	30/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Alexis escreve o nome dos Mac Allister nas Copas depois de seu pai virar até figurinha, mas se ausentar em 1994	Carlos Mac Allister auxiliou na classificação para a Copa de 1994, mas não esteve nos EUA; 28 anos depois, seu filho mais novo escreve o nome da família nos Mundiais	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/alexis-escreve-nome-dos-mac-allister-nas-copas-depois-de-seu-pai-virar-ate-figurinha-mas-se-ausentar-em-1994/

#	#ARG	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK
207	13	08/08	03/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Austrália criou drama no final, mas Argentina conta com seu craque para vencer e avançar às quartas	Messi apareceu nos momentos mais importantes do jogo e a Argentina conseguiu uma vitória por 2 a 1, mas com drama e defesa do goleiro argentino até o último minuto	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/australia-criou-drama-no-final-mas-argentina-conta-com-seu-craque-para-vencer-e-avancar-as-quartas/
211	14	08/08	04/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Messi: "Agora meus filhos são conscientes do que é a Copa e me fazem aproveitar ainda mais"	Após a vitória sobre a Austrália, com atuação decisiva de Messi, o craque celebrou a presença da família e o fato dos seus filhos estarem maiores e entenderem e aproveitarem a Copa	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-agora-meus-filhos-sao-conscientes-do-que-e-a-copa-e-me-fazem-aproveitar-ainda-mais/
251	15	11/08	07/12	Copa do Mundo	Equipe Trivela	Cinco textos de arquivo para relembrar o jogo e o clima do Argentina x Holanda na semifinal de 2014	Aproveitamos o novo Argentina x Holanda em mata-matas para relembrar a cobertura do Mundial do Brasil em 2014	Informativo	Histórico	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/cinco-textos-arquivo-para-relembrar-o-jogo-e-o-clima-do-argentina-x-holand-na-semifinal-de-2014/
261	16	14/08	09/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Duas décadas depois, um novo olhar a uma partida lendária: Holanda 2x1 Argentina, quartas de final de 1998	Num jogo mágico pelo nível elevado de emoção e pelo desfecho sublime concedido por Bergkamp, relembramos com detalhes como foram aqueles 90 minutos no Vélodrome	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/duas-decadas-depois-um-novo-olhar-a-uma-partida-lendaria-holanda-2x1-argentina-quartas-de-final-de-1998/
268	17	14/08	09/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Em jogo dramático, Argentina sofre empate da Holanda, mas sobrevive nos pênaltis e vai à semifinal	Comandada por Messi, Argentina abriu 2 a 0, tomou o empate nos acréscimos e, nos pênaltis, garantiu o seu lugar na semifinal da Copa do Mundo	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/em-jogo-dramatico-argentina-sofre-empate-da-holanda-mas-sobrevive-nos-penaltis-e-vai-a-semifinal/
270	18	14/08	09/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Messi encamou Diego e disparou contra todos: Van Gaal, Weghorst, Mateu Lahoz, até a Fifa	Messi saiu de campo bastante incomodado e bateu boca com Weghorst bem no meio da entrevista	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-encamou-diego-e-disparou-contra-todos-van-gaal-weghorst-mateu-lahoz-ate-fifa/
288	19	14/08	11/12	Copa do Mundo	Equipe Trivela	Como contamos o Argentina x Croácia da Copa do Mundo de 2018 em quatro textos de arquivo	Foi o resultado que escancarou os problemas do time de Jorge Sampaoli e anunciou a Croácia como uma das forças do Mundial da Rússia	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/como-contamos-o-argentina-x-croacia-da-copa-do-mundo-de-2018-em-quatro-textos-de-arquivo/
290	20	14/08	12/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Maradona ensinou Suker, admirou Drazen Petrovic e deixou marcas numa Croácia recém-independente	Em junho de 1994, às vésperas da Copa, a presença de Maradona na Croácia dois anos depois da independência teve grande significado - ainda mais pela amizade com Davor Suker e pelo consolo à mãe do falecido Drazen Petrovic	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/maradona-ensinou-suker-admirou-drazen-petrovic-e-deixou-marcas-numa-croacia-recem-independente/
291	21	14/08	12/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Scaloni: "Messi sempre foi assim, não é mérito nosso"	Messi faz até aqui a sua melhor Copa do Mundo aos 35 anos e a Argentina, comandada por Scaloni, joga por uma vaga na final nesta terça-feira	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-messi-sempre-foi-assim-nao-e-merito-nosso/
297	22	14/08	13/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	As lembranças do Argentina 1x0 Croácia de 1998, duelo de grandes craques que teve o brilho de Gallardo	A Argentina venceu a Croácia, confirmou a liderança do grupo e encerrou um jejum de 68 anos sem terminar a primeira fase com 100% de aproveitamento	Interpretativo/Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/as-lembrancas-do-argentina-1x0-croacia-de-1998-duelo-de-grandes-nomes-que-teve-o-brilho-de-gallardo/
303	23	14/08	13/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	A última dança será na final: Messi conduz Argentina para eliminar a Croácia e garantir lugar na decisão	Com Messi gastando a bola, aos 35 anos, Argentina vai para a final da Copa do Mundo e tentará o título que não vem desde 1986, novamente confiando no gênio que veste a 10	Informativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-ultima-danca-sera-na-final-messi-conduz-argentina-para-eliminar-a-croacia-e-garantir-lugar-na-decisao/
304	24	14/08	13/12	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Sucesso de Álvarez é prêmio à inquietação de Scaloni que transformou a Argentina em camaleão	O técnico da Argentina teve a coragem de adaptar a sua escalação a cada adversário que enfrentou e colheu os frutos: está na final da Copa do Mundo	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/sucesso-de-alvarez-e-premio-a-inquietacao-de-scaloni-que-transformou-a-argentina-em-camaleao/

#	#ARG	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK
305	25	14/08	13/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	O Argentina x Croácia teve 21 jogadores em campo e um Messi em outra dimensão	Muitas vezes, era como se Messi estivesse em campo, mas nenhum outro estivesse no mesmo campo que ele: o tal Messi de outra dimensão, ainda acessível a olho nu, para que qualquer um pudesse apreciar	Interpretativo/ Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-argentina-x-croacia-teve-21-jogadores-em-campo-e-um-messi-em-outra-dimensao/
307	26	14/08	13/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Torcedores da Argentina foram às ruas extravasar o quão próximo ficaram do título da Copa do Mundo – em Bangladesh também, claro	A Argentina venceu a Croácia nesta terça-feira e se classificou para a final do próximo domingo, contra França ou Marrocos	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/torcedores-da-argentina-foram-as-ruas-extravasar-o-qaoo-proximo-ficaram-do-titulo-da-copa-do-mundo-em-bangladesh-tambem-claro/
309	27	14/08	14/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Messi: "A Argentina está de volta a uma final da Copa e temos que aproveitar"	Prestes a disputar a sua segunda final de Copa do Mundo, Messi falou sobre tudo que tem acontecido e ressalta espírito do grupo e desejo de ser novamente campeão do mundo	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-a-argentina-esta-de-volta-a-uma-final-da-copa-e-temos-que-aproveitar/
310	28	14/08	14/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Modric: "Espero que Messi ganhe a Copa do Mundo, ele é o melhor jogador da história e merece"	Capitão e craque da Croácia, Luka Modric criticou a arbitragem pelo pênalti do primeiro gol da Argentina, mas reconheceu a superioridade do adversário e elogiou Messi	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/modric-espero-que-messi-ganhe-a-copa-do-mundo-ele-e-o-melhor-jogador-da-historia-e-merece/
319	29	14/08	15/12	Copa do Mundo	Equipe Trivela	Quatro textos do arquivo da Trivela que recontam o trepidante França 4x3 Argentina de 2018	Aproveitamos a reedição da partida quatro anos depois para relembrar como foi a cobertura do embate em Kazan	Informativo	Histórico	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/quatro-textos-do-arquivo-da-trivela-que-recontam-o-trepidante-franca-4x3-argentina-de-2018/
320	30	14/08	15/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Antes da final da Copa, uma dica de livro: "O Jogo: Argentina x Inglaterra - 1986", da Dolores Editora	O livro de Andrés Burgo fala de Maradona, claro, mas também se debruça sobre os demais personagens que recontam aquela história	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/antes-da-final-da-copa-uma-dica-de-livro-o-jogo-argentina-x-inglaterra-%c2%b7-1986-da-dolores-editora/
323	31	14/08	15/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	O Argentina x França que incendiou a Serie A por três temporadas: Maradona no Napoli x Platini na Juventus	O grande momento de rivalidade entre Argentina e França no século passado teve dois esquadões de Napoli e Juventus liderados por suas lendas, Maradona e Platini	Interpretativo/ Opinativo	Histórico	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-argentina-x-franca-que-incendiou-a-serie-a-por-tres-temporadas-maradona-no-napoli-x-platini-na-juventus/
324	32	14/08	16/12	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Como foram as outras quatro vezes em que Messi tentou conquistar a Copa do Mundo	Garoto em 2006, treinado por Maradona em 2010, vice-campeão em 2014 e eliminado nas oitavas de final após se aposentar brevemente da seleção em 2016: a história de Messi na Copa do Mundo é cheia de altos e baixos	Interpretativo/ Opinativo	Histórico	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/como-foram-as-outras-quatro-vezes-em-que-messi-tentou-conquistar-a-copa-do-mundo/
328	33	14/08	16/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Shevchenko: "Messi é um dos melhores de todos os tempos, junto a Maradona e Pelé. Merece uma Copa do Mundo"	Ex-atacante, Shevchenko comentou sobre a trajetória de Messi e que o considera um dos melhores da história, mas ressaltou também o quanto Mbappé está se tomando a nova estrela	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/shevchenko-messi-e-um-dos-melhores-de-todos-os-tempos-junto-a-maradona-e-pele-merece-uma-copa-do-mundo/
329	34	14/08	16/12	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina	Durante muito tempo, Scaloni parecia estar apenas esquentando o banco à espera de um nome mais forte, mas, com humildade e pés no chão, conseguiu entregar à Argentina o que técnicos mais badalados não haviam feito: condições mínimas para Messi e companhia brilharem	Interpretativo/ Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-o-interino-que-foi-ficando-foi-ficando-e-agora-pode-ficar-de-vez-na-historia-da-argentina/

#	#ARG	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK
330	35	14/08	17/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Lionel Scaloni: "Temos que desfrutar destes momentos porque é uma partida para a história"	Técnico da Argentina, Lionel Scaloni se mostrou emocionado, celebrou o fato de chegarem à final e falou sobre o grupo que se formou na albiceleste	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/lionel-scaloni-temos-que-desfrutar-desses-momentos-porque-e-uma-partida-para-a-historia/
332	36	14/08	17/12	Copa do Mundo	Equipe Trivela	Dica antes da final: O excelente especial sobre as histórias de Argentina x França do Futebol Portenho	Das partidas do passado aos jogadores que interligam as duas seleções e ligas, o Futebol Portenho preparou um material bem completo	Interpretativo/Opinativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dica-antes-da-final-o-excelente-especial-sobre-as-historias-de-argentina-x-franca-do-futebol-portenho/
341	37	15/07	18/12	Copa do Mundo	Equipe Trivela	O esquentado da final: nossos textos especiais sobre o grande França e Argentina deste domingo	Para preparar os nossos leitores, como sempre, produzimos alguns textos especiais de prévias para você chegar afiado para este grande jogo no Catar	Informativo	Histórico	Quatro linhas	N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/o-esquentado-da-final-nossos-textos-especiais-sobre-o-grande-franca-e-argentina-deste-domingo/
343	38	15/07	18/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	A Copa se curva à lenda Messi: nos pênaltis, dramático, contra uma França que não se entregou, a Argentina é campeã do mundo	A melhor final de todos os tempos: empate por 3 a 3 depois da prorrogação, com dois gols de Messi e três gols de Mbappé, a Argentina enfim conquista o seu merecido título mundial pela terceira vez	Interpretativo/Opinativo	Relato de jogo	Quatro linhas	S	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-copa-se-curva-a-lenda-messi-nos-penaltis-dramatico-contra-uma-franca-que-nao-se-entregou-a-argentina-e-campea-do-mundo/
344	39	15/07	18/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Enquanto o destino estava em seus pés, Di María fez a Argentina se sentir campeã – e ele mereceu demais que terminasse assim	Homem de partidas grandes, Di María foi gigante nesta final imensurável e, enquanto esteve em campo, tornou a Argentina muito maior	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/enquanto-destino-estava-em-seus-pes-di-maria-fez-a-argentina-se-sentir-campea-e-ele-mereceu-demais-que-terminasse-assim/
346	40	15/07	18/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Uma trajetória dramática atinge a apoteose: Messi é campeão da Copa do Mundo	Parecia que a Copa nunca deixaria de ser cruel com Messi, mas, no fim, substituiu o olhar obsessivo do Maracanã pelo carinho de um beijo como a sua imagem definitiva com craque	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-trajetoria-dramatica-atinge-a-apoteose-messi-e-campeao-da-copa-do-mundo/
347	41	16/07	18/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Dibu Martínez foi o tapa penales, o devorador de mentes e o porteiro do céu albiceleste negado à França com seu milagre	Emiliano Martínez não se limitou ao folclore do "tapa penales" de outras Copas da Argentina, mas se mostrou como um goleiro extremamente técnico e decisivo nos momentos de maior provação - o que Kolo Muani percebeu	Interpretativo/Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/dibu-martinez-foi-o-tapa-penales-o-devorador-de-mentes-e-o-porteiro-do-ceu-albiceleste-negado-a-franca-com-seu-milagre/
348	42	16/07	18/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Com ou sem emoção? A Argentina fez uma campanha em que sempre optou pela via mais dramática	A Copa do Mundo da Argentina foi teste para cardíaco, como diria o agora aposentado Galvão Bueno	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-ou-sem-emocao-a-argentina-fez-uma-campanha-em-que-sempre-optou-pela-via-mais-dramatica/
349	43	16/07	18/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Copa do Mundo também é uma conquista da devoção argentina: por Diego, por Messi, pela razão de ser torcida	Acima de tudo, o Mundial albiceleste tomou forma como uma profissão de fé - nas ruas, nas arquibancadas	Interpretativo/Opinativo	Crônica	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-copa-do-mundo-tambem-e-uma-conquista-da-devocao-argentina-por-diego-por-messi-pela-razao-de-ser-torcida/
350	44	16/07	18/12	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	As melhores imagens de uma final inesquecível: Argentina 3 (4) x (2) 3 França	Fotos de alegria, tristeza e comemoração que ficam para a história	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/melhores-imagens-de-uma-final-inesquecivel-entre-argentina-e-franca/
351	45	14/08	19/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Entre tantos abraços dados por Messi, o encontro com a cozinheira da seleção em campo foi emocionante	Messi foi muito requisitado dentro de campo no Lusail e demonstrou um grande carinho pela cozinheira da seleção	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/entre-tantos-abracos-dados-por-messi-o-encontro-com-a-cozinheira-da-selecao-em-campo-foi-emocionante/
352	46	14/08	19/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Carrasco de oito anos atrás, Götze também torceu por Messi e recebeu o "perdão" de centenas de argentinos	Götze fez postagens em suas redes sociais sobre sua torcida pela Argentina, inclusive com o filhinho, e recebeu o carinho daqueles que antes o viam como carrasco	Informativo	Repercussão	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/carrasco-de-oito-anos-atras-gotze-tambem-torceu-por-messi-e-recebeu-o-perdao-de-centenas-de-argentinos/

#	#ARG	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA	GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA	FICHA	HIPERLINK	INCORPORADO	FOTO	LINK
353	47	14/08	19/12	Argentina/Copa do Mundo	Felipe Lobo	Messi: "Esta taça é o sonho de criança de qualquer um. Tive a sorte de ter conseguido e agora é desfrutar com vocês"	Em uma história das mais lindas e mais emocionantes, Messi termina a sua participação em Copas com o título, que ele chamou de presente de Deus	Interpretativo/ Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-esta-taca-e-o-sonho-de-crianca-de-qualquer-um-tive-a-sorte-de-ter-conseguido-e-agora-e-desfrutar-com-voce/
354	48	14/08	19/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Agüero não estará nos livros dessa Copa, mas foi um dos personagens mais legais da Argentina campeã	Agüero não parecia ter qualquer vaidade para festejar seus companheiros, em especial Messi, a quem carregou nos ombros por todo o gramado	Interpretativo/ Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/aquero-nao-estara-nos-livros-dessa-copa-mas-foi-um-dos-personagens-mais-legais-da-argentina-campea/
359	49	14/08	19/12	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Scaloni acertou a última escalação de uma Copa do Mundo em que não teve medo de errar	O técnico da Argentina fez história novamente, selando com chave de ouro uma trajetória improvável desde que foi nomeado interinamente após a saída de Sampaoli	Interpretativo/ Opinativo	Personagem	Escalação	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-acertou-a-ultima-escalacao-de-uma-copa-do-mundo-em-que-nao-teve-medo-de-errar/
360	50	14/08	19/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Depois de serem campeões e comemorem, Dibu Martínez e Romero foram jogar FIFA às 6 da manhã	Afinal, todo mundo gosta de ligar o videogame depois de uma festa, não é mesmo?	Informativo	Notícia	Visão de jogo	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/depois-de-serem-campeoes-e-comemorem-dibu-martinez-e-romero-foram-jogar-fifa-as-6-da-manha/
361	51	14/08	19/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time	Enzo Fernández, Alexis Mac Allister e Julián Álvarez deram bem mais equilíbrio à Argentina, que também viu Cristian Romero e Nahuel Molina crescerem durante a competição	Interpretativo/ Opinativo	Crônica	Escalação	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-argentina-conquistou-o-mundial-tambem-pelos-ovens-decisivos-no-acerto-do-time/
364	52	14/08	20/12	Copa do Mundo	Leandro Iamin	Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente	Urge mais afeto e muito mais disposição, menos má vontade e amargor, com o futebol de seleções, e o abandono desse debate labiríntico que versa sobre a seleção "atrapalhar os clubes" ou "deslumbrar os jovens"	Interpretativo/ Opinativo	Crônica	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/um-domingo-em-buenos-aires-e-a-importancia-do-futebol-de-selecoes-para-este-continente/
365	53	14/08	20/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Uma coleção de fotos da calorosa recepção em plena madrugada à Argentina campeã, após seu desembarque em Ezeiza	Milhares e milhares de torcedores encheram os arredores do aeroporto e ofereceram, desde a chegada da seleção, uma amostra da loucura que toma o país	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-colecao-de-fotos-da-calorosa-recepcao-em-plena-madrugada-a-argentina-campea-apos-seu-desembarque-em-ezeiza/
367	54	14/08	20/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Messi assinou uma carta de amor à Copa do Mundo para agradecer e exaltar a todos que participaram desta jornada	Sempre tive o sonho de ser campeão do mundo e não queria deixar de tentar, ainda sabendo que talvez isso nunca se daria	Informativo	Notícia	Quatro linhas	N	N	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/messi-assinou-uma-carta-de-amor-a-copa-do-mundo-para-agradecer-e-exaltar-a-todos-que-participaram-desta-jornada/
370	55	14/08	20/12	Copa do Mundo	Leandro Stein	Uma coleção de fotos da erupção de gente que invadiu as ruas de Buenos Aires na recepção à Argentina campeã	Cinco milhões de pessoas saíram às ruas de Buenos Aires e o ônibus da seleção sequer conseguiu completar o trajeto previsto	Informativo	Repercussão	Visão de jogo	N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/uma-colecao-de-fotos-da-erupcao-de-gente-que-invadiu-as-ruas-de-buenos-aires-na-recepcao-a-argentina-campea/
		55 DE 370	SÓ SOBRE A ARGENTINA												

Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

IDENTIFICAÇÃO					EXPRESSIONÃO							ESTÓRIA				METANARRATIVA				
#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	RESUMO-SÍNTESE	EPISÓDIO	MICROEVENTOS	NOMEAÇÃO DO EPISÓDIO	ENREDO-INTRIGA	CONFLITO/VIRADA	CENÁRIO	PERSONAGENS	CONTEÚDO UN. NUCLEARES	RECURSOS FÁTICOS	RECURSOS FICTÍCIOS	HEROÍSMO/VILANIA	SUPERANÇA/DECEPÇÃO	EXPECTATIVA/FRUSTRAÇÃO	
14	36/08	04/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Messi: 'Alguns meus filhos são conscientes do que é a Copa e me fazem aproveitar ainda mais'	Em tom mais pacífico e de repercussão, já no título, a matéria explora as declarações de Messi, em tom familiar, entendendo que os filhos não conscientes do que é a Copa e me fazem aproveitar ainda mais". Vale ressaltar: o texto se baseia em uma entrevista de Messi à TyC. No texto Trivelista, Felipe Lobo destaca as falas do jogador, mas antes, no começo do texto, lembra: "Lionel Messi faz a sua última Copa do Mundo e isso por já é uma grande façanha", no entanto, há espaço para que ele pense não mais como jogador, mas como pai. A proposta é justamente dar condições às declarações do camisa 10. Então, ao mesmo tempo em que oferecem informações básicas - mesmo nomes e datas dos filhos do craque. Em tom intimista, mas curto e direto, o texto destaca a participação das famílias de jogadores nas concentrações da seleção e, também sobre "o significativo número de 1000 jogos na carreira, completado contra a Austrália".	Quartas	A última Copa de Messi: a atuação contra a Austrália nas oitavas; presença e reação dos filhos no mundial; valorização das declarações do jogador	O texto é informativo, direto, e não há tanto espaço para interpretações além da repercussão das falas do jogador, em tom mais tranquilo, após a vitória argentina	Talvez, a intriga do enredo esteja no fato de que, depois de tantas Copas, Messi tem os filhos com mais entendimento do significado do mundial. O texto se encadeia a partir daí: as falas e o sentimento do atacante com essa condição; resalte-se, inexistente nas Copas que disputou anteriormente	Heroísmo/vilania; superação/decepção; expectativa	Dentro/fora de campo	Protagonista/coadjuvante	Messi e sua família, em especial os filhos, são os protagonistas	Ordem da narração e traços de composição do texto	Dícticos situando espaço e lugar, dados utilizados	Diante da repercussão de uma entrevista, vinda de outro veículo e republicada, o que pode ter havido como recurso interpretativo, de linguagem, foi a adaptação do conteúdo pelo autor	Heroísmo	Superação	Expectativa
15	11/08	07/12	Copa do Mundo	Equipe Trivela	Cinco textos de arquivo para lembrar o jogo e o clima de Argentina x Holanda na semifinal de 2014	O texto tem assinatura da equipe da Trivela, não mais de um dos autores apenas. Tem propósito informativo, de caráter histórico, relembrando textos da própria redação sobre o confronto entre sul-americanos e europeus duas Copas atrás, no Brasil. É uma forma de estabelecer memória e criar ganchos para a partida seguinte, com o propósito de despertar no leitor acontecimentos que, por uma série de motivos, podem estar distantes, sobretudo por conta do tempo. Oito anos depois, resalta a matéria, "com expectativas de uma partida melhor do que a vista em São Paulo em 2014", quando houve um "embate mais tenso do que fluido, em que só os pênaltis resolveram a classificação da Albiceleste". O destaque também vai para alguns nomes que se mantêm os mesmos apesar da distância no calendário: "permanece como memória viva de tantos personagens em comum de 2022 - de Lionel Messi a Louis van Gaal". A proposta é informativa e brevíssima, e procura "resgatar" a partida que está por acontecer, citando expectativas a partir de acontecimentos ocorridos em uma Copa anterior.	Quartas	Introdução; apresentação dos textos; breve descrição	O texto é informativo e apenas dá um breve resumo de cada texto, indicando cinco produções da Trivela na Copa de 2014, antes da partida decisiva entre Argentina e Holanda. É uma espécie de "resenha"	A intriga do enredo não está necessariamente no texto, mas na conexão que ele estabelece entre dois momentos temporais diferentes. O que ocorreu no passado e o que pode ocorrer no futuro próximo; a sequência do texto faz autorreferência para despertar a memória do leitor e reavivar acontecimentos de um torneio marcante para os brasileiros, uma Copa do Mundo em casa	O mesmo pode se dizer do conflito da matéria, que se dá no ambiente passado-futuro. O que aconteceu e pode acontecer agora? Para o leitor, é proposta a dúvida: foi se repetiu? Será diferente? Quais mensagens serão desperdiçadas? A chance de virada da narrativa aparece breves questionamentos.	Dentro de campo	Argentina e Holanda, como seleções, são colocadas como personagens do embate, protagonistas	O texto é informativo e apenas dá um breve resumo de cada texto, indicando cinco produções da Trivela na Copa de 2014, antes da partida decisiva entre Argentina e Holanda. É uma espécie de "resenha"	O texto é construído basicamente por recursos fáticos por remeter-se a textos já publicados pela Trivela na Copa de 2014. Dá um panorama do ocorrido, condições, local de realização do jogo e usa dois hipotéticos para levar aos materiais. A exceção, na abertura, é a menção à repetição do duelo depois de oito anos e a expectativa	Na abertura do texto, a menção a esse tipo de recurso ocorre quando se menciona que "foi um embate mais tenso do que fluido, em que só os pênaltis resolveram a classificação da Albiceleste"	Heroísmo/vilania	Superação/decepção	Expectativa	

IDENTIFICAÇÃO				EXPRESSÃO	ESTÓRIA	METANARRATIVA														
#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	RESUMO-SÍNTESE	ESTÓRIA	EPISÓDIO	MICROEVENTOS	NOMEAÇÃO DO EPISÓDIO	ENREDO-NTRIGIA	CONFLITO/VIVRADA	CENÁRIO	PERSONAGENS	CONTEÚDO UN. NUCLEARES	RECURSOS FÁTICOS	RECURSOS FICTÍCIOS	HEROÍSMO/VIVADA	SUPERAÇÃO/DECEPÇÃO	EXPECTATIVA/FRUSTRAÇÃO
21	1408	1212	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Scaloni: 'Messi sempre foi assim, não é merito nosso'	<p>O texto é parte dos eventos prévios a uma das semifinais da Copa do Mundo, disputada entre Argentina e Croácia. Como climos anteriormente, a agenda esportiva é preenchida, em muitos momentos, por acontecimentos já previstos, entre os quais as entrevistas coletivas, seja com jogadores ou, como neste caso, com o técnico argentino Lionel Scaloni. Já no título, a ideia principal da matéria é exposta a partir do uso judicioso de aspas para referenciar e dar o contexto da fala do técnico. Além do destaque pela disputa, Felipe Lobo inicia a construção da imagem do camisa 10 Argentino quando aponta que "Messi foi até aqui a sua melhor" Copa do Mundo aos 35 anos", dando ênfase de que esse desempenho só veio em uma idade um tanto baixa para jogadores de tal nível de performance entre seleções.</p> <p>Detalhes é mais direto, por conta de apostar na repercussão da fala. Por isso, logo de saída, dá as tradicionais referências factuais sobre a entrevista, como data, adversário e local, interpretando que "não há como não falar sobre Lionel Messi". Já no primeiro parágrafo sobre a identificação do autor, ainda que breve, ocorre mesmo em um conteúdo predominantemente mais informativo e factual: "O camisa 10 faz uma boa Copa do Mundo, condições de trabalho excelentes, fazendo gol, dando assistências e deve ser assim novamente quando o time entrar em campo contra os croatas, que eliminaram o Brasil". Depois, retorna ao habitual, usando os detalhes como suporte, e dá espaço às justificativas de Scaloni para o tempo de time no embate decisivo: "O técnico Lionel Scaloni elogiou a postura coletiva da equipe croata e confirmou que Rodrigo de Paul e Ángel Di María estarão disponíveis para o jogo desta terça.</p> <p>A sequência do texto expõe declarações de Scaloni sobre a dificuldade do jogo que está por vir e sobre as críticas ao comportamento da equipe contra os holandeses. Assim como o destaque à postura de Messi diante do Brasil na conquista da Copa América de 2019, que motiva inclusive o título do texto. Para resumo os tópicos tratados pelo autor, Felipe Lobo coloca pequenas referências: fala da disponibilidade de De Paul e Di María para a partida, do esquema tático, do aspecto técnico, da última Copa de Messi e de Modric. A construção é simples e logo usa das aspas do treinador como elemento principal.</p>	<p>Anúncio do jogo da semifinal, com destaque à coletiva de Scaloni.</p> <p>Expectativa para o jogo e observação sobre a partida contra a Holanda; De Paul e Di María disponíveis; mudanças no esquema tático; formas de lidar com o aspecto técnico; a última Copa de Messi e a saída de Modric entre os adversários</p>	<p>Função na construção de significações</p> <p>Sequências e encadeamento</p> <p>Heróis/vilões; superação/decepção; expectativa/ilustração</p>	<p>O enredo-ntrigia não se anuncia de maneira potente e clara, justamente por conta de se tratar de um texto de repercussão, em formato de coletiva. Talvez a grande motivação seja o jogo que está por vir e a expectativa que se constrói sobre ele - também de onde derivam todas as outras declarações de Scaloni. Há, no entanto, vários pontos sensíveis a partir de que são dispostos pelo autor em forma de referência, de forma sequencial. As conformações de trocas do sistema tático e dos jogadores, a disposição dos atletas para o embate decisivo, um grande adversário como Modric e a motivação pela última Copa de Messi</p>	<p>dentro do campo</p>	<p>Protagonista/coadjuvante</p>	<p>Lionel Scaloni é o protagonista por se tratar de uma coletiva. Mas acaba sendo um veículo para tratar do desempenho de seus comandados, tendo nas figuras de De Paul, Di María, Modric e, especialmente, Messi, outros personagens importantes para a construção da notícia</p>	<p>Ordem da narração e traços de composição do texto</p>	<p>Detalhes situando espaço e lugar, dados utilizados</p>	<p>Figuras de linguagem: anáfora, prolepsis, dêixis</p>	<p>Heróiismo</p>	<p>Superação</p>	<p>Expectativa</p>		
22	1408	1312	Copa do Mundo	Leandro Stein	As lembranças da Argentina '10 Croácia de 1998, duelo de grandes craques que vive à beira da Galatéia	<p>Em mais um dos textos de histórico da Trivella, Leandro Stein é o autor do texto que desdobra o embate argentino e croata na Copa de 1998, como uma preparação para a semifinal da Copa do Catar. Na linha fina, chama a atenção, além dos recursos fáticos de posicionamento do acontecimento a partir de dados, o tempo sem uma fase de grupos perfeita da equipe sul-americana: "A Argentina venceu a Croácia, confirmou a liderança do grupo e encadou um jejum de 68 anos sem terminar a primeira fase com 100% de aproveitamento".</p> <p>Como o formato permite uma proposta narrativa mais maleável, Stein inicia o texto com um recurso, uma figura de linguagem - recorre ao tempo e a contraposição verbo/frecoz referindo-se à estadia e à memória: "Já são mais de duas décadas desde que a Copa do Mundo de 1998 aconteceu, mas aquele verão na França permanece fresco nas lembranças". Depois, o destaque vai para os elementos que tornam aquela partida em especial como um evento relevante, usando ainda a referência recente ao parágrafo: "foi uma edição do Mundial que ofereceu uma coleção de jogadas, craques e lances excelentes. Dois deles se entretêm em Bordeaux, pela terceira rodada do Grupo H, e voltarão a se encarnar no Catar, numa semifinal do torneio".</p> <p>Além do resultado, o autor opta por destacar a "mística do redor da partida pela qualidade das equipes". O mencionado grandes nomes que compunham os elencos, mas uma vez, dava dimensão da relevância histórica do jogo - sobretudo pela aparição de um jovem atleta, com uma situação classificada como "impassável": o camisa 10 Marcelo Gallardo, hoje treinador. Mais uma vez, é notória a estratégia de compor o relato por meio de parágrafos-tópico. No seguinte, o autor dá um panorama da fase de grupos das duas seleções, com desempenhos diferentes - a Croácia em sua estreia e a Argentina já ostentando um bicampeonato.</p> <p>O trabalho de Passarella, apesar de questionado, era sustentado pelos bons resultados. Por isso, o autor escolhe direcionar um "olhar especial" ao treinador albiceleste da época. Faz, para isso, uma curta digressão sobre a personalidade, mencionando aspectos factuais - fato de portar a faixa - e interpretativos - a partir do comportamento do capitão dos campeões de 1978, que costuma "ser reintegrado como um técnico linha dura e intransigente. Ficou famoso a decisão de não convocar os cabeleiros" da Argentina, que fez Balbino atuar nas manchetes e Fernando Redondo acabar de fora - mesmo depois de cortar os cabelos em 1998". A redução segue, de forma contextual, atravessando a simples dimensão proposta para trazer também aspectos pessoais do comandante: "Anda assim, o treinador linha sua própria história de superação a caminho da França. Na época das Eliminatórias, o ex-jogador precisou lidar com a morte de um filho. Sobreviviu, tinha apenas 18 anos e faleceu num acidente de carro, ocorrido em 1995 - completando a informação depois, com mais declarações do treinador sobre o acontecimento.</p> <p>Depois da contextualização, Stein oferece um panorama sobre o quadro da seleção argentina, que não estava entre as favoritas do mundial, mas dava respostas dentro de campo: "Era uma equipe de futebol mais direta e incisiva; que contava com um meio-campo recheado e bonafides na frente". Usa essa avaliação, mas ressalta que, apesar disso, "o principal teste ocorreu contra a Croácia", ainda que uma vantagem, tratada como tendo capacidades coletivas e talentos individuais. Ao seguir a análise, o autor joga com a perspectiva, propondo, em prolepsis, que os croatas tinham vários nomes como velhos conhecidos das grandes ligas da Europa: "A seleção podia ser uma novidade, mas não necessariamente uma surpresa, pela tarimba do elenco. Não seria uma improvável se os croatas ganhassem dos argentinos e fossem a liderança do Grupo H", sentenciou.</p> <p>Todos estes elementos são como uma preparação proposta pelo autor para começar as falas sobre a partida. Anunciando as escaladas, de uma equipe para cada parágrafo, o autor discute sobre as escolhas táticas de treinadores, entre nomes e papéis e ocupadas. A proposta central do autor é construída por uma ordem cronológica dos acontecimentos da partida. Como em um crescendo, os parágrafos são de uma descrição detalhada. Ao interpretar, contextualizando o comportamento das equipes, o autor destaca para Passarella - com uma abordagem mais pessoal. Modificações táticas e nas escaladas para a partida. Começo de pressão dos croatas; retomada argentina; jogo perde ritmo na primeira etapa. Gol de Ortega e chances desperdiçadas pela albiceleste; partida com tempos individuais, mas poucas chances de alteração do contexto geral. Trocas, tentativa de reciclo croata; reação da torcida. Análise do jogo por Passarella, passagem pelos grupos sem sofrer gols pela Argentina, destaque lógico e avançar pelas campanhas posteriores das duas seleções envolvidas.</p> <p>Duas décadas desde a Copa de 1998, lembranças de Argentina e Croácia, que vai se repetir em 2022, com craques e, mesmo sem impacto nas tabelas, linha por jogadores. Histórico das seleções em Copas e destaque para Passarella - com uma abordagem mais pessoal. Modificações táticas e nas escaladas para a partida. Começo de pressão dos croatas; retomada argentina; jogo perde ritmo na primeira etapa. Gol de Ortega e chances desperdiçadas pela albiceleste; partida com tempos individuais, mas poucas chances de alteração do contexto geral. Trocas, tentativa de reciclo croata; reação da torcida. Análise do jogo por Passarella, passagem pelos grupos sem sofrer gols pela Argentina, destaque lógico e avançar pelas campanhas posteriores das duas seleções envolvidas.</p>	<p>Duas décadas desde a Copa de 1998, lembranças de Argentina e Croácia, que vai se repetir em 2022, com craques e, mesmo sem impacto nas tabelas, linha por jogadores. Histórico das seleções em Copas e destaque para Passarella - com uma abordagem mais pessoal. Modificações táticas e nas escaladas para a partida. Começo de pressão dos croatas; retomada argentina; jogo perde ritmo na primeira etapa. Gol de Ortega e chances desperdiçadas pela albiceleste; partida com tempos individuais, mas poucas chances de alteração do contexto geral. Trocas, tentativa de reciclo croata; reação da torcida. Análise do jogo por Passarella, passagem pelos grupos sem sofrer gols pela Argentina, destaque lógico e avançar pelas campanhas posteriores das duas seleções envolvidas.</p>	<p>O enredo-ntrigia é retomado textualmente que reaviva a partida que está por vir. Ele é a motivação do "testemunho" do jogo passado. Como dissemos, o encadeamento é proposto de determinada forma: introdução, contextualização da partida, mudanças de escalação, descrição de lances, relato do técnico sobre as condições atléticas e, finalmente, uma projeção das campanhas das duas seleções naquele mundial. O encadeamento é como nos filmes históricos da Trivella, até certo ponto linear - mais que em outros casos. Inclusive, neste matéria, isso se dá por conta de não se voltar essencialmente a um acontecimento fora das apontado, nas duas seleções envolvidas.</p>	<p>De forma geral, o autor dá a entender que Marcelo Gallardo, jovem jogador, é o principal destaque - com alusão interessante mesmo não sendo o autor do texto que decidiu a partida. Apesar disso, é possível entender o técnico Passarella, assim como o autor do gol, Ortega, como protagonistas, além das seleções de forma geral. Os coadjuvantes são os demais jogadores da jornada, que se articulam como agentes do jogo</p>	<p>Dentro do campo</p>	<p>De forma geral, o autor dá a entender que Marcelo Gallardo, jovem jogador, é o principal destaque - com alusão interessante mesmo não sendo o autor do texto que decidiu a partida. Apesar disso, é possível entender o técnico Passarella, assim como o autor do gol, Ortega, como protagonistas, além das seleções de forma geral. Os coadjuvantes são os demais jogadores da jornada, que se articulam como agentes do jogo</p>	<p>Duas décadas desde a Copa de 1998, lembranças de Argentina e Croácia, que vai se repetir em 2022, com craques e, mesmo sem impacto nas tabelas, linha por jogadores. Histórico das seleções em Copas e destaque para Passarella - com uma abordagem mais pessoal. Modificações táticas e nas escaladas para a partida. Começo de pressão dos croatas; retomada argentina; jogo perde ritmo na primeira etapa. Gol de Ortega e chances desperdiçadas pela albiceleste; partida com tempos individuais, mas poucas chances de alteração do contexto geral. Trocas, tentativa de reciclo croata; reação da torcida. Análise do jogo por Passarella, passagem pelos grupos sem sofrer gols pela Argentina, destaque lógico e avançar pelas campanhas posteriores das duas seleções envolvidas.</p>	<p>O autor aponta-se, especialmente, nos recursos sobre campanhas passadas, sobre como foi o andamento da participação das seleções no mundial de 1998, tudo como um gancho para 2022. Destaca o jejum dos argentinos sem passar invictos pela fase de grupos depois de um tempo considerável. Além disso, se utiliza da descrição dos lances como um recurso fático relevante</p>	<p>Heróiismo</p>	<p>Superação</p>	<p>Expectativa</p>				

IDENTIFICAÇÃO				EXPRESSIONO										ESTÓRIA				METANARRATIVA				
#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	RESUMO-SÍNTESE	EPISÓDIO	MICROEVENTOS	NOMEAÇÃO DO EPISÓDIO	ENREDO-NTRIGA	CONFLITO/VRADA	CENÁRIO	PERSONAGENS	CONTEÚDO UN. NUCLEARES	RECURSOS FÁTICOS	RECURSOS FICTÍCIOS	HEROÍSMO/VILANIA	SUPERAÇÃO/DECEPÇÃO	EXPECTATIVA/FRUSTRAÇÃO			
						Como de hábito, Felipe Lobo é responsável por boa parte dos relatos de jogo. Este é mais um caso. Já no título o autor aponta para toda a construção narrativa empreendida ao longo da cobertura da Copa do Mundo pela Trivela – e por que não, por boa parte da imprensa respectiva para este evento – a última chance de um craque generacional como Lionel Messi e quem o levou à Copa do Mundo. O autor opta pelo termo "última dança", apontando que o camisa 10 "conduz" a Argentina à final após bater a Croácia, e colocando-o, como durante a cobertura bola, em uma posição de protagonista – devido, diga-se, algo que é reforçado pela linha final, quando se escreve que o principal nome da equipe de Scaloni está "gestando" uma bola, aos 35 anos, levando um título que "há vem desde 1986, novamente contando no gênero que neste a 10", numa clara aproximação com a idolatria construída por Diego Maradona.																
23	4/08	13/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Última dança será na final. Messi conduz Argentina para eliminar a Croácia e garantir lugar na decisão	<p>A idade e a posição explícita do tom de última aparição de Messi em mundiais é assumida logo no parágrafo de saída: "A última Copa do Mundo de Lionel Messi é o mote da participação da Argentina nesta Copa, e o craque resolveu fazer a sua melhor participação em Mundiais aos 35 anos". Ao usar recursos fáticos para colocar a Croácia como "alga de Brasil", a situação de Messi é acompanhada de uma espécie de menção honorosa a Julián Álvarez, que marcou duas vezes. "Ele, que começou no banco, tornou-se um titular importante no processo de mudanças que o técnico Lionel Scaloni fez e que transformou aquela Argentina que foi derrotada no estádio de Arabia Saudita em uma das favoritas e finalista no Catar". A opção é por propor um passar pela competição e criar o contraste entre a derrota e a final próxima.</p> <p>Ademais, a estrutura de relatos de jogo se repete. O autor apresenta retanças para tratar de escalões e também divide os tempos desta mancha, descrevendo os lances. No primeiro deles, já na finalização, o autor condena os acontecimentos de maneira enfática e adjectivada: "habituéste mental faz cruzar pagarem por erros". A descrição é, de hábito, cronológica: antes de detalhar lances importantes, no entanto, havia espaço ao entendimento do repórter, avaliando a posição de cada equipe em campo: "A Croácia, quando tinha a bola, não tinha qualquer pressão. Tocava a bola sem muito problema e sem apontar também. A Argentina buscava encontrar os espaços quando tinha a posse e errou algumas vezes no abajuro, porque atirava com um pouco mais".</p> <p>No elenco lances importantes até a chegada do gol, nota-se uma postura mais objetiva do autor, como no exemplo do pênalti que abriu o placar do confronto: "Lionel Messi pegou a bola e cobrou com força indefensável para o goleiro Livakovic. Argentina 1 a 0 no estádio Lusail". São usados os chamados delícos, para conferir ao leitor o entendimento do local e do contexto em que os acontecimentos se desenvolvem. O autor oferece também números para dar a dimensão do feito, apontando também a referência temporal, já que "aos 33 minutos, a Argentina abriu o placar". A referência se dá a partir da descrição: "Foi o 11º gol de Messi na história das Copas, ultrapassando Gabriel Batistuta para se tornar o artilheiro com mais gols em Mundiais. Foi o quinto gol de Messi na Copa, se igualando a Kylian Mbappé como artilheiro".</p> <p>Em certos momentos, o autor faz paralelos entre a atuação oneta diante dos argentinos e aquela contra o Brasil, na eliminação da fase anterior: "Ao contrário do que foi o jogo com o Brasil, a Croácia foi para a intervalo com uma vantagem significativa. Um panorama que não complementaria a sua apresentação e a proposta de impedir o jogo por meio do controle do meio de campo". Logo usa um jogadofuturo abre-cadavado: Messi, que "ninguém segura", como na retanca que anuncia o segundo time. Além das mudanças feitas pelo técnico e as consequências alterações na configuração da partida, Lobo segue na descrição dos lances relevantes de uma cronológica, com o elemento diferencial se mantendo: "Muito bem no jogo, Messi recusa a bola e consegue seguir a com muita competência", usando da adjectivação para construir a imagem do camisa dez. Com a ampliação do placar, o autor assina: "não teve mais jogo depois disso. A Argentina, dominante, manteve com tranquilidade a vantagem. A Croácia não tinha mais forças".</p> <p>Antes de encerrar o texto, o autor dá sentido à finalização escolhida. Mais uma vez, usando do recurso da interpretação como elemento relevante: "Pode-se esperar que sua carreira, Lionel Messi comandará a Argentina em uma final. Desta vez, de uma forma que talvez não seja reparável. O que ele jogou nesta Copa, e nos jogos eliminatórios em particular, é algo espetacular. Ele está quase imarçavel. Sabendo conduzir, acertar, reduzir o ritmo quando necessário, fazendo passes, marcando gols e sendo o líder, referência e ídolo não só da equipe, mas dos próprios competidores. Messi tem um time que não só jogou por ele, mas que ele também".</p> <p>Por sua vez, antes da apresentação da tradicional ficha técnica, voltada a informações de serviço do jogo, o autor compõe o paralelo disposto na linha final entre os camisas dez argentinos do passado, Diego do presente, Lionel, e o mesmo teor do parágrafo anterior: "Com ele em herança, a Argentina já aponta com o ídolo desde 1986. Desde que o gênio Diego Maradona conduziu, brilhantemente, os albicelestes à decisão, como um furacão incontável e imarçavel. Messi, mais uma vez, chega a um time. Terá de aproveitar a chance para, enfim, conquistar o título que parece ser a sua maior obsessão".</p>	<p>A última dança será na final. Messi conduz Argentina para eliminar a Croácia e garantir lugar na decisão</p>	<p>A última dança de Messi por vir depois de uma situação sistemática contra a Croácia: participação de Álvarez e mudança de panorama em relação à equipe. Escalões e trocas no time. Descrição dos lances, com a Argentina em destaque através de 2 a 0 na primeira etapa. Um jogo amarrado, até a chegada do gol. Messi responsável por dois gols dos três que classificaram a Albiceleste. Ao que tudo indica, mesmo o restante dos times, os técnicos e suas tentativas frustradas, tudo é de tom coadjuvante diante da possibilidade de consagração de Lionel Messi, ao mesmo tempo em que o peso atribuído a "última dança" dá dimensão da expectativa criada</p>	<p>Um relato de jogo preso, mais, pelo uso de recursos fáticos. Isso é perceptível na descrição dos lances. Na nomeação dos atores principais da partida, na construção de boa parte do texto, que ajudam a aliar o leitor, especialmente aquele que não pode acompanhar a partida pela TV. Compre, então, neste, um aspecto funcional</p>	<p>O autor não se utiliza tanto de recursos analíticos, a não ser pela condição proposta na abertura e no encerramento do texto, por conta das interpretações de Lobo: do peso atribuído por ele à última dança de Messi e da aproximação com Diego Maradona, com a mística das camisas dez e a possibilidade de mais um mundial aos sul-americanos</p>	Heróismo	Superação	Expectativa									
						Em "Sucesso de Álvarez é prêmio à injeção de Scaloni que transformou a Argentina em camaleão", Bruno Bonatti compõe a narrativa por meio de um texto de personagens, de caráter interpretativo. Destaca Julián Álvarez como uma carta na manga de Scaloni, que tem ousadia para mudar o time. Foi recompensado com a ida à final da Copa. A escolha do autor em indicar que o jogador "transforma a Argentina em camaleão", e que "teve a chance de adaptar a sua escalção a cada adversário que enfrentou e coheos os frutos" já dá o tom de avaliação que é o principal motivador do texto.																
24	4/08	13/12	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonatti	Sucesso de Álvarez é prêmio à injeção de Scaloni que transformou a Argentina em camaleão	<p>A estratégia narrativa de Bonatti parte de um gancho usual para inserir a situação das trocas feitas por Scaloni: "Quando uma seleção tem vida longa na Copa do Mundo, é comum o espectador atento chegar às fases finais sabendo os 11 jogadores de cor. E aquela hitória por que comentar o que não está quebrado?". A partir daí, o autor coloca a oposição e apresenta o treinador argentino como exemplo: "Mas essa não é a única maneira de conduzir uma campanha em defesa de uma avaliação". Como que conferido pelos as escolhas feitas pelo treinador, o autor compõe um efeito de sentido a partir das láticas adotadas pelo comandante. Além disso, já no primeiro parágrafo, em que propõe essas relações, dá também outro gancho para inserir o segundo personagem: Álvarez, uma aposta de Scaloni, junto de uma avaliação: "Acertou mais do que errou, mesmo quando os efeitos dessas não aparecem tão bem. E, se existe uma grande ilustração da sua coragem para tomar decisões difíceis, é Julián Álvarez, o garoto de 22 anos que decidiu uma semifinal de Copa do Mundo".</p> <p>Em seguida, Bonatti prossegue o argumento, mas virando a chave: pensando no principal problema de trocar escalões no meio do caminho: o risco: "Se o técnico e o jogador não se conhecem, as críticas costumam ser pesadas. Existe também um fator psicológico, de buscar segurança no que é familiar, no que tem dado certo. Por isso, errando ou acertando, existe um fator de coragem nas decisões que Scaloni tem tomado ao longo da Copa do Mundo, desde que precisou salvar a Argentina logo depois de demota para a Arábia Saudita na primeira rodada". Nota-se uma avaliação do caráter psicológico, a adjectivação – "ousavel, corajoso, quando salvou sua equipe – para ilustrar as atitudes de risco.</p> <p>A opção de Bonatti é por criar uma espécie de linha do tempo que atravessa a construção dos parágrafos. Rodada por rodada, ele indica que "evidentemente, o resultado é um fator determinante na percepção das ações de Scaloni". Entrem em questão a quantidade e os efeitos práticos das alterações empreendidas, como ocorreu na defesa entre os jogos contra a Arábia Saudita e México, propondo avaliar: "se o que foi proposto faz sentido. A defesa argentina foi péssima contra os sauditas. Scaloni mudou três peças ali, e entrou com Guillermo Rodriguez e Alexis Mac Allister nos lugares de Leandro Paredes e Paulinho", outros que fizeram jogos apazados ou ruins".</p> <p>A mesma dinâmica se repete na sequência do texto, com um parágrafo para cada jogo. Contra a Polónia, na avaliação do autor, "as decisões mais ousadas vieram na terceira rodada", em "um momento crucial da campanha da Argentina". Além das entradas, Bonatti também traz à tona o momento de quem foi substituído, como no caso de Lautaro Martínez: "que havia chegado à Copa do Mundo como um dos grandes centroavantes do mundo, mesmo se não estivesse em sua melhor fase na internacionalização", preferido por um jovem jogador com pouca experiência no futebol europeu: "Scaloni bancou a sua decisão, o que foi ficando cada vez mais fácil à medida em que Álvarez retribua com lances decisivos. Marcou contra a Polónia e em dois dos três jogos da Argentina no mata mata".</p> <p>Como se enredasse um crescimento explicativo, o autor remissa as escolhas de Scaloni à partida. Além disso, faz uma avaliação em perspectiva. Nas oitavas, por exemplo, entende que "foi provavelmente, em que as tentativas de Scaloni menos deram certo". Apesar da dificuldade, Bonatti pondera e faz juízo de valor para reforçar suas considerações de que "a vaga saiu no brilhantismo de Messi e em um erro crasso do goleiro australiano Matthew Ryan. E a Argentina ainda passou por um sufoco nos minutos finais". O mesmo se deu no jogo seguinte, "nas quartas de final, novo jogo, novo sistema". A descrição fática, referindo-se aos nomes dos envolvidos nas trocas, passa também pelo plano fático: Os laterais, ainda, merecem um parágrafo à parte: o técnico argentino tem variado bastante entre Molina e Montiel pela direita e Acuña e Tagliafico na esquerda e geralmente tem cravado as suas escolhas". Também relata lances que acabam por referendar as posições expostas.</p> <p>O relato vai e vem, de forma cronológica, descrevendo e refletindo sobre as escolhas de Scaloni, como contra a Croácia. Bonatti interpreta que a intenção do treinador era ganhar o meio de campo, e sobre a linha de palmeiras: "A ideia era boa, a ideia era certa. Não funcionou tão bem". Pouco mais adiante, ele escreve: "Se o ataque fático que Scaloni buscou não deu tão certo, aquela decisão que ele tomou na terceira rodada da fase de grupos deu bastante, porque Álvarez foi decisivo. Sofreu o pênalti e depois completou uma arrematada à bomba que foi para empatar". A escolha das palavras denota a proposta do autor de seguir o jogo a jogo.</p> <p>Encerramento do texto é prova de condição interpretativa do texto, quando Bonatti se coloca a avaliar as escolhas da "Scaloni". Mas essa foi uma sorte que Scaloni fez por merecer pela decisão corajosa de trocar um atacante consagrado por um garoto. Pelo mérito de reconhecer quem estava na fase mais iluminada, independente do nome e do status. Pela injeção de mudar constantemente o seu time, por que de um tempo em outro ele transformou o gênero em jogo. Pela condição até aqui quase imarçavel que colocou a seleção argentina a uma vitória da apoteose".</p>	<p>Em "Sucesso de Álvarez é prêmio à injeção de Scaloni que transformou a Argentina em camaleão", Bruno Bonatti compõe a narrativa por meio de um texto de personagens, de caráter interpretativo. Destaca Julián Álvarez como uma carta na manga de Scaloni, que tem ousadia para mudar o time. Foi recompensado com a ida à final da Copa. A escolha do autor em indicar que o jogador "transforma a Argentina em camaleão", e que "teve a chance de adaptar a sua escalção a cada adversário que enfrentou e coheos os frutos" já dá o tom de avaliação que é o principal motivador do texto.</p>	<p>O conflito da narrativa se dá nessa postura do técnico, de trocar e trocar o time, adaptando-se aos adversários. Um constante sistema de tensão e tração pelo texto, que alerta que a troca veio a forçoso, com o treinador impondo seu estilo e descoberto as falhas dentro do andar do próprio campeonato, propondo soluções e encaminhando a postura de heróismo, superação e expectativa, prestes a se concretizar com a realização da final</p>	<p>Sancho sobre linearidade dos times campeonais, sobre os quais o público abre a escalção de cor, diferentemente de Scaloni, que optou por se ajustar a cada adversário, acertando e errando, com uma boa aposta Julián Álvarez. Problemas e riscos de propor tantas alterações, coragem nas decisões do treinador argentino. Interpretação rodada a rodada das trocas feitas pelo comandante argentino. Reconhecimento da ousadia e dos resultados obtidos pela estratégia de Scaloni</p>	<p>Sancho sobre linearidade dos times campeonais, sobre os quais o público abre a escalção de cor, diferentemente de Scaloni, que optou por se ajustar a cada adversário, acertando e errando, com uma boa aposta Julián Álvarez. Problemas e riscos de propor tantas alterações, coragem nas decisões do treinador argentino. Interpretação rodada a rodada das trocas feitas pelo comandante argentino. Reconhecimento da ousadia e dos resultados obtidos pela estratégia de Scaloni</p>	<p>O autor se ampara especialmente nas trocas como elemento fático, mencionando rodada a rodada as alterações propostas pelo treinador. Mesmo que esta indicação se estenda por todo o texto, são os recursos interpretativos que ganham mais destaque</p>	Heróismo	Superação	Expectativa								

IDENTIFICAÇÃO				EXPRESSIONO										ESTÓRIA				METANARRATIVA		
#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	RESUMO-SÍNTESE	ESTÓRIA	EPISÓDIO	MICROEVENTOS	NOMEAÇÃO DO EPISÓDIO	ENREDO-INTRÍGUA	CONFLITO/VIRAADA	CENÁRIO	PERSONAGENS	CONTEÚDO UN. NUCLEARES	RECURSOS FÁTICOS	RECURSOS FICTÍCIOS	HEROÍSMO/VIOLÊNCIA	SUPERPACAO/DECEPÇÃO	EXPECTATIVA/FRUSTRAÇÃO
28	4A08	1412	Copa do Mundo	Felipe Lobo		<p>Como em um texto preparatório para a final da Copa do Mundo, desta vez Felipe Lobo se ampara em declarações de Luka Modric em defesa da vitória da Argentina de Messi. A linha fina dá o tom de boa parte das declarações na sequência, segundo um parâmetro jornalístico habitual – quando o título se refere ao parágrafo de abertura e a linha fina se remete ao corpo do texto. Capítulo e craque da Croácia, Luka Modric critica a arbitragem pelo chute do primeiro gol da Argentina, mas reconhece a superioridade do adversário e elogia Messi. É perceptível também a adjectivação pelo autor para qualificar e nomear o jogador croata.</p> <p>A proposta do texto se assemelha ao anterior. Já de saída faz afirmações que introduzem e referenciam o jogador que concede a entrevista, no mesmo tempo que adiantam alguns dos tópicos abordados na fala do meio. Um dos destaques desta Copa do Mundo, Luka Modric também a derrota para a Argentina na semifinal, por 3 a 0, mas disse que torcera para que Lionel Messi conquistasse o título. Apesar disso, Modric admite a derrota e reconhece as virtudes do adversário, mas não se furtava de reclamar da arbitragem e valorizar a campanha levada a cabo pela seleção croata, tendo ainda pedido a disputa do terceiro lugar.</p> <p>E como se os dois textos fossem opostos da mesma moeda, mas com o mesmo formato, explorando as declarações. Enquanto do lado da Argentina o tom é de superação após a vitória, do lado croata a percepção é de que o tom da entrevista dá a composição do material. Modric admite a derrota e reconhece as virtudes do adversário, mas não se furtava de reclamar da arbitragem e valorizar a campanha levada a cabo pela seleção croata, tendo ainda pedido a disputa do terceiro lugar.</p> <p>A referência direta ao que está no título, no entanto, aparece de forma explícita apenas no meio do texto, quando Lobo dá espaço às suas palavras: “Espero que ele ganhe a Copa do Mundo, ele é o melhor jogador da história e merece. Ele está jogando uma grande Copa do Mundo, ele mostra qualidade e grandeza em todo o jogo”. Sobre isso, o autor constrói o texto a partir de parágrafos curtos em que comenta brevemente o teor das declarações do jogador e, então, as posições de maneira linear.</p> <p>É notável que o texto se enquadra com temáticas próximas, mas não linearmente, separadas por parágrafos. É iniciado tratando da derrota croata e da valorização de Messi por Modric, uma avaliação sobre o evento, o resultado do camisa dez argentino e franceses – jogo classificado do armador croata sobre a torcida adversária, críticas à arbitragem sobre a marcação de um penal favorável aos comandados por Scolari. Depois disso, mais avaliações sobre o impacto da marcação do penal na partida, a disputa e a expectativa pelo terceiro lugar, mesmo com a decepção da derrota. O pé do texto, por sua vez, é direto, oferecendo informações básicas sobre o último jogo dos croatas no mundial, a competição pelo terceiro posto, contra os marroquinos, usando de referências de local e horário para estimular o leitor a acompanhar.</p>	<p>Jogo como narrativa mínima</p> <p>Função na construção de significações</p> <p>Sequências e encadernamento</p> <p>Heróis/vilões: superação/decepção, expectativa/frustração</p> <p>Dentro/fora de campo</p> <p>Protagonista/coadjuvante</p>	<p>O principal conflito da narrativa se dá por conta de o jogador derrotado no confronto direto manifestar torcida por Lionel Messi. É um sentido que ultrapassa, portanto, as cores das camisas vestidas pelos jogadores quando se trata de o craque argentino. Ainda que eles sejam adversários, a identificação e identificação, após a partida, com a narrativa que se desenha para a Argentina, se sobressai. A linha da narrativa tem um tanto menos de força porque Modric opta por reconhecer a derrota e talvez por isso as críticas à arbitragem representem o ponto menos pacífico do relato. Há, por isso, bits de heroísmo por conta de Messi, mas sobretudo de vitória por ser a narrativa da perspectiva dos croatas, derrotados. Ao mesmo tempo, prevalece a decepção e a frustração da eliminação.</p>	<p>Resumo sobre os tópicos abordados por Modric em entrevista, lamentando a derrota, reclamando de arbitragem e declarando torcida por Messi na final. Modric parabena o adversário pelo título, volta a falar da torcida pelo camisa 10 adversário, sobre a torcida argentina, reclamando sobre as decisões do árbitro, os impactos na partida e a disputa próxima pelo terceiro lugar. O pé do texto se refere justamente as informações que são lidas com mais destaque ao longo do material</p> <p>O texto é de repercussão, informativo e se apóia, essencialmente, nas declarações de Modric em entrevista pós-jogo. A construção de significações tem formato semelhante, mas teor oposto à narrativa que explora as declarações de Messi feitas pela partida. Fica claro o antagonismo entre as propostas dos textos, em que não há igualmente uma linearidade nos assuntos, que são dispostos de forma mais aleatória, por escolha do autor. O corpo do texto, de forma mais concentrada, acaba repetindo as informações que são lidas com mais destaque ao longo do material</p> <p>O enredo-intriga se conecta à realização da partida entre Argentina e Croácia, mas recebe uma repercussão. Tanto do lado croata, o espaço fo dado às principais liberações técnicas dos elencos, mas neste caso há preferência à abordagem de Modric e suas avaliações sobre a derrota para o time capitaneado por Messi. O texto encadeia justificativas por conta de 10 e, por fim, oferece informações sobre o último jogo dos croatas</p> <p>O conflito-virada da narrativa em essa se dá à partir da expectativa criada. O texto é informativo e repercute um jogo já ocorrido, apontando na possibilidade, sobre o que pode mudar, se repetir, quem serão os personagens, etc.</p> <p>As protagonistas são as duas seleções envolvidas, Argentina e França</p> <p>Dentro de campo</p> <p>Fora de campo</p> <p>O protagonista é Diego Maradona</p>	<p>Resumo sobre os tópicos abordados por Modric em entrevista, lamentando a derrota, reclamando de arbitragem e declarando torcida por Messi na final. Modric parabena o adversário pelo título, volta a falar da torcida pelo camisa 10 adversário, sobre a torcida argentina, reclamando sobre as decisões do árbitro, os impactos na partida e a disputa próxima pelo terceiro lugar. O pé do texto se refere justamente ao último jogo dos croatas no mundial</p> <p>O texto se apóia sobretudo em recursos fáticos oferecendo informações sobre a partida que passou e a que ocorrerá, com espaço amplo às apas de Modric. Isso se revela porque as interlocuções propostas pelo autor apenas introduzem as falas do atleta</p> <p>Há pouco espaço, neste caso, e neste ponto de repercussão, para recursos fictícios, uma vez que as declarações de Modric são lidas com mais destaque do que a produção da matéria introduzem as falas do atleta</p>	<p>Heróis/vilões</p> <p>Decepção</p> <p>Frustração</p>									
29	4A08	1512	Copa do Mundo	Equipe Trivela		<p>Este conteúdo segue, como em outros casos, a proposta em que a redação da Trivela faz autoperficiência e busca textos antigos. A proposta é informativa, a partir de materiais de arquivo sobre a disputa a se repetir na final de 2022, entre argentinos e franceses – jogo classificado pela Equipe Trivela, que assina o texto não nominalmente, como “impedante”. As referências espaço-temporais ao jogo de quatro anos antes ocorrem já na linha fina, com indicação de Kazan, na Rússia, como local do embate.</p> <p>O texto indica, já na abertura, que “Quatro anos são suficientes para que muita coisa aconteça no futebol. E o Argentina x França da decisão de 2022 não bastaria diferente daquele França x Argentina das oitavas de final de 2018”. Apesar, portanto, na opção, no contraste. O balanço comparativo entre as posturas e desempenhos das seleções segue, adiante, com a preferência por destacar valências tanto da partida da equipe técnica quanto das jogadores, algo perceptível quando se afirma que: “Do lado albicéste, Lionel Scaloni realiza um trabalho incompensavelmente melhor que o de Jorge Sampaoli. Conta com um Lionel Messi em sua melhor versão mundialista, mais acompanhado pelos companheiros. Todavia, os Blues também encorpam. Ganham novos talentos, não puderam contar com outros e veem um Kylian Mbappé que evoluiu demais desde aquele jogo fenomenal”.</p> <p>Depois dessa interpretação na abertura, há o apontamento de que, a seguir, a redação elenca quatro publicações que registam o contexto de uma partida que foi “determinante ao sucesso dos franceses e também na reconstrução dos argentinos”. Segue-se o modelo de outras publicações em que se registam textos de arquivo: há a indicação de títulos e um breve resumo do conteúdo; assim, dois quatro textos referenciados, um deles é um relato de jogo – “do lado francês, os fatos e dos gols – que não foram poucos”, dois remetem a personagens da partida – um para Kylian Mbappé, que “viveu 90 minutos para ser sempre lembrado como um fenômeno”, outro para Benjamin Pavard, que depois de um bonito gol “não precisava mais se preocupar em ser ‘descoberto na França’” – e um deles é uma análise mais ampla, em perspectiva, prescrevendo o que acontecerá com a Argentina após a Copa de 2018.</p> <p>Quando aponta para o passado, a Trivela faz, além da autoperficiência, um exercício de memória. Sintatiza aqui, como quem diz: estivessem aqui desde esse tempo, com nossa forma de narrar. Ao mesmo tempo, chama atenção para o que há de vir, as produções que podem nascer daquele embate, e também ressalta a expectativa para outro embate com uma história a ser contada em um momento decisivo – sobretudo após a final da Copa do Mundo com gestões interessantes.</p>	<p>Introdução, apresentação dos textos, breve descrição</p> <p>O enredo-intriga não se volta exatamente à disputa, mas remete-se a confrontos prévios. Apóia na lembrança e na expectativa, antecipando embates que aconteceram em um contexto anterior, pelas linhas da própria Trivela. Serve como autoperficiência e conteúdo com o histórico por fazer referência a dois momentos históricos específicos, como que criando um parâmetro</p>	<p>O texto é informativo e apenas dá um breve resumo de cada texto, indicando quatro produções da Trivela na Copa de 2018, antes da final entre Argentina e França. É uma espécie de “essencial”, chamando o leitor para o que ocorreu e pode ser indício para o próximo embate</p> <p>O conflito-virada da narrativa em essa se dá à partir da expectativa criada. O texto é informativo e repercute um jogo já ocorrido, apontando na possibilidade, sobre o que pode mudar, se repetir, quem serão os personagens, etc.</p> <p>As protagonistas são as duas seleções envolvidas, Argentina e França</p> <p>Dentro de campo</p>	<p>De recursos fáticos são citados porque o texto se refere a outras produções da Trivela em uma Copa anterior, em 2018. Além de oferecer os títulos das matérias, dá um breve resumo colocando os conteúdos à disposição do leitor que releve tenha interesse</p> <p>A matéria é simples e informativa, sem muito espaço para o uso de recursos fictícios. O que permanece é o uso desse tipo de estratégia dentro das indicações dos materiais. A análise talvez seja a proposta mais evidente, uma vez que a própria existência do texto se dá somente pelo registro do confronto em um momento decisivo da competição</p>	<p>Heróis/vilões</p> <p>Superação/Decepção</p> <p>Expectativa/Frustração</p>										
30	4A08	1512	Copa do Mundo	Leandro Stein		<p>Leandro Stein é o autor do texto, que faz uma indicação de um dos parceiros da Trivela, a Dolores Editora, como o livro “O Jogo: Argentina x Inglaterra – 1986”. A linha fina dá informações complementares de autoria e algumas temáticas tratadas na obra: “O livro de Andrés Buzgo fala de Maradona, claro, mas também se detém sobre os demais personagens que marcaram aquela história”. É um conteúdo informativo por se referir a uma obra que pode interessar aos leitores, mas também tem caráter de repercussão por conta de tratar da Argentina em um momento em que uma decisão de mundial envolvendo os sul-americanos se aproxima.</p> <p>O grande chamativo da narrativa é a importância de Maradona para o futebol argentino. Stein elenca a narrativa tratando das principais faces do camisa dez: “Diego Armando Maradona, depois que viveu um dos dias grandiosos para os argentinos, viveu a Copa do Mundo de diferentes maneiras – como comentarista, como treinador, como o mais fanático dos torcedores”. O autor opta, em oposição a esta construção, por tratar da presença do craque argentino – que, na avaliação dele, nunca foi tão forte quanto após sua morte, com uma referência histórica inclusa: “Sua memória é vivíssima entre os albicésteos, como se os pegasse pela mão e conduzisse de novo no sonho em uma nova conquista. Maradona já tinha se tomado título há 36 anos, naquele verão mexicano em que fez tudo, inclusive ressignificar uma guerra”.</p> <p>Esse preâmbulo serviu para compor a ideia de que “o Argentina x Inglaterra de 1986 permaneceu como a maior partida da história da Argentina, a partida que endossou Diego, do Gol do Século à Mão de Deus”. Tudo isso, segundo o autor, presente no livro anunciado, de Andrés Buzgo, cuja ideia “há e se falar de Maradona, o protagonista, mas de todos os outros personagens que circundam a história”. Há um hiperlink que direciona o leitor ao site da editora, usando, ainda, um conteúdo incorporado como referência entre o conteúdo textual.</p> <p>O autor faz ainda uma citação literal de um trecho do livro, como uma “tapa” para o leitor que se interessa pela publicação, lançada em 2016, mas só naquele ano estafada em português. A interpretação do autor do texto sobre o livro passa, também por algumas outras indicações, ressaltando que ainda há muito a se contar sobre aquele confronto histórico: “O autor argentino prova isso ao buscar jogadores campeões daquela Copa, para confirmar histórias, mas também ao ouvir personagens secundários, até então pouco conhecidos, com histórias e aneddotas, aneddotas, novidades ou fatos nos seus episódios”. Além do apontamento da redação em formato de cronologia do livro, com menções e referências, Stein ressalta que o jogo que estreou Maradona, “responsável pelo gol do título – um com a mão de Deus e o outro ‘apenas’ o gol do século – sobre a ‘entelada’ Inglaterra (vitoriosa na Guerra das Malvinas)”, em que a publicação traz detalhes do “momento mágico da conquista”. Já ao fim do texto, o próprio autor se coloca como um dos “devotos” de Diego, com a edição do livro recomendado.</p>	<p>Apresentação do livro, informações de referência, autora e editora. Introdução com referências ao histórico de genialidade de Maradona em um dos mais marcantes momentos da história da Albiceleste, especialmente a partir de uma interpretação particular do autor do texto. Indicações sobre o jogo e o livro no segundo parágrafo, anexado a um conteúdo incorporado. Um trecho literal do livro, destaque à reedição, mas em português. Além de mais detalhes sobre a obra e um encerramento também com ponderações pessoais para chamar o leitor interessado em um grande momento da história do futebol a consultar o livro</p> <p>O texto é prioritariamente informativo por indicar um livro de uma parceria da Trivela, a Dolores Editora, que produz também conteúdo especializado em futebol. Mas também há momentos em que o autor se dá ao trabalho de se colocar na matéria – como no pé, quando se coloca como um dos devotos de Maradona – ou nas indicações mais valorativas sobre o conteúdo do livro</p> <p>O relato aponta na personagem complexa e conflituosa de Maradona, que motiva a escrita do livro indicado. Em um momento de heroísmo, marcante na história da Argentina por se tratar de um atleta decisivo em um momento fundamental, por isso mesmo de superação e expectativa, por conta de peculiaridades do ser que vestia a camisa 10 albicésteo</p> <p>Fora de campo</p> <p>O protagonista é Diego Maradona</p>	<p>Apresentação do livro, informações de referência, autora e editora. Introdução com referências ao histórico de genialidade de Maradona em um dos mais marcantes momentos da história da Albiceleste, especialmente a partir de uma interpretação particular do autor do texto. Indicações sobre o jogo e o livro no segundo parágrafo, anexado a um conteúdo incorporado. Um trecho literal do livro, destaque à reedição, mas em português. Além de mais detalhes sobre a obra e um encerramento também com ponderações pessoais para chamar o leitor interessado em um grande momento da história do futebol a consultar o livro</p> <p>Boa parte do texto é disposta por interlocuções fáticas, como conteúdos que se referem ao livro de forma direta ou não. Situação, por isso, o leitor na obra recomendada.</p> <p>De recursos fáticos se dão em variados momentos em que o autor faz juízos de valor sobre o teor da obra, algo que não parece questionável justamente por conta do público ao qual está se direcionando – realmente aquele que tem um interesse segmentado e é movido também, pelos momentos épicos da história do futebol</p>	<p>Heróis/vilões</p> <p>Superação</p> <p>Expectativa</p>											

IDENTIFICAÇÃO				EXPRESSIONÃO							ESTÓRIA				METANARRATIVA					
#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	RESUMO-SÍNTese	ESTÓRIA	EPISÓDIO	MICROEVENTOS	NOMEAÇÃO DO EPISÓDIO	ENREDO-INTRIGA	CONFLITO/VRADA	CENÁRIO	PERSONAGENS	CONTEÚDO UN. NARRATIVAS	RECURSOS FÁTICOS	RECURSOS FICTÍCIOS	HEROÍSMO/VILANIA	SUPERAÇÃO/DECEPÇÃO	EXPECTATIVA/FRUSTRAÇÃO
						<p>O texto redigido por Leandro Stein é daqueles que tem mais detalhamento e profundidade na Trivela. O foco está em um confronto entre seleções que se repete na Itália, entre clubes e, mais que isso, entre Diego Maradona e Michel Platini. E, seguindo a linha fina, o momento em que a rivalidade entre os selecionados leva à rivalidade entre os esquadriões. Vale ressaltar que, na construção do parágrafo de abertura, os traços autorais, a adjetivação, a construção histórica e baseada em elementos factuais – como conquistas e atuações – prevalecem. Algo que pode ser visto se recorre-se um fragmento:</p> <p>Os maiores embates entre Argentina e França no século passado aconteceram com outras cores, por outras camisas. Diego Armando Maradona e Michel Platini, inquestionavelmente, estavam no topo do mundo na década de 1980. Conquistaram títulos opostos por seus países, em famélicas contribuições individuais, com a Euro 1984 do francês e a Copa de 1986 do argentino. Entretanto, o duelo bilícnico pelas seleções nunca aconteceu. No Mundial de 1978, Platini não marcou o seu gol derrotado para a Albicérestre por 2 a 1, mas Cesar Luis Menotti havia deixado o golado Diego em casa. Já em 1986, havia uma Alemanha Ocidental no meio do caminho, para impedir que os Bleus fossem adversários da Argentina na final da Copa. Ainda assim, a rivalidade entre Maradona e Platini foi vivíssima por clubes. Durante três temporadas, os craques mediram forças na estratada Serie A. Cada um teve seu Scudetto no período, cada um fez seu gol no Napoli x Juventus. Em compensação, as vitórias de Diego foram mais frequentes e também mais simbólicas.</p> <p>A narrativa é contínua, sem retanças. Os parágrafos de texto, no entanto, são intercalados por fotos e vídeos que ilustram os lances retratados. O apreço pela apuração do conteúdo histórico se mostra considerável, como quando o autor comenta sobre a possibilidade de que os dois craques aliassem juntos o primeiro título "suaig" em 1984, quando o argentino ainda estava no Barcelona e o clube espanhol teria interesse no francês. Depois, com ambos na Itália, o dono juventino Gianni Agnelli precisou negar que pensassem em Diego como um novo elemento bilícnico". O uso de apelidos e outras expressões ajudam a dar mais movimento ao texto, como quando se menciona Le Roi e Diez, apelidos dos jogadores, que formaram uma dupla "explosiva" na formulação de Step.</p> <p>Nem do cuidado com informações históricas, é importante que se destaque a relação contextual dos relatos. Neste, em específico, por exemplo, o autor fala da rivalidade entre os jogadores "não apenas pelo talento enorme de ambos", mas também pelo significado para os times, um, ao sul empobrecido da Itália, outro, como oposto, protagonista e representante do "antagonismo com o norte". São colocações pouco habituais, aquelas feitas com o peso de fundo cultural e social que envolvem a prática do futebol. Na Trivela, elas são identificadas com mais frequência em determinados tipos de texto, como neste.</p> <p>A oposição também se desenha nas escolhas de redação do autor, como quando escreve que "em tempos nos quais Platini emendava três vezes a Bola de Ouro, enquanto Maradona sequer podia competir pelo prêmio por não ser europeu, existia um grande simbolismo na contraposição entre os dois astros". O universo do campo é retratado, ainda com os antagonistas, quando Stein detalha que eram "Dois craques de menas qualidade técnica, que passaram a se encarar constantemente. Platini, rodado por uma Juventus bastante forte. Diego, mais vezes cercado a Napoli em suas estradas". Contudo, o texto não se detém apenas às quatro linhas. Usa entrevistas dos jogadores para sustentar e dar legitimidade e credibilidade ao material, como no caso do jornal napolitano l'Mattino.</p> <p>Com isso, é perceptível que a dinâmica dos textos da Trivela se altera, conferindo uma temporalidade e um ritmo diferente, ao fugir da informação puramente factual e imediata. Demonstra pesquisa, conhecimento histórico e capacidade de construção do conteúdo de forma articulada. Porque é só depois disso que se contextualiza que o autor começa a tratar de alguns dos confrontos entre Maradona e Platini. A referência temporal ocorre, assim como a colocação ocupada pelos clubes no campeonato italiano e em outras competições. Há, inclusive, menção a um programa de TV antes desse confronto. Recorre a estas fontes, o autor também acrescenta informações de bastidores para enriquecer o relato. Quando se fala do jogo propriamente dito e como se o tempo mudasse de figura, a construção textual parece a de relato de jogo, com o detalhamento de momentos importantes e dos gols dos encontros entre os dois craques. A repercussão se liga à representação que o autor pretende construir sobre a dupla: "O jornal La Stampa destacava em sua manchete como 'Platini tem um time, Maradona está sozinho', ressaltando como Diego se desdobrou até para reconstruir a defesa naquela tarde".</p> <p>D'nesmo acontece com outra partida que envolve as lendas italiana e argentina. São indicadas as preferências de cada um dos times nas competições da temporada antes da menção ao 0 a 0 no San Paolo. Stein constrói o relato não somente com os embates, mas pelo relacionamento entre os jogadores: "Já na chegada ao estádio, Platini e Maradona trocaram exaltações entre si. O francês não estava errado, como se provou numa inesquecível tarde chuvosa". Na descrição de um dos jogos, justamente após a troca de epos, Stein dá o tom do texto, com o foco intercalando entre francês e argentino. Na vez de Maradona, há um misto de uma estratégia entre o recurso fático e o fictício – em menor frequência, diga-se: "Não havia espaço. Mas, para Maradona, uma mínima fresta viria uma avenida para sua habilidade sobor. A falta rolada dentro da área linha uma barrera logo em cima de Diego. Pois o camisa 10 conseguiu bater com perfeição para encobrir os adversários, bolar a bola na gaveta e fazer Tacconi saltar em vão. Um gol antológico, que decretou a vitória por 1 a 0.</p> <p>A tendência de articular referências históricas, materiais factuais e a interpretação também se mostra em outros momentos na sequência, como quando o autor relembra que, na mesma partida, "quase ainda assim um ídolo tanto maratoniano", puxando à guida o gol em que o camisa 10 enfiou marcadores ingleses e marcou na Copa do México, em 1986: "O triunfo, de qualquer forma, já bastava. Cala por terra um ejum de 12 anos sem que o Napoli derrotasse a Juve pela Serie A".</p> <p>Ainda ligando Maradona à cidade de Nápoles, a quem dedicou seu título, Stein intercala entrevistas de ambos os jogadores. O autor destaca que Platini terminou "a temporada 1985/86 como campeão da Serie A. Maradona o viu como adversário para a Copa do Mundo. Por isso mesmo, o argentino se preparou demais ao Mundial no México". Depois de abrir espaço para o argentino, percebe-se que recorre a autobiografia de Diego. Afinal, no mundial, "o final da história beneficiou Maradona, com a Copa de sua vida, enquanto Platini sucumbia na semifinal".</p> <p>Uma estratégia perceptível no texto é que a construção resalta elementos semelhantes – momentos dos times, resultados e retrospectos, entre outros –, mas se desenvolve de maneira cronológica. Temporada a temporada, confronto a confronto, com intercalações de percepções dos próprios atletas, tanto em entrevistas quanto em outras fontes. Interessante notar também que, a semelhança dos trechos em que o relato é mais inclinado a um tom contextual, fala-se também das fontes, como se vê:</p> <p>"Naquela noite, Juventus e Napoli dividiam a liderança da Serie A depois de oito rodadas, ambos com 12 pontos. A tática onelste carregava muitas expectativas para o jogo. Maradona ganhou uma cantoria de centenas de torcedores na frente do hotel no qual seu time estava hospedado. Além dos muitos operários napolitanos que viviam em Turim, milhares de torcedores do sul pegavam a estrada rumo ao norte do país. O Estádio Comunale recebeu cerca de 20 mil visitantes para aquele duelo. E eles comemoraram, com um título por 3 a 1 de virada, que valeu a liderança isolada aos partenopei e a certeza de que o Scudetto seria possível".</p> <p>Há também momentos em que os bastidores ganham repercussão, como quando Stein escreve que, após a vitória mencionada acima: "o clima de festa no vestiário do Napoli era evidente. A ponto de alguns jogadores, segundo o jornal La Stampa, cantarem 'Maradona é melhor que Pele'. Garrafas de champagne estouravam". Leandro Stein, então, parte para um tom mais saudável para encerrar o texto. Primeiro lembra da conquista do Scudetto pelo Napoli, que também "foi a da despedida de Platini do futebol. Com apenas 32 anos, o craque enfrentava séculos problemas físicos e não queria desempenhar um papel mais contido dentro de campo. Preferiu sair no auge, depois de três Bolas de Ouro em 1983, 1984 e 1985", abrindo caminho para a evidência de Maradona, sobre o qual o autor também ressaltou fatos.</p> <p>Entre jogos de despedida e amistosos em que ambos estiveram presentes, Stein, quando ainda se pontua as posturas diferenciadas dos craques, mais uma vez vem ao antagonistas: "O respeito em campo prevaleceu a dois gigantes que se reconheciam, embora tenham seguido por caminhos bem distintos – um aliado ao jogo de poder de Filó, outro sempre às lutas com os dirigentes da entidade". O texto é encerrado com o que o autor chama de "doce tributo" de Platini, pela ocasião da morte do camisa 10 argentino.</p>	<p>Relação entre embates protagonizados por Argentina e França; Maradona e Platini na década de 1980, rumores de que jogassem juntos, rivalidade pela capacidade técnica e pelo que representavam diante do contexto norte x sul, Juventus e Napoli, fixa apenas dentro de campo, mas não fora dele; primeira partida entre as equipes e os jogadores, em dezembro de 84. Elogios entre eles em entrevistas, segunda partida, em 1984/85, pelo segundo turno da Serie A, sempre que se fala dos jogos, se acompanha um panorama da classificação e da composição das equipes. Aproximação entre os jogadores, além da devolução de Maradona a Nápoles; encontro no segundo turno do campeonato italiano de 84/85; andamento das temporadas até a chegada da Copa de 1986; Maradona conquista; Platini sucumbe; o quarto embate entre as equipes; clima de festa napolitana nos bastidores. O quinto encontro, finalmente. Temporada de despedida de Platini e protagonismo de Maradona; ocasiões em que atuaram juntos, especialmente em amistosos e jogos de despedida; homenagem de Platini a Maradona na época em que faleceu</p>	<p>O autor constrói um texto de histórico em que se antagonizam os dois personagens principais: Diego Maradona e Michel Platini. Em diversos momentos eles aparecem como faces contrastantes de duetos entre suas equipes na Serie A italiana su entre seleções. Mas também há espaço para que se trate da relação dos dois além dos embates, de proximidade e postalto. O foco está nos confrontos, certamente, mas o link é extenso e o autor consegue oferecer uma contextualização de alguns aspectos que estavam no entorno das partidas – além de fazer o relato de cinco partidas nesse processo</p>	<p>O enredo-intriga principal do texto se dá pelo fato de que dois grandes jogadores da história do futebol travaram confrontos também heróicos no campeonato italiano, especialmente nos embates, de proximidade e postalto. O foco está nos confrontos, certamente, mas o link é extenso e o autor consegue oferecer uma contextualização de alguns aspectos que estavam no entorno das partidas – além de fazer o relato de cinco partidas nesse processo</p>	<p>Apesar de haver a dinâmica de conflito entre os dois atletas, na narrativa há uma concórdia, uma harmonia, com os dois como opostos, ambos representando uma construção mais positiva, de heroísmo e expectativa</p>	<p>De interior de campo</p>	<p>Os protagonistas são Maradona e Platini</p>	<p>Os recursos fáticos são a base do texto, com o relato histórico tomando forma. Há consultas e entrevistas, biografias, outras aparições dos jogadores, além dos próprios jogos</p>	<p>Os recursos fictícios, com efeitos de sentido, ficam por conta da interpretação e das colocações do autor, em alguns momentos utilizando recursos de linguagem para descrever as partidas ou os contextos em que a relação Maradona-Platini ocorreu</p>	<p>Heróismo</p>	<p>Superação</p>	<p>Expectativa</p>			

IDENTIFICAÇÃO				EXPRESSIONO				ESTÓRIA				METANARRATIVA														
#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	RESUMO-SÍNTESE	ESTÓRIA	EPISÓDIO	MICROEVENTOS	NOMEAÇÃO DO EPISÓDIO	ENREDO-INTRIGA	CONFLITO/VRADA	CENÁRIO	PERSONAGENS	CONTEÚDO UNICOLARE	RECURSOS FÁTICOS	RECURSOS FICTÍCIOS	HERÓISMO/VIOLÊNCIA	SUPERACAÇÃO/DECEPÇÃO	EXPECTATIVA/FRUSTRAÇÃO						
						<p>Bruno Bonarski é o responsável pelo texto "Como foram as outras quatro vezes em que Messi tentou conquistar a Copa do Mundo", em que o título é autoperifrástico. Classificado como histórico, por conta de ter, e como interpretativo/valorativo pela forma com que é escrito, o texto, na linha final se resume, se passa pelo ano a ano de Copa de Messi: "Caro em 2006, venceu por Maradona em 2010, vice-campeão em 2014 e eliminado nas oitavas de final após se aposentar brevemente da seleção em 2016: a história de Messi na Copa do Mundo é cheia de altos e baixos".</p> <p>Mais do que isso, é uma das narrativas mais extensas de toda a análise, com pouco além de quatro dezenas de parágrafos. O que eles contém? Com as reticências oferecendo a edição de cada uma das Copas, quantidade de gols, assistências e o resultado final, até onde o time argentino chegou, explorando as situações da câmera 10, com um material recheado de vídeos e fotos que o ilustram.</p> <p>Antes de introduzir os relatos sobre o desempenho de Messi, Bonarski usa de uma das cartas coringas dos materiais esportivos. No caso de Messi, a "última dança". Disponível em diversos outros relatos da cobertura da Copa, esse recurso é o gancho para usar, no parágrafo de abertura, um passo por todas as campanhas nas quais o jogador esteve, desde merito do potro, até o craque geracional consagrado. O relato é iniciado com essas características:</p> <p>"A última dança. Tudo indica que está será a última oportunidade de Lionel Messi conquistar o título que lhe falta. Aos 35 anos, faz a sua melhor Copa do Mundo e ajudou a seleção argentina a chegar à decisão contra a França no próximo domingo, em sua quinta participação no Mundial. Foi uma caminhada cheia de altos e baixos, não apenas no Catar. De jovem rejeição na Alemanha, foi muitas vezes engolido pela hegemonia da Federação Argentina, que deu as chaves do cofre para Diego Maradona em 2010 e conduziu um ciclo muito conturbado para a Rússia, onde Messi teve sua pior exibição mundialista. Quando teve um time mirimamente organizado, foi vice-campeão no Brasil – perdendo uma chance clara na decisão contra a Alemanha no Maracanã. Entramos em detalhes sobre as quatro participações do craque que buscará a imortalidade na Copa do Mundo daqui a dois dias".</p> <p>Sobre a primeira das Copas disputadas por Messi, em 2006, na Alemanha – com três jogos, um gol e uma assistência, chegando às quartas de final, Bonarski faz sobre a estreia a partir das mãos de José Pekerman, antigo treinador da albiceleste. Destaca-se o trabalho do técnico nas categorias de base e os títulos conquistados como uma justificativa. Inclusive, menciona um caso curioso, de quando o jogador, à época, em 2005, com a camisa 18, entrou por dois minutos em um amistoso contra a Hungria para que a Espanha não tentasse alcaicá-lo. Por construir um relato cronológico, é comum que o autor se ampare na evolução até a chegada aos mundiais: jogos preparatórios, amistosos, convocação e desempenho no principal torneio de seleções do mundo. É o caso desse texto, quando ele indica a quantidade de jogos de Messi com a camisa albiceleste, além de listar das condições físicas do jovem, que o impediram de participar da final da Liga dos Campeões da Europa, pelo Barcelona, contra o Arsenal. A contextualização pelos problemas físicos é um dos pontos utilizados pelo autor para amarrar o começo da campanha na Copa. Além de Messi, Bonarski trata da formação, de como o time era organizado para a estreia. O relato é direto, quem fez o gol e qual foi o resultado da partida, recorrendo, portanto, aos recursos fáticos.</p> <p>Com o desmentir do texto, é notável que o autor o estrutura disposto em parágrafos como lógicos: um por jogo em boa parte. Dá os detalhes de cada confronto, como na vitória por 6 a 0 contra Sérvia e Montenegro. As comparações são outra possibilidade, num jogo que entrou para a história: "como o baile de debutante de Messi. Entrou aos 29 minutos do segundo tempo no lugar de Maxi Rodríguez. A tática barulhosa uma barbearia com seu rosto e a transmissão encorrou Diego Maradona comemorando nas tribunas". Nota-se a prevalência dos recursos fáticos, nestes momentos.</p> <p>Sem a pretensão de abordar absolutamente todos os jogos relatados ao longo do texto, vale ressaltar alguns trechos específicos. Ao longo de toda uma das reticências, valendo as campanhas, Bonarski faz o jogo a jogo, dá a descrição das lances determinantes, mas também destaca a figura de Messi, com os lances dos quais participou. Entrem em questão os contextos dos jogos em cada mundial, as trocas nas escalações feitas pelos treinadores e, inclusive, quando o jogador é substituído. E, sobretudo um esforço de captura das minúcias nas participações do antigo camisa 10.</p> <p>Importante notar que a caracterização dos relatos da Triveia, com espaço a interpretações mais pessoais, adjectivações, figuras de linguagem e outras formas de representar os jogos tomam forma. Inclusive, as descrições técnicas são contadas, sempre priorizando o olhar sobre Messi. Ainda na Copa de 2006, Bonarski relembra as oitavas, quando os argentinos enfrentaram os mexicanos: "Ali terminou a Copa de Messi, e os argentinos se perguntaram por que ele não entrou contra a Alemanha nas quartas de final. Não há a única decisão curiosa de Pekerman". São utilizados também, ao longo dos trechos sobre as Copas, entrevistas de jogadores profissionais do jogador, desde colegas até técnicos, em emissoras especialmente da Argentina ou do exterior, em anos variados.</p> <p>No segundo dos mundiais com Messi no elenco, na África do Sul, em 2010 – sem nenhum gol, com uma assistência, parando mais uma vez nas quartas de final. Considerando mais uma vez o olhar sobre o jovem e promissor craque albiceleste, Bonarski argumenta que, na primeira Copa realizada no continente Africano, a Argentina teve uma longa lista de "candidatos a novo Maradona, e em 2010 estava concorrendo a ficar claro que Messi era o que tinha a melhor chance de chegar lá. Do ponto de vista histórico, a União entre ambos para a Copa do Mundo da África do Sul foi um momento relevante".</p> <p>A construção do texto também acabou segue a estrutura do relato sobre a Copa anterior: usando os parágrafos como referência, comenta sobre: de que forma se distribuiu a formação e quais as mudanças em relação ao time de Pekerman. Curioso notar a colocação de uma expressão lírica do universo futebolístico para se referir a Javier Mascherano, "tradicionalmente carregando dois planos nas costas", em uma figura de linguagem para ilustrar o trabalho na marcaoção que vive sobrelavado. Depois das escalações, há espaço para falar do técnico. Na avaliação de Bonarski, "Maradona não era técnico de futebol". Mencionando experiências anteriores, o autor descreve o que o título "nem tinha o perfil, conhecido e amado pelo seu comportamento errático, por ser um especialista em destruir sistemas físicos, não em montá-los". Então, o relato segue para uma série de resultados obtidos à época do comando de Diego, rotando, até, os recursos fáticos mais evidentes, desde a estreia em 2008 até a classificação ao mundial.</p> <p>Por fim, há comentários que ajudam a compreender o panorama da África: Messi era uma promessa explosiva em 2006, e a bomba havia sido detonada quando chegou o torneio sul-africano". Desde a saída de desempenho no Barcelona de Guardiola, com a conquista de uma Tríplice Coroa, além de uma temporada espetacular, em que venceu a Bola de Ouro, a crítica escudada pelo autor é a de que o talento de Messi estava em uma crescente. O contraste, no entanto, logo no parágrafo seguinte: "Maradona conseguiu um feito: Messi como camisa 10, no centro do seu sistema ofensivo, não fez um gol e deu apenas uma assistência em cinco jogos completos na Copa do Mundo".</p> <p>A campanha na África do Sul segue a mesma composição da disputada na Alemanha: passa pelo jogo a jogo detendo-se aos lances determinantes, gols e envolvimento, com a minúcia. É uma demonstração clara do uso de recursos fáticos, comuns em relatos jornalísticos, mesmo aqueles distantes do universo esportivo. Os parágrafos, geralmente, se referem a cada um dos jogos como partes de um bloco de texto. Em 2010, então, a campanha se encerrava contra os alemães, nas oitavas. Bonarski descreve um lance decisivo da derrota da seguinte forma:</p> <p>"Aos 28 minutos, Schweinsteiger fez um camaval pelo lado esquerdo da defesa sul-americana e rolou para Ame Friedrich marcar o terceiro. Em contra-ataque, Messi foi cruzado da esquerda para Kliese fechar o gol e encerrar a experiência de Maradona como técnico da Argentina. E a primeira chance de Messi conquistar a Copa do Mundo como líder da seleção".</p> <p>Então, a terceira chance veio na Copa no Brasil, em 2014, quando Messi fez sete jogos, com quatro gols marcados e uma assistência, perdendo a final. A opção de Bonarski, neste momento da narrativa, era propor uma visão mais ampla sobre as temporadas e o status adquirido por Messi: "Se era o melhor do mundo na África do Sul, Messi chegou ao Brasil com status de lenda. Ao longo do ciclo, fez temporadas de 53, 73, 60 e 41 gols, e a pior delas imediatamente antes da Copa do Mundo, sob o comando do seu compatriota Gerardo Martino". Mais uma vez, os sentidos de mai são propostos por meio do uso de recursos que recorrem às estatísticas, empilhando-se troféus conquistados e conquistados, e em que cada situação dessa transformação o patamar da seleção argentina. Mesmo os campeonatos não conquistados, como a Copa América de 2011, adiada para a próxima Argentina, é um momento sobre o qual o autor indica um fragmento da relação da torcida com o camisa 10: "Foi um torneio em que se batia bastante no contraste entre: Tevez, que seria mais identificado com o novo argentino, e Messi, que deixou o país láido cedo".</p> <p>Do sistema tático proposto pelo treinador Alejandro Sabella, com suas vantagens e desvantagens, até uma descrição da escalação com mais detalhes. Este foi o momento em que, opina o autor, "antes do Catar, foi facilmente a melhor Copa do Mundo de Messi, até contrariar-se frente o Bola de Ouro, após a derrota para a Alemanha na final do Maracanã". No jogo a jogo, mais uma vez, em uma sequência que vai se repetindo usual em cada uma das reticências, o autor em o suporte dos vídeos dos principais lances sobre os quais foca seus comentários. Passando por Bósnia Herzegovina, Iê e Nigéria na fase de grupos: "Messi chegou às oitavas de final fazendo sua melhor Copa do Mundo. A mais decisiva. As três vitórias haviam passado pelos seus pés, em parte salvando as partidas fracas da Argentina". Nos mais matas, a albiceleste superou a Suíça nas oitavas, a Bélgica nas quartas, a Holanda nas semifinais, até que enfrentou os germânicos e deixar a tuga escapar.</p> <p>No trecho do texto em que se fala sobre a Copa da Rússia, em 2018 – da qual a reticência relembra, Messi saiu com quatro partidas disputadas, um gol e duas assistências, tendo o percurso interrompido nas oitavas de final. Como se cada início de reticência representasse uma nova metanarrativa, Bonarski destaca, diante da "bagunça" na seleção argentina, a falha do camisa 10 logo de saída: "Me não foi ser campeão como a Argentina. Eu tentei muito, é incrível, mas não deu. Acabou para mim a seleção". As palavras de Lionel Messi caíram como uma bomba depois da segunda derrota para a Chile na final da Copa América".</p> <p>As coberturas e a apertadíssima presença da seleção na narrativa neste momento, ainda que sigam estrutura semelhante às demais reticências. A troca de comando de Alejandro Sabella por Tata Martino e depois Edgardo Bauza. A desistência de Messi em abandonar a albiceleste. Há, então, um momento em que Bonarski destaca a importância, que [...] serviu a um propósito: o dor explícita no rosto de Messi nas três finais consecutivas que foram perdidas e a angústia tão profunda que o levou a uma decisão impetuosa finalmente convenceram o grosso da opinião pública da Argentina que ele era, sim, tão comprometido com a seleção quanto qualquer outro jogador argentino. Quem acredita na trajetória do herói também poderia imaginar que, depois de bater no fundo do poço, a redefinição na Copa do Mundo da Rússia seria óbvia, até porque, finalmente a seleção seria treinada por um técnico de alta qualidade".</p> <p>Depois de apontar a saída de Bauza e a chegada de Sampaoli, Bonarski recorre ao retrospecto do treinador e aos resultados obtidos para sustentar o relato. A classificação à Copa da Rússia, classificada pelo jornalista como "aos trancos e barrancos", em desempenho que, para o autor, "foi um desastre, com rumores de um rolê de jogadores que foi alimentado por insinuos de Javier Mascherano apertadamente ajudando Sampaoli a escalar o time". Tem espaço, mais uma vez, uma estrutura semelhante: trocas no time; jogo na Copa, dessa vez empilhando com a labrada, sendo derrotado pela Croácia – que "passou por cima, venceu por 3 a 0 e deixou a Argentina com as costas na parede", em uma representação da pressão, além da Nigéria, na fase de grupos.</p> <p>Antes do duelo contra os africanos, o autor constrói um ambiente de tensão e expectativa: "Messi não estava fazendo uma boa Copa do Mundo. Nunca perdeu nenhum jogo contra a Islândia e desequilibrou contra a Croácia. Até final na bola, mas participou da construção e da finalização das jogadas. Sumiu. A vitória contra a Nigéria era obrigatória". E veio, com vitória. Mas o quadro não era simples, e foi nessas condições que Bonarski encerrou o texto: "O problema, porém, de ser fixado em segundo lugar no grupo era um cruzamento precoce com a França nas oitavas de final". E assim, com um 4 a 3 para os europeus, foi "tão decisiva para salvar a quarta participação de Messi na Copa do Mundo".</p>																				
32	14/08	16/12	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonarski	Como foram as outras quatro vezes em que Messi tentou conquistar a Copa do Mundo			Final		Referência à "última dança de Messi" antes da decisão no Catar contra a França, destacando o ciclo mundialista do camisa 10, entre altos e baixos. Passa-se pelas disputas na Alemanha (2006), África do Sul (2010), Brasil (2014) e Rússia (2018), com períodos e construções semelhantes: estatísticas individuais, na Copa, em clubes, com os fatos destacadas. Na Argentina, em sentido amplo, fala-se de treinadores, escalações e formações, desempenho de Messi, dos contextos que cercavam a albiceleste à época das disputas dos Mundiais. Então, os relatos partem para um jogo a jogo com os principais lances e seus envolvimento.	D o autor constrói um longo texto de história, passando detalhadamente pelo desempenho da seleção argentina com Messi antes as Copas de 2006 e 2018. A proposta é uma visão panorâmica e contextual de tudo que o camisa 10 enfrentou em mundiais. É, então, a construção de uma representação do jogador, entre altos e baixos, com a chance de finalmente conquistar o título com o qual mais sonhou	O enredo-intriga é desenvolvido pela trajetória de Messi em Copas de muitas frustrações e boas atuações; com histórico brilhante em clubes, mas contestado com a camisa albiceleste. A presente, com todos as informações do jogador, em sentido amplo, fala-se de treinadores, escalações e formações, desempenho de Messi, dos contextos que cercavam a albiceleste à época das disputas dos Mundiais. Então, os relatos partem para um jogo a jogo com os principais lances e seus envolvimento.	Neste texto, diferentemente de outros momentos, o protagonista veste todas as trocas possíveis: é herói, mas também vilão, tem decepções e momentos em que se ouve, outras situações em que a frustração é evidente, e algumas em que a perspectiva se cria. Os perfis, por ser um histórico extenso, são variados, assim como os pontos de vista presentes ao longo de toda a narrativa	D o protagonista é Messi. Todos os temas, entre treinadores e colegas de seleção, são coadjuvantes	D entro/fora de campo	D o protagonista é Messi. Todos os temas, entre treinadores e colegas de seleção, são coadjuvantes	D efinição de campo				Referência à "última dança de Messi" antes da decisão no Catar contra a França, destacando o ciclo mundialista do camisa 10, entre altos e baixos. Passa-se pelas disputas na Alemanha (2006), África do Sul (2010), Brasil (2014) e Rússia (2018), com períodos e construções semelhantes: estatísticas individuais, na Copa, em clubes, com os fatos destacadas. Na Argentina, em sentido amplo, fala-se de treinadores, escalações e formações, desempenho de Messi, dos contextos que cercavam a albiceleste à época das disputas dos Mundiais. Então, os relatos partem para um jogo a jogo com os principais lances e seus envolvimento.	D o texto é construído em sua maioria a partir de recursos fáticos por promover períodos e construções semelhantes: estatísticas individuais, na Copa, em clubes, com os fatos destacadas. Na Argentina, em sentido amplo, fala-se de treinadores, escalações e formações, desempenho de Messi, dos contextos que cercavam a albiceleste à época das disputas dos Mundiais. Então, os relatos partem para um jogo a jogo com os principais lances e seus envolvimento.	Contudo, junto com as descrições, há muitas avaliações e juízos próprios pelo autor sobre a contextualização dos momentos de instabilidade da seleção argentina. Em diversos momentos aparecem expressões características do universo esportivo/futebolístico, com elementos que indicam avanço e retorno temporais usados com muita frequência	Herói/m/ Violença	Superação/ Decepção	Expectativa/ Frustração

IDENTIFICAÇÃO				EXPRESSIONÃO							ESTÓRIA				METANARRATIVA				
#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	RESUMO-SÍNTESE	EPISÓDIO	MICROEVENTOS	NOMEAÇÃO DO EPISÓDIO	ENREDO-INTRIGA	CONFLITO/VRADA	CENÁRIO	PERSONAGENS	CONTEÚDO/ UN. NUCLEARES	RECURSOS FÁTICOS	RECURSOS FICTÍCIOS	HEROÍSMO/ VILANIA	SUPERAÇÃO/ DECEPÇÃO	EXPECTATIVA/ FRUSTRAÇÃO
33	14/08	18/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Shevchenko: "Messi é um dos melhores de todos os tempos, junto a Maradona e Pelé. Merece uma Copa do Mundo"	<p>Felipe Lobo e o autor do texto, que explora uma repercussão que antecede a decisão da Copa, entre Argentina e França. Sobre tudo, por conta de ser a opinião de um grande jogador, o ucraniano, Andriy Shevchenko, sobre Messi. É uma estratégia recorrente nos conteúdos da Trivela: quando as coisas são usadas logo no título, é uma indicação de que boa parte do que se segue se baseia nas falas de um entrevistado. A opção, já destacada pela escolha do que intitulou a matéria, é por aproximar Messi de um panteão dos maiores nomes da história do futebol, que conquistaram o troféu do mundial: Pelé e Maradona. Na linha fina, um suporte secundário a Mbappé, referência técnica da adversária europeia.</p> <p>Vale ressaltar que, como em outros momentos de repercussão, o conteúdo da Trivela se baseia em uma entrevista concedida à Sky Sports. Materiais assim são parte da agenda esportiva, que, quando não trata dos jogos propriamente, tem toda uma estrutura prévia e posterior: entrevistas pré-jogo, coletivas, entre outras formas de relatar o que envolve o universo esportivo. Esses recursos acabam por enquadrar a pauta, criando expectativa e mantendo o assunto em projeção para o público leitor. É o caso deste conteúdo, que se emprega na figura de um grande jogador para falar em um momento de relevância esportiva.</p> <p>Antes de introduzir as falas, de maneira mais direta, o autor inicia o texto fazendo uma espécie de introdução de Shevchenko, ao ressaltar seu currículo, sobretudo com recursos fáticos, remetendo-se a lugares por onde o atacante passou. Algo que pode ser percebido nestes trechos: Andriy Shevchenko foi um dos grandes atacantes da sua geração. Nasceu ainda na época da União Soviética, mais se tornaria uma endea da Ucrânia e, especialmente, do Dynamo Kiev e do Milan. Foi história por esses dois clubes e ganhou seu espaço no panteão dos traques na memória dos torcedores. Se tornou técnico e dirigiu a seleção ucraniana de 2016 a 2021. Dirigiu o time na Eurocopa de 2020 e agora assiste à Copa do Mundo, enquanto se preocupa com o seu país, em guerra com a Rússia. Ele comentou do badalado duelo entre Lionel Messi e Kylian Mbappé. A menção à guerra é um tópico que, apesar de estar desconectado do sentido meramente futebolístico, é contextual, pela tensão geopolítica causada.</p> <p>Antes das reticências, que também utilizam aspas do jogador ucraniano para se sustentar, há um parágrafo para a interpretação do atleta sobre cada seleção. Ressalta-se, por um lado, a liderança e simbolismo de Messi para a Argentina, para quem Shevchenko destaca que merece uma Copa do Mundo", e por outro, a emergência de Mbappé com uma forte seleção francesa. O conteúdo segue com mais avaliações do ídolo ucraniano: sobre Harry Kane e a Inglaterra – provavelmente por conta de a emissora ser britânica, e também sobre a repercussão da guerra com a Rússia em seu país. A finalização do texto se dá com a informação de que, para além de acompanhar o torneio, o atacante ucraniano aproveita a viagem para se reunir com lideranças políticas para buscar apoio. Neste sentido, as considerações do autor do texto são apenas como forma de introduzir as aspas, sem tanto espaço à interpretação.</p>	<p>Jogo como narrativa mínima</p> <p>Função na construção de significações</p> <p>Sequências e encadeamento</p> <p>Heróis/mvilania: superação/decepção, expectativa/frustração</p> <p>Dentro/fora de campo</p> <p>Protagonista/coadjuvante</p>	<p>Introdução da carreira de Shevchenko, breve menção ao comentário do jogador sobre Messi e Mbappé. Falas do ídolo ucraniano aos camisas 10 e às respectivas seleções. Interpretação de Sheva sobre a atuação da seleção inglesa e à oscilação de Harry Kane, e também ao enfrentamento da guerra contra a Rússia pela população ucraniana</p> <p>O texto é informativo e de repercussão, portanto explora as falas de um jogador representativo sobre a final da Copa do Mundo e seus principais nomes. O significado proposto pelo autor é mais simples, por conta de aplicar-se no uso judicioso de aspas e na relevância da personalidade que se fornece. O conteúdo tem base em uma entrevista a uma emissora internacional, o que restringe o posicionamento mais interpretativo de Lobo</p> <p>O enredo-intriga desta matéria é um tanto difuso. O autor, no entanto, prioriza os envolvidos na final, dando um peso maior à proximidade de Messi com o panteão daqueles que conquistaram o mundial – porque é a última chance, diferentemente de Mbappé, que foi colocado apenas na linha fina e no corpo do texto. O ardo se encadeia a partir das reticências que dão dimensão à variedade dos assuntos abordados na entrevista, sem que se siga uma linearidade como boa parte dos outros relatos produzidos exclusivamente pela Trivela</p> <p>O enredo de conflito se dá na interpretação sobre a final que está por vir, manifestando-se de forma indireta, portanto, a partir da expectativa de heroísmo, de quem vai assumir o protagonismo e se superar na conquista da vaga</p> <p>Fora de campo</p> <p>O protagonista é quem concede a entrevista: Andriy Shevchenko, com Messi, Mbappé e Kane como coadjuvantes</p>	<p>Ordem da narração e traços de composição do texto</p> <p>Dílicos situando espaço e lugar, dados utilizados</p> <p>Introdução da carreira de Shevchenko, breve menção ao comentário do jogador sobre Messi e Mbappé. Falas do ídolo ucraniano aos camisas 10 e às respectivas seleções. Interpretação de Sheva sobre a atuação da seleção inglesa e à oscilação de Harry Kane, e também ao enfrentamento da guerra contra a Rússia pela população ucraniana</p> <p>De recursos fáticos são o que constitui o texto, porque o autor usa uma entrevista concedida à Sky Sports para orientar a produção. Em linhas gerais, as interações propostas pelo autor foram mais como introduções às declarações do jogador do que propriamente uma análise ou interpretação particular</p>	<p>São poucas as manifestações mais claras de recursos de linguagem fáticos, uma vez que o relato se ampara em falas de um entrevistado, e se apóia na factualidade do que ele declarações do jogador do que propriamente uma análise ou interpretação particular</p>	<p>Heroísmo</p> <p>Superação</p> <p>Expectativa</p>								

IDENTIFICAÇÃO				EXPRESSÃO	ESTÓRIA	ESTÓRIA	METANARRATIVA														
#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	RESUMO-SÍNTese	ESTÓRIA	EPISÓDIO	MICROEVENTOS	NOMEAÇÃO DO EPISÓDIO	ENREDO-INTRIGA	CONFLITO/VRADA	CENÁRIO	PERSONAGENS	CONTEÚDO UN. NUCLEARES	RECURSOS FÁTICOS	RECURSOS FICTÍCIOS	HERÓISMO/VILANIA	SUPERAÇÃO/DECEPÇÃO	EXPECTATIVA/FRUSTRAÇÃO	
						Na sequência, aparece um texto com recortes de crônica e análise, construído de maneira interpretativa por Bruno Bonarski: "O interior que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina". A condição proposta na chamada parece pouco para o que o texto entrega, em um estereótipo relata sobre a trajetória de Scalonni que, realmente, como indicado, entrou para a história do futebol argentino. De certa maneira, essas considerações são reforçadas pela linha fina, quando o autor aponta que, por muito tempo, "Scalonni parecia estar sempre esquentando o banco à espera de um nome mais forte, mas, com humildade e pé no chão, conseguiu entrelaçar a Argentina e que historicas mais verdadeiras não haviam feito, conquistas muitas para Messi e companhia brilhar".		Jogo como narrativa mínima	Função na construção de significações	Sequências e encadeamento	Heróis/vilania; superação/decepção; expectativa/frustração	Centro/fora de campo	Protagonista/coadjuvante			Ordem da narração e traços de composição do texto	Díalitos situando espaço e lugar, dados utilizados	Flashes de linguagem, análise, prolepe, lítico			
34	4/08	16/12	Argentina/Copa do Mundo	Bruno Bonarski	Scalonni: o interior que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina	<p>A região de partida do texto é a condição da seleção argentina em um ano determinante 2019, quando, nas colocações do autor, "parada abandonada". A construção se dá pelo recurso da análise: remontando o passado, La Selección disputava a Copa América no Brasil com uma comissão técnica "insuperável e provida". O maior craque do time, Lionel Messi, "nunca parou de lutar, mesmo entre alguns recrudescidos de longa data, como Sergio Agüero e Ángel Di María". O autor utiliza como necessária uma "reologia dramática para a Argentina chegar ao Catar com uma das candidatas ao título". Quando se refere ao camisa 10, argumenta que, à época: "Nunca pareceu tão distante de condições reais de conquistar a Copa do Mundo. Havía passado os 30 anos, não havia um simulacro de trabalho coletivo em vigor, ninguém sabia qual era o plano ou sequer se existia um, e o desastre na Rússia sob o comando de Jorge Sampaoli havia deixado cicatrizes profundas".</p> <p>Depois dessa espécie de prólogo, o comentário versa sobre "idéias ponderadas e coerentes" que sustentam a condução de um ciclo de Copa do Mundo, entre as quais a escolha de um bom técnico. O bom figurativo proposto pelo autor, então, começa a tomar forma, quando inscreve que: "o futebol, porém, às vezes dá risada da nossa cara, e basta que a pessoa certa esteja no lugar certo na hora certa. Foi o que aconteceu com a Argentina, e Lionel Scalonni não tem nada a ver com a condução bagunçada dos bastidores". Classificado como "treinador do improável", Scalonni tem colocação em termos de si uma aura daquele que não foi escolhido, mas que, de qualquer forma, respondeu pela primeira conquista de Copa em 36 anos. No entanto, a ponderação atravessa mesmo as escolhas da federação argentina, com a aquisição para definir a dimensão do torneio para outro Lionel, o de Rosário: "No fim, não estávamos tão errados porque foi necessário um bom trabalho, feito pelo técnico. Mas a AFA não pode dizer que sabia o que estava fazendo quando o colocou no comando do grande senhor de Messi".</p> <p>Depois, Bonarski volta ainda mais no tempo. Fala de uma retrospectiva quando, desde 2014, desenhou-se a "trajetória da seleção bicampeã mundial". Ao enfatizar nomes de célebres treinadores da safra albiceleste em clubes, o autor pondera que ao mesmo tempo em que seria necessário se submeter às ordens da federação do país, o futebol de seleções acaba não sendo a prioridade de treinadores da elite. O avanço temporal se dá por meio dos parágrafos. Indo até 2016, o jornalista se apoia no estereótipo para construir o relato, falando sobre o estado de espírito do time depois da derrota para a França nos oitavas, de desleixo: "Desleixo porque não parecia haver uma solução, se tem o técnico mais próximo do melhor que eles poderiam constatar havia dado certo".</p> <p>Lionel Scalonni, só então, passa a integrar o relato. Com suporte de muitas informações de base, Bonarski atravessa a participação do treinador desde o time sub-20, enfatizando nomes que o influenciaram e deram apoio. Mesmo a contragosto da federação, que tinha Mauricio Pochettino como preferido, o autor descreve que "a ideia era que Scalonni apenas em 2018, com mais dicas de amigos". Depois, conduziu a Copa América, sempre com a sensação de que estava esquentando o banco de reservas para um nome mais forte que "trajetória a qualquer momento". Assim, constatou-se a impressão de que Scalonni sempre foi um provisório, um técnico para "pagar buraco". O texto, então, volta mais uma vez no tempo, mas vai ainda mais longe, para falar da carreira de Scalonni dentro das categorias. Seus apontamentos podem ser percebidos quando, além dos clubes, Bonarski destaca atributos do tempo de jogador do ex-camisa 10. Garante suporte usando entrevista concedida pelo treinador e referenda o argumento com elementos fáticos, como os números. Essa citação é rotável no trecho a seguir:</p> <p>Natural de Santa Fé, Scalonni começou a carreira no Newell's Old Boys e passou pelo Estudiantes antes de chegar à Europa para defender o Deportivo La Coruña. Era um meio-campista defensivo ou lateral direito difícil de ser driblado que sempre jogava com muita determinação. Passou oito temporadas e meia no La Coruña, com uma participação preferida no título espanhol de 1999/2000. Em 2001/02, fez apenas uma partida na campanha vitoriosa na Copa do Rei. A final contra o Real Madrid. Foi o clube da sua vida, o qual defendeu 275 vezes e que tem o sonho de um dia comandar, quando sua carreira chegou a se afastar do futebol de seleções. "Vou treinar". Tenho isso muito claro. Foi minha segunda casa. Quem o Deopor, não teria sido sequer 10% do que sou", disse, em entrevista à rádio espanhola Cadena Cuatro durante o Mundial".</p> <p>Curiosamente, a narrativa composta por Bonarski destaca que a trajetória de Scalonni enquanto atleta servindo a seleção foi curta: "Fez apenas sete jogos entre 2003 e 2006. E até curioso que estivesse no radar de Pekerman para a Copa do Mundo da Alemanha". As explicações feitas exploram as opções de elenco que fizeram com que comandantes da albiceleste preferissem o meio. As explicações para o texto, assim, são orientadas também por declarações do próprio jogador no texto, mas não apenas.</p> <p>O narrador atravessa a carreira de Scalonni e, em dado momento, referindo-se à idade, 28 anos, pontua: "quando a Argentina foi eliminada da Copa do Mundo nos penáltis, mas a sua carreira ainda estava longe do fim, embora nunca mais tenha decolado". De fato, ao longo de alguns parágrafos, a opção de Bonarski é por destacar o papel de jogador por clubes, e o produtor de clubes, quando a "trajetória de Scalonni a nova carreira foi rápida. Em outubro de 2016, foi incorporado à comissão técnica de Sampaoli no Sevilla, como auxiliar técnico e analista, e o incorporou à seleção argentina em seu primeiro".</p> <p>Então os episódios mencionados pelo autor do texto, envolvendo Scalonni, se dá em uma "câmbio vésia da Argentina à Rússia, onde houve grandes momentos de jogadores e assistentes de que se acabou de Sampaoli passando para Scalonni".</p> <p>Então se costuma a partir de informações que circulavam nos bastidores da seleção argentina, incluindo uma imagem de Mascherano jogando e treinando, além de mensagens de jogadores por clubes, e o produtor de clubes, quando a "trajetória de Scalonni a nova carreira foi rápida. Em outubro de 2016, foi incorporado à comissão técnica de Sampaoli no Sevilla, como auxiliar técnico e analista, e o incorporou à seleção argentina em seu primeiro".</p> <p>Então, percebe-se: houve contextualização da seleção. Houve espaço para relatar algo a respeito da carreira como jogador de Scalonni. Também na seleção. Os problemas enfrentados por ele quando o treinador ainda não tinha o comando do vestiário. E, neste momento que Bonarski também demonstra um conhecimento construído sobre as alterações promovidas justamente a partir do período que inicia o relato: 2018, na época da realização da Copa América, com a convocação de alguns medalistas e outras várias novidades. A partir de então, vai se firmando uma representação da importância do papel do treinador – que avançou até o último capítulo: "Essa foi a minha primeira experiência importante que Scalonni conduziu porque começou a ganhar talentos que se tornaram importantes durante os próximos quatro anos".</p> <p>O espaço, na sequência, oscila entre declarações que referendam posições do autor do texto e posicionamentos mais interpretativos e particulares, em caráter analítico. Mesmo o discurso do treinador entra em questão por opção do jornalista, que argumenta: "todas o discurso pé no chão que não mudaria nem em meio a uma longa sequência de inevitabilidade ou de conquistas importantes", dando espaço a uma fala dele logo em seguida. A mescla entre o que ficava apertado com os resultados e a visão adelantada dos resultados – com a Copa como principal reflexo, ajudam Bonarski a compor colocações como aquela em que diz: "E foi o que se viu mesmo: a Argentina fez um jogo honroso contra o Brasil no semifinal, mas, ao fim de um torneio físico, a distância para o grande rival não foi animadora". Continua, buscando o comandante para a conversa: "Havia ficado claro que aquele time ainda estava muito longe do necessário para ser um candidato sério à Copa do Mundo. Mais seguro no cargo, Scalonni arrapagou as margens e foi ao trabalho". O relato de Bonarski é justificado logo depois, quando ressalta a proximidade de Scalonni com nomes lendários do futebol argentino, como José Pékerman, quando "teve uma plataforma para o talento florentino", tanto de Messi quanto de outros atletas. O viés interpretativo se torna evidente em trechos como o que se segue: "Existe um limite à influência de um técnico de seleções na qualificação do seu elenco. Em última instância, ele depende do material humano disponível. O que pode fazer e estar aberto a integrar novos nomes e fazê-lo de uma maneira segura".</p> <p>Mais uma vez, Bonarski utiliza o vácuo temporal para compor o relato. Se volta, mais uma vez, ao contexto conturbado da Copa da Rússia em 2018, quando o ambiente "havia ficado muito pesado". Como por mágica, com a conquista da Copa América sob o comando de Scalonni em 2021, mesmo o camisa 10 continua a jogar com mais leveza. Na opinião do jornalista: "Parece haver uma missão coletiva clara de correr por ele em troca do que pode fazer com a bola nos pés, uma harmonia entre diferentes papéis e responsabilidades, algo destacável sobretudo no futebol de seleções, que, para ele, "não permite ideias tão sofisticadas, pelas limitações do trabalho". Como que numa aliteração, o autor enfatiza, então, os títulos conquistados depois que o comando foi aberto: "No caso da Argentina, levou-se ao seu primeiro título em 28 anos e a uma sequência recorde ao país de 36 jogos de inevitabilidade, além de uma vitória marcante sobre a Itália na Finalíssima entre os campeões da Europa e a América do Sul em Wembley".</p> <p>Entretanto – a outros veículos, vale ressaltar – no entanto, não são só as de Scalonni. Jogadores como De Paul também são convocados a referendar o treinador. Então, mais uma vez, o texto muda de direção com a troca de parágrafo. Passa a enumerar o plano de fundo em que a Argentina esteve até a chegada à Copa do Catar, com uma série invicta de 36 partidas. A referência aos números, que conferem um espaço ao sentido fático do relato, aparecem quando Bonarski afirma:</p> <p>A chegada sobre os Emirados Árabes, em amistoso uma semana antes da estreia, foi a 50ª partida de Scalonni à frente da seleção, com 33 vitórias, 13 empates e apenas quatro derrotas. 98 gols a favor e 27 contra. Foram 98 jogadas marcadas ao longo do ciclo, segundo levantamento da El Gráfico. Messi, com 26 gols, foi o artilheiro da era Scalonni pre-Copa do Mundo, seguido por Lautaro Martínez, com 21. O craque do Paris Saint-Germain também lidera a tabela de assistências, com 10, a frente de Lo Celso, com nove, e De Paul, com sete. Um panorama bem claro do que foi o trabalho de Scalonni rumo ao Catar".</p> <p>Só então o autor do texto entra na campanha do Catar propriamente dita. Nota-se, com isso, uma condição relevante nos relatos da Trivela. Há, em diversos momentos, uma disposição analítica clara. Também, uma construção narrativa alçada na imprensa tradicional, porque explora condições prévias, panorama histórico, recorre às carreiras das personagens em questão e oferece pontos de vista íntimos e particulares. Há, também, espaços – voluntários ou não – em que existe uma autorreferência: alguns dos argumentos aparecem, reiterados, em textos diferentes, e que dá unidade a narrativa integral na cobertura da Copa. Um exemplo se dá na avaliação do autor de que o "natural" em composições como a mundial "que os times mudem das linhas rotadas de fase finais, mas Scalonni assumiu o risco de uma permanente transformação. Um risco porque naturalmente seria culpado pela opinião pública se desse muito errado. O balanço acabou sendo positivo".</p> <p>Bonarski recorre mais de uma vez a Messi como um elemento centralizador da desordem na seleção argentina antes da chegada de Scalonni. Isso inclui uma breve apresentação do camisa 10 da seleção em 2016, quando a "for das três décadas consecutivas em Trivela foi acompanhada por críticas à organização do time nacional". O autor chega a mencionar que Messi parecia "não aguentar mais", mas que logo o ambiente mudou, depois de muitas tentativas. Para arrematar essa situação, mais uma vez recorre a uma entrevista pré-jogo de Messi dentro da própria Copa.</p>	Contexto da seleção argentina em 2019, desorganização do time, falta de condições para Messi jogar, cicatrizes deixadas pela Copa na Rússia.	O texto em perspectiva analítica, quase como que em uma crônica. O autor compõe uma narrativa extensa e complexa, recorre a histórias da carreira do treinador em clubes e seleções, também no banco de reservas. Aponta para o panorama da seleção argentina quando ainda era jogador; história também na seleção; apontamentos até a aposentadoria e o começo de carreira como treinador. Ambientes, lúpus e aprendizados da Copa de 2018, início da renovação do time a partir de 2016, discurso e declarações que referendam suas escolhas; influência de outros treinadores e alterações no time, em uma missão coletiva para conquistar o mundial. Histórico de inevitabilidade e conquistas neste período; elogios dos jogadores à comissão técnica. Contexto da chegada à Copa do Catar; começo da campanha. Avaliação de propor muitas mudanças, com balanço positivo. Recorre relacionando a bagunça da seleção a Messi, que se distanciou por um tempo. Indicação dos méritos de Scalonni, apesar da inexistência, a serem ainda mais ressaltados após a probabilidade de conquista na final contra a França.	O conflito e a virada da narrativa se sustentam a partir do enredo-intriga, quando Scalonni passa a ser o menos lembrado, mas, entre os treinadores, o que chega mais longe e brilha o primeiro. Injustiças comandantes que argumentam a falta da Copa do Mundo. Permissão à ideia que na narrativa aparece-se em tons tristes e barrancos, a figura de herói também por conta do improável – que supera as dificuldades e – à época – aparece para citar a expectativa de conquista	Centro/fora de campo	O protagonista é Lionel Scalonni	Conteúdo da seleção argentina em 2019; desorganização do time, falta de condições para Messi jogar; cicatrizes deixadas pela Copa na Rússia. Necessidade de escolha de uma comissão técnica e colocação de Scalonni de forma provisória; resultados até a possibilidade de conquista do mundial. Retrospectiva à Copa de 2014, quando o ambiente começou a vir, e em 2018, mencionando nomes que não se encontraram. Retrospectiva da carreira do treinador quando ainda era jogador; história também na seleção; temporadas até a aposentadoria e o começo de carreira como treinador. Ambientes, lúpus e aprendizados da Copa de 2018, início da renovação do time a partir de 2016; discurso e declarações que referendam suas escolhas; influência de outros treinadores e alterações no time, em uma missão coletiva para conquistar o mundial. Histórico de inevitabilidade e conquistas neste período; elogios dos jogadores à comissão técnica. Contexto da chegada à Copa do Catar; começo da campanha. Avaliação de propor muitas mudanças, com balanço positivo. Recorre relacionando a bagunça da seleção a Messi, que se distanciou por um tempo. Indicação dos méritos de Scalonni, apesar da inexistência, a serem ainda mais ressaltados após a probabilidade de conquista na final contra a França.	O texto é adorno e faz uso de variados recursos fáticos. Especialmente nas partes em que se constata um histórico do treinador e da seleção, essas posturas se tornam ainda mais evidentes. Mesmo a parte analítica do relato é amparada por uma série de entrevistas e outras fontes	O sentido fático do texto se dá também quando Bonarski compõe suas interpretações, não porque não são verdadeiras, mas porque dão mais maleabilidade ao relato, com ênfase de relacionamento e suspense do texto. Também são rotados entre as linhas aparentemente do autor, a criação de ênfases e desleixos, com pontos de virada e, ao mesmo tempo, figuras de linguagem para representar algumas explicações	Heróismo	Superação	Expectativa				

IDENTIFICAÇÃO					EXPRESSIONO							ESTÓRIA				METANARRATIVA								
#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	RESUMO-SÍNTESE	EPISÓDIO	MICROEVENTOS	NOMEAÇÃO DO EPISÓDIO	ENREDO-INTRIGA	CONFLITO/VIRADA	CENÁRIO	PERSONAGENS	CONTEÚDO/ UN. NUCLEARES	RECURSOS FÁTICOS	RECURSOS FICTÍCIOS	HEROÍSMO/ VILANIA	SUPERAÇÃO/ DECEPÇÃO	EXPECTATIVA/ FRUSTRAÇÃO					
						Materiais de repercussão se mostram como os mais "habituais" em relação às produções da imprensa esportiva em geral. Não são, necessariamente, o que diferencia a Trivela em relação a outros veículos jornalísticos esportivos. Ainda assim, compõem um fragmento relevante da narrativa integral da cobertura, pois além de representarem parte da agenda cotidiana, acabam por aparecer em número considerável quantitativamente. Neste caso, a opção do autor, em um relato mais curto, é qualificar declarações do treinador. A dimensão fática é disposta pela escolha de qual fato ressaltar, aquela que torna a partida um momento "para a história". Como já se mencionou, repete-se o que se vê em outras matérias: com a linha fina representando um resumo do que acontecerá no corpo do texto, tendo no título uma espécie de chamazão.																		
35	14/08	17/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Lionel Scaloni: "Temos que levantar destes momentos porque é uma partida para a história"	Uma característica que se apresenta mais de uma vez na construção empreendida pelo autor – e que se repete neste caso – é a de um parágrafo introdutório em que se permite uma presença mais marcada das escolhas do narrador, em uma estratégia que varia entre o efeito de real e o efeito estético, atravessando o caminho da observação. É perceptível pela frase que abre a matéria: "Chegar a uma final disputada por Argentina não é fácil". É esta, então, uma oposição entre a inesperienza de Scaloni, interno, em relação aos técnicos anteriores de La Selección: "O técnico Lionel Scaloni, o mais jovem técnico da Copa do Mundo de 2022, com 44 anos, mostrou ênfase ao falar sobre este momento. Os dois últimos técnicos que levaram a Argentina a finais eram experientes: Carlos Bilardo, que tinha 48 anos quando conquistou o título em 1986, 52 anos quando chegou a final de 1990 e Alejandro Sabella, que tinha 50 quando levou a Argentina a final de 2014. Scaloni se tornou o momento e o fôlego que ele tem distribuído e espera que os jogadores também desfrutem". Curioso notar que, após o parágrafo de abertura, o autor elenca frases do treinador entre aspas, mas não faz nenhuma menção a não ser colocações do tipo "afirmou", "declarou" ou "disse o treinador"; elas se bastariam por si – sobre o treinador ocupar o lugar que todo argentino gostaria de ocupar, entre o orgulho e o entusiasmo de valorizar o caminho até a final, e sobre a união do grupo de jogadores da seleção comandada por ele. Além disso, o treinador ressaltou-se origens na entrevista e destacou que o time estava no melhor nível possível para a final. É um texto simples, dos mais diretos dentro daquele formato mais seco – o informativo de repercussão, situação vista pelas escolhas empreendidas pelo autor. É justamente a declaração que está entre aspas no título que fecha o relato, não apresentando-se, como no modelo de grande inserção, logo na saída.	Final	Destaque à juventude de Scaloni em relação a treinadores argentinos das últimas copas, com menções breves a alguns técnicos tratados adiante na entrevista. Destaque das qualidades da adversária; privilégio de ocupar o lugar de treinador da Argentina; e a chance de aproveitar um momento relevante como a final da Copa; opção da competitividade e do nível do time, menção às origens da carreira e do momento da equipe	O texto é informativo, de repercussão sobre as falas do treinador antes da final do mundial. O autor se apóia quase que exclusivamente nas considerações da entrevista, na maior parte dos casos sem fazer uma mediação, apenas disposto as aspas por si só no corpo do texto	O enredo-intriga é atenuado pela corriqueza das falas ao mesmo tempo em que ganha valor quando se trata de uma entrevista cotidiana, mas em um momento chave, próximo da final da Copa. A entrevista ganha notoriedade por conta do critério-notícia, a figura do treinador de uma das seleções finalistas. Daí que o encadeamento do material seja feito a partir dos assuntos tratados por Scaloni, apenas como um relato de um evento noticioso, mas sem muito detalhamento além do que se fala	Mais uma vez, a projeção da entrevista enquanto evento noticioso acontece por conta da expectativa, da projeção de um evento que ainda irá acontecer. Daí que se crie um clima que espere o jogo, característico da imprensa esportiva, gerando apreensão daquilo que possa ocorrer – mesmo a partir dos termos escolhidos para orientar esta análise: o tedi, o ídolo, quem se supera para a glória ou decepção, e levando-se em conta a expectativa ou vem a frustração	Dentro/fora de campo	Protagonista/coadjuvante	Ordem da narrativa e traços de composição do texto	Díalitos situando espaço e lugar, dados utilizados	Como é habitual nos textos informativos de repercussão que recorem às entrevistas, os recursos fáticos ganham destaque por conta das declarações. Talvez, neste texto, essa posição seja ainda mais evidente, por conta da menor interferência do autor na construção do relato	De recursos que compõem efeitos de sentido são também amparados pelos propósitos fáticos, em especial na abertura do texto. Quando Lobo faz a discussão a juventude de Scaloni em relação a outros treinadores – usa de argumentos com base em dados para reiterar – coloca em questão uma avaliação de fundo: chegar à final de uma Copa sendo tão jovem se torna um fato considerável	Heroísmo/Vilania	Superação	Expectativa				
36	14/08	17/12	Copa do Mundo	Equipe Trivela	Dica antes da final: O excelente especial sobre as histórias de Argentina x França do Futebol Portenho	Em mais um material que envolve divulgação de uma produção que pode interessar ao público leitor, a Trivela – assinando em nome da equipe toda – recomenda um especial do Futebol Portenho, especializado em futebol argentino. Há apenas um parágrafo de abertura, além do título – em que se opta por qualificar o material como "excelente" – e da linha fina – que resume os propósitos do especial: "das partidas passadas aos jogadores que integram as duas seleções e figur". Além disso, conforme o custo material, o especial "também destaca os descendentes de franceses do Campeonato Argentino e as colônias argentinas no Campeonato Francês. Conteúdo riquíssimo que merece a leitura". Logo em seguida, há um conteúdo incorporado – justamente da página Futebol Portenho no X, artigo Twitter.	Final	Recomendação do especial, indicação dos conteúdos presentes no material do Futebol Portenho	O texto é direto e construído com a intenção simples de recomendar o especial ao público leitor da Trivela, como um material complementar	A trama de conflito e virada é atenuada por conta de a notícia se voltar à divulgação de um material parvo, mas que abarca os dois sentidos, entre as possibilidades dicotômicas do esporte	Dentro/fora de campo	Seleções de Argentina e da França	Recomendação do especial, indicação dos conteúdos presentes no material do Futebol Portenho	De recursos fáticos são essencialmente a base do texto, que recomenda um especial e indica quais conteúdos estão presentes nele, entre jogos do passado, jogadores dos dois países que conectam as ligas e as colônias	Não há espaço para recursos fáticos além da valorização do especial – possível interesse do público leitor da Trivela, e da qualificação de "excelente" pela redação da publicação	Heroísmo/Vilania	Superação/Decepção	Expectativa/Frustração						
37	15/07	18/12	Copa do Mundo	Equipe Trivela	O esquentar da final: nossos textos especiais sobre o grande França e Argentina deste domingo	Com assinatura da Equipe Trivela, um material habitual de esquentar para jogos importantes na cobertura da publicação. A indicação do título que o selecionado é de textos "especiais", em uma espécie de curiosidade na preparação para o "grande" confronto entre La Selección e Les Bleus. A intenção é preparar os leitores com prévias, segundo eles, "para você chegar afiado para este grande jogo no Catar". A estrutura se assemelha aos demais materiais com este teor: informativo, de caráter histórico por se remeter a textos de partidas já ocorridas. A construção indicativa da narrativa se dá brevemente no parágrafo de abertura: a Equipe Trivela formata um texto bem pontuado como se elencasse os principais atrativos da final da Copa, dando a dimensão do acontecimento, indicando que o leitor "pode observar a final por vários ângulos e narrativas". Entre estes, "alguns serão ficcionais do mundo. A França tem a chance de ser a primeira a vencer duas Copas consecutivas desde o Brasil de 1950-62. A Argentina, por outro lado, evitaria que seu jejum chegasse a 40 anos". Em seguida, mais um bloco de pontos altos do confronto: "É a oportunidade, a última, talvez a melhor pela bola que está jogando, de Lionel Messi igualar Diego Maradona e engrandecer ainda mais o seu legado. Um duelo entre Messi e Mbappé, que tem total condições de assumir o bastão de melhor jogador do mundo de suas mãos". Todo este prelude precede os títulos dos textos especiais. Os materiais recomendados aparecem em retâncias com os títulos respectivos e um breve resumo do que se trata. Neste caso, todos os sete textos são recentes, e parte da cobertura da própria Trivela em 2022: um deles sobre as quatro tentativas anteriores – e frustradas – de Messi conquistar a Copa; a transformação da França de Deschamps, e um jogo da conquista do tri, um sobre Scaloni, o interno que ficou e mudou a Argentina na Copa; um sobre os confrontos entre a Juventus de Platini e o Napoli de Maradona na Serie A italiana; outro sobre o camisa 10 argentino e a transferência frustrada para o Olympique de Marselhe; outro sobre o retorno de Trézeguet ao River, para título de segunda divisão argentina; e, por fim, um que também faz recomendações sobre quatro textos de arquivo da publicação que contam o Argentina x França de 2018. Há, também, um hiperlink para o podcast Trivela, que discute os desdobramentos e detalha a final.	Final	Indicação do autor sobre as variadas possibilidades trazidas pelo desfecho da final entre Argentina e França; indicação dos textos da Trivela que envolvem a cobertura da trajetória até a final	O texto é construído com possibilidade de variação narrativa especialmente pelo parágrafo de abertura, em que o autor faz projeções sobre o que pode acontecer na partida como um chamariz para que o público leitor seja atraído para a final da Copa	O enredo-intriga está na projeção do que pode acontecer na final. Daí que o texto faça recomendações se referindo às próprias produções para informar o leitor, como uma preparação para a grande decisão	A dinâmica de conflito/virada deste material em específico acontece principalmente no parágrafo de abertura, em que o autor tem a proposta de instigar o leitor na apreensão sobre a final da Copa indicando textos produzidos pela redação	Fora de campo	As seleções da final, França e Argentina, assim como seus jogadores	Indicação do autor sobre as variadas possibilidades trazidas pelo desfecho da final entre Argentina e França; indicação dos textos da Trivela que envolvem a cobertura da trajetória até a final	De recursos fáticos – apesar da disposição pelo autor com a intenção de instigar a imaginação do leitor – são, em destaque, as informações disponíveis no parágrafo de abertura. Todas elencadas, entretanto, poderiam ser vistas de maneira isolada, mais acabam sendo um atrativo para os textos recomendados	A projeção do que vai ocorrer é feita com informações de sentido de real, mas é disposta em forma de produção de efeito de sentido porque trabalha com a imaginação do público como um chamariz para a leitura de uma série de textos preparatórios, algo indicado pelo próprio título: "os esquentar"	Heroísmo/Vilania	Superação/Decepção	Expectativa/Frustração					

IDENTIFICAÇÃO					EXPRESSIONO					ESTÓRIA					METANARRATIVA					
#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	RESUMO-SÍNTESE	ESTÓRIA	EPISÓDIO	MICROEVENTOS	NOMEAÇÃO DO EPISÓDIO	ENREDO-INTRIGA	CONFLITO/VRADA	CENÁRIO	PERSONAGENS	CONTEÚDO UN. NUCLEARES	RECURSOS FÁTICOS	RECURSOS FICTÍCIOS	HEROÍSMO/VILANIA	SUPERAÇÃO/DECEPÇÃO	EXPECTATIVA/FRUSTRAÇÃO
						<p>No texto "A Copa se curva à lendã Messi: nos pênaltis, dramático, contra uma França que não se entregou, a Argentina é campeã do mundo", de redação de Felipe Lobo, há o primeiro conteúdo que se volta exclusivamente à final após o jogo ter ocorrido. De caráter interpretativo com perspectiva cognitiva também por conta de determinadas construções do autor, o material relativo às partidas, que geralmente tem um teor mais pragmático, neste caso ganha outros contornos, sobretudo por ser a última partida do mundial.</p> <p>O aspecto narrativo é evidente pela construção do título, quase que disposto de forma cronológica: Não é mais apenas a Argentina que vence o mundo, mas "a Copa se curva", além disso, à "lenda Messi". Nota-se um protagonismo dado ao craque argentino, e ainda ressalta a valentia de um adversário que "não se entregou" (Lobo, 2022, on-line). É uma crítica de jogo (ou um relato de jogo, como preferimos aqui) característica. A conotação avaliativa do autor se mostra também na linha fina, quando pontua: "a melhor final de todos os tempos". Além de dar o resultado e indicar os gols de Messi e Mbappé, Lobo escreve que "a Argentina enfim conquistou o seu merecido título mundial pela terceira vez", dando a dimensão de quanto esse momento era aguardado – e observando o fator do merecimento.</p> <p>O conteúdo conta com seções determinadas para dividir a narrativa entre abertura, a escalção, os tempos de jogo, promoção e pênaltis. A opção do narrador indica o apelo dramático logo no início do conteúdo, escrito para destacar as pausas e enfatizar o aspecto temporal: "Foram seis finais. Duas de Copa do Mundo. Drama, muito drama. Pênaltis. Os mesmos que fizeram a Argentina chorar nas Copas América de 2015 e 2016. Passando pela prorrogação, que fez o país chorar em 2014" (Lobo, 2022, on-line). Há, inclusive, uma menção direta à referência de Maradona, quando o autor constrói um enlace narrativo, unindo o histórico jogador argentino à chegada a mais um título mundial: "Mas desta vez, não havia pudesse tirar o título da Argentina. Nem Deus. Até porque tinha DIOG, lá, da demência, para fazer valer a sua mística. Passado tudo isso, a Argentina é campeã do mundo pela terceira vez".</p> <p>O uso de metáforas e recursos que ilustram os "capítulos" da partida também são identificados, como uma França que foi "enorme" e criou uma montanha para a Argentina escalar para chegar ao título. O aspecto emocional é ressaltado tanto pela estrutura das frases, como em: "foi dramático, foi tenso, foi sofrido, chorado. Mas envolta em lágrimas, os argentinos, enfim, comemoram!" – não sem antes experimentar a "tortura dos pênaltis" – quanto na adjetivação para descrever o camisa 10 da albiceleste: "gênio, imortal, eterno". Essa mesma estratégia se dá quando autor avança à final como um todo, entre considerações que se posicionam entre os juízos de valor e a ilustração para o leitor: "Foi um jogo absolutamente incrível. A melhor final de todos os tempos. Foi uma final absolutamente inesquecível. Tecnicamente, emocionalmente, em tudo". As pontuações também são uma forma de ressaltar as emoções da redação.</p> <p>Em determinado momento, o autor propõe um efeito de retardamento e oposição, citando suspense, como se vê: "A Argentina parecia construir uma história de título no primeiro tempo com as cores e a marca de Messi. Foi dele o primeiro gol, foi de Ángel Di María o segundo. Tudo se encaminhava para uma história linda de uma conquista histórica". Logo na sequência, desenha a oposição, multimedialmente vinda da adversária: "Só que a França tinha Kylian Mbappé. Um craque completo, que parecia agapado e não fazia um grande jogo. Mas em poucos minutos, fez a França reatenciona". Essa hipotese, de encaminhamento da seleção francesa, com dois gols já perto do fim do segundo tempo, desenhava uma reviravolta daquele relato quase estabelecido: "O que era uma história de glória da Argentina se tornou um drama, furtando com a tragédia". Um crescendo com a prorrogação, ainda na primeira reatena do texto – com a qual, aliás, era possível ficar sem avançar no texto sem restar prejuízo – quando houve: "Mais drama. Mais chances perdidas. Mais corações que parando na terceira Argentina" (Lobo, 2022, on-line).</p> <p>A narrativa da abertura é intensa, ainda que cronológica. Opera no sentido sentimental, da grandiloquência, mas não se omite de relatar o acontecimento – com doses relevantes de interpretação e efeitos estéticos, como quando se escreve: "Foi preciso pênaltis. Com o coração de cada um dos milhões de argentinos nas mãos. Dída Martínez bilhou. Todas as dificuldades que apareceram não foram o bastante para impedir o título". A construção da ideia de dificuldade ganha validade pela extensão do jogo até o climax dos pênaltis. Lá, um dos personagens de mais destaque em toda a cobertura ganha espaço, em uma construção fática pontuada para dar ênfase, ao mesmo tempo em que os advérbios se misturam a aspectos fáticos e uma visão crítica.</p> <p>O legado de Messi não ficará sem uma Copa do Mundo. A Copa é da Argentina, é o terceiro título mundial dos albicelestes. O mundo é novamente da Argentina. É a história abre as portas para uma das maiores lendas que o futebol já viu: Lionel Messi. Eterno, imortalizado, vive e pulsando no coração de cada um dos milhões de argentinos, mas não só deles. De tantos milhares de fãs, de torcedores que foram da Argentina neste domingo. O coração de todos eles chorou de novo, mas, desta vez, de alegria. Messi, enfim, tem uma Copa do Mundo".</p> <p>Na seção voltada às escalções, imperam os recursos fáticos, ressaltando láticas e eventuais trocas entre jogadores. Mas logo em um dos parágrafos, uma figura de linguagem, um "atropelamento" dos comandados de Scaloni. Ao longo do relato, nos trechos em que se fala sobre o andamento dos tempos de jogo, predominam elementos fáticos, a descrição, detalhada, se baseia nos espaços do campo em que as ações ocorrem, quais os nomes dos protagonistas, os lances e disputas nos quais estavam envolvidos. A narrativa se desenvolve de forma linear e cronológica, diferentemente do começo do texto, que elaborava uma compreensão do contexto da partida – sentimentos, reflexos, reviravoltas – antes de detalhar o conteúdo (Lobo, 2022, on-line). Pela importância do jogo, é perceptível que o narrador dedica mais espaço à descrição dos lances, vistos de forma mais minuciosa.</p> <p>O sentido fático se dá em momentos como o que envolveu Ángel Di María: "Houve um toque do atacante. O árbitro Szymon Marciniak não teve dúvida: apontou pênalti! Messi foi para a cobrança e descolou Lionel para colocar no rede: 1 a 0 para a Argentina, aos 23 minutos. Sexto gol de Messi na Copa do Mundo". No primeiro tempo, a compreensão de jogo do autor é atravessada pelo uso de algumas expressões ou frases, como quando indica que "só dava Argentina, que era muito melhor em campo, ou mesmo que "era um baile da Argentina até aí" e "benção Dída Deschamps resolveu mudar o time".</p> <p>Em linhas gerais, o início do texto se assemelha a outros relatos de jogo, além de indicar a cronologia dos lances e se amparar em dados mencionando os envolvidos, oferece observações mais amplas sobre o comportamento dos times e os reflexos na condição psicológica da partida. "No segundo tempo, o panorama mudou pouca coisa. A Argentina continuava sendo perigosa quando la ao ataque. Os franceses pareciam, ao menos, mais interessados fisicamente". A dimensão psicológica também é abordada brevemente, quando se escreve que "Argentina de Scaloni" tentou o primeiro e mais ainda o segundo gol. A França, claro, cresceu demais. A situação era dramática para os argentinos, que perdiam completamente o controle do jogo. Emocionalmente, o time da Argentina parecia sem conseguir mais se injor como vinha fazendo até tomar o primeiro gol".</p> <p>Toma forma também o aspecto emocional e o colorido interpretativo na avaliação do narrador: "O jogo era tenso. Os dois times sabiam que não se podia mais errar. Eram os minutos finais de uma Copa do Mundo, com empate no placar. O que era uma situação absolutamente impositiva da Argentina tinha se tornado em um caso de tragédia". O mesmo ocorre com a observação do comportamento do público argentino e a confiança no seu craque: "A tensão argentina era cortante. A França causava um arreio nos milhares de torcedores argentinos presentes no estádio. Só que a Argentina tinha Messi" (Lobo, 2022, on-line).</p> <p>A reatena que tratava da prorrogação, por conta do aumento de tensão da partida, apostava: "gols e muito drama". Com a Argentina marcando o terceiro e os franceses empatando, em seguida, o autor usa mais uma vez o sentido figurado, criando um paralelo com os erros da Seleção Brasileira: "A França se recusava a morrer. E curiosamente, a Argentina tomou o gol quando faltavam quatro minutos para acabar a prorrogação, assim como o Brasil". A adjetivação também aparece como marca quando Lobo escreve – já ao fim do relato – que "os últimos lances foram absurdos. Kolo Muani saiu na cara do gol em um lançamento que a defesa da Argentina falhou, mas Dída Martínez defendeu e fez um milagre". Por sua vez, a descrição das penalidades aparece em tópicos, quase como um ao vivo, até que, antes da ficha técnica, o texto se encerra: "A Argentina caiu em prantos, mas desta vez de alegria, os albicelestes são campeões mundiais pela terceira vez".</p>	<p>Introdução detalhada resumindo os principais acontecimentos da partida: construção textual que aproxima da dramatização e tensão o desenrolar do jogo. Adjetivação da partida: Construção da tensão pela oposição entre o começo forte da Argentina e a retomada francesa antes da prorrogação. Antes das reatenas, há colocações sobre o significado da Copa para Messi, e seu legado. Então, aparecem as escalções e as trocas feitas por Deschamps e Scaloni. O primeiro tempo conta com o fechamento dos acontecimentos, por conta de ser um relato de jogo de forma cronológica, se empilham as principais frases e os gols, que seguem estrutura semelhante, à não ser pela intercalação das reatenas com tem mais interpretativo. Na descrição dos pênaltis, linha a linha, as informações essenciais: jogador, para onde o chute foi e o resultado, até a ficha técnica.</p>	<p>O texto é composto como um relato de jogo, com as características que o envolvem. No entanto, a ocasião pede uma interpretação do jornalista, que confere o peso da final e faz, sim, avaliações, ponderações e análises mais curtas sobre o desempenho da final, sem que comprometa a estrutura do relato. Pelo contrário, essa estratégia ajuda a enriquecer o texto.</p>	<p>O enredo-intriga se constrói especialmente pela concepção argentina, mas não só: pela cronologia, finalmente, da vitória de Lionel Messi, depois de tantas tentativas frustradas. Há, nesse contexto, uma força cognitiva, a seleção francesa, especialmente personificada em Kylian Mbappé, responsável por reverter Les Bleus por mais de uma vez. Este embate confere tensão narrativa ao relato, por conta da natureza do ocorrido, até que tudo se resolve.</p>	<p>São diversos momentos em que as vitórias aparecem, sobretudo pela configuração do placar. No entanto, o conflito apresentado parece colocar Messi em evidência, junto à conquista albiceleste. Como resultado de um ambiente esportivo, há aquele que perde e aquele que vence, mas este relato se volta com cuidado mais à perspectiva de quem venceu, ainda que exista a participação da seleção derrotada. É ela, na verdade, que aumenta de tamanho a realização do time de Scaloni.</p>	<p>Dentro de campo</p>	<p>As seleções da final, França e Argentina, assim como seus jogadores.</p>	<p>Protagonista/coadjuvante</p>	<p>Ordem da narração e traços de composição do texto</p>	<p>Dalícios situando espaço e lugar, dados utilizados</p>	<p>Figuras de linguagem: anáfora, prolepse, diletos</p>	<p>Heróiemo</p>	<p>Superação</p>	<p>Expectativa</p>	
38	15/07	18/12	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Copa do Mundo	<p>A Copa se curva à lendã Messi: nos pênaltis,dramático, contra uma França que não se entregou, a Argentina é campeã do mundo</p>	<p>Final</p>	<p>Final</p>	<p>Final</p>	<p>Final</p>	<p>Final</p>	<p>Dentro de campo</p>	<p>As seleções da final, França e Argentina, assim como seus jogadores.</p>	<p>Protagonista/coadjuvante</p>	<p>Ordem da narração e traços de composição do texto</p>	<p>Dalícios situando espaço e lugar, dados utilizados</p>	<p>Figuras de linguagem: anáfora, prolepse, diletos</p>	<p>Heróiemo</p>	<p>Superação</p>	<p>Expectativa</p>

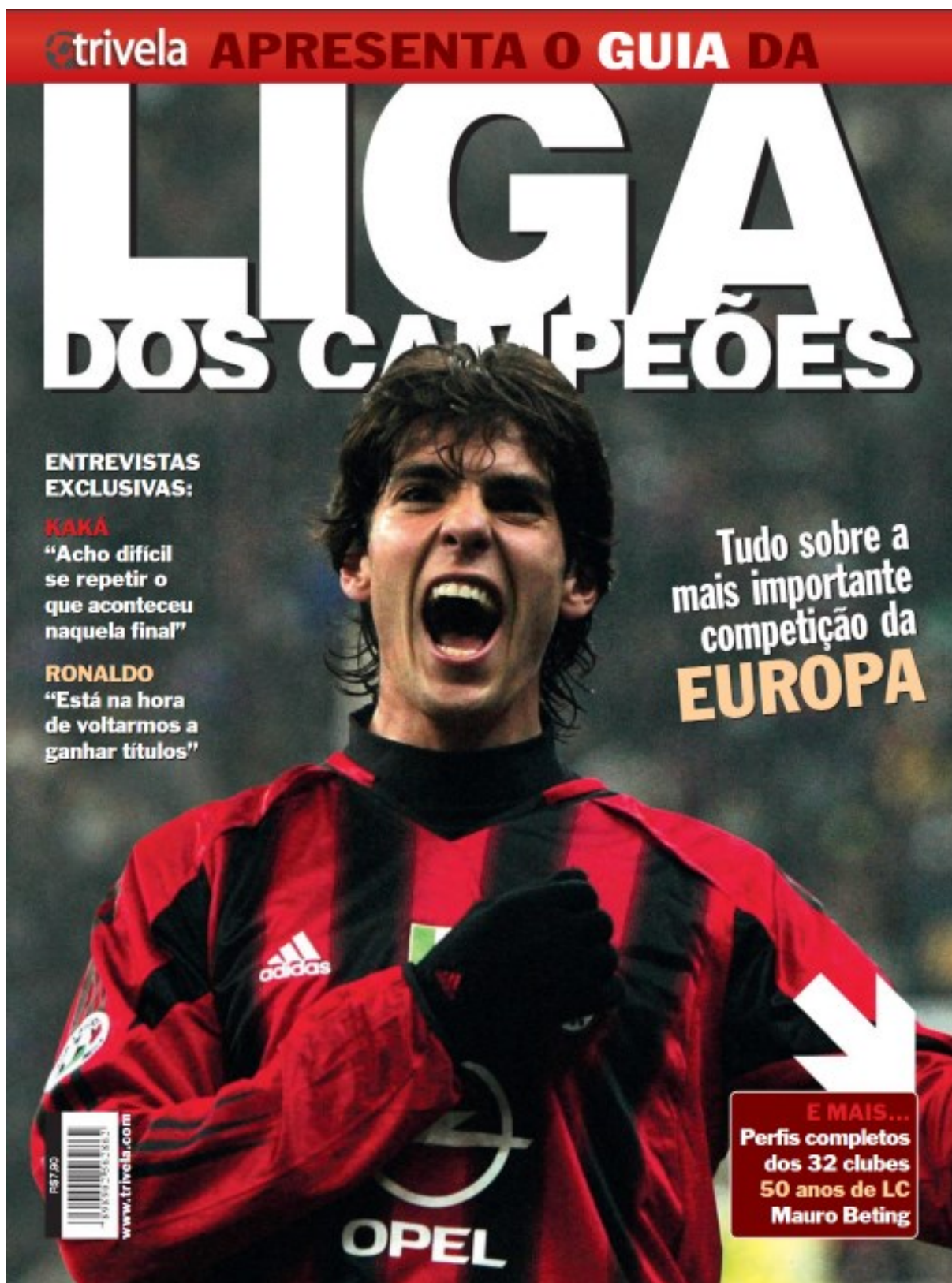
IDENTIFICAÇÃO				EXPRESSIONAL										ESTÓRIA			METANARRATIVA			
#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	RESUMO-SÍNTESE	ESTÓRIA	EPISÓDIO	MICROEVENTOS	NOMEAÇÃO DO EPISÓDIO	ENREDO-INTRIGA	CONFLITO/VRADA	CENÁRIO	PERSONAGENS	CONTEÚDO UN. NUCLEARES	RECURSOS FÁTICOS	RECURSOS FICTÍCIOS	HEROÍSMO/VIOLÊNCIA	SUPERAÇÃO/OCELAÇÃO	EXPECTATIVA/FRUSTRAÇÃO
						<p>No próximo texto, Stein exalta um personagem: o goleiro Emiliano Martínez, um "devidor de mentes", porteiro do céu", convenientemente alibiado, e responsável por um "milagre", impedindo o acesso da França ao Olimpo. A proposta que se levanta é a de uma hipótese de análise psicológica e psicológico imposto pelo sequer aos seus adversários na partida decisiva. Além disso, também há a indicação de uma relação com os cores, em que prevalece o albiestete do céu diante de Les Bleus. O uso da expressão "tapa negro", em espanhol, estabelece outro vínculo, na linha fina, para se referir ao goleiro que conseguiu se sobressair com os posteriores na marca de cal, em um momento de vulnerabilidade.</p> <p>Domeço dos textos tem características semelhantes, de caráter interpretativo, que realça a carga dramática, invariavelmente, como em: Um lance basta para mudar o desfecho de uma partida. Um lance basta para que se conte outra história ao final de uma Copa do Mundo". Usando do ponto de vista do espectador, quando "se sentiu o degaço do sofá", Leandro Stein destaca o potencial transformador de um lance decisivo. Interlocuendo recursos fáticos para dar ênfase ao fêto, como ressaltar o "123 minutos" de jogo, ardeímos estourando, com uma chance "crística" a se oferecer, e com Martínez se impondo contra Kolo Muani. A adjeção e a variação de vocabulário ajudam a construir a narrativa dando intensidade e ênfase a ela.</p> <p>Não é isso, o autor envolve o lance na mística futebolística, colocando frente a frente os dois protagonistas do lance mais agudo da partida mais aguda do futebol de seleções. Ressalta que o francês Ramad Kolo Muani teve "a bola que qualquer jogador profissional gostaria, que qualquer menino sonha". E ele fez o certo, num chute forte que tentou tirar do goleiro. A bola da vida de Emiliano Martínez, numa defesa do tamanho do mundo, do tamanho de uma Copa do Mundo". Ao tirar o peso do atacante, o autor também esalta a dimensão da defesa em mais uma expressão hiperbólica, superlativa. E depois, nos penáti, "no alcance das mãos de Dibú", "onde ele se sentiu à vontade e suficiente para entrar na mente dos franceses e, finalmente, fazer a Albiestete tricampeã".</p> <p>O texto, que começa com uma interpretação do conteúdo do jogo, passa pela trajetória da seleção e do jogador, passo a passo. Recorre à análise depois do parágrafo de abertura quando se remete às últimas décadas, em que a história "não era necessariamente de grandes goleiros". Menciona-se Ubaldio Filoli, guarda-metas de 1978, entre outros nomes, mas a constatação, ou avaliação de Leandro Stein, é a de que "os tentes no gol argentino tinham mais de folclore do que necessariamente de confiabilidade". O garinho, quando o assunto chega a Emiliano Martínez, é o chamado de que um grande lance começa por um grande goleiro: "Porem, está mais do que claro, um bom goleiro ganha campeonatos. E foi isso que Dibú Martínez provou à Argentina desde os seus primeiros momentos pela seleção".</p> <p>Esse trecho serve de elemento agregador, no sentido de que no parágrafo seguinte, Dibú aparece como opção, em 2021, diante da carência da albiestete na posição. O autor recorre a um plano de fundo histórico, oferecendo ao leitor fragmentos de toda a carreira de Martínez, desde a base até uma série de empréstimos, até que "foi o momento não apenas de ganhar sequência nas convocações, depois de chamados esporas pela seleção adulta desde 2011, bem como de ganhar mais chances como titular" já aos 27 anos, idade considerada um tempo tardio para um jogador de futebol. Do Aston Villa, na Premier League, à titularidade na meta da seleção argentina na Copa América. É nesse momento que Stein demarca com uma virada de chave da narrativa.</p> <p>Em uma "transfiguração da Argentina como uma verdadeira campeã" já na Copa América em 2021, o autor pontua o crescimento de Dibú e o aumento das convocações, como confirmação, em mais ataques decisivos. Além disso, o autor reforça a retomada do goleiro quando afirma "cada vez mais, Dibú também provava que era muito mais que um jogador de reserva". Uma referência a uma partida que se torna clara, sobretudo.</p> <p>O destaque dado por Stein, como não poderia deixar de ser, em um texto de personagem, segue não só Martínez, mas também o sentido psicológico, como quando se diz que: "a confiança na meta passava por um goleiro que não deixava o time tão vulnerável. Quando necessário, Dibú Martínez estava lá". Esse foi o garcho para lidar com outras expectativas até a chegada do mundial. Há, inclusive, uma menção ao sentido construído no dia da partida. Se o goleiro entra na mente dos adversários, é porque em algum momento também precisou de suporte. Como quando sofreu após a derrota na estreia da Copa, para a Arábia Saudita e:</p> <p>Dúvidou de si. E por isso foi tão importante recorrer aos serviços da psicóloga da delegação. O goleiro reconheceu publicamente isso, depois de ter admitido antes que o acompanhamento psicológico ao longo dos últimos anos o tornou melhor. Por mais que ele seja o jogador que enfrenta a mente dos adversários, também precisa de apoio. Encontrou esse apoio durante o Mundial e se encontrou na sequência do "bom".</p> <p>Desde os grupos até a fase final, chega a partida derradeira em uma construção que primeiro foga o leitor, depois dá informações complementares, e ganha mais um ápice narrativo ao final. Na breve contextualização das intervenções do camisa 23 durante a Copa, destaca-se aquela que refere à construção de um jogador de penáti, nos mais exatos: "Mas os penáti são a sua casa. A manobra que aluga na mente dos cobradores, como fez diante de Virgil van Dijk e Steven Berghuis logo nos dois primeiros lres holandeses. O "Emiliano se achou". Percebe-se, com isso, até mesmo em recursos fáticos e alibi, mencionando jogadores e a ocasião de jogo, as figuras de linguagem, que fazem uma comparação pelo conforto do guardador da meta nos momentos mais tensos. Afinal, "o erro da partida em si levava à laquardaria", nas palavras do autor.</p> <p>Com Dibú tendo ainda que enfrentar o toror de levar outro empate, segurar a pressão da proimção até a marca de cal. Preciou ser levado até mesmo com todo o mundo para "se impor no lado vencedor", especialmente no "18 minutos do segundo tempo da proimção", quando fez a defesa que garantiu as cobranças de penáti, no lance decisivo, Stein opta por uma descrição extremamente detalhada, como se quisesse colocar o leitor dentro do jogo ou, pelo menos, desenhá-lo na cabeça o lance, resgatado na memória do público: "Alí, foi o porteiro que barrou a entrada dos franceses nos cobertes cios – logo albiestete".</p> <p>A respeito psicológico e o relato particular seguem no relato sobre os penáti, em que o autor aponta que "os argentinos não se preocupavam. Hugo Lloris pode ser um grande goleiro, recordista, capitão. Não é um demônio da marca da cal como Dibú". Um demônio, na representação alibi ao personagem, capaz de "deixar o cérebro" dos adversários, provocando, dançando a cada defesa, e fazendo com que os baldeiros adversários vissem "gol muito menor e goleiro muito maior" – na intenção do autor de dimensionar de modo figurado o ocorrido: o "bicho-papão linha tomada o noite dos Bleus em pesadelo". Toda a narrativa, então, é proposta a partir do sentido de que Martínez venceu o duelo mental. O desfecho do texto fecha a cronologia evidenciando a escolha justa de Martínez como melhor goleiro da competição:</p> <p>"Não surpreendi-se, nas casas ao redor do país, as crianças com medo do escuro receberam um retrato do goleiro para colocar sob as suas camas. Dibú estará pronto para entrar na mente e intimidar qualquer monstro, inclusive aquele que albiou os albiestetes do topo do mundo por 36 anos".</p> <p>Em mais um dos materiais que se voltam a analisar a trajetória da campeã, Bruno Borsari controla a argumentação com base na dramatização da campanha albiestete rumo ao se tornando as características culturais da Argentina: "a seleção que representa um país que vive o futebol à flor da pele não poderia ter uma campanha chata. Talvez, porém, não precisasse ser tão dramática assim", com a final sendo apenas o "vergonha mais contundente". A representação dramática não deixa de ter uma ligação com o estereótipo albiestete do "de certa forma. Ao longo da campanha, lembra o autor, a derrota no primeiro jogo deixou o time "constantemente à beira de um colapso nervoso"; silfentimento do que foi visto em apenas duas partidas "em condições normais". De repente, "os outros ou começaram tensos ou se tornaram diante da promessa adversária".</p> <p>O ambiente de tensão vai tomando forma desde o início, a partir da estreia com derrota. Naturalmente, quando as fases avançam, a pressão e a ansiedade aumentam, mas na proposta do texto ganham contornos ainda mais evidentes, ressaltados pelo narrador, como no exemplo: De repente, foi um sofrimento para segurar a vitória contra a Austrália. De repente, a Holanda conseguiu forçar a proimção com um gol... repente. De repente, a França também conseguiu forçar a proimção em um jogo que parecia morto". A rejeição é a forma de ênfase, e também uma indicação de por que caminhos a leitura deve ser feita.</p> <p>Com o apoio de vídeos dos lances representativos, o autor passa pelo jogo a jogo fazendo pequenos resumos que confirmam a hipótese, como o relato da estreia, com derrota: "Se a Argentina tinha um plano, ele o esqueceu completamente. Então, no modo desespero", que levou "a um estado de emergência mais erra". No duelo contra a México, portanto, "a Argentina não estava em um jogo de futebol lterioso era logo palpável. Parecia fácil, como se fosse um chero ou uma ancorar". O autor ilustra, cita referências, alibi a representar a importância da partida por meio da hipótese. Mesmo com parágrafos mais curtos e interlocuções, o autor consegue relacionar as partidas, algo que pode ser percebido no trecho abaixo:</p> <p>Aquela derrota deu início a um estado de emergência na seleção argentina. Uma derrota para o México significava a eliminação. Significava o fim da história de Lionel Messi em Mundais após dois jogos. Um time que chegou ao Catar entre os favoritos, prestes a igualar a maior invencibilidade do futebol de seleções, seria um dos primeiros eliminados. O técnico Lionel Scaloni tentou suavizar o peso do momento em uma entrevista, mas ele estava muito claro no estádio de Luzail – o mesmo da final da Copa do Mundo:</p> <p>Nas demais fases, a perspectiva seguiu, com pequenos arfícios interpretativos para cada uma das partidas. Contra a Polónia, "a Copa do Mundo mal havia completado uma semana de vida, e a Argentina já fora do inferno ao céu. Aqueles dois jogos reninaram a sua campanha, e bastava vencer [...] para avançar às oltas de final", há, portanto, amplo em recursos fáticos, que procuram dar efeito de real, mas ao mesmo tempo lógicos que constroem efeitos de sentido, com recursos fáticos. Um recurso como, nestas descrições, até, antes de falar nos lances decisivos, fazer uma breve introdução: "Havia ficado claro na fase de grupos e mais claro ainda contra a Austrália: a Argentina estava com uma propensão a perder a cabeça diante da primeira adversária".</p> <p>Bruno Borsari também propõe suspense pouco adiante, quando sinaliza, na semifinal, quando a albiestete abriu 2 a 0 contra a Croácia: "como desobediência nesta Copa do Mundo, porém, esse é um placar bastante perigoso. Não chegou a sofrer e uma jogada maravilhosa de Messi ainda terminou com o terceiro gol, também de Alvarez". Essa estagnação ficou ainda mais evidente quando se tratou da final, contra a França. Em momentos variados dessas narrativas, Borsari varia entre "A final foi mais rápida à parte. Está entre as maiores jogadas de todos os tempos pelo envolvimento e pela importância. A Argentina estava com tudo sob o controle", quando largou na frente.</p> <p>Mé, que, com a reação francesa, faz interlocuções com as ocorrências da partida: "De repente, do nada, do absoluto vazio, tudo mudou [...] Ninguém poderia imaginar que a Argentina terminaria o jogo rezando por uma proimção. O negócio ficou ainda mais longo no tempo extra porque o jogo ficou frenético". Até a finalização, quando o caráter interpretativo se torna evidente: "Usaram muito e muito com metelora para descrever o futebol argentino, mas essa Copa talvez tenha sido uma ópera".</p>	<p>Jogo como narrativa mínima</p> <p>Função na construção de significações</p> <p>Sequências e encadeamento</p> <p>Heróis/vilões; superação/desceção; expectativa/ilustração</p> <p>Dentro/fora de campo</p> <p>Protagonista/coadjuvante</p>	<p>De texto é interpretativo e oprimido e tem como base o personagem Emiliano Martínez. Há também traços de crítica, mas o autor julga diversos recursos narrativos para compor o texto, sobretudo quando estabelece uma representação do goleiro a partir do ponto de vista mental; como um devonator do psicológico dos adversários, um bucho papão e uma série de outras figuras, para ilustrar a pertinência das atitudes logo ao arquerio nos penáti. Antes disso, o relato se ampara na carreira e nas situações pelas quais Martínez passou, desde suas idas até a consolidação na seleção e a chegada da Copa do Mundo.</p> <p>O enredo-intriga é composto em especial a partir da decisão por penáti e da defesa independente de Eri Martínez ao leroreo título mundial da Argentina. Todo o restante de informações complementares sobre o jogador representa justamente isso: um comentário. Mas a motivação especial do texto é o sentido psicológico que o arquerio impõe aos adversários para contribuir positivamente na conquista do mundial.</p> <p>A virada do conflito apresentada pela narrativa se dá no limite da proimção, mais que nos próprios penáti que levaram a Argentina à conquista. Por conta da dimensão do momento narrado, que era melhor, e a tomada de decisão o levou um para um, em que defendeu um chute à queima roupa do atacante holandês, que poderia positivamente na conquista do título francês.</p>	<p>Dentro de campo</p> <p>Martinez</p> <p>O protagonista é Emiliano "Dibú" Martinez</p>			<p>Ordem da narração e traços de composição do texto</p> <p>Díalcos situando espaço e lugar, dados utilizados</p> <p>Figuras de linguagem: metáfora, proleps, alibi</p>	<p>Heróis/vilões</p> <p>Superação</p> <p>Expectativa</p>							
41	1607	1812	Copa do Mundo	Leandro Stein	Dibú Martínez foi o tapa penáti, o devonator de mentes e o porteiro do céu albiestete negado à França com seu milagre	<p>Em uma "transfiguração da Argentina como uma verdadeira campeã" já na Copa América em 2021, o autor pontua o crescimento de Dibú e o aumento das convocações, como confirmação, em mais ataques decisivos. Além disso, o autor reforça a retomada do goleiro quando afirma "cada vez mais, Dibú também provava que era muito mais que um jogador de reserva". Uma referência a uma partida que se torna clara, sobretudo.</p> <p>O destaque dado por Stein, como não poderia deixar de ser, em um texto de personagem, segue não só Martínez, mas também o sentido psicológico, como quando se diz que: "a confiança na meta passava por um goleiro que não deixava o time tão vulnerável. Quando necessário, Dibú Martínez estava lá". Esse foi o garcho para lidar com outras expectativas até a chegada do mundial. Há, inclusive, uma menção ao sentido construído no dia da partida. Se o goleiro entra na mente dos adversários, é porque em algum momento também precisou de suporte. Como quando sofreu após a derrota na estreia da Copa, para a Arábia Saudita e:</p> <p>Dúvidou de si. E por isso foi tão importante recorrer aos serviços da psicóloga da delegação. O goleiro reconheceu publicamente isso, depois de ter admitido antes que o acompanhamento psicológico ao longo dos últimos anos o tornou melhor. Por mais que ele seja o jogador que enfrenta a mente dos adversários, também precisa de apoio. Encontrou esse apoio durante o Mundial e se encontrou na sequência do "bom".</p> <p>Desde os grupos até a fase final, chega a partida derradeira em uma construção que primeiro foga o leitor, depois dá informações complementares, e ganha mais um ápice narrativo ao final. Na breve contextualização das intervenções do camisa 23 durante a Copa, destaca-se aquela que refere à construção de um jogador de penáti, nos mais exatos: "Mas os penáti são a sua casa. A manobra que aluga na mente dos cobradores, como fez diante de Virgil van Dijk e Steven Berghuis logo nos dois primeiros lres holandeses. O "Emiliano se achou". Percebe-se, com isso, até mesmo em recursos fáticos e alibi, mencionando jogadores e a ocasião de jogo, as figuras de linguagem, que fazem uma comparação pelo conforto do guardador da meta nos momentos mais tensos. Afinal, "o erro da partida em si levava à laquardaria", nas palavras do autor.</p> <p>Com Dibú tendo ainda que enfrentar o toror de levar outro empate, segurar a pressão da proimção até a marca de cal. Preciou ser levado até mesmo com todo o mundo para "se impor no lado vencedor", especialmente no "18 minutos do segundo tempo da proimção", quando fez a defesa que garantiu as cobranças de penáti, no lance decisivo, Stein opta por uma descrição extremamente detalhada, como se quisesse colocar o leitor dentro do jogo ou, pelo menos, desenhá-lo na cabeça o lance, resgatado na memória do público: "Alí, foi o porteiro que barrou a entrada dos franceses nos cobertes cios – logo albiestete".</p> <p>A respeito psicológico e o relato particular seguem no relato sobre os penáti, em que o autor aponta que "os argentinos não se preocupavam. Hugo Lloris pode ser um grande goleiro, recordista, capitão. Não é um demônio da marca da cal como Dibú". Um demônio, na representação alibi ao personagem, capaz de "deixar o cérebro" dos adversários, provocando, dançando a cada defesa, e fazendo com que os baldeiros adversários vissem "gol muito menor e goleiro muito maior" – na intenção do autor de dimensionar de modo figurado o ocorrido: o "bicho-papão linha tomada o noite dos Bleus em pesadelo". Toda a narrativa, então, é proposta a partir do sentido de que Martínez venceu o duelo mental. O desfecho do texto fecha a cronologia evidenciando a escolha justa de Martínez como melhor goleiro da competição:</p> <p>"Não surpreendi-se, nas casas ao redor do país, as crianças com medo do escuro receberam um retrato do goleiro para colocar sob as suas camas. Dibú estará pronto para entrar na mente e intimidar qualquer monstro, inclusive aquele que albiou os albiestetes do topo do mundo por 36 anos".</p> <p>Em mais um dos materiais que se voltam a analisar a trajetória da campeã, Bruno Borsari controla a argumentação com base na dramatização da campanha albiestete rumo ao se tornando as características culturais da Argentina: "a seleção que representa um país que vive o futebol à flor da pele não poderia ter uma campanha chata. Talvez, porém, não precisasse ser tão dramática assim", com a final sendo apenas o "vergonha mais contundente". A representação dramática não deixa de ter uma ligação com o estereótipo albiestete do "de certa forma. Ao longo da campanha, lembra o autor, a derrota no primeiro jogo deixou o time "constantemente à beira de um colapso nervoso"; silfentimento do que foi visto em apenas duas partidas "em condições normais". De repente, "os outros ou começaram tensos ou se tornaram diante da promessa adversária".</p> <p>O ambiente de tensão vai tomando forma desde o início, a partir da estreia com derrota. Naturalmente, quando as fases avançam, a pressão e a ansiedade aumentam, mas na proposta do texto ganham contornos ainda mais evidentes, ressaltados pelo narrador, como no exemplo: De repente, foi um sofrimento para segurar a vitória contra a Austrália. De repente, a Holanda conseguiu forçar a proimção com um gol... repente. De repente, a França também conseguiu forçar a proimção em um jogo que parecia morto". A rejeição é a forma de ênfase, e também uma indicação de por que caminhos a leitura deve ser feita.</p> <p>Com o apoio de vídeos dos lances representativos, o autor passa pelo jogo a jogo fazendo pequenos resumos que confirmam a hipótese, como o relato da estreia, com derrota: "Se a Argentina tinha um plano, ele o esqueceu completamente. Então, no modo desespero", que levou "a um estado de emergência mais erra". No duelo contra a México, portanto, "a Argentina não estava em um jogo de futebol lterioso era logo palpável. Parecia fácil, como se fosse um chero ou uma ancorar". O autor ilustra, cita referências, alibi a representar a importância da partida por meio da hipótese. Mesmo com parágrafos mais curtos e interlocuções, o autor consegue relacionar as partidas, algo que pode ser percebido no trecho abaixo:</p> <p>Aquela derrota deu início a um estado de emergência na seleção argentina. Uma derrota para o México significava a eliminação. Significava o fim da história de Lionel Messi em Mundais após dois jogos. Um time que chegou ao Catar entre os favoritos, prestes a igualar a maior invencibilidade do futebol de seleções, seria um dos primeiros eliminados. O técnico Lionel Scaloni tentou suavizar o peso do momento em uma entrevista, mas ele estava muito claro no estádio de Luzail – o mesmo da final da Copa do Mundo:</p> <p>Nas demais fases, a perspectiva seguiu, com pequenos arfícios interpretativos para cada uma das partidas. Contra a Polónia, "a Copa do Mundo mal havia completado uma semana de vida, e a Argentina já fora do inferno ao céu. Aqueles dois jogos reninaram a sua campanha, e bastava vencer [...] para avançar às oltas de final", há, portanto, amplo em recursos fáticos, que procuram dar efeito de real, mas ao mesmo tempo lógicos que constroem efeitos de sentido, com recursos fáticos. Um recurso como, nestas descrições, até, antes de falar nos lances decisivos, fazer uma breve introdução: "Havia ficado claro na fase de grupos e mais claro ainda contra a Austrália: a Argentina estava com uma propensão a perder a cabeça diante da primeira adversária".</p> <p>Bruno Borsari também propõe suspense pouco adiante, quando sinaliza, na semifinal, quando a albiestete abriu 2 a 0 contra a Croácia: "como desobediência nesta Copa do Mundo, porém, esse é um placar bastante perigoso. Não chegou a sofrer e uma jogada maravilhosa de Messi ainda terminou com o terceiro gol, também de Alvarez". Essa estagnação ficou ainda mais evidente quando se tratou da final, contra a França. Em momentos variados dessas narrativas, Borsari varia entre "A final foi mais rápida à parte. Está entre as maiores jogadas de todos os tempos pelo envolvimento e pela importância. A Argentina estava com tudo sob o controle", quando largou na frente.</p> <p>Mé, que, com a reação francesa, faz interlocuções com as ocorrências da partida: "De repente, do nada, do absoluto vazio, tudo mudou [...] Ninguém poderia imaginar que a Argentina terminaria o jogo rezando por uma proimção. O negócio ficou ainda mais longo no tempo extra porque o jogo ficou frenético". Até a finalização, quando o caráter interpretativo se torna evidente: "Usaram muito e muito com metelora para descrever o futebol argentino, mas essa Copa talvez tenha sido uma ópera".</p>	<p>Jogo como narrativa mínima</p> <p>Função na construção de significações</p> <p>Sequências e encadeamento</p> <p>Heróis/vilões; superação/desceção; expectativa/ilustração</p> <p>Dentro/fora de campo</p> <p>Protagonista/coadjuvante</p>	<p>De texto é interpretativo e oprimido e tem como base o personagem Emiliano Martínez. Há também traços de crítica, mas o autor julga diversos recursos narrativos para compor o texto, sobretudo quando estabelece uma representação do goleiro a partir do ponto de vista mental; como um devonator do psicológico dos adversários, um bucho papão e uma série de outras figuras, para ilustrar a pertinência das atitudes logo ao arquerio nos penáti. Antes disso, o relato se ampara na carreira e nas situações pelas quais Martínez passou, desde suas idas até a consolidação na seleção e a chegada da Copa do Mundo.</p> <p>O enredo-intriga é composto em especial a partir da decisão por penáti e da defesa independente de Eri Martínez ao leroreo título mundial da Argentina. Todo o restante de informações complementares sobre o jogador representa justamente isso: um comentário. Mas a motivação especial do texto é o sentido psicológico que o arquerio impõe aos adversários para contribuir positivamente na conquista do mundial.</p> <p>A virada do conflito apresentada pela narrativa se dá no limite da proimção, mais que nos próprios penáti que levaram a Argentina à conquista. Por conta da dimensão do momento narrado, que era melhor, e a tomada de decisão o levou um para um, em que defendeu um chute à queima roupa do atacante holandês, que poderia positivamente na conquista do título francês.</p>	<p>Dentro de campo</p> <p>Martinez</p> <p>O protagonista é Emiliano "Dibú" Martinez</p>		<p>Ordem da narração e traços de composição do texto</p> <p>Díalcos situando espaço e lugar, dados utilizados</p> <p>Figuras de linguagem: metáfora, proleps, alibi</p>	<p>Heróis/vilões</p> <p>Superação</p> <p>Expectativa</p>								
42	1607	1812	Copa do Mundo	Bruno Borsari	Com ou sem emoção? A Argentina fez uma campanha que sempre optou pela via mais dramática	<p>Em mais um dos materiais que se voltam a analisar a trajetória da campeã, Bruno Borsari controla a argumentação com base na dramatização da campanha albiestete rumo ao se tornando as características culturais da Argentina: "a seleção que representa um país que vive o futebol à flor da pele não poderia ter uma campanha chata. Talvez, porém, não precisasse ser tão dramática assim", com a final sendo apenas o "vergonha mais contundente". A representação dramática não deixa de ter uma ligação com o estereótipo albiestete do "de certa forma. Ao longo da campanha, lembra o autor, a derrota no primeiro jogo deixou o time "constantemente à beira de um colapso nervoso"; silfentimento do que foi visto em apenas duas partidas "em condições normais". De repente, "os outros ou começaram tensos ou se tornaram diante da promessa adversária".</p> <p>O ambiente de tensão vai tomando forma desde o início, a partir da estreia com derrota. Naturalmente, quando as fases avançam, a pressão e a ansiedade aumentam, mas na proposta do texto ganham contornos ainda mais evidentes, ressaltados pelo narrador, como no exemplo: De repente, foi um sofrimento para segurar a vitória contra a Austrália. De repente, a Holanda conseguiu forçar a proimção com um gol... repente. De repente, a França também conseguiu forçar a proimção em um jogo que parecia morto". A rejeição é a forma de ênfase, e também uma indicação de por que caminhos a leitura deve ser feita.</p> <p>Com o apoio de vídeos dos lances representativos, o autor passa pelo jogo a jogo fazendo pequenos resumos que confirmam a hipótese, como o relato da estreia, com derrota: "Se a Argentina tinha um plano, ele o esqueceu completamente. Então, no modo desespero", que levou "a um estado de emergência mais erra". No duelo contra a México, portanto, "a Argentina não estava em um jogo de futebol lterioso era logo palpável. Parecia fácil, como se fosse um chero ou uma ancorar". O autor ilustra, cita referências, alibi a representar a importância da partida por meio da hipótese. Mesmo com parágrafos mais curtos e interlocuções, o autor consegue relacionar as partidas, algo que pode ser percebido no trecho abaixo:</p> <p>Aquela derrota deu início a um estado de emergência na seleção argentina. Uma derrota para o México significava a eliminação. Significava o fim da história de Lionel Messi em Mundais após dois jogos. Um time que chegou ao Catar entre os favoritos, prestes a igualar a maior invencibilidade do futebol de seleções, seria um dos primeiros eliminados. O técnico Lionel Scaloni tentou suavizar o peso do momento em uma entrevista, mas ele estava muito claro no estádio de Luzail – o mesmo da final da Copa do Mundo:</p> <p>Nas demais fases, a perspectiva seguiu, com pequenos arfícios interpretativos para cada uma das partidas. Contra a Polónia, "a Copa do Mundo mal havia completado uma semana de vida, e a Argentina já fora do inferno ao céu. Aqueles dois jogos reninaram a sua campanha, e bastava vencer [...] para avançar às oltas de final", há, portanto, amplo em recursos fáticos, que procuram dar efeito de real, mas ao mesmo tempo lógicos que constroem efeitos de sentido, com recursos fáticos. Um recurso como, nestas descrições, até, antes de falar nos lances decisivos, fazer uma breve introdução: "Havia ficado claro na fase de grupos e mais claro ainda contra a Austrália: a Argentina estava com uma propensão a perder a cabeça diante da primeira adversária".</p> <p>Bruno Borsari também propõe suspense pouco adiante, quando sinaliza, na semifinal, quando a albiestete abriu 2 a 0 contra a Croácia: "como desobediência nesta Copa do Mundo, porém, esse é um placar bastante perigoso. Não chegou a sofrer e uma jogada maravilhosa de Messi ainda terminou com o terceiro gol, também de Alvarez". Essa estagnação ficou ainda mais evidente quando se tratou da final, contra a França. Em momentos variados dessas narrativas, Borsari varia entre "A final foi mais rápida à parte. Está entre as maiores jogadas de todos os tempos pelo envolvimento e pela importância. A Argentina estava com tudo sob o controle", quando largou na frente.</p> <p>Mé, que, com a reação francesa, faz interlocuções com as ocorrências da partida: "De repente, do nada, do absoluto vazio, tudo mudou [...] Ninguém poderia imaginar que a Argentina terminaria o jogo rezando por uma proimção. O negócio ficou ainda mais longo no tempo extra porque o jogo ficou frenético". Até a finalização, quando o caráter interpretativo se torna evidente: "Usaram muito e muito com metelora para descrever o futebol argentino, mas essa Copa talvez tenha sido uma ópera".</p>	<p>Trajetória de toda a campanha da Argentina, com relatos resgatados pela perspectiva da dramatização. Em relatos curtos e interpretativos, o autor tem ainda a suporte de vídeos com lances decisivos que ajudam a referenciar suas posições. A ideia que prevalece é a que abre o texto, com um país que vive o futebol à flor da pele tendo uma campanha coerente: no rio da narrativa. Como uma retrospectiva, o autor passa por todos os jogos no relato</p> <p>O texto é diferente dos demais, pois suporta dois vídeos, mas abre mão da descrição dos lances e do suporte por um país particular do narrador. Os significados que se sobressaem na narrativa são aqueles parados pela tensão, pelo nervosismo e pelas surpresas que, não bastassem ser resultados por partidas de futebol, são aforçados pela seleção argentina durante a Copa</p> <p>O enredo-intriga se baseia nessa condição: a de uma campanha construída à base da dramaticidade, em que os jogos que parecem simples tornam outro caminho e se complicam, apesar de um final feliz. Essa tônica está presente em todos os momentos deste relato</p> <p>Claramente, a perspectiva positiva entre heróis, superação e expectativa, sobretudo diante de uma campanha que asseverou o aspecto sentimental – não foi da tônica, mas da conexão lírica e dos jogadores com os desafios enfrentados na campanha</p>	<p>Dentro de campo</p> <p>A seleção argentina é a protagonista</p>		<p>Ordem da narração e traços de composição do texto</p> <p>Díalcos situando espaço e lugar, dados utilizados</p> <p>Figuras de linguagem: metáfora, proleps, alibi</p>	<p>Heróis/vilões</p> <p>Superação</p> <p>Expectativa</p>									

IDENTIFICAÇÃO					EXPRESSIONÃO										ESTÓRIA				METANARRATIVA		
#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	RESUMO-SÍNTESE	EPISÓDIO	MICROEVENTOS	NOMEAÇÃO DO EPISÓDIO	ENREDO-INTRIGA	CONFLITO/VIRADA	CENÁRIO	PERSONAGENS	CONTEÚDO UM NÚCLEOS	RECURSOS FÁTICOS	RECURSOS FICTÍCIOS	HERÓISMO/VILANIA	SUPERACAO/ DECEPÇÃO	EXPECTATIVA/ FRUSTRAÇÃO		
							Jogo como narrativa mínima		Função na construção de significações	Sequências e encadeamento	Heróis/vilania; superação/decepção; expectativa	Dentro/fora de campo	Protagonista/coadjuvante	Ordem da narração e tópicos de composição do texto	Dilatos situando espaço e lugar, diálogos utilizados	Figuras de linguagem, análise, proleptose, dêitose					
54	14/08	2012	Copa do Mundo	Leandro Stein		Em formato de notícia, o texto apenas repercute uma publicação de Messi no Instagram, em forma de agradecimento. Leandro Stein constrói a ideia de uma "carta de amor" logo logo das declarações, na valorização a todos os envolvidos na conquista do mundial da Argentina. A imagem que ilustra a matéria, com Messi deitado na cama e abraçado à taça, dá a tendência da abertura do texto, em que o autor brinca: Lionel Messi encontrou uma nova companhia para todos os momentos. Dono do lado da taça, tomou mate com o tfofo, abraçou e a amou como poucas vezes se viu. Sobretudo, Messi sorriu com a Copa do Mundo nas mãos". Logo em seguida, a descrição aponta que a conquista argentina, liderada por um "messiano" capitão, em clara referência ao sobrenome do camisa 10, "ganha mais significado numa bonita carta assinada pelo jogador 10 em suas redes sociais", no juízo ressaltado por Stein. Ao destacar o conteúdo do texto publicado por Messi, Stein pontua: "Tudo complementado por um belíssimo vídeo. De encher os olhos de lágrimas", se colocando na posição do interessado em futebol, como que se apenas tivesse a informação a conhecimento de quem deve. Em seguida, fechando o conteúdo, uma transcrição da publicação de Messi e, também, o conteúdo incorporado a partir do perfil do jogador.	Final	Brincadeira com Messi domindo ao lado da taça, descrição da carta assinada pelo jogador e, em seguida, transcrição do conteúdo da publicação e a postagem como conteúdo incorporado em anexo	O texto é curto e direto, apenas informando sobre a publicação de uma "carta de amor" de Messi após a conquista do mundial em seu Instagram. Usando de uma brincadeira e da proximidade, o autor aparece mais no texto, no sentido de se aproximar do leitor/leitorador interessado no que foi noticiado	O enredo-intriga se apresenta na pós-tenção, no sentido de antes e da catarse pós-conquista. Na cobertura da Copa, aparece como um crescendo de expectativa, e, quando tudo se concretiza, há um abstrair da tensão, um repercutir da conquista	O conflito e a virada se dão a partir do enredo-intriga, depois de todas as provocações da disputa do campeonato, com jogos e a dimensão esportiva, depois mudando para a repercussão da conquista, o que faz dos jogadores também seres humanos, sendo reconhecidos pela torcida, por suas famílias, etc	Fora de campo	Lionel Messi é o protagonista	Brincadeira com Messi domindo ao lado da taça, descrição da carta assinada pelo jogador e, em seguida, transcrição do conteúdo da publicação e a postagem como conteúdo incorporado em anexo	Os recursos fáticos se dão no anúncio e reprodução da publicação de Messi	Os recursos ficcionais aparecem, exatamente, na opção de Stein por fazer que Messi domito com a taça, abraçou uma nova companhia e amou como nunca antes, justificando o desejo dele pelo mundial. E também, antes de apresentar a publicação, quando diz que o relato de Messi é de encher os olhos de lágrimas	Heróismo	Superação	Expectativa		
55	14/08	2012	Copa do Mundo	Leandro Stein		Uma coleção de fotos da erupção de gente que invadiu as ruas de Buenos Aires na recepção à Argentina campeã, a escolha do narrador, Leandro Stein, em um texto de repercussão, de proposta informativa, é falar sobre um dos aspectos que circundam o futebol, mas tem sempre sido lembrado: a manifestação da torcida. Especialmente após a vitória da Argentina e a conquista do terceiro título mundial, o sentido massivo do fenômeno ganha evidência, tratado pelo autor como "erupção de gente", em uma hipérbole, uma figura de linguagem que representa a grande quantidade de adeptos em azul e branco. Na linha final, a opção segue pelos recursos fáticos – citando as cinco milhões de pessoas que foram às ruas de Buenos Aires e impediram mesmo o ônibus com a seleção de completar o trajeto proposto inicialmente. A intenção do narrador é a de provocar um efeito de sentido – a partir da dimensão da manifestação dos torcedores argentinos. Isso se vê quando no início do texto, ele anuncia a expectativa de que "a Argentina inteira aguardava por esse momento". Se em um texto anterior um dos jornalistas da Tribuna brincava sobre o que aconteceria em caso de título alibiceste, já que na classificação para disputar a última partida à havia ocorrido uma grande mobilização, agora, essa projeção se concretiza. Leandro Stein oferece o contexto, depois de "toda a locuena que tomou o país" desde a classificação: "amplificada depois do título sobre a França, era de se imaginar que a erupção de gente para receber os Intampados em Buenos Aires fosse algo maior". O autor segue o relato observando que "o que se viu nesta terça-feira foi uma das maiores mobilizações de todos os tempos ao redor do futebol", para representar a magnitude do evento. Depois disso, a opção foi por um recorte a partir da estimativa de autoridades: "5 milhões de pessoas, cerca de 10% da população do país, saíram às ruas para cortejar o trajeto do ônibus que levava os jogadores da seleção", em trajeto interrompido sem que se pudesse atravessar o Obelisco, "epicentro da festa". Se no parágrafo de abertura o autor opta por ilustrar a dimensão do ocorrido, o segundo parágrafo trata do trajeto proposto, em que os atletas argentinos cumprimentariam o presidente depois de atravessar espaços pelo público, na Plaza de Mayo e na Casa Rosada. No entanto, ressalta o autor, usado uma hipérbole: "não foi possível abrir caminho no mar de gente que se aglomerava nas ruas e os jogadores optaram por encerrar o cortejo no horário previsto, sem estender mais os festejos, por conta do cansaço de toda a viagem". A curiosidade elencada por Stein vem do fato de que alguns jogadores precisaram ser resgatados de helicóptero e deslocados às suas cidades, como Di Maria e Messi para Rosario, onde houve uma vigília em frente à casa do camisa 10, tal qual ocorreu com Maradona na conquista de 1986. O terceiro segmento do texto se volta a ocorrências ao longo do dia, antes de apresentar a sequência de fotos. O autor resalta que pelo menos 30 pessoas "ficaram festivas, inclusive dois torcedores que tentaram pular de uma ponte em cima do ônibus da seleção. Já mais à noite, depois do fim do cortejo, ocorreram confrontos entre pessoas que continuaram na região do Obelisco e a polícia". Depois de cumprir esta espécie de "obrigação" informativa, o autor almeja o acontecido, quando usa o "apesar" e qualifica a cena como data marcante: "Apesar disso, o que fica dessa terça-feira histórica é a festa. O dia em que cinco milhões de apaixonados dimensionaram a importância dessa terceira estrela à Argentina".	Final	Ansiedade pelo momento de comemoração após a conquista do mundial: "tocou" após a classificação à final e a recepção aos campeões com uma "erupção de gente" em Buenos Aires. O ônibus não completou o roteiro previsto, quando os jogadores seriam recebidos pelo presidente. O cortejo foi interrompido, jogadores direcionados às suas cidades. Registro dos incidentes e confrontos entre manifestantes e a polícia e, apesar disso, a quantidade de registros da comemoração memorável	O enredo-intriga se desenha a partir da representação da locura dos argentinos após a conquista do mundial. É um relato que se aproxima da estereotípica do sul-americano apaixonado pelo futebol, ainda mais no imaginário argentino, envolvido e emocional. O texto se inicia com essa indicação fazendo uma interpretação da representatividade do momento para o povo argentino, especialmente aquele interessado em futebol e que acompanha a seleção, e depois trata do restante do ocorrido – entre trajeto previsto e conflitos – de forma mais direta e objetiva	Se em muitos casos a proposta é de projetar o que ocorrerá, entre a expectativa e a apreensão, neste caso há uma diferença: o texto se volta ao que já ocorreu, à catarse, à mobilização. A identificação com a narrativa formulada ao longo da cobertura se dá na concretização do momento dos jogadores, da superação após a vitória na estreia e a derrota na semifinal e depois trata do restante do ocorrido – entre trajeto previsto e conflitos – de forma mais direta e objetiva	Fora de campo	A torcida argentina em Buenos Aires é o protagonista, com os jogadores como bone coadjuvantes	Ansiedade pelo momento de comemoração após a conquista do mundial: "tocou" após a classificação à final e a recepção aos campeões com uma "erupção de gente" em Buenos Aires. O ônibus não completou o roteiro previsto, quando os jogadores seriam recebidos pelo presidente. O cortejo foi interrompido, jogadores direcionados às suas cidades. Registro dos incidentes e confrontos entre manifestantes e a polícia e, apesar disso, a quantidade de registros da comemoração memorável	Os recursos fáticos se apresentam com mais clareza nos dois parágrafos finais do relato, em que o autor se volta ao trajeto planejado e incompleto, e também às ocorrências de pessoas feridas e embates com a polícia. Também quando o autor menciona a expectativa de pessoas comparecendo às ruas de Buenos Aires, e quando se refere aos locais históricos da capital argentina, que de certa forma ajudam a orientar o leitor	O autor usa com mais propriedade dos recursos de sentido o ficções quando abre o texto. Por exemplo, quando argumenta que "a Argentina inteira esperava por aquele momento" ou foi uma "locuena" que tomou o país e levou "uma erupção de gente" às ruas de Buenos Aires. Ele também interpreta a mobilização de cerca de 10% da população do país como uma "maioria de todos os tempos ao redor do futebol"	Heróismo	Superação	Expectativa			

Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2024.

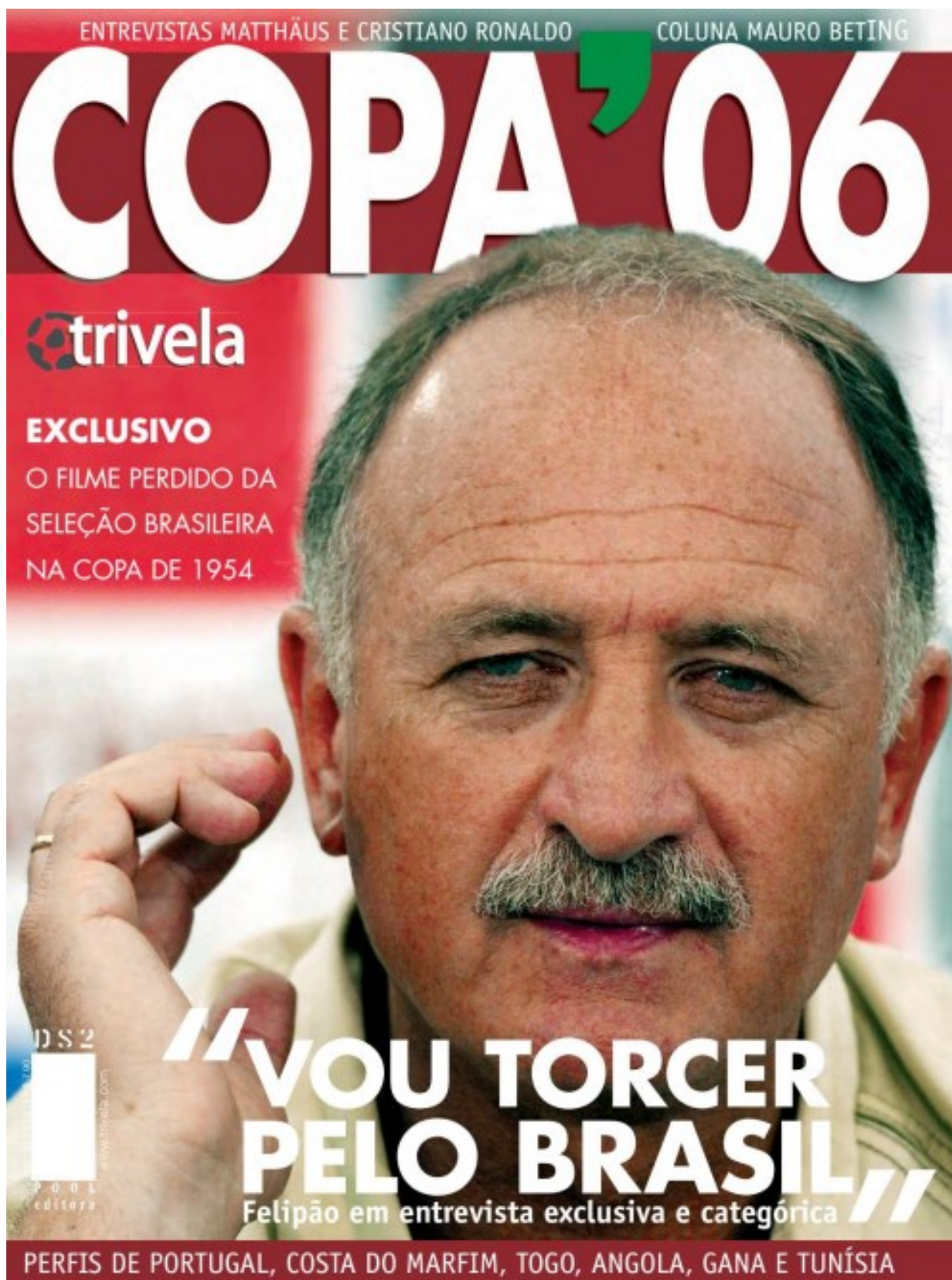
ANEXO A – EDIÇÕES DA COPA'06, REVISTA TRIVELA E ESPECIAIS

Figura 64 – Guia da Liga dos Campeões Trivela 2005/06



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Figura 65 – Copa'06 #01 (fev. 06)



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Figura 66 – Copa'06 #03 (abr. 06); #04 (mai. 06); #05 (jun. 06) e #06 (jul. 06)



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Figura 67 – Guias da Copa Libertadores da América 2007 e 2008 (acima) e Guias da Liga dos Campeões da Europa 2007/8 e 2008/9 (abaixo)



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Figura 68 – Trivela #07 (set. 06); #08 (out. 06); #09 (nov. 06) e #10 (dez. 06)



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Figura 69 – Trivela #11 (jan. 07); #12 (fev. 07); #13 (mar. 07) e #14 (abr. 07)



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Figura 70 – Trivela #15 (mai. 07); #16 (jun. 07); #17 (jul. 07) e #18 (ago. 07)



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Figura 71 – Trivela #19 (set. 07); #20 (out. 07) #21 (nov. 07) e #22 (dez. 07)



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Figura 72 – Trivela #23 (jan. 08); #24 (fev. 08); #25 (mar. 08) e #26 (abr. 08)



Fonte: *F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Figura 73 – Trivela #27 (mai. 08); #28 (jun. 08); #29 (jul. 08) e #30 (ago. 08)



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Figura 74 – Trivela #31 (set. 08); #32 (out. 08); #33 (nov. 08) e #34 (dez. 08)



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Figura 75 – Trivela #35 (jan. 09); #36 (fev. 09); #37 (mar. 09) e #38 (abr. 09)



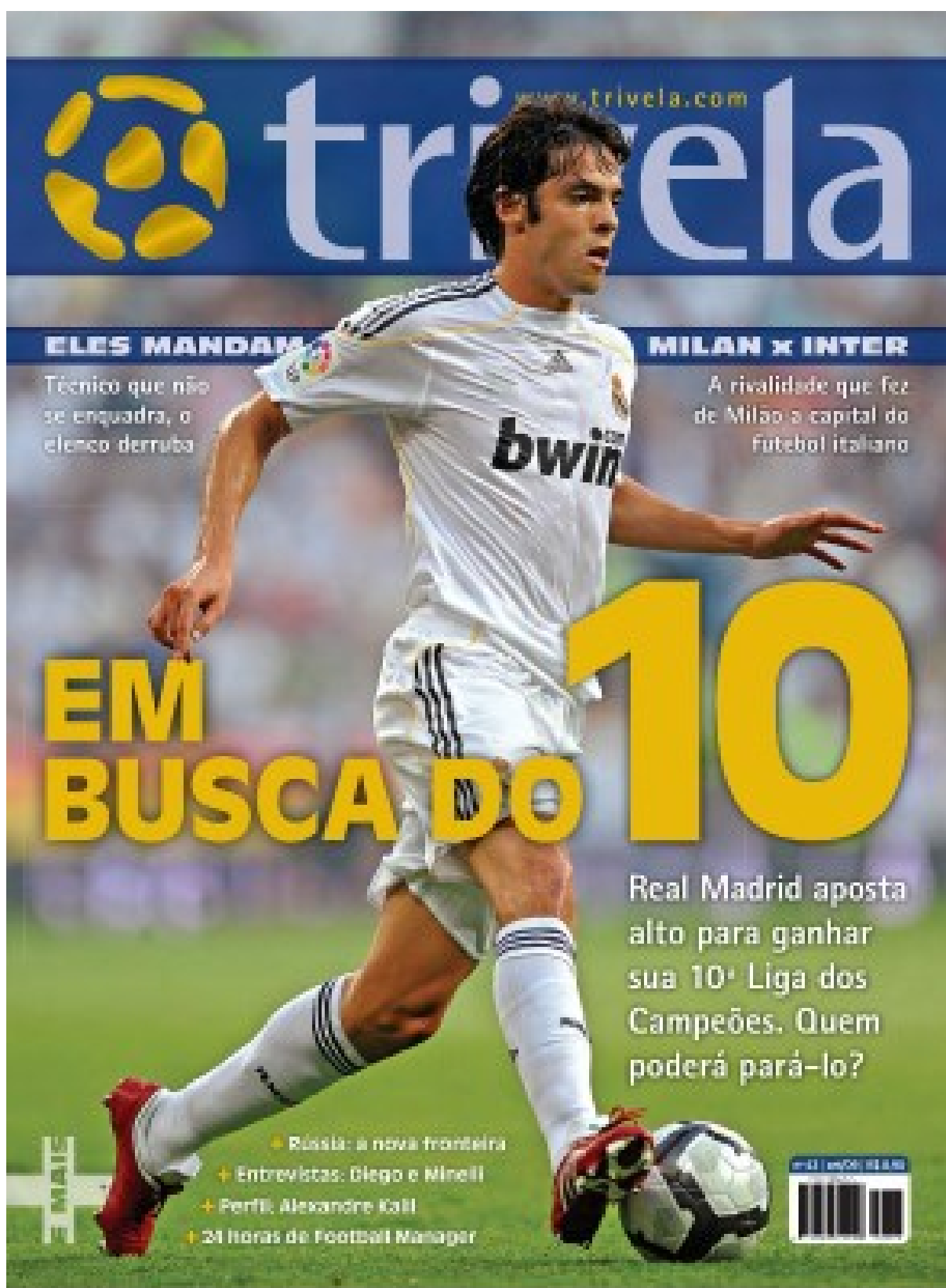
Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Figura 76 – Trivela #39 (mai. 09); #40 (jun. 09); #41 (jul. 09) e #42 (ago. 09)



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.

Figura 77 – Trivela #43 (set. 09), a última disponível



Fonte: °F451 na plataforma Issuu/Captura de tela produzida pelo autor, 2024.